

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF *MURDER OF CROWS*

ANNE BISHOP

VISION IN
SILVER

A NOVEL OF
THE OTHERS



OS OUTROS LIBERTARAM AS CASSANDRAS DE SANGUE PARA AFASTÁ-LAS DA EXPLORAÇÃO, SEM PERCEBER QUE SUAS AÇÕES TERIAM CONSEQUÊNCIAS TERRÍVEIS. AGORA AS FRÁGEIS VIDENTES ESTÃO EM MAIOR PERIGO, MAIS DO QUE NUNCA, TANTO DE SUAS PRÓPRIAS FRAQUEZAS QUANTO DAQUELES QUE BUSCAM CONTROLAR SUAS ADIVINHAÇÕES PARA PROPÓSITOS PERVERSOS. COM A NECESSIDADE DESESPERADA DE RESPOSTAS, SIMON WOLFGARD, UM LÍDER DE MUDANÇAS ENTRE OS OUTROS, NÃO TEM ESCOLHA SENÃO ALISTAR A AJUDA DA PROFETISA DE SANGUE MEG CORBYN, INDEPENDENTEMENTE DOS RISCOS QUE ELA ENFRENTA PARA AJUDÁ-LO.

MEG AINDA ESTÁ PROFUNDAMENTE NO AUGUE DE SEU VÍCIO DA EUFORIA QUE SENTE QUANDO CORTA E FALA UMA PROFECIA. ELA SABE QUE CADA CORTE DE SUA LÂMINA A APROXIMA DA MORTE. MAS OS OUTROS E OS SERES HUMANOS PRECISAM DE RESPOSTAS, E SUAS VISÕES PODEM SER A ÚNICA ESPERANÇA QUE SIMON TEM PARA ACABAR COM O CONFLITO.

POIS AS SOMBRAS DA GUERRA ESTÃO SE APROFUNDANDO ATRAVÉS DO ATLÂNTICO E O PRECONCEITO DE UMA FACÇÃO FANÁTICA AMEAÇA TRAZER A BATALHA À PORTA DE MEG E SIMON.

VISION IN SILVER

A NOVEL OF THE OTHERS

ANNE BISHOP



A ROC BOOK

GEOGRAFIA

NAMID - O MUNDO

OS CONTINENTES / AS MASSAS DE TERRA (ATÉ AGORA)

Afrikah

Cel-Romano / Cel-Romano Aliança das Nações

Felidae

Ilhas Fingerbone

Ilhas da Tempestade

Thaisia

Tokhar-Chin

Brittania / Wild Brittania

Grandes Lagos: Superior, Tala, Honon, Etu e Tahki

Outros Lagos: Feather Lakes / Finger Lakes

Rios: Talulah / Talulah Falls

Cidades ou Vilarejos - Hubb NE (aka Hubbney), Jerzy, Lakeside, podunk, Sparkletown, Talulah Falls, Toland.

DIAS DA SEMANA

Earthday

Moonsday

Sunday

Windsday

Thaisday

Firesday

Watersday

NOTAS DE TRADUÇÃO

Divisões dos Shifters

Crowgard - Corvos

Owlguard - Corujas

Wolfgard – Lobos

Beargard- Ursos

Foxgard - Raposas

Sharkgard - Tubarões

Eaglegard – Águias

Hawkgard – Falcões

Coyotegard – Coiotes

Panthergard – Panteras

Lynxgard - Lince

Snakegard – Cobras

Orcasgard - Orcas

Elementais

Air = Elemental com poder sobre o Ar;

Earth = Elemental com poder sobre a Terra;

Fire = Elemental com poder sobre o Fogo;

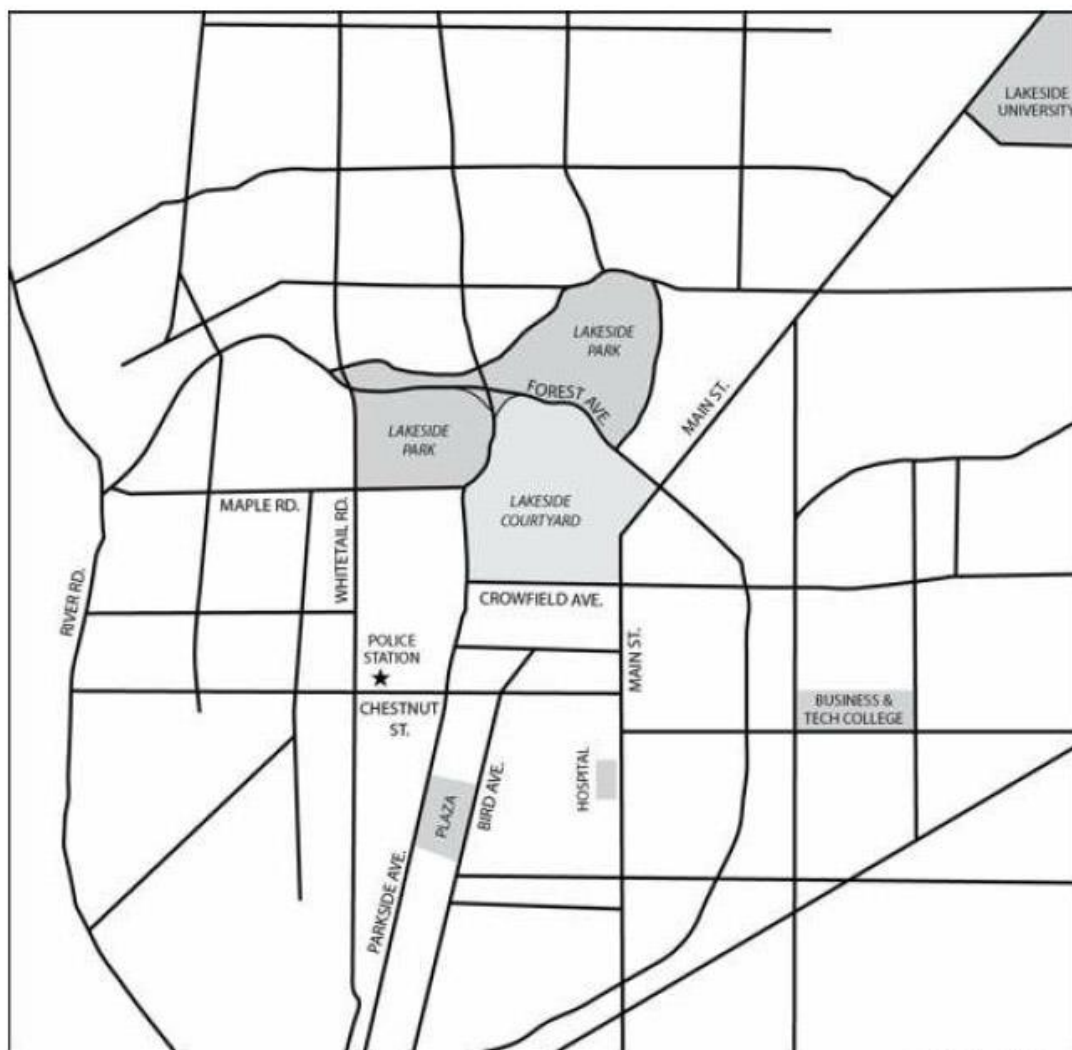
Water = Elemental com poder sobre a Água;

Winter = Elemental com poder de controlar o Inverno;

Summer = Elemental com poder de controlar o Verão;

Spring = Elemental com poder de controlar a Primavera;

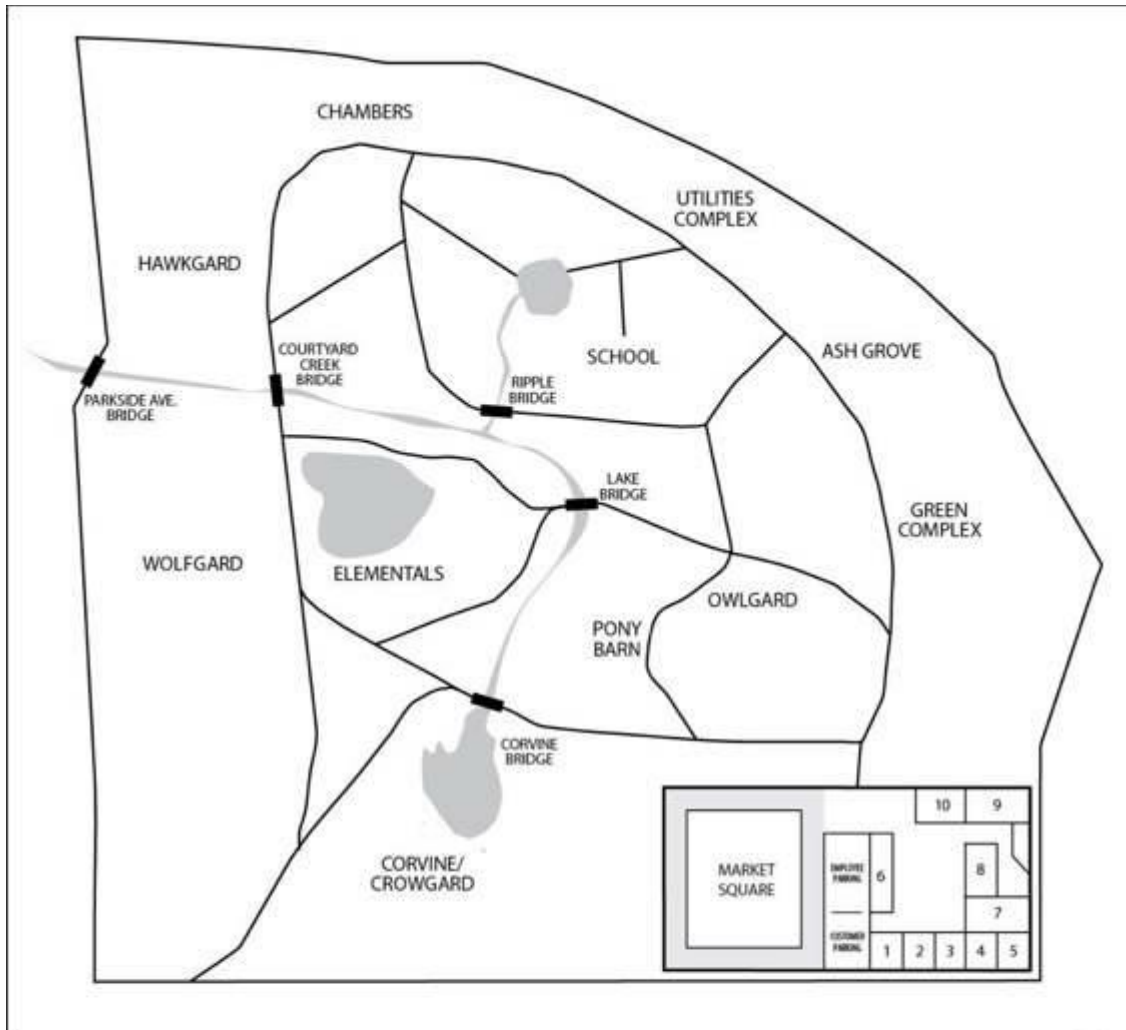
Ocean = Elemental com poder de controlar os Oceanos.



© 2012 Anne Bishop

Este mapa foi criado por um autor, que foi *geograficamente* desafiado a colocar apenas o necessário para a história.

LAKESIDE COURTYARD



© 2012 Anne Bishop

1. Seamstress/Tailor & efficiency apartments
2. A Little Bite
3. Howling Good Reads
4. Run & Thump
5. Social Center
6. Garages
7. Earth Native & Henry's Studio
8. Liaison's Office
9. Consulate
10. Three Ps

UMA BREVE HISTÓRIA DO MUNDO

HÁ MUITO TEMPO ATRÁS, Namid deu à luz a todos os tipos de vida, incluindo os seres conhecidos como os seres humanos. Ela deu aos seres humanos pedaços férteis de si mesma, além de boa água. Compreendendo a natureza humana, e a natureza de seu outro filho, ela também lhes deu o isolamento, suficiente para que tivessem uma chance de sobreviver e crescer.

E eles sobreviveram.

Eles aprenderam a fazer fogueiras e abrigos. Eles aprenderam a cultivar e construir cidades. Eles construíram barcos e saíram pelos mares do Mediterrâneo para pescar. Eles se multiplicaram e se espalharam pelo mundo, até que foram empurrados para os lugares mais selvagens. Foi quando eles descobriram que outra descendência de Namid já havia reivindicado o resto do mundo.

Estes outros descendentes olharam para os seres humanos e não viram seus iguais. Eles viram um novo *tipo* de carne.

Guerras foram travadas para reivindicar os lugares selvagens. Às vezes, os seres humanos ganhavam e espalhavam suas sementes um pouco mais longe. Mais frequentemente, pedaços de civilização desapareceram, e os sobreviventes temerosos tentaram não tremer quando ouviam um uivo no meio da noite, ou um homem vagando muito longe da segurança das portas robustas e da luz, para ser encontrado na manhã seguinte sem sangue.

Séculos se passaram, e os humanos construíram navios maiores e navegaram através do Oceano *Atlantik*. E quando encontraram terra virgem, eles construíram um assentamento perto da costa. Em seguida, eles descobriram que esta terra também foi reivindicada pelos *indigenes*, que eram os nativos da terra.

Os *Outros*.

Os *indigenes da terra* que governavam o continente chamado Thaisia ficaram irritados quando os seres humanos cortaram as árvores

e araram a terra que não era deles. Assim, os *Outros* comeram os colonos e aprenderam o gosto desta carne em particular, tal como tinham feito muitas vezes no passado.

A segunda onda de exploradores e colonizadores encontrou o assentamento abandonado e, mais uma vez, tentaram reivindicar a terra como sua própria.

Os *Outros* os comeram também.

A terceira onda de colonos tinha um líder que era mais inteligente do que seus antecessores. Ele ofereceu aos *Outros* cobertores quentes e metros de tecido para roupas e interessantes vasilhas brilhantes, em troca de serem autorizados a viverem no assentamento, com terra suficiente para plantar. Os *Outros* pensaram que esta era uma troca justa e delimitaram os limites da terra que os seres humanos poderiam utilizar. Mais presentes foram trocados por caça e pesca e privilégios. Este arranjo deixou satisfeitos ambos os lados, mesmo quando um dos lados desse aos seus novos vizinhos um rosnado intolerante, e o outro lado engolisse o medo, deixando com que seu povo estivesse a salvo no interior das paredes dos assentamentos antes do anoitecer.

Anos se passaram e mais colonos chegaram. Muitos morreram, mas suficientes seres humanos prosperaram. Os assentamentos cresceram e se tornaram aldeias, que se tornaram grandes comunidades, e se transformaram em cidades. Pouco a pouco, os seres humanos atravessaram Thaisia, e se espalharam tanto quanto podiam sobre a terra que eles foram autorizados a usar.

Séculos se passaram. Os seres humanos eram inteligentes. Assim com os *Outros*. Os seres humanos inventaram a eletricidade e o encanamento. Os *Outros* controlavam os rios, que poderiam mover os seus geradores, e os lagos que forneciam água potável. Os seres humanos inventaram motores a vapor e aquecimento central. Os *Outros* controlavam todo o combustível necessário para fazer funcionar os motores e aquecer os edifícios. Os seres humanos inventaram os produtos manufaturados. Os *Outros* controlavam todos os recursos

naturais, decidindo, assim, o que seria e não seria feito em sua parte do mundo.

Havia colisões, é claro, e alguns lugares se tornaram memoriais para os mortos. Esses memoriais, finalmente, deixaram claro para o governo humano que os *indigenes da terra* eram quem governavam em Thaisia, e nada menos do que o fim do mundo iria mudar isso.

E com isso, chegamos neste período atual.

Existem pequenas aldeias humanas dentro de vastas faixas de terra que pertencem aos *Outros*. E nas maiores cidades humanas, existem *Parques* e alguns lugares chamados de *Pátios*, que são habitados pelos *Outros* que têm a tarefa de manter as regras sobre os moradores da cidade, e fazer cumprir os acordos que os humanos fizeram com os *indigenes da terra*.

Ainda há tolerância com dentes afiados de um lado e medo daquilo que anda na escuridão, do outro. Mas se eles tiverem cuidado, os seres humanos podem sobreviver.

Na maioria das vezes, eles sobrevivem.



CAPÍTULO 1

Dia das Bruxas, Maius 10

Meg Corbyn entrou no banheiro no Escritório do Liaison e colocou os itens que ela tinha rotulado como instrumentos de profecia: pomada antisséptica, gaze e a navalha de prata dobrada e decorada com bonitas folhas e flores de um lado. Do outro lado estava gravada a inscrição numérica que era sua designação, cs759. Durante vinte e quatro anos, aquela designação foi a coisa mais próxima que teve de um nome.

Ela tinha um nome agora e um apartamento de verdade, em vez de uma cela estéril. No Complexo onde ela havia sido criada e treinada... E usada... Ela tinha uma amiga: Jean, a garota que não permitia que ninguém esquecesse que ela uma vez já teve uma casa e uma família fora do Complexo — a garota que ajudou Meg a escapar.

Agora Meg tinha muitos amigos, e não lhe importava que a maioria deles não fosse humana. Os *indigenes da terra* tinham lhe dado uma chance de ter uma vida, e estavam ajudando-a a encontrar formas de viver com o vício que acabaria por matá-la. Mas Simon Wolfgard, líder do Pátio de Lakeside, insistiu que já tinha visto alguém como ela que sobrevivera o suficiente para se tornar uma mulher idosa.

Ela queria acreditar que era possível. Ela esperava que o experimento desta manhã pudesse fornecer uma pista sobre como isso era possível.

Depois de verificar se não tinha esquecido nada do que precisaria, Meg sentou-se no assento fechado do vaso sanitário e esperou por Merri Lee, a amiga humana que estava aprendendo a trabalhar como ouvinte e intérprete.

Uma *Cassandra de Sangue* via profecias quando sua pele era cortada. Elas foram treinadas para descrever as visões e as imagens. Mas as meninas não foram ensinadas a interpretar o que viam. Isso teria sido inútil. No momento em que uma garota começava a falar, a euforia a preenchia, encobrendo sua mente e a protegendo do que as imagens revelaram. Na verdade, a única maneira que uma profetisa de sangue *pudesse* se lembrar do que via era se manter em silêncio. Se ela não falasse, ela se lembrava do que via.

Era preciso um determinado tipo de determinação — ou desespero — para suportar a agonia que preenchia uma garota quando ela não falava depois que sua pele era cortada. E experimentar a euforia que era quase orgástica, pois era uma das razões para uma *Cassandra de Sangue* tornar-se viciada aos cortes, em primeiro lugar.

Precisou de um *tipo* particular de coragem para reconhecer que ela não poderia escapar completamente do vício após tantos anos de cortes em uma programação regular para o lucro de outra pessoa. As profecias dentro dela não seriam negadas. Querendo ou não, Meg *precisava* se cortar.

Essa era a razão desse corte com a navalha ser tão importante hoje. Ela não estava experimentando a sensação de agulhadas e coceira que indicavam que algo ia acontecer. Nada a empurrava, e isso fez daquela manhã o momento perfeito para descobrir o que acontecia quando ela fazia um corte controlado.

A porta traseira do escritório abriu. Um momento depois, Merri Lee estava na soleira do banheiro segurando um pequeno bloco de papel e uma caneta.

Ambas eram mulheres pequenas em torno da mesma idade, e ambas tinham pele clara. Mas Merri Lee tinha olhos escuros e cabelos escuros e em camadas que caíam abaixo de seus ombros, enquanto Meg tinha olhos cinzentos claros e cabelos negros curtos que ainda estavam com mechas de um estranho vermelho alaranjado de seus esforços para se disfarçar quando ela fugiu do homem conhecido como Controlador.

— Você tem certeza disso? — Merri Lee perguntou. — Talvez devêssemos esperar até que Simon e Henry voltem da Ilha Grande.

Meg balançou a cabeça. — Devemos fazer isso agora, antes do escritório abrir e há mais... A entrada de estranhos... Pode mudar o que eu vejo. Vlad está trabalhando na Howling Boas Leituras hoje. Podemos contar a ele sobre a profecia — e ele está perto o suficiente se precisarmos de ajuda.

Merri Lee puxou uma cadeira da pequena sala de jantar, colocou-a na porta do banheiro e sentou-se. — O que devo perguntar a você?

Meg tinha pensado sobre isso. Quando os clientes chegavam ao Complexo do Controlador, eles tinham uma pergunta específica. Ela não estava à procura de qualquer coisa definida, mas ela precisava de *algum* tipo de limite. — Você vai perguntar: *no que os residentes do Pátio do Lakeside devem prestar atenção durante a próxima quinzena?*

— Isso é bem vago, — disse Merri Lee. — E... Quinzena?

— Se eu perguntar sobre uma coisa específica no Pátio, algo mais pode ser ignorado e isso pode ser a coisa mais importante que os Outros devem saber — Meg respondeu. — Duas semanas é tempo suficiente. Quanto à — quinzena, — eu aprendi essa palavra e gosto do som dela. Eu acho que se encaixa melhor nas profecias do que dizer '*duas semanas*'.

— Mas se isso não funcionar, se não obtivermos nada útil, então você fez o corte por nada, — argumentou Merri Lee.

— Não por nada — Meg disse. A euforia era razão suficiente para se cortar. Mas não era algo que diria a sua amiga, então ela ofereceu uma verdade diferente. — Se eu puder esticar o tempo entre os cortes porque um corte fornecerá as advertências que nós precisamos por duas semanas, silenciando o sentimento das agulhadas e coceira que me forçaram para o corte, eu terei mais anos para viver. E eu quero viver, especialmente agora que tenho uma vida real.

Um minuto de silêncio. Então Merri Lee disse, — Pronta?

— Sim. Abrindo a lâmina de prata, Meg colocou a lâmina contra a pele dela, com a largura de meio centímetro que proporcionava a

distância perfeita entre os cortes — a distância que mantinha as profecias separadas sem desperdiçar sua pele valiosa. Ela alinhou a parte de trás da lâmina com a última cicatriz em seu antebraço esquerdo. Então ela virou a mão e cortou apenas o suficiente para o sangue fluir livremente e, igualmente importante, para o corte deixar uma cicatriz.

Agonia a enchia, o prelúdio de uma profecia. Ouvindo alguém chorar — alguém que ninguém mais podia ouvir — Meg apertou os dentes, afastou a navalha e colocou o braço para descansar na pia do banheiro. Depois deu um aceno afirmativo a Merri Lee.

— O que os moradores do Pátio Lakeside devem esperar durante a próxima quinzena? — Disse Merri Lee. — Fale profeta, e eu a ouvirei.

Ela falou, revelando tudo o que via. As imagens desapareceram com o som das palavras, quando as ondas da euforia produziram uma deliciosa sensação em seus seios e um puxão rítmico entre suas pernas, substituindo a dor.

Ela não sabia por quanto tempo flutuou no prazer produzido pela euforia. Às vezes pareciam desvanecer-se quando tentava identificar a última imagem, enquanto outras vezes ela deslizava por um tempo na névoa de prazer físico. Quando ela se tornou consciente de seu ambiente novamente, Meg percebeu que havia passado tempo suficiente para que Merri Lee tivesse coberto o corte, limpado a navalha, e lavado a pia.

O sangue de uma *Cassandra de Sangue* era perigoso para os seres humanos e os Outros. Ele tinha sido usado para fazer *Nocaut de Lobo* e *Alto astral*, duas drogas que tinham causado muitos problemas em toda Thaisia nos últimos meses. Essa foi a razão pela qual, quando fizeram planos para esse corte, ela e Merri Lee concordaram que todo o sangue seria lavado, e as gazes seriam coletadas mais tarde e levadas para o Complexo Utilities do Pátio para incineração.

— Funcionou? — Meg perguntou. — Eu falei a profecia? Eu vi alguma coisa útil? — Sua voz soou áspera, e sua garganta doía. Ela queria pedir a Merri Lee um copo de água ou talvez um pouco de suco, mas ela não conseguia se recuperar o suficiente para dizer mais alguma coisa.

— Meg, você confia em mim?

Isso soou como uma maneira sinistra de responder a suas perguntas. — Sim, confio em você.

Merri Lee assentiu como se chegasse a uma decisão. — Sim, funcionou. Melhor do que poderíamos ter esperado. Preciso de um pouco de tempo para classificar as imagens em algum tipo de ordem.

Não era uma mentira, exatamente, mas não a verdade também.

Meg estudou sua amiga. — Você não quer me dizer o que eu disse, o que eu vi.

— Não quero. Eu realmente não quero.

— Mas...

— *Meg*. — Merri Lee fechou os olhos por um momento. — Ninguém no Pátio está em perigo imediato, mas você disse um par de coisas que foram... perturbadoras, coisas que eu não sei como interpretar. Eu quero fazer um trabalho preliminar com as imagens, como fizemos na última vez quando desenhemos as imagens em fichas e continuamos organizando-as até elas nos contarem uma história. Então eu vou para a Howling Boas Leituras conversar com Vlad.

— Eu não vi nada de ruim acontecendo com Sam? Ou Simon? Ou... Alguém aqui? — Em forma humana, Sam Wolfgard parecia ter oito ou nove anos de idade agora, mas ele ainda era um filhote. E Simon era seu amigo. Apenas o pensamento de algo acontecendo a qualquer um deles fez seu peito doer.

Merri Lee sacudiu a cabeça. — Você não disse nada que indicasse que alguém aqui estaria em apuros. — Ela tocou a mão de Meg. — Nós duas estamos aprendendo como fazer isso, e eu quero a opinião de outra pessoa antes de você e eu falarmos sobre o que você viu. OK?

Nenhum perigo imediato. Nenhum de seus amigos em risco. — OK.

— São quase nove horas. Você deve comer alguma coisa antes de abrir o escritório.

Meg seguiu Merri Lee para fora do banheiro, sentindo um pouco de dor de cabeça. Sim, ela precisava comer, precisava de um pouco de

silêncio. Precisava descobrir o que dizer a qualquer Lobo que tivesse o dever de guarda hoje. Mesmo se ela tentasse evitar, o Lobo sentiria o cheiro do sangue e da pomada. Ela tinha certeza de que poderia convencer John a não soar um alarme, e se fosse a vez de Skippy de guarda, um par de biscoitos o distrairia. Por outro lado, se Blair, o Executor principal do Courtyard, aparecesse com Skippy, como costumava fazer...

Talvez Merri Lee estivesse certa em dizer a Vlad antes que alguém começasse a uivar sobre o corte e trouxesse *todo mundo* correndo para exigir respostas.

— Merri? — Meg disse enquanto Merri Lee abria a porta dos fundos do escritório. — Não vi nada mais sobre os Outros?

Merri Lee sacudiu a cabeça. Então ela franziu o cenho. — Bem, você viu patas cavando.

— Cavando? — Agora Meg franziu o cenho. — Por que isso seria importante o suficiente para se ver em uma visão?

— Não sei. Talvez Vlad ou os Lobos sejam capazes de descobrir. Merri Lee hesitou. — Você vai ficar bem? Você não está com tonturas ou coisa parecida?

— Não, eu estou bem.

— Lembre-se de comer.

— Eu vou.

Assim que Merri Lee fechou a porta dos fundos, Meg olhou no refrigerador de baixo do balcão. No complexo, os Aqueles Com Nomes que cuidavam das meninas nunca davam uma escolha sobre o que comer após um corte. Elas eram bem alimentadas, mas nunca tinham uma escolha. Sobre qualquer coisa.

Incapaz de se decidir, Meg aqueceu um pequeno pedaço de quiche e meio sanduíche de carne no micro-ondas. Ela serviu um copo de suco de laranja, depois levou sua refeição para a sala de triagem.

Ela podia selecionar um dos CDs que tinha pegado emprestado da biblioteca e ouvir enquanto comia. Ou ela poderia olhar uma das revistas que estava usando para fornecer imagens para as profecias.

Mas ela não queria novos sons ou novas imagens agora. Queria apenas saber o que tinha visto. Ela queria ajudar a descobrir o que as imagens significavam.

E mesmo que sua amiga tivesse tentado ser reconfortante, Meg queria saber o que ela tinha visto que Merri Lee não queria falar.

— Benzoico.

Vladimir Sanguinati, gerente da Howling Boas Leituras, se instalou atrás da mesa no escritório da livraria. Ligando o computador, ele ignorou a escassa pilha de papelada e escreveu um rápido e-mail para Stavros Sanguinati, que morava em Toland, a grande cidade da Costa Leste onde estava localizada as maiores editoras de livros.

Editoras de livros humanos, sim. Desde a sacudida na Região Centro-Oeste algumas semanas atrás, as remessas de todos os tipos de material tinham abrandado, mesmo se esses materiais vinham do Centro-Oeste ou não. Por isso, *era* possível que as editoras humanas realmente estivessem com alguma falta, os pedidos que fez para a loja ainda não chegaram, pois as editoras estavam esperando o próximo carregamento de papel para imprimir as cópias de livros já editados e novos títulos. Ou eles poderiam alegar estar estupidamente sem estoque apenas para os pedidos enviados aos *indigenes da terra*.

Stavros descobriria. Como o avô Erebus, ele gostava de filmes antigos e, muitas vezes, interpretava uma caricatura de sua própria espécie, usando jeans, uma camisa xadrez e botas de trabalho que dizia coisas como: — *casual e caipira* — Mas quando estava em negócios oficiais para o Pátio de Toland, Stavros seguia a tradição dos Sanguinati de usar preto, e não havia nada de caipira sobre ele quando chegava em uma limusine, usando um terno do material mais fino.

Stavros era eufemisticamente chamado de solucionador de problemas do Courtyard de Toland. Sabendo como o vampiro resolvia os problemas, Vlad quase podia sentir pena de qualquer humano que

recebia uma visita oficial dele. Então Stavros incentivaria as empresas a colocar lojas como a Boas Leituras em primeiro lugar quando estivessem fechando os pedidos, e Vlad seria capaz de enviar os pedidos dos assentamentos dos *indigenes da terra* que recebiam mercadorias do Courtyard de Lakeside. Os produtos fabricados pelos seres humanos eram a única razão dos *indigenes da terra* no continente da Thaisia tolerarem a existência continuada desses macacos invasivos. Se os bens não fossem mais fornecidos, os seres humanos teriam apenas um valor: carne.

Quando Vlad enviou o e-mail, ouviu alguém subindo as escadas. Passos hesitantes, mas não furtivos. Poderia ser alguém da matilha humana querendo usar o computador da Associação de Negócios, que ocupava a outra metade do segundo andar da HBL. Eles deveriam pedir permissão antes de entrar naquela sala, e os novos funcionários ainda estavam se acostumando a trabalhar e lidar diretamente com os Outros. Isso poderia explicar a hesitação.

Quando Merri Lee parou na porta e viu a expressão em seu rosto, Vlad entendeu que a hesitação que ele tinha ouvido era porque ela sabia que ele não ia gostar do que ela tinha vindo lhe dizer. Ele fechou o e-mail e esperou para ver o que a explosão de fofura dela queria.

Quando o Howling Boas Leituras estava aberto a clientes humanos, ele ouvira dizer que as fêmeas humanas se referiam a ele como — *olhos doces*, — o que significava que seus cabelos e olhos escuros, sua pele verde-oliva e seu rosto atraente facilmente atraíam sua presa. Para ele, a alimentação era muitas vezes combinada com preliminares.

Mas Merri Lee nunca mostrara qualquer interesse sexual nele, o que provava que ela era mais sensata do que outras mulheres humanas, e já que ela estava namorando um policial, ele achava que ela não estava prestes a se atirar nele agora.

O que significava que ele *realmente* não ia gostar do motivo da visita dela.

— Há algo que eu possa fazer por você, Sra. Lee? — Ele perguntou finalmente quando ela continuou pairando na porta.

Ela correu e sentou-se na cadeira do visitante.

Ela estava tremendo, pensou, de repente, cauteloso. — O que está errado?

— Nada ainda, — Merri Lee respondeu. — Você precisa dizer ao Lobo de guarda para não ficar chateado e agitar a todos.

Ocorreu-lhe que não sabia quem deveria estar de serviço hoje. Nathan Wolfgard, um dos melhores Executores do Pátio, era geralmente o Lobo em guarda quando Meg estava trabalhando no Escritório de Liaison. Mas Nathan estava de licença por mais algumas semanas, correndo com os Lobos nas Montanhas Addirondak, livre de suas responsabilidades de sua pele humana. Os Sanguinatis ficavam mais nas cidades humanas, já que a fumaça, sua outra forma, os deixavam mais predatórios em um ambiente urbano. Mas os shifters, como os Lobos, Ursos e vários felinos achavam a vida em um Pátio uma tensão constante.

Trabalhar em um Courtyard era um sacrifício que alguns *indigenes da terra* faziam para o benefício do resto de sua espécie. Eles vigiavam os predadores de duas pernas que tinham vindo a Thaisia de outras partes do mundo. Eles tornaram possível para os seres humanos existirem neste continente. Vlad se perguntou se algum humano percebia isso — ou percebia o que acontecia com os lugares concedidos aos seres humanos quando um lugar — civilizado — como um Pátio desaparecia.

Mas esses pensamentos não eram importantes agora, não com essa fêmea olhando para ele do outro lado da mesa.

— O que vai aborrecer o Lobo? — Ele perguntou, tendo uma sensação desconfortável de que ele já sabia a resposta.

— Meg fez um corte.

As mãos de Vlad se fecharam em punhos, mas ele permaneceu sentado.

— Planejamos isso para esta manhã — disse Merri Lee, apressada.
— Uma espécie de experiência.

Deixe-a falar. — Algo perturbou Meg?

— Não. Veja, esse era o ponto. Ela queria fazer um corte controlado quando nada a estava forçando a isso.

Mil cortes. Supostamente era essa quantidade que uma *Cassandra de Sangue* poderia ter antes do corte que iria matá-la ou deixá-la louca. E não eram apenas os cortes feitos com uma navalha. Qualquer lesão que rompesse a pele contava para esse número. A maioria dessas garotas não via seus trinta e cinco anos, e aqui estava Meg sem uma razão.

O vício era uma possível razão. Isso explicaria por que Meg tinha escolhido uma época em que Simon Wolfgard e Henry Beargard estavam longe do Pátio. Mas isso não explicava Merri Lee vindo vê-lo.

Ele precisava parecer calmo, razoável. Merri Lee era um membro da matilha humana de Meg, e as duas meninas mostraram uma capacidade de trabalhar em conjunto para interpretar a profecia. — O experimento foi bem-sucedido?

Merri Lee assentiu. — Foi diferente da última vez que assisti. Após o inicial... Desconforto... Meg começou a falar. Muitas imagens. Acho que ela ouviu algumas coisas também, mas os sons faziam parte das imagens. Eu as escrevi.

Ela lhe entregou uma folha de papel.

Vlad estudou a longa lista. — O que isso significa? — Ele apontou para um *P* entre parênteses após algumas palavras.

— É uma pausa — disse Merri Lee. — Foi diferente da última vez. Desta vez, Meg fez uma pausa, como um repouso na música, então eu pensei que cada grupo de palavras compunha um quadro. — Ela entregou as folhas.

Ele os pegou com relutância. — Qual foi a pergunta que você fez?

— Nós perguntamos o que os residentes do Pátio de Lakeside devem prestar atenção durante a próxima quinzena.

— Residentes? Não apenas os *indigenes da terra*?

Ela hesitou. — Não. Nós dissemos os *residentes*, não apenas os Outros. Então o que Meg viu se aplica a todos os que vivem no pátio.

O que significava que *todos* incluíam Meg e Merri Lee.

Vlad olhou para as “histórias” nas fichas e sentiu-se gelado.

Ajuda Procurada: *NALSTA*

Fogo em fuga (chama / inferno?). Caminho guiado
/ Guia do Caminho?

Menina grávida na estrada de terra. Navalha de
prata. Sangue. — Não! Não é tarde demais!

Garota chorando. Navalha de prata. Cervos
quebrados ao lado da estrada (Estrada).

Urso marrom comendo joias.

Horta. Patas cavando, mãos plantando.

Placas de Vende-se.

Algumas *histórias* não significavam nada para ele. Mas se ele estava interpretando às outras corretamente, todos os *indigenes da terra* deveriam agir rapidamente.

Vlad estudou Merri Lee. Algumas *histórias* não significavam nada para ele, mas elas *significam* algo para ela.

— Qual das histórias você entendeu? — Ele colocou as folhas na borda da mesa onde podia alcançá-las.

Ela hesitou, então apontou para “Ajuda procurada: *NALSTA*”. Acima da porta do Gabinete do Liaison você encontra as letras *LHNA*, que significa ‘*Lei humana não aplicável aqui*’. — *NALSTA* significa — ‘*Nenhum amante de Lobo será tolerado aqui*’. — Ela engoliu em seco e não encontrou seus olhos. — Na semana passada, alguns anúncios de emprego no *Lakeside Notícias* tinham essas letras no anúncio, e eu vi algumas dessas nas vitrines das lojas.

— Entendo. — E ele entedia. Aquele que quisesse manter a paz entre os humanos e os *indigenes da terra* estava recebendo o rótulo de *amante do lobo*, especialmente se essa pessoa interagia diretamente com os Outros em qualquer função, e estavam forçando as pessoas a escolherem entre ter um emprego e alimentar as suas famílias, opondo-

se aqueles que provocariam uma luta que terminaria com muitos, muitos seres humanos mortos ou expulsos da cidade.

Pensando nos seres humanos que trabalhavam no Pátio e nas duas coisas básicas que todos precisavam — comida e abrigo — ele perguntou: — Essas letras são aplicadas apenas aos empregos ou também à moradia?

Merri Lee não respondeu, e isso foi resposta suficiente.

— O que mais? — Vlad perguntou.

— Isto... Não é para eu dizer.

Ele se inclinou para frente. Ela se encolheu.

— Diga de qualquer maneira — ele sugeriu.

— Ruth Stuart e Karl Kowalski. Todo mundo está sendo incentivado a fazer algum tipo de jardinagem neste verão, cultivar alguns vegetais para complementar o que você pode encontrar no mercado. Bem, Ruth e Karl compraram o material e construíram um jardim na área comum do seu prédio, com o entendimento de que eles seriam capazes de usar a parte relativa da unidade deles, e dos outros inquilinos no edifício, e o senhorio compartilharia a outra metade. Mas uma vez que o trabalho foi feito, o senhorio deu-lhes um aviso, disse que eles eram inquilinos inaceitáveis. Ele quer que eles saiam até o final de Maio, porque ele já terão pessoas *aceitáveis* se mudando no primeiro dia de Junho. Isso dá a Ruth e Karl três semanas para encontrar outro lugar e se mudarem. Eles assinaram um contrato de arrendamento por um ano, e eles mal tiveram tempo para se instalar em sua nova casa. O *homem* disse que não vai reembolsá-los pela compra dos materiais *que eles* compraram ou devolver o depósito, ou o aluguel do último mês, o que eles pagaram quando assinaram o contrato de arrendamento. Se eles eram aceitáveis *antes* de fazerem todo o trabalho, porque eles são inaceitáveis agora? E se eles saírem, quem garantirá que o senhorio não fará a mesma coisa com outras pessoas?

E se eles saírem, quem garantirá que o senhorio não fará a mesma coisa com outras pessoas? Parecia que poderia ser um problema humano versus humano. Os humanos se enganavam o tempo todo.

Mas Karl Kowalski era um dos Oficiais da polícia que trabalhava diretamente com os líderes do Pátio para tratar quaisquer colisões menores entre os humanos e os Outros, impedindo uma grande luta. Se Kowalski estava sendo marcado como um *amante de Lobo* e estava sendo expulso de sua casa por causa disso, os Outros precisavam prestar mais atenção às coisas que na superfície pareciam estritamente negócio dos humanos.

Por outro lado, se Ruthie era um inquilino inaceitável porque ela trabalhava para o Pátio de Lakeside, então o problema com esse proprietário em particular não era mais um negócio estritamente humano, não era?

Algo para discutir com o seu avô Erebus.

Pelo menos Merri Lee, estava agindo em defesa de seus amigos, estava agindo mais como o seu eu habitual do que como um coelhinho vacilante. Ela estava dizendo a ele sobre Ruthie e Kowalski, mas ela também estava revelando o que ela e Michael Debany estavam enfrentando. Debany era outro policial que lidava com os Outros, e Merri Lee trabalhava para o Pátio. Agora ela morava em um dos apartamentos acima da costureira/alfaiate, e mais cedo ou mais tarde, ela e Debany iriam querer morar juntos, como um casal acoplado, e enfrentariam a mesma hostilidade.

— Mais alguma coisa? – ele perguntou. Ela já tinha dado muito para pensar, mas ele sentiu que a garota não tinha terminado.

Merri Lee apontou para o aviso de algo nas folhas. — Eu acho que isso não era parte da visão. Eu acho que Meg gritou isso em uma tentativa de avisar a garota que ela viu na visão. — Ela soltou um suspiro. — Ambas as histórias sobre meninas incluíam uma lâmina de prata. As profetisas de sangue estão com problemas, não estão?

— *Problemas* — poderia ser uma palavra pequena para o que poderia estar acontecendo com essas meninas.

— Obrigado, senhorita Lee, — Vlad disse ignorando sua pergunta. — Você e Meg me deram muita coisa a considerar. Mas agora é hora de

todos começarmos a jornada de trabalho. Você está preenchendo encomendas na livraria hoje, não é?

— Sim. Quais são os pedidos que eu possa fazer de qualquer maneira?

Merri Lee levantou-se, mas ela não fez nenhum movimento em direção à porta.

— Ruth não iria informá-lo sobre o jardim e nem sobre a expulsão.

— Então eu estou feliz que você me disse.

Vlad ouviu Merri Lee descendo as escadas antes de se levantar da mesa e caminhar até as janelas que davam para a Avenida Crowfield.

Os malditos macacos do movimento *Humanos, Primeiros e Últimos* estavam agindo nas rádios e nos jornais. Os seres humanos eram meio iniciantes em comparação com os *indigenes da terra*, que, de uma forma ou de outra, estava andando no mundo muito antes dos dinossauros. Mas os seres humanos pensavam que eles *deveriam* controlar o mundo, e os discursos feitos por membros do movimento HPU incentivava esse tipo de pensamento.

Os seres humanos não percebiam que os *indigenes da terra* já tinham ouvido essas palavras? Os seres humanos não entendiam que tais palavras eram um aviso de que uma luta por território estava construindo sob a superfície?

Eles não sabiam o que já tinha acontecido com as cidades e as civilizações anteriores, quando os humanos fizeram tais afirmações?

Tudo bem pensou Vlad. *Deixe que venham. Vocês macacos não têm ideia do que está lá fora no país selvagem. Mas vocês vão descobrir. Se começarem uma briga com os Outros em Thaisia, vocês vão descobrir.*

Enquanto observava o tráfego em movimento ao longo da Avenida Crowfield, ele viu um carro parar do outro lado da rua. Dois homens saíram, pegaram algum material, e começaram a colocar um cartaz na parede de um dos grandes edifícios de apartamentos em frente ao Pátio. Em seguida, eles atravessaram o jardim de uma casa de madeira de dois andares e colocaram outro cartaz no gramado do outro prédio.

Vlad olhou por cima do ombro para os jornais que estavam na sua mesa. Ele estudou os anúncios de venda que acabaram de postar.

Mal posso esperar para discutir isso com Simon, pensou enquanto voltava para a mesa e enviava um breve e-mail para todos os moradores Sanguinatis em Thaisia. O que seja que Meg tenha visto; significa que as profetisas de sangue, as sangue doce, já estavam em perigo.

Ele fechou o programa de e-mail e deixou a livraria, nem mesmo parando tempo suficiente para dizer a Merri Lee que estava saindo. Mudando para sua forma de fumaça, Vlad correu para as Câmaras para informar ao seu avô Erebus.

Para: Todos os Sanguinatis em Thaisia

Assunto: NALSTA

Leiam os anúncios em jornais humanos. Procurem as letras NALSTA. Elas representam 'nenhum amante de Lobo será tolerado aqui', isso é um ataque contra os seres humanos que não são inimigos dos indígenas da terra. Façam uma lista das empresas que colocaram esses anúncios. Além disso, verifiquem essas letras em anúncios de aluguel de apartamentos ou casas. Vamos reunir informações, mas sem fazer mais nada. A presa real são os predadores de duas pernas de um movimento chamado Humanos, Primeiros e Últimos. Eles se escondem entre os demais seres humanos, e a sigla NALSTA é um sinal de sua presença no seu território.

Os Sanguinatis vão chamar esses seres humanos de Faladores Venenosos, porque envenenam outros seres humanos com suas palavras.

Vigiar e relatar. Deixe os Faladores Venenosos virem à tona. Em seguida, eles serão mais fáceis de matar.

De: Vladimir Sanguinati em nome de Erebus Sanguinati



CAPÍTULO 2

Thaisday, Maius 10

Simon Wolfgard estacionou a minivan na vaga designada para os passageiros que pegavam a balsa para a Ilha Grande. Ele começou a abrir a porta, e em seguida, se virou para o seu companheiro, Henry Beargard. — O que Vlad queria quando ele ligou?

— Ele quer que a Associação Empresarial se encontre assim que voltarmos para o Pátio, — Henry respondeu. — Ele diz que devemos marcar uma reunião com o Tenente Montgomery e o Dr. Lorenzo, o mais rápido possível. Talvez com o Capitão Burke também.

— O que aconteceu? — Simon grunhiu, sentindo seus caninos se alongarem para o tamanho Lobo.

— Nenhuma preocupação imediata, mas muitas coisas têm de ser faladas e tratadas. Meg está muito bem, — Henry acrescentou. — Vlad foi até o gabinete do Liaison e a verificou antes de ligar.

Ele sabia como interpretar essas palavras. — Ela se cortou e viu uma profecia.

Henry assentiu. — Meg está preocupada porque Merri Lee não queria dizer a ela o que foi visto, mas Vlad diz que ambas as meninas estão bem. O corte foi feito com cuidado e bem cuidado. Na verdade, apesar de estar preocupada com a profecia, Meg parecia alegre e descontraída e disse algo sobre um símbolo de um novo começo, mas ignorou a tentativa de Vlad descobrir o que isso significava, dizendo que era uma coisa de menina.

Simon não queria meter o nariz em uma “*coisa de menina*”. Era um território potencialmente perigoso. Mas as palavras advindas do corte não era um motivo de preocupação imediata.

Se houvesse algo de errado com Meg, Vlad não seria desconsiderado, especialmente quando o avô Erebus, o líder dos Sanguinatis em Lakeside, talvez o líder de todos os Sanguinati da Região Nordeste, ou mesmo em toda Thaisia, tinha um interesse pessoal na menina chamada de sangue doce.

Meg não era tecnicamente uma menina, Simon pensou quando ele e Henry fecharam a minivan e iam até a cabine que vendia os bilhetes para a balsa. Meg tinha vinte e quatro anos de idade. Uma fêmea adulta. Mas uma *Cassandra de Sangue* retinha a doçura no coração de uma criança, e essa era uma das razões por elas não serem consideradas presas.

A outra razão era que as profetisas de sangue eram uma criação de Namid, tão maravilhosa quanto terrível, e muito mais perigosas do que alguém pudesse perceber. Essa foi a razão pela qual os Outros haviam exigido que os humanos divulgassem e revelassem qualquer lugar que abrigava as profetisas de sangue ou iriam exterminar todas as cidades que conspirassem para manter as meninas em segredo.

Todo o continente tinha ficado abalado com os *indigenes da terra* ao caçar um homem conhecido como Controlador. As cidades da região do Centro-Oeste, onde o composto estava localizado, quase foram destruídas, mas os homens que trabalhavam para ele foram mortos. Eles tinham mostrado às autoridades humanas que a lei que permitia a *apropriação benevolente* significava que uma *Cassandra de Sangue* era mantida presa em Compostos como esse.

Meg tinha vindo de um Composto no Centro-Oeste. Simon tinha encontrado a sua cela enquanto esteve à procura de sua amiga Jean, e apenas a memória do cheiro de Meg naquele lugar o enchia de raiva.

O homem na cabine de bilhete acenou. — Sem nenhum custo para vocês hoje. Melhor chegarem logo até a balsa. Eles a estão segurando para vocês.

<Não é uma ocorrência normal,> Henry disse, conversando na forma *indigene da terra* enquanto caminhavam até a balsa.

<Não. Mas quando Steve Ferryman ligou e pediu este encontro, ele parecia assustado.>

Simon não tinha certeza de como os Intui se viam; como uma raça separada dos outros seres humanos ou como um grupo de pessoas que foram perseguidos por causa da sua capacidade especial de perceber o que estava ao redor, de um jeito que outro ser humano não poderia. Seja qual fosse essa capacidade chamada de intuição ou segunda visão, os Intui não tinham visões, mas eles *sentiam* uma sensação de alguma coisa, boa ou má. Expulsos dos assentamentos humanos gerações atrás, eles faziam os seus próprios negócios com os *indigenes da terra* e eles agora tinham suas próprias aldeias escondidas no país selvagem, fora do alcance de seus perseguidores.

Mas eles nem sempre estiveram fora de alcance. Depois de terem vivido entre outros seres humanos, às vezes nasciam meninas que eram ainda mais sensíveis do que os demais *Intui*, meninas que *podiam* ter visões. A primeira *Cassandra de Sangue* veio de um assentamento *Intui*, meninas que viam avisos de coisas quando sua pele era cortada.

De certa forma, eles fechavam o círculo. Os *Intui* que tinham desistido das filhas pensando que estavam salvando as meninas, bem como seus outros filhos, agora estavam se oferecendo para serem os guardiões das meninas que queriam deixar os Compostos onde eram consideradas e tratadas como uma propriedade.

Meg não era uma propriedade. Não mais. Ela era sua amiga, e ela deveria ter esperado que ele voltasse antes de usar a navalha de prata.

Assim que chegasse em casa, ele rosnaria para Meg por ser subserviente sobre o corte. E ele rosnaria para Merri Lee também. Isso poderia fazer mais de uma impressão.

Ou não.

Quando a Howling Boas Leituras era aberta para os clientes humanos, as fêmeas vinham farejando para ver um *indigene da terra* usando pelos ou penas, à procura de um passeio no lado selvagem, pois ter sexo com um homem que não fosse humano era como uma espécie de troféu. Esse comportamento era fácil de entender e

ignorar. Mas a matilha humana do Courtyard! Nada simples sobre *aquelas* mulheres.

<*Pare de rosnar,*> disse Henry. <*Você está assustando os seres humanos.*>

Ele não tinha percebido que estava rosnando. Uma verificação rápida de sua língua sobre os dentes o avisou que precisava encolher os seus caninos para algo mais próximo de um humano antes de sorrir para alguém que estava observando.

— Bom dia, — o macho humano disse enquanto Simon e Henry entraram na balsa. — Sou Will Ferryman, irmão de Steve. E esta é a nossa tia, Lucinda Fish. Vamos levá-lo para a Ilha. Steve tem uma sala reservada no prédio do governo. Você sabe onde é?

— Nós sabemos, — disse Henry.

— Você se importa se ficarmos lá fora? — Perguntou Simon. A balsa não era pequena, mas ele não queria gastar um tempo fechado na cabine com um grupo de passageiros nervosos.

Seres humanos nervosos cheiravam ainda mais como uma presa, tornando mais fácil a reação de um lobo na caça, e isso tornava muito mais difícil se afastar assim que o cheiro de sangue enchesse o ar.

— Não é um problema. Só não se inclinem muito, — Will disse. — Mesmo um bom nadador pode entrar em sérios apuros nestas correntes.

<*Será que ele pensa que nós somos tão estúpidos?*> Simon perguntou a Henry quando foram para a proa.

<*Não, mas acho que ele já lidou com seres humanos estúpidos,*> Henry respondeu.

Will e a sua tia soltaram as cordas, e a balsa começou sua jornada através do rio Talulah.

Porto Ferryman era uma aldeia *Intui* dividida pelo rio. Metade da aldeia estava no continente, enquanto a outra metade na Ilha Grande. Ao contrário de Lakeside, que era uma cidade controlada pelos humanos, mas construída em terras arrendadas pelos Outros, Porto Ferryman sempre foi um assentamento humano controlado pelos *indigenes da terra*. Isso significava que os *indigenes da terra* tinham a palavra final nos

assuntos dos seres humanos, mesmo se fosse à construção de um novo edifício ou permitir que alguém se tornasse um residente da aldeia, e eles não tinham escrúpulos em eliminar os seres humanos que tentavam causar problemas.

Essa era a dura verdade que os moradores de Talulah Falls ainda estavam aprendendo, agora que a cidade não estava mais sob controle humano.

— Parece que Steve Ferryman não quis esperar por nós no prédio do governo, — Henry disse quando eles estavam à vista do cais da balsa e viu os dois homens observando. — Ou então Ming Beargard também tem uma razão para nos encontrar.

O Urso Negro alegava que ele era apenas um soldado da paz em tempo parcial na Ilha. Mas Ming era um dos poucos *indigenes da terra* da Ilha que realmente se aventurava na aldeia, então dizer que Ming era apenas um *pacificador* era como dizer que Henry era apenas um *escultor*. O Grizzly do Lakeside era um membro da Associação de Empresas, bem como o guia espiritual do Courtyard. Como tal, a opinião de Henry tinha peso.

<Steve pede que vocês permaneçam na balsa,> Ming disse a eles. <O ponto de encontro foi alterado.>

Um manto de pelos surgiu em volta dos ombros de Simon. Como humano, ele era um nadador adequado. Como um Lobo, ele era excelente. Mas ele não gostaria de testar sua força e resistência contra o Rio Talulah. Ele não gostava de sentir que havia a suspeita de que Steve Ferryman queria trazê-los para a Ilha e depois não querer que eles estivessem nela, mas ele não tinha nenhuma razão para desconfiar do prefeito da aldeia. *Não ainda.*

Assim que a balsa ancorou, Steve e Ming a abordaram. Enquanto Steve ia até a casa do leme para falar com Will, Ming e Lucinda Fish encorajavam os passageiros humanos a desembarcarem com entusiasmo.

Os passageiros olharam para Henry e Simon e não precisaram ouvir duas vezes.

Ainda de pé na proa, Simon observou Roger Czerneda, o Oficial policial da aldeia, e Flash Foxgard, outro defensor da paz em tempo parcial, colocando cavaletes, e fechando o acesso a balsa. — Alguma coisa está acontecendo, — disse ele em voz baixa para Henry.

<Steve nos quer na cabine para conversar,> Ming disse quando o último passageiro se apressou a sair doca passando entre os cavaletes.

<Há alguma razão para que ele não nos queira na ilha?> Simon perguntou.

<Muitos humanos querem falar em vez de deixar Steve ser a sua voz,> Ming respondeu. <Muitos se reuniram em frente ao prédio do governo, se antecipando a sua chegada. Steve saiu pela porta de trás do edifício, a fim de encontrá-lo aqui.>

<Os Intui estão tendo reações sobre esta reunião?>

<Muitas emoções, eu acho, mas nenhum sentimento os guiando.>

<Isso não é bom,> Henry disse quando entrou na cabine, deixando Simon segui-lo.

Steve Ferryman era um macho vigoroso, saudável e humano, esguio e musculoso como um Lobo, em vez de volumoso como um urso. Seu cabelo escuro estava limpo, e seus olhos castanhos normalmente indicavam uma inteligência brilhante.

Hoje, o homem parecia um pouco... Mastigado. Não, os seres humanos não diriam *mastigado*. Desgastado? Seria o equivalente humano?

— Obrigada por me encontrar, — disse Steve. — Desculpe a mudança de local sem aviso, mas foi a única maneira que encontrei para conversarmos em voz baixa. E se for necessário, Will estará pronto para sair e nos manter no meio do rio, a fim de evitar a participação de pessoas *não* convidadas. — Ele soltou um suspiro. — Temos alguns assados de Eamer Bakery, e a Tia Lu disse que tem café fresco, se você quiser beber um pouco.

— O que gostaríamos de saber é a razão de você nos chamar aqui, — disse Simon.

Steve esfregou as mãos sobre o rosto. — A vila inteira está com medo. Estamos nos mijando nas calças de medo, e precisamos de ajuda.

Simon parou e se esquivou para debaixo da mesa para se abrigar, mas o movimento dele fez Steve sorrir.

— É uma expressão, — Steve disse. — Isso significa que estamos com muito medo.

Os seres humanos tinham inventado alguns palavrões e expressões úteis, mas essa expressão não era algo que Simon usaria em breve.

— Este medo é por causa dos *indigenes da terra* que estão governando Talulah Falls? — Perguntou Henry.

— Em parte, — Steve concordou. Ele olhou para Ming.

— Os Outros no controle de Talulah Falls sentem uma profunda raiva e desconfiança de *todos* os seres humanos, — Ming disse. — E muitos *indigenes da terra* em torno dos Grandes Lagos pensam que essa raiva e desconfiança são merecidas, que a população humana em Talulah Falls precisa ser peneirada e apenas aqueles que são necessários para operar as máquinas e as empresas dos humanos que foram reivindicadas são vitais. Eles estão procurando desculpas para matar humanos e estão respondendo violentamente a qualquer tipo de problema. Mesmo os humanos que fazem as entregas solicitadas estão em risco.

— Esse tipo de raiva vem da experiência, — Henry afirmou.

— Eu sei. Mas esse tipo de raiva é como fogo e pode queimar e alastrar.

— Talulah Falls e o Crowgard da Ilha Grande tiveram um encontro, e foi onde nós soubemos um pouco sobre o que está acontecendo, — Steve disse. — Os Corvos de Falls disseram que os *indigenes da terra* trouxeram um Aplicador que os deixou desconfortáveis. Ele tem rédea livre para lidar com os humanos que causarem qualquer tipo de problema. Eles disseram que seu cabelo é longo e todo trançado em pequenas tranças com pequenos ossos intercalados, e às vezes quando sacudido, o barulho soa como cobras irritadas, mesmo quando ele está parado. E o cabelo muda de cor. Eles

viram alguns seres humanos discutindo com esse *indigene da terra*. Os Corvos desviaram o olhar do Aplicador quando os ossos sacudiram e seu cabelo começou a mudar para a cor preta, e depois viram os humanos caírem mortos.

— Você conhece esta forma de *indigene da terra*? — Ming perguntou.

Silêncio. Em seguida, Henry disse: — As tranças e os ossos não me são familiares, mas conhecemos essa forma. É perigoso até mesmo falar sobre isso. Se vocês forem para Talulah Falls, tenham muito cuidado e não olhem para o Aplicador se o cabelo dele começar a ficar preto.

Ceifador, Simon pensou. Os *indigenes da terra* trouxeram um Ceifador para lidar com os humanos problemáticos. Será que Tess sabia que havia outro de sua espécie na área? Havia alguma maneira segura de perguntar a ela? Provavelmente não.

Simon concentrou sua atenção sobre Steve novamente. — O que mais está deixando você desconfortável?

— O que realmente está agitando toda a nossa comunidade são as cinco *Cassandra de Sangue*, as meninas que vieram do Centro-Oeste, — disse Steve. — Nós achávamos que elas estavam se adaptando aqui. Pelo menos, elas pareciam estar fazendo tudo certo durante os primeiros dias. Mas agora, uma ou mais delas acabam tendo algum tipo de colapso emocional todos os dias, ou ficam em um estado catatônico que duram alguns minutos ou horas. Não sabemos por que isso está acontecendo. Não sabemos como ajudá-las. Sabemos que precisamos movê-las da cama e dar o almoço e fazer outros arranjos de vida para elas, mas de que tipo? E onde? Tentamos levá-las para o nosso centro médico para um check-up básico. Três foram, e as outras duas fugiram em pânico cego e quase foram atingidas por veículos. Lembra que eu te disse sobre a família de Jerry Sledgeman, como a sua sobrinha tinha começado a se cortar, em seguida, pulou no rio e se afogou? Você pode imaginar ver cinco meninas jovens quebrando assim, e o que está fazendo para toda a sua família.

— Você quer que a gente leve as meninas embora? — Perguntou Henry.

Steve balançou a cabeça, um movimento veemente. — Os Intuíderam a guarda das meninas a outra pessoa antes, e é uma parte vergonhosa da nossa história. Não faremos isso de bom grado novamente. Mas não é apenas a nossa comunidade. *Cada* aldeia Intuí que assumiram algumas dessas meninas desses Compostos está com problemas. Estou recebendo e-mails todos os dias dos líderes das aldeias implorando por qualquer informação que possa ajudar. Nós não queremos que essas meninas morram, e todos estamos com medo de que isso aconteça.

— E sobre Jean? — Perguntou Simon. — O que ela diz?

Steve suspirou. — Jean é... Assombrada... E mal é capaz de funcionar. Ela continua dizendo que Meg sabe, que Meg pode ajudar.

Quando Simon resgatou Jean, ela disse a ele que Meg era *Uma Pioneira, A Guia*. Na época, ele gostou do som dessas palavras. Agora elas soavam como pedras grandes que alguém queria amarrar no pescoço de Meg antes de jogá-la no rio para ver se ela poderia sobreviver. Mas as garotas que ele, juntamente com o Tenente Montgomery e o Dr. Lorenzo, haviam tirado do composto do Controlador, tinham entre oito e onze anos de idade. Ainda filhotes, que dependiam dos adultos de uma matilha para sobreviver. E Jean, que era uma adulta e muito danificada do que havia sido feito para ela, era amiga de Meg.

— Eu vou falar com Meg, — Simon disse, e nada feliz sobre como fazer essa escolha, mas com a certeza de que Meg ficaria infeliz se algumas meninas se machucassem.

— Algo que vai ajudar agora, — Henry disse. — Seus bodywalkers não devem usar roupas brancas perto das meninas. Seus captores usavam uniformes brancos e casacos brancos. Meg era perturbada por essas coisas. É provável que as outras meninas estejam perturbadas por eles também.

— Isso é algo, — Steve disse. — Eu vou dar a todos essa informação. Obrigado.

— Os *indigenes da terra* estão dispostos a estender as terras da aldeia para construir uma nova toca para essas meninas, — Ming disse. — Mas primeiro precisamos saber o que construir.

Uma grande concessão, Simon pensou. Mas trouxe outra coisa à mente. — O Complexo Industrial e aglomerado de casas abandonadas de River Road. Eu sei que o arrendamento de terras não foi renovado porque as empresas colocaram muita maldade na terra e na água, mas gostaria de saber se existem seres humanos que ainda moram nas casas e qual grupo de *indigenes da terra* controla a terra agora.

— As meninas estariam vulneráveis lá, — Steve disse imediatamente. — O acesso à Ilha é controlado; é por isso que estamos aqui.

— Não para as meninas, — Simon concordou. — Mas eu não quero que os humanos que conseguiram escapar de Talulah Falls fiquem nessas casas. Eu não quero uma matilha potencial de inimigos reclamando um direito sobre a terra entre Lakeside e a Ilha Grande.

Steve olhou para Ming antes de dizer: — Havia pessoas ainda morando em algumas casas há alguns meses, mas no inverno passado eles foram convencidos de que não queriam morar sozinhos quando o tempo muda.

— O Hawkgard informou que os últimos humanos irão embora logo que a estrada estiver razoável, — disse Ming. — Eu não ouvi falar de nenhum *indigene da terra* reivindicando essa terra para o país selvagem. Você quer reivindicá-la?

— Não com o país selvagem, — Simon respondeu.

— Nesse caso, estaríamos dispostos a compartilhar a responsabilidade por essa terra com o Courtyard de Lakeside. — Ming olhou para Steve, que assentiu.

— Você tem pessoas que podem verificar os edifícios? — Simon perguntou a Steve.

— Claro, — respondeu Steve. — Temos encanadores, carpinteiros, e todo o resto. Vou montar uma equipe para inspecionar cada edificio e fazer uma lista do que cada um deve ter para ser habitável novamente. E

vamos verificar a disponibilidade de água e eletricidade nos edifícios. — Ele hesitou. — Acho que você está pensando nisso como uma comunidade compartilhada?

Simon assentiu. Ele não tinha certeza de *quem* deveria morar nessa comunidade, mas ele estava certo de que os terrenos e os edifícios estariam sob o controle dos Outros.

Então ele se levantou, sentindo-se cheio de corpo e mente. — Já é o suficiente.

Steve também levantou, em seguida, ele bateu na caixa da Eamer Bakery. — Coma alguma coisa com o café. — Ele saiu da cabine com Ming.

Lá fora, os cavaletes foram transferidos e os passageiros embarcaram para a viagem para o lado do continente da aldeia. Mas ninguém entrou na cabine.

Henry abriu a caixa da padaria, fez um som de aprovação, e pegou uma massa recheada de frutas. — Bom, — ele disse depois de dar a primeira mordida. — Assim. Você ainda deseja encontrar Nathan nas montanhas Addirondak?

— Não. Mas eu quero verificar com Vlad. Se tudo estiver tranquilo no Pátio, quero dar uma olhada nessas casas quando voltarmos.

Agora ele realmente queria mudar dessa pele e ser Lobo, em vez de ter que pensar sobre os problemas humanos, mas ele não se arrependia de ter essa oportunidade de passar um tempo longe do Pátio, e não se arrependia de ficar nessa pele a fim de estar com Meg. Sua amiga humana.

Ele só queria saber por que Meg, a *Guia*, decidiu fazer um corte enquanto ele estava fora.



CAPÍTULO 3

Thaisday, Maius 10

Simon e Henry encontraram alguns jovens Sanguinatis de cócoras em uma das casas abandonadas, no qual Simon decidiu chamar de: *Comunidade Road River*. Eles tinham indo para Talulah Falls, para os assentamentos dos *indigenes da terra* ao redor dos Grandes Lagos, atraídos por histórias de um excesso fácil de presas humanas. Mas os *indigenes da terra* enviados para lidar com os sobreviventes humanos não estavam interessados em ensinar aos jovens como viver em uma cidade humana, e os Sanguinati haviam sido afugentados pelo Executor principal de Falls, com suas tranças e ossos barulhentos.

Depois de obter a promessa dos jovens de não caçarem em Porto Ferryman, e prometendo dizer a Erebus sobre a sua situação atual, Simon e Henry saíram e estavam convencidos de que eles tinham uma guarda mínima sobre sua nova aquisição de terras.

Quando eles entraram na Main Street no Pátio de Lakeside, dirigiram até a via de acesso, e ouviram o triste *arroooo* de Skippy Wolfgard.

Estacionando a minivan no parque, Simon estudou o Lobo juvenil sentado na porta dos fundos do Gabinete do Liaison Human.

— *Arroooo! Arroooo! Aroooooeeooo!* — <Meg não me deixa entrar!>

Olhando pela janela, Simon deixou escapar um suspiro e baixou a janela. — Skippy. *Skippy!*

— *Arroooo!* — <Meg não me deixa entrar!>

Skippy tem um cérebro que nem sempre funcionava bem e muitas vezes as informações saltavam. No país selvagem, jovens como ele poderia cometer erros fatais. Era um inconveniente em um Pátio, mas

qualquer jovem que pudesse sobreviver até uma determinada idade, seu cérebro normalmente estabilizava.

Skippy foi enviado para Lakeside há algumas semanas. A maioria dos dias ele passava pelo menos algum tempo no escritório com Meg, com Lobos suficientes trabalhando nos edifícios próximos para impedi-lo de fazer algo muito estúpido, para não mencionar que Nathan normalmente estava presente como o guarda Lobo oficial.

Mas entender que o escritório nem sempre estava aberto era um pouco difícil para o cérebro de um Skippy, que tinha problemas em reter informações. Já que Meg provavelmente ainda estava em sua pausa do meio-dia, o jovem ia uivar até ficar rouco, sem perceber que ela não estava deixando-o entrar porque ela não *estava* lá.

Ou então ela estava e preferia ter alguma barreira entre as suas orelhas e o *arroooo* ritmado *que* Simon sinceramente esperava que Skippy superasse.

<Simon!>

Simon olhou no espelho retrovisor e viu Elliot Wolfgard, o Cônsul do Pátio e pai de Simon, do lado de fora do consulado. <*Faça algo sobre esse Lobo idiota. Eu estou em uma ligação com o prefeito Rogers e mal consigo ouvir o homem.*>

Vendo Vlad sair da porta traseira da livraria, Simon saiu da minivan e disse para Elliot, <*Vou lidar com isso.*>

<*Por que Meg não o deixa entrar?*> Vlad perguntou enquanto caminhava para o Gabinete do Liaison, usando a comunicação *indigene da terra* em vez de tentar gritar acima do uivo.

<*Não é hora para ela abrir para a tarde,*> Henry disse, se juntando a Simon e Vlad.

Skippy ainda estava uivando para a porta fechada, sem notá-los.

<*Mas ela voltou para o escritório,*> Vlad disse, parecendo triste. <*Eu estava vindo para ver como ela estava, porque Cristal Crowgard me chamou para perguntar se Meg ainda estava chateada.*>

<*Chateada sobre o quê?*>

<*Não sei.*>

Simon deu um passo até a porta, assustando Skippy, que saltou para longe com um grito de surpresa e bateu a cabeça no joelho de Vlad. O vampiro xingou e agarrou o Lobo, que provou que não estava pronto para participar de nenhuma caça com qualquer coisa que tivesse cascos ou chifres, quando ele tentou fugir correndo entre as pernas de Vlad.

Henry pegou Skippy, e gentilmente jogou o Lobo, que se debatia, no quintal junto ao Gabinete do Liaison, em seguida, fechou o portão de madeira. Já que Skippy não poderia mudar para outra forma e não poderia manter seu cérebro focado tempo suficiente para aprender a abrir as portas, ele ficaria onde Henry o colocou.

E esperava que ele rapidamente se esquecesse de onde estava um minuto atrás e por que estava uivando.

Claro, Skippy tendia a se lembrar de coisas nos momentos mais inconvenientes. Como agora, quando sentado atrás do portão, ele retomou seu uivo sobre Meg não deixá-lo entrar.

Balançando a cabeça, Simon tentou abrir a porta de trás do escritório.

Trancada.

Essa porta não deveria estar trancada quando Meg estava no escritório, no caso dela precisar da ajuda com pressa. Como quando ela usou a navalha.

Rosnando, ele pescou as chaves do bolso da calça jeans, abriu a porta de trás, e entrou.

— Meg! — Simon se virou para um som vindo do banheiro. — Meg, o quê... — Ele parou. Olhou.

Isso era novo.

Ele deu um passo cauteloso na direção dela. Então intrigado, ele deu outro passo. — Meg?

<Simon?> Vlad perguntou. <O que é?>

<Fique de fora,>, ele respondeu.

Mesmo depois que Meg veio para o Pátio, ele não tinha prestado muita atenção à aparência física dos seres humanos que trabalhavam

para eles. Eles faziam o seu trabalho, e ele não os comia. Isso era suficiente. Mas eles nunca tiveram uma profetisa de sangue morando no Pátio, então talvez isso fosse uma mudança sazonal normal?

Não, não era normal. Meg parecia chateada, então isso deveria ser uma coisa nova para ela também.

— Você derramou alguma coisa no seu cabelo, — ele disse. Bem, ela tinha feito algo com ele. Ele tinha a sensação de que este era um daqueles momentos em que um macho deveria expressar seu entusiasmo positivo, independentemente do que ele realmente pensava, especialmente quando ele realmente não sabia o que estava acontecendo.

Felizmente, ele se sentia positivo e curioso.

O cabelo laranja e estranho de Meg tinha ido embora, e sua cabeça estava coberta por um casaco preto brilhante e grosso e tão curto que estava acima dos ombros. Ele estendeu a mão, querendo ver se o cabelo parecia tão suave como parecia. — Isto parece pelo de filhote de cachorro.

Antes que ele pudesse dar-lhe uma mordida atrás da orelha, ela se afastou de sua mão e lamentou: — Eu não quero parecer com pelo de filhote de cachorro! —

— Por que não? Filhotes são bonitos.

Sua respiração começou a escorregar, e seus olhos tinham um olhar de pânico vítreo que o lembrava de um jovem bisão que tinha visto uma vez, quando ele era um Lobo juvenil morando na Região Noroeste. O jovem tinha desafiado um touro mais velho e recebeu um golpe no crânio que tinha ferido seu cérebro. Ele e os outros Lobos o observaram cambalear ao redor, incapaz de mudar de direção ou até mesmo de parar. Até finalmente se recuperar e seguir o resto do rebanho.

Se a sua matilha não tivesse feito uma matança no início do dia, aquele novilha teria sido uma presa fácil.

Se você forçava os filhotes de profetisas de sangue a verem muitas novas imagens, seus cérebros congelavam como se tivessem levado um golpe duro, assim como o jovem bisão. As meninas que ele tirou do Composto fizeram isso várias vezes durante a viagem de trem de volta para Lakeside.

Mas esta foi a primeira vez que ele tinha visto aquele pânico nos olhos de Meg.

— Meg! — Ele disse ferozmente. O que ele poderia fazer? Como ele poderia ajudá-la?

Da mesma maneira que ele ajudou as meninas durante a viagem do trem. Esconder o estranho. Novas coisas assustavam.

Simon correu para a sala de triagem e abriu as gavetas sob o balcão, grunhindo enquanto manuseava os conteúdos e pensando nos piores palavrões humanos que conhecia. Ele encontrou uma boina de lã de pelúcia no fundo de uma gaveta. O agarrou, e correu para o quarto dos fundos, jogando a boina na cabeça de Meg, em seguida, arrastou-a para o banheiro e a posicionou na frente do espelho em cima da pia.

— Olhe! — Ele exigiu, colocando as mãos em torno de seus braços e dando-lhe uma pequena sacudida. — Esta é a Meg, usando uma boina que nós compramos para manter a cabeça quente depois que ela voltou para casa do hospital. Esta é a Meg, a Liaison Human do Courtyard de Lakeside. Esta é a Meg, que é a minha amiga, amiga de Sam, amiga de Vlad, amiga de Tess, amiga de Henry, amiga de Jenni. *Veja!*

Ele viu o pânico nos olhos dela desaparecer, e a observou absorver a imagem de seus reflexos no espelho. Com o cabelo escondido, ela parecia a mesma, exceto pelo curativo em seu antebraço esquerdo.

Agora confusão e um toque de medo enchiam seus olhos cinzentos. — Simon...

Chateado com ela e por ela, mas mais suave agora que ela soava como Meg novamente, ele a levou para a sala de triagem.

<Simon?> Henry chamou.

<Quero Merri Lee aqui agora,> Simon disse. <Quando eu descobrir o que está acontecendo com Meg, a Associação Empresarial vai se encontrar.>

<Elliot também,> Henry disse. <Ele tem coisas para nos contar sobre sua conversa com o prefeito.>

<Vou lidar com Meg primeiro.>

<Ela está bem?>

<Ela não está ferida, mas... Eu não sei. Eu acho que isso é uma coisa de menina.> Não era isso o que Meg havia dito a Vlad? Que ela ia fazer uma coisa de menina como um símbolo de um novo começo?

Simon estudou Meg enquanto ela se inclinava contra a mesa de triagem, parecendo exausta. Ele esperava que não tivesse machucado seus braços quando ele a arrastou para o banheiro, mas se tivesse, ele não ficaria surpreso quando Henry o golpeasse. Ele só esperava que fosse com a mão humana e não uma pata de Urso com garras.

Merri Lee correu para a sala de triagem. — Meg...? — Ela parou abruptamente. — Sr. Wolfgard?

— Tire a boina, Meg, — disse Simon. Merri Lee iria olhar para nova camada de cabelo de Meg, fazer uma observação casual, e então...

— *Uau!* Isso foi radical.

A respiração de Meg engatou. Simon olhou para Merri Lee e rosnou, — Você não está sendo útil!

— Bem, eu sinto muito, mas é radical, — Merri Lee gaguejou. — Eu posso entender por que Meg precisa de um tempo para se ajustar com a forma curta de seu cabelo.

— *Não está sendo útil*, — ele alertou, mostrando os dentes.

Mas Merri Lee não estava prestando atenção nele. Ela estava estudando Meg. — Você não estava preparada para o resultado, estava?

Meg sacudiu a cabeça.

— Seu cabelo já era curto quando chegou ao Pátio. Não *tão* curto assim, mas curto, por isso seu cabelo era cortado regularmente. — Merri Lee continuou estudando Meg. — Mas não em um salão de beleza?

— Não me lembro de meu cabelo ser cortado, — Meg disse. — Mas às vezes eu tinha sonhos estranhos de coisas sendo feitas. Os *Aqueles Com Nomes* nos levavam para um quarto para o sono de manutenção. Quando eu acordava, nada parecia diferente.

Simon observou as duas meninas, e mudava seu peso de pé. Merri Lee parecia que queria morder alguém, então ele não tinha certeza se precisava saltar para frente para proteger Meg ou saltar para longe para se proteger.

— Você já observou alguém cortar o seu cabelo alguma vez?

— Não. Eu podia *sentir* alguém usando um pente e uma tesoura, mas eu não podia *ver* essa pessoa.

— Ah. — Merri Lee concordou. — O cabeleireiro tinha uma cadeira e girava a cadeira lhe mostrando o espelho e a surpreendendo com o novo corte?

Meg assentiu. — Eu acho que ela sabia que algo estava errado, mas eu não podia ficar, e não podia falar... ninguém falava.

Merri Lee suspirou. — Quando eu tinha onze anos, minha mãe decidiu que não gostava do meu cabelo comprido e me levou para a cabeleira dela cortar. Eu amava ter cabelos longos, e eu não queria cortar o meu cabelo, mas não foi me dada uma escolha. Eles já tinham decidido entre eles que ia ser *curto* porque era o que a minha mãe queria. Então a cabeleira manteve a cadeira virada para o espelho enquanto ela cortava o meu cabelo. Então ela girou a cadeira e me disse que era um corte de cabelo tão bonito, e minha mãe sorriu... — Ela fez uma pausa, depois sacudiu a cabeça. — O ponto é que eu não reconheci a menina no espelho. Eu via uma estranha e me senti... desconectada.

— Sim, — Meg sussurrou.

Simon olhou para elas.

— Sim? *Sim?* Você parece a mesma, você tem o mesmo cheiro. Como você pode achar que *você* não é *você*? Meg! *Você tirou o cabelo alaranjado* e você não pode ficar chateada. Não gosto disso! — Ele rosnou quando um pensamento lhe ocorreu. — Você ficava chateada com o seu cabelo e mantinha isso escondido de nós?

Quando ela hesitou, seu grunhido se aprofundou. Ele não poderia continuar balançando-a para ficar igual a um bisão com danos cerebrais. Agora não. Nunca. Não sua amiga.

— Você. — Ele apontou para Merri Lee. — A partir de hoje, você vai trabalhar duas horas a menos na livraria e no café.

Merri Lee empalideceu. — Mas eu preciso dessas horas.

— Isso não é justo, — disse Meg, fazendo um esforço para ficar de pé sozinha, em vez de se inclinar sobre a mesa. — Só porque você não gosta do que ela disse —

— Eu não disse que vai trabalhar menos, — Simon retrucou. — Mas ela vai trabalhar aqui com você, porque vocês duas vão descobrir *exatamente* por que isso aconteceu, *exatamente* por que Meg entrou em pânico, e o que fazer para que não volte a acontecer.

— Simon, eu vou ficar bem, — Meg começou.

— Isso não é apenas sobre você, — ele disse. — As meninas que tiramos do Composto estão quebrando como você fez agora, só que está acontecendo com uma ou mais delas todos os dias. Os *Intui* não sabem como ajudá-las. Os humanos que mais sabem sobre as profetisas de sangue não vão nos ajudar depois que tiramos a sua *propriedade*, e precisamos encontrar uma maneira que elas fiquem fora das gaiolas e seguras. Você sabe que elas não vão. Jean a chamou de A Pioneira, o Guia.

Merri Lee sacudido. — O que você disse?

Simon olhou para ela. — Pioneira, Guia.

Merri Lee engoliu em seco e olhou para Meg. — Essas foram duas das coisas que você disse durante a profecia. Pioneiro e Guia. Caminho e fogo. Essas foram as coisas que os *indigenes da terra* deveriam prestar atenção.

— Vocês duas vão descobrir sobre as necessidades das *Cassandras de Sangue*, e o que os humanos e os Outros precisam fazer para ajudá-las a permanecerem vivas, — disse Simon.

— O que você espera que façamos? — Meg gritou. — Escrever O *Guia dos Idiotas das Profetisas de Sangue*?

— Sim! Isso é exatamente o que eu quero que você faça. — Olhando para a sua expressão atordoada, ele se perguntou se foi um pouco *demasiado* honesto. — Pense e escreva para que possamos passar as informações a todos os que estão tentando ajudar essas meninas.

— Eu não sou uma escritora, — Merri Lee protestou. — Eu posso fazer anotações, certo, mas eu não posso escrever algo assim!

— Ruthie vai ajudá-la a escrever. — Não. Problema resolvido. Ruthie era uma professora. Ela escrevia frases o tempo todo.

— Você... Você já falou com Vlad? — Perguntou Merri Lee. — Ele lhe contou sobre a profecia de hoje de manhã?

— Ainda não. — Ele olhou para as meninas e suavizou sua voz. — Vamos descobrir isso, Meg. Jean não disse que você era a única que poderia fazê-lo.

Simon saiu do escritório, fechou a porta de trás, e parou. Apenas parou. Ele não podia chamar os outros Lobos no Pátio para ajudá-lo a afastar este perigo para uma amiga. Este perigo morava dentro dela, era parte dela, com o sangue nadando com visões e profecias, sua pele frágil.

Como ele deveria proteger Meg de Meg?

Tess estava na porta traseira da Bite. Teria sido mais fácil para ela usar a porta interna entre as duas lojas para chegar à sala de reuniões no andar de cima, então ela deveria ter vindo de fora para ver como ele estava.

<Você vai para a reunião?> Ela perguntou, apontando para segundo andar da HBL.

<Sim.> Ele atravessou a área pavimentada dos edifícios, e subiu para a reunião em conjunto.

Ele não se arrependia de ficar no Pátio, a fim de ficar com Meg, mas ele agora desejava poder lançar todos os problemas humanos junto com a pele humana.

Meg e Merri Lee olharam uma para a outra.

— Antes de lidar com as outras coisas... — Merri Lee acenou com a mão para indicar o cabelo de Meg. — Por que tão curto?

— Eu cansei de os entregadores ficarem olhando para o meu cabelo. Cansei da forma como os Outros olhavam para o meu cabelo. Não deveria ser da *cor laranja*! — Meg bufou. — Eu fui para os cortadores de

cabelo na Praça do Mercado. Eu encontrei o Corvo que estava trabalhando lá, e ela *disse* que poderia cortar o meu cabelo para remover a parte de laranja. Mas eu não sabia que ficaria assim!

Merri tocou o cabelo escuro, em camadas. — Levei anos para encontrar um profissional em quem confiar, então eu nunca fui ao salão na Praça do Mercado. Mas eu acho que as duas mulheres que trabalham tempo parcial estavam sendo pagas para ensinar aos Outros como cortar o cabelo, bem como fornecer cortes de cabelo. Pergunto-me se o Corvo aprendeu a cortar o cabelo antes que as mulheres saíssem, ou se ela simplesmente se ofereceu para prestar o serviço e não sabe o que está fazendo.

— Então agora há um Corvo semi treinado cortando o cabelo de todo mundo? — A voz de Meg se elevou. Imaginou um corvo de desenho animado cortando os cabelos de alguém, descontroladamente dando tesouradas enquanto os cabelos voavam por toda parte. A imagem parecia ridícula o suficiente para fazê-la se sentir mais calma.

— Não foi descuidado, — ela disse. — Eu não podia ver o que estava acontecendo, mas os movimentos pareciam deliberados, pensativos até. — Um leve puxão de cabelo, o som da tesoura. O Corvo estava tão absorvido no movimento, na forma como a tesoura brilhante se abria e fechava; será que ela não queria que a experiência chegasse ao fim?

— Bem, — Merri Lee disse após um momento. — Seu cabelo está preto sem manchas agora. Nem mesmo uma ponta laranja em qualquer lugar. E esse brilho é maravilhoso, seu cabelo vai ser fácil de cuidar neste verão.

Meg hesitou e passou a mão sobre a cabeça. Diferente. Tudo parecia diferente; todas as suas rotinas precisariam ser ajustadas.

— O quê? — Perguntou Merri Lee. — Você tem um olhar no seu rosto, como se você percebesse uma coisa agora.

— Não tenho certeza. Eu preciso usar o banheiro.

— Você tem papéis sobrando? Vou pegar um caderno no Três Ps mais tarde para dar início as nossas notas.

— Isso, na gaveta. — Meg apontou. — Eu tenho alguns extras na área de transferência que eu uso para as entregas.

Ela entrou no banheiro, mantendo os olhos focados abaixo do nível do espelho. Ela estudou as mãos, eram familiares. As cicatrizes eram familiares. Em seguida, ela passou os dedos contra o rosto e se olhou no espelho. Pele clara com um toque de rosa nas bochechas. Olhos cinzentos e claros. Cabelo preto, sobrancelhas, cílios.

Hoje, este é o meu novo rosto. Este é o rosto que Simon reconhece como Meg.

Ela baixou as mãos. Sem pânico.

Ela não conseguia se lembrar de qualquer imagem de treinamento de uma pessoa surpreendida por ter um corte de cabelo. Agora ela tinha a imagem de seu próprio rosto no espelho, chocada e despreparada com a alteração física. E ela tinha uma história de uma ação similar que tinha sacudido o senso de si mesma de uma pessoa, Merri Lee.

Quando Meg saiu do banheiro, ela olhou para a geladeira e percebeu que não tinha almoçado ainda. Se Merri Lee não tivesse comido também, talvez elas pudessem ligar para a Hot Crust e pedir por uma pizza. Pizza era comida de conforto, não era?

Ela cruzou a soleira, olhou ao redor, e congelou. — Não. — Ela correu para o leitor de CD no balcão, esbarrando em Merri Lee, e moveu a pilha de CDs do lado esquerdo do leitor para a direita.

Merri Lee deu um passo para trás. — Deuses acima e abaixo, Meg! O que você tem?

Meg pressionou as mãos sobre as pilhas de CDs. — Você não pode mover estes.

— Eu estava apenas tentando arrumar um pouco de espaço no balcão! —

— *Você não pode mover as coisas constantemente!* — Meg gritou.

Merri Lee a olhou por um longo momento. Em seguida, ela se aproximou e colocou a mão sobre Meg. — Acalme-se. Os CDs estão de volta onde eles pertencem. Respire, Meg. Apenas respire.

Respirar. Ela podia respirar. Simples. Rotina.

— Você vai ficar bem se eu sair para pegar um pouco de água? — Perguntou Merri Lee.

Meg assentiu.

Merri Lee correu da sala, em seguida, correu de volta carregando uma garrafa de água e dois copos. Após servir a água, ela entregou um copo para Meg. Beberam, evitando contato com os olhos, permanecendo em silêncio.

— Ok, — disse Merri Lee. — Eu acho que é hora de fazer algumas perguntas. Você está aqui há quatro meses e meio. As coisas mudam neste escritório todos os dias, e você não se assustou até agora. Foi o corte de cabelo o gatilho? A única coisa demais? Se você não pode tolerar as coisas mudando, como você sobreviveu todo este tempo? Como é *que* você sobreviveu? Nós precisamos descobrir isso.

— É apenas um dia ruim, — Meg protestou fracamente.

— Sim, um dia ruim e o choque do corte de cabelo. Sobrecarga emocional. Eu entendo Meg, eu entendo. Assim como eu entendo experimentar uma sobrecarga de informações, quando você simplesmente não pode tomar mais nada. Eu até entendo ser um pouco obsessiva-compulsiva sobre suas coisas. Mas você me empurrou de lado e gritou comigo. E eu acho que é melhor do que quebrar, porque pelo menos você ainda está interagindo comigo. E esse é o ponto. Você já fez muito, e tanta coisa aconteceu com você nos últimos meses, e hoje, *hoje*, você atingiu o seu limite. Mas Simon disse que essas outras meninas estão quebrando todos os dias, e elas estiveram menos de um mês fora do Complexo. E quanto às outras meninas que querem sair, que querem viver livremente e são confrontadas com a tentativa de lidar com isso?

— Eu não sei como ajudá-las. — Lágrimas picaram nos olhos de Meg.

— Sim, você sabe, mas o que você fez para ajudar a si mesma, você fez instintivamente. Agora Meg, a Guia, tem que descobrir o que ela faz de diferente para que possamos dizer as outras meninas.

Enxugando as lágrimas, Meg tomou outro gole de água.

— As coisas não podem mudar constantemente, — Merri Lee solicitou. — O que faz algo ser uma coisa constante? — Ela estudou as pilhas de CDs. — Sempre cinco? Mas não é sobre os mesmos cinco? E sempre desse lado do leitor?

— Sim — Meg olhou ao redor da sala. — Eu espero que as coisas mudem na sala de triagem, porque isso é o que acontece aqui. Esta é a função da sala. *Coisas* entram e saem, mas a *sala* permanece a mesma. O quadro está sempre no mesmo local. Assim como o telefone e o leitor de CD. Os escaninhos na parede de trás não se movem.

— E quando você está em casa?

— Eu tenho uma rotina. Eu sigo uma rotina, assim como sigo nas estradas no Pátio quando eu estou fazendo as entregas.

— E quando a rotina é interrompida? Como em momentos em que a nossa aula na *Mente Quieta* é cancelada?

— Eu me sinto... inquieta... até eu decidir o que fazer em vez disso.

— Constância versus mudança. Uma tolerância limitada para as mudanças dentro das constantes. E se sentindo estressada quando as rotinas são interrompidas.

Meg se lembrou das imagens de expressões e decidiu que *medo* era a mais próxima do que viu no rosto de Merri. — Você sabe de algo.

— Eu não *sei* de nada ainda. Precisamos obter a permissão do Sr. Wolfgard para fazer algumas experiências antes que eu me sinta confortável em dizer a alguém o que eu estou pensando. Mas se eu estiver certa sobre o porquê dessas profetisas de sangue na Ilha Grande estarem tendo colapsos, todas essas meninas que deixaram o cativeiro estão em sérios apuros.



CAPÍTULO 4

Thaisday, Maius 10

Tomando um assento na mesa na sala da Associação de Negócios, Simon estudou as folhas que Merri Lee tinha criado a partir das visões que Meg tinha visto, em seguida, ele as entregou a Elliot, a outra pessoa na reunião que ainda não tinha visto as folhas.

Meninas e navalhas de prata e atropelamentos. Por que essas meninas estavam sozinhas nas estradas?

Tudo bem, Meg tinha viajado sozinha do Meio-Oeste até Lakeside, mas ela viajou de trem e ônibus. Ela não andou ao lado de uma estrada, onde poderia ser atingida por um carro e ser deixada para morrer como um guaxinim ou um veado.

Mas ela andou pelas ruas de Lakeside em parte do tempo. À noite. Em uma tempestade de neve. Sozinha.

Mesmo os filhotes não eram tão burros ou tão tolamente valentes.

Meg não era normalmente burra ou tola. Mas ela estava desesperada quando fugiu do Controlador, e as outras meninas não estavam tão desesperadas para fugir. E ainda...

— Isso parece errado, — disse Simon. — Mesmo que os seres humanos estejam irritados conosco por fazê-los dizer onde as profetisas de sangue estavam sendo mantidas, por que eles permitiriam que essas meninas, que eles consideravam valiosas, saíssem assim? Algo me parece errado.

— Você acha que Meg cometeu um erro? — Perguntou Henry.

— Não. — *Mas talvez nós tenhamos. Não pensamos como humanos, talvez por isso, cometemos um erro.* — Meg viu isso como algo com que temos de lidar, mas a única *Cassandra de Sangue* ao alcance de

Lakeside é Meg e as meninas que moram na Ilha Grande. Nenhuma *delas* está em perigo de serem atropeladas em uma estrada.

— Meg e aquelas meninas não estão em perigo, — Vlad concordou. — Mas nós recebemos o aviso, então nós somos os únicos que podemos enviar o aviso para os demais *indigenes da terra*. Eu enviei um alarme para os Sanguinatis. Eles já estão à procura de meninas que pareçam perdidas ou abandonadas. E eles estão à procura de quaisquer fêmeas que se encontrem ao lado de uma estrada ou em uma vala. Eu também falei com Jenni Crowgard. Ela está pedindo a todo o Crowgard para procurar profetisas de sangue e Starr e Crystal voaram para contar aos Corvos regulares. Eles vão espalhar a palavra entre sua própria espécie e vão contar ao Crowgard se perceberem algo novo em seus territórios.

— Enquanto você estava lidando com Meg e Merri Lee, liguei para Joe e Jackson Wolfgard, dizendo-lhes sobre estas duas visões, — Henry disse. — Eu também contatei alguns dos Beargard e Panthergard. Lobos, Ursos e Panteras vão espalhar o alarme para os demais *indigenes da terra* em suas regiões e iniciar a pesquisa. Por enquanto, isso é tudo que podemos fazer.

Nenhum deles mencionou a outra coisa que podiam fazer, não mencionaram que havia mais alguém que não tinha sido informado sobre o aviso ainda.

— O que mais? — Simon disse, apontando para os papéis que Elliot colocou na mesa.

— Poucos minutos depois do corte controlado, tivemos respostas a três das coisas que os *indigenes da terra* devem prestar atenção, — disse Vlad. — Então Meg é a Pioneira, a Guia. Logo após Merri Lee me trazer essa profecia, eu observei dois humanos colocando placas com essa numeração nos gramados de duas casas do outro lado da Rua do Pátio.

— Mas não significa que esses são os sinais corretos, — disse Elliot.

— Mas é provável que sejam, — Vlad respondeu.

— Sim, é provável, considerando a precisão das profecias que Meg tem compartilhado conosco, — Elliot comentou. — Então é provável que a sigla NALSTA seja a forma de discriminar qualquer humano que esteja disposto a trabalhar contra nós ou conosco. Ontem, quando me encontrei com o prefeito Rogers, eu vi uma proposta para adicionar um símbolo aos cartões de identidade — um símbolo que diria a outros seres humanos se uma pessoa era um amante do lobo. Rogers agiu agitado que eu tinha visto a proposta e me deu todos os tipos de razões do porquê isso beneficiaria a cidade e ajudaria a sufocar inquietação... — Elliot deu-lhes um sorriso cheio de dentes. — Perguntei-lhe se haveria essa sigla nas identidades de todos os humanos que tiveram relações sexuais com algum *indigene da terra*, já que *ele já* teve um desses encontros. A julgar pela forma como o seu rosto mudou de cor, eu estou supondo que pelo menos algum outro membro da sua família tomou um passeio no lado selvagem. Não é algo que um ser humano politicamente ambicioso gostaria de ter que reconhecer.

Henry fez uma careta. — Em vez de tentar justificar e carimbar as cédulas de identidade, ele deveria se meter apenas com os negócios do governo, e não se envolver com quem os humanos interagem.

— Nós não nos envolveremos até que essa disputa se torne uma ameaça para nós, — disse Simon. — Mas vamos prestar assistência aos humanos que forem perseguidos porque não se encaixam com o resto. É por isso que os *Intui* e *Simple Life* vivem principalmente nas terras que nós controlamos em vez de viverem nas cidades controladas por humanos.

— Eu acho que Rogers deixou essa proposta à vista para avaliar minha reação, — disse Elliot. — Mas eu também notei um logotipo em uma carta que não estava bem escondida sob os outros papéis em sua mesa, uma carta que eu acho que ele *não* queria que eu visse. — Ele tirou um pedaço de papel do bolso do casaco e o colocou sobre a mesa. Tinha um esboço de um logotipo.

Parecia um emaranhado de linhas em um círculo, até que Simon percebeu que era uma tentativa de transformar letras em um símbolo. — Os humanos do movimento Humanos, Primeiros e Últimos, — ele rosnou.

Elliot concordou. — Eu ouvi sussurros sobre apertos de mão secretos, e este símbolo está sendo exibido em várias lojas e empresas. Há um humano em Toland falando por aí sobre como os seres humanos merecem mais, agitando os demais macacos, e tentando convencê-los de que eles podem exterminar os *indigenes da terra* e tomar o controle do mundo.

— Eles podem ser capazes de matar os shifters que moram nos Pátios, ou mesmo alguns dos shifters que moram em terras que fazem fronteira com as cidades humanas ou vilas, — Henry disse. — Mas eles nunca irão assumir o controle do país selvagem. Eles nunca irão assumir o controle de Namid. Os demais *indigenes da terra* vão dar conta deles.

— Mas a semente foi plantada, — Elliot argumentou. — Os humanos no governo de Lakeside já esqueceram as consequências de nos atacar, apesar do antecessor do prefeito Rogers estar entre aqueles que foram mortos em retaliação. Eles olham para Talulah Falls e se recusam a acreditar que a *sua* cidade pode acabar da mesma maneira.

— O que você disse ao prefeito sobre a proposta? — Perguntou Tess.

— Eu disse a ele que os *indigenes da terra* não se oporiam com essa identificação dos aliados humanos, contanto que também possamos identificar os nossos inimigos. Se o governo de Lakeside decidir marcar alguns humanos como *amantes de Lobo*, então os *indigenes da terra* irão exigir que todas as pessoas que apoiem o movimento Humanos, Primeiros e Últimos tenham um símbolo semelhante em suas cédulas de identidade, porque assim não iríamos apoiar empresas desses humanos e nem fornecer a essas empresas as matérias-primas para fabricarem seus produtos. A menos que esses humanos que possuam ou trabalhem nessas empresas não queiram receber as matérias-primas de nós.

— Apertos de mão e símbolos secretos. — Vlad negou com a cabeça. — Recebi um e-mail de Stavros pouco antes desta

reunião. Algumas empresas em Toland agora exigem que seus funcionários sejam integrantes do movimento HPU a fim de manter seus empregos e eles não contratam ninguém que se recuse a participar.

— Este movimento HPU é como uma doença se espalhando entre os humanos, — disse Henry.

O cabelo de Tess começou a enrolar. — Quando um tipo de doença se espalha através de uma população, outros tipos de doença tendem a segui-la.

Um arrepio de medo passou por Simon quando ele lembrou o outro nome do formulário *indigene da terra* de Tess: Cavaleira das Pragas. Ele quase gritou quando seu celular tocou. — O quê? — Retrucou.

— Simon? É Meg. Merri Lee e eu precisamos de sua permissão para tirar algumas fotos. Ruth tem uma câmera com um desses cartões de memória que mantêm fotos, e Lorne diz que ele pode imprimir as imagens no computador na Três Ps.

Ele franziu o cenho. — Imagens de quê? — Ela soava... ímpar. Animada e assustada. Como um jovem Lobo na primeira vez que se juntava ao bando para caçar bisões.

— As coisas na sala de triagem, principalmente. E talvez a área atrás do escritório. Vai nos ajudar a fazer o que nos pediu para fazer.

— Tudo bem, mas essas imagens não podem deixar o Pátio.

— Ok. — Meg desligou.

— Meg, Merri Lee, Ruthie, e Lorne vão tirar fotos, — ele disse em resposta a todos os olhares de questionamento.

— Por quê? — Perguntou Henry.

— Parte da compreensão de uma *Cassandra de Sangue*. — Ele continuou, antes que alguém tivesse a chance de perguntar o que isso significava. — Os *indigenes da terra* precisam descobrir se a *sigla* para *amante de Lobo* é um termo usado apenas em Lakeside, ou se o movimento HPU está causando problemas ao longo de Thaisia?

— Eu contei a meu avô Erebus sobre a profecia de Meg, — Vlad disse. — Uma ordem já saiu para todos os Sanguinatis relatarem

qualquer anúncio de emprego ou aluguel que inclua a sigla NALSTA na descrição. Isso deve nos dizer se o termo é local, regional, ou infectou todo o continente. Deve também dar-nos uma ideia de quais empresas são propriedades de membros do movimento HPU.

— Não há muitos Sanguinatis nas regiões Centro-Oeste e Noroeste, — disse Henry.

— Não há muitos no Sudoeste também, — Vlad respondeu. — Estamos mais adaptados para as costas e as grandes cidades humanas. — Ele olhou para Simon. — Vou dar-lhe uma cópia do e-mail que enviei aos Sanguinatis. Você pode ajustar o texto e enviá-lo para os *Gards* que mantêm a guarda sobre outros lugares humanos.

Simon assentiu. Ele tinha contato com Joe e Jackson. Eles iriam espalhar a palavra entre os Wolfgard.

— A propósito, — Vlad disse. — Por instruções do meu avô, os Sanguinatis irão se referir aos humanos que pertencem ao movimento HPU como *Faladores Venenosos*.

— E quem é que vai explicar ao Snakegard que não foi concebido como um insulto para *eles*? — Elliot resmungou.

— Eu acho que eles não vão ficar ofendidos, porque o nome é um aviso para todos os *indigenes da terra* que as palavras desses humanos são perigosas e não devem ser descartadas.

— Tudo bem, — disse Simon. — Este é um começo para identificar nossos inimigos entre os humanos em todas as cidades. Quaisquer pensamentos sobre a horta que Meg viu nas visões?

Vlad disse-lhes sobre Kowalski e Ruthie serem forçados a sair de sua nova toca e não serem autorizados a plantar os alimentos em sua parte do jardim.

— Então nós vamos cuidar da nossa matilha humana, os verdadeiros amantes do Lobo, — disse Simon. — Vamos oferecer-lhes algumas recompensas que podem ser encontrados no Pátio. Se eles compartilham o trabalho, eles podem compartilhar a comida.

— Os alimentos crescem em toda parte desta terra, — disse Henry. — Compartilhar o trabalho seria dar acesso à matilha humana

uma maior parte do Pátio e de seus moradores. Arriscado para nós, e arriscado para eles.

— A partilha do trabalho não significa necessariamente reunir a comida ou pegar a carne, — Simon respondeu. — Os humanos podem preservar os alimentos em potes e fazer coisas com as frutas que podem ser armazenadas e consumidas durante o inverno. Os *Intui* e *Simple Life* fazem esse tipo de trabalho por gerações e todos nós somos beneficiados. Talvez os *amantes de Lobo* sejam o próximo grupo de humanos que devam ser ajudados, por nossa causa, e para o bem deles.

Ele esperou enquanto os demais Outros na sala pensassem sobre isso.

— Podemos expandir o jardim do Complexo Verde para alimentar alguns humanos, — disse Henry e Tess, Vlad e Elliot assentiram em acordo.

— Uma dúzia de seres humanos, — disse Simon. — Vamos expandir o suficiente para alimentar uma dúzia de seres humanos. Se eles não gostarem do que podemos oferecer, eles podem cuidar de si mesmos.

— Quais dúzias de pessoas você tem em mente? — Perguntou Tess.

Ele deu de ombros, mas podia adivinhar que estavam pensando nos policiais que estavam fazendo um esforço para ajudar os *indigenes da terra*.

Ruthie e Kowalski estavam sendo expulsos de sua toca porque eram espertos o suficiente para trabalharem com os Outros. O que o Courtyard poderia fazer sobre isso?

— Os amigos do Capitão Burke. — Simon falou devagar enquanto pensava no plano. — Muitos *indigenes da terra* foram trazidos para Lakeside. Os humanos que estão vendendo as casas do outro lado da rua não os conhecem. Eles poderiam olhar e fazer um relatório.

— Você quer que compremos essas casas? — Tess perguntou.

— Sim, — respondeu Simon. — Quero um lugar para os amantes de lobo viverem.

— Essas casas não são parte do Courtyard, — Elliot apontou. — Nós vamos ter que pagar impostos, assim como as demais despesas, como os humanos.

Ele assentiu. — E vamos controlar quem mora nessas tocas, da mesma forma que vamos decidir quem vai morar nas casas na Comunidade River Road, e quem vão receber as matérias-primas necessárias para fazer as coisas úteis para nós, assim como os seres humanos.

Ninguém tinha nada mais a dizer sobre jardins ou casas. Depois de dar a Henry um olhar interrogativo, ninguém tinha alguma ideia sobre um Urso marrom *comendo joias*.

— Já terminamos? — Simon esperou que todos concordassem. — Nesse caso, eu acho que deveria ir para a estação de Chestnut Street e falar com o Capitão Burke e o Tenente Montgomery. — E enquanto esperava Blair trazer um veículo do Complexo Utilities, ele poderia descobrir o que Meg e sua matilha estavam fazendo com a câmera.

Ninguém demorou em falar, exceto Elliot.

— Se vamos comprar essas casas, isso irá causar problemas aqui, — disse Elliot, entregando os papéis para Simon.

— Já há problemas aqui, — Simon respondeu. — O prefeito se alinhando com o movimento HPU é prova disso. Precisamos fazer tudo o que pudermos para proteger os humanos que estão ligados a Lakeside e aos *indigenes da terra*. Os *nossos* humanos do Courtyard terão uma maneira de sobreviver.

Pater,

O julgamento que corre para as melhorias farmacêuticas se mostrou com grande potencial, e eu acho que as melhorias poderiam ser de valor significativo para a última etapa dos planos da HPU. Infelizmente, o fabricante saiu do negócio de forma inesperada, e é improvável neste

clima atual que outros possíveis fabricantes estejam dispostos a assumir o risco de fornecer o produto, apesar das recompensas monetárias significativas. No entanto, pelo que eu entendo, o produto final é fácil de produzir, mesmo sem os materiais de qualidade. Portanto, enviarei discretamente uma amostra da matéria-prima no próximo navio para Cel-Romano. Eu também recomendo explorar algumas das aldeias rurais em nossa terra natal, já que seriam os locais mais prováveis para ter o que buscamos. E ter uma fonte local, mesmo que o material seja de qualidade inferior, irá reduzir a quantidade que seria necessária para ser exportado para Thaisia.

NS



CAPÍTULO 5

Thaisday, Maius 10

A menina tropeçou na lateral da estrada, à procura de alguma coisa, *qualquer coisa* que pudesse reconhecer das imagens de treinamento.

Rodovia. Duas pistas, uma ampla faixa de grama chamada de canteiro central, e mais duas pistas com carros indo na direção oposta.

Aqui, os guardas haviam dito. *Este medicamento vai fazer você se sentir bem.*

Ele *tinha* feito ela se sentir bem; quase tão bem quanto à euforia. Ela e as outras meninas tinham flutuado quando foram embaladas em um reboque a cavalo. Eles tinham parado e iniciado muitas vezes durante a noite, e cada vez que eles paravam, uma menina era deixada na lateral da estrada.

A fazenda estava fechada, os guardas disseram quando algumas meninas choravam e imploravam para voltar. *Não podemos ter mais recursos para mantê-las.*

Ela tinha visto algo ou ouviu alguma coisa quando eles fizeram o último corte, algo que ela precisava se lembrar. Era tão importante se lembrar. Mas ela estava tão cansada e tão sozinha aqui fora. Ela nunca esteve sozinha, exceto em sua cela, e não tinha vontade de ficar sozinha, porque ela sabia que havia outras meninas nas celas ao redor dela e os guardiões sempre estavam presentes e sempre a verificando.

Ninguém aqui agora.

Muitas imagens, muitos sons. Ela se batia com seus punhos, muitas imagens e sons. Barriga muito grande, muito estranha. Estava

machucando. Ela tentou dizer-lhes sobre o ferimento quando a levaram do trailer, mas os guardas não ouviram.

A fazenda está fechada. Você tem que ir. Em seguida, os guardas disseram a coisa mais assustadora. *Se os Outros a encontrarem, eles vão matar você e o bebê. Eles vão rasgar sua barriga e comer o seu bebê.*

Precisava encontrar pessoas, encontrar a fazenda, encontrar... Alguma coisa.

Polícia? Não. A polícia não ajudaria as meninas na fazenda. É por isso que o lugar era um segredo. Quando as meninas eram levadas pela polícia, elas eram espancadas para que perdessem os bebês. Os tratadores disseram isso.

Ela tropeçou no cascalho deste lado da rodovia. Precisando tomar medidas embaraçosas para evitar a queda, ela se apoiou na faixa da direita. Ela viu o caminhão se aproximando e deu um passo naquela direção.

Imagens de pessoas e rodovias lotando a sua mente. Imagens de animais e rodovias lotando a sua mente. Uma palavra de acordo com as imagens de animais mortos: atropelamentos.

Ela estava na beira da estrada. Talvez as pessoas no caminhão pudessem parar. Talvez eles lhe dessem uma carona e a levassem de volta para a fazenda. Sua barriga doía mais e mais. Era uma dor rítmica. Ela precisava voltar para a fazenda porque a dor rítmica significava algo.

Uma explosão do chifre do caminhão a assustou. Tinha que sair do caminho, tinha que fazer...

Ela ouviu uivos. Um uivo terrível.

Os Outros estão chegando! Eles iriam encontrá-la e...

Ela correu para o caminhão. Quando ele bateu nela, ela se lembrou de *algo*, uma voz na profecia, uma mulher dizendo: — Não! Não é tarde demais!

E então já era tarde demais.



CAPÍTULO 6

Thaisday, Maius 10

O Tenente Crispin James Montgomery estendeu a mão para o homem que se levantou da cadeira de visitante quando o Capitão Burke fez as apresentações.

— Tenho o prazer de conhecê-lo, Sr. Denby, — Monty disse, apertando a mão de Pete. — Estou feliz que você e sua família estejam bem em Lakeside.

— Assim como eu acho que não teríamos feito isso sem a ajuda dos *indigenes da terra*, — disse Pete.

Pete Denby havia participado na busca do Controlador. Entretanto, essa assistência o tornou um alvo, e ele teve que arrumar sua esposa e seus dois filhos para se dirigir até Lakeside, uma longa viagem da Região Centro-Oeste de Thaisia. O carro deles foi atingido na estrada, em uma tentativa deliberada de ferir ou matar Pete, mas os Outros interviram e forneceram uma escolta para o resto da viagem.

— Você está planejando voltar para o Centro-Oeste? — Perguntou Monty.

Os olhos de Pete ficaram sombrios, antes que ele desse a Monty um sorriso saudável demais. — Não acho que tenho muito futuro lá. — O sorriso saudável diminuiu. — Não tenho certeza se tenho muito futuro aqui também.

— Eu já disse a você, — disse Burke. — Eu não tenho um inquilino atual para o outro lado do duplex, e você está convidado a usá-lo.

— Eu aprecio isso, — disse Pete. — Mas um teto sobre nossas cabeças é apenas metade do problema.

— Problema? — Monty olhou de um para o outro.

— Nós vamos trabalhar com isso, — disse Burke.

— Mesmo você não pode continuar a alimentar quatro pessoas com uma única cota de ração, — Pete disse firmemente.

— Se você estiver procurando... — começou Monty.

— Para receber uma cota de ração que pode ser usada em Lakeside, um ou mais adultos da família precisa estar empregado e mostrar a prova desse emprego, — disse Pete. — Aparentemente há algum receio de que um excesso de pessoas de outras cidades tente obter essas cadernetas de racionamento sem fazer parte da população ativa, o que criará escassez de alimentos. Se há escassez, os preços vão subir e mais pessoas vão acabar com menos.

— Você foi para duas entrevistas desde que decidiu procurar trabalho aqui, — Burke apontou. — Você recusou ambas as ofertas.

— Eu não vou assinar alguma maldita '*promessa de fidelidade*', — Pete estalou. — Especialmente quando os sócios do escritório de advocacia ficaram evasivos quando perguntei a *quem* ou a *que* eu prometeria essa minha lealdade.

O estômago de Monty embrulhou. — Humanos do movimento HPU?

— Eu acho que sim. Você já ouviu a palestra motivacional de Nicholas?

Monty olhou para Burke e depois para ele. Sim, ele já tinha ouvido falar de Nicholas Scratch. O homem que veio da Aliança das Nações Cel-Romano, mas Scratch estava vivendo atualmente em Toland com a ex de Monty e sua filhinha.

— Eu ouvi alguns de seus recentes discursos, e ele é um bastardo persuasivo, — Pete continuou. — Se eu não tivesse quase cem por cento de certeza de que o movimento HPU estava por trás das ameaças à minha família, eu ficaria muito tentado em acreditar que tinha a resposta para tudo e qualquer coisa. Quer que seus filhos tenham mais leite? Matem um Lobo.

— Pete, — Burke começou, olhando para a porta de seu escritório.

— Não é nossa culpa que, como espécie, vocês sejam meio estúpidos.

Monty estremeceu, em seguida, virou-se para Simon Wolfgard quando o Lobo entrou no escritório de Burke.

— Eu acho que temos mostrado que podemos ser perigosos, — disse Pete.

— Ser perigoso não faz de você menos estúpido, — Simon respondeu. — E ser inteligente sobre inventar e fazer as coisas não é o mesmo que ser esperto sobre o mundo. Às vezes não há comida suficiente. Às vezes os filhotes não sobrevivem ao tempo de fome. Quando isso acontece, não gostamos. Nós trabalhamos duramente para caçar a carne para a nossa matilha e para alimentar os nossos jovens, e não gostamos quando outro predador tenta tirar a nossa carne.

— Acho que entendo o seu ponto, Sr. Wolfgard, — disse Burke.

Monty ouviu a ênfase no nome de Simon e viu Pete empalidecer quando ele percebeu que foi ouvido por um Lobo.

Simon olhou para Pete, raiva criando lampejos de vermelho nos olhos âmbar do Lobo. — Vamos lutar pelo que é nosso. No final, o jovem vai ter o suficiente para comer, porque haverá menos humanos querendo ação. E o nosso jovem vai crescer forte com toda a carne colhida da luta.

Um silêncio tenso encheu a sala. Em seguida, Pete disse: — Você fala em destruição.

— Nós nos adaptamos ao mundo, e podemos aprender com outros predadores. O que inclui os seres humanos.

Monty chamou a atenção de Burke e compreendeu a mensagem. — Sr. Wolfgard, talvez você e eu possamos continuar esta conversa em outro lugar.

Simon esfregou o cabelo escuro com as duas mãos. Se ele estivesse em forma de Lobo, ele provavelmente teria dado uma boa sacudida. Monty achou intrigante a ação, e pareceu que sacudiu a raiva também. Um momento atrás, Simon não poderia ter passado por um humano. Agora ele parecia um homem bonito e ativo em seus trinta e poucos anos, usando um traje casual adequado para um dono de

livraria. Os olhos cor de âmbar eram o único indício de que você estava olhando para um Lobo *indigene da terra*.

— Não. Se ele é o macho que os *indigenes da terra* ajudaram a chegar a Lakeside, então é ele que eu vim ver. — Simon inclinou a cabeça na direção de Pete. Então ele olhou para Burke e Monty.

— E eu vim vê-lo para outra coisa.

Pete olhou para o Lobo. — Você veio me ver? Por quê?

— Para perguntar se você está disposto a fazer um pequeno trabalho para o Pátio.

Monty prendeu a respiração. Ele passou os últimos quatro meses e meio construindo alguma confiança entre ele e Simon Wolfgard. Sua equipe interagia com os moradores do Courtyard quase diariamente de forma *não* oficial, aprendendo mais sobre os Outros do que a maioria dos humanos que nunca foram autorizados a ver, fornecendo exemplos de humanos que poderiam agir pacificamente com aqueles que moravam no Pátio. Todo esse trabalho poderia ser prejudicado por um homem que tinha uma razão para estar ressentido, já que sua vida saiu de controle por auxiliar os *indigenes da terra*, mesmo que de forma indireta.

Mas Pete Denby o surpreendeu, dizendo: — Que tipo de trabalho? Você precisa de um advogado?

— Ainda não, — Simon respondeu pensativo. — Dois prédios em frente ao Courtyard estão à venda. Queremos alguém para olhá-los e nos dizer se são tocas adequadas. Se os comprarmos, vamos precisar contratar um humano para poder resolver os papéis legais.

— Alguns *indigenes da terra* irão morar fora do Courtyard? — Perguntou Monty. Simon Wolfgard era um líder progressista. Ele tinha aberto algumas lojas para o público em geral e tinha mais funcionários humanos do que qualquer outro Courtyard no Continente. Mas ele se perguntou se o Lobo não estava sendo um pouco progressivo *demais* no momento.

— Não, — disse Simon. — Vamos oferece-los para os humanos que estão sendo expulsos de suas tocas porque optaram por trabalhar conosco ou para nós. Como Kowalski e Ruthie.

Douglas Burke era um grande homem cujos olhos azuis geralmente mostravam uma espécie feroz de simpatia. Mas a expressão nos olhos dele quando se levantou da cadeira atrás da mesa era feroz o suficiente para fazer Simon grunhir em resposta.

— O que!? — Disse Burke.

Simon parou de rosnar e olhou para todos eles. — Kowalski não te disse?

— Eu não ouvi sobre isso, — Burke disse com raiva o suficiente para que Monty sentisse o calor dele. — E quanto a você, Tenente?

— Não, — Monty respondeu. — Eu sabia que algo o estava incomodando. Imaginei que ele falaria para mim quando estivesse pronto.

— Por que não pedir para Kowalski dar uma olhada se ele pode ser uma das pessoas morando lá? — Perguntou Pete.

— Os humanos que moram lá conhecem seu rosto, — disse Simon. — Queremos alguém que não seja conhecido deles, antes que os humanos percebam que o Courtyard quer comprar os prédios.

— Vou cobrar a minha taxa honorária normal, — disse Pete. — Você vai ter um relatório por escrito de cada edifício e apartamento. Tudo bem se eu levar a minha esposa? Ela é o faz-tudo em nossa família.

Simon inclinou a cabeça. — Sua esposa é masculina?

Pete piscou. — Não. Eu só quis dizer que é ela quem gosta de trabalhar com ferramentas e fazer reparos.

— Você tem alguém para cuidar das crianças? — Perguntou Burke.

— Nós podemos ficar com os filhotes, — disse Simon.

Salto de fé, Monty pensou, assistindo a luta de Pete com o pensamento de entregar seus filhos aos Lobos... E tudo aquilo que poderia se tornar curioso para as crianças.

— Tudo bem. Obrigado! — disse Pete. — Amanhã, pode ser?

Simon balançou a cabeça quando puxou um pedaço de papel dobrado do bolso jeans. — Este é o número de telefone da livraria. Ligue para lá quando você estiver pronto para olhar as casas. Aqui estão os

endereços na Avenida Crowfield e os números de telefone das placas de venda.

— Vou marcar uma consulta com o agente de cada propriedade, Eve e eu nos encontraremos com você amanhã.

Monty se perguntou se Simon estava esperando Pete sair antes de dizer-lhes outra coisa que tivesse levado um Lobo para uma delegacia. Havia aspectos do Courtyard que os Outros não compartilhavam de ânimo leve. Por outro lado, se Pete ia fazer alguma pesquisa para eles, ele seria obrigado a cumprir o acordo de confidencialidade cuidadosamente resguardado para o Courtyard.

Simon estudou Pete por um momento, em seguida, virou-se para Burke. — A polícia recebeu a comunicação de procurar meninas deixadas ao lado de estradas?

— Algum tipo particular de menina? — Burke perguntou em voz baixa.

— Meninas com lâminas de prata. Meninas que estão em gestação. — Simon rosnou. — Estrada da morte.

Os olhos de Burke pareciam gelo azul. — Aqui em Lakeside?

Simon balançou a cabeça. — Além de Lakeside e Ilha Grande.

— O quão... Precisa... É a sua informação?

— Enviamos um aviso a todos os *indigenes da terra* em Thaisia por causa do que nos foi dito. Eles já estão procurando. Você é o último da matilha que ouviu o aviso.

— Nós vamos passar a palavra. Tenente?

Monty olhou para Simon e gesticulou em direção à porta. — Eu vou levá-lo para fora.

— Meu cheiro aqui está fresco. Posso encontrar a saída sozinho. — Simon inclinou a cabeça. — Esse é um daqueles momentos, quando uma mulher em uma história diz que vai retocar a maquiagem quando ela na verdade vai fazer xixi?

Pete engasgou.

— Algo assim, — Monty disse com a voz estrangulada. Ele saiu do escritório de Burke. Simon o seguiu.

Monty esperou até que eles estavam fora. — A senhorita Corbyn está bem? É assim que você sabe que essas informações são precisas, porque ela fez um corte?

— Meg está muito bem, mas ela não sabe sobre as meninas ainda. — Simon mudou seu peso de um pé para o outro, um pequeno sinal de ansiedade em alguém que normalmente era ousado e direto. — Os humanos pagavam um monte de dinheiro pelas profecias. Isso fez com que a *Cassandra de Sangue* seja valiosa para os humanos que dirigem os Compostos. Por que eles deixariam essas meninas do lado da estrada?

— As meninas poderiam ter saído por conta própria. Assim como Meg.

— Meg *escapou*. Essas meninas podem dizer à polícia, pode nos dizer que elas querem sair. Elas não têm que fugir e ficarem sozinhas. — Os olhos de Simon estavam cheios de tristeza e aceitação em partes iguais. — Nós não vamos encontrar essas meninas até que já estejam mortas.

— A polícia vai estar lá fora procurando também, e nós vamos salvar o maior número possível. — Monty esperou uma batida. — Algo mais?

— Nada que não possa esperar. — Simon se afastou.

Enquanto Monty observava Simon e Blair saírem, Louis Gresh, o comandante do esquadrão da morte, se aproximou.

— Parece que você acabou de encontrar uma maleta com uma bomba, — disse Louis.

— Perto o suficiente. Mas graças aos deuses, a bomba não está em Lakeside neste momento.

— Algo que eu posso fazer para ajudar?

— Muita coisa. — Juntos, eles voltaram para sala ajudar Burke a enviar os avisos para as delegacias em toda Thaisia.



CAPÍTULO 7

Thaisday, Maius 10

Ele parece triste, Meg pensou quando Simon entrou na sala de triagem e parou quando percebeu que Merri Lee e Ruth estavam com ela. Ele parece zangado e triste.

Ela correu na direção dele. — O que aconteceu? — Quando ele não respondeu, ela olhou para as suas amigas, em seguida, de volta para ele. — Simon? O que aconteceu?

O que você deveria fazer quando um amigo parecia zangado e triste, mas você não sabia o motivo?

— Você é a Guia, — Simon disse. — Você tem respostas, e precisamos de respostas.

— Ele está certo, — disse Merri Lee.

Meg comparou o rosto de Merri Lee com as imagens de treinamento. Pálida. Doente. Chateada.

Ela sabe por que Simon está chateado. É por causa da profecia, por causa da coisa que ela não queria me contar.

Ruth, por outro lado, parecia preocupada, mas ela não parecia *saber*.

— Isto foi o que descobrimos. — Merri Lee colocou uma série de fotografias sobre a mesa de triagem. — Meg criou um quadro de coisas tangíveis que atua como uma âncora e a impede de ser oprimida por estímulos visuais e auditivos. O quadro é uma combinação de grandes coisas, como grandes escolhas e escolhas menores, como onde o leitor de CD está e a pilha de CDs que são colocadas sobre o balcão. Estas são as coisas constantes que não podem mudar, porque Meg precisa contar com eles, saber exatamente onde estão.

— É como a mobília no quarto de Meg no Composto, — começou Ruth.

— Celas, — Meg disse firmemente. — Elas eram chamadas de celas. Eram trancadas por fora, e nós só tínhamos o que os *Aqueles Com Nomes* nos permitiam ter.

Ruth assentiu para indicar o entendimento. — O conteúdo das celas não se alterou durante o tempo que a menina morava no Composto. Nós pensamos que a falta de mudança está em relação com todas as novas imagens e os vídeos que foram mostrados às meninas como parte de seu treinamento para descrever as visões.

Meg não adicionou sua especulação pessoal: que a esterilidade das celas permitia que as meninas pudessem estudar as imagens e as tornavam mais dispostas a se cortarem a fim de experimentar *algum* estímulo. O vício ainda estava lá, o desejo da navalha e como a euforia a fazia se sentir. Ainda era um mecanismo de sua mente para protegê-la das visões, mas a euforia não era tão intensa quanto às sensações que estava sentindo há alguns meses. Ou talvez ela quisesse acreditar que havia muitos outros tipos agradáveis de estimulação agora.

Algo que ela precisava pensar um pouco mais.

— Não podemos dizer se é por causa do treinamento ou simplesmente como os seus cérebros funcionam, mas pensamos que, como absorvem *tudo* ao seu redor, as profetisas sofrem uma sobrecarga de informações muito mais rápido do que outras pessoas, e elas acabam saindo do ar, a fim de dar as suas mentes um descanso, — disse Merri Lee.

Meg poderia dizer pela forma como as orelhas de Simon estavam um pouco peludas, mais na forma do Lobo, que ele estava ouvindo tudo o que elas estavam dizendo, mas ela não tinha certeza se ele entendia o que estavam dizendo.

— Quando os filhotes são jovens, eles têm que absorver tudo com grande intensidade a fim de aprender sobre o mundo, — ele disse. — As coisas constantes são a matilha e a toca.

— O que acontece quando os seus pequenos cérebros se cansam?
— Perguntou Merri Lee.

Simon estreitou os olhos para Meg. — Eles se enroscam e tiram uma soneca.

Meg estreitou os olhos de volta para ele. Ele não parecia impressionado. — Bem, os humanos não são construídos para dar esses pequenos cochilos rápidos durante todo o dia.

Seu único comentário foi um bufo que disse a todas elas o que ele pensava dessa *falha* humana.

— O principal é que, — Ruth disse, — nós tentamos determinar o que se torna uma constante e o que é aceitável, mesmo quando acontece a mudança.

Merri Lee apontou para as fotos novamente. — Por exemplo, um vaso de flores pode ter ou não ter flores. Um vaso com flores é *diferente*, mas não causa ansiedade. A porta de acesso ao quintal de Henry poderia estar aberta ou fechada. Poderia haver comida na geladeira, sim ou não. Mas Meg *escolheu* onde colocar os CDs, e se alguém muda o posicionamento, Meg se sente chateada.

— Pelo que ela nos disse, a maioria dos dias se igualam ao sentido de um *pouco* chateada, — Ruth continuou. — Mas um pouco de desconforto, e um pequeno desconforto no topo de uma enxurrada de novas imagens pode forçar uma profetisa de sangue para o corte, a fim de aliviar a pressão emocional de se sentir sobrecarregada.

Simon olhou para Meg e rosnou. — As coisas nem *sempre* estão mudando no Pátio.

— Sim, — ela disse esperando que pudesse fazê-lo compreender. Torcendo para que ele mantivesse sua promessa de deixá-la ter uma vida até ter o corte que a matasse. — Todos os dias quando eu faço as minhas entregas, o Courtyard parece diferente. Mas é um diferente bom, um diferente natural.

— E Meg o vê como uma imagem ativa, — disse Merri Lee. — Nós pensamos que é parte dela. Como dirigir pelo Pátio, ou caminhar ou

andar, quando Meg é passageira, ou uma participante ativa em movimento, uma imagem mutável. A terra muda com as estações...

— Mas meu apartamento não muda, — Meg terminou. — O mobiliário permanece no mesmo lugar, a menos que eu mude alguma coisa.

Simon começou a coçar atrás da orelha. Então seu rosto coloriu quando percebeu que suas orelhas estavam como de Lobo. E mudou os seus ouvidos de volta à forma humana.

— Não há um monte de coisas no seu apartamento, — ele disse. — Não há muito móveis. Nós não precisamos de muito... — Ele parou.

— Nem eu, — disse Meg. — Nem as outras meninas.

— Então... Mais como uma vida *Simple Life* do que como a caçada por tesouros dos Corvos?

Ela não tinha visto nenhuma dessas coisas, apenas lhe parecia reconfortante. — Se a colônia *Simple Life* é mais como os nossos apartamentos, então sim, desse jeito.

— O problema imediato é que as meninas estão morando na Ilha Grande, certo? — Perguntou Merri Lee.

Simon hesitou, depois assentiu com a cabeça, deixando Meg se perguntando quem mais precisava de ajuda.

— Quem está cuidando das meninas deve tirar de suas salas as informações visuais estranhas, as imagens nas paredes, as estatuetas das mesas, coisas assim, — Ruth disse. — Eles podem tirar fotos de todas essas coisas e fazer uma pasta de imagens. Talvez permitir que cada menina olhe para essas imagens e selecione um punhado de itens que ela gostaria de ter em seu quarto, em seguida, deixá-la posicioná-los. Mas quando ela tiver o quarto de seu jeito, *não pode mudá-lo*, a menos que seja *ela* a fazer a mudança.

— Além disso, tire uma foto de cada quarto como referência para os adultos para que eles inadvertidamente não mudem alguma coisa, — disse Merri Lee. — Mesmo uma pequena diferença, como colocar um livro em uma prateleira diferente pode ser desorientador para essas

meninas. Foi o que todos nós aprendemos quando mudei uma pilha de CDs hoje mais cedo.

— Rotina, — Ruth disse. — Flexibilidade não fazia parte dos cuidados ou formação no Composto. Tudo o que é diferente é estressante para as meninas.

— Alguém poderia fazer uma pasta chamada — *Nossa Aldeia* ou *Porto Ferryman*, — acrescentou Merri Lee. — As meninas podem estudar as imagens antes do tempo, e seu professor ou cuidador pode discutir o que mais elas podem ver, como os carros em movimento na rua ou as pessoas andando de bicicleta. As imagens estáticas combinadas com uma imagem em movimento. Em seguida, elas podem sair como uma aventura, para ver as coisas por si mesmas.

Simon focou em Meg. — Você não teve essas coisas.

— Mas eu tenho uma rotina que molda os meus dias. E eu não preciso de um guia para o Pátio porque eu estou familiarizada com a maioria das estradas e os edifícios agora. — Ela não iria lembrar-lhe que ela não esperava sobreviver mais do que algumas semanas, então ela tinha se empanturrado de imagens e experiências, determinada a viver enquanto pudesse.

E ela não iria dizer-lhe que muitas vezes era o seu medo do que o cheiro de sangue poderia fazer com os instintos predatórios que a impedia de fazer um corte mais frequentemente do que fazia.

— Isso pode ajudar? — Ele perguntou.

— Isso pode ajudar.

— Você vai me dizer por que está zangado e triste?

Ele olhou para Merri Lee, em seguida, olhou para Meg, e gemeu baixinho. — Algumas das profetisas de sangue não deixaram os Compostos. Você as viu andando sozinhas perto das estradas. E algumas delas...

Meg entendeu então por que Merri Lee não quis dizer a ela o que tinha visto naquela manhã. — Eu vi as imagens que indicavam que algumas delas iriam morrer.

— Sim. Mas os *indigenes da terra* estão procurando essas meninas agora. Incluindo a polícia. Vamos encontrá-las, Meg. Vamos encontrá-las e levá-las para um lugar seguro.

Quantas meninas ela tinha visto? — Onde você vai levá-las?

— Para as aldeias Intui ou para os assentamentos dos *indigenes da terra*, — disse Simon. — O que estiver mais próximo do local onde vamos encontrá-las. — Ele fez uma pausa. — O que devemos fazer quando encontrá-las?

O que teria me ajudado se eu estivesse sozinha e com medo, se eu tivesse sido encontrada por estranhos?

— Imagens, — disse Meg. Merri Lee e Ruth assentiram vigorosamente. — Diga às meninas o que está acontecendo. Diga-lhes onde estão e para onde elas estarão sendo levadas. Todas nós temos imagens gerais sobre a viagem. Diga-lhes a sequência para que elas possam recordar as imagens de treinamento que combinam. Então se você puder, *mostre-lhes* uma imagem do lugar onde será seu novo lugar seguro.

Os braços dela de repente se arrepiaram tanto que eles queimavam, mas ela não se atreveu a esfregar sua pele. Simon reconheceria o aviso de uma profecia. Assim como Ruth e Merri Lee. Elas sabiam que ela hoje não deveria se cortar novamente depois de se cortar esta manhã, e Simon já estava chateado. Ela não queria pensar em como ele iria uivar e rosnar se ela tirasse a navalha pela segunda vez em um dia.

— Eu tenho que ir, — Simon disse. — Os demais *indigenes da terra* precisam saber essas coisas.

— Assim como os policiais envolvidos no resgate das meninas, — disse Ruth. — Você deveria chamá-los também.

Ele mostrou os dentes para mostrar que não gostava que ninguém lhe desse alguma ordem, mas os dentes estavam no tamanho humano, então ele deve ter pensado que Ruth estava certa. Então provavelmente a verdadeira razão dele rosnar para ela e dizer foi: — Você tem que escrever isso para o *Guia*.

Antes que alguém pudesse protestar, ele saiu da sala de triagem e bateu a porta de trás ao sair do escritório.

— Bem... — Merri Lee estalou.

— Eu acho que devemos começar a escrever *O Guia de Idiotas para as Profetisas de Sangue*, — Meg disse.

Depois de um momento, Ruth assentiu. — Sim, nós deveríamos. E eu acho que devemos encontrar alguém que possa desenhar para que possamos adicionar um desenho quando Meg apontar itens importantes.

— O quê? — Meg gritou.

— Um desenho da Meg que poderia ser chamado de: *Meg, A Guia*, — disse Merri Lee. — E ela poderia fornecer dicas que outras meninas iriam achar úteis.

— Eu acho que não devemos chamá-los de *Idiota*, — disse Ruth. — Talvez só: *O Guia para as Profetisas de Sangue*.

— Sim, — Meg sussurrou. Um zumbido doloroso sob a pele deixou um formigamento em seus dedos. Em seguida, também se foi. — Um guia para as meninas, bem como as pessoas que tentam ajudá-las.

— Tudo bem. — Merri Lee bateu palmas. — Vamos ver se podemos usar o computador na sala da Associação de Empresas para escrever estas primeiras notas. Para quem devemos pedir permissão? Vlad ou Tess?

— Qualquer um que encontramos primeiro? — Disse Ruth.

— O escritório precisa ficar aberto por mais algum tempo, — disse Meg. — Vão em frente e comecem.

— Você vai ficar bem aqui?

— *Arooeooooooo! Arooeooooooo!*

Meg suspirou quando o choramigo do Skippy soou do lado de fora da porta de entrega da sala de triagem. — Eu vou ficar bem, vou acompanhar vocês.

— Você não vai deixá-lo entrar? — Merri Lee perguntou.

— Não até que eu tenha certeza que ele não está tentando roubar um rato do escritório, — Meg respondeu. — Especialmente já que Nathan não está aqui para farejá-los.

Seus amigos humanos correram para a porta traseira da Bite. O Lobo juvenil, sem todos os seus *brinquedos peludos*, entrou no escritório.

Meg pegou com cuidado as fotos que Ruth tinha tirado de suas experiências, pensando sobre o tom de vozes das outras meninas quando falavam sobre *O Guia*. Não sabia de qualquer coisa ruim que estivesse acontecendo com outra *Cassandra de Sangue*, mas essa era uma distração, um esforço para ajudar.

E isso era um tipo diferente de referência. Uma referência de *Vida*.

Meg rotulou aquela memória de áudio como “animando um amigo”.

Parado na janela do andar superior, pois lhe dava uma visão da área pavimentada atrás das lojas, Simon observou quando Merri Lee e Ruthie passaram para a Bite, enquanto falava com Steve Ferryman ao telefone.

— Elas não disseram que você tinha que remover o papel de parede dos quartos, apenas as coisas extras que deixam o quarto parecendo cheio, — ele disse quando Steve parou por um momento. E por que os humanos colocavam papel em paredes de qualquer maneira?

— Será que se remover tudo dos quartos, essas meninas terão algum tipo de trauma apenas por manter o mais essencial nos quartos?
— Perguntou Steve.

— Não, elas não têm certeza. Elas apenas me *disseram* o que pode ajudar os filhotes de profetisa de sangue. Eu tenho que ir. Mais chamadas para fazer.

— Obrigado por isso. Sêrio.

Simon terminou a chamada, em seguida, caminhou até a mesa no escritório da HBL. Inútil escrever e-mail. As matilhas estavam lá fora procurando. Provavelmente seria inútil ligar e deixar mensagens nos telefones. Mas alguns Lobos usavam um colar que tinha uma bolsa de

couro anexado a fim de levar um celular ou algum outro item humano. Um uivo viajava por quilômetros e não dependia de postes e linhas ou torres metálicas para levar as mensagens. Um uivo viajava de Lobo para Lobo, fornecendo informações para todos dentro do alcance. Mas a polícia não iria reconhecer um uivo! — Eles precisariam de um telefonema.

Ele ligou primeiro para a matilha de Jackson, falando tudo o que Meg tinha lhe dito em uma frase: *Tratem todas as profetisas de sangue como filhotes que não sabem nada e têm medo de tudo.*

Não era provável que qualquer uma dessas meninas fosse encontrada perto de *Sweetwater*, uma área no Noroeste que continha uma aldeia Intui na localidade dos *indigenes da terra*, onde Jackson vivia. Algumas semanas atrás, um bloqueio simples foi criado na estrada que conduz a essa área depois que uma aldeia humana havia sido contaminada com *Nocauté de Lobo*, uma droga feita a partir do sangue de uma *Cassandra de Sangue*. Ninguém poderia ter deixado às meninas ao longo daquela estrada sem que os Outros não soubessem disso.

O telefone tocou debaixo da sua mão, assustando-o o suficiente para gritar com a pessoa do outro lado. — O que!

— Simon?

— *Joe?* — Algo errado. Terrivelmente errado. Chutado por um bisão, costelas cedendo...

— Nós achamos... nós não sabíamos... — O uivo de dor de Joe fez Simon saltar.

— Você encontrou algumas das meninas? — Estrada da morte. Nem todas aquelas meninas teriam a força e o desejo de sobreviver de Meg. Foi por isso que Joe estava de luto?

— Um pouco. Elas estão pesadas com os filhotes. Quase *todas* tiveram filhotes.

Quando os *indigenes da terra* atacaram o Composto, não tiveram o conhecimento de fêmeas em gestação. Havia filhotes com idade suficiente para escolaridade, sim, mas nenhuma mulher carregando filhotes.

Será que as fêmeas reprodutoras eram mantidas em um local diferente das meninas que eram cortadas? — O que mais?

— Nós descobrimos que os filhotes estão mortos, — Joe choramingou. — Simon, eles mataram os filhotes.

Uma dor horrível atravessou Simon. Memórias de sua irmã Daphne depois de ter sido baleada. Memórias de encontrar Sam encolhido, suas pequenas patas cobertas de sangue de sua mãe. Memórias de Meg na primeira vez que a tinha visto, tropeçando na Howling Boas Leituras meio congelada e à procura de um emprego.

— Os filhotes? — Ele mal conseguia formar as palavras humanas.

— Muitos *indigenes da terra* que estavam procurando as meninas só estavam ligados nas meninas, alguns Outros estavam na forma humana procurando. O Eaglegard e Hawkgard viram alguns humanos jogando sacos ruidosos em um lago muitas vezes, mas eles não entenderam. Eles só pensaram que os humanos eram estúpidos em sujar o seu próprio abastecimento de água. No momento em que alguns dos Crowgard voaram pelo lago e reconheceram os sons vindos de um dos últimos sacos... reconheceram o grito de um *bebê*... tarde demais para salvar qualquer um deles.

Será que eles fizeram isso com Meg? Será que eles a produziram em algum tipo de fazenda de exploração agrícola, como gado? Será que eles jogam os filhotes no lago, se são do sexo masculino e inúteis para profecias?

Limpeza da casa. Não é isso que os humanos chamavam quando queriam evitar as punições por algum delito? Limpeza da casa. Destruir as evidências que mostraria a todos eles que eram ruins, mesmo para os seres humanos.

Talvez devêssemos fazer uma pequena faxina também.

Ele não tinha certeza do que mais disse a Joe, ou o que Joe lhe disse antes de terminar a ligação, com a promessa de enviar informações sobre como manter as meninas resgatadas com vida.

Humanos. Ele tentava conviver, trabalhar com eles, até mesmo ajudar alguns deles.

Neste momento, tudo o que ele queria era se livrar deles antes que eles ferissem Sam. Antes de machucarem Meg.

Ele podia, e iria, livrar o Pátio da doença chamada *humanos* antes que contaminassem os *indigenes da terra*, antes que eles tentassem mudá-los. Ele era, afinal, o Lobo dominante, o líder.

Ele desceu. John Wolfgard deu uma olhada nele e se encolheu.

Simon pegou as chaves do bolso e calmamente fechou a porta da frente da HBL.

Sem poder escapar da direção.

— Simon? — A voz de Vlad. Afiada. Quase um desafio.

— Todos os seres humanos serão banidos do Pátio. Eu não quero vê-los, ouvi-los, cheirá-los.

— O que aconteceu? — A voz de Tess agora ara afiada.

Simon se virou e sentiu a fúria explodir nele quando viu Merri Lee e Ruthie de pé ao lado de Tess, cujo cabelo estava enrolado com mechas ficando rapidamente pretas e vermelhas.

Ignorando o aviso visual de Tess, Simon correu para as meninas, as mãos se deslocando para acomodar as garras de Lobo.

— Macacos imundos! — Ele gritou com elas. Saliva escorria de sua boca. Ele bateu em Vlad quando o vampiro se colocou entre ele e as meninas. — Imundos; macacos gananciosos! Os filhotes como Meg não são algo que se deve afogar como um saco de gatinhos! Mas isso é o que vocês fazem, não é? Vocês destroem qualquer coisa para conseguir o que querem; qualquer coisa que não seja exatamente como vocês!

Ele quase se esquivou de Vlad quando saltou para atacar Merri e Ruthie. Ele poderia ter sobrevivido a Tess. Mas mãos grandes, e os braços peludos de Henry o seguraram, levantando-o do chão, para que tudo o que ele pudesse fazer era lutar e explodir de raiva.

— Saiam, — disse Vlad, empurrando as meninas em direção à porta dos fundos. — Saiam do Courtyard e fiquem longe até que eu possa chamá-las.

— Mas eu moro nos apartamentos... — começou Merri Lee.

— Encontre outro lugar esta noite, — Vlad estalou.

— Dê-lhe dez minutos para embalar algumas roupas, — Tess disse. — Ruthie pode correr para o Três Ps e dizer para Lorne fechar, em seguida vá ao consultório médico e fale com Theral.

Simon uivou. As presas estavam fugindo!

— Vão! — Disse Tess.

As meninas correram em direção à parte de trás da loja, mas Merri Lee voltou. — E quanto a Meg?

<Meg é nossa!> Simon gritou.

— Nós vamos cuidar de Meg e mantê-la segura, — disse Vlad, observando Simon. — Vão.

Simon ofegava. Difícil respirar. As presas foram embora. Nenhum ponto em lutar com o urso agora que a presa tinha ido embora.

— Simon.

A porra do vampiro estava em seu rosto novamente. Morda-o!

— Com quem você falou? — Vlad perguntou em voz baixa. — Simon? Quem lhe contou sobre os filhotes de Meg?

Não eram os filhotes de Meg, mas poderiam ter sido.

Sua boca não poderia moldar a fala humana. <Joe os encontrou...> Sem a fúria, ele se sentia doente e cansado demais para lutar com Vlad e Henry.

Henry o arrastou até o quarto da Associação de Empresas. Incapaz de suportar estar na pele humana suja por mais um momento, Simon arrancou suas roupas e mudou totalmente para Lobo. O alívio foi quase doloroso.

Ele curvou-se e estudou Henry, que estava de guarda na porta.

<Meg?>, Ele perguntou.

<Nós vamos cuidar de Meg,> Henry respondeu. <Você pode vê-la quando estiver mais calmo.>

Henry não iria mentir. Com os humanos fora do Courtyard, Meg estaria segura.

Simon fechou os olhos. À deriva em um sono inquieto, ele sonhava com Meg caindo no gelo no Courtyard de Creek, sob o peso de sacos que choravam e gritavam.

Vlad desligou o telefone com cuidado exagerado... E se perguntou quanto tempo Tess estava parada na porta.

— É ruim? — Ela perguntou.

Ele entendia matar para comer, para sobreviver. Ele entendia matar um inimigo. Ele entendia matar para proteger a família e casa.

Mas ele não entendia isso. Ele não tinha certeza se havia qualquer tipo de *indigene da terra* que poderia entender isso.

Uma chance ele pensou, pegou o telefone e discou. *Uma chance para nos mostrar que não são todos monstros.* — Entre para que possa ouvir. Eu prefiro não repetir isso mais vezes do que o necessário.

Monty entrou no escritório de Burke para perguntar se o homem queria uma xícara de café, mas o capitão estava ao telefone, seu rosto imóvel e pálido.

Recuando, Monty esbarrou em Kowalski, que agarrou seu braço e puxou-o para sua própria mesa, onde os oficiais Debany e MacDonald esperavam por eles, juntamente com Louis Gresh e Pete Denby.

— Ruthie ligou, — Kowalski disse, falando tão baixo que os outros homens tiveram que se inclinar para ouvi-lo. — Alguma coisa aconteceu, e foi algo muito ruim, mas as meninas não sabem o que é. Simon Wolfgard acabou de banir *todos os humanos* do Pátio. Ele estava parecendo um louco, ele tentou atacar Merri Lee e Ruthie.

O coração de Monty bateu contra seu peito. *Mikhos, espírito guardião, por favor, poupe-nos de ter que preencher um formulário de Localização Desconhecida por falecimento de qualquer uma destas meninas.* — Elas estão bem?

— Sim. Tess, Vlad e Henry interviram. Neste momento, as outras duas meninas estão com Ruthie no nosso apartamento. Merri Lee vai ficar com a gente hoje à noite. Lawrence pode pegar Theral após o seu turno.

— Obrigado, — disse MacDonald.

Pete olhou para o resto deles. — Isso é por causa das meninas que todo mundo está procurando?

— Ruthie não sabe, mas pode ser. — Kowalski respondeu.

— Os Outros sabiam sobre aquelas meninas antes de nós, — disse Monty. — Wolfgard não teria perdido o controle horas mais tarde, por isso tem que ser...

— Senhores, — Burke disse de sua porta do escritório. — Aqui. O último feche a porta.

Monty entrou primeiro. Pete Denby entrou por último e fechou a porta.

— Eu recebi dois telefonemas. O primeiro foi de um contato do departamento de polícia do Noroeste. — Burke deu-lhes um sorriso frio. — As meninas que a polícia e os Outros estão procurando? Elas estavam grávidas. Todas as meninas que foram encontradas até agora estavam grávidas, e algumas delas estavam em trabalho de parto quando foram encontradas.

— Deuses, elas devem estar aterrorizadas, — disse Monty.

— Morrendo de medo. Literalmente, em alguns casos. Parece que as meninas sofreram lavagem cerebral para acreditar que a polícia iria bater nelas até que perdessem seus bebês. E que os Outros vão comê-las. Elas estão fugindo de ajuda e algumas meninas morreram como resultado.

Monty estudou o rosto de Burke. — Isso não é o pior. Não foi isso que empurrou Simon Wolfgard para o limite a pouco tempo atrás.

— O segundo telefonema foi de Vladimir Sanguinati. — As mãos de Burke se fecharam em punhos. — A maioria das pessoas preferia não saber sobre as leis que permitiam a posse benevolente. E até mesmo algumas pessoas não pensavam que os seres humanos seriam capazes

de manter outro ser humano com dificuldades em Compostos especiais para seu próprio bem. Como as pessoas vão tentar justificar não só a reprodução daquelas meninas com problemas, mas também a eliminação da prole indesejada? Sim senhores, aparentemente, alguns desses Compostos também têm as suas próprias fazendas de criação. Não poderiam ter esse pequeno segredo sendo descoberto, poderiam?

— As *Cassandra de Sangue* são todas as meninas, — disse Monty.
— Existe um orfanato para os bebês meninos?

— Eliminação, Tenente, não adoção. Foi o que os *indigenes da terra* descobriram durante a busca dessas meninas. — Lentamente, com esforço, ele forçou suas mãos para se abrirem. — As pessoas responsáveis por *reproduzir* essas meninas como gado disponível e processado com o *apoio* da nossa lei. As meninas, e quaisquer bebês sobreviventes, precisam ser encontrados e salvos. As fazendas de criação precisam ser encontradas e fechadas. Tenente, eu estou dividindo sua equipe. Cada homem vai se emparelhar com outro Oficial da Estação. Dessa forma, haverá um homem em cada carro que tenha tido relações com os Outros. Você sai para as fazendas ao redor de Lakeside. Vão verificar os celeiros, as dependências. Vocês farão notas de qualquer edifício que possa abrigar essas meninas. Se vocês tiverem problemas, devem ligar para pedir apoio, ou disparar um par de tiros no ar. Foi-me dito que iram receber um tipo diferente de ajuda.

— Capitão? — Perguntou Kowalski. — Você acha que vamos encontrar alguma coisa?

— Não, eu não acho. Mas vamos procurar de qualquer maneira, a fim de tranquilizar *todos* os cidadãos de Lakeside.

Pete Denby limpou a garganta. — Essas meninas. As que moram por aqui. Elas precisam de um advogado?

— Não no momento, — Burke respondeu. — Mas é bom saber que você está disposto a defendê-las nessa qualidade. — Ele andou em direção à porta. — Vamos fazer isso, senhores.

— Você vai sair para procurar? — Monty disse. O Capitão não deve permanecer na Estação para coordenar com as outras delegacias, outros Capitães? Com o comissário e o prefeito?

— Ah, sim. Vou sair para procurar. Vou manter o meu celular ligado para que possam me alcançar no campo. — Burke abriu a porta do escritório e saiu.

Monty e os outros homens correram para alcançá-lo.

Meg. Os filhotes.

Simon se levantou e se pôs de pé.

O grunhido de advertência de Henry o convenceu a ficar parado.

Ele estudou o Grizzly, cujas mãos estavam peludas e com garras. Henry poderia fazer uma série de prejuízos com aquelas garras.

Agora ele odiava a forma humana. Neste momento, ele pensou que seu coração iria rasgar se tivesse que usar essa pele. Mas ele achava que Henry não o deixaria sair da sala da Associação de Negócios enquanto estivesse em forma de Lobo, então ele mudou. Ele puxou a calça de brim, em seguida, ponderou os rasgos na camisa de malha que estava vestindo. Seriam as garras do Urso ou as garras afiadas do Lobo que fizeram isso?

— Eu não ia morder qualquer uma delas. — Sua voz soava áspera, como se seu corpo estivesse resistindo à mudança para humano.

— Você ia.

Vergonha era uma sensação estranha. Apesar de humanas, ele gostava de Ruthie e Merri Lee. Mais importante, Meg gostava delas. Ele estava com tanta raiva de *todos* os macacos por ferirem as meninas como Meg. E ele sentiu medo de que se ao usar a forma humana, tanto quanto ele usava, tentando entendê-los e tendo muito contato com eles, ele poderia absorver esse aspecto terrível dos humanos.

— Meg sabe... — Ele engoliu em seco, não conseguia dizer as palavras.

— Ainda não. — Henry trocou as mãos de volta à forma humana.
— Meg não está em perigo. Nós pensamos que era melhor espalhar a palavra aos *indigenes da terra* que estão à procura das meninas para que eles saibam o que procurar se alguns humanos chegarem perto da água.

— Alguém já contatou Jackson Wolfgard ou Roy Panthergard?

— Você esteve dormindo apenas por alguns minutos, tempo suficiente para Vlad descobrir por que você estava tão irritado, e alguns Outros dizerem no Pátio antes de começar a contatar o Sanguinati para dar-lhes esta nova informação.

— Vou ligar para Jackson e Roy.

Henry mergulhou a mão no bolso e estendeu um celular. — Não sei onde o seu celular está. Vlad está usando o telefone no escritório da HBL, então você pode ficar aqui e usar o meu telefone. Vou descer e usar o telefone na loja. Fazer algumas chamadas para o Beargard.

Ficar neste quarto seria mantê-lo fora da vista e mantê-lo longe de qualquer ser humano.

Simon pegou o telefone. — Eu nunca morderia Meg.

— Eu sei disso. Mas enquanto estiver aqui, você não vai ter que falar com Tess. Agora isso é melhor para todos nós.

Ele esperou até que Henry saísse da sala. Ele não ligou para Jackson ou Roy. A primeira ligação que ele fez foi para gabinete do Liaison para falar com Meg. Mas a linha estava ocupada, então ele não teve o conforto de ouvir a voz dela.

Suspirando, ele ligou para Jackson para dizer-lhe o que mais os seres humanos faziam uns aos outros.

Meg agarrou o receptor do telefone tão forte que machucou sua mão. — Eu não sei o que aconteceu. Foi parte das visões que tive? — Ela fez o corte naquela manhã. Parecia que se passaram dias desde então.

— Não, — Merri Lee disse. — É por isso que não entendemos o que aconteceu. Um minuto Simon está dizendo que nós três deveríamos trabalhar juntas no *Guia*, e no minuto seguinte ele está chutando todos os humanos, exceto você, para fora do Pátio. Ruth e eu estamos conversando, mas não conseguimos descobrir o que fizemos para perturbá-lo.

— Vou tentar descobrir.

— Tenha cuidado. — Uma pausa. — Aquela droga, *Nocaute de Lobo*, ele poderia ter tomado, mesmo que acidentalmente?

— Não — Considerando que a droga era feita a partir do sangue de uma *Cassandra de Sangue*, ele teria que tê-la *mordido* ou a alguém que tinha tomado a droga. Se ele *tivesse* mordido alguém que tinha tomado a droga, haveria algum humano agindo de forma violenta e louca também, e se fosse esse o caso, haveriam Lobos e Sanguinati enchendo o escritório para protegê-la, ou eles a estariam apressando para voltar para o seu apartamento.

— Tem certeza de que vai dar tudo certo ficando aí? — Perguntou Merri Lee.

— Tenho certeza.

Meg colocou o receptor na base. Alguém sabia por que Simon quase mordeu as meninas, mas quem lhe diria? Não Vlad ou Tess ou Henry. Eles diriam alguma coisa? Paredes de pedra. Sim. Eles seriam paredes de pedra, porque, mesmo que tivessem intervido para salvar Ruth e Merri Lee, Simon ainda era o líder do Pátio, e eles protegeriam o líder, dando-lhe uma chance de falar por si mesmo. Jester Coyotegard poderia saber, e lhe diria apenas para causar um pouco de malícia, mas ela tinha certeza que ele não iria dizer a ela pelo telefone, e ela teria que fechar o escritório para dirigir até o Pony Barn.

Mas havia outros moradores que geralmente sabiam o que estava acontecendo no Pátio, e *estariam* na loja na Praça do Mercado.

Meg arrancou uma página do bloco de papel que Merri Lee tinha deixado no balcão. Ela procurou em algumas gavetas antes de encontrar um marcador de linha grossa e um rolo de fita adesiva transparente. Então ela fez uma pausa para considerar o que estava prestes a fazer.

Ela ainda não tinha ido para o Sparkles & Junk. Muitas outras coisas aconteceram no Pátio ao longo dos últimos meses. Muitas outras coisas para ver apenas em sua rotina diária. Ela gritou com Merri Lee por mover a pilha de CDs, uma clara indicação de que ela precisava de algum tempo de silêncio antes que tentasse lidar com qualquer outra coisa. E com tantos dos Outros já despertando alguma coisa, ter um *episódio* agora poderia causar um monte de problemas.

Bem, ela não teria um *episódio*, pelo menos até que ela chegasse em casa e pudesse se esconder de todo mundo.

Ela escreveu *Volto em dez minutos* no papel, e prendeu na porta da frente do escritório, e correu para a porta de trás, indo na direção da Praça do Mercado.

Geralmente havia alguns *indigenes da terra* pegando um pouco de comida no açougue ou no supermercado. Havia normalmente alguma atividade com músicas e filmes na biblioteca. Hoje a praça estava vazia, parecia abandonada.

Apressando-se para a Sparkles & Junk, Meg sentiu alívio ao encontrar a loja aberta, até que ela entrou. A loja gerida pelos Corvos era uma explosão visual de cores e formas amontoadas.

Isso foi um erro, Meg pensou, segurando o batente da porta para apoio. Em seguida, ela se concentrou em Crystal, que estava atrás de um balcão de vidro na parte de trás da loja.

— É a nossa Meg. — Penas surgiram sobre a cabeça de Crystal, um sinal claro de perigo.

Ela não quer me ver hoje, não quer ser aquela a deixar escapar o que quer que estejam escondendo de mim. Apenas a minha presença aqui é perturbadora. Não posso perguntar e não posso me retirar sem causar um tipo diferente de problema.

Mantendo os olhos focados em Crystal, de modo que não seria sobrecarregada pelo resto da loja, Meg foi até o balcão e forçou-se a sorrir.

Crystal olhou em direção a uma porta com cortinas atrás dela. — Jenni e Starr estão fazendo telefonemas. A nossa Meg precisa de algo? — Mais penas no lugar de cabelo.

— Eu estou aprendendo a estar em um lugar onde tenha um monte de coisas. Para ajudar outras *Cassandra de Sangue* para que elas possam entrar em lojas também. — Não era uma mentira, apenas não toda a verdade.

— Oh. — Crystal olhou em volta. — Temos um monte de tesouros. Não tantos como antes, mas ainda temos muitos. Você quer olhar?

Meg olhou para a prateleira onde podia ver através do vidro e se sentiu tonta. Deveria haver uma pasta inteira de imagens apenas para essa prateleira! — Não. Eu não posso olhar para muitas coisas ao mesmo tempo.

As penas na cabeça de Crystal suavizaram em uma posição mais relaxada. Ela pegou uma tigela de vidro verde e a colocou na frente de Meg. — Talvez isso? — Ela mergulhou a mão na tigela e veio com um punhado de moedas brilhantes. — Eu gosto de mantê-las e vê-las brilhar quando elas caem de volta na tigela. Você pode experimentar.

Para agradar sua amiga, Meg mergulhou a mão na tigela. Moedas brilhantes. Crystal deve ter passado horas dando polimento em tantas moedas. Ou ela apenas mantinha as moedas que já estavam brilhantes?

— Essa foi boa. Obrigada, — Meg disse quando a última moeda caiu na bacia. Ela começou a se virar, preparando-se para a provação de uma caminhada até a porta.

— Espere. — Crystal correu para uma das mesas e vasculhou uma cesta. Ela correu de volta para Meg e estendeu a oferta. — Eu não tenho o tipo certo de corda. Blair poderia ter. Você poderia perguntar. Ele não iria rosar para *você*.

Claro que ele iria.

Meg pegou o pedaço oval facetado de vidro, sem saber o que fazer com ele.

— Você pode pendurá-lo em uma janela e o arco-íris vai dançar em seu quarto!

— Isso é maravilhoso. Mas eu não trouxe nenhum dinheiro.

— Esta é a sua primeira caça ao tesouro. Você deve mantê-lo, como um presente.

— Um cristal de Crystal. Obrigado.

— A nossa Meg está voltando para o escritório agora?

— Sim. Mas eu poderia ficar sentada na Praça do Mercado por um minuto antes de entrar.

Quando ela escolheu um banco na praça, Meg se perguntou quantos dos Outros saberiam exatamente onde ela estava no momento em que Crystal terminasse de veicular a notícia sobre a sua primeira caça ao tesouro.

Vlad observou Meg se apressar em direção à Praça do Mercado. Incomum para ela quebrar sua rotina. Claro, todos estavam quebrando um monte de coisas que foram cuidadosamente estabelecidas ao longo de meses, até mesmo anos. Ele não teria ficado surpreso se quaisquer um dos Outros Lobos tivessem perdido o controle com as meninas hoje, mas Simon? O líder que, esta manhã, tinha falado sobre a compra de edifícios para fornecer casas para essas mesmas meninas?

Voltou-se para a mesa, preparando-se para ler as mensagens de correio eletrônico que tinham começado a derramar quando as profetisas de sangue foram encontradas em outras partes de Thaisia, vivas ou mortas. Em seguida, ele ouviu um carro parar na área atrás da loja e olhou para fora da janela para ver quem era tolo o suficiente para vir aqui hoje.

Carros de polícia.

— Bem-aventurada Thaisia, — ele murmurou enquanto corria para fora do escritório, descendo as escadas, saindo da porta traseira da HBL.

Três policiais que trabalhavam com o Tenente Montgomery para manter a paz entre os seres humanos que viviam em Lakeside e no Pátio. Karl Kowalski, parceiro de Montgomery e companheiro de Ruthie, tinha o cabelo escuro e olhos castanhos. Os outros dois, Debany e MacDonald eram loiros em um tom mais escuro, ou cabelo castanho claro e olhos azuis e tinham quase a mesma altura e constituição.

Um par que combinava, Vlad pensou enquanto caminhava para o carro e o homem que saiu dele. Até recentemente, Debany e MacDonald não estiveram ao redor do Pátio, tanto quanto Kowalski e Montgomery, por isso nem sempre eram fáceis distingui-los a menos que você fosse um Lobo, que além de reconhecer o cheiro de cada sexo masculino, eles também sabiam qual perfume do sexo feminino eles carregavam na sua pele e roupas.

Levou um momento para decidir quem era Lawrence MacDonald, e quem estava esperando por ele se aproximar. O Oficial ainda no carro, parecendo suado e pálido, não era Debany.

— Sr. Sanguinati. — MacDonald tirou o chapéu e o segurou, fazendo um esforço notável para não parecer incomodado.

— Vocês não deveriam estar aqui, — disse Vlad. — Vocês sabem disso.

— Sim, senhor, nós sabemos. Mas eu tenho que perguntar. O Pátio está fechado para os seres humanos apenas por hoje? Ou Theral pode vir trabalhar amanhã?

Pergunta interessante, especialmente quando era óbvio pelo controle de MacDonald que a resposta era muito importante.

— Ela não pode ficar em casa por um dia? — Vlad perguntou.

— Ela não está sozinha. — MacDonald parecia desconfortável. — Ela morou com alguém por um tempo. Ele a... Machucava, e ela o deixou. Mas ele causou problemas para ela. É por isso que ela se mudou para Lakeside, por que ela está morando na casa dos meus pais, tentando

recomeçar. Ao longo dos últimos dias, tem havido telefonemas para a casa de meus pais. E essa pessoa desliga assim que alguém responde. Pensamos que pode ser Jack Fillmore, que é o nome dele, e achamos que ele está procurando por ela. Se ela for para casa quando ninguém estiver lá...

Outra menina em risco. Mas a ameaça à Theral era muito diferente dos homens que tinham vindo atrás de Meg? Vlad tinha uma boa ideia do que Meg diria.

Será que ela iria perdoá-lo, ou a Simon, se Theral fosse prejudicada por um humano ruim quando saísse do pátio, quando deveria ser *protegida* por aqueles que moravam no Pátio? Será que manteriam a menina segura?

— Vou falar com os outros membros da Associação de negócios, — Vlad disse, sentindo-se relutante, mas sem saber mais o que fazer. — Te ligo hoje à noite com a nossa decisão.

MacDonald puxou um pedaço de papel dobrado do bolso. — Todos os meus números de telefone, para que você não tenha que procurá-los. Obrigado.

Vlad os observou voltando e pegando o caminho de acesso à saída.

<Nossa Meg está retornando ao seu escritório,> Jake Crowgard relatou quando voou de volta ao seu lugar habitual na parede que separava a área de entrega do quintal de Henry.

Vlad correu de volta para a livraria, escorregando para dentro logo quando Meg entrou a vista. Um ato covarde? Possivelmente. Mas pensou que era uma resposta compreensível.

O que os Outros tinham descoberto sobre as outras profetisas de sangue e os bebês iriam machucá-la, e Vlad não queria ser a pessoa que machucaria Meg.

Exausto e deprimido, Simon voltou ao Gabinete do Liaison alguns minutos antes de Meg fechar para o dia. Cada *indigene da terra* que sabia como usar um telefone ou enviar um e-mail foi colocado para trabalhar, ligando para os outros Pátios na Região Nordeste e, em seguida, mais além. Ele e Henry tinham feito chamadas para o Wolfgard, Panthergard e Beargard no Centro-Oeste e Noroeste. Jenni e Starr tinham enviado as palavras para o Crowgard no Nordeste e o Alto Nordeste. E há pouco tempo, Jester Coyotegard apareceu na HBL em nome dos Elementais, que queriam saber por que tantos *indigenes da terra* estavam chateados e por que *Meg* estava chateada.

Quando eles estavam retornando do Centro-Oeste no mês passado, ele disse ao Tenente Montgomery e ao Dr. Lorenzo que até que alguém não precisasse mais respirar, um ser humano não poderia se esconder de Air. Os Elementais raramente tomavam conhecimento das pessoas, a menos que fossem provocados ou no caso de Meg, intrigados. Mas a aparência de Jester o fez perceber que um grupo como o deles poderia encontrar as meninas abandonadas mais rápido do que o resto deles. Só não tinha ocorrido a ele pedir sua ajuda.

Depois de explicar por que era tão urgente encontrar as profetisas de sangue que estavam sozinhas e assustadas, Simon disse ao Coyote sobre os sacos que estavam sendo jogados em lagos e rios. Ele não sabia o que os Elementais que viviam no Courtyard fariam com as informações, mas se dissessem aos seus demais parentes, havia uma chance de encontrar mais meninas e bebês vivos.

O Tenente Montgomery ligou para todas as Associações de Empresas, e todos os policiais em toda Thaisia estavam lá fora, à procura. Montgomery também disse que muitos funcionários do governo estavam parecendo indignados e ferozes quando os repórteres de televisão faziam perguntas sobre as meninas abandonadas.

Simon não perguntou quantos desses seres humanos indignados haviam comprado um corte em qualquer uma dessas meninas. Mas Vlad, que havia escutado as notícias, tomou conhecimento de que eles *negavam* a existência dessas profetisas de sangue.

Os *indigenes da terra* em Lakeside fizeram tanto quanto podiam por hoje. Só mais uma coisa para ele fazer.

Ele abriu a porta traseira do Gabinete do Liaison e olhou em volta. Quão pouco de informação seria demais para Meg absorver?

Mas ela tinha aprendido a trabalhar, e ela fez isso tão bem que ela tinha mudado a forma como os Outros viam as pessoas que trabalhavam para eles. Ela tinha aprendido a cuidar de si mesma, aprendeu a cozinhar refeições simples. Ela até aprendeu a dirigir, mais ou menos. Não que alguém no Pátio iria deixá-la sair pelas ruas da cidade, mas ela continuava firme e muito bem em sua caixa sobre rodas enquanto fazia as entregas aos diversos Complexos onde os Outros moravam.

Meg, a *Guia*. A única que poderia mostrar as outras meninas como viver e sobreviver e desfrutar do mundo que tinham visto apenas em fotografias.

Ele entrou na sala de triagem. Meg parou de arrumar as pilhas de revistas e esperou.

— Eles mataram os bebês, — ele disse sem saber outra forma de dizer a ela. — Os humanos, que enjaulavam vocês e as meninas, colocaram os bebês em sacos e os jogaram na água para se afogarem. As meninas que estavam ao lado das estradas não eram dos Compostos; elas vieram de tocas onde as fêmeas tinham os seus filhotes.

Suas mãos tremiam. — Isso foi uma das coisas que eu vi na profecia? Foi uma das coisas que Merri Lee não queria me dizer?

— Não. Você viu as meninas que estavam com problemas, não os bebês.

Ela não disse nada. Ele esperou. Um Lobo sabia ser paciente.

— Se atirando no lago, — Meg disse. — A polícia vai procurar nos lagos? — Ela sorriu amargamente. — Eu conheço essa frase porque eu a li em um dos livros de suspense recentemente. Mas eu não me lembro de nenhuma imagem de formação que correspondam a essas palavras.

— Isso não seria uma imagem importante, se alguém quisesse encontrar um ser humano desaparecido? — Perguntou Simon. Os seres humanos se afogavam por acidente.

— Deve ter sido uma imagem de treinamento. Mas eu não acho que as pessoas que possuíam as profetisas de sangue queriam que as meninas tivessem uma imagem do que acontecia com os bebês meninos quando eles eram levados. — Meg estremeceu. — Depois que Sam começou a mudar para a forma humana, eu me perguntava se eu já tive um irmão mais novo. Nos Compostos, não havia rapazes sendo treinados para ver visões. Apenas meninas. Quantos anos de sacos sendo jogados você acha que vão encontrar nos lagos?

— Eu não sei. — Ele sofria porque ela estava sofrendo. Ele queria lambe seu rosto e encontrar um osso de carne para que ela pudesse roer. Ele queria seduzi-la para um jogo para que ela pudesse pensar em outra coisa. Mas ele sabia por experiência que nada poderia proporcionar distração suficiente para eliminar esse tipo de dor.

— Simon? Poderíamos ir para o Complexo Wolfgard e brincar com os filhotes?

Talvez houvesse uma distração que pudesse ajudar. — Claro que podemos. Seria bom fazermos isso. — Amanhã ele iria pensar sobre as coisas humanas novamente. Agora ele iria passar algum tempo com sua própria espécie e com a sua amiga.

Quando ele e Meg trancaram a porta dos fundos do Gabinete do Liaison, Vlad se aproximou deles vindo da HBL.

— Eu fechei para o dia, — Vlad disse. — Nós não estamos abertos para os clientes humanos, e qualquer *indigene da terra* que queira um livro, pode pegar emprestado da Biblioteca da Praça do Mercado. E eu já tive o suficiente — Seu celular tocou.

— Você não vai atender? — Meg perguntou.

— Não. — Quando ele parou de tocar, Vlad pegou o telefone do bolso e o desligou.

— Nós vamos até o Complexo Wolfgard, — disse Simon.

— Eu tenho que me reportar ao avô Erebus. Por que não andamos juntos? — Vlad olhou para Meg. — Simon pode mudar e andar na parte de trás do seu carro elétrico. Eu vou passar nas Câmaras e depois posso buscá-la quando estiver pronta para ir para casa.

— Eu posso dirigir, — disse Simon.

— Não esta noite, — Vlad disse calmamente. *<Nenhum dos dois deve dirigir esta noite,>* acrescentou. *<Você não parece capaz de manter a forma humana por muito mais tempo, e Meg não precisa do esforço mental neste momento.>*

Simon assentiu. Vlad estava certo sobre ele não ser capaz de manter a forma humana por muito mais tempo. Ele não poderia ter uma ideia da fadiga de Meg, mas ela cruzou a curta distância entre o escritório e as garagens como se ela tivesse corrido um longo caminho através da neve profunda, e cada passo era um esforço para sobreviver.

Uma vez que eles já tinham trancado o escritório e a livraria, Simon entrou na garagem para retirar suas roupas. Vlad gentilmente ficou onde pudesse bloquear a visão de Meg. Não que Simon tivesse quaisquer inibições sobre um humano vê-lo nu ou mudando, mas ele ainda tinha o cuidado de evitar que Meg pudesse vê-lo sem roupas. Ele fez a mudança de Lobo para ser humano sem pensar uma vez e a sua confusão sobre vê-lo como um humano nu quase tinha quebrado sua amizade.

Ele balançou os seus pelos e esperou Vlad colocar suas roupas na parte de trás do carro. Quando ele saltou, se certificou que a sua cauda estava fora do caminho antes que a porta traseira fosse fechada. Então Vlad e Meg sentaram no banco da frente. Depois Vlad saiu da garagem e parou apenas para fechar a porta da garagem, e se dirigiram para o Complexo Wolfgard.

Os carros utilizados no Pátio eram veículos movidos à energia elétrica. Eles tinham dois assentos e uma área de carga com tamanho suficiente para um Lobo crescido, se ele mantivesse seu rabo enrolado. Não era culpa dele que Meg com aquele corte curto na cabeça estava tão perto de seu focinho que ele não podia deixar de cheirar.

Não havia mais cheiros fedorentos dos produtos que ela tinha usado para tingir o cabelo. Agora o cabelo dela cheirava ao xampu feito pelos *indigenes da terra*, e cheirava como Meg.

Ele deu em sua bochecha uma rápida lambida antes que ela gritasse e se abaixasse para longe dele.

Experimentar o sabor de Meg. Ele se sentia como um filhote feliz.

Pena que ele não podia segurá-la e dar-lhe uma esfregada apropriada como costumava fazer com Sam. Ela poderia *ainda* fazer com Sam.

Quando eles chegaram ao Complexo Wolfgard, os filhotes estavam do lado de fora jogando algum tipo de jogo com os Lobos juvenis.

Vlad mal teve tempo de parar para Meg sair do veículo.

<Meg!> O feliz *arrooooooooo* de Sam foi seguido pelos outros filhotes quando todos eles se aglomeraram ao redor dela.

<É a Meg!> <A Meg tem biscoitos?> <Vamos brincar de puxar?> <Vamos persegui-la!>

<Me deixe sair,> Simon rosnou para Vlad. Os filhotes estavam tão excitados que poderiam facilmente se esquecer de ter cuidado com Meg.

Ele quase bateu com a cabeça, muito impaciente para esperar por Vlad para levantar a porta de trás antes que ele saltasse para fora do carro.

Então ele parou e observou Meg e Sam, a ligação forte entre eles. Confiança e amor.

Será que um irmão de Meg poderia estar no fundo de um lago? Será que ela realmente queria saber a verdade sobre os seres humanos que a haviam mantido? *Ele* queria?

Os demais moradores do Wolfgard que moravam em Lakeside vieram para onde Meg estava abraçando todos os filhotes, especialmente Sam.

<Tio Simon?> Sam disse. <Os olhos de Meg estão vazando. Ela está doente?>

<Não, ela não está doente. Ela está...>

Não poderia dizer aos filhotes o que tinha acontecido hoje, especialmente Sam, que tinha visto sua mãe levar um tiro; foi com ela que ele esteve até que ela sangrasse até a morte. O filhote não tinha

necessidade de ouvir sobre humanos matando seus filhotes. Em vez disso, Simon uivou a Canção da Dor.

Os Lobos adultos uivaram a canção. A maioria deles sabia pelo menos alguns fatos. Ele ouviu o uivo de Blair, e Elliot. Em seguida, Jane e John e os demais. Em seguida, os jovens e filhotes. E algo mais. Uma voz que ele nunca tinha ouvido antes.

Meg, de joelhos na grama, com um braço em volta de Sam. Meg, uivando, acrescentando sua voz para o luto.

Quando o uivo terminou, todos os filhotes estavam pressionados em torno de Meg. O conforto ofertado pela matilha.

Simon observou enquanto Sam a deixou por um minuto e voltou com uma das cordas mais suaves, oferecendo a distração de um jogo. Ele observou enquanto ela corria ao redor, fazendo barulhos sibilantes, fingindo ser presa, enquanto os filhotes a perseguiam e os Lobos adultos tomando conta, para que o jogo não ficasse muito perigoso. Ele observou enquanto ela fingia ser rebocada por Sam.

Ela passou a maior parte de sua vida isolada, mesmo quando ela estava cercada por outros seres humanos. Agora ela estava aprendendo tanto com os Lobos como com os humanos sobre o que significava *ter uma família*.

Ela não era um Lobo. Ela não era um *indigene da terra*. Apesar disso, Meg estava se tornando um deles.



CAPÍTULO 8

Thaisday, Maius 10

— *Você ligou para a residência dos Borden. Deixe o seu nome, número e o propósito da sua chamada.*

Monty desligou sem deixar uma mensagem. Ele estava tentando falar com Elayne, ou, mais ao ponto, sua filha Lizzy, desde que ouviu sobre as meninas sendo abandonadas e a eliminação dos bebês das *Cassandra de Sangue*. Sentindo-se deprimido, ele queria alguma garantia, *qualquer* tipo de garantia, que a sua própria menina estava bem. Mas não houve resposta.

Ele se virou para dar atenção às notícias, meio que escutando enquanto fazia um sanduíche que não tinha nenhum interesse em comer junto de um copo de vinho.

— *Em um dia cheio de tragédias desconcertantes, os indígenas da terra e os departamentos de polícia em toda Thaisia estão trabalhando em conjunto para localizar as adolescentes em risco que estavam vagando sozinhas ao lado de estradas e rodovias. As meninas, que ficaram desabrigadas devido ao fechamento repentino de várias instituições que cuidavam de adolescentes problemáticos, estavam sofrendo de desidratação e, em alguns casos, exibiam comportamento psicótico quando eram abordadas pelo pessoal do resgate.*

— *Nicholas, palestrante motivacional tem algo a dizer sobre os acontecimentos trágicos de hoje.*

Monty estudou o homem que preenchia a tela, o homem que estava morando atualmente com Elayne e Lizzy. Classicamente bonito, com a pele que poderia ser descrita como moreno, se ele não tivesse o brilho de uma vida mimada. Cabelos escuros e ondulados, que estavam

longos o suficiente para que parecesse despenteado, mas era um tipo de corte que dava um tipo de estilo despenteado. Olhos escuros que eram preenchidos com uma sinceridade ardente.

Considerando o que aconteceu hoje, não foi surpreendente que Nicholas fosse muito procurado. Mas mesmo se Elayne estivesse assistindo as conferências de imprensa, alguém deveria estar em casa com Lizzy, já que a escola não a deixava escapar nem um dia. Alguém deveria ter atendido o telefone, especialmente no final da noite.

— *Mesmo que os seres humanos em todos os lugares estejam aplaudindo os esforços que os Outros fizeram hoje para ajudar na busca dessas crianças problemáticas, também reconhecemos que foi devido à atuação dos indígenas da terra a causa desses trágicos acontecimentos em primeiro lugar, — disse Scratch. — A destruição de uma instituição no Centro-Oeste, cujo pessoal foi acusado de estar envolvidos em práticas questionáveis ou formas de abuso, e as ameaças subsequentes contra qualquer lugar que cuidava de meninas com problemas, especialmente aquelas com um vício de automutilação, estão no núcleo das tragédias de hoje. Será que o pessoal que cuidava desses estabelecimentos os fechou tão precipitadamente por temer represálias dessas criaturas que não podem compreender os humanos e as pressões de viver sob ameaça constante? Será que eles deixariam essas meninas para se defenderem sozinhas, se não temessem que as comunidades onde trabalham fossem destruídas? É evidente que o número de vítimas de suicídio encontradas pelas equipes de resgate deve ser uma mensagem clara de que estes estabelecimentos são necessários e que devem ser deixados em paz.*

— *Quando os humanos perguntaram o que seria feito com essas meninas resgatadas, os Outros disseram que as meninas seriam levadas para locais seguros, e não revelados, — Scratch continuou. — Muitos de nós estamos nos perguntando esta noite, se essas adolescentes mentalmente frágeis nunca serão vistas novamente.*

— *Elas não serão vistas novamente por humanos como você, —* Monty murmurou enquanto desligava a TV.

Ele tinha que admitir que Scratch empurrava todos os botões de forma direita, especialmente quando as notícias anteriores foram sobre o número de meninas, muitas grávidas, que corriam pelas estradas e foram atingidas por veículos em movimento.

Era fácil aparecer nos holofotes, lembrando a todos que os Outros tinham iniciado esta pressão para os humanos revelarem os locais onde ficavam as *Cassandras de Sangue*. Mas a população em geral não sabia que os Outros tinham forçado a questão porque o sangue dessas meninas era o principal ingrediente das drogas de rua que tinha acendido a violência em muitas cidades em todo o continente. Era fácil apontar o dedo e expressar medo pelas garotas que os Outros haviam tirado de seu alcance, mas o que seria dito sobre os bebês que haviam sido descartados pelos humanos? Vá em frente e bata o tambor "nós somos todos humanos", mas nem sequer sussurre as palavras "propriedade benevolente", o que poderia fazer algumas pessoas se perguntarem por que essas meninas com suas cicatrizes uniformemente espaçadas tinham sido presas em primeiro lugar.

O telefone tocou. Monty quase derramou o vinho quando pegou o receptor. — Olá?

— Tenente? É MacDonald.

Será que algo mais aconteceu? Ele estava sendo chamado de volta ao trabalho? *Por favor, deuses, não me peça para enfrentar qualquer coisa mais esta noite.* — O que posso fazer por você, Lawrence?

— Eu recebi um telefonema de Vladimir Sanguinati. Ele diz que a Associação Empresarial discutiu as questões, e eles concordaram que as meninas devem voltar ao trabalho amanhã, e os Denbys devem continuar como planejados. Só queria que você soubesse.

— Eu aprecio a chamada. Boa noite, Lawrence. Te vejo amanhã.

— Boa noite, senhor.

Monty terminou a chamada, bebeu o vinho, e quase jogou o sanduíche não consumido na lata de lixo. Então se lembrou de ver uma nova placa no ônibus: DESPERDICE HOJE, AMANHÃ FICARÁ COM FOME.

Ele envolveu o sanduíche e o colocou na geladeira. O pão poderia ficar meio envelhecido amanhã, mas ele poderia aquecê-lo no micro-ondas e comer o sanduíche no café da manhã.

Depois de lavar alguns pratos que estavam na pia, ele foi para a cama. Mas ele parou e olhou para o telefone. Então ele pegou o telefone e ligou para o número de Elayne.

Alguém o pegou antes de falar. Monty esperou, mas ninguém falou.

— Elayne? — Disse.

Nada, apenas uma respiração pesada na outra extremidade da linha.

— Elayne? — Monty disse novamente.

A pessoa no apartamento de Elayne desligou.

Monty colocou o receptor de volta e continuou olhando para o telefone. Não havia ninguém que pudesse ligar em Toland, nenhum companheiro oficial que lhe faria o favor de ir até o apartamento de Elayne. Ele tinha sido transferido da força policial de Toland porque havia matado um humano para salvar uma criança Lobo em forma humana. Ele era considerado um traidor de sua própria espécie.

Poderia ter sido Elayne que atendeu ao telefone e decidiu deixá-lo incomodado. Não era a sua maneira típica de agir com ele, mas ele não iria discutir isso com ela. Ela o culpou por sua queda súbita de status social e usava Lizzy como uma forma de puni-lo, recusando-se a deixá-lo falar com a menina. Durante um telefonema, há algumas semanas, ela lhe informou que ela e Lizzy estavam indo para o Cel-Romano com Scratch para o verão e talvez nem voltasse para Thaisia.

Ela e Monty não tinham se casado. Ele não tinha o direito de visitação para além do que ela poderia permitir. Na verdade, a única coisa que Elayne fazia por ele era descontar os cheques da pensão prontamente.

— Lizzy, — Monty sussurrou enquanto pegava o telefone e discava o número de Elayne novamente.

— *Você ligou para a residência dos Borden. Deixe o seu nome, número e o propósito da sua chamada.*

Nada neste momento, não havia nem mesmo a respiração pesada.

Monty foi para a cama, mas não dormiu. O Capitão Burke conhecia um monte de gente. Alguém em Toland poderia ser capaz de dizer-lhe alguma coisa. E Vladimir Sanguinati conhecia alguns dos vampiros que governavam o Courtyard de Toland. Ele preferia dever um favor a Burke a lidar com Vlad, mas ele tomaria qualquer ajuda que pudesse obter para confirmar se a sua menina estava bem.



CAPÍTULO 9

Firesday, Maius 11

A menina sonhava com chuva e acordou com o som de algo pingando.

Onde...?

Não era o Composto com as pessoas de bata branca... Que a menina mais velha, Jean, tinha chamado de *Aqueles Com Nomes*. E havia essa outra menina, a que não veio mais para as aulas. Bem, um monte de meninas parou de vir às aulas. Um monte de meninas deixou de ser autorizada a andar no quintal cercado. Então um dia, seus lugares na mesa estavam vazios.

Mas *aquela* menina. Seu desaparecimento foi diferente. E, de alguma maneira, ela estava conectada com a luta que destruiu o Composto e...

Eles tinham coberto a cabeças das meninas. Eles haviam levado as meninas mais jovens, mas as meninas de sua idade foram levadas pelos corredores, tropeçando em coisas sob os pés. E do teto vinha o *pinga plop* de algo caindo. Algo grosso e molhado.

Mesmo com a cabeça coberta, ela viu coisas. Ou talvez ela se lembrasse de algumas coisas que tinha visto em visões. Coisas ruins. Molhado, coisas vermelhas que a aterrorizavam. E pessoas que não eram pessoas, que tinham dentes e garras e olhos vermelhos.

Então ela e as outras meninas foram colocadas em vans ou carros e levadas do composto.

Esta é uma vila no Noroeste. Você vai ficar aqui conosco agora, eles tinham dito. *Eles* eram humanos chamados *Intui*.

Qual o seu nome? Ela tinha perguntado.

Cs821, ela respondeu. Sua resposta a deixou triste. Tão triste.

Oito meninas tinham chegado a este lugar vindo do Composto. As quatro meninas sem cicatrizes foram levadas para outra parte da aldeia. Quatro meninas de sua idade, que tinha um conjunto de cicatrizes, mas não muitas, foram colocadas juntas neste quarto. *Um quartel*. Essa era a palavra para a imagem de treinamento que combinava com o ambiente.

Ficava se perguntando quem normalmente ocupava aquele quarto e o que tinha acontecido com elas. Havia roupas nos armários e livros nas prateleiras que compunham o fundo das mesas de cabeceira.

Você está livre agora, os novos guardiões disseram a ela e as outras meninas. Mas as meninas não tinham imagens de “*livre*” - nenhuma referência, nenhuma compreensão do que era exigido delas neste lugar feito de madeira e vidro, este lugar cheio de imagens e sons que não pertenciam ao Composto onde elas haviam passado toda a sua vida, onde era o único lugar seguro para garotas como ela.

Ela encontrou um banheiro algumas horas depois de terem chegado. Ela descobriu que se ela estivesse na porta da sala e perguntasse em voz alta por comida e água, alguém iria trazer comida para ela e para as outras meninas.

Você gostaria de comer na sala de jantar? Gostaria de sair? Gostaria...?

A comida parecia diferente, mesmo parecendo ser algo que ela se lembrava de comer. A água tinha gosto diferente. O ar *cheirava* diferente, um perfume selvagem sob o cheiro de meninas sujas.

Muita coisa, coisa demais. Demais, demais. E as outras três meninas passavam a maior parte de seu tempo enroladas em suas camas e quanto mais seus novos tratadores tentavam ajudar, mais as coisas a oprimiam, até que não pudesse encontrar *nada mais* neste lugar aterrorizante.

Os novos guardas tinham trancado as navalhas de prata, mas havia vários objetos nos quartéis que seriam o suficiente para fazer um corte.

Os *Aqueles Com Nomes* não seriam tão descuidados.

Um tremor de dor seguido por alívio. Ninguém para ouvir, mas sussurrou no escuro, desejando a euforia que iria levá-la até a próxima barragem de imagens.

Você não quer um nome? Você não quer viver?

Como ela poderia saber se ela queria essas coisas?

Todas as noites elas se cortavam e sussurravam no escuro. Então uma noite, antes que ela começasse a sussurrar, a menina viu um vislumbre de si mesma em uma visão. Então ela cerrou os dentes e sofreu a agonia de uma profecia não dita. A dor a comeu por dentro e ela queria gritar e gritar e nunca parar de gritar. Mas ela não disse nada e se viu com folhas de papel e muitos lápis de cor.

Quando ela era mais jovem e estava aprendendo a fazer letras e escrever palavras, ela desenhava as imagens das lições do dia. Tanta alegria em uma coisa tão simples.

Os *Aqueles Com Nomes* disseram que ela estava diluindo a sua capacidade de ver uma profecia, e ela precisava quebrar este mau hábito. Eles colocaram luvas especiais em sua mão, mantendo seus dedos juntos para que ela não pudesse segurar o lápis. Mas desenhar lhe dava um tipo diferente de euforia, e era tão difícil resistir fazer um pequeno esboço sempre que tinha um lápis.

Assim, os *Aqueles Com Nomes* retiraram o papel e os lápis. E começaram a alimentá-la com uma papa sem sabor, privando-a da variedade de sabor e da textura nos alimentos. Quando eles tiraram de sua vida cada prazer possível que estava disponível no Composto, eles a cortaram pela primeira vez para mostrar a ela o único prazer que garotas como ela eram autorizadas a ter.

Deixaram-na com medo de tocar um lápis ou papel. Mas naquela noite, quando ela engoliu as palavras da profecia, ela se viu desenhando. Ela viu o olhar em seu próprio rosto: *alegria*.

Ela quase tinha trabalhado a sua coragem para pedir um lápis e papel, quando as outras meninas chegaram. Essas meninas novas

pareciam doentes e selvagens, abandonadas por seus antigos guardiões e encontradas por criaturas que temiam acima de tudo.

Vocês estão seguras aqui, os *Intui* disseram enquanto colocavam essas meninas mães nas outras quatro camas.

Eles tinham boas intenções, mas não eram guardiões experientes.

A menina sentou-se, tremendo.

O som de algo pingando.

Talvez a pia no banheiro estivesse aberta? Se ela virasse a torneira o gotejamento pararia?

Ela saiu da cama. Sua cama estava mais próxima da porta; o sanitário estava na outra extremidade do quarto, mais afastado das outras camas.

Drip, drip, drip.

Todos os cochichos tinham parado.

Drip, drip, drip.

Quando ela passou a próxima cama, seu pé escorregou.

Um cheiro no ar. Lembrou-se dele no Composto, quando sua cabeça tinha sido coberta quando eles a levaram para longe da coisa ruim que tinha acontecido lá.

Ela virou-se e correu para a porta, batendo na parede para encontrar o interruptor de luz. As outras meninas estariam irritadas quando ela acendesse as luzes do teto, mas ela não se importava. Ela precisava ver.

Ela apertou os olhos quando a luz encheu a sala. Então ela olhou para o chão. Ela olhou para as meninas nas camas que estavam começando a serem dominadas por imagens e expectativas.

Elas não querem viver, ela pensou quando ela olhou. *Elas escolheram isso em vez de tentar viver.*

Mais fácil escolher isso. Por quanto tempo mais ela poderia continuar lutando para entender este lugar, essas pessoas? Como ela poderia saber o que eles queriam que ela aprendesse? Ela sabia onde encontrar os objetos cortantes. Ela poderia fazer o que as outras meninas tinham feito e...

Lembrou-se da imagem de si mesma com as folhas de papel e lápis de cor.

A menina bateu na porta e gritou. Não foi até que ela ouviu as pessoas gritando e correndo na direção dela que ela tentou abrir a porta.

Não estava fechada. Um teste? Ou uma escolha?

Ela abriu a porta e caiu nos braços de um dos homens que veio em resposta aos seus gritos.

— Eu quero viver! — Ela gritou. — *Eu quero viver!*

— *Você ligou para a residência Borden. Deixe o seu nome, número e o propósito da sua chamada.*

— Elayne, é Monty. Você não vai ver outro cheque de pensão a menos que eu fale com Lizzy e tenha alguma confirmação de que a minha filha está bem.

Monty esperou um momento, meio que esperando Elayne pegar e começar a gritar com ele, dizendo que ela era uma boa mãe. Agora ele não tinha certeza se ela *era* uma boa mãe.

Ele desligou, em seguida, terminou de se aprontar para o trabalho.

As reportagens de rádio e os noticiários de TV estavam cheios dos discursos de Nicholas Scratch sobre as adolescentes, que estavam preocupados com elas, que tinham apenas um vício *saudável* de corte, e que foram tiradas do controle humano.

Scratch foi cuidadoso em não fazer qualquer menção sobre as meninas serem *Cassandras de Sangue*, ou que a maioria dos cortes dessas meninas eram feitos por homens que vendiam suas profecias para o lucro. Ele não tinha nenhum problema em apontar que as ações dos *indigenes da terra* foram imprudentes, e que era a razão por trás da taxa de suicídio de cinquenta por cento das meninas que foram libertadas da vida protegida e estruturada, que foi projetada e cuidada por

profissionais. Mas ele não fez nenhuma menção dos bebês que haviam sido mortos para esconder a evidência de fazendas de criação.

Era como dizer que a maioria das meninas que cometeram suicídio usou uma lâmina de prata, que era usada pela mesma razão que Meg Corbyn usava, pois cada profetisa de sangue tinha sua própria navalha afiada e brilhante que era usada exclusivamente para ela.

Se Elayne queria acenar a bandeira de Scratch era a escolha dela, mas Monty não ia mais ficar para trás e deixar Lizzy ser puxada para essa confusão. Simon Wulfgard havia dito que os *indigenes da terra* não prejudicavam as crianças. Enquanto fosse verdade que um Lobo não fosse prejudicar uma criança sem provocação, Monty não achava que os Elementais ou outros tipos de *indigenes da terra* não se preocupariam com quem poderia sofrer sua ira.

Mais cedo ou mais tarde, os *indigenes da terra* perceberiam que as palavras poderiam ser tão perigosas para eles quanto uma arma física. Mais cedo ou mais tarde, Nicholas Scratch, ou outra pessoa no movimento HPU, não diria mais nada.

Ele parou na porta de seu apartamento e olhou para o telefone. Era início da manhã, Elayne deveria estar em casa.

— Dane-se, — disse ele suavemente.

Ele tinha a intenção de ir ao tribunal para obter algum tipo de guarda que impedisse Elayne de levar Lizzy para outro continente. Ele teve que colocar as suas necessidades pessoais de lado quando a pressão de encontrar o Controlador e impedir a fúria em todos os assentamentos humanos na região Centro-Oeste consumiu todo o seu tempo e energia. Uma decisão justificável, uma vez que a ameaça para o Centro-Oeste era imediata e a viagem para o Cel-Romano estava programada para o verão, presumivelmente depois que Scratch tivesse terminado suas palestras em Thaisia e estivesse voltando para casa.

Mas agora o verão estava chegando e Monty precisava fazer algo para si e sua menina. E por um capricho do destino, ou aos deuses da benevolência, ele conheceu Pete Denby, que era um advogado em que podia confiar para representá-lo.

Voltando ao seu quarto, Monty abriu o armário e tirou o cofre da prateleira de cima. Abriu e tirou uma cópia da certidão de nascimento de Lizzy, que o indicava como seu pai, e uma cópia do contrato de guarda que Elayne insistiu em fazer quando ele foi transferido para Lakeside e ela se recusou a ir com ele.

Monty colocou os papéis no bolso interno do paletó, fechou o cofre e fechou a porta do armário. Então ele trancou seu apartamento e andou até o ponto de ônibus, chegando bem a tempo de pegar o expresso Whitetail para trabalhar.

Simon,

Sete profetisas de sangue se mataram no início desta manhã. Os Intui estão em estado de choque. Eles dizem que tinham sentimentos conflitantes sobre trazer as meninas para sua aldeia, mas eles ignoraram esses sentimentos ruins porque queriam ajudar. Agora eles dizem que vão continuar mantendo as meninas, mas não a menina que estava no quarto com as mortas. Ela tem cicatrizes e cortes frescos. Eu acho que eles pensam que ela vá se matar, e eles estão com medo do impacto que outra morte terá sobre todas as crianças, não apenas aquelas que eles estão cuidando.

O médico Intui diz que a menina que sobreviveu tem entre quinze e dezesseis anos de idade. Ele deu remédio para fazê-la dormir, para que pudéssemos levá-la. Nós a trouxemos para a vila de indigenes da terra em Sweetwater, que é bem perto da aldeia Intui.

Ela disse que quer viver. Não sabemos se ela é forte como a sua Meg, mas fomos informados de que ela veio do mesmo lugar. Como é que vamos mantê-la viva? Como podemos mantê-la viva? Será que a sua Meg tem respostas?

-Jackson

OBS: O Intui nos disse que a menina com cicatrizes era chamada de cs821.



CAPÍTULO 10

Firesday, Maius 11

Na estação Addirondak, Nathan Wolfgard embarcou no trem no sentido Oeste. Ele atravessou dois vagões que estavam cheios demais. O terceiro tinha alguns humanos agrupados perto da frente do vagão, mas estava vazio na parte de trás.

Nathan suspirou de alívio. Ele esperava pegar o último trem disponível no horário para reduzir o número de humanos a bordo. Tinha passado quase duas semanas nas montanhas Addirondak, correndo com uma das matilhas que guardavam esse pedaço de país selvagem, e ele ainda não estava pronto para interagir com os humanos mais do que o necessário.

Ele parou e descobriu que esta parte do vagão não estava totalmente vazia. Do outro lado do corredor uma fêmea humana estava encolhida no banco ao lado da janela.

Ele pensou em se mudar para alguns vagões mais abaixo, mas ele teria que se acostumar a estar perto de humanos novamente. Uma pequena fêmea era uma boa maneira de começar.

Colocando sua mala no bagageiro acima dos assentos, ele pegou um livro do bolso lateral e tomou o assento do corredor. Muito fácil para um Lobo solitário ficar preso se ele estivesse no assento junto à janela.

Ele não devia voltar ao Courtyard de Lakeside por mais duas semanas, mas ele queria voltar, e isso foi uma surpresa para ele, bem como para a matilha que o acolheu. Mesmo em um Courtyard tão grande quanto o Lakeside, alguém podia se sentir muito pequeno quando estivesse no habitat dos *indigenes da terra*, cujas formas eram das mais adversas no mundo animal. Os *indigenes da terra* não absorveram tudo,

apenas as formas que tinham escolhido durante os longos anos que o sol tinha subido e quando foram distribuídos por Namid. Eles eram os primeiros e sempre seriam os *indigenes da terra*. Mas eles aprenderam com os predadores que se tornaram, e certas características eram passadas para os jovens de cada grupo.

Sim, houve perigo, ameaças, até mesmo ataques no Courtyard de Lakeside durante os últimos meses, mas houve também um novo tipo de diversão. Meg Corbyn, a nova Liaison; era um brinquedo sibilante e um tipo *diferente* de humana. E sua presença mudou a forma como alguns humanos se aproximaram dos Outros.

Durante o dia, a matilha Addirondak tinha caçado e jogado como sempre faziam. Mas depois do anoitecer, e depois que eles uivavam para o mundo, os Lobos haviam perguntado sobre o Courtyard, sobre coisas que ouviram falar, mas que não conseguiam acreditar. Claro, os Intui que viviam nos assentamentos humanos escondidos no Addirondaks comercializavam de forma justa com os Outros. Mas nenhum desses humanos *jogava* com os Lobos. Esta Meg realmente jogava com ele?

Então à noite ele contava histórias sobre o seu primeiro encontro com Meg, depois que ele foi designado para manter guarda no escritório; sobre como ela havia persuadido Sam, o sobrinho de Simon Wolfgard, a sair de uma gaiola e o quão bem o filhote estava agora; falou sobre o Skippy, o Lobo juvenil que foi enviado para Lakeside, que gostava de perseguir os ratos e mostrar para Meg; sobre como ela virou amiga de Winter e dos Sanguinati, e a amizade dela com os pôneis e os Elementais.

Ele contou sobre seu sangue doce e os cortes que ela tinha feito em sua própria pele para ver os avisos que tinha salvado os pôneis... E Sam. Ele disse-lhes sobre os biscoitos que agora eram feitos especialmente para os Lobos. Bem, para outros *indigenes da terra* também, mas principalmente para os lobos.

Tinha aprendido mais sobre os humanos nos últimos meses do que aprendeu em todo o tempo em que foi treinado para trabalhar em um Pátio e lidar com a proximidade de tantos seres humanos. Ele passava tanto tempo em forma de Lobo quanto em forma humana. Ele corria e

jogava e caçava no Pátio, assim como poderia fazer no país selvagem. Mas então ele poderia mudar e assistir a um filme ou ler um livro... ou jogar um jogo de forma ativa e física mais adequada para a forma humana.

Quando os líderes da matilha lhe pediram para falar com Simon sobre permitir que alguns Lobos pudessem visitar Lakeside para aprender essas coisas humanas extras, Nathan ficou preocupado que pudesse ter dito histórias um pouco entusiasmadas demais. Mas Simon *tinha* falado sobre o fechamento das lojas para a maior parte dos humanos para que os *indigenes da terra* pudessem aprender sobre os diferentes tipos de lojas e mercadorias, e com a segurança de interagir com os seres humanos que podiam ser confiáveis.

Outra razão pela qual ele estava indo para casa mais cedo do que o esperado.

Ontem, ele tentou chamar Simon, em seguida, Blair, para dizer-lhes que estava voltando, mas todas as linhas telefônicas estavam ocupadas, ocupadas e ocupadas. Esta manhã ele recebeu tantos pedidos de última hora da matilha que ele mal teve tempo de chegar à estação a tempo de mostrar e receber um bilhete grátis antes que o trem saísse da estação. Agora ele percebeu que ninguém sabia que ele precisava de uma carona para casa quando o trem chegasse à estação de Lakeside.

Ele chamaria Blair quando o trem fizesse sua próxima parada. Havia um monte de quilômetros entre as montanhas Addirondak e a cidade às margens do Lago de Etu.

Após o condutor chegar e checar o seu bilhete, Nathan abriu seu livro, uma história policial de um autor humano. Ele já havia lido alguns anos atrás, mas a maioria dos Lobos de Addirondak estava encontrando dificuldades em visitar os assentamentos humanos, além de irem até as lojas e comprar coisas, então ele tinha negociado os dois novos livros que trouxera com ele, pela troca desse livro para ler no caminho de casa, e fez uma nota mental para perguntar a matilha humana de Meg para obterem ideias sobre como os *indigenes da terra* poderiam conseguir mais histórias.

Ele não sabia quanto tempo tinha passado quando um macho humano passou por seu assento. Nathan levantou a cabeça e mostrou os dentes.

Intruso!

Não, pensou, e lutou pelo controle. Não era realmente um intruso; mas foi o cheiro pungente de colônia do homem que tinha provocado a resposta de Nathan, um homem estranho tentando marcar território onde não pertencia. Mas o homem poderia não estar tentando reivindicar nada; poderia estar apenas passando para o vagão-restaurante e precisava passar por este vagão para voltar ao seu assento.

Os *indigenes da terra* não gostavam dos cheiros que os humanos usavam para disfarçar seu próprio perfume, mas pela primeira vez, Nathan se perguntou se os homens se encharcavam desses cheiros, o que era equivalente a Lobos rolando em peixe morto para deixar para trás um cheiro ainda mais forte e marcante.

Agora que ele pensava sobre isso, esse cheiro em particular estava no vagão quando ele se sentou. Ele foi diluído pelo ar fresco quando as pessoas entraram e saíram, mas este cheiro ainda estava lá.

Perturbado por isso, mas sem saber o motivo, Nathan fez um balanço de seus arredores. Exceto pelo homem fedorento, não entraram outros humanos neste vagão desde que ele deixou a estação Addirondak.

Por que isso parecia errado?

Ele olhou para o livro, mas moveu a cabeça o suficiente para estudar o passageiro do outro lado do corredor.

Uma menina. Jovem o suficiente para que ele ainda a considerasse um filhote. Pele cor de chocolate com leite. Grandes olhos escuros, cabelo preto e trançado, amarrado sob suas orelhas e divididas em duas tranças, com dois dedos de comprimento.

Ela carregava um urso marrom e disforme, e ambos estavam olhando em sua direção.

Por que os humanos davam a sua prole versões falsas de predadores que ficariam felizes em comer os filhotes?

Embora a menina parecesse muito bonita.

Então ele notou as mãos pequenas apertadas em torno do urso, os dedos muito finos apertando e apertando. Ele olhou para longe, porque lhe parecia simplesmente assustador.

Ele sentiu o cheiro de colônia pungente quando o mesmo macho humano entrou no vagão novamente, e atravessou o vagão, em seguida, saiu. Mas desta vez, Nathan pegou algo novo no cheiro do homem, até que o homem saiu do carro.

Então ele deu outra olhada na menina e percebeu que algo estava errado.

Os seres humanos e os Lobos tinham uma coisa em comum: eles não deixavam seus filhotes sozinhos por muito tempo. Então onde estavam os adultos que deveriam estar com a garota? Ela estava sozinha quando ele tinha tomado seu assento. Será que os adultos saíram do trem e a deixaram para trás? Havia histórias sobre crianças perdidas. Lobos não gostavam dessas histórias. Talvez a menina devesse ter saído na estação de Addirondak?

Ele olhou para a faixa dobrada acima dos assentos. LAK em ambos, o que significa que havia mais alguém sentado com a menina, que também estava indo para Lakeside. O condutor tinha enfiado o mesmo tipo de faixa acima do seu assento depois de verificar o seu bilhete.

Ok, ela não tinha perdido a sua paragem, o que o trouxe de volta à questão do adulto. Se a pessoa deixou a menina sozinha, a fim de usar o banheiro, quanto tempo demorava para fazer xixi ou cocô? Ou, por outro lado, mesmo que o adulto estivesse comprando comida, e havia um vagão-restaurante, o humano já deveria ter retornado até agora.

A porta na extremidade foi aberta, e o mesmo homem entrou no vagão, pela terceira vez. Assim que o homem passou pelos assentos com os passageiros humanos, seus olhos se voltaram para a menina, igual ao modo como os Lobos incidiam sobre um bezerro desprotegido quando eles estavam caçando.

Nathan entrou no corredor e rosnou em voz alta. Suas presas alongaram para o tamanho Lobo, e seus olhos cor de âmbar piscaram

com o vermelho, o sinal de raiva. Pelos surgiram em seu peito e ombros. Pelos cobriram suas mãos. Seus dedos encurtaram, e as unhas se alteraram para as garras afiadas de um Lobo, o que seria mais útil em uma luta.

Uma mulher sentada na frente do vagão olhou para Nathan, pulou de seu assento, e saiu correndo do vagão. Um momento depois, um guarda, o condutor e um segurança entraram.

— O que está acontecendo? — Perguntou o condutor.

A mão do guarda de segurança pairava sobre a arma ainda no coldre.

— Mantenha este macho longe dessa criança, — Nathan rosnou.

— Foi apenas um mal-entendido, — disse o homem.

— *Ele cheira a luxúria.* — *Esse era o cheiro que o homem estava tentando esconder debaixo da colônia fedida.* — Se vocês não conseguirem mantê-lo longe dela, eu vou.

Sem dúvida, não deveria haver na mente de ninguém o método que *ele* iria usar para manter o homem longe.

O condutor avançou. — Querida, você conhece este homem?

A menina balançou a cabeça e segurou o urso falso na frente dela como se fosse um escudo.

— Senhor, venha conosco. — O segurança disse firmemente. Ignorando os protestos do homem, o guarda o levou.

Nathan não sabia, e nem se preocupava para onde eles levariam o homem, mas o guarda, o condutor e o segurança conheciam o suficiente sobre os *indigenes da terra* para não tentarem deixar o homem perto *dele*.

Ele ficou parado por um minuto, lutando para mudar de volta, e parecer humano suficiente para que os demais passageiros no vagão não entrassem em pânico. Então em vez de retomar ao seu próprio assento, ele sentou-se ao lado da criança.

— Eu sou Nathan Wolfgard. — Ele esperou enquanto ela olhava para ele. — Quem é Você?

— Eu não posso falar com estranhos.

Soava como uma regra muito boa, do tipo como: *Não provoque um gambá*, mas não lhe era útil agora. — Eu não sou um estranho; eu sou como a polícia para os Lobos — Ele ficou satisfeito por ter pensado nisso, sem precisar explicar que era o Executor de um Pátio.

Claro, a polícia dos humanos não tendia a comer malfeitores.

— Oh. — Ela pensou por um momento. — Eu sou a Lizzy. E este é o Urso Boo. Ele é o meu melhor amigo. — Ela empurrou a falsificação de urso no rosto de Nathan.

Ele afastou a cabeça para trás e tomou algumas respirações superficiais através de sua boca.

O Urso Boo precisava de um banho.

Mas...

Nathan se inclinou para frente e cheirou o urso. Manchas de comida velha em torno do nariz. Manteiga de amendoim? Algum cheiro humano que tinha secado ao redor das orelhas, como se ela tivesse usado o urso para limpar o nariz. E, em seguida, na garupa do urso...

Sangue. Sangue seco, mas o pêlo emaranhado cheirava a sangue. Se não fosse pela água de colônia fedida do homem mascarando os outros cheiros, ele teria pegado antes o cheiro de sangue.

Nathan deu outra cheirada, mas sutil. Não era o sangue da menina. A gosma endurecida em torno das orelhas do Urso Boo cheirava a ela, mas o sangue não.

Nathan recuou, observando-a tão intensamente enquanto ela o observava.

— Onde está a sua... Mãe? — Levou um momento para se lembrar da palavra humana.

Lizzy levantou os ombros num encolher de ombros exagerados e puxou o Urso Boo novamente.

— Ela veio no trem com você?

Balanço de cabeça.

Ele não gostava dessa resposta. Ele não gostava nem um pouco. Um filhote não deveria viajar sozinho. Mas ela tinha um

bilhete. Na verdade, ela deveria ter *dois* bilhetes. Caso contrário, o condutor não teria colocado a duas tiras LAK sobre os assentos.

Nenhuma mãe no trem. — Onde está o seu pai? — Perguntou Nathan.

Agora ela se animou. — Meu pai é um policial. Ele vive em Lakeside.

Nathan a estudou. — Qual é o nome do seu pai?

— Crispin James Montgomery. Se você é um policial Lobo, você conhece o meu pai?

Nathan observou o condutor entrar no vagão, andando devagar pelo corredor. O homem não parou quando alcançou seus assentos, não fez nenhuma pergunta, mas Nathan tinha a sensação de que o condutor e a segurança estariam andando várias vezes pelos vagões durante esta viagem. Ele havia levado um predador humano para eles, mas poderia haver mais, e a presença do guarda iria manter a jovem protegida.

O nariz do Urso Boo cutucou o braço de Nathan.

— Você conhece o meu pai? — Perguntou Lizzy.

— Sim, eu conheço. — *E tenho a sensação de que ele não está esperando por você.*



CAPÍTULO 11

Firesday, Maius 11

Simon olhou para os dois filhotes fedidos que estavam entre Pete e Eve Denby. Não era um tipo fedido de imundície, mais havia tantos cheiros cobrindo os filhotes que ele não podia *identificá-los*. Não sem estar mais perto, o que poderia deixar os pais rosnando para ele.

Não que ele fosse culpar Pete e Eve por rosnar. Todos os humanos que haviam retornado ao trabalho esta manhã estavam fingindo que quase não foram mordidos por ele depois da sua raiva ontem, mas eles estavam com tão cuidado com ele, como tinham sido antes de Meg começar a trabalhar no Pátio.

Ele se perguntou se os machos humanos tinham uma forma de dizer algo, sem *realmente* dizer. Porque ele não estava arrependido por estar com raiva. *Todos os indígenes da terra* estavam irritados com os filhotes de profetisas de sangue que morreram. Mas ele sabia que tentou morder Ruthie e Merri Lee, que não eram o tipo de humanos que afogariam cachorros ou gatinhos... ou bebês.

Nem Pete e Eve Denby, que tinham mostrado coragem ao vir aqui, além da confiança de deixar os seus filhotes seguros com os Outros.

O que o trouxe de volta para as crianças, que pareciam como se estivessem esperando por ele germinar e crescer pelos e presas.

Filhotes irritantes. Assim que Pete e Eve fossem embora, ele os mandariam embora.

Caw, caw.

Mas tê-los seria uma boa forma de tornar mais fácil para os curiosos *indígenes da terra* observá-los.

— Este é o nosso filho, Robert, e a nossa filha, Sarah, — disse Pete. — Crianças, este é o Sr. Wolfgard. Ele é o dono da livraria.

— Você pode realmente se transformar em um Lobo? — Perguntou Robert.

— Eu sou sempre um Lobo, — Simon respondeu. — Às vezes eu mudo para parecer humano.

— Você pode, tipo, ficar peludo e outras coisas?

Antes que ele pudesse decidir se queria responder a essa pergunta, e perguntar o que uma jovem humana queria dizer com “coisas?”, houve um baque e um grito na parte de trás da loja. Em seguida, Ruthie correu na direção dele, parecendo despenteada e agitada, o que era estranho porque ela era normalmente uma mulher bem preparada.

— Sr. Wolfgard? — Ela disse.

Primeiro as apresentações. Ficar com as crianças fedidas sem perturbar os pais, já que ele queria que eles olhassem os edifícios que estavam à venda na rua. Em seguida, ele iria lidar com o baque e a agitação.

— Esta é a Ruthie Stuart, ela é companheira do Oficial Kowalski. Ela vai mostrar seus filhotes ao redor da Praça do Mercado, — disse Simon.

Sarah riu. Robert disse: — Nós não somos filhotes; somos crianças¹.

Simon olhou para Robert e Sarah, então para Ruthie.

Crianças. Ele tinha ouvido Merri Lee dizer algo sobre quando ela era criança. Mas a palavra não se aplicava a ela agora, porque ela era adulta, por isso nunca tinha ocorrido a ele que, talvez, os humanos tivessem um pouco da habilidade shifter, e que eles a perdessem quando amadureciam. Quando ela tinha dito criança, será que ela tinha a intenção real de dizer *cabrito*?

¹ A escritora usa o termo “Kids” que pode ser criança/garoto em inglês, mas também pode ser cabrito, e isso confunde o Simon.

Ele olhou para Robert e Sarah com mais interesse. — Os humanos pequenos podem mudar para pequenos cabritos? — Os cabritos eram saborosos. Será que humano transformado em bode teria um gosto diferente de uma cabra?

— Não, — Ruthie disse com firmeza. — Os seres humanos não podem mudar para qualquer outra forma, e enquanto as crianças humanas às vezes são chamadas assim, elas *nunca* são cabritos. — Ela respirou fundo e olhou para Robert e Sarah. — Seria melhor não usar esse termo no Pátio porque os cabritos são comestíveis e as crianças não são.

Simon observou toda a cor ser drenada do rosto de Eve Denby.

— A que horas você deveria olhar os edifícios? — Perguntou.

Pete hesitou, então olhou para seu relógio de pulso. — Nós devemos ir agora. — Ele puxou uma nota de cinco dólares do bolso e o segurou enquanto olhava para o rapaz. — Compartilhe isso com sua irmã e compre alguma coisa.

Robert pegou o dinheiro.

Outro baque na sala de trás, seguido por uma maldição alta e um rosnado. Então Skippy Wolfgard saiu pela frente da loja e viu o dinheiro na mão de Robert.

<Biscoito!>

Antes que Simon pudesse agarrá-lo, o Lobo juvenil com o cérebro skippy arrebatou o dinheiro dos dedos de Robert, deu algumas mastigadas rápidas, e engoliu.

Merda, merda, merda, Simon pensou. Agarrando a cauda de Skippy, ele puxou o Lobo na direção dele antes de olhar para o menino. *Sem sangue, sem gritos e sem falta de dedos.*

Quando Simon mudou seu aperto para segurar Skippy pela nuca, os olhos do juvenil se arregalaram de surpresa pouco antes dele vomitar o dinheiro e metade de um rato.

Sarah gritou e pulou para longe da confusão. Robert se inclinou para dar uma olhada melhor.

<Bolinho estragado,> disse Skippy.

— Desculpe, desculpe. — John Wolfgard correu para frente da loja. — Ele ficou longe de mim.

— Ele comeu um rato, — disse Robert, parecendo intrigado.

— Você já comeu um sem fim de coisas, já vomitou uma minhoca e um centavo que você deve ter engolido junto com ele. — Eve suspirou e olhou para Simon. — Você tem alguns trapos ou alguma coisa para limpar isso?

— Eu vou cuidar disso, — Tess disse saindo da entrada da Bite.

Simon não se preocupou. O cabelo de Tess estava verde sólido e encaracolado, um sinal de que ela estava agitada sobre alguma coisa.

Os Denbys apenas olhavam. Ruthie ficou parada. Skippy tentava se contorcer do aperto de Simon e comer o rato regurgitado.

— Vocês, vão com ela. — Tess apontou para as crianças, e depois para Ruthie. — Vocês dois vão olhar os apartamentos. — Ela apontou para Pete e Eva, em seguida, virou-se para John. — Você tome conta de Skippy. *E não diga a Meg que ele comeu um rato ou ela não vai deixá-lo ficar com ela no Gabinete do Liaison.*

Todos correram para obedecer, deixando Tess virada sobre uma poça de vômito.

— Encontre algo que fazer, — ela disse.

Este não era o momento para lembrá-la de que ele era o líder. Ele deu uma olhada ao redor e se dirigiu para as escadas. Mas ele olhou para trás e viu Tess observando. Ela não parecia feliz.

Claro, ele não ficaria feliz se tivesse que limpar o vômito. Cheirava pior do que as crianças Denby.

Deixando Jake Crowgard empoleirado no balcão de recepção no Gabinete do Liaison, Meg correu para os Três Ps, a loja do Courtyard para pegar papel, selos e cartões. Quando ela abriu a porta traseira de seu escritório há poucos minutos, ela tinha visto as luzes acesas na loja,

então ela sabia que Lorne estava se preparando para o seu dia de trabalho.

Só preciso de alguns minutos para verificar Lorne e me certificar que ele está bem trabalhando hoje aqui, Meg pensou quando ela entrou na loja. *Só preciso de alguns minutos para...*

Ela ainda não tinha entrado no Três Ps. Tudo o que era necessário para fazer o seu trabalho no escritório do Liaison era fornecido, desde as canetas e lápis para a área de transferência e os blocos de papel que ela usava. Agora ela ficou congelada apenas ao passar pela porta.

Sem picadas. Sem a sensação de alfinetes e agulhas. No sentido de uma profecia. Mas quando ela olhou para o grande número de itens em exposição, ela sabia que entrar na loja havia sido um erro.

Então Lorne saiu da sala para trás e a viu. — Meg?

Ele começou a se apressar na direção a ela, depois parou, e ela se perguntou o que ele viu em seu rosto que o fez parecer tão preocupado.

— Há algo errado? — Perguntou.

Não há nenhum perigo aqui, nenhuma ameaça, Meg pensou, sentindo o pânico começar a borbulhar dentro dela.

— Vou ligar para Simon. — Lorne virou-se para o balcão pegar o telefone.

— Não! — Sua veemência surpreendeu a ambos. — Não, — ela disse novamente, lutando para se controlar. — Não chame Simon. Ainda não. Eu só preciso de um minuto.

Ela não falava com Lorne da maneira que falava com Merri e Ruth sobre as imagens e como ela e as outras *Cassandra de sangue* foram treinadas no composto. Se ela tentasse explicar, ele entenderia?

Só há uma maneira de descobrir.

— Eu vi imagens de lojas de materiais de escritório, — ela disse. — Era uma lição, e eu tinha uma visão global do interior da loja. E havia imagens da mercadoria, uma imagem para representar um determinado tipo de coisa.

— Então você via um livro com imagens e talvez uma página interna mostrando uma data? — Perguntou Lorne.

Meg assentiu. — Nós só tínhamos as imagens que os Aqueles Com Nomes queriam que tivéssemos, em vez de *tudo*. — Ela fez um gesto para indicar as prateleiras de mercadorias que enchiam as paredes e as prateleiras altas que forneciam mais espaços de exibição.

Correndo contra o tempo. Ela não podia deixar Jake sozinho por muito tempo, especialmente quando era seu trabalho levar as entregas.

Lorne olhou em volta. — Então sem alguém estabelecer limites, você tentava catalogar tudo na loja com imagens diferentes?

— Sim. Quando eu morava no Composto, eu poderia ter absorvido uma pasta inteira de imagens durante o dia. Mas há tantas coisas para ver no Pátio, e fazer isso agora seria esmagador. — Sobrecarga de informação. Sua mente desligava por alguns minutos. Fechando todas as imagens.

Sua reação ao estar dentro do Três Ps era mais uma confirmação de que a *Cassandra de Sangue* poderia absorver muitas coisas antes de desligar, ou procurar uma maneira de aliviar a pressão que crescia dentro dela.

— Por que não entra? — Perguntou Lorne.

Depois de entrar na Sparkles & Junk, ela pensou que poderia lidar com o Três Ps, mas ela não poderia ir além da porta. Hoje não. — Eu escrevi uma carta para a minha amiga Jean. Ela mora na Ilha Grande agora. Mas foi em papel comum e selado em um envelope.

Será que escreveu algo de valor nesta carta? O ato de escrever a absorveu tanto que ela não conseguia se lembrar do que havia escrito. Talvez não tivesse escrito nada que alguém pudesse compreender, ou ela apenas divagou devido ao fascínio de escrever uma carta?

Não era o mesmo que escrever as informações sobre as entregas. Isso era simples. E não era o mesmo que manter listas de livros que já tinha lido ou das músicas que ela gostava, ou até mesmo escrever algumas reflexões sobre o seu dia. Nenhuma dessas coisas tinha a mesma compulsão para continuar apenas pelo prazer de escrever.

De repente, Meg entendeu por que o Corvo tinha cortado o seu cabelo tão curto. Quando Meg escrevia uma carta, ela entrou em contato com uma nova experiência e não queria que ela acabasse.

— Você quer alguns blocos para escrever? — Perguntou Lorne. — Eu tenho alguns específicos para cartas.

Quanto tempo levaria para escrever página após página?

— Muitos. — Meg falou da porta. Ela teria que voltar para o escritório, para o ambiente familiar.

— Espere aí. — Lorne correu até uma prateleira perto do balcão. Ele rapidamente selecionou um punhado de itens, em seguida, retornou, segurando-os para ela. — Postais. Coloque a imagem do selo aqui neste canto. — Ele virou o postal. — E neste espaço em branco o endereço da pessoa aqui. — Ele apontou para os dois lugares. — A outra parte é onde você deve escrever uma mensagem, neste espaço confinado.

Espaço confinado. As palavras deveriam ter conjurado uma imagem de algo que ela deveria odiar. Em vez disso, ela sentiu um alívio.

Meg levou os cartões postais. — Devo-lhe dinheiro.

— Basta levar essas cartas hoje. — Lorne abriu a porta para ela, um gesto que ela entendeu que significava que ela deveria sair. — Nós vamos resolver mais tarde. Além disso, parece que você tem uma entrega, — acrescentou, pois ambos ouviram o som da porta lateral de uma van se abrindo, em seguida, fechando.

Meg correu de volta para o escritório e chegou à porta privada a tempo de assistir Jake pegar uma caneta com o seu bico e oferecê-lo para o entregador. O homem acenou para Meg, pegou a caneta de Jake, e fez uma anotação no papel anexado a sua prancheta.

Um entregador entregando pacotes. Familiar. Jake jogando o jogo da caneta. Familiar.

Ela olhou para os cartões postais em suas mãos, fascinada pelas fotografias de Talulah Falls. Toda essa água derramando sobre a borda do mundo, criando uma neblina e o arco-íris.

Algo novo. Uma experiência de confinamento.

Meg correu para a mesa na sala de triagem, pegou cinco cartões postais com a imagem voltada para cima. Três deles eram de Talulah Falls. Um deles era de um Cervo com uma parte envolta por uma névoa saindo do chão. E o último... Grandes rochas vermelhas plantadas do chão, e seus topos em forma de platôs.

Platôs.

Um *frizz* de excitação a encheu. Platô, um lugar de descanso, um lugar estável, onde as coisas poderiam permanecer da mesma forma por um tempo, dando a mente uma chance de se acalmar.

Seria por isso que, depois de fazer tanto e de absorver tanto, ela estava lutando agora? Morar no Courtyard fazia com que ela absorvesse mais imagens e informações, muito mais do que teria visto em um dia ou uma semana no Complexo. E mesmo no Composto, embora ninguém dissesse as meninas por que era feito dessa forma, em uma semana elas absorviam novas imagens, e então na próxima semana elas apenas olhavam as mesmas imagens.

Platô. Lugar de descanso. Ela tinha feito algo próximo meio que instintivamente, apenas pegando uma revista que já pesquisou antes, em vez de olhar para outra edição nova. Mas ela não tinha feito o suficiente, porque ela não tinha considerado o quão importante era parar *antes* que ela chegasse à sobrecarga. A partir de agora, ela iria se permitir mais lugares de descanso.

E se *ela* precisava dessas áreas de repouso, as outras meninas também, especialmente as meninas que não tinham escolhido viver no mundo exterior.

Meg pegou o telefone na sala de triagem e chamou Merri Lee. — Merri? Eu descobri outro assunto importante para colocar no *Guia*.



CAPÍTULO 12

Firesday, Maius 11

Steve Ferryman estava saindo da fazenda Gardner. As pessoas na comunidade Simple Life não tinham telefone em suas casas, e eles com certeza não possuíam câmeras digitais. Ou qualquer tipo de câmera, aliás.

Será que um desenho funcionaria como uma referência para uma profetisa de sangue? Algo que ele precisava perguntar.

Ontem, depois de conversar com Simon Wolfgard, ele tinha pegado a sua câmera e foi até a pousada onde as cinco jovens *Cassandra de Sangue* estavam hospedadas e tirou fotos de cada um dos quartos. Depois ele e vários outros homens ajudaram Margaret e Lara, que eram as proprietárias da pousada, a limpar os quartos de tudo o que não foi considerado essencial ou parte do próprio quarto. Ele levou as fotos para os quartos das meninas, imagens que elas não veriam normalmente, como uma lavanderia. Então ele tirou fotos do lado de fora do prédio e das redondezas, incluindo o estacionamento de terra, a grama, os jardins, e qualquer coisa em que pode pensar. Enquanto ele fazia isso, Roger Czerneda, segurando a câmera nova da delegacia da aldeia, tirou fotos das lojas e da vila e dos edifícios públicos, incluindo o centro médico, pelo lado de dentro e fora.

Ninguém em Porto Ferryman entendia por que elas precisavam olhar para as imagens em vez de fazer a coisa real, não entendiam que havia *diferença* para as meninas, mas ele entendia. E compreender esses pequenos detalhes era uma pequena mudança para ajudar os adultos a lidarem com essas meninas.

— Vivendo através de imagens, de modo a não interferir com alguma maldita profecia, — resmungou. Claro, qualquer um que não tinha visto Meg Corbyn, que não estava apenas funcionando, mas *prosperando*, mesmo com o tsunami de estímulos sensoriais que veio com a função de Liaison para o Courtyard de Lakeside, poderia compreensivelmente concluir que essas meninas precisavam de um ambiente restrito, quase estéril, a fim de ficarem sãs.

Mas elas não precisavam de algo estéril, elas só precisavam de ajuda para se ajustarem a um mundo cheio de sensações. E elas precisavam de ajuda porque foram *treinadas* para verem o mundo através de imagens.

Deuses, ele esperava que fosse verdade.

A pousada foi uma solução paliativa para abrigar as meninas. Ele tinha pessoas trabalhando com vontade e tão rápido quanto possível para projetar e construir um lar para essas meninas, que lhes dariam uma oportunidade de prosperar.

E a urgência não era apenas para salvar essas cinco meninas que estavam aqui. Essas meninas que eram chamadas de *Cassandras de Sangue* vieram da linhagem de seu povo, os *Intui*, pessoas que têm uma sensibilidade e um sentido afiado do mundo e ao seu entorno, e eles sabiam quando algo em torno deles poderia se transformar em algo bom ou ruim. Alguns podiam sentir a mudança no tempo antes que houvesse qualquer indicação discernível. Outros *Intui* tinham um sentido para os animais, e sabiam quando comprar um animal esquecido por todo mundo e quando se afastar de um acordo. Discriminados e perseguidos pelos seres humanos que não queriam lidar com pessoas que tinham um medidor interno tão acentuado, os *Intui* fugiram para o país selvagem e faziam os seus próprios negócios com os Outros.

Agora alguns *Intui* estavam trabalhando como consultores para os *indigenes da terra*, ouvindo quando os seres humanos faziam uma proposta para adquirir mais terras, mais minerais, mais água, mais de tudo o que queria naquele dia. Algumas propostas eram honestas e benéficas, pelo menos para alguns dos *indigenes da terra*, bem como os

seres humanos. Mas outras propostas não ofereciam nada que os *indigenes da terra* pudessem querer.

Entretanto, mesmo com esse sentido interno afiado, seu povo tinha feito alguns maus erros com suas relações com outros tipos de seres humanos. Gerações atrás, eles entregaram suas filhas que tinham visões e faziam profecias quando sua pele era cortada, meninas que ficavam enlouquecidas pelas coisas que viam e se cortavam para sentir a euforia que nublava suas mentes e as faziam se sentir bem.

Tendo descoberto o que havia sido feito com todas aquelas meninas durante todos os anos desde então todos os assentamentos *Intui* em Thaisia estavam se oferecendo para ficar com as *Cassandras de Sangue*, e cuidar delas da melhor forma possível.

Elas precisavam aprender, porque a oferta, ou a maldição da profecia, estava começando a reaparecer em famílias *Intui*. No ano passado, a família de Sledgeman, aqui da Ilha Grande, tinha perdido uma adolescente que tinha começado a se cortar e se jogou no rio Talulah para escapar de visões que ninguém tinha entendido até que fosse tarde demais.

Ontem, ele enviou as informações que Simon havia dito por telefone por e-mails para a rede de assentamentos *Intui* na Região Nordeste. Alguns assentamentos estavam conectados em outras partes do Thaisia. Até o momento em que tinha voltado para tirar mais fotos e imprimir as cópias para Margaret e Lara usarem como uma referência, ele tinha recebido tantas mensagens de e-mail e ligações pedindo mais informações e auxílio, que eles não sabiam o que fazer. Ele chamou sua mãe, Rachel, e Penny Sledgeman, uma amiga e esposa de Jerry, para ajudarem a responder às chamadas telefônicas e os e-mails. Como prefeito de Porto Ferryman, ele solicitou uma reunião com Simon Wolfgard, e não foi surpreendido ao saber que o Wolfgard não estava retornando as chamadas.

Mas todas essas coisas eram a razão pela qual ele estava dirigindo agora para se encontrar com outra *Cassandra de Sangue*, que veio do

composto do Centro-Oeste e que foi mantida pelo Controlador: Jean, a profetisa de sangue que ajudou Meg Corbyn a fugir.

Estacionando perto da casa, Steve pegou a câmera digital e saiu. Lorna Gardner estava andando no jardim da casa, seguida por seus dois filhos. Ele não esperava ver James. Cada família tinha seu próprio lote de terra, mas os agricultores Simple Life trabalhavam juntos para fazer a semeadura e a colheita, e era uma estação de crescimento.

Lorna o levou para a casa de hóspedes, uma versão menor da casa principal.

— Jean? — Lorna chamou, abrindo a porta apenas o suficiente para ser ouvida. — Steve Ferryman gostaria de falar com você. Você pode atender?

Ela deu um passo para trás e baixou a voz. — Se você tem respostas...

— Eu tenho algumas — Steve respondeu. — Mas isso vai significar permitir alguma tecnologia em sua casa. Não será um equipamento que você terá que usar, mas você vai precisar dos resultados.

Depois de um momento de reflexão, Lorna assentiu. — Se vai ajudá-la, tudo bem.

— Entre, — disse Jean.

— Venha para a casa quando terminar, — disse Lorna, dando um passo para o lado.

Steve entrou na casa de campo, e ficou de pé na porta, enquanto seus olhos se adaptavam à sala escura. Todas as cortinas estavam fechadas. Todas as janelas estavam fechadas. Sem luz. Sem ar fresco.

— Feche a porta, — Jean sussurrou.

Ele fechou a porta e encostou-se nela.

— Como você está? — Perguntou.

— Eu queria isso, — ela disse. — Desde o dia em que fui levada para esse Composto e recebido um número como designação, eu queria sair; eu queria ser uma pessoa novamente ao invés de uma propriedade. Mas eu não sabia que seria tão difícil. — Ela hesitou. — Como Meg está?

— Meg está muito bem. Ela e os seus amigos do Courtyard de Lakeside estão encontrando algumas respostas que, esperamos, irão facilitar as coisas para todas as profetisas de sangue que deixaram os Compostos.

— Ela me mandou uma carta, eu ainda não abri.

— Por que não?

— Apenas receber uma carta foi uma coisa nova, foi demais naquele dia.

— Talvez você devesse lê-la em breve.

As cortinas não bloqueavam toda a luz. Agora que seus olhos tinham se ajustado, ele podia vê-la sentada em uma mesa de madeira simples, virando a lâmina de prata em suas mãos.

Seu coração deu um solavanco duro, então pareceu congelar no peito por um longo momento antes que voltasse a bater novamente.

— O que eu gostaria de fazer é abrir as cortinas para entrar luz, o suficiente para tirar fotos do quarto, — ele disse. — Então eu vou tirar fotos da casa, dos jardins, do celeiro e os outros edifícios. Vou tirar fotos dos animais.

— Então eu posso ficar aqui e ver o exterior através das imagens?

Ele ouviu a amargura e a resignação, e o cansaço em sua voz.

— É apenas uma referência para quando você sair e ver as coisas reais e não sentir um choque. Meg e as mulheres que trabalham com ela estão criando um guia para as profetisas de sangue e sugeriram isso. Fizemos isso para as meninas que ficaram na pousada, e isso ajudou. Hoje eu estou aqui para fazer o mesmo por você, se você me deixar.

— Meg, a *Guia*, — Jean disse suavemente. — Meg, a *Pioneira*. Tudo bem, Steve Ferryman. Mostre-me primeiro imagens de trilhas. — Ela lhe deu um sorriso estranho. — Eu não sei o que é, e nem sei o que faz, mas foi uma das imagens de treinamento.

— Você nunca a viu em contexto?

O sorriso dela era mais frio. — Isso seria considerado muita informação.

No composto, ela foi espancada e abusada em quase todos os sentidos que uma pessoa pode abusar de outra. Ele tinha ouvido em confiança de um dos médicos da Ilha, que ela tinha um sombreado de cicatrizes ao longo de várias partes de seu corpo e, em alguns lugares, camadas de tecido cicatricial.

Ela estava sã? Ninguém queria fazer esse diagnóstico. Contanto que ela não fosse uma ameaça para os Gardners, os médicos e os *indigenes da terra* estavam dispostos a deixá-la ficar na casa de hóspedes.

Steve levantou a câmera. — Início de uma vida nova, Jean, e uma maneira de viver fora novamente. Pronta para experimentar?

Ela afastou-se da mesa. — Eu estou pronta. — Ela fez uma pausa. — E quando você tirar as fotos lá fora, eu vou escrever uma pequena nota para Meg.



CAPÍTULO 13

Firesday, Maius 11

— Os dois edifícios de apartamentos estão em muito boa forma, — disse Pete Denby, sentado em uma das mesas na Bite. — Eve diz que todos os apartamentos precisam de tinta fresca e papel de parede, esse tipo de coisa.

— Nada que os novos inquilinos não possam fazer, — Eve disse. — Você pode querer contratar um profissional para verificar os edifícios, mas nós não vimos quaisquer problemas estruturais.

— Então por que estão vendendo os edifícios? — Perguntou Simon. Elliot, Tess, Henry e Vlad tinham se juntado a ele no café para ouvir o relatório dos Denbys. Já que Jenni Crowgard era um membro da Associação de Empresas, ele disse a ela sobre esta reunião, mas ela não expressou nenhum interesse em se juntar a eles. O que o perturbava um pouco, mas ouvir sobre algo, não era o mesmo que ter a oportunidade de bisbilhotar algum lugar novo, talvez por isso todo o *blá-blá-blá* não era de interesse para os Corvos.

— A falta de inquilinos, — disse Pete. — O atual proprietário dos edifícios está com dívidas de hipoteca, e ele não está recebendo a renda de que precisa. Cada prédio tem quatro apartamentos com dois quartos cada. Apenas metade dessas unidades está ocupada agora, e *todos* os inquilinos sairão até o final do mês, sem novos moradores à vista.

— O proprietário e o representante imobiliário não falaram exatamente desse problema, — disse Eve. — Eles falaram apenas sobre o potencial dos apartamentos, que o ambiente é limpo, além dos novos inquilinos. Eles tiveram muito cuidado em não dizer por que os inquilinos não vão ficar. Como eu disse, Pete e eu não vimos quaisquer sinais de

infestação de insetos ou danos causados pela água ou qualquer motivo estrutural que façam as pessoas não querer viver nesses apartamentos.

— O prefeito Rogers me disse outro dia que havia uma falta de habitação em Lakeside, — Elliot disse. — Se isso for verdade, por que essas tocas aceitáveis ainda estão vazias?

Pete parecia desconfortável. — A localização.

— Significa que os humanos de repente estão se opondo a morar tão perto do Courtyard? — Vlad perguntou com educação fria.

— O representante imobiliário não disse isso, — Eve disse. Ela olhou para Pete. — Mas nós dois tivemos a impressão de que é essa a razão dos apartamentos ainda estarem vazios, e por que os inquilinos existentes estão saindo.

Pete tirou um pedaço de papel do bolso interno do casaco. — Esta é a cotação de venda para cada edifício. Perguntamos sobre os impostos e o custo médio das unidades. Acho que as informações e os números são otimistas.

— Essas são as informações com base nos dois apartamentos ainda em uso em cada edifício, e nenhum dos inquilinos tem filhos, — Eve disse. — Eu duplicaria os números de moradores para cada edifício, no mínimo.

— Quando perguntado, eu disse ao proprietário que eu era o advogado que estava representando uma Associação Empresarial, e que estava procurando edifícios para investimento e rendimentos de propriedade, — Pete disse. — A pergunta que ele fez e que eu não pude responder era como o meu cliente pretendia pagar pela propriedade.

Simon fez uma careta. — Vamos dar o dinheiro. Eles nos darão os papéis que dizem que nós somos os proprietários dos edifícios. Como mais poderíamos pagar por isso? — Será que Pete achava que eles iriam apenas tomar o que não era deles? Os *Outros* no Courtyard não eram humanos, não importa o quão bem eles podiam assumir a forma.

Então novamente, até mesmo os animais lutavam entre si para manter, ou adquirir, mais território.

— Eles estavam perguntando como você pretende financiar a compra, — disse Pete. — Os *indigenes da terra* podem obter uma hipoteca de um banco?

— Por que nós queremos esta hipoteca quando temos dinheiro?
— Perguntou Henry.

— Dinheiro? Você está pensando em pagar em dinheiro ambos os edifícios? — Pete piscou. — Você entende o preço pedido?

Simon estudou Pete e decidiu que o homem não estava tentando insultar a sua educação. — A cidade de Lakeside e todas as fazendas que estão nas proximidades são terras alugadas pelos *indigenes da terra* através do Courtyard de Lakeside. Um quarto da renda é devido a cada temporada. Nós não precisamos dessa coisa de hipoteca. Nós temos dinheiro.

Eve olhou para ele.

Pete deu-lhe um sorriso estranho. — Um pequeno pedaço de terra em uma pequena cidade, como a que Eve e eu morávamos antes de vir aqui, é alugado como um todo. Os limites foram definidos antes que a população cresça para preenchê-lo, e o arrendamento de toda aquela terra expira ao mesmo tempo. Mas uma cidade como Lakeside vai crescendo aos poucos. Você pode chamar de otimismo intencional ou um desejo de não chamar a atenção para uma verdade básica, mas eu acho que o governo jamais irá negociar com os *indigenes da terra* para consolidar esses arrendamentos. O que significa que existem diferentes arrendamentos de terra para diferentes partes de Lakeside, e a sua renovação acontece em momentos diferentes.

— Sim, eles acontecem, — Simon concordou.

Eve olhou para Pete, depois para Simon. — Então o que aconteceria se você não renovar a concessão?

— Os seres humanos teriam que se mudar para fora da terra recuperada, Simon respondeu. — Assim como os seres humanos que tiveram de deixar a aldeia de Jerzy quando foi recuperada pelos *indigenes da terra* que cuidam da Costa Região Oeste.

— Então tudo o que você tem a fazer é esperar que o arrendamento expire em lotes do outro lado da rua. Depois de recuperar a terra, ninguém poderia viver naqueles edifícios sem sua permissão, — disse Pete.

— O que você diz é verdade, — Henry concordou. — Mas os arrendamentos de terras que incluem aqueles edifícios não expiram por mais alguns anos, e Ruthie e Kowalski precisam de um lugar para viver agora. Uma vez que os edifícios estão à venda, decidimos fazer isso da maneira humana e comprá-los.

— Nesse caso, você deve saber que a mulher que vive no duplex entre os dois edifícios perguntou se o meu cliente estaria interessado em comprar sua casa também, — Pete disse. — Eve deu uma olhada rápida, enquanto eu mantive o proprietário do apartamento ocupado.

— É uma casa de madeira de dois andares, mas são independentes, — Eve disse. — O apartamento superior esteve ocupado pelo filho da mulher e sua família, mas o filho recentemente aceitou um emprego em um lugar chamado Hubbney. É realmente um nome de cidade? De qualquer forma, os apartamentos têm três quartos, sala de estar, sala de jantar, cozinha e banheiro. Há vaga para estacionar atrás do duplex, bem como há vagas na Avenida Crowfield. Não há muito terreno para jardins e tal.

— Isso não seria um problema, — disse Simon.

— Os moradores podem apreciar a possibilidade de fazer algum plantio. Qualquer um que tente alimentar uma família vai querer plantar um pouco de comida, a fim de pagar por coisas como o pão, que dobrou de preço na semana passada e está se tornando um item de luxo.

O pão era um item de luxo? Isso não parecia certo. Então novamente, ele comia pão somente quando ele fazia parte de uma refeição que era servida no restaurante Carne Verde ou quando ele comia um sanduíche na Bite.

Simon olhou para Tess, mas ela estava estudando Eve.

<Pão é um item de luxo?> Perguntou a Tess.

<Eu pensei que era um alimento básico, o tipo de coisa que todos os seres humanos comiam,> ela respondeu. *<Algo pode ter acontecido nas fazendas humanas para mudar isso...>*

<Se você ouvir qualquer coisa, me avise.> Ele preferia comer veado fresco a pão fresco, mas Meg deveria ter pão sempre que ela quisesse.

Eve tirou um pedaço de papel de sua bolsa e entregou a Simon. — De qualquer forma, isso é o que a senhora Tremaine gostaria para sua casa, mas ela quer se mudar em breve para estar com o seu filho, então ela vai aceitar qualquer oferta razoável.

Simon foi até as janelas e estudou os prédios em frente. *<Se nós compramos todos os três, nós seríamos os proprietários de todos os edifícios nesse bloco, com exceção do edifício comercial que fica em frente a Main Street,>* ele disse para os outros *indigenes da terra*.

<Isso é um monte de seres humanos,> disse Henry.

<Talvez.> Ele se virou. — Você. Eve *Trabalhadora Manual*. Você poderia viver naquela casa?

— O duplex? Claro, — Eve disse. — Precisa de um pouco de trabalho, mas nada que eu não possa fazer. Claro... — Ela olhou para Pete. — Eu acho que nós não poderíamos nos dar ao luxo de alugar um lugar daquele tamanho. Não agora.

— Você não iria pagar o aluguel. Você seria o gerente que cuidaria dos edifícios para nós.

Pete e Eve pareciam como um pônei que foi chutado na cabeça. Ele desejou que eles não parecessem dessa forma. Ele se sentiria melhor com o plano tomando forma se eles estivessem confiantes de que os seus cérebros iriam continuar a trabalhar.

— Você está me oferecendo um emprego como sua gerente de propriedade? — Eve disse finalmente.

— Sim. E Pete poderia ser o nosso advogado quando têm de lidar com os assuntos humanos.

<Simon!> Isso veio de Tess, Elliot e Vlad. Mas não, ele observou, de Henry.

— Vamos comprar os edifícios, e você vai cuidar deles, — ele disse.

— E sobre os inquilinos? — Perguntou Pete. — Você vai anunciar quem vai alugar os apartamentos?

Ele sabia pelo olhar em seus olhos que ele não pensou nos humanos.

— Não, — ele disse. — Nós vamos escolher quem irá morar na nossa terra.

Pete soltou um suspiro. — Nesse caso, vamos falar sobre que tipo de oferta você quer fazer para cada edifício.

Henry olhou para Simon e assentiu. Depois de um momento, assim como Tess e Vlad. Elliot não fazia parte da Associação de Negócios, mas ele teria que lidar com o governo de Lakeside. Quando o Lobo assentiu, Simon focou em Pete e Eva. — Sim, vamos conversar.

Depois de concordar com o que Pete e Eve precisavam fazer a seguir, a fim de adquirir os edifícios, Simon os levou até a Praça do Mercado, onde eles recolheram os seus filhos e foram embora. Quando ele voltou para a HBL, ele não estava surpreso que Vlad, Tess e Henry o seguiram até o escritório, mas ele não esperava que Blair Wolfgard escorregasse atrás deles.

— Você pode me dizer sobre isso mais tarde, — Blair disse. — Eu só queria que você soubesse que Nathan está a caminho de casa e quer que eu vá buscá-los na estação de trem esta tarde.

— Nós? — Simon disse, e às vezes os ouvidos humanos simplesmente não demonstravam adequadamente interesse pelo som. — Nathan encontrou uma companheira?

Blair hesitou. — Não parece. Mas ele está trazendo alguém com ele. — O Executor principal do Courtyard saiu do escritório, fechando a porta atrás de si.

— É sábio nos tornar tão emaranhados com os seres humanos? — Perguntou Henry.

— Nossos ancestrais *indigenes da terra* permitiram que alguns seres humanos se estabelecessem em Thaisia. Eles foram sábios? — Simon respondeu. — Talvez não. Mas eles fizeram essa escolha, e nós temos que encontrar uma maneira de viver com os seres humanos que estão aqui agora.

— *Eles* têm que encontrar uma maneira de viver conosco, — Tess disse. — Enquanto algumas partes do mundo pertencem aos seres humanos, Thaisia é e sempre pertencerá aos *indigenes da terra*.

— Eu concordo, — Henry disse. — Mas são os seres humanos que *estão* tentando viver entre nós que estão em discussão.

— Então qual escolha estamos fazendo para Lakeside? — Vlad perguntou.

— Equilíbrio, — Simon disse. — Talulah Falls foi recuperada, e os *indigenes da terra* estão agora no controle daquela cidade. Eles permitiram que os turistas que sobreviveram saíssem. Eles também permitiram que os alunos que frequentavam a universidade pudessem sair. Mas eles estão mantendo os adultos que moram em Talulah Falls que foram responsáveis pela explosão que matou vários Corvos e pelo humano louco que matou um dos Sanguinati. Essas pessoas estão trabalhando e estão vivendo com medo.

— Pode-se dizer que a maioria dos seres humanos em Thaisia está vivendo com medo, exceto aqueles que vivem nas grandes cidades e são deliberadamente cegos para a verdade do que significa levar uma vida humana na terra dos *indigenes da terra*, — Vlad disse.

— Isso é diferente. Nunca houve tanta raiva dos humanos para que precisássemos manter alguns cativos. — Ele percebia esse pequeno movimento muito desconfortável. Os *indigenes da terra* matavam seres humanos pela carne ou os matava como inimigos ou predadores rivais. Eles destruíram cidades quando os seres humanos se tornaram uma ameaça maior. Mas eles nunca mantiveram humanos em cativeiro dentro de uma cidade antes dos problemas de Talulah Falls.

Simon esfregou a parte de trás do seu pescoço, tentando aliviar os músculos tensos. Era um gesto muito humano? Havia sempre o risco

de absorver muito de uma forma. Foi isso o que aconteceu com os *Outros* que aceitaram a tarefa de controlar Talulah Falls? Talvez tivessem absorvido muito do comportamento humano?

Eles estão comportando-se como humanos como o Controlador, da mesma forma que se comportou com Meg e as outras profetisas de sangue.

Ele balançou a cabeça, como se isso fosse sacudir o pensamento antes que tivesse a chance de enterrar o assunto. — Os Lobos, Corvos, e todos os *Outros indigenes da terra* que moram em Pátios são o amortecedores entre os seres humanos e os demais *indigenes da terra*. Os seres humanos que estão sendo marcados como *amantes de lobo* são um amortecedor entre nós e os demais seres humanos.

— Não há muitos deles, por isso não é muito de um amortecedor, — Tess disse.

— Mas aqueles que estão tentando trabalhar conosco estão sendo expulsos de seus covis, — disse Simon. — Se não ajudarmos, alguém vai oferecer-lhes o que eles precisam para si e para os jovens que eles têm ou tiverem. Alguém vai oferecer comida e abrigo e dar a esses humanos uma razão para retribuir a lealdade.

— E a Comunidade River Road? — Perguntou Henry.

— Eu não quero fazer arrendamentos de qualquer pedaço daquela terra para os humanos novamente, mas posso manter alguns humanos morando lá, junto com os *indigenes da terra*, e isso daria aos seres humanos uma razão para proteger aquela terra também. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — E vou aumentar a remuneração para todos os humanos que ainda trabalham para nós. Todos eles estão fazendo mais de um trabalho agora, e diferentes tipos de trabalho. Eles devem receber mais dinheiro.

— Você está tomando um monte de decisões, — Vlad disse. — E você está fazendo um monte de mudanças de forma muito rápida. Talvez rápido demais.

— Eu *sou* o líder, — Simon rosnou. Mas Vlad tinha um ponto. Uma vez que eles tivessem garantidas as terras de River Road e as

tocas humanas perto do Pátio, todos eles precisariam de tempo para se adaptar às mudanças. Incluindo ele.

Um momento de silêncio antes de Vlad dizer: — Sim, você é o líder. — O Sanguinati olhou para o Urso.

— As enchentes podem retê-lo, — disse Henry, parecendo perturbado. — Às vezes, quando há uma tempestade à distância, parece muito longe para você se importar, até que a água chega furiosa em seu território, varrendo o que você pensou que era seguro.

Simon assentiu. — Uma tempestade distante, mas estamos começando a sentir isso aqui. As coisas entre os humanos e Outros mudaram nos últimos meses. O Controlador estava fazendo drogas do sangue de *Cassandras de Sangue*. As lutas entre os humanos e Outros que foram provocados por esses medicamentos foram o início dessas enchentes. Agora os humanos estão falando sobre terem *direito* as terras, as águas, as madeiras, e o que mais quiserem. E ainda há o grupo que se autodenomina Humanos, Primeiros e Últimos, incitando os humanos a fazerem coisas que irão virar os *indigenes da terra* contra eles. E o pão está se tornando um luxo. Por quê?

— Talvez isso seja algo que você deva perguntar a Meg da próxima vez que ela fizer um corte controlado, — Tess disse.

Simon e Vlad rosnaram para ela.

Seu cabelo imediatamente ficou vermelho com linhas pretas e começou a enrolar. — Tenha cuidado, vampiro, — ela avisou, olhando para Vlad.

— Sim, o próximo corte deve ser um corte controlado, — Henry disse. Embora ele falasse calmamente, sua voz retumbante abafava os rosnados. — Dessa vez foi diferente de quando a nossa Meg se cortava quando estava chateada. Não vamos esticar o seu corte como os outros fizeram.

— Como você pode dizer? — Vlad perguntou.

Henry sorriu. — O tempo está aquecido o suficiente para que ela abra a janela na sala de triagem, quando ela começa o seu trabalho. E eu

podia ouvi-la cantando. — Ele pensou por um momento. — Bem, era um som feliz de qualquer maneira.

— Tudo bem, — Tess disse e os fios pretos desapareceram de seu cabelo. — Os humanos não são mais o inimigo.

— Oh, a maioria deles ainda são inimigos e carne, — Simon disse. — Mas eu acho que esse plano vai nos ajudar a identificar os poucos que não são.



CAPÍTULO 14

Firesday, Maius 11

Pela segunda vez em dois dias, Monty estava com o seu Capitão Burke e Pete Denby para uma reunião a portas fechadas.

— É sem precedentes, — Burke disse após Pete lhes contar sobre os apartamentos e o trabalho posterior oferecido por Simon Wolfgard. — Claro que o Wolfgard tem sido um líder progressista desde que ele assumiu o Courtyard de Lakeside.

— Você tem a sensação de que eles querem expandir o Courtyard? — Perguntou Monty.

Pete balançou a cabeça. — Não, mas eu acho que ele está mais focado na sobrevivência dos moradores do Pátio. Isso me fez pensar que ele sabe de algo que nós não sabemos.

Burke abriu as mãos em um gesto de “*Quem sabe?*” — Eles têm uma profetisa de sangue. E, enquanto Wolfgard tem informações que ele obtém de Meg Corbyn e compartilha, eu digo que ele não compartilha tudo. Por outro lado, não há nenhuma outra força policial em todo o continente, que interage com os *indigenes da terra* da forma como fazemos, e o Tenente Montgomery e a sua equipe são em grande parte responsáveis por isso. Então qualquer coisa que o resto de nós possa fazer para manter a comunicação aberta é uma avenida que eu gostaria de explorar.

— Tenho que admitir, eu sou do tipo curioso também, — Pete disse. — Assim como Eve.

— Você está preocupado com as crianças? — Perguntou Burke.

— Um pouco. Mas estou mais preocupado com o que os outros humanos podem fazer, e o que os *indigenes da terra* vão fazer sobre isso, — Pete disse.

— Qualquer pessoa pode perceber como as notícias de ontem sobre como a polícia e Outros que colaboraram para localizar e ajudar as meninas abandonadas foram substituídas por relatórios sobre a situação desesperadora em Talulah Falls e como cada governo regional está tendo que rever as cotas de ração para determinar quais os alimentos serão adicionados na antecipação de escassez? E eu duvido que haja muitos Outros prestando atenção as notícias humanas; e parece que *alguém* não quer que vejamos a prova de que podemos trabalhar juntos. E isso me assusta. Os humanos não possuem sequer um acre de terra em todo este continente. Nós podemos construir e arar a terra nas fazendas, mas é tudo locado; podemos extrair minerais e combustíveis; podemos extrair madeira. A maioria dos arrendamentos de terra é entre vinte ou vinte e cinco anos, e isso nas aldeias e pequenas cidades. Eles se renovam tão silenciosamente que eu duvido que alguém, além dos funcionários do governo e os advogados, pensam nisso. Ou, eles não pensam até que os *indigenes da terra* se recusam a renovar a concessão, como em Jerzy, fazendo que todos os humanos fossem forçados a deixar aquela aldeia. A menção, mesmo que ocasional, do arrendamento de terras de uma cidade durante uma reunião do governo é deixada de lado tão rápido que você nem sabe se ouviu as palavras. Pessoas na minha antiga cidade ficaram chocadas quando perceberam que os *Outros* tomaram de volta essas locações e estavam dispostos a expulsar quaisquer inquilinos que eles percebessem que fossem muito problemáticos para tolerar.

— Talvez isso seja em parte o que está por trás da conversa sobre a escassez, — Monty disse. — Talvez algumas das locações em extensões de terras agrícolas estejam vencendo, e os governos não têm certeza de que os contratos serão renovados neste momento.

Burke assentiu. — É uma possibilidade. O imposto da água aqui ajuda a todos a se lembrarem de *quem* possui a água e *quem* abastece a cidade. Mas Pete está certo sobre as pessoas se esquecendo dos

arrendamentos. Lakeside está meio esquecida, a maioria das pessoas não lê as letras miúdas que diz que quando eles compram uma casa, eles estão comprando o edifício e não a parcela de terra que ele ocupa.

— Eve e eu passamos o resto da manhã falando sobre isso, — Pete disse. — E, francamente, nós falamos sobre como se parece em outras cidades no Nordeste ou em algum lugar na região Sudeste.

— Você acha que esses lugares seriam mais seguros? — Perguntou Monty.

— Não, nós não achamos. E é por isso que eu vou aceitar o trabalho de ser advogado dos *Outros* para as causas humanas e Eve vai trabalhar para eles como gerente dos apartamentos.

— Jogada inteligente, — Burke disse. — Eu vou te dar a ajuda que puder.

Monty olhou para Pete. — Antes de ir, eu gostaria de perguntar... Se você está trabalhando para o Pátio, você vai *poder* aceitar outros clientes?

— Tenente? — Perguntou Burke, levantando-se.

— Simon Wolfgard não disse que eu não podia, — disse Pete. — E eu acho que eles não têm negócios suficientes para eu ganhar a vida se eu não pegar outros clientes. Por quê? Você precisa de um advogado?

Monty assentiu. — Estou preocupado com a minha filha. Por um tempo, minha ex estava falando em se mudar para um lugar no Cel-Romano, e morar com Nicholas Scratch e sua família.

— Scratch? — Pete olhou para Monty, então para Burke. — O palestrante da HPU?

— O mesmo, — Burke disse severamente. — Scratch ainda está em Toland fazendo seus discursos. Deuses acima e abaixo, você não pode ouvir uma notícia sem ouvir o bastardo fazendo um de seus discursos.

— Já que Scratch está em Toland, é lógico que Elayne também esteja, — disse Monty. — Mas eu não consegui falar com ela nesses últimos dias. — Ele tentou segurar nas palavras, mas explodiu. — É ruim o suficiente ela convidar Scratch para morar com ela tão cedo após conhecê-lo, mas Lizzy é tanto minha filha como dela, e eu não quero que

Elayne cruze com Lizzy o Atlantik para morar com um homem em quem eu não confio. Deuses! Nicholas Scratch é um homem inescrupuloso. Nós nem conseguimos descobrir quem ele realmente é, e se vem realmente de uma família rica no Cel-Romano como ele alega.

— Você acha que ele disse isso para soar mais credível? — Peter perguntou.

— Não sabemos, — Burke respondeu.

Monty puxou os papéis do bolso interno do paletó e os entregou a Pete.

— Estas são as cópias da certidão de nascimento de Lizzy e os documentos legais que Elayne elaborou para manter a guarda da criança.

— Não há outros acordos legais entre você e Elayne? — Perguntou Pete.

— Nós não éramos casados, se é isso que você está perguntando.

Pete enfiou os papéis em sua pasta. — Tudo certo. Eu vou ver as opções que você tem para obter algum tipo de custódia, ou, pelo menos, impedir que Elayne leve Lizzy para além de Thaisia.

— Obrigado. — Se ele ganhasse a custódia, será que a sua mãe estaria disposta a mudar e ajudá-lo a cuidar de Lizzy? Outra coisa a se pensar.

O celular de Monty tocou. — Montgomery falando.

— Tenente. — Algo estranho na voz de Simon Wolfgard. — Venha para o Pátio. *Agora*. Nós temos algo que pertence a você.

Pater,

O pagamento para a mercadoria foi mal direcionada. Local conhecido, mas a recuperação será difícil. O primeiro carregamento de mercadoria será enviado de boa-fé.

NS



CAPÍTULO 15

Firesday, Maius 11

— Por que eu tenho de brincar com um humano? — Sam perguntou novamente quando Meg estendeu a mão para abrir a porta da Bite.

Ela afastou-se da porta e inclinou-se, apoiando as mãos sobre as coxas para que ela e Sam estivessem olho no olho. Pelo jeito como ele estava crescendo, ela não precisaria fazer isso por muito mais tempo. Ou talvez este surto de crescimento diminuísse em breve. Os Outros não falavam como os *indigenes da terra* se pareciam antes de assumir as formas que os separavam em vários *gards*, dando a cada grupo traços particulares, mas Meg tinha a impressão de que o crescimento de Sam não foi baseado em quão rapidamente ou lentamente os Lobos ou os humanos chegavam à maturidade; foi baseado em como os *indigenes da terra* e a sua misteriosa e primeira forma amadurecia.

— Nós não vamos brincar com ela, exatamente, — Meg disse. — Nós apenas iremos fazer um lanche e fazer-lhe companhia até que o Tenente Montgomery chegue.

— Porque ele é o pai dela?

— Sim. — Ela tocou em seu braço, um momento de contato. — Ela está sozinha, Sam; e ela é muito jovem para ter vindo de tão longe em um trem por si mesma.

Simon não falou muito, mas ele disse o suficiente. Lizzy Montgomery poderia não ter chegado a Lakeside se Nathan não estivesse naquele trem e no mesmo vagão.

Sam olhou para o chão entre seus pés antes de perguntar em voz baixa: — Aconteceu alguma coisa com a mãe dela?

Simon disse que há um pouco de sangue seco no urso de brinquedo de Lizzy, pensou Meg. Sam é um filhote de Lobo. Ele é obrigado a sentir o cheiro.

— Nós não sabemos o que aconteceu com a mãe de Lizzy, — ela disse. — Mas Simon e o Tenente Montgomery irão descobrir.

Agora ele estendeu a mão, um toque dos dedos no braço dela. — Você vai ter que sangrar?

Ele não sabia sobre o vício da *Cassandra de Sangue*, mas ele sabia que ela se cortava a fim de ver visões.

— Não. O que aconteceu já aconteceu. Eu... Só me corto... Quando é importante para ver o que *pode* acontecer. Como quando os homens atacaram o Courtyard e eu sabia antes que eles chegariam, e que você tinha que ficar com o Sr. Erebus, porque você estaria seguro com ele.

— E você sabia quando a caixa de cubos de açúcar deixaria os pôneis doentes.

— Sim.

Aparentemente satisfeito que nada iria acontecer com *a sua* matilha, ele olhou para sua cabeça com enervante interesse.

— Eu posso sentir seu pelo? — Ele perguntou.

— Não é pelo; é o meu cabelo.

— Uh-huh. Eu posso sentir isso?

Ruim o suficiente que ela se chocou com este novo corte de cabelo, mas cada Lobo, Corvo, Falcão, Coruja e Sanguinati que ela viu ontem, tinham olhado para ela. Jester Coyotegard tinha trotado do Pony Barn para dar uma olhada e, em seguida, alegremente correu de volta para relatar para as meninas no lago. Mesmo os pôneis, que eram os portadores de correio do Pátio e os corcéis dos Elementais, estavam mais interessados no que restava de seu cabelo do que em comer os pedaços de cenoura que ela tinha para o deleite deles.

— Por quê? — Ela disse. — É o mesmo que era antes.

— Uh-uuuh.

Meg deixou escapar um suspiro. — Bem. Você pode sentir meu cabelo.

— É macio e espesso, — Sam disse passando a mão em seus cabelos. — Parecido com o de um Lobo.

Um suave e deliberado arrastar de chinelos no chão logo atrás dela.

Meg se levantou e se virou.

— Simon. — Ela tentou e falhou em buscar uma imagem de formação que combinava com o olhar no seu rosto. Desconcertado e aborrecido, com um toque de sentimentos feridos?

— Espere por nós lá dentro filhote, — ele disse. — E não mude na frente da humana pequena.

Suspiro tempestuoso e grande. Então depois de fazer seu ponto sobre ser colocado para entreter uma *humana*, Sam abriu a porta e entrou na Bite.

— Eu deveria... — Meg apontou para a porta.

— Você rosna para mim porque eu quero sentir o seu cabelo, mas você não precisa nem resmungar com ele?

Definitivamente alguns sentimentos feridos.

— Ele é um filhote! — Ela protestou.

— E?

— Bem... Mas...

— Eu não rosno com você quando *você* alisa o meu pelo, — disse Simon.

— Mas... Isso é diferente!

— Como?

Meg abriu a boca para explicar exatamente como era diferente e não conseguia pensar em nada para dizer. Ele *era* diferente, não era? Ele nunca se opôs quando ela passou os dedos pelo seu pelo. Ele era um Lobo. E fofo. Menos fofo agora que ele não estava usando o seu casaco de inverno, mas ainda assim!

Será que ela entrou no *tal* espaço pessoal dele sem perceber? Ele nunca se opôs, mas ele nunca tinha realmente dado sua permissão para acariciá-lo.

Ela olhou para ele, que estava esperando pacientemente por uma explicação, e percebeu que ele não via diferença entre a sua curiosidade tátil e a dela. E agora ela não conseguia descobrir a diferença também.

— Tudo bem, — ela murmurou.

Não era como o toque de Sam. A mão de Simon era maior e se movia lentamente sobre a cabeça dela, os dedos fortes encontrando o ponto atrás da orelha, onde os músculos estavam apertados. Pressionando. Em movimento. Persuadindo que os músculos dela relaxassem.

Ela oscilou, e sequer percebeu que tinha se movido até que sua testa estava descansando contra o peito dele.

— Oh, — ela respirou. — Não me admira que você simplesmente só fica deitado quando estamos assistindo um filme.

A respiração dele arrepiou o seu cabelo quando ele disse sorrindo, — Bem, sim.

Cedo demais, Simon baixou a mão e recuou. — Sam está ficando impaciente e curioso, agora que ele está olhando a Lizzy. Você deve ir. Lizzy não contou para Nathan o que aconteceu com a mãe, mas ela poderia dizer a você.

Meg assentiu e foi até a Bite.

Não era apenas Lizzy. Agora era *a Lizzy*.

Ruthie foi aquela a perceber que os *indigenes da terra* tinham uma hierarquia verbal que eles usavam quando falavam de humanos, uma forma de indicar o grau de interação com um indivíduo. Ruthie era apenas Ruthie quando ela era uma cliente na Howling Boas Leituras, mas desde que ela começou a trabalhar no Pátio, ela era *a Ruthie*. Meg era Meg, a Meg, ou a nossa Meg, dependendo de quem estava falando com ela ou sobre ela.

E os humanos que os Outros não consideravam, não adicionavam nada mais aos seus nomes.

Simon entrou atrás dela e deu-lhe um pequeno empurrão, o que a fez perceber que ela tinha parado de se mover enquanto ponderava a distinções de nomes.

Enquanto caminhava pelo corredor que levava a frente da loja, ela imaginou a área de clientes da Bite com suas mesas e o balcão onde Tess trabalhava. Imaginou Sam sentado em uma das mesas. Ela ainda não tinha visto Lizzy, então se lembrou de uma imagem de formação de uma menina. Agora ela tinha alguma ideia do que esperar.

Então ela ouviu uma voz feminina e jovem dizer: — Cachorro mau! — Ela ouviu o *whap* de duas coisas, em seguida um grito. Então Skippy correu meio louco pelo corredor e quase a derrubou na pressa de escapar.

— Você deve lidar com isso, — Simon disse, dando-lhe outro empurrão. Ele se virou e saiu pela porta dos fundos com Skippy.

Lidar com o que? Com quantas coisas ela tinha lidado porque Simon assumiu que ela poderia? E com quantas coisas ela tinha lidado porque ela não queria que Simon soubesse que ela não podia?

Algo para pensar outro dia.

Balançando a cabeça, Meg entrou na sala da frente do café.

— Eu estou fazendo sanduíches de queijo grelhado, — Tess disse. — Você pode escolher. Você pode dizer a senhorita Lizzy ali que o Urso Boo não pode obter o seu próprio sanduíche. Ele vai ter que se contentar com uma mordida do dela.

Já que o cabelo de Tess estava verde e cacheado, Meg não discutiu e ela não perguntou. Mas ela se perguntava por que ninguém tinha mencionado que um membro do Beargard foi visitar o Pátio.

Sam, que se encontrava perto do balcão, pegou a mão de Meg e sussurrou: — Ela bateu no Skippy. Com um *urso*.

O filhote parecia impressionado. Meg se sentiu confusa.

Incapaz de recordar qualquer imagem de treinamento que pudesse coincidir com o que Sam tinha dito, ela sussurrou: — Vamos lá, vamos nos apresentar. — Segurando sua mão, ela caminhou até a mesa onde a menina observava. — Eu sou Meg. Este é o Sam. Podemos sentar com você?

A menina assentiu. — Eu sou Lizzy. Este é o Urso Boo.

Olhando para o Urso Boo, Meg entendeu por que ele não iria obter o seu próprio sanduíche. Ela só esperava que Lizzy entendesse a diferença entre o Urso Boo e um Urso real.

Tess se aproximou e colocou dois pratos na mesa. Ambos com sanduíches de queijos grelhados cortados pela metade, e um raminho de uvas vermelhas. — Eu estou trazendo o seu, — disse para Meg, então ela olhou para Lizzy e Sam. — Podem comer, e tentem não causar um tumulto.

Será que deveria ser divertido? Meg perguntou.

Sam sentou-se na borda de uma cadeira, um pé no chão em caso de precisar fazer uma fuga rápida. Ele pegou a metade do seu sanduíche e deu uma mordida, o tempo todo observando a menina e o urso.

Meg se sentou e agradeceu a Tess quando o terceiro prato de comida e três copos de água foram colocados sobre a mesa. Por um minuto, ela saboreou a experiência de comer e sentir o sabor e a textura de pão torrado e do queijo derretido, e a doçura refrescante das uvas.

Depois que ela tinha comido metade do sanduíche, ela se concentrou sobre a menina. O que dizer? O que fazer? E se alguma coisa ruim *tivesse* acontecido?

Claro que algo de ruim aconteceu, pensou Meg. *Lizzy está aqui, sozinha. Os policiais devem ser aqueles que perguntam sobre isso. Mas eu preciso dizer alguma coisa.*

Em seguida, ela sabia exatamente o que dizer, porque ela teve uma experiência semelhante há alguns meses.

— Como é que foi pegar um trem? — Meg perguntou. Ela abordou a questão para Lizzy, mas parecia que ela estava falando com a equipe Lizzy e o Urso Boo.

Lizzy deu uma mordida em seu sanduíche antes de pressionar a torrada com o queijo grelhado contra o local onde a boca do Urso Boo seria. Quando ela levantou o sanduíche para dar outra mordida, Meg tentou ignorar as migalhas no urso, e o montão de queijo agarrado aos pelos.

— Foi tudo bem, — disse Lizzy. — Urso Boo esteve com medo por um tempo porque havia um homem mau no trem. Mas a polícia Lobo o perseguiu e o mandou embora.

Meg piscou. — O quê?

Enquanto os sanduíches eram devorados, a história de Nathan assustando o homem mal parecia para Sam um dos filmes sobre Lobos que ele assistiu recentemente. Meg se perguntou se a história seria muito assustadora para uma menina da idade de Lizzy. Afinal, ver aqueles filmes dava medo *nela*. No entanto, depois de alguns minutos ouvindo as duas crianças discutindo sobre quem era mais forte, uma matilha de Lobos ou um grupo de meninas que soavam mais como pequenas jovens humanas Elementais com poderes especiais, Meg não tinha certeza se o termo “sanguinário” deveria ser aplicado para o jovem que preferia comer a carne crua.

Ele estava com o seu celular, chaves da casa, carteira e a identificação da polícia. Mas ele não conseguia descobrir o que ele tinha deixado no Pátio que precisava ser recuperado tão urgentemente. Monty focou em seu parceiro.

— O que você e Ruthie irão fazer? — Perguntou Monty, referindo-se a mudança forçada do novo apartamento.

— Guardar algumas de nossas coisas com os meus pais e algumas na casa dos pais de Ruthie. E espero que possamos encontrar outro lugar rapidamente, — Kowalski respondeu. — Pequeno e simples. — Ele parou.

Monty esperou um minuto. — Você está falando sobre a sua breve experiência com o seu ex-senhorio ou os seus pais?

Kowalski não respondeu até que eles pararam em um semáforo. — Meus pais vão ajudar porque somos uma família e é isso que as famílias fazem. Mas eles não estão felizes sobre o porquê de eu estar sendo forçado a sair. Quando meu irmão disse que não gostaria de morar

no mesmo edifício com os amantes do lobo, meus pais não disseram nada. Isso equivale a um acordo tácito. E com todas as notícias sobre as meninas com problemas cometendo suicídio, e com os *indigenes da terra* sendo responsabilizados pelo fechamento desses lugares porque os administradores tinham medo de mantê-las livres, bem, isso é outra razão para não ficar do lado dos monstros, não importa como eles parecem. E depois levar as meninas sobreviventes para locais não revelados... Só pode haver uma razão para isso, certo?

— A maioria das pessoas não vai querer admitir que os monstros, neste caso, não só parecem humanos, mas são humanos. — Monty hesitou, mas decidiu que precisava perguntar, e precisava saber. — Karl, você vai pedir uma transferência?

Kowalski entrou à esquerda na Main Street, em seguida, virou-se novamente para entrar na área de entrega do Courtyard.

— Não, senhor, não vou pedir, — ele disse. — E Ruthie não quer se afastar de seu trabalho no Pátio. Ambos acreditamos que, se der um pequeno impulso, o tipo de interação que temos com os Outros agora poderia ajudar Lakeside a continuar a ser uma cidade controlada pelos humanos, em vez de se transformar em uma gaiola como Talulah Falls. Então nós vamos ficar.

— Será que seus pais conseguem entender a sua maneira de pensar?

— Isso não é provável. Mas eles não disseram ainda que vão estar com Ruthie e eu no meu casamento no próximo mês.

Monty ouviu a renúncia amarga na voz de seu parceiro e lamentou a disputa crescente nas famílias. O que aconteceria na cidade se o fascínio do movimento HPU causasse um racha entre os policiais? Será que as delegacias teriam tantos problemas ao ponto em que você não poderia contar com a assistência delas?

— Vamos, — Monty disse quando abriu a porta. — Vamos descobrir o que arrepiou a pele do Wolfgard.

Eles usaram a porta traseira da Howling Boas Leituras. Nada incomum na sala de estoque, exceto uma notável falta de estoque. Mas havia uma multidão no arco que levava até a Bite.

Simon, Nathan e Blair se viraram para olhar para ele. Simon deu um lápis e um bloco de papel para Nathan, em seguida, se moveu para longe da porta, inclinando a cabeça para indicar que Monty deveria seguir.

— Alguma coisa de interesse? — Perguntou Monty.

— A Lizzy, — Simon respondeu.

Ele deve ter ouvido errado. — Lizzy e sua mãe estão *aqui*? A *Minha Lizzy*?

— Não, a Lizzy e o Urso Boo estão aqui.

Ele sentiu o sangue subir para sua cabeça. — E a mãe dela? Onde está Elayne?

— Essa é uma boa pergunta, Tenente. — Simon o estudou. — É normal para um filhote viajar sozinho? Nós não faríamos isso, mas...

— É claro que não é usual, — Monty estalou. Ele ouviu um grunhido suave e não tinha certeza se o aviso veio de Nathan ou Blair. — Não, — ele disse lutando para trazer de volta a voz e acalmar com a cortesia enquanto seu coração batia forte. Lizzy, aqui sozinha? Como? Por quê? — Ela tem apenas sete anos de idade. Uma menina nessa idade *não deveria viajar* sozinha. Ela disse alguma coisa sobre sua mãe?

Simon parecia sombrio. — Não. Mas há um pouco de sangue no Urso Boo, mas não tem o cheiro de Lizzy.

Deuses acima e abaixo. — Onde...?

— Ela está na Bite fazendo um lanche com Sam e Meg.

— Ela não está ferida?

Algo nos olhos de Wolfgard. — Não era uma mentira, mas não era toda a verdade.

— Posso fazer uma pergunta? — Kowalski aproximou-se e se juntou a eles. — Como é que Lizzy acabou aqui no Pátio?

— Nathan estava no mesmo trem. Quando ele percebeu que não havia nenhum adulto com ela, ele... Fez a guarda dela... E a trouxe aqui.

Sua menina precisava de um guarda. Será que ele teria recebido um tipo diferente de telefonema, se um Lobo não estivesse no trem? Como a vida dava voltas. Ele foi transferido para Lakeside porque havia matado um homem, a fim de proteger uma menina que era um Lobo. E agora um Lobo tinha vindo ajudar sua menina.

Ele faria uma visita especial ao Templo Universal para acender uma vela extra para Mikhos, o espírito da guarda que vigiava policiais, bombeiros e o pessoal médico. E, ao que parecia, vigiava as suas famílias também.

— Eu quero vê-la, — disse Monty.

— Vá em frente.

Palavras brandas que o fizeram parar e considerar. Ele queria ver Lizzy e queria garantir que ela estava bem, mas ele se perguntou por que três Lobos adultos estavam se aglomerando em torno de um arco, em vez de ir para a loja de café e tomar um assento em outra mesa.

— Vocês estão de pé no arco para evitar assustar Lizzy? — Monty perguntou.

Nathan e Blair bufaram uma risada.

Simon olhou para Monty. — Nós estamos de pé aqui porque, para uma pequena humana, a Lizzy é territorial. Ela já bateu no Skippy por ter vindo para dar uma cheirada, e podemos ouvir tudo muito bem daqui do arco. — Ele fez uma pausa. — Além disso, o Urso Boo está realmente fedendo.

Kowalski tossiu.

Os Lobos abriram espaço para Monty observar do arco e ver a sua filha. Ela parecia bem, conversando com Sam e Meg, parando de vez em quando para retransmitir um comentário para o Urso Boo.

Deuses, Elayne havia ficado furiosa com ele quando ele voltou de um passeio com Lizzy com esse urso em vez da boneca que Elayne havia dito que seria um brinquedo adequado. Mas Lizzy não queria uma boneca. Ela incidiu sobre esse urso pardo e peludo, e o puxou de uma

prateleira que mal conseguia alcançar, segurando-o com tanta força que ele só teve a opção de pegar o urso.

As bonecas foram devidamente jogadas de lado quando Elayne insistiu que Lizzy deveria brincar com algo que parecia humano, mas era o Urso Boo o seu melhor amigo, que estava sempre com a menina.

Aparentemente isso ainda era verdade, apesar da paixão de Elayne por Nicholas Scratch e o seu maldito movimento HPU.

Meg olhou para o arco. — Lizzy, — ela disse e apontou.

Lizzy se virou e o viu. — Papai! — Ela levantou de sua cadeira e correu para ele, e o urso caiu no chão.

Monty caiu de joelhos e passou os braços em volta dela.

— Lizzy. — Ele a beijou no rosto, e na testa. — Menina Lizzy. Você está bem, baby?

— Estamos bem. Nós estávamos no trem, e havia um homem mau, e o policial Lobo o assustou e mandou embora!

Monty olhou para Nathan. — Obrigado.

O Lobo deu de ombros. — Deveria... — Ele olhou para a menina e parou.

— Os dentes de Nathan ficaram muito grandes, — Lizzy disse. — Eu os vi!

Um dos Lobos atrás dele suspirou.

— Lizzy, onde está a sua mãe? — Perguntou Monty.

Seus olhos tinham uma mistura de culpa e medo, uma expressão que ele conhecia bem. Ela parecia dessa maneira quando acontecia algo que ela fazia e que não devia. Lizzy entendia que as ações tinham consequências. Ela só não queria acreditar que era aplicado a ela. Claro, a sua transferência, bem como a perturbação em todas as suas vidas, foi um poderoso exemplo de ações e consequências.

— Lizzy?

— Mamãe ficou ferida. Ela disse que eu precisava ser uma menina grande e pegar o trem sozinha. Eu e o Urso Boo.

Ferida poderia significar um monte de coisas para uma criança. — Onde ela se machucou?

Lizzy colocou a mão sobre a barriga.

— Não! — Meg gritou.

Monty olhou para cima. Lizzy virou-se e gritou: — Cachorro mal! — E correu em direção à mesa, assim que Skippy agarrou uma das patas curtas e grossas do Urso Boo e tentou fugir com o prêmio.

— Eu vou pegá-lo! — Disse Sam. Ele empurrou para baixo sua bermuda, puxou a camiseta sobre a cabeça, mudou para a forma de Lobo, e correu para pegar Skippy, perseguindo o Lobo juvenil e em torno das mesas, ambos batendo nas cadeiras.

Lizzy correu de volta para a mesa, pegou o último pedaço de seu sanduíche, e o atirou em Skippy, distraíndo-o apenas o tempo suficiente para Sam pegar com os dentes uma das patas traseiras do Urso Boo.

O jogo feroz durou apenas alguns segundos antes da costura do urso se dividir e Skippy correr para debaixo de uma mesa com uma das pernas do urso. Sam soltou a perna rasgada e agarrou o resto do urso, e o trouxe de volta para a mesa. Ele caiu aos pés de Lizzy antes de mudar para a forma de um menino nu, sorrindo, obviamente satisfeito consigo mesmo.

Ninguém falou. Levantando-se, Monty sentiu o riso borbulhar com o absurdo, juntamente com o pânico de um pai. Lizzy não estava lamentando sobre o Urso Boo estar em pedaços, por que muito provavelmente estava dando a sua primeira olhada em um menino nu. Sam não parecia muito mais velho do que Lizzy, e ele não estava *fazendo* nada, mas ainda assim. Era um menino despido.

Simon entrou na Bite, seguido por Nathan.

— Sam, coloque as suas roupas, — Simon disse suavemente. — Meg? Você está bem? *Meg!*

— Posso ajudar? — Perguntou Kowalski, deslizando para perto de Monty.

— Fique de olho nas coisas, — Tess disse. Ela caminhou até a mesa onde Meg estava congelada e pegou a mão da menina. — Meg e eu precisamos de um pouco de ar e tempo para resolver. Nós estaremos no escritório do Liaison. — Ela levou Meg para fora do café.

Observar as duas fêmeas deixou Monty sóbrio. Meg Corbyn era a chave para tantas coisas, e, até agora, ela era a única *Cassandra de Sangue* que tinha conseguido viver fora de um Composto sem avarias. Se ela estava começando a quebrar agora, o quanto iria quebrar com ela?

Simon pegou a perna do Urso Boo, em seguida, aproximou-se da mesa onde Skippy estava murmurando sob a outra perna e rosnando.

Wolfgard rosnou. Skippy soltou a perna mutilada e se enfiou ainda mais debaixo da mesa.

Nathan deu a volta no balcão. Ele voltou para fora e levantou um dos biscoitos de Lobo. — Skippy. Biscoito.

Skippy saltou e bateu com a cabeça no fundo da mesa com força suficiente para ficar momentaneamente atordado. Nathan afastou o Lobo juvenil da mesa e o levou para fora da porta traseira.

Simon olhou para Sam. — Vá com eles.

Sam olhou para o seu tio por um momento antes de correr para acompanhar Nathan.

O que deixou Lizzy literalmente abraçando o recheio do urso, enquanto Simon, Blair, Kowalski e Monty formaram um círculo em volta dela.

— Papai? — Agora as lágrimas começaram a cair. — O Urso Boo se machucou.

— Eu sei, Lizzy menina. Mas...

— Eu chamei o bodywalker Wolfgard, — Henry Beargard retumbou quando passou pela arcada e se juntou a eles. — Ela vai nos encontrar no consultório médico e fazer o que ela puder.

— Mas ele é um *urso*, — Lizzy lamentou. E um pouco mais do recheio saiu dos pontos rasgados.

— Eu também, — disse Henry. — Mas eu sou o único Urso no Pátio, por isso, quando estou machucado, o Lobo cuida de mim. — Ele estendeu uma grande mão.

— Henry é o espírito guia do Courtyard, — disse Simon. — Ele é sábio.

Lizzy hesitou, então deu o Urso Boo para Henry.

O Grizzly estudou o urso de brinquedo. Então ele cheirou o rosto, os lugares onde as pernas haviam sido arrancadas, a costura ao longo das costas.

Observando o rosto de Henry, Monty sentiu Lizzy se aliviar atrás dele. Ele sentiu a posição de deslocamento de Kowalski para fornecer proteção adicional.

— Não há doença aqui, — disse Henry. — O bodywalker deve cuidar do Urso Boo.

Os Outros sabiam que o Urso Boo era um brinquedo. Não é? Agora que ele considerou, os Lobos *havam* falado sobre o Urso Boo da mesma maneira que Lizzy fazia, como se o urso de pelúcia estivesse vivo de alguma forma.

— Será que ele vai precisar de outra operação? — Lizzy perguntou, com os olhos cheios de lágrimas que rasgaram o coração de Monty.

— Talvez, — Henry disse. — Mas eu vou ficar com o meu irmão Urso. — Ele trocou um olhar com Simon.

— Onde está Ruthie? — Perguntou Simon.

— Ela não estava escalada para trabalhar, por isso ela está embalando as coisas em casa, — Kowalski respondeu.

Simon estudou Kowalski. — Não saia até que falemos.

Monty ficou irritado com o Lobo presumindo que poderia mandar em Kowalski, mas todos eles se moveram na direção da porta de trás da Bite e depois para o consultório médico na Praça do Mercado.

Theral MacDonald estava fechando sua mesa quando eles entraram. Kowalski a cumprimentou e teria parado se Simon não tivesse rosnado, — Kowalski, nós precisamos de você aqui. A Lizzy deve ficar de fora, na frente com Theral.

— Sr. Wolfgard... — Começou Monty, mas era inútil protestar contra Wolfgard dando ordens em um policial ou tomando decisões sobre uma criança humana. Este era o Courtyard, e os seres humanos não tinham nada a dizer sobre qualquer coisa.

A porta se abriu e uma Loba entrou. Ela tinha pelos em vez de cabelo e suas orelhas eram de Lobo, uma combinação bizarra com um

rosto humano. Mas não aterrorizante como as misturas que já tinha visto algumas semanas atrás, quando um homem chamado Phineas Jones tentou hipnotizar Meg e convencê-la a sair com ele.

A Loba hesitou.

— Jane, — Simon disse, levando-os para a sala de exame que Dominic Lorenzo tinha para fornecer cuidados médicos para os humanos que moravam ou trabalhavam no Pátio.

Henry colocou o Urso Boo na mesa de exame. Simon colocou uma das pernas ao lado do corpo principal.

— Há algo dentro, — disse Simon. — Algo que não cheira como a Lizzy.

Monty estava prestes a apontar que o Urso Boo tinha sido feito à mão e que poderia sentir o cheiro da pessoa que o tinha feito. Mas Lizzy tinha três anos quando se apaixonou pelo brinquedo peludo, e depois de quatro anos, não haveria qualquer cheiro além do apartamento e das pessoas que Lizzy entrou em contato com frequência, não é?

— A criança mencionou outra operação, — disse Henry.

Jane se inclinou sobre o urso, e deu uma cheirada enquanto seus dedos se moviam sobre os pelos em volta do urso. Em seguida, ela remexeu nas gavetas, sem dúvida destruindo qualquer organização que Lorenzo havia criado. Não encontrando o que ela estava procurando, ela saiu para a recepção e voltou com um cortador de caixa.

Monty não teve tempo para protestar antes que ela cortasse as costas do Urso Boo.

Simon se inclinou sobre a mesa, e cutucou o recheio. De repente, todos os *indigenes da terra* estavam focados no urso, como se tivessem ouvido alguma coisa.

Simon tirou um pequeno saco de pano. O abriu e despejou o conteúdo sobre a mesa.

Esmeraldas. Safiras. Rubis. Mesmo alguns diamantes. E algum tipo de anel de designer feito de ouro branco ou platina com vários diamantes.

Kowalski assobiou baixinho.

Simon inclinou a cabeça e olhou para Monty. — Os humanos normalmente enchem de joias o interior de ursos?

— Não — Monty engoliu a sensação de mal-estar no estômago. Deuses acima e abaixo! Onde estava Elayne? E o que ela estava fazendo escondendo uma fortuna dentro do urso?

Ou foi ela quem escondeu as joias?

— Urso castanho que come as joias, — Henry disse. — Essa foi uma das visões que Meg viu ontem quando ela fez o corte.

— Eu tenho que informar isso, — Monty disse. — Eu tenho que...

— Cuidar do seu filhote, — Simon disse.

Monty olhou para o Lobo. — Sim. — Lizzy vinha em primeiro. Alguém poderia chamar a polícia em Toland e perguntar sobre Elayne. Perguntar sobre joias roubadas.

— Talvez o Tenente Montgomery e a Lizzy possam ficar no apartamento que vocês reservam para a sua equipe? — Disse Kowalski. — O Courtyard é mais perto da estação, e Lizzy pode descansar por um tempo.

Henry assentiu. — Uma boa ideia. A criança tem viajado muito, e para longe o suficiente hoje.

— O que vamos fazer com o urso e... — Jane acenou com a mão sobre a mesa, indicando todos os pedaços.

— Nós vamos deixá-lo exatamente como está, — Monty disse. — Vou chamar o Capitão Burke. — Ele hesitou sem saber como o Wolfgard reagiria para a próxima parte. — A polícia terá que analisar isso, fazer perguntas a todos nós.

— Mas será alguém da polícia que não está ligada a você, porque a Lizzy é o seu filhote? — Perguntou Simon.

— Sim. Até que nós saibamos o que aconteceu, seria melhor se não houvesse ninguém na minha equipe lidando com isso.

— Mas um dos policiais que conhecemos e um dos nossos Aplicadores vão acompanhar a polícia desconhecida.

Isso foi um compromisso além do que ele esperava, então ele concordou.

Quando ele entrou na área da recepção, Lizzy pulou de uma cadeira. Ela olhou para suas mãos vazias, depois para a porta da sala de exame.

— O Urso Boo vai ter que ficar aqui e ajudar a polícia com suas investigações, — Simon disse, dirigindo suas palavras para Lizzy. — Theral é parente da polícia, então ela e Henry vão ficar com urso. O Oficial Kowalski vai trazer a sua mala até o apartamento, onde você e o Tenente Montgomery irão esperar e descansar enquanto a polícia faz seu trabalho. Blair vai esperar na entrada e vai acompanhar a polícia desconhecida até aqui.

Eu estou fora do meu equilíbrio e não preciso de muita ajuda, Monty pensou enquanto saíam do consultório médico e seguiam Simon até os apartamentos acima da loja da costureira / alfaiate.

A última vez que ele e Simon tinham lidado com crianças, eles tiraram cinco meninas de um Composto mantido pelo Controlador até Lakeside. Ele havia sido esmagado pelo o que tinha visto quando ele, Simon e Dominic Lorenzo entraram no composto. Selvageria e abate. E desgosto quando viu as meninas, *as Cassandras de Sangue*, que estavam sendo criadas e treinadas para obterem o lucro de alguém.

Simon levou as meninas, e ele fez os arranjos com os *Intui* na Ilha Grande para cuidarem delas. Agora ele estava dando as ordens novamente.

Tome cuidado com a embalagem. Proteja os jovens.

Não era assim tão simples quando você era humano.

Jóias dentro de um brinquedo que Lizzy levava para todos os lugares. Sangue no Urso Boo. Elayne ferida e se sentindo desesperada, o suficiente para enviar Lizzy em uma viagem para Lakeside sozinha. Por que ela não tinha ligado para a sua mãe ou irmão? Eles moravam em Toland e poderiam ter buscado Lizzy se Elayne tivesse a necessidade de ir para algum hospital. Por que enviar Lizzy para Lakeside... A não ser que ficar em Toland não fosse mais seguro.

Deuses acima e abaixo! Com quem Elayne estava envolvida?

Uma vantagem de viver com predadores é saber esperar, Tess pensou quando se sentou com Meg na pequena mesa no quarto dos fundos do Gabinete do Liaison.

Meg não parecia estar em perigo. Ela não estava coçando a sua pele, o que era um sinal de que estava atormentada por uma sensação de alfinetadas e agulhas, que indicava que algo poderia ser revelado em uma visão.

Quanto seria demais? Quando você pensava em quantas coisas já tinha acontecido com Meg desde que ela tropeçou no Courtyard há alguns meses, em comparação com o quão pouco tinha acontecido com ela durante seus primeiros vinte e quatro anos? Era de se admirar que sua mente estivesse sobrecarregada. Claro, o que tinha acontecido com a menina durante os seus primeiros vinte e quatro anos poderia até ser repetitivo, mas Tess achava que não foram gentis com ela.

— Merri Lee, Ruth e eu assistimos a um filme recentemente, — Meg disse finalmente. — Tinha um cachorro grande com muitos pelos. Ruthie diz que existem muitas raças de cães, mas não aprendemos sobre as raças, apenas a identificação geral dos animais.

— Faz sentido, — Tess disse. — Por que alguém iria pagar por uma profecia sobre um animal a menos que fosse valioso? Por que você está pensando sobre o filme?

— O cão continuou a se meter em encrencas. Ele não queria, mas ele sempre se metia em confusão. Ele batia em coisas quando perseguia um gato através de uma festa, pessoas caíram na piscina ou terminaram com alimentos pegajosos derramados sobre elas.

Tess levantou-se, remexeu na geladeira, e encontrou uma garrafa de água fria. Ela encheu dois copos e os trouxe de volta para a mesa.

— Tivemos barulho o suficiente com um sanduíche de queijo, um urso de pelúcia, e um Lobo idiota, — ela disse.

— Exatamente.

Ela estudou Meg. — O que exatamente?

— Merri Lee e Ruth disseram que o filme era uma comédia, que o cão se metia em problemas e deixava as pessoas esnobes molhadas ou sujas, e era para ser engraçado. Mas as pessoas não estavam rindo. Elas pareciam estar com raiva e gritavam com o cão. — Meg tomou um gole de água. — Algumas imagens de formação mostravam essas coisas, como ver os alimentos espalhados pelo chão. Eu não gostava de olhar essas imagens. Então isso é uma coisa ruim.

— Se você é alguém que come insetos, isso seria uma boa imagem para mostrar que tipo de isca poderia consumir.

Meg olhou para ela.

Tess deu de ombros. — Para muitas pessoas, bom ou ruim é como você se sente sobre isso. Se você olhar uma foto de Lobos matando um cervo, você pode sentir pena dos cervos. Ou você pode entender que os Lobos têm que alimentar a sua família naquele dia, o mesmo acontece quando um humano mata uma vaca ou uma galinha para alimentar sua família. — Ela considerou o que ela sabia sobre Meg. — Você tem todas essas imagens na sua cabeça. Milhares de imagens, e você absorve mais todos os dias. Mas agora que você está tendo suas próprias experiências, agora que você está aprendendo os seus próprios gostos e desgostos, você também está tentando atribuir os sentimentos mais adequados para todas essas imagens, não é?

— Sim. Algumas coisas são fáceis. Sam é fácil. E trabalhar aqui, e saber o funcionamento das entregas. Essas coisas são fáceis. Eu me sinto bem trabalhando aqui. Eu me sinto bem quando estou aprendendo coisas novas, pelo menos até quando fico cansada. Mas às vezes eu não sei como eu deveria me sentir.

— Por exemplo, você deveria se sentir triste pela Lizzy porque o Urso Boo foi danificado, ou se sentir constrangida pelo Tenente Montgomery porque sua menina viu um menino nu, ou rir, porque era como assistir a um daqueles filmes absurdos. — Tess fez uma pausa. — Ou seja, eu agradei por que Skippy não conseguiu comer nada do urso, então eu não tive que lidar com recheio de pelúcia em todo o chão.

— Uma imagem, mas os *sentimentos* mudam de acordo como você pode encarar o que vê, — Meg disse calmamente.

— Eu diria que isso é verdade para a maioria das coisas, não é?

Meg respirou fundo e soltou o ar em um suspiro.

Relaxada. Equilibrada. Ela tinha fornecido a Meg à resposta necessária.

— Seu cabelo esta castanho de novo, — Meg disse.

— Eu estou sentada aqui falando com você.

Meg era bastante parecida com o cão grande no filme. Não fazia por mal, mas conseguia colocar todos os tipos de coisas em movimento.

— Por que você está rindo? — Meg perguntou.

— Só estava pensava em algo que ninguém mais acharia divertido.

Simon estava fazendo alguns pedidos de livros, enquanto esperava Kowalski. Não havia muita coisa que podia fazer. Vlad estava no escritório no andar de cima, e esperava lidar com alguns dos papéis que pareciam se reproduzir mais rápido do que coelhos. Nathan trouxe mensagens dos Lobos do Addirondak, mas esses pedidos teriam que esperar até que a polícia terminasse de farejar o Urso Boo e fazer suas perguntas.

O que significava que a única coisa útil que ele poderia fazer agora era atender aos pedidos e considerar se ele *queria* sugerir aos *indigenes da terra* que tinham pequenas editoras, que deveriam publicar mais livros, talvez até mesmo alguns autores humanos. Estava ficando mais difícil comprar livros das editoras humanas e as histórias impressas, assim como a música, eram as duas coisas humanas que os Outros realmente gostavam e queriam.

Ou talvez os *Intui* pudessem publicar livros? Algo a perguntar a Steve Ferryman.

Tantas coisas para pensar, pelo menos até que fosse hora de ir para casa. Então ele poderia mudar e pensar sobre as coisas boas por um tempo, como o gosto de água e os aromas de coelhos e cervos, e talvez jogar um jogo fácil de perseguição com Meg. Bons pensamentos para um Lobo.

Kowalski foi até o caixa. Ele e Ruthie iam ser companheiros oficialmente no próximo mês. Simon não sabia por que fazia diferença, uma vez que já estavam acasalados, qualquer Lobo podia sentir o cheiro *deles*, mas aparentemente, os humanos não conseguiam sentir, então Kowalski e Ruthie teriam uma cerimônia e receberiam um pedaço de papel para que outros seres humanos soubessem que estavam acasalando.

— Lizzy pegou as coisas dela, — disse Kowalski. — O Oficial Debany e Nathan estão no consultório médico, observando enquanto o urso e as joias são ensacados. Capitão Burke também está lá e gostaria de falar com você quando você estiver disponível. E... Jane? Mandou dizer que ela levou Sam e Skippy de volta para o complexo Wolfgard.

E Meg? Simon pensou.

Ele não ouviu nada, mesmo com a sua audição superior, mas ele virou-se para o arco quando viu Kowalski tenso, em seguida, fez um esforço visível para relaxar.

— Meg está bem, — Tess disse. — Ela está com Henry em seu estúdio. Eles estão falando sobre madeira e estão ouvindo músicas *indigenes da terra*.

Ele assentiu, notando quando Tess voltou para a cafeteria que seu cabelo estava no tom castanho e os cachos estavam relaxados e em leves ondas. Então Meg estava bem e Tess estava calma. Tantos humanos farejando nas proximidades. Ele tinha dado o seu consentimento, mas isso não significava que ele gostou.

— Você queria falar comigo? — Disse Kowalski.

Simon cheirou o ar, tentando não ser óbvio sobre isso. Nervos. Mas medo não. Isso era bom.

Já que Kowalski estava no caminho, Simon deu a volta no balcão, sacudiu a tranca simples na porta da frente da HBL, e saiu. Quando Kowalski se juntou a ele, Simon apontou para um dos edifícios de pedra do outro lado da rua. — Dois quartos. Disseram-me que precisa de limpeza e pintura. É uma toca onde você e Ruthie poderiam viver?

— Claro, mas eu acho que não poderia pagar.

— Quando o Courtyard comprar esses prédios, você pode morar lá. A questão é, você iria? — Eve Denby deu uma olhada nas tocas do outro lado da rua e ficará com uma, e Ruthie poderia ter a outra, mas ele ainda queria saber se a matilha humana consideraria os apartamentos nos edifícios de pedra como tocas adequadas. Nenhum motivo em comprar os edifícios se seus humanos não queriam viver neles.

Kowalski olhou para os prédios do outro lado da Crowfield Avenue. — Qualquer espaço para uma pequena horta?

— Não muito. Mas para a matilha humana...

Ele hesitou. Foi ideia dele, mas agora que tinha chegado o momento de dizer alguma coisa, ele realmente queria expor ainda mais o Courtyard para os seres humanos? E se os humanos não podiam, ou não *quisessem* aceitar os *indigenes da terra* que não poderiam se passar por humano?

E, no entanto, Kowalski foi o segundo humano hoje perguntando sobre terra para cultivar alimentos. Algum dia ele e Ruthie teriam filhotes, então o alimento era importante. Mas por que, no início da estação de crescimento, os humanos estavam pensando que não seria o suficiente? O chão ainda não estava pronto para o plantio, mas nenhuma das fazendas *indigenes da terra* estavam relatando problemas.

Ele tinha perdido alguma coisa. Talvez Vlad soubesse, já que o Sanguinati tendia a prestar mais atenção à tagarelice humana.

— Temos jardins onde crescem legumes, — Simon disse. — Podemos expandir alguns deles. Temos frutas e nozes para colheita. Você faz a sua parte do trabalho, você tem a sua quota de alimentos.

— Por que você está fazendo isso? — Perguntou Kowalski. — Você estava chateado com todos nós ontem.

Simon suspirou. Talvez tivesse que dizer: — Desculpe por quase ter mordido Ruthie?

Kowalski olhou para os prédios em frente. — Ontem, nós saímos para todas as fazendas, levamos horas verificando qualquer lugar que pudesse ter feito isso com essas meninas. Eu, Tenente Montgomery, Debany e MacDonald, até mesmo o Capitão Burke. E eu tenho certeza que o Capitão fez o mesmo pedido aos outros Capitães, porque eu vi homens de outros distritos nas estradas também, procurando. Eu sei que ficou irritado ao ouvir sobre o que eles fizeram para as meninas como Meg, com os bebês. Todos nós ficamos muito irritados. Talvez, se eu tivesse recebido um telefonema assim, soubesse em primeira mão de algo tão terrível, eu também poderia ter tentado algo com alguém, porque eu não conseguiria pensar direito. Teria sido uma pena, e teria ficado feliz se alguém me parasse. O que estou dizendo é que todos nós compreendemos por que você atacou. Você não tem que se sentir no direito, ou culpado o suficiente para oferecer à Ruthie e eu um lugar para viver.

Ele não esperava esse entendimento. De alguma forma, isso o fez se sentir pior sobre o quase ataque a Merri Lee e Ruthie.

— Não é a única razão para fazer isso. Talvez nós queiramos saber se isso pode ser feito. Os *Intui* e o *Simple Life* convivem ao lado dos *indigenes da terra* a muitas gerações, e cada lado cumpre sua parte no negócio, de modo que todos os lados têm o suficiente sem lutar por território. Mas não fizemos esses tipos de barganhas com o seu tipo humano. — Não teria sequer considerado fazer uma barganha até Meg começar a trabalhar para eles e eles tiveram que permitir a sua necessidade de ter amigos humanos.

— Vou falar com Ruthie, — disse Kowalski. — É uma grande decisão, e precisamos fazer juntos.

Como companheiros deveriam.

O telefone de Kowalski tocou. Uma breve chamada. — O Capitão Burke quer me ver.

Simon abriu a porta, mas Kowalski hesitou.

— Obrigado. Significa muito que você queira fazer isso por nós. —
Kowalski entrou e se dirigiu para a porta de trás da HBL.

Simon voltou para o caixa e continuou fazendo os pedidos.

Ele disse as palavras, e esperava que não tivesse cometido um erro que poderia ameaçar todos no Pátio.



CAPÍTULO 16

Firesday, Maius 11

Meg estava no topo da escada que levava para o apartamento dela, um livro ao seu lado. Sua varanda fornecia abrigo devido ao mau tempo, e sombra quando estava ensolarado. Tinha um pouco de privacidade, mas não tinha um lugar para se sentar.

Alguns apartamentos do Complexo Verde tinham varandas; outros não. Nenhum dos outros apartamentos tinha na varanda essa treliça de privacidade. Eles também não tinham móveis. Seria muito cedo na temporada? Ou os Falcões, Corujas e Corvos não se preocupavam com mobiliário desde que o parapeito da varanda servisse como um poleiro?

Amanhã ela iria olhar nos anúncios no *Lakeside Notícias* para ter uma ideia do que as pessoas poderiam comprar para mobiliário de exterior. Esta noite...

— Quer dar uma volta?

Ela olhou para Simon de pé no fundo das escadas.

— Ok, — ela disse. — Você não vai mudar primeiro?

— Não.

Não era a resposta que ela esperava. Simon geralmente mudava para Lobo logo que ele chegava a casa, aliviado por estar fora da pele humana.

Levou o livro para dentro, e trocou os sapatos de casa suaves para os tênis. Uma caminhada com Simon poderia significar qualquer coisa, desde algo mais vigoroso para exercitar os músculos ou uma brincadeira leve, e só porque ele começou em forma humana não significa que ele não

terminaria sobre quatro patas no momento em que estivesse terminando o passeio.

Ela fechou a porta da frente, em seguida, se juntou a Simon.

— Você precisa ler isso primeiro. — Ele desdobrou um pedaço de papel e entregou a ela.

Todos nós já não enfrentamos o suficiente hoje? Pensou enquanto redobrava o papel e o entregou de volta para ele.

Ela começou a andar, precisando de uma distração do formigamento em torno de seus ombros. Simon estava ao lado dela, sem dizer nada por alguns minutos.

Havia uma abundância de moradores do Courtyard do lado de fora, e nas proximidades. Muitos a viram e hesitaram, mas ninguém se aproximava.

— Lembro-me dela, — Meg disse finalmente. — Lembro-me da cs821. Ela era mais jovem do que eu. Eu não posso dizer-lhe sua idade, mas ela conseguiu sua primeira cicatriz no ano passado ou no ano anterior, de modo que a estimativa feita pelo médico soa boa.

— Ela disse que quer viver. Jackson não tem certeza se ela vai. O que ele pode fazer? O que iria ajudá-la se você estivesse no lugar dela?

— Tiraram a navalha de prata dela?

— Provavelmente.

— Devolvam. Inclusive os aparelhos de barbear que elas tiveram.

— Elas vão se cortar.

— Elas vão se cortar de qualquer maneira. — Ela continuou andando, se mantendo em movimento. — Muitas coisas podem cortar a pele, mas essas lâminas foram projetadas para isso.

— Ela não quer morrer.

— Nem eu, — Meg parou e olhou para Simon. Ele não conseguia mais passar por humano. — Nem eu, mas eu quero ser a pessoa que faz a escolha.

Ele começou a andar em um ritmo acelerado, como se quisesse fugir das palavras.

Ela correu para alcançá-lo, em seguida, teve que correr mais passos para manter-se com ele.

— Simon... — Ela ofegava.

Ele diminuiu, mas não parou.

Os *indigenes da terra* haviam concordado que era sua escolha, mas não gostavam do corte. Para eles, o sangue fresco significava uma ferida, e no país selvagem, uma ferida poderia ser fatal. Adicionando o fato de que o sangue de uma *Cassandra de Sangue* agia como uma droga; ela compreendia por que os Outros não aceitavam bem os cortes. Ser forçado para a posição de cuidar de uma menina que não sabia o que queria acabava tornando tudo mais difícil para todos eles.

— Diga a Jackson para lhe dar um quarto com o mínimo possível. Dê-lhe tempo para descansar. — Meg pensou na menina chamada *cs821*. — Talvez deixe algo com cores. Ela gostava de cores. Ela descreveria imagens de treinamento usando sua cor e, em seguida, a sua forma.

— Vou dizer a ele.

Eles voltaram para o Complexo Verde em silêncio. Simon voltou para o seu próprio apartamento e saiu novamente um minuto depois. Ele mudou e saiu correndo, precisando de algo que ela não podia dar.

Suspirando, Meg olhou para o seu apartamento. Sentia-se exausta e agitada, com fome e muito apática para se preocupar com comida.

— Você já comeu? — Perguntou uma voz nas sombras sob suas escadas. Vlad entrou na luz fraca, sua forma ainda uma passagem de fumaça para humano. — Pedimos algumas pizzas na Hot Crust. Tess fez uma salada. Vamos nos reunir na sala de convívio para assistir filmes.

— Quais filmes? — Meg perguntou.

— Isso importa?

Ela preferia se esconder atrás de Simon durante as passagens mais assustadoras dos filmes *indigenes da terra*. — Eu acho que não.

— Então junte-se a nós. — Vlad sorriu. — Eu vou dizer a Simon onde encontrá-la quando ele termina a sua patrulha. — Ele a estudou.

— Ou eu posso lhe trazer um pouco de comida, se você preferir ficar sozinha.

Será que ela queria ficar sozinha? Será que ela *precisava* ficar sozinha?

— Eu vou acompanhá-lo para o primeiro filme, — Meg disse.

Seu sorriso se arregalou, mostrando um pouco de suas presas. — Venha, então. Vamos pegar a pizza enquanto ela ainda está quente.

Quando ela e Vlad caminharam para o lado do Complexo Verde que continha a sala de correio, lavanderia e a sala de convívio, Meg ouviu um Lobo uivando. Ela pensou que ele parecia solitário.

Os apartamentos de funcionários tinham chuveiros em vez de banheiras. Depois de muitas garantias de que ela seria capaz de lidar com seu cabelo, e de se lavar e ser cuidadosa para não escorregar no chão, Monty deixou a sua menina sozinha tomando banho. Enquanto ouvia qualquer sinal de perigo ou, deuses me livre, uma escorregada e uma possível lesão, ele descompactou sua mala, colocando algumas coisas no armário e colocando o resto na metade de uma das gavetas da cômoda.

Um arranjo temporário até que tivessem mais informações sobre o que aconteceu com Elayne. Uma opção prática, pois, como Kowalski salientou, o Courtyard era mais perto da estação Chestnut Street do que o apartamento de Monty, e era um refúgio seguro para a sua menina, porque quem pensaria em procurar por ela aqui?

Monty pegou o pijama dobrado de Lizzy e sentiu algo do tamanho de um pequeno livro. Desdobrando o pijama, ele olhou para o diário rosa polvilhado com as estrelas douradas. Ele tinha uma trava e um minúsculo buraco de fechadura. Ele tentou o trinco, confirmando que o diário estava trancado. Dando uma rápida busca na mala, ele não encontrou uma chave.

Ele esfregou o polegar sobre as estrelas. Um diário? O que uma menina de sete anos de idade escreveria? Sobre a escola? Amigos? Por favor, deuses, uma confissão sobre um possível menino? Ainda não.

Antes que ele pudesse saber muito sobre o conteúdo, Lizzy gritou: — Papai! Cabeí, desligue a água!

Monty colocou o diário na gaveta junto de suas calcinhas e correu para fechar a água.



CAPÍTULO 17

Watersday, Maius 12

Às sete horas da manhã, Douglas Burke deu ao seu telefone o seu típico sorriso amigável e feroz e esperou até o terceiro toque antes de atender.

— Estação de Chestnut Street, Capitão Burke falando.

— Capitão, — Vladimir Sanguinati disse suavemente. — Você tem um minuto para conversar?

— Claro.

Foi uma decepção, mas não uma surpresa, que o Sanguinati tinha ligado de volta para ele antes que a polícia de Toland ligasse para perguntar sobre uma criança desaparecida.

Havia algumas razões pelas quais Elayne Borden podia ter enviado a sua filha para Lakeside, permitindo que a menina viajasse muitos quilômetros sozinha. De acordo com o relatório verbal que ele tinha recebido de Kowalski, Lizzy tinha dito que a sua mãe foi ferida na barriga. E o desconforto intestinal agudo poderia ser o responsável por Elayne estar com problemas ou com dor. Também poderia explicar a sua decisão de enviar a criança para Monty enquanto ela procurava ajuda médica, especialmente se ela estivesse com dor suficiente para não pensar claramente. Ou, considerando o que tinha sido encontrado no urso de pelúcia, talvez ela *estivesse* pensando claramente e percebeu que não podia confiar em ninguém, mas apenas em Monty quando o assunto era Lizzy.

Ou ela poderia ter colocado a criança em um trem sem olhar para trás para que ela pudesse sair com seu novo amante desimpedida.

Ele não achava que Elayne fosse fria ou insensível sobre Lizzy, ou que quaisquer de suas especulações fossem precisas, mas eram argumentos que ele poderia fazer se alguém perguntasse por que ele não tinha chamado a polícia Toland depois que Lizzy chegou em Lakeside.

Será que Monty já chamou alguém na família de Elayne? Ele achava que não, mas iria verificar.

— Será que os seus parentes ouviram alguma notícia sobre uma mulher ferida ou doente na estação de trem ontem? — Perguntou Burke. Os Lobos tinham falado sobre o sangue seco no urso de Lizzy, mas a verdade era que o pedaço de pelo era tão pequeno que o sangue poderia ter vindo de um corte fresco na mão de alguém no momento do embarque das pessoas no trem. Um ser humano poderia ter esquecido um machucado pequeno. Os seres humanos *tinham* se esquecido dela. Se isso não tivesse sido o caso, um condutor ou *alguém* no trem teria questionado a criança sobre um urso sangrento e a ausência de um adulto.

Hesitação. Então Vlad disse, — Stavros considera parte de seu trabalho no Courtyard de Toland ler os jornais humanos e ouvir a notícia. Houve um relatório ontem à noite sobre uma mulher esfaqueada na estação de trem de Toland. Morta no local. A polícia está investigando. O nome dela está retido até os parentes próximos serem notificados. Quando falei com ele, ele não tinha ouvido as notícias da manhã, então eu não sei se eles já têm o nome da mulher.

— Então a polícia está investigando uma morte suspeita.

Lizzy esteve no trem no sentido oeste bem cedo. O parente mais próximo teria sido notificado bem antes do noticiário da noite entrar no ar. Se a mulher morta e Elayne forem a mesma pessoa, então alguém sabia que Elayne estava morta... E não tinha chamado o pai de sua filha.

Nem tinha notado que Lizzy estava desaparecida?

Outra hesitação antes de Vlad falar: — As estações de trem são um bom terreno de caça.

Burke sentou-se reto na cadeira. — Você está dizendo que um dos Sanguinati matou Elayne Borden?

— Não. Eu estou dizendo que os Sanguinatis vão muitas vezes a estações de trem, especialmente estações em grandes cidades como Toland porque muitos trens entram e saem, e geralmente há uma abundância de presas. Mas as estações também fornecem uma maneira de estudar os seres humanos. Os Sanguinatis gostam de observar, bem como caçar. Eles não estavam na estação de Toland quando isso aconteceu, então eles não viram o ataque, e eles não viram Lizzy entrando em um trem. Eles ficaram curiosos sobre toda a atividade, uma vez que a polícia chegou e, em seguida, eles ouviram.

Ótimo. Os Sanguinatis eram atraídos para as multidões em torno de uma cena de crime pelo barulho, ou o grupo de seres humanos eram presas mais fáceis? Algo para pensar mais tarde. — O que eles ouviram?

— O local onde a mulher foi encontrada tinha uma sinalização *Fora de Serviço* na porta. O pessoal da manutenção na estação insistiu que a placa foi colocada na porta do banheiro dos homens, *não das* mulheres. Não ficou claro se a mulher mudou a placa em uma tentativa de se esconder ou o seu atacante a mudou para atrasar qualquer um de encontrá-la. A mulher estava com uma pequena chave dourada em um cordão longo e fino escondido sob a camisa. Especula-se que a chave poderia abrir uma caixa de joias, mas a mala da mulher não foi aberta na estação, de modo que o Sanguinati não poderia dizer se a caixa foi encontrada.

Burke rabiscou as notas. — Algo mais?

— A mulher tinha dois bilhetes de trem com destino Hubb NE. Ela foi encontrada pouco antes do trem deixar a estação, então à polícia procurou seu companheiro entre os passageiros que embarcaram, mas não localizaram qualquer pessoa que conhecia a mulher.

Burke pensou por um momento. Será que Elayne comprou um segundo conjunto de bilhetes para uma possível rota de fuga? Ou os bilhetes eram para uma diversão? Se *Lizzy* tinha dois bilhetes para Lakeside, poderia explicar por que ninguém tinha questionado a ausência de um adulto. A mãe estava no banheiro, com outros bilhetes.

A Mãe foi encontrada no banheiro. Apenas não era o banheiro do trem.

— Obrigado pela informação, — Burke começou.

— Capitão? — A voz de Vlad, que tinha sido de conversação até esse ponto, de repente ficou gelada. — Alguém já ligou para o Tenente Montgomery para perguntar sobre a criança?

Burke sentiu seu coração forte dar uma pancada no peito dele. — Não, — ele disse, engolindo um gosto amargo que reconheceu como o medo. — Ninguém ligou para perguntar sobre a criança.

— Foi o que nós pensamos. — Vlad desligou.

Deuses acima e abaixo, pensou, notando como a sua mão tremia quando ele retornou o receptor à base. Era uma coisa para ele pensar sobre o desrespeito pelo bem-estar da criança. Outra era saber como os *Sanguinatis lidavam* com esse desrespeito.

Considerando como os *indigenes da terra* reagiram à morte dos bebês *Cassandra de Sangue*, ele não achava que os Outros iriam permitir que os humanos tomassem todas as decisões sobre a menina do Montgomery.

Burke caiu em sua cadeira, mas se endireitou novamente quando Louis Gresh bateu em sua porta. Acenando para Comandante do Esquadrão entrar, ele disse, — Entre e feche a porta. — Ele estudou Louis e acrescentou: — Você não deveria estar de folga hoje?

— Deveria, mas com Monty fora, achei que você poderia usar uma mão extra. — Louis deu de ombros. — Você ouviu algo da polícia de Toland?

— Nada da polícia, mas ouvi do Sanguinati. Liguei para Vlad na noite passada e pedi para fazer algumas perguntas com os parentes dele em Toland. — Burke soltou um suspiro. — Uma mulher foi atacada e morta ontem de manhã na estação de trem. Eu estou supondo que era Elayne Borden.

— Deuses, — Louis respirava. — Monty já sabe?

— Ainda não. — Burke sentou-se e cruzou as mãos sobre a mesa. — Você tem filhos.

— Um menino e uma menina. Ambos adolescentes, que os deuses me ajudem.

— É uma viagem de sete horas de Toland para Lakeside. O ataque aconteceu no início da manhã. A polícia é chamada, os investigadores da cena do crime começam o seu trabalho, e alguém faz os contatos com os parentes próximos. Se fosse informado da morte de um membro da família, uma mãe solteira, o que você diria depois de passar o choque inicial?

— 'Onde está a criança!' — Louis coçou o queixo. — Assumindo que a menina não estivesse comigo ou a sua posição já era conhecida.

— Exatamente. A mulher está morta em circunstâncias suspeitas. Sua filha está desaparecida, e os parentes e a polícia sabem disso bem antes do trem chegar à estação de Lakeside. E ainda assim *ninguém* ligou para o Tenente Montgomery para perguntar se Lizzy de alguma forma chegou no trem para Lakeside. Ninguém ligou para ver se ela estava com o pai dela, se ela estava segura. Vinte e quatro horas se passaram, e ninguém perguntou pela criança.

Louis sentou na cadeira de frente a mesa. — Monty desligou seu celular e ele não está em seu próprio apartamento. Alguém poderia ter tentado alcançá-lo.

— Ele é um policial, — Burke disse calmamente. — Se você ligar para a delegacia e contar a alguém que algo aconteceu com sua filha e ele precisa ser encontrado, você pode ter certeza que vamos encontrá-lo, mesmo se o telefone estiver ligado ou não.

— É verdade. — Louis suspirou. — Mas se não estiverem procurando a menina, o que eles estão procurando?

Uma caixa de joias e uma pequena chave dourada? Uma fortuna em joias que alguém escondeu dentro de um urso de pelúcia?

— Eu atendi algumas chamadas no telefone do escritório de Monty esta manhã, — disse Louis. — Uma voz de homem, que não deixou nome e nem um número de telefone. Disse que precisava fazer uma entrega e queria ter certeza que Monty estaria em casa hoje. Quando perguntei pela loja que estava fazendo a entrega, ele desligou. A segunda

vez que ele ligou, ele deve ter reconhecido a minha voz tão rápido quanto eu reconheci a dele, mas ele desligou antes de fazer seu discurso. O Oficial Kowalski está aqui, então eu lhe perguntei pelo homem do telefone de Monty. Poderia ser um dos parentes da Sra Borden.

Ou poderia ser um homem que precisava encontrar um saco de joias, pensou Burke.

Uma batida leve na porta antes de abrir parcialmente e Kowalski inclinar-se para o escritório.

— Perdoe a intrusão Capitão, mas há um Capitão Felix Scaffoldon da polícia de Toland pedindo para falar com o Tenente Montgomery. Ele diz que é da Unidade de Investigação de Crimes. Ele está na linha dois.

— Isso deve ser interessante. — Burke sacudiu um dedo para Kowalski para indicar que deveria entrar. Então ele pegou o telefone. — Aqui é o Capitão Douglas Burke.

Uma pausa antes de uma voz entusiasta dizer: — Acho que o seu homem que atendeu não teve bastante café ainda. Eu pedi pelo Crispin James Montgomery.

— O Tenente Montgomery está de licença pessoal por alguns dias. Eu sou o Oficial Comandante. O que posso fazer por você?

— É importante que eu fale com ele. Você poderia me dar o número de sua casa e números de telefone celular?

— E falar com ele sobre o quê?

— É privado.

— Então me dê o seu número, e eu vou lhe dar a sua mensagem quando ele ligar.

— Você disse que ele está de licença pessoal.

— Ele está. Mas ele é um Oficial diligente, então ele vai ligar. — Colocando o telefone entre o ombro e a orelha, Burke arrancou uma folha de papel de um bloco e escreveu *Ligue para Pete. Custódia. ASSIM QUE POSSÍVEL.* Ele entregou o papel para Kowalski, que olhou para ele e correu para fora da sala.

Burke podia sentir a hostilidade chegando pela linha telefônica.

— Olha, — disse Scaffoldon. — Eu preciso verificar o paradeiro de Montgomery nas últimas quarenta e oito horas.

Ele esperou uma batida. — Por quê?

— Droga, Burke! — Respiração pesada antes de Scaffoldon manter o controle. — Ele é uma pessoa com interesse na morte suspeita de Elayne Borden.

— Não podia ser o Tenente Montgomery, ele não esteve fora por horas suficientes para fazer uma viagem de ida e volta para Toland.

— Você disse que ele tinha tomado uma licença pessoal. — Scaffoldon se agarrou a essas palavras.

— Que começou após seu turno terminar ontem. — Burke se cansou dessa dança. — Ele está tomando um tempo pessoal, porque sua filha chegou para uma visita surpresa.

— Ela... Ela está *aí*? Como?

A surpresa na voz não era genuína. Scaffoldon, ou alguém com quem ele tinha falado, já suspeitava que Lizzy estivesse em Lakeside.

— Ela tinha um bilhete e pegou um trem, — disse Burke.

— Não — A negação de Scaffoldon beirava a veemência. — Celia Borden, a mãe de Elayne, me disse que Montgomery vinha fazendo ameaças, que Elayne temia que ele estivesse tentando levar a sua filha. Se a menina está aí, é porque Montgomery a levou enquanto Elayne morria quando ela tentou impedi-lo.

— Montgomery não poderia ter feito a viagem, — Burke insistiu. — Se eu fosse você, eu estaria procurando pelo homem que se mudou para a casa de Elayne pouco depois que o Tenente Montgomery se mudou. Ele é um homem desagradável vivendo sob um nome falso.

— Qual o nome? — Scaffoldon perguntou com cautela.

— Nicholas Scratch.

Silêncio. Então — Você sabe quem é Nicholas Scratch?

Burke ouviu o medo, assim como a hostilidade na voz de Scaffoldon. — Não. Essa não é a questão. Se eu fosse você, eu iria ver que tipo de *álibi ele tem* para o momento do assassinato.

— Você impugnar...

Enquanto esperava que Scaffoldon recuperasse algum controle, ele olhou para a porta, acenou para Kowalski e Pete Denby entrarem em seu escritório, em seguida, colocou um dedo sobre os lábios para indicar que ele queria que eles ficassem quietos.

— Você não tem nenhuma prova, e nem *nada* que indique que Nicholas Scratch esteve associado com Elayne Borden, muito menos morando com ela, — Scaffoldon rosnou. — Você está tentando manchar a reputação de um homem, ligando o seu nome a uma investigação de assassinato.

— Não é isso o que você está fazendo, tentando arrastar o Tenente Montgomery para isso? Meu homem não pegou um trem de sete horas de distância para a cena do crime. Seu homem está na mesma cidade. Eu sei do que eu estou falando.

Silêncio.

— A Senhora Borden tem a custódia da criança, — disse Scaffoldon. — Nós vamos organizar uma escolta policial para levar a menina de volta para Toland. Se ela estava com a mãe na estação de trem, ela vai precisar fazer uma declaração.

Se a primeira jogada não funcionar, tente outra, pensou Burke. — Mais uma vez, você não tem informações imprecisas. O Tenente Montgomery tem a custódia de sua filha. Ela vai ficar aqui, nós tomaremos a declaração formal de Lizzy ainda hoje, e vou enviar-lhe uma cópia da transcrição. Boa...

— Espere! E sobre o urso?

Burke deu seu sorriso feroz e amigável para os três homens ouvindo tudo. — O urso?

— Senhora Borden mencionou um urso de pelúcia, o brinquedo favorito da menina. Ela o leva em todos os lugares. Está aí?

— A maior parte dele, — ele respondeu agradavelmente. — As meninas podem ser descuidadas, e os Lobos têm dentes afiados.

Scaffoldon respirou. — Foi destruído?

— Ele perdeu um braço e uma perna, mas de outra está forma intacto.

Uma hesitação. — Onde está agora?

— Eu coloquei o braço e a perna em uma caixa aqui na estação e estava indo repará-lo como uma surpresa para Lizzy. Mas eu posso mandar a caixa com os pedaços e enviá-lo para você, se você acha que vai ajudar em sua investigação.

— Não, — Scaffoldon disse bruscamente. Em seguida, sua voz mudou para algo que poderia ser confundido com cortesia. — Não há necessidade de fazer isso.

— Se você mudar de ideia é só me avisar.

— Montgomery é o único com um motivo para matar Elayne Borden. Se você tentar proteger um Oficial que já tem uma mancha grave em seu registro, você vai pisar em alguns dedos importantes, Burke. O que não será esquecido.

— Você nunca fez uma excursão do dever no país selvagem, Scaffoldon?

— É um trabalho de punição, — Scaffoldon estalou. — Não há nenhum voluntário policial em sã consciência para isso. Então não, eu nunca fui para esse tipo de tour.

— Eu já. Duas vezes. Aprendi muito com a experiência. É por isso que eu não sou intimidado por funcionários do governo ou homens de negócios com bolsos profundos... Ou palestrantes motivacionais alegando vir de uma família rica que convenientemente vive em outro continente. Eu vi um pouco do que está lá fora no escuro. *Aqueles* são os dedos de quem eu não quero pisar.

— Eu acho que Montgomery se encaixa bem aí.

— Sim, ele se encaixa. — Burke desligou. Ele esfregou as mãos sobre o rosto antes de se sentar.

— Eu acho que eu deveria ter os papéis de custódia processados antes que alguém peça para ver uma cópia, — disse Pete.

— Eu conheço um juiz que me deve um favor.

Para seu crédito, Pete não disse, *Claro que sim*. Pelo menos não em voz alta.

— Problemas? — Perguntou Louis.

— Oh sim, — Burke respondeu. — Mais do que alguns, incluindo um Capitão que provavelmente pertence ao movimento HPU. Ele não queria Scratch relacionado com Elayne Borden de qualquer forma.

— Não é surpreendente que ele pertence ao HPU, — disse Pete. — Você vai descobrir que alguns policiais podem gostar daquela melodia.

— Os míopes. — Burke olhou para Kowalski. — Qualquer coisa para me contar sobre o Tenente?

— Eu fui ao apartamento dele na noite passada e embalei uma mala para ele e levei para o Pátio. Também levei o meu saco de dormir. Há apenas uma cama de solteiro naqueles apartamentos, e dormir em um colchonete pode ser mais confortável do que dormir em uma cadeira.

Ele estudou o jovem. — O que mais?

Kowalski hesitou. — Você já ouviu que os Outros estão querendo comprar um par de edifícios em frente ao Pátio?

Burke inclinou a cabeça na direção de Pete. — Eu ouvi.

— Você sabe alguma coisa que devo saber sobre esses edifícios? — Perguntou Pete. — Eu sou o advogado do Courtyard para os assuntos humanos, como a compra de um edifício.

Kowalski olhou para Pete. — Simon Wolfgard me perguntou se Ruthie e eu estaríamos dispostos a morar em um.

— É do meu entendimento que você precisa encontrar outro lugar para viver, — Burke disse suavemente.

— Sim, senhor, e estamos procurando. Mas é a oferta com uma parte dos jardins que temos procurado.

— Wolfgard ligou para Eve ontem à noite e disse-lhe que uma parte dos jardins seria parte de seu salário, — disse Pete. — Então ele desligou antes que ela pudesse perguntar o que aquilo significava.

— Eu sei que eles trazem coisas como carne e ovos de fazendas que são controlados pelos *indigenes da terra*, — disse Kowalski. — Mas parece que os moradores do Courtyard cultivam algumas frutas e vegetais que necessitam. E este ano, os funcionários humanos poderão ter a opção de ter uma parte da colheita se eles ajudarem com o trabalho.

— Isso poderia significar ainda mais a exposição do Courtyard, aumentar a interação com os moradores que têm pouco, se algum, contato com os seres humanos, — disse Burke. — Como você e Ruth se sentem sobre isso?

— Animados. Um pouco de medo. Simon Wolfgard disse que os *indigenes na terra* não fazem um negócio como este com o nosso tipo, mas ele indicou que os Outros trabalham cooperativamente com os Intui e o Simple Life. Estamos dispostos a tentar.

— Tudo certo. Pete?

— A mulher que possui o duplex quer vender, — disse Pete. — Depois de fazer um pouco de pesquisa para ter uma ideia do preço pedido de outras casas na área, eu lhe fiz uma oferta ontem à noite. Eu falei sobre a cotação e o preço de mercado. Não muito, mas o suficiente para adoçar o negócio. Ela aceitou, por isso estou indo para o Pátio esta manhã para explicar sobre a papelada que precisa ser feita para que a Associação Empresarial possa comprar aqueles imóveis na parte humana da cidade. — Ele se virou para Kowalski. — Eu não quero parecer curioso sobre o Courtyard, mas eu gostaria de saber mais sobre essa participação nos jardins, especialmente porque eu não tenho certeza de que trabalhar com os *indigenes da terra* vai dar a Eve ou a mim a qualificação para receber uma cota de ração.

— Ruthie será capaz de saber mais, — disse Kowalski. — Todas as meninas estão reunidas esta manhã para darem um passeio pela natureza ou alguma coisa assim.

Burke se levantou de trás de sua mesa. — Parece que alguns de nós temos negócios com os Outros esta manhã. — Ele olhou para eles. — Algo mais?

— Não da minha parte. — Louis se levantou. — Eu vou ficar na estação e atender ao telefone de Monty até que você diga o contrário.

— Há algo mais, mas vou esperar lá fora, — disse Pete, dando a Kowalski uma olhada antes de sair com Louis.

Burke estudou o jovem Oficial. Estes últimos meses de trabalho em torno dos Outros tinham temperado Karl Kowalski de uma forma que

a maioria dos policiais não iria. De certa forma, trabalhar em torno deste Courtyard era semelhante a um turno de serviço no país selvagem, exceto que aqui você tinha uma melhor chance de sair vivo de um encontro.

Esse era o tipo de tempero que Burke queria mais de seus homens.

— O que está em sua mente? — Perguntou.

— Capitão Scaffoldon perguntou sobre o urso, mas ele não disse nada sobre as joias?

— Não, ele não perguntou.

Kowalski era um de poucas pessoas em Lakeside que sabiam sobre as joias dentro do Urso Boo. Mas o boato ia vazar. Com uma fortuna dentro daquele urso, e a morte da ex-amante de um policial adicionado à mistura, o boato ia vazar.

— Você acha que ele sabe? — Kowalski perguntou.

— Ele sabe. Ele não está interessado no urso... Ou na criança. Elayne Borden se enroscou em algum tipo de bagunça, e eu apostaria um ano de salário que isso está conectado a Nicholas Scratch e o movimento HPU.

— Ela está morta?

— Sim.

Kowalski assentiu. — Esperava que estivesse errado, mas eu meio que percebi... O Tenente Montgomery me pediu para verificar suas mensagens quando eu fui para o apartamento dele. Não havia qualquer coisa da mãe de Lizzy. Você pensaria que, se pudesse, ela teria ligado para garantir que Lizzy estivesse em Lakeside e que estava tudo bem.

— Com a morte da mãe, a criança está agora no meio disso. Até que tenhamos uma ideia melhor do que está acontecendo, tudo o que precisamos é ficar atentos. Você está indo para o Pátio?

— Sim, senhor.

— Então diga ao Tenente Montgomery para manter o celular desligado. Eu não quero que ele ouça sobre Elayne de ninguém mais além de mim. Diga a ele que temos que tomar uma declaração formal de Lizzy, e eu preciso falar com ele antes, então ele deve me esperar no Pátio até

que eu chegue. E descubra se Vladimir Sanguinati estará disponível para falar comigo.

— Sim, senhor.

Quando Kowalski saiu, Pete entrou de volta.

— Você acha que a força policial de Toland está comprometida?

— Perguntou Pete.

— Nicholas Scratch está ligado ao movimento HPU. Manche a reputação de um e você danifica tudo. Se Scaffoldon pertence ao movimento, eu acho que ele vai fazer o que for preciso para impedir que o nome de Scratch não seja relacionado com Elayne Borden.

— O movimento HPU é uma ideia sedutora. Ter tudo o que você precisa e também não ter medo do que está lá fora, porque não *existiria* mais o lá fora.

Burke bufou. — Você morou em uma pequena cidade no Centro-Oeste. Com quantos *indigenes da terra* você interagiu?

— Você ainda sabe que eles estão lá fora.

— Você sabe que há assaltantes humanos e estupradores e assassinos lá fora também. Mas você ainda deixa sua casa para ir para o trabalho. Eve cuida da casa. As crianças estão na escola. Algumas pessoas que você vê nas salas de audiência são muito mais perigosas para a sua família do que um Falcão voando no alto à procura de seu jantar ou um Corvo empoleirado em uma árvore, curioso sobre algo que viu em seu quintal.

Pete deu-lhe um sorriso torto. — Ainda é uma ideia sedutora.

— O movimento Humanos Primeiros e Últimos: — Burke disse severamente. — Os últimos seres humanos em uma cidade, de uma região, em um continente? No mundo?

— Não é isso o que prega o movimento.

Burke veio ao redor da mesa e indicou que Pete deveria precedê-lo para fora do escritório.

Mas Pete parou na porta e estudou-o. — Isso não é o que significa.

— Eu acho que o significado depende se você é humano ou um dos *indigenes da terra*.



CAPÍTULO 18

Watersday, Maius 12

Monty se moveu para a posição sentada, com o coração batendo forte, enquanto tentava sacudir o sonho que o assustou e o tirou de um sono profundo.

Ouvindo a água corrente na pia, ele passou as mãos sobre a cabeça e tentou acalmar sua respiração.

Segura. Sua filhinha estava segura. Mas Elayne...

Sonhou que o Urso Boo tinha virado um *indigene da terra* Grizzly que queria o saco de joias por algum motivo, o sonho era lógico e estranho e Elayne não queria desistir. Eles lutaram, ela se cortou na barriga, e o urso pegou o saco e o engoliu, voltando a ser o Urso Boo antes que Lizzy saísse do quarto, e percebesse o que ele realmente era, um assassino escondido atrás da máscara de algo que ela confiava.

Ou alguém que ela confiava?

Deuses, Monty pensou quando ele levantou e olhou para o seu telefone. Ele deveria ter ligado para a mãe de Elayne ou o irmão dela, Leo. Burke não queria que ele fizesse ligações, mas certamente não faria mal ligar o telefone e verificar se havia mensagens.

Quando ele pegou o telefone, alguém bateu na porta, uma batida tranquila, mas urgente, no apartamento.

Monty olhou para a cozinha, não havia cofre no apartamento, então ele colocou a arma na prateleira mais alta na cozinha. Agora ela parecia muito longe.

Mas quem saberia que ele estava aqui? E quem poderia entrar no edifício sem soar um alarme para os *indigenes da terra*?

Ele abriu a porta.

— Bom dia, Tenente, — disse Kowalski.

Um olhar nos olhos de Karl, a confirmação de que ele tinha descoberto por si mesmo, mesmo que apenas em um sonho.

— Elayne está morta, não é? — Perguntou.

Kowalski hesitou. Em seguida, ele assentiu. — Eu sinto muito, Tenente.

Monty sentiu uma pontada de dor. — Eu também. As coisas estavam tensas... Entre nós nestes últimos meses, mas nós éramos uma família até aquele ponto. Ela era a mãe da minha filha.

— Eu sei. — Kowalski mudou seu peso de um pé para o outro. — A polícia de Toland ligou esta manhã. O Capitão Burke estará aqui em breve. Ele quer que você mantenha o seu telefone desligado até que ele fale com você.

Burke quer que ele ficasse indisponível depois que a polícia de Toland ligou deixou Monty inquieto. — Qualquer mensagem ao atender as chamadas em meu lugar?

— Não, senhor.

Monty olhou para o banheiro. A água ainda estava correndo? O que a menina está fazendo aí?

— Bem, será melhor eu me vestir. Ligue para o Capitão e diga que não há razão para ele vir para o Pátio. Lizzy e eu podemos encontrá-lo na estação.

— Ele disse que você deveria ficar aqui.

— Ligue para ele.

— Tenente? Se houver uma coisa que Ruthie e eu possamos fazer, você só tem que pedir.

— Você já fez muito, mas eu vou manter isso em mente. — Monty forçou os lábios em um sorriso. — Obrigado.

Quando ele fechou a porta, ouviu a água sendo desligada. Então Lizzy entrou na sala de estar, usando pijama. Olhando para os pés descalços, ele notou que suas unhas estavam pintadas do tom de vermelho que Elayne gostava.

Coisa estranha de se fazer se você estivesse fugindo de algo ou alguém. Então novamente, Elayne não estava em casa na noite em que ele ligou; a noite anterior que ela foi para a estação de trem. Onde ela e Lizzy tinham ficado? Será que pintar as unhas seria uma maneira de passar o tempo e distrair uma menina?

Ele e Lizzy iriam para a estação de Chestnut Street para fazer uma declaração formal. Depois disso, ele teria que considerar os aspectos práticos de tê-la aqui. Ele tinha um apartamento de um quarto, e seu aluguel foi baseado em um ocupante. Com o preço da água sendo alta do jeito que era, o seu proprietário seria obrigado a aumentar o aluguel, já que Lizzy não seria um hóspede de alguns dias. Claro, ele poderia espremer o suficiente de seu salário para pagar o aluguel extra, especialmente agora que ele manteria o dinheiro que ele enviava para Elayne como pensão. Claro, ele poderia dar a sua menina o quarto e dormir no sofá, mas isso era um arranjo temporário, assim como ficar neste apartamento era um arranjo temporário.

— Papai?

Há quanto tempo ele esteve olhando para ela, perdido em seus próprios pensamentos?

Monty beijou sua testa. — Minha menina linda, bom dia Lizzy. Você dormiu bem?

Ela assentiu com a cabeça, mas ela olhou para a cama, onde o Urso Boo deveria estar.

— Você está com fome? — Perguntou Monty, querendo evitar suas perguntas um pouco mais. Querendo evitar dizer a ela sobre Elayne um pouco mais. — Vamos ver o que o Oficial Karl e a senhorita Ruthie deixaram para nós.

Havia ovos na geladeira, bem como pão, leite, manteiga e um pequeno pote de geleia de uva. A caixa de cereal no armário não era o tipo que tentaria uma criança, e ele sequer tentou. Então ele quebrou quatro dos ovos e colocou no pão. E já que ele não encontrou qualquer café, ambos beberam um copo de leite.

Por que fazer o café aqui quando você poderia ir para a Tess? Ela estaria aberta a esta hora?

— Você pode assistir TV ou ler um livro enquanto eu tomo um banho? — Ele perguntou enquanto rapidamente lavava os pratos.

— OK. Vamos para o trabalho?

Ele olhou para aqueles grandes olhos escuros e sentiu seu coração falhar, com a certeza de que nenhum homem jamais tinha amado uma criança assim. E, com certeza nenhuma criança deveria enfrentar o que Lizzy teria que enfrentar hoje. — Sim. Nós vamos sentar com o Capitão Burke, e você irá dizer-lhe tudo o que você lembra sobre ir para a estação de trem e pegar o trem para Lakeside.

— Então podemos pegar o meu urso de volta?

Monty secou as mãos no pano de prato. — Não, querida. O Urso Boo tem que ficar na estação para ajudar a polícia. — E entre as joias escondidas dentro do urso e o sangue no urso, não era provável que o Urso Boo voltaria logo.

Ele gostaria de evitar dizer-lhe um pouco da verdade por tanto tempo quanto possível.

— Se não temos o Urso Boo para nos proteger, você pode pedir para o policial Lobo vir com a gente? Nathan tem dentes grandes. Ainda maior do que o Urso Boo.

Ah, droga. — Mel...

— *Por favor*, papai.

Derrotado, ele disse, — Eu vou perguntar. — Então ele retirou-se para o banheiro antes que Lizzy pudesse pensar em outra coisa que ela precisava para dar o seu depoimento.



CAPÍTULO 19

Watersday, Maius 12

Não morda o mensageiro. Se você mordê-lo, ele não vai funcionar para você. Não morda o mensageiro.

Sentado na sala de reuniões da Associação de Empresas com Vlad, Henry e Tess, Simon centrou a sua atenção sobre Pete Denby e a lista excruciante de papéis que precisavam ser preenchidas ou assinadas ou alguma outra coisa, a fim de comprar um edifício.

Por que não podiam apenas dar a fêmea humana um saco de dinheiro e, em seguida, fazer xixi no edifício de modo que todos saberiam que era deles?

Esta era uma das razões que alguns *indigenes da terra* passavam por uma educação humana centrada, quando alguém queria saber mais sobre a carne inteligente. Mas mesmo tendo essa educação não era suficiente para suportar um processo tão irritante.

— Busca de título, a inspeção da casa, — disse Pete. — Quando acabar, e já que você está pagando em dinheiro, você poderá ser capaz de concluir a papelada e fechar o negócio até o final do mês.

— Poderíamos inspecionar a casa nós mesmos, — disse Simon. — Dar uma boa cheirada.

— Você ainda precisa da papelada. E do ponto de vista legal, uma boa cheirada não é suficiente.

Simon suspirou. Ele preferia estar lá fora com Meg, fazendo o que ela estava fazendo.

— Você fica com os papéis que precisamos, — disse Henry a Pete. — Então vamos dar aos humanos o dinheiro e reclamar a casa.

— Sobre isso. — Pete cheirava nervoso. — Quando você diz que vai pagar em dinheiro...

— Vamos encher um saco com a quantidade correta de dinheiro, — disse Vlad.

— Você *não* pode dar a Sra. Tremaine um saco de dinheiro, — disse Pete com um estalo na sua voz que fez Simon rosnar... E irritar Tess o suficiente para que seu cabelo castanho adquirisse amplas listras vermelhas e começasse a enrolar.

Pete levantou as duas mãos, um gesto apaziguador. Não tão submisso como expor sua garganta, mas suficiente para que Simon não sentisse a necessidade de reforçar o seu papel como o líder do Courtyard.

— Vamos fazer isso da maneira humana e dar o dinheiro para mulher pela casa dela, — Henry roncou.

— Sim, — Pete disse rapidamente. — Eu não estava indicando que você não iria, ou não deveria comprar a casa na forma humana. Mas... — Ele estudou os quatro. — Este dinheiro irá fornecer à senhora Tremaine comida e abrigo para o resto de sua vida. É um monte de dinheiro, mas dar a ela em um saco vai deixá-la vulnerável a ladrões. Eles podem machucá-la, até mesmo matá-la se ela tentar lutar contra eles. Não é a maneira correta de comprar uma casa, mesmo quando você está pagando em dinheiro.

— Então o que você sugere? — Perguntou Vlad.

— Eu vi algum tipo de banco na Praça do Mercado. É um banco legítimo?

— Sim, — Simon disse e então ele fez uma pausa, incerto. Ninguém nunca tinha feito essa pergunta antes, mas um banco era um banco. Não era? — A Associação de Empresas também tem contas em um banco humano localizado no Bird Park Plaza.

— Isso é bom. — Parecendo aliviado, Pete fez anotações. — Esse é um banco regional, que não deve ter uma filial em Hubb NE, que é para onde a senhora Tremaine está indo. Se ela também usa esse banco, você pode tirar dinheiro da sua conta e pode depositá-lo na dela. Seguro e fácil. Ou nós vamos pagar com um cheque administrativo. Isso seria

ainda melhor. — Ele olhou para cima de sua tomada de nota. — Você tem dinheiro suficiente nessas contas para cobrir os custos da compra da casa? E o preço das taxas?

<Taxas?> Henry perguntou, olhando para o outro *indigene da terra*.

— Devemos ter o suficiente, — disse Vlad. — Mas vamos fazer um depósito na próxima semana para cuidar de qualquer coisa inesperada. E quanto aos outros dois edifícios?

Pete franziu a testa. — O proprietário tentou duplicar o preço quando percebeu que o Pátio estava interessado nos edifícios. Disse-lhe que não estava com pressa para adquirir as propriedades e estaria disposto a esperar até que o banco executasse a hipoteca e colocasse os edifícios em leilão. Ele está preocupado sobre os pagamentos da hipoteca, — ele explicou quando os Outros olharam para ele. — Ele não mora em qualquer edifício. É uma propriedade apenas de aluguel, e é de onde ele tira a renda dele, mas ele não tem inquilinos. As últimas pessoas nos edifícios estão fazendo as malas. E, francamente, uma vez que saibam que você possui o prédio, além do duplex entre os dois, não é provável que ele vá obter qualquer inquilino. Fiz-lhe uma oferta que combinava com o seu preço, e eu lhe disse que estava disposto a pagar em dinheiro. E tenho certeza que o representante imobiliário também ouviu a oferta.

<Ele tem feito muito em um curto espaço de tempo,> Henry disse.

<Não teríamos conseguido fazer nem metade,> Vlad disse. <Pete Denby está sendo justo com os seres humanos fazendo essas pechinchas, mas ele também está sendo justo para nós.>

Tess fez o comentário, mas Simon notou que o seu cabelo estava agora castanho ondulado, o que significava que ela não estava mais com raiva.

— Nós estamos de acordo, — ele disse. — Vamos comprar a casa e pagar o humano na forma como você sugeriu.

Pete fez outra anotação. — Vou pegar a papelada e começar em Moonsday. Oh, mais uma coisa; a Sra. Tremaine está se mudando para

uma casa menor e está deixando uma quantidade justa de sua mobília para trás. Ela disse que iria chamar algumas pessoas com tendas no mercado para venda, mas vocês podem querer dar uma olhada antes que ela faça isso. Pessoalmente, eu acho que uma grande parte é lixo, mas Eve acha que algumas coisas podem ser enfeitadas e parecem bastante agradáveis. Tudo está disponível, e certamente não iria prejudicar dar uma olhada.

— Lixo? — Simon inclinou a cabeça. Os Corvos não tinham saído para suas caças no lixo ao tesouro desde o dia em que alguns humanos colocaram iscas em uma rua e tentaram matar Jenni Crowgard e suas irmãs, assim como muitos outros Corvos. O aviso de Meg tinha salvado o Crowgard, mas a experiência tinha azedado o prazer dos Corvos 'na busca de pedaços de coisas brilhantes dos humanos no lixo deixado na calçada a cada semana'. Talvez isso fosse divertido para o Crowgard? E eles poderiam descartar o que não queriam.

— Veremos, — ele disse; então ele pensou em Pete e sua família arrumando o seu carro e fugindo para Lakeside após Pete ajudar com a pesquisa do Capitão Burke para a caça do Controlador. — Você era dono de uma casa cheia de coisas.

— Sim. Bem, nós alugamos uma casa.

— Mas você não é o dono do material. — Ele nunca tinha visto o interior de uma casa humana, exceto em programas de TV, mas ele tinha a impressão que uma casa de verdade era semelhante à loja dos Corvos, com todos os tipos de coisas e repleto de lixo e peças que os humanos não conseguiam mais viver sem.

Pete deu-lhe um sorriso torto. — Sim, nossa mobília. Mas isso pode ser substituído.

— O que vai acontecer com ela?

Pete deu de ombros. — O aluguel foi pago até o final deste mês. Depois disso, espero que o proprietário coloque tudo em um galpão de armazenamento, ou o mais provável, que deseje manter o mobiliário e alugar a casa com os móveis, ou vender tudo, alegando que ele não poderia me encontrar.

Tanto quanto Simon sabia, território importava porque território era sobre ter um lugar para viver que tinha muita comida e água de boa qualidade, mas uma mesa era uma mesa, uma cadeira era uma cadeira. Contanto que funcionasse, uma não era diferente da outra. Mas os humanos eram mais como o Crowgard. Eles coletavam material.

— Anote seu endereço, — disse Simon. — Vou ver se há algum *indigenes da terra* nessa área que possa recuperar seus bens.

Todo mundo, humanos e Outros, olharam para ele com surpresa.

— Se possível, — Pete disse finalmente. Ele tirou um molho de chaves, removeu duas chaves, e as colocou sobre a mesa. Então ele anotou o endereço e a cidade. — Se seus amigos puderem ter de escolher o que vai para o transporte, diga-lhes que as coisas pessoais, como roupas, brinquedos e as fotografias. Esses são itens mais importantes para Eve e para mim do que uma peça de mobiliário.

— Eu vou falar com eles, — disse Simon. — Qualquer outra coisa que você precisa de nós?

— Não — Pete colocou seus papéis em sua pasta e caminhou em direção à porta. Então ele parou e olhou para eles. — Obrigado.

Quando Pete saiu, Nathan Wolfgard entrou.

— Os Lobos de Addirondak querem saber se podem enviar alguns para Lakeside para uma visita, — disse Nathan. — Eles gostariam que os Lobos de lá estudassem a forma de interagir com os seres humanos daqui, e ter alguma exposição do nosso dia-a-dia, antes de tomar uma atribuição em um Pátio.

— Há assentamentos humanos nas Addirondaks, — disse Henry.

— Sim, mas os assentamentos são pequenos e têm postos comerciais aonde os *indigenes da terra* vão apenas para comprar bens humanos. Eu fui a um desses lugares, e tinha todos os itens básicos que precisamos quando estamos em forma humana, mas é uma experiência diferente do que entrar em lojas da nossa Praça do Mercado. Os humanos que vivem nesses assentamentos e trabalham nas feitorias são Intui, e eles são educados, mas eles realmente não *falam* com os *indigenes da terra*, não como os seres humanos estão fazendo aqui. — Nathan

encolheu os ombros. — Nós temos coisas que os Lobos Addirondak só ouvem falar.

— Como a nossa própria profetisa de sangue, o nosso brinquedo sibilante? — Tess perguntou secamente.

Nathan se contorceu.

Minha! Simon engoliu o pensamento e o grunhido quando viu que Henry mudou de posição na cadeira.

— Nós temos o nosso próprio instrutor humano que pode mostrar aos *indigene da terra* os detalhes que os seres humanos aprendem quando são jovens, — disse Henry. Ele se virou para Simon. — É por isso que você contratou Ruthie, não é? De modo que mais do que o Courtyard Lakeside possa aprender o que procurar em um humano que poderia ser um amigo, e como reconhecer um comportamento que indica um inimigo?

— Sim, — Simon concordou. — Precisamos reconhecer os dois tipos de humanos. — Assim que ele pudesse deslocar dessa pele, ele daria ao seu pelo uma boa sacudida e faria uma corrida rápida para descobrir o que Meg estava fazendo. — Vou falar com os Lobos de Addirondak. Temos espaço para alguns convidados.

Levantaram-se e seguiram seus próprios caminhos. Henry foi para o seu estúdio. Tess foi para a Bite. Simon e Vlad desceram para preencher os pedidos de livros e abrir a HBL. Eles mantiveram a placa: *Somente Residentes* na porta para desencorajar os humanos de entrar, e apenas os moradores do Pátio se aventurariam agora para a experiência da compra de um livro e ter uma pequena interação com um dos humanos da matilha de Meg.

— Eu volto já, — disse Simon.

— Se você tem algum sentido, você vai correr para longe das fêmeas, e não na direção delas, — Vlad falou quando ele entrou na sala de estoque.

Ignorando a risada de Vlad, Simon tirou suas roupas e as colocou em uma cadeira perto da porta de trás da HBL. Então ele saiu, deslocou-se para Lobo, e se afastou para ver Meg.

Enquanto ele pudesse superá-las, ele não estava preocupado sobre como lidar com uma matilha feminina.



CAPÍTULO 20

Watersday, Maius 12

As fêmeas da matilha de Meg, Merri Lee, Ruth e Theral se encontraram no Complexo Verde antes de caminhar de volta para a Praça do Mercado. Foi um experimento para descobrir o que uma *Cassandra de Sangue* poderia absorver e o que provocava uma sobrecarga. Já que Merri Lee e Ruth foram ajudá-la a escrever notas para *O Guia das Profetisas de Sangue*, e Theral trabalhava no consultório médico e poderia detectar os gatilhos, Meg tinha lhes pedido para se juntar a ela em uma caminhada até o seu apartamento e a Praça do Mercado.

Ela dirigia por esta estrada em seus dias trabalho e muitas vezes ela saía em passeios com Simon e Sam. Então a estrada era familiar e ainda um pouco diferente em cada vez, mas ela não se lembrava de sua mente se apagando sempre que algo mudava. Então o que fazia uma *Cassandra de Sangue* submergir ao ponto de pânico... E autodestruição?

Ela precisava descobrir porque não era mais sobre ela, ou algo que pudesse auxiliar os Outros neste Courtyard. O *Guia* não era apenas uma maneira de manter a matilha feminina ocupada. Havia meninas lá fora agora que queriam viver e poderiam não sobreviver, porque as pessoas que queriam ajudá-las não sabiam como.

Então ela e suas amigas estavam seguindo, e talvez elas pudessem encontrar uma resposta para uma pergunta que ajudaria a algumas das meninas a viverem um pouco mais de tempo. Talvez até mesmo o tempo suficiente para ela descobrir a resposta seguinte.

— Pegamos uma van do Courtyard até o Complexo Verde, — disse Merri Lee quando as mulheres se dirigiam para a Praça do Mercado. —

Henry nos encontrou na Praça do Mercado e disse ao motorista que fomos autorizados a pegar a van até ao seu apartamento a partir de agora.

— Eu acho que um Falcão estava dirigindo, — Ruthie acrescentou. — Ou talvez fosse uma Coruja. De qualquer forma, pouco antes da van parar no Complexo Verde, vi um grande pedaço de terra arada que deveria ser a horta. E havia estacas de madeira com cordas delimitando, além do que já havia, então parece que os Outros realmente estão planejando expandir o suficiente para todos nós termos uma parte da colheita.

— Espero que todas nós possamos participar, — disse Merri Lee. — Mas mesmo se o Sr. Wolfgard estiver apenas fazendo essa oferta aos inquilinos dos edifícios de apartamentos, os legumes e as frutas vendidas na mercearia da Praça do Mercado são sempre muito mais frescos e eles custam menos do que nos supermercados humanos.

— E sobre o açougue? — Perguntou Theral. — Eu entrei para comprar um pouco de carne alguns dias atrás, mas a loja parecia um pouco... Estranha.

Uma hesitação. — Basta se lembrar de ser específico sobre o que você quer, — Merri Lee disse finalmente.

— Talvez seja por isso que a minha tia disse que a carne parecia um pouco estranha, e por que Lawrence ficou pálido quando eu disse que havia comprado a carne na Praça do Mercado.

— Existem vários tipos de carne, mas nem sempre todas estão disponíveis, — disse Ruth. — O supermercado tem mais variedade, mas nem sempre. Você pode encontrar um pote de molho de espaguete e uma caixa de massas, mas não uma nenhuma caixa de cereal. Há muitas coisas vendidas em frascos de conservas, você pode reciclar, mas não há muitas coisas vendidas em latas.

— Os alimentos enlatados têm gosto de metal, e os *indigenes da terra* tendem a comer alimentos frescos que estão na época, — Meg disse. A sensação de alfinetadas e agulhas encheu suas bochechas, língua e mandíbula.

Ela parou e estudou um conjunto de plantas que deram flores um par de dias atrás.

As outras meninas pararam também.

— O que você está fazendo? — Perguntou Merri Lee, olhando para Meg enquanto Ruthie tirava uma foto das plantas.

— Tudo bem, — Meg respondeu. Agora que elas tinham parado de falar sobre alimentos, o formigamento desapareceu. Ela deveria mencionar isso? Ou será que suas amigas se sentiriam desconfortáveis em falar com ela, com medo de que elas iriam desencadear a necessidade de se cortar?

— Que tipo de flor é essa? — Ruthie perguntou enquanto Merri Lee esperava, caneta sobre um pequeno caderno.

— Flor Selvagem? — Meg ofereceu. — Não me lembro de uma imagem de formação que corresponda.

— É um arauto do verão, — disse uma voz feminina atrás delas. — Que outro nome ela precisa?

— Bom dia, Spring, — disse Meg, virando-se para a Elemental. — Olá, Névoa.

— Você não está trabalhando hoje? — Perguntou Spring.

— Eu estou, e todas nós estamos. Mas estamos dando um passeio antes.

— Muito esperto. Vai chover mais tarde. Não uma tempestade. Uma chuva suave para tudo o que está florescendo. Mesmo algumas coisas precisam de uma bebida pequena agora. — Spring sorriu para elas antes que ela e Névoa se afastassem.

Theral apontou para o local onde a Elemental e o cavalo estiveram. — A estrada está molhada lá. Bem ali.

— Isso é porque Névoa esteve lá, — Meg disse.

As meninas olharam para ela. Finalmente Merri Lee disse: — Então os cavalos realmente são os seus nomes?

— Sim.

— Uau.

Theral não sabia os nomes de todos os pôneis e não entendia o significado, mas Ruth e Merri Lee, que tinham testemunhado a tempestade em Febros, pareciam um pouco assustadas.

— Isso explica algumas coisas, — disse Ruth.

Meg não lembrava muito sobre a tempestade que atingiu Lakeside depois de ela ter caído no gelo no riacho. Mas ela se lembrou de ter ficado presa no hospital, juntamente com Simon e Jester, porque toda a cidade havia ficado bloqueada por uma nevasca recorde.

Ela também se lembrou de acordar em algum momento para encontrar Simon em forma de Lobo, amassado em uma cama de hospital com ela para mantê-la aquecida.

— Melhor nos mexer, — ela disse.

Os Corvos a seguiam pela estrada. Falcões subiam e desciam ou encontravam um poleiro de observação conveniente. Um par de corujas, que deveriam estar em casa agora, voava sobre suas cabeças.

Um pequeno coelho pulou do outro lado da estrada, vigiado por um Falcão. Será que o Falcão teria feito mais do que ver se as meninas não estivessem passando pelo seu poleiro?

Grata por não ter uma nova imagem de um coelho ser morto, Meg olhou para as flores e gramas e árvores. Será que Simon deixaria que ela trabalhasse no jardim? Se ela usasse luvas e tivesse cuidado de proteger a sua pele, ela poderia plantar e tirar as ervas daninhas como as outras meninas, não podia?

— Os pôneis falam uns com os outros? — Perguntou Merri Lee.

Meg se afastou das flores que haviam lhe chamado a atenção e sorriu. Todos os pôneis, exceto Névoa, estavam na junção onde a estrada principal do Courtyard cruzava com a estrada que levava ao Pony Barn. Mesmo Redemoinho, o mais novo pônei, estava lá, embora ele ainda não tivesse alcançado a sua inofensiva altura de um pônei gordinho.

Meg acenou para eles. — Temos cenouras para o deleite de hoje.

— É por que isso é importante? — Ruth perguntou quando elas estavam longe o suficiente na estrada para não serem ouvidas.

— Todo mundo vem para o deleite em Moonsday porque dou torrões de açúcar, — Meg disse. — Mas nem todo mundo aparece para as cenouras.

— Faz sentido, — disse Merri Lee.

— Faz mesmo, — Ruth disse calmamente.

Um Lobo com pelos escuros e salpicados de pelos brancos na barriga corria na direção delas, grande, rápido e letal. E feliz. Talvez isso significasse que a reunião tinha corrido bem? Mais provavelmente, Simon estava feliz de estar ao ar livre e peludo, mesmo que apenas por alguns minutos.

— Eu não trouxe a corda, e não vou correr e ficar toda suada antes de iniciar o trabalho, por isso sequer pense em brincar de rebanho humano, — disse Meg.

Ele riu dela, ela poderia dizer que ele estava rindo e olhou para o chapéu de tecido que Merri Lee tinha trazido para ela colocar na cabeça para não ficar queimada de sol.

Meg colocou a mão no chapéu, o que pareceu diverti-lo.

Lobos poderiam fazer um jogo com quase tudo, e jogar e pegar o chapéu poderia continuar por semanas antes de se tornar suficientemente aborrecido para brincarem de outra coisa.

Tendo alcançado o que ele veio fazer, Simon se virou e galopou na direção da Praça do Mercado.

Ele teria ficado se ela estivesse andando sozinha.

— Você poderia chamá-lo de volta, e andar na nossa frente, — disse Merri Lee.

Meg sacudiu a cabeça. — Nós estamos fazendo uma experiência.

Mas ela desejava que pudesse ter corrido a mão através do pelo dele, só por esse momento de conexão. Só para dizer *eu estou aqui*.

Simon pegou as roupas que ele tinha deixado na HBL: jeans, sapatos de lona, e uma camisa pólo verde escuro. Não era o tipo de roupa que ele usava na livraria em suas horas de trabalho, mas ele não tinha mais a preocupação em fazer a impressão correta para os clientes humanos. Além disso, agora que o clima estava mais quente, estas eram os mesmos tipos de roupas que Kowalski, Debany e MacDonald usavam quando não estavam em serviço. Para os *indigenes da terra* que mantinham vigilância sobre os seres humanos, se misturar em uma rua da cidade era tão importante quanto o movimento invisível no país selvagem.

Meg parecia bem. Ele tinha pegado o cheiro de medo quando ele se encontrou com as meninas, mas não tinha vindo dela. Alguém no bando temia o Lobo, porque ele parecia um Lobo.

Ele sorriu. Um bando de meninas, uma matilha feminina, que tinha um som de dentes e poder. Mas um bando? Seria mais fácil lidar com um bando, enquanto se lembrava que um bando poderia transformar-se em uma matilha muito, muito rápida.

Quando chegou ao arco que dividia a Bite e a livraria, notou que a porta ainda estava fechada. Quando ele tentou abri-la, descobriu que estava trancada.

<Tess?>

<Macacos do caralho. Murchar seus olhos. Espremer seus corações em uma polpa preta. Transformá-los em uma poça purulenta dentro de um saco de peles.>

Simon afastou-se da porta fechada. A voz soava como Tess, mas não era a Tess que ele conhecia.

Cavaleiro das Pragas.

Cefeiros era uma forma rara de *indigene da terra*, solitários que poderiam matar com apenas um olhar quando sua verdadeira natureza era revelada. Ele tinha convidado Tess para viver no Courtyard de Lakeside quando ele assumiu como o líder. Ele sabia que ela era um predador perigoso, mas não sabia o *que* ela era até recentemente. E ele

nunca sentiu que colocaria os demais *indigenes da terra* no Lakeside em risco por deixá-la viver aqui até agora.

<Tess? O que há de errado?>

<Vá embora, Simon. Só... Vá embora. Falo com você mais tarde.>

Apressando-se para a sala de estoque, ele encontrou o pano que, por vezes, usava para cobrir uma bancada para uma exibição extra. Colocou-o sobre a porta e a janela que estava fechada. Suspeitava que Tess estivesse em algum lugar na parte traseira de sua loja, fora da vista de quem procurasse pelas janelas, mas se isso não fosse o caso, ele não queria que ninguém fosse atingido por avistá-los.

— Simon? Algo que você deve saber antes de se reunir com a polícia. — Vlad se aproximou dele e olhou para a cobertura. — O que é isso?

— Algo está errado com Tess. O Tenente Montgomery e a Lizzy vão descer do apartamento a qualquer momento agora. Eu *acho* que Tess trancou todas as portas da Bite, mas podemos esperar e ficar atrás da nossa porta e garantir que todos entrem na HBL.

— Você vai chamar Henry?

Simon assentiu. Não que um Urso pudesse fazer mais do que um Lobo contra um Ceifeiro, mas Henry foi o primeiro a reconhecer a forma de Tess de *indigene da terra* pela forma como ela matou Ásia Crane durante o ataque no Pátio. E Henry poderia ajudá-lo a manter todo mundo longe da cafeteria.

Enquanto Vlad saía para manter a guarda, Simon chamou Henry, Blair e Nathan.

Tenente Montgomery entrou primeiro, seguido por Kowalski. Blair e Nathan chegaram momentos depois.

— Onde está a Lizzy? — Simon perguntou abruptamente.

Montgomery hesitou. — Eu precisava de um minuto para falar com você, e o Sr. Beargard gentilmente a convidou para ver os seus totens de jardim.

A menina não tinha passado por Vlad e nem tropeçado em Tess. Bom.

Montgomery e Kowalski olharam para o pano que cobria a porta.

— Algum problema? — Perguntou Montgomery.

— Tess precisa de algum tempo em silêncio, — Simon respondeu. E logo que fosse seguro se aproximar dela, ele ia descobrir o que a irritou tanto.

— Preciso de um favor, — Montgomery disse, parecendo desconfortável. — Lizzy tem que fazer uma declaração formal esta manhã, e ela gostaria que o policial Lobo fosse com ela.

— Policial Lobo? — Disse Blair.

Nathan bufou. — Eu acho que ela não saberia o que é um Executor.

— Por que ela quer Nathan? — Perguntou Simon.

— Lizzy acredita que o Urso Boo a protege de coisas ruins, e agora ele não está com ela quando ela tem que falar sobre o que aconteceu com sua mãe. É por isso que ela gostaria que Nathan fosse conosco. Ela diz que ele tem dentes grandes, ainda maiores do que o Urso Boo.

Eles olharam para Montgomery. Finalmente Simon disse: — O urso dela não tem *nenhum* dente, então *todo mundo* tem dentes maiores que ele.

— Eu sei disso. — Monty hesitou. — A mãe de Lizzy foi esfaqueada na manhã de ontem na estação de trem. Ela está morta.

Eu estive cansado e confuso na noite em que Daphne foi baleada? Naquela noite Sam viu sua mãe morrer? Simon olhou para Vlad. <Você sabia?>

<O Capitão Burke me pediu para verificar com os Sanguinatis em Toland por notícias,> Vlad respondeu. <Stavros ligou esta manhã com a informação. Parece que o Tenente descobriu o suficiente para saber por que a Lizzy estava no trem sozinha.>

— Eu vou com o filhote — Nathan disse.

— Um Lobo solitário em um edificio cheio de humanos com armas? — Blair rosnou.

— Não estará sozinho, — disse Kowalski. — Nathan não estará sozinho.

Simon assentiu e reconheceu essa promessa.

— Eu vou com ela, — disse Nathan. — Mas a Lizzy é uma espremedora, por isso não vou mudar para a forma de Lobo.

— É um sinal de medo, — disse Simon, o prazer de compartilhar uma pepita de informação sobre as fêmeas humanas, aliviado ao pensar em algo além de uma morte que despertou muitas lembranças. — Quando Meg assiste a um filme de Lobos com Sam, eu acabo sendo espremido.

Ele deveria mencionar que ela arrancava os seus pelos de nervoso? Nah. Isso poderia ser apenas Meg. Além disso, Nathan não estava indo como Lobo, por isso não deveria importar.

— Eu tenho o carro, — disse Kowalski. — Nós podemos ir quando estiver pronto, Tenente.

Montgomery olhou para a porta coberta. — Qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar com isso?

Simon deu de ombros. — Quando eu descobrir o motivo dela estar chateada, eu aviso.

Montgomery, Kowalski, e Nathan saíram da loja para buscar Lizzy e irem até a estação.

Simon estudou a porta, em seguida, foi até o balcão para trabalhar em quaisquer pedidos que pudesse preencher.

Quando Tess estivesse pronta para falar, ela avisaria. Ele só esperava que ela não matasse ninguém antes disso.



CAPÍTULO 21

Watersday, Maius 12

Nathan não gostou da delegacia. Muitas paredes, muitas pessoas, muito barulho. Ele não gostou da forma como alguns homens o observavam enquanto ele caminhava com Lizzy e o tenente Montgomery. Difícil não rosnar como um aviso para eles manterem distância.

Difícil não notar a forma como alguns homens olhavam para Kowalski, como se ele já não pertencesse à mesma embalagem.

Então ele sentiu o cheiro do Capitão Burke antes que os homens percebessem que o Capitão já estava lá. E ele se perguntou como Burke iria resolver esse conflito em potencial dentro da matilha da polícia.

— Sr. Wolfgard, — disse o Capitão Burke. — Obrigado por ter vindo com Lizzy e o Tenente Montgomery. Pode me seguir?

Burke os levou a uma pequena sala.

Alguém esteve doente aqui não muito tempo atrás. Deveria contar ao Capitão Burke que os humanos não tinham limpado o cheiro da doença? O quarto tinha o cheiro pungente de produtos de limpeza, talvez por isso os humanos achassem que o quarto foi limpo e não podiam cheirar o que ainda estava lá.

Ele esperava que Lizzy não demorasse muito tempo para contar sua história. Ele não queria ficar na sala.

Ele tentou parecer como se ele não estivesse prestando muita atenção. Afinal, seu trabalho era proteger o Pátio de Lakeside, não sobre algo que tinha acontecido em Toland, então por que ele estaria interessado em tais coisas?

Mais fácil fingir que não estava interessado quando ele estava em forma de Lobo. Os entregadores que iam até o Gabinete do Liaison falavam com Meg. Não lhes ocorria que o Lobo que parecia que tinha perdido o interesse assim que os reconheciam ainda ouvia tudo o que eles falavam.

Ele tinha a sensação que a polícia não era tão fácil de enganar como os entregadores. Especialmente alguém como Burke.

Depois de assegurar a Lizzy que o Urso Boo estava recebendo o melhor atendimento e ainda precisava ficar na estação e ajudar a polícia, o Capitão Burke ligou um gravador. Em seguida, ele apenas balançou a caneta e olhou para o papel na frente dele.

O que Burke estava esperando? Quanto tempo ele iria esperar? Eles não precisam pairar sobre as respostas como uma espécie de uma presa arisca. Lizzy tinha as respostas. Eles só precisavam fazer as malditas perguntas de modo que todos pudessem sair desta sala!

— Por que agora? — Perguntou Nathan. Ele ignorou os olhares afiados de Burke e Montgomery e focou na Lizzy. — Por que sua mãe queria que você viesse a Lakeside agora?

Lizzy brincava com um botão em sua camisa. — Mamãe e o Sr. Scratch tiveram uma briga porque o Sr. Scratch foi a uma festa do pijama na casa de uma senhora, e mamãe não gostou disso. Ela gritou com ele, e ele deu um tapa no rosto dela. Então ele arrumou sua mala e saiu. Então mamãe chamou vovó Borden e chorou, e quando ela desligou, ela chorou mais um pouco. Então em sua crise de raiva, ela quebrou o Urso Boo porque o Tio Leo não fez o certo da última vez que nós brincamos de médico, e eu tentei corrigir o Urso Boo com bandagens adesivas, e depois que a mamãe olhou para o Urso Boo, ela descobriu o segredo.

Nathan estudou os dois homens. Ao ouvir a palavra *médico*, eles tinham endurecido como se tivessem dado um cheiro ao perigo, o que não fazia sentido já que uma palavra não tinha cheiro.

— Sua mãe ligou para alguém? — Perguntou Capitão Burke.

Lizzy balançou a cabeça. — Ela disse que tinha que manter o segredo até que pudesse falar com o papai.

— Você se lembra do dia em que foi? Você foi dar o passeio de trem no dia seguinte?

— Não. Fomos para o banco que tem dinheiro. E a mamãe fez a mala para cada um de nós. E quando o tio Leo se aproximou, ela me disse para ficar no meu quarto, porque a nossa viagem para ver o papai era um *grande* segredo, e o Urso Boo urso poderia falar.

Nathan considerou esta informação adicional. Ele não entendia por que o jogo era ruim. Jogar com os jovens davam mais habilidades. Talvez jogar com o Tio Leo fosse a parte ruim, e o homem era um perigo? Já que a mãe estava tão preocupada com Lizzy falando com o tio Leo, parecia que o jovem humano não sabia o suficiente sobre ficar quieto e escondido quando um predador farejava em torno da toca. Não parecia justo culpar Urso Boo, mesmo *que ele* não fosse ter contado a ninguém.

— Então o que aconteceu? — Perguntou o Capitão Burke.

— Quando ficou escuro, mamãe e eu fomos para um hotel para uma noite de meninas. Nós pintamos nossas unhas e assistimos TV e jantamos no quarto. E ela não deixou seu rosto louco quando eu não comi todos os meus legumes. — Lizzy continuou brincando com o botão.

— Lizzy? — Montgomery disse calmamente.

— Mamãe não parava de dizer que o passeio de trem tinha que ser um segredo, mesmo para a vovó Borden e tio Leo. — O olhar que ela deu a Nathan o fez querer se lamentar em simpatia. — Eu não contei o *segredo* quando o tio Leo ligou. Mas... Talvez eu dissesse que sabia um segredo.

— Quando foi isso? — Perguntou Capitão Burke. — Você se lembra?

— Na parte da manhã, — Lizzy respondeu. — Mamãe estava no banheiro. É por isso que atendi ao telefone.

— A mamãe lhe disse para não atender? — Perguntou Montgomery.

Ela se virou para ele. — Mas foi o *telefone*, papai. E não parava de tocar e tocar.

Montgomery assentiu. — O que o tio Leo disse?

— Ele perguntou o que estávamos fazendo em um hotel, e eu lhe disse que estávamos tendo uma noite de meninas, e ele perguntou se estávamos com um monte de coisas para uma noite e estávamos indo para algum lugar; e eu disse que eu não poderia dizer-lhe porque era um segredo. Então mamãe veio correndo do banheiro e desligou o telefone e disse que tínhamos que sair *agora*. Eu disse a ela que eu não escovei os dentes e o Urso Boo tinha que fazer cocô, mas ela disse que agora significava *agora* e o Urso Boo teria de esperar até chegar à estação de trem, porque eu tinha falado com o tio Leo depois que ela me disse para não atender ao telefone. — Lágrimas encheram os olhos de Lizzy. Ela fungou.

— Você cometeu um erro, Lizzy menina, — disse Montgomery. — Mas o homem na recepção teria dito ao tio Leo que você e a mamãe estavam hospedadas no hotel. É por isso que ele ligou para o seu quarto. Então o homem na recepção cometeu um erro também.

Burke calmamente limpou a garganta. — Então você foi para a estação de trem?

Lizzy assentiu. — Mamãe comprou duas passagens. Em seguida, fomos para a outra janela, e ela disse que eu poderia ser uma grande menina e comprar os bilhetes para Lakeside. Ela ficou bem atrás de mim, e o homem sorriu e piscou para ela, e então eu dei-lhe o dinheiro e ele me deu bilhetes, e mamãe me disse para colocar os bilhetes e o dinheiro extra no bolso dentro do meu casaco de verão. Então ela disse que iríamos fingir que estávamos sendo perseguidas, como em um filme. O Urso Boo e eu tínhamos um segredo que nós teríamos que levar para o papai, e ela seria a isca. Se ela pudesse, ela iria ficar no trem comigo. Se os homens maus já estavam olhando para nós, ela iria levá-los para longe e pegar o trem para Hubb, e depois chamar o papai.

— Sua mãe a colocou no trem? — Perguntou Burke.

— Ela me mostrou onde eu deveria ficar quando fosse a hora; depois fomos para um local de repouso de modo que o Urso Boo poderia fazer cocô antes de entrar no trem. E eu tinha que fazer... — Lizzy parou, e suas bochechas estavam corando. — Mamãe ficou brava porque o Urso Boo não segurou o seu negócio e levou muito tempo e nós íamos perder o trem. Mas quando saímos do banheiro, ela olhou ao redor e fez um som, como se ela fosse ficar doente. Ela me disse para pegar o trem, para encontrar uma família com crianças e agir como se eu pertencesse a eles, como uma menina nos filmes. Ela me disse para ir *agora*, e ela me empurrou. Em seguida, ela voltou para o banheiro.

— Você foi para o trem?

— Eu não queria que a mamãe fosse um chamariz! Mas fiz o que ela me disse, mais ou menos, mas depois voltei para o banheiro, porque eu não queria ir sem ela. Mas ela estava no chão, segurando a barriga. Sacudi o braço dela, e ela olhou para mim e me disse para correr. Ela me disse que ficaria bem em um minuto, mas eu teria que correr antes que o homem mau me machucasse também.

O botão que Lizzy estava mexendo o tempo todo saiu da camisa. Ela olhou para ele por um longo momento, então o colocou sobre a mesa.

— Havia um menino e uma menina com sua mamãe e papai entrando no trem. O menino estava chorando e batendo os pés, e todas as pessoas estavam olhando para ele. Enquanto o pai estava repreendendo e o levantando, eu entrei no trem com a mãe e, em seguida, encontrei um assento para mim.

Silêncio. Em seguida, Burke disse, — Obrigado, Lizzy. Foi um relatório muito bom. Por que você e seu pai não pegam algo para beber e esperam por mim no meu escritório? Eu gostaria de obter a declaração do Sr. Wolfgard sobre o passeio no trem.

Nathan teria preferido pegar uma bebida com Lizzy, mas ele permaneceu sentado observando Montgomery e Lizzy saírem da sala.

— O que aconteceu no trem? — Perguntou Burke.

— Eu tinha passado algum tempo nas montanhas Addirondak e estava indo para casa,— Nathan respondeu, dando de ombros. — Peguei um assento. Notei o Urso Boo e Lizzy. Um macho humano estava andando pelo corredor do vagão e olhando para ela. Ela é apenas um filhote, e o Urso Boo não tem dentes, e não havia membros adultos, do contrário teriam aparecido, então... — Outro dar de ombros.

— Então você entrou em cena, — Burke terminou. — Lizzy não poderia ter alcançado Lakeside sem você.

Nathan mudou de posição na cadeira. — Esta sala fede. Podemos ir agora?

— Porque você não gosta de estar aqui?

— *Cheira* a doença e a produtos de limpeza.

— Ah. Vou deixar a manutenção saber disso.

No momento em que Burke se levantou, Nathan estava de pé também.

— Oficial Kowalski vai conduzi-lo de volta para o Pátio. Você se importaria de levar Lizzy com você, apenas uma ou duas horas? O Tenente Montgomery e eu temos algum trabalho a fazer.

Nathan estudou o humano. A voz. Muito casual. Como quando um Lobo trotava passando por uma manada de veados e fingia não notá-los.

— Por que você a quer lá? — Perguntou Nathan. — Este edifício está protegido. Você tem muitos humanos com armas.

— Celia Borden quer a guarda de Lizzy, — Burke disse calmamente. — Leo Borden sabia onde Lizzy e Elayne estavam hospedadas. Não é um grande salto pensar que Leo disse a alguém, e essa pessoa queria ter a certeza que Elayne Borden não deixasse Toland, enquanto o brinquedo de sua filha continha uma fortuna em pedras preciosas.

— O que isso tem a ver com a Lizzy ficando no Courtyard?

— A lei humana não se aplica no Pátio. Eu quero ter certeza que as nossas leis não possam ser usadas contra Lizzy para colocá-la em perigo. Eu não quero ser obrigado a entregá-la ao inimigo.

Nathan pensou em tentar forçar Burke a fazer algo que o deixaria com raiva, e seria como tentar forçar Henry Beargard, com praticamente o mesmo resultado. — Essa é a decisão de Simon, não minha.

Burke não mencionou que ele e a sua polícia tinham ajudado Simon a proteger Meg, e foram mais úteis que os humanos anteriores. Foi inteligente Burke não mencionar isso, mantendo a escolha com os *indigenes da terra*.

— Tess está com raiva, então eu não tenho certeza se o Pátio é o lugar mais seguro, mas a Lizzy pode voltar comigo, — Nathan disse e ele só esperava que alguém da matilha humana estivesse ao redor e soubesse o que fazer com um filhote humano.



CAPÍTULO 22

Watersday, Maius 12

Havia o som de gotejamento, e sangue no chão, e as outras meninas...

Ela ficou ao lado da cama, com foco no homem que bloqueou a porta do quarto.

Um lugar diferente. Um novo quarto. Mas ele não se parecia com um Aquele Com Nome. Não era apenas o jeans e a camisa azul que o fazia diferente dos que a haviam controlado no Composto. Ele parecia... Selvagem... E os seus olhos cor de âmbar a fizeram ter certeza de que ele não era humano.

Por que um *deles* a trouxe para este lugar?

— Eu sou Jackson Wolfgard. Você disse que queria viver. Os Intui não poderiam mantê-la em sua aldeia, por isso a trouxe aqui para o acampamento Wolfgard nas terras *dos indigenes da terra*.

Ela havia dito que queria viver. Gritou as palavras. Sim. Ela lembrou. Sua lembrança de como ela havia ficado naquele quarto e este, agora eram veladas.

Ela se lembrou das imagens de treinamento, de expressões em uma tentativa de descobrir o que ela viu em seu rosto. Relutância. Pedido de ajuda.

Moveu-se para a mesa e cadeira, as únicas outras peças de mobiliário no quarto além da cama e uma pequena mesa com uma lâmpada. Quando ele se afastou, ela olhou para a lâmina de prata que tinha deixado sobre a mesa.

— Meg, a Guia, disse que você deve ter a navalha, que o corte deveria ser a sua escolha. Ela diz que este tipo de quarto ajudará a

acalmar sua mente. — Jackson a observava, assim como ela o observava. — Nós não sabemos como cuidar de um sangue doce, mas vamos tentar ajudá-la a permanecer viva, se é isso o que você quer. — A hesitação. — Você deve escolher um nome.

— Eu sou chamada de *cs821*, — ela sussurrou.

— Isso não é um nome.

Ela não sabia o que dizer.

— Se você quer algo, pergunte-nos.

Quando ela acenou com a cabeça, ele saiu do quarto e fechou a porta.

Ela esperou, mas nada aconteceu. Quando ela se cansou de esperar, ela explorou o quarto. Paredes de madeira, piso de madeira, teto de madeira, mesa de madeira, cadeira de madeira, mesa de madeira, cabeceira de madeira, as persianas de madeira que estavam abertas, mas na janela foi colocado um cobertor no exterior com um papel branco que permitia que a luz entrasse, mas a impedia de ver do lado de fora.

A sala adjacente tinha um sanitário e um lavatório e outra pequena janela coberta.

Voltando ao quarto, ela foi até a mesa e pegou a navalha reluzente de prata na madeira escura. A euforia que vinha de um corte iria fazê-la se sentir bem. Tão bem.

Mas algo que Jackson disse finalmente acendeu em sua cabeça. Meg, a Guia, havia dito o seu novo guardião, que era o que ela precisava para se manter viva. *Meg*.

Poderia ser...?

Ela olhou ao redor do quarto novamente. Nada além de madeira e uma janela coberta.

Ela andou até a cama e estudou a colcha, uma imagem de treinamento veio a ela com uma identificação. Colcha de retalhos. As cores diferentes, diferentes padrões de tecido costurado.

Cautelosamente, ela se sentou na cama. Timidamente, ela tocou na colcha. Silenciosamente, seu dedo traçou os padrões. Intrigada com as formas, ela se esqueceu da navalha.



CAPÍTULO 23

Watersday, Maius 12

— 'Os indigenes da terra exigem a divulgação completa do paradeiro destas chamadas profetisas de sangue, expondo publicamente as meninas já problemáticas que, de acordo com os médicos especialistas, exigem uma vida tranquila em instituições privadas. E uma vez que estas instituições admitiram ter algumas destas crianças em dificuldades, os Outros removeram as meninas de ambientes protegidos e as levaram para locais não revelados. Todos que estão dispostos a defender os direitos humanos e a dignidade humana devem insistir que o governo em cada aldeia, vila, cidade e região em Thaisia exijam a mesma divulgação que os indigenes da terra exigem de nós. Se os Outros realmente querem que essas meninas não tenham nenhum dano, vamos vê-las, para que saibamos que estão a salvo. E que deixem seres humanos cuidando de seres humanos sem medo de represálias.

— O discurso de Nicholas Scratch foi ouvido por uma multidão de pé em um jantar para arrecadação de fundos para a HPU em Toland. Mais perto de casa, o prefeito Franklin Rogers disse aos repórteres que ele iria ajudar o Governador Patrick Hannigan na criação de uma força-tarefa médica para a Região Nordeste. A força-tarefa será encarregada de inspecionar todas as instalações que cuidam de meninas em situação de risco e que têm vícios que ameaçam a vida.

— Desligue isso, — Burke disse enquanto dirigia pela Main Street na direção do Pátio.

Monty desligou o rádio. — As profetisas de sangue. Você acha que alguém como Nicholas Scratch não sabe sobre a existência da *Cassandra de Sangue* e que essas meninas podem fazer?

— A Aliança das Nações no Cel-Romano desenvolveu um avião, uma nova forma de transporte que dá aos humanos um olhar amplo da terra em torno deles. Os humanos do movimento HPU estão na cena em Thaisia, aproximando-se do Cel-Romano. Um palestrante do movimento chega a Toland para espalhar a mensagem de que os humanos devem vir em primeiro lugar, e tudo mais, quando se trata de ter os recursos disponíveis neste mundo. Drogas aparecem em várias comunidades humanas, tornando o usuário completamente passivo, ou tão violento que a autopreservação não é uma consideração. É uma coincidência que todas essas coisas tenham acontecido em tão pouco tempo? Eu não penso assim. Desenvolver um avião levaria meses, até mesmo anos. Agora que há uma máquina que funciona, seria hora de colocar as outras peças no lugar. Eu não ficaria surpreso ao saber que Scratch tinha contato com o Controlador ou homens como ele. Eu não ficaria surpreso ao saber que os problemas de droga em Thaisia foram testes para potenciais armas. A última mensagem que recebi de meu primo, Shady Burke, indicou que o Cel-Romano ainda mostra sinais de preparação para a guerra. Ele mora na parte humana de Brittania, e está preocupado que os líderes do Cel-Romano podem decidir que é muito arriscado combater os *indigenes da terra* e atacarem outras partes humanas, tentando controlar o mundo, a fim de adquirir mais terras e recursos.

— E a Brittania é o lugar mais próximo. — Monty balançou a cabeça. — De qualquer maneira, ter uma ideia do que o futuro pode parecer e ser capaz de ajustar os planos militares poderia fazer a diferença em ganhar ou perder uma batalha.

— Drogas em uma tropa para torna-los excessivamente violentos também são úteis para enfrentar um inimigo que os humanos têm temido desde o nosso primeiro encontro com os *indigenes da terra*.

— Você acha que os Outros encontraram todas as profetisas de sangue que foram levadas dos Compostos e das fazendas de criação? — O estômago de Monty fez um rolo lento quando considerou as possibilidades. As drogas *Nocaute de Lobo* e *Alto Astral* foram feitas do sangue de uma *Cassandra de Sangue*. Os líderes Cel-Romano não gostariam de ter uma fonte próxima se as tropas necessitassem receber uma dose pouco antes de batalha?

Talvez isso fosse algo que ele deveria mencionar a Simon Wolfgard. Os navios eram a única maneira de atravessar o Atlantik. Se as meninas estivessem sendo levadas de Thaisia, elas teriam que viajar de navio. E qual cidade tinha navios que chegavam diariamente dos portos em outras partes do mundo?

— Você acha que a polícia de Toland sabe onde Scratch está? — Perguntou Monty.

— Eu ficaria surpreso se eles não fossem os únicos oferecendo proteção, — Burke respondeu. — E se você está procurando alguém para provocar problemas, Scratch é um bastardo persuasivo. Ele está mantendo todos tão focados com que o aconteceu com as *Cassandras de Sangue* ao longo dos últimos dias, que ninguém está perguntando o que acontecia com aquelas meninas durante todos esses anos. Quanto a esta força-tarefa médica, os *indigenes da terra* podem permitir que os médicos desconhecidos entrem nos assentamentos onde as meninas estão residindo. Deixá-los sair é uma história totalmente diferente.

Monty observou um carro branco na entrada da rua principal do Courtyard. — Eu acho que é o carro de Dominic Lorenzo. Deve ser sua manhã para trabalhar no Pátio. — Ou Meg Corbyn precisou de tratamento médico e Lorenzo havia sido convocado.

Burke entrou no Pátio e continuou descendo a via de acesso. Parou no estacionamento dos funcionários, e estacionou em um espaço ao lado do carro de Lorenzo.

— O que o traz aqui nesta manhã? — Burke perguntou enquanto os três homens se aproximavam da porta traseira da livraria.

— Preciso falar com Simon Wolfgard sobre a força-tarefa médica,
— Lorenzo respondeu.

— Você não irá tentar convencê-lo de que deixar os médicos entrarem nos assentamentos enfiados no país selvagem será benéfico?

— Que os deuses me ajudem, sim, eu vou. — Lorenzo parecia desconfortável. — A partir desta manhã, eu sou a força-tarefa para Lakeside e da área circundante. Estou de licença remunerada do Hospital de Lakeside, a fim de recolher informações e fornecer cuidados médicos para as profetisas de sangue. Eu tenho dado uma concessão ao governo de Lakeside para contratar um assistente. Estou esperando que eu seja autorizado a fazer uso das competências administrativas da Sra, MacDonald em troca de partilhar tudo o que eu aprendi com os Outros. Agora eu sou um dos quatro médicos que cobrem toda a Região Nordeste.

— Você não poderia recusar a nomeação? — Perguntou Monty.

— Eu poderia tentar, mas não vou. Ajudar essas meninas vai ter um impacto sobre todos. E graças a minha exposição aos Outros aqui, eu tenho um pouco de experiência em lidar com os *indigenes da terra*, que é algo que os outros médicos não podem dizer.

— Pelo menos você não vai gastar metade do seu tempo viajando em toda a região.

— Não no início, de qualquer maneira. Primeiro temos que localizar as meninas, e eu duvido que sejamos bem-sucedidos a menos que os *indigenes da terra* escolham ajudar. — Lorenzo olhou Monty. — Você está bem?

— Já estive melhor. — Ele hesitou, mas não *havia* um consultório médico na Praça do Mercado, e Lorenzo estava aqui. — Depois de falar com Wolfgard, eu apreciaria se você pudesse dar um check-up rápido em minha filha.

— Ela está doente?

Quando Monty hesitou, Burke disse, — a mãe de Lizzy foi assassinada na estação ferroviária de Toland ontem. A menina embarcou

em um trem sozinha para Lakeside para estar com o tenente Montgomery.

— Deuses, — Lorenzo respirou. — Claro, eu vou dar uma olhada. A menina não foi ferida?

— Não, — Monty disse. Então ele inclinou a cabeça na direção da porta de trás da HBL. — Doutor, você vá em frente. Preciso dar uma palavra com o Capitão.

Burke levantou as sobrancelhas e esperou.

— Alguém perto de Elayne e Lizzy colocou um saco de joias em um urso de pelúcia que raramente estava fora do alcance de Lizzy, — disse Monty.

— A menos que fosse Elayne, a lista é bem curta, seu irmão, Leo, e Nicholas Scratch, — disse Burke.

— Usar o Urso Boo foi uma escolha desesperada ou precipitada. Scratch me parece ser mais inteligente do que isso.

— Talvez. Mas se Leo brincou de *doutor* com o Urso Boo e Lizzy, pode significar que as costuras e as operações foram a abertura e costura do urso, em seguida, plantar as joias no urso poderia ser a parte de um plano o tempo todo, embora eu achasse que as joias deveriam estar escondidas em algum outro lugar no apartamento a maior parte do tempo.

— Mas não explica de onde as joias vieram, — disse Monty. — A família de Elayne é estável financeiramente, mas eu não acho que eles poderiam ter recursos para muitas joias, a menos que vendessem todos os seus bens.

— Não é uma ação impossível se sua família está comprometida com o movimento HPU, e estão dispostos a apoiá-lo nessa medida. A outra possibilidade é que o saco de joias representa contribuições de muitas famílias ou apoiadores. — Burke abriu a porta traseira da HBL. — E você está esquecendo a terceira possibilidade, a de que as joias foram roubadas e costuradas, e Leo Borden está envolvido.

Em vez de ir para frente, Monty balançou para trás um passo. Apesar dos anos que ele e Elayne viveram juntos, e apesar de

morarem na mesma cidade, ele nunca chegou a conhecer sua família. Havia uma frieza quando ele fazia uma aparição em uma reunião de família, e isso o manteve com certa distância. Ele poderia dizer com certeza que a sua família *não estava* envolvida no roubo das joias?

— Se as joias foram roubadas... — Monty engoliu em seco.

— Usariam Lizzy como um mensageiro, e nem Elayne perceberia que havia algo errado, especialmente se o inquiridor não queria que ninguém estivesse na mira de Nicholas Scratch ou outros membros da HPU. Mas Scratch não tinha previsto que Elayne iria mandá-lo embora por dormir com outra mulher, e ele não esperava que ela fosse executada.

— Na noite de Thaisday, quando liguei para Elayne, alguém atendeu ao telefone, uma respiração pesada. Eu pensei que ela estava brincando comigo.

— Alguém poderia ter sido enviado para recuperar as joias, — Burke disse severamente.

— Se Elayne e Lizzy estivessem em casa... — Monty não poderia terminar o pensamento. — Será que a polícia de Toland nos diria se algumas joias foram roubadas recentemente?

Burke lhe deu aquele sorriso *amigável-feroz*. — A polícia não é a única que têm uma rede de informação. E nós sabemos reconhecer as pessoas que conhecem as pessoas, não é? — Ele entrou na HBL, deixando Monty segui-lo.

Em dias movimentados, a HBL tinha mais humanos na loja do que havia agora, mas eles não ficavam reunidos em torno do balcão querendo falar com *ele*.

— O quê? — Simon rosnou, olhando para Burke, Montgomery e Lorenzo.

Ele decidiu tomar a mesma abordagem que ele tomaria com abutres cobrindo uma matança: espalhá-los.

Ele apontou para Monty. — Meg perguntou para as meninas no lago se Lizzy podia ver os pôneis, então Meg, Lizzy e Nathan foram para o Pony Barn e eles devem estar de volta em breve. — Ele apontou para Dominic Lorenzo. — Merri Lee, Ruthie e Theral estão no escritório do Liaison, olhando as entregas e fazendo as anotações para adicionarem no *Guia das Profetisas de Sangue*. Se você quiser falar com elas, eu vou falar com Henry.

— Isso é bom, — disse Lorenzo. — Gostaria muito de receber qualquer informação. Mas eu queria falar com você sobre a força-tarefa que sou responsável agora, para verificar o bem-estar físico e mental das profetisas de sangue no Lakeside e nas zonas circundantes.

Fique humano, Simon disse a si mesmo. Tess finalmente se acalmou, o suficiente para que ela quisesse falar com ele. Não ajudaria a ninguém se ele danificasse um médico que estava disposto a ficar perto de Meg.

Além disso, Vlad tinha acabado de entrar na parte da frente da loja.

— Eu não acho que a força-tarefa vai ter um problema aqui, desde que *você* seja o médico fazendo essas visitas, — disse Vlad com um sorriso que mostrava um aviso de presas. — Eu acho que nós podemos mandá-lo como uma visita para a Ilha Grande e falar com as pessoas que estão cuidando das profetisas de sangue. Você pode assegurar aos humanos que não se importavam com essas meninas, e nem se estavam sendo cuidadas adequadamente. Faça o seu relatório sobre a sua condição física e mental delas. Apenas lembre-se que seria muito prejudicial se a *localização* dessas meninas aparecesse em um relatório.

— Uma das coisas que eu fui convidado a decidir, é se a garota pode ser considerada uma profetisa de sangue ou uma menina com algum problema que se manifesta com uma espécie de automutilação, — disse Lorenzo. — Eu gostaria de falar com Meg Corbyn e obter qualquer esclarecimento que ela puder oferecer.

— Steve Ferryman pode ter alguém que pode lhe fornecer alguns esclarecimentos, — disse Vlad.

<Ferryman?> Simon perguntou, usando a comunicação *indigene* da terra.

<Uma fêmea apareceu em Porto Ferryman, dirigindo um carro carregado com todos os seus pertences, incluindo um cão. Ela já trabalhou em várias casas que cuidava de meninas com problemas. Depois de ser demitida, mais uma vez, porque ela não tinha medo de compartilhar suas opiniões com ninguém, ela fez as malas e começou a dirigir. Ela disse a Ferryman que ela teve a sensação de que este era o lugar que ela estava procurando, o lugar onde ela poderia realmente ajudar.>

<Uma sensação? Ela é uma Intui?>

<Ele acha que ela é, mas ele não tem certeza que ela sabe o que ela é. Ele ainda quer levá-la para a Ilha e ver como ela responde às meninas. Ele quer a sua aprovação. O mesmo acontece com Ming.>

Algumas semanas atrás, um homem chamado Phineas Jones tinha tentado chegar a Ilha Grande para encontrar meninas que eram *Cassandra de Sangue*. Ele era um inimigo. O Controlador estava morto, assim como Phineas Jones, mas outros homens que trabalhavam para os Compostos poderiam ter enviado outros seres humanos para encontrar as meninas.

<Ela não fica na Ilha, e ela nunca ficará sozinha com as meninas,> Simon disse.

<Ferryman disse a mesma coisa.>

Simon percebeu que os humanos estavam assistindo essa troca silenciosa, sabendo que algo estava sendo discutido. — Se a mulher que veio a Porto Ferryman for aceitável para nós, então você pode falar com ela.

Ele achava que Lorenzo não gostava de ter as decisões tomadas por ele, mas uma Intui que não morava em uma das suas comunidades não compreendia melhor o que os indivíduos que já haviam aceitado as suas habilidades em toda a sua vida. E essa era a pessoa que Lorenzo deveria ver.

A porta entre a Bite e a Howling Boas Leituras estava aberta. Tess não deu nenhum sinal de perceber o pano que Simon tinha usado para

cobrir a janela. Seu cabelo estava descontroladamente ondulado, e tinha manchas castanhas, verde, vermelho e preto, como se ela não soubesse bem como se sentia.

Já que ele suspeitava que o seu cabelo estivesse com a cor da morte uma hora atrás, Simon tomou todas as outras cores como um bom sinal de que o Courtyard provavelmente sobreviveria.

— Quando vocês terminarem de falar uns com os outros, há algo que eu quero que os quatro vejam, — disse Tess, olhando para Vlad, Montgomery, Burke, e, finalmente, Simon. Então ela retirou-se para a cafeteria.

— Eu vou passar no Gabinete do Liaison agora, se está tudo bem com você, — disse Lorenzo. Ele olhou para Montgomery. — Se eu terminar lá em cima antes de sua filha retornar da visita dos pôneis, você pode me encontrar no consultório.

Montgomery assentiu.

— Já foi o médico, — Simon disse. — Agora, o que vocês dois querem?

Burke virou-se para Vlad. — Gostaríamos de um pouco mais de informações de seus parentes em Toland.

— Ah. — Vlad olhou para Monty. — Nós não ouvimos mais nada sobre a morte de sua ex-companheira.

— Eu estou querendo saber se eles já ouviram falar alguma coisa sobre joias ou joias roubadas, — disse Burke.

— A polícia de Toland não sabe sobre essas coisas? Por que eles não podem dizer-lhe?

— O Capitão da polícia de Toland não gosta de mim, então eu duvido que ele vá compartilhar algo comigo, — Burke respondeu. — Ao contrário do Capitão da polícia, eu acho que os Sanguinati não têm qualquer interesse nas joias que foram encontrados no Urso Boo. Isso os torna uma fonte imparcial de informações.

Simon estudou Burke. O Capitão da polícia achava que os Outros seriam mais honestos do que sua própria espécie? O que o Sanguinati pensava sobre a polícia em Toland?

— Eu vou ligar para Stavros e ver o que ele ou Tolya ouviram, — disse Vlad.

— Eu gostaria de ficar no apartamento dos funcionários com Lizzy por mais uma noite, se está tudo bem com você, — disse Montgomery.

— Nós estabelecemos um apartamento reservado para a polícia, para que possa ficar, — disse Simon. Quando os seres humanos não falaram, ele acrescentou: — Vamos descobrir o que Tess quer nos mostrar?

Ele entrou na Bite. Vlad e os dois policiais o seguiram.

Tess estava atrás da vitrine de vidro, o cabelo agora tinha manchas vermelhas sólidas. Com raiva de novo. Mas por quê?

Ele olhou para a comida na vitrine, os bolos, biscoitos, sanduíches e outros itens que foram entregues naquela manhã. Quando ele se inclinou para dar uma olhada mais atenta, ele entendeu, e compartilhou, a ira de Tess.

Minado. Todos os produtos. Havia mofo no pão. O queijo estava mofado nos sanduíches. E mesmo com o sentido humano menor de cheiro, e do vidro entre ele e a comida, ele podia cheirar a carne malpassada.

— Há algo de errado com o seu sistema de refrigeração? — Perguntou Burke.

— Não, — Tess respondeu com uma voz áspera. — Algo está errado com os seres humanos nesta cidade.

A padaria havia recebido outra oportunidade para fazer as entregas há algumas semanas. Tentando dar aos humanos outra chance antes de informar ao prefeito que os acordos entre os humanos e os *indigenes da terra* foram quebrados, Tess tinha contatado outra padaria em Lakeside que fornecia os tipos de alimentos que ela vendia na Bite.

— Isto foi o que eu recebi esta manhã, — disse Tess. — Tudo foi embalado de uma maneira que eu não consegui ver a podridão, então eu paguei a fatura *em dinheiro*. — Ela veio até a frente da vitrine e apontou um dedo para a comida. — Você comeria isso? Você alimentaria o seu filho com isso?

— Não, — disse Montgomery.

— Nós não estamos mais abrindo para os seres humanos que não estão mais ligados ao Courtyard, — disse Simon.

— Esse não é o ponto, — Tess estalou. — Esse nunca foi o ponto. Os acordos com a cidade são bastante claros: temos o direito de qualquer coisa disponível dos seres humanos. Se eles podem comprá-lo, nós também podemos.

— E se não podemos, ninguém pode, — disse Simon.

— Algumas tortas e sanduíches são tão importantes? — Perguntou Montgomery, soando alarmado.

Simon olhou em volta. — Esta cafeteria foi modelada da forma como os seres humanos usam. Ela fornece as mesmas bebidas e os mesmos alimentos. A maioria dessas lojas não cozinha os seus próprios produtos; nós os compramos das padarias. Então nós fizemos o mesmo, a fim de entender por que tal lugar teria qualquer valor. Quando as padarias fecharem porque os acordos com os *indigenes da terra* foram violados *duas vezes* no que diz respeito ao fornecimento de alimentos para o café, o quão importante será a falta desses bolos e sanduíches para os seres humanos que vão para essas lojas?

— Eu não tenho certeza se o governo vai dizer as padarias para fecharem ou exigir que a polícia faça cumprir esses fechamentos, — Burke disse, soando cuidadoso como um coioote que acabara de sentir o cheiro de um urso pardo.

— Você não terá que fazer valer coisa alguma, — disse Tess. — Os Elementais podem fechar as padarias. Tenho certeza que Fire² faria isso quando eu mostrar o que os macacos nos enviaram como alimento para Meg e as outras meninas.

Simon piscou. Pedir a um dos Elementais para queimar todas as padarias da cidade? Parecia... áspero. Melhor queimar as problemáticas, especialmente aquela que vendeu a Tess a comida estragada para dar a Meg.

² Fire = Elemental que controla o fogo.

Burke e Montgomery pareciam chocados o suficiente, e com medo.

Vlad sorriu. — Ou, ao invés de queimar todas as padarias, podemos redirecionar a comida cultivada dos assentamentos dos *indigenes da terra* e oferecê-los apenas para as empresas humanas que *irão* honrar os acordos que eles fazem com a gente. Isso reduziria a oferta de alimentos para esta cidade. — Ele olhou para Simon. — Talvez possamos construir a nossa própria pequena padaria e contratar alguém para fazer o que precisamos.

— Steve Ferryman disse que as padarias em Porto Ferryman podem vender para nós, — disse Simon. — E vamos precisar ajustar os lotes de fornecimento para Porto Ferryman de qualquer maneira para financiar os biscoitos de Lobo que eles já estão fazendo. Redirecionar a comida é mais prático do que incendiar os edifícios. — Mas ele iria fazer um pedido para Fire para visitar uma determinada padaria.

— Você estaria disposto a tentar mais uma padaria de Lakeside? — Perguntou Montgomery. — Há um lugar na Market Street que eu frequento. Vou falar com a proprietária e ver se ela estaria interessada em fornecer os itens para a sua cafeteria.

Simon hesitou. Nenhuma das lojas do Courtyard seria mais aberta ao público em geral, mas a Bite ainda seria uma experiência de aprendizagem útil para os *indigenes da terra* que não têm acesso a tal lugar, ou a oportunidade de interagir com os seres humanos como a matilha de Meg.

— Tudo bem, — ele disse. — Mais uma, e se isso não funcionar, nós vamos dar o nosso negócio para Porto Ferryman dar-lhes os suprimentos extras também.

— Nós vamos fazer isso agora, — disse Burke. — O Tenente precisa dar uma parada em seu apartamento e verificar sua correspondência de qualquer maneira.

<Mais uma coisa depois que os seres humanos se forem,> Tess disse a Simon e Vlad.

— Vou dizer a Jester que Meg e Lizzy devem voltar agora, — Simon disse a Montgomery. — Você pode esperar por ela no consultório médico.

— Você se importa se eu der uma olhada rápida ao redor da livraria? — Perguntou Burke.

— Vá em frente. — Ele observou os homens atravessarem o arco antes de virar para Tess. — O que?

— Mesmo que a comida seja boa, eu não farei nenhum pedido a padaria, — disse Tess.

— Por quê? — Perguntou Vlad.

Linhas de preto apareceram em seu cabelo. — Porque Jake Crowgard notou um decalque HPU na janela de trás da van de entrega.



CAPÍTULO 24

Watersday, Maius 12

— *Por que* eu não posso montar um pônei? — Lizzy lamentou.

O som era irritante. Se ela reclamasse assim, Meg esperava que Simon a mordesse. Muito difícil.

Mas os Lobos lamentavam também. Por que não a incomodava quando eles faziam isso?

— Porque os pôneis do Courtyard não são pôneis para montaria, — Meg disse pela terceira vez. Sua pele se arrepiava toda vez que Lizzy perguntava se podia montar um pônei, fazendo-a se sentir estranha e oprimida. Ela *tinha* que fazer Lizzy entender que no Pátio, os filhotes deveriam obedecer aos adultos, e *não* significava *não*. Mas o que mais ela poderia fazer? O que mais ela poderia dizer?

Quando ela conheceu os pôneis, ela não quis montá-los, e não tinha lhe ocorrido que quando ela se ofereceu para levar Lizzy ao Pony Barn, a menina iria querer, ou ser tão persistente sobre isso.

E os pôneis foram curiosos o suficiente sobre um ser humano pequeno para permitir que Lizzy tocasse os seus narizes, mas agora eles estavam mal-humorados quando se afastaram trotando.

— Nós temos que voltar para a Praça do Mercado, — Meg disse. Será que alguém a ouviu falando? Será que ela falou em voz alta?

Jester Coyotegard rosnou para Lizzy. — Meg disse que *não* e como sou a pessoa que cuida dos pôneis, *eu estou* dizendo que *não*. Então isso é o fim de tudo, filhote.

— Isso não é justo! — Lizzy bateu o pé. — Vovó Borden me deixou montar um pônei!

A voz de Lizzy fez a sensação de alfinetes e agulhas piorar até virar um zumbido doloroso. Meg cavou seus dedos logo acima da cintura de sua calça brim, arranhando sua pele através da camisa. Ela precisava pensar, mas não conseguia, não com a voz de Lizzy zumbindo nos ouvidos. Demais. Demais! Tinha... O que?

— Humano típico, — disse uma voz feminina. — Dê uma coisa e eles sempre querem mais.

Meg olhou para a Elemental cujo cabelo vermelho estava com mechas amarelas e azuis, em um rosto feminino que nunca poderia passar por humano. Mas às vezes o perigo podia se esconder calmamente... E tão facilmente.

— Meg? — A voz de Nathan.

Nathan. Em perigo?

O zumbido se transformou em uma agonia que ela precisava arrancar de sua pele antes que a comesse viva.

Tenho que ficar no controle, ela pensou. Tenho que...

Ela puxou a navalha de prata de seu bolso.

— Meg! — Nathan rosnou, agarrando a mão que segurava a navalha. — Meg, o que está errado? — Ele deve ter sentido alguma coisa? Distraído pela Lizzy, ele tinha perdido um sinal de que Meg iria se cortar?

— Eu quero montar um pônei! — Lizzy gritou.

Ele segurou Meg, virou-se e encarou Lizzy, seus dentes quase tocando o nariz da menina, e a manteve em silêncio. Então ele pegou Meg novamente, segurando a mão com a navalha e afastando a outra mão da cintura dela.

— A pequena humana feriu a nossa Meg? — Perguntou Fire, olhando para Meg e depois para a Lizzy.

<Jane!> Nathan chamou. <Venha para o Pony Barn. Meg precisa de ajuda. Depressa!> Mais ao que parecia, *ele* precisava de ajuda.

— Solte-me! — Meg lutou para se libertar. — Preciso me cortar. *Preciso...*

— Meg? — Agora Lizzy parecia assustada.

< *Vou levar a filhote de volta para o pai,* > disse Jester. O Coyote agarrou a menina, a jogou no carro elétrico de Meg, e partiu.

— Muito, — Meg exclamou. — Muito perigo! Eu tenho que me cortar. Eu tenho que cortar *agora*.

— Você se cortou um par de dias atrás, — Nathan protestou. — É muito cedo.

— Tenho que, — ela ofegava. — Lizzy tem que...

Ele não deveria estar perto dela quando estava sangrando. Nenhum dos Lobos deveria estar perto dela. O sangue de uma *Cassandra de sangue* era uma tentação quase irresistível, era como a droga que os seres humanos chamavam de *Alto Astral*. Simon tinha aprendido da maneira mais difícil quando ele lambeu um dos cortes de Meg e sofreu uma overdose, tornando-se tão passivo que ficou impotente por horas.

— Meg, — Nathan rosnou. — Meg! — Se ele continuasse a segurando assim, ele acabaria machucando-a. Se ele a soltasse, ela faria o corte quando estava agindo como uma louca, e isso poderia matá-la.

Meg gritava como se ela sentisse uma dor terrível. E se ela estivesse com dor? E se não deixá-la se cortar estivesse prejudicando-a de alguma forma que ele não entendia?

Uivos do Complexo Wolfgard. A ajuda estava chegando... Mas não havia tempo.

Nathan olhou para Fire. — A única maneira de protegê-la é ao cortá-la. Mas vou ter problemas quando ela começar a sangrar.

Fire olhou para ele. Em seguida, ela balançou a cabeça. — Vou proteger nossa Meg. Até mesmo de você, Lobo.

Concordando, Nathan levou Meg para o celeiro. Pegou um cobertor, o jogou sobre a palha na primeira tenda e a empurrou para baixo.

Chorando. Mendigando. Seria sempre assim? Ele achava que não.

Ele puxou a navalha da mão dela e a abriu. Suas mãos, agora livres, arranhavam a pele logo acima do cós da calça jeans, tentando cortar a pele com as unhas.

Nathan segurou uma das mãos de Meg sob seu joelho. Fire agarrou a outra mão.

Quão mais? Quão profundo? Sem tempo para esperar por respostas.

O aço afiado beijou a pele que ela estava coçando. Ela estremeceu, e seu rosto estava cheio de uma dor terrível, e Nathan teve certeza que a matou. Em seguida, seu rosto mudou, e ele pegou o forte cheiro de luxúria enquanto Meg começava a falar.

O delicioso aroma de sangue fresco encheu o ar. Sangue doce. Quente. Rico. Mais potente do que qualquer outro perfume em torno dele.

A boca de Nathan encheu d'água e ele desejava uma amostra desse sangue. Apenas um pouco desse sabor.

Ele balançou a cabeça, tentando limpá-la. Tinha que escutar. Esse era o seu trabalho agora, apenas ouvir.

— Máscara feliz, — Meg disse. — Rosto irritado. Caixa de gelo. Coração. Carne podre.

Ela disse as mesmas palavras duas vezes. Em seguida, ela suspirou... E relaxou.

Nathan se aproximou mais. Ele tinha que lambe o sangue, limpar a ferida.

— Lobo. — Um aviso quente.

Ele olhou para cima, assustado. Ele esteve tão atraído pelo cheiro do sangue de Meg, que tinha esquecido Fire.

— Vá lá fora, — disse uma voz.

Rosnando, ele ficou de pé e girou para enfrentar o intruso, que estendeu a mão pontilhada com penas.

Coruja. Masculino. Bodywalker. Não era uma ameaça.

— Vá para fora, — A coruja disse novamente.

Nathan trancou a porta e saiu do Pony Barn.

A euforia passou rapidamente, e com a sua passagem, Meg se tornou consciente de seu entorno novamente. Seu rosto estava molhado, alguém estava pressionado ao lado dela, oferecendo conforto, a calça jeans e a sua camisa estavam encharcadas, e Nathan estava uivando, um som tão cheio de miséria que ela queria chorar em resposta.

Passando a mão sobre o rosto, ela abriu os olhos e olhou para o nariz do pônei cinza. Uma névoa fina continuava caindo sobre o seu rosto.

— Eu estou acordada agora, Névoa, — ela disse piscando com a água em seus olhos.

— O que só prova que você tem menos sentido do que uma garota ainda dentro do ovo.

Ela virou a cabeça e olhou para um homem que ela não conhecia.

— Eu sou Welby, o bodywalker Owlgard, — ele disse. — Jane Wolfgard está a caminho, mas eu não sei se ela sabe como consertar isso também.

— Consertar...?

Meg levantou a cabeça e viu uma mão pressionando um pano contra o seu corpo. Quando ela roçou o focinho de névoa, ele lambeu os cabelos curtos antes de dar um passo para trás.

Welby a forçou a deitar, não muito gentilmente. — Você e a pequena humana já causaram problemas suficientes hoje sem você se machucar ainda mais.

— Eu... — Lizzy. Onde estava Lizzy? — Nós causamos problemas?

— Você feriu os Lobos e perturbou os Elementais e os Sanguinatis. — O cabelo de Welby alterava para penas, um sinal de que ele também estava angustiado ao ponto de não conseguir segurar a forma humana.

Ela se esforçou para pensar em uma questão de segurança. — Por que estou tão molhada?

— Fire ficou chateada, e o feno começou a arder, e a Water veio e molhou tudo.

Jane Wolfgard correu para o celeiro. — Simon diz que o bodywalker humano está no escritório da Praça do Mercado. Blair está lá fora com um carro. Ele diz que pode ficar na forma humana o suficiente para levar Meg para o escritório.

— Onde está a minha navalha? — Meg perguntou, quando envolveu sua cintura para manter o pano dobrado sobre o corte.

— Simon e Henry disseram que toda a palha e o cobertor devem ser queimado também, — Jane disse, quando Welby levantou Meg e a levou até o carro. — Qualquer coisa com sangue fresco precisa ser queimada.

Eles não falaram com ela diretamente até que a colocaram no banco do passageiro. E Blair apenas rosnou para ela, deixando claro *que ele* não iria falar com ela também.

Ainda bem, ela pensou quando apertou a mão sobre o corte. Ela estava certa que Simon teria muito a dizer quando visse o corte.

Ele seria capaz de dizer a ela o que aconteceu?

Henry estendeu a mão. — Dê isso para mim.

Coisa odiosa, Simon pensou, virando a navalha de prata mais e mais nas mãos que estavam peludas e com garras.

— Simon, — o Grizzly retumbou.

Ele deu a Henry a navalha. — Eu pensei que Meg gostava de Nathan. Por que ela faria isso com ele? O que eu devo dizer a ela?

Ele não poderia morder a Lizzy, que tinha começado o barulho, porque era dever de Montgomery disciplinar a filhote. E ele não poderia morder Meg porque ela era Meg. Mas ele estava tão assustado e furioso agora, ele realmente queria morder *alguém*.

— Você não vai dizer nada, — disse Henry. — Eu sou guia espiritual deste Courtyard, então *eu* vou lidar com Meg.

Jester tinha parado dentro da área de trás da HBL uivando para Simon e Vlad e qualquer um, e todo mundo. Já que Burke e Montgomery ainda estavam lá, eles correndo também.

Algo sobre a Lizzy não sendo permitida a montar nos pôneis. Claro que ela não poderia montar nos corcéis dos Elementais, não importa em que forma eles estavam! Mas a lamentação de Lizzy tinha causado o corte da Meg, quando ela estava fora de controle. Se Nathan não estivesse lá...

Se fosse qualquer outra pessoa, Meg levaria uma boa mordida por perturbar um membro da matilha assim!

— Sim, — ele disse sentindo seus caninos alongarem. — Você lida com Meg. Vou ver o que posso fazer por Nathan.

Nathan tinha corrido para HBL, logo que Jane Wolfgard correu para o Pony Barn. No momento em que entregou a lâmina para Simon, ele tirou suas roupas e mudou para Lobo. Por insistência de Tess, ele comeu um pedaço de biscoito de camomila, mas mesmo com o efeito calmante, ele ainda estava tão chateado que ele não conseguia parar de tremer ou se lamentar.

Depois que o Dr. Lorenzo deu em Lizzy uma verificação rápida e assegurou a Montgomery que a menina estava bem, o Tenente levou Lizzy de volta para o apartamento dos funcionários. Agora o médico esperava pela Meg.

<Estou levando Meg para o consultório médico agora,> disse Blair.

*<Tudo bem,> Simon respondeu. Ele hesitou antes de acrescentar:
<Henry vai lidar com Meg.>*

<Bom. Agora eu realmente quero mordê-la. E aquele filhote idiota da polícia também.>

<Quando Meg estiver com o Dr. Lorenzo, venha a HBL e me ajude com Nathan.>

Simon olhou para Henry. — Talvez tenha sido um erro deixar os seres humanos no Pátio. Se Lizzy não tivesse ido para o Pony Barn com Meg, isso não teria acontecido.

— Talvez, — Henry disse. — Mas todos nós concordamos em tentar algo que não foi feito antes. Todos nós estamos aprendendo, e isso significa que haverá erros. Desta vez, foi a Meg que cometeu o erro, e ela deve entender o que ela fez. Vá cuidar de Nathan, e vamos esperar que hoje não tenha azedado completamente a sua vontade de trabalhar com os seres humanos.



CAPÍTULO 25

Watersday, Maius 12

— Ela vai ficar bem, — Ruthie disse, dando a Monty um sorriso tenso. — Vamos assistir a um filme, ou ler um livro até você voltar.

Monty a estudou. — Karl já contou?

— Sim. — Ela olhou para Lizzy, que estava sentada na cadeira de pelúcia com seus braços em volta de suas pernas. — Lizzy sabe?

Monty sacudiu a cabeça. Muito já aconteceu esta manhã, não era o momento certo para contar a sua menina que sua mãe estava morta. E ele precisava de tempo para considerar as perguntas que ela poderia fazer. Será que ambas teriam fugido se não tivessem perdido a noção do tempo no banheiro, fazendo seu jogo bobo com o Urso Boo? Será que Elayne teria morrido se Lizzy não atendesse ao telefone no quarto de hotel, confirmando a sua localização?

Ele não tinha respostas. Nunca teria respostas. Mas ele precisava de *algum* tipo de resposta para que Lizzy não levasse a culpa, bem como a dor.

Ele caminhou até a cadeira e se agachou, repousando a mão sobre os pés de Lizzy.

— Eu só queria andar de pônei, — ela choramingou, quebrando seu coração com aqueles grandes olhos cheios de lágrimas.

— Eu sei Lizzy menina, eu sei. Mas esses não são pôneis que as pessoas podem montar, e você deveria ter respeitado a senhorita Meg quando ela lhe disse que não podia.

— Meg se machucou porque eu não a ouvi?

Como explicar o vício de uma profetisa de sangue pelo corte? Como dizer a sua menina que o corte de Meg foi, de alguma forma,

feito por ela mesma? Como dizer para Lizzy não confundir o corte de Meg com Elayne sendo esfaqueada e morrendo?

Pelo menos os Outros tinham levado a criança para longe antes que Meg fizesse o corte. Mas baseado na reação dos Lobos, este não foi um corte típico, e a vida de Meg correu risco.

— A senhorita Meg é um tipo especial de menina, — ele disse com cuidado. — E ela pode se machucar quando algo é mais perturbador do que ela pode suportar.

— Nathan não gosta mais de mim.

Provavelmente é verdade, mas ele disse: — Vamos ver. Teremos tempo para conversar mais tarde sobre todas as coisas assustadoras que aconteceram. Mas agora, a senhorita Ruthie vai cuidar de você enquanto eu vou cuidar de algo com o Capitão Burke. Tudo bem?

Lizzy assentiu.

Ele queria ficar com sua menininha. Ela precisava dele. Mas ele teria que equilibrar essa necessidade contra o bem-estar de toda a cidade de Lakeside. Então ele teria que começar a questão das padarias antes que os Outros criassem a deles.

Ele beijou a testa de Lizzy, em seguida, acenou para Ruthie ao sair do apartamento dos funcionários para se juntar ao seu Capitão.

Sentada no banco no estúdio de Henry, Meg olhou para os pelos na parte de trás das mãos do Urso. O estúdio não parecia tranquilo da maneira que costuma ser. E o Urso em forma humana não parecia tranquilo. Ele parecia grande e poderoso... E com raiva.

— Eu tive que me cortar. — Ela esperava que Henry pudesse entender, já que Simon não ia falar com ela. Ela esperava que *alguém* pudesse entender e *ajudá-la* a entender, porque a dor que a oprimia foi demais para manter dentro de si mesma.

— *Teve* que se cortar. — Balançando a cabeça, Henry andava em torno do seu estúdio, olhando para as esculturas em diferentes fases de criação. — Teve que se cortar quando estava fora de controle, e porque você é burra demais para tentar entender o que está ao seu redor, sem se cortar?

Ela olhou para ele, chocada. — Henry...

— Nós já vimos o suficiente destes cortes desde que você veio morar com a gente para saber que você recebe advertências, aquela sensação que lhe diz que algo está errado. — Henry se elevava sobre ela. — Você deve ter sentido isso no Pony Barn, mas você não disse nada para Nathan que indicasse que algo estava errado, não se afastou do Pony Barn para ver se a sensação desaparecia. Não é isso o que você faz antes de determinar se um corte é necessário?

— Sim, mas...

— Em vez disso você ficou tentando falar com um filhote que achava que iria conseguir o que ela queria. Você ficou, mesmo quando já tinha dito tudo o que havia a dizer sobre ela não montar os pôneis.

— Mas Lizzy estava em perigo! — Meg protestou.

— Quem de nós já não sabe disso? — Ele respondeu com uma frieza que a feriu. Ela esperava que Simon rosnasse para ela, mas não Henry.

— E Nathan estava em perigo também!

— Por causa de você e da Lizzy! — Henry rugiu. — Você colocou um Lobo que pensava que você fosse uma amiga na posição de estar perto de sangue fresco, e você sabe que é um perigo para ele! Você sabia que Nathan teve que fazer o corte? Você estava tão fora de controle, que *ele* teve que fazer o corte para você parar de tenta cortar a sua barriga.

Meg congelou tão profundamente chocada que ela mal podia respirar. Lembrou-se de Nathan uivando, tanta miséria no som. — Não, — ela sussurrou. — Não, eu não fiz isso.

— Você fez, — Henry rosnou. — Fire ajudou a prendê-la, e essa experiência reforçou os sentimentos dela sobre os seres humanos em geral e de Lizzy em particular.

— Mas valeu a pena, — Meg insistiu. O que ela tinha visto tinha que valer a pena todo esse sofrimento que ela causou as pessoas que se importavam com ela.

Henry puxou um pedaço de papel que estava enrolado em sua lâmina no bolso. Ele jogou em seu colo. — Isso vale a pena o sofrimento que você causou?

Ela desenrolou o papel e olhou para as palavras.

Máscara feliz

Rosto irritado

Caixa de gelo

Coração

Carne apodrecida

— Deve ter havido mais. — Ela viu as mãos tremerem.

— Não. Isso foi tudo o que você disse.

— Talvez... Talvez o corte não foi longo o suficiente ou com a profundidade suficiente. — O corte *parecia* suficientemente longo e profundo.

— Talvez os homens como o Controlador estejam certos, e as *Cassandras de Sangue* não possam sobreviver fora de gaiolas. Talvez as profetisas de sangue não possam experimentar o mundo como os outros seres, porque tudo e todos podem ser uma desculpa para usar a navalha. É isso que devemos dizer aos *Intui* e aos outros humanos que estão lutando para ajudar essas meninas a sobreviverem? Que as profetisas de sangue precisam de contato limitado com outras pessoas, experiências limitadas, uma vida limitada? Caso contrário, acabam se cortando por qualquer coisinha.

— Não! Henry, eu fiz isso por Lizzy!

— Nenhum de nós acredita nisso.

Ela olhou para ele, atordoadada.

— Diz-se que você tem mil cortes antes daquele que irá matá-la. Quantas cicatrizes você tem agora, Meg? Antes, você se cortava de três em três dias? Você diz que fez este corte para a Lizzy? O que você quer

que a gente diga para Sam quando você sangrar de um corte que não precisava fazer?

— Henry... — Soluçou. Suas palavras golpeando como punhos.

— Você feriu a todos nós. Você feriu Sam e Simon e Nathan. Você perturbou os Elementais e os pôneis e os Sanguinatis. Você deveria ser a *Guia*, aquela que poderia considerar as alternativas para a navalha, de modo que as profetisas de sangue *pudessem* viver no mundo exterior.

Pressionando com uma mão o corte em sua cintura, ela chorou e chorou. E quando Henry se sentou ao seu lado e colocou os braços em volta dela, oferecendo e resmungando o conforto que ele poderia fazer para um filhote, feriu muito mais que suas palavras iradas.



CAPÍTULO 26

Watersday, Maius 12

Lizzy está bem, e Ruth vai ser bem capaz de cuidar dela por algumas horas, Monty pensou quando ele e Burke entraram na Nadine Bakery & Café após o horário do rush. Mantenha-se focado no trabalho agora.

Nadine não lhe deu o seu sorriso habitual. Em vez disso, ela disse, — Você está aqui para me pedir para escolher um lado, Tenente?

— Escolher um lado?

— Talvez isso já tenha borbilhado sob a superfície por um longo tempo, mas parece que, de repente, as pessoas devem se declarar de uma forma ou de outra. Ou você está com os humanos e contra os Outros, ou você é um traidor de sua própria espécie. Ficar neutro não é uma opção completamente eliminada, mas está quase chegando lá. Há rumores de que estaremos vendo a escassez de carne suína e bovina até o final do verão, porque os animais estão morrendo devido a falta de alimentação. Já existe um limite de quanto de farinha e açúcar as padarias podem comprar a cada semana, e os preços de alguns itens já subiram e dobraram em alguns casos. — Nadine suspirou. — Você conhece o Chris da empresa *Fallacaro Lock and Key*?

— Ele trabalha com os *indigenes da terra* no Pátio, — Monty respondeu.

— Seu pai e eu somos primos. Ontem à noite Chris dormiu no meu sofá, porque o seu pai se juntou ao movimento HPU, e declarou que o negócio é apenas para os seres humanos a partir de agora, e se Chris fizer outro trabalho para os Outros, além de ele ser excluído do seu

negócio; ele vai ser deserdado. E qualquer outro funcionário que não se juntar ao movimento HPU vai ficar sem trabalho.

Seus olhos escuros tinham uma medida igual de raiva e preocupação quando ela se concentrou em Monty.

— Você geralmente vem aqui quando volta do Templo. De alguma forma, eu acho que você não está aqui para pegar um almoço tardio.

— Não, nós não estamos, — Monty disse lamentando que Nadine estivesse certa, ele ia pedir para escolher um lado. Ele só esperava que ela fosse entender que escolher os Outros *era* uma maneira de ajudar os seres humanos. — Há uma cafeteria no Pátio. Já não é aberto ao público em geral, mas deve receber alimentos para os funcionários humanos, bem como os *indigenes da terra*. Duas padarias em Lakeside que deveriam fornecer os produtos à cafeteria quebraram seus acordos com o Pátio.

— Então os Outros devem aprender a assar ou fazer os seus produtos, — Nadine respondeu.

— Há padarias na Ilha Grande que irá fornecê-los com qualquer coisa que eles querem, — disse Burke. — Mas haverá penalidades para Lakeside, se as padarias da cidade *não* honrarem com os acordos.

Nadine os estudou. — Que tipo de penalidades?

— Alguns alimentos que a cidade necessita são cultivados em fazendas administradas pelos *indigenes da terra*, — disse Burke. — Tudo o que Simon Wolfgard tem que fazer é informar a essas fazendas que, a partir de agora, o excedente vendido para empresas em Lakeside agora vai para as empresas na Ilha Grande ou para os outros assentamentos humanos que não apoiam o movimento HPU. E se Wolfgard, que é o líder mais liberal *indigene da terra* que eu já conheci tomar essa posição, outros líderes *indigenes da terra* adotarão o mesmo. E, em seguida, Sr. Fallacaro, que vai saber o que é escassez.

Nadine olhou para Burke. Então ela virou-se para Monty. — O que ele falou é verdade?

Monty hesitou. — O Capitão Burke tem mais conhecimento dos *indigenes da terra* do que eu, então eu levaria suas palavras como verdade.

Ela soltou uma risada frágil. — Queria tanto ser neutra.

— Você pode se recusar a fornecer os produtos para a cafeteria do Courtyard, — disse Monty.

— Você vai perguntar às outras padarias? Ou você só vai olhar para o decalque HPU em suas janelas e sequer vai se preocupar em perguntar? — Seu sorriso era tão frágil quanto a sua risada. — O pai de Chris acha que os humanos em breve terão a capacidade de se levantar contra os *indigenes da terra* e reivindicar todos os cantos deste mundo. Você acha que isso pode acontecer?

Monty olhou para Burke, que olhou para Nadine.

— Eu acho, — Burke disse calmamente, — que, se pudéssemos visitar algumas partes do país selvagem; iríamos encontrar os restos de grandes civilizações que uma vez pensaram a mesma coisa, e perceberam que estavam erradas.

Eles esperaram, dando-lhe tempo para considerar.

— Eu não quero anunciar que estou vendendo para o Pátio, — ela finalmente disse.

— Eles têm veículos sem identificação, e posso arranjar as entregas, — disse Monty.

— Eu nem tenho certeza do porquê estou concordando com isso, — Nadine murmurou.

— Para manter a paz, — disse Burke. — Você está ajudando a manter a paz.

— Obrigado, — disse Monty.

— Espere. — Nadine rapidamente montou duas caixas de padaria e a encheu com uma variedade de bolos. — Eu tenho algumas quiches da hora do almoço. Vou buscá-los para você. Nós podemos descobrir se os Outros vão gostar do que eles vão estar recebendo.

Ela entrou na parte de trás e voltou alguns minutos com outra caixa com quiche, bem como alguns sanduíches. Ela os arrumou em um pequeno isopor leve que Monty prometeu devolver.

— Isso pode colocá-la em perigo, — ele disse depois que ele e Burke arrumaram as caixas no banco de trás do carro de Burke e se dirigiram para o apartamento de Monty para pegar a correspondência e mais algumas mudas de roupa.

— Sim, poderia, — Burke concordou. — Mas este é um momento precário para todos nós, quer a maioria das pessoas perceba ou não.

Desde que ele concordou com isso, Monty ficou em silêncio durante a curta viagem de carro para o apartamento dele, seus pensamentos voltando para Lizzy. Ela estava muito chateada quando Jester a levou ao consultório médico da Praça do Mercado. Parte tinha sido uma exibição excessiva de emoção para o que deveria ter sido uma pequena decepção quando ela não conseguiu montar os pôneis. Mais passou a medo quando Meg Corbyn ficou fora de controle por causa de seu acesso de raiva.

E que os deuses pudessem ajudá-lo, ela ainda não sabia que Elayne estava morta.

Essa exibição excessiva não era típica de Lizzy. Pelo menos não tinha sido há alguns meses. Ele esperava que este não fosse um novo padrão de comportamento.

Agora ele esperava um monte de coisas.

Burke estacionou do outro lado da rua do apartamento de Monty. Quando eles entraram no prédio, Monty parou para verificar sua caixa de correio antes de subir as escadas.

Ele abriu a porta do apartamento, deu dois passos para dentro, e parou.

— Tenente? — Burke disse calmamente, puxando a arma.

Monty entrou cuidadosamente na cozinha, pôs a sua correspondência sobre a mesa, e olhou em volta. Nada fora do lugar, e ainda...

Ele verificou a sala, o quarto, e o banheiro.

— Eu acho que alguém entrou em meu apartamento, — Monty disse finalmente.

— Você acha? — Burke olhou em volta. Ele guardou a arma e pegou seu celular. — Burke falando. Eu quero uma lista de todos os trens entre Toland e Lakeside ontem e esta manhã. E quero uma lista de todos os comboios que chegaram a Lakeside entre ontem de manhã e agora. Não deixe essas listas na minha mesa, mantenha contigo até eu voltar para a estação.

— Este seria o primeiro lugar que alguém iria procurar Lizzy, — disse Monty. — Se eles descobriam que ela estava em um trem para Lakeside, este é o lugar onde ficaria.

— Será que alguém viajou para Lakeside para fazer uma pesquisa, ou alguém ligou para uma pessoa que já estava aqui? Há alguns policiais em Lakeside que pensam que o movimento HPU é uma ideia bem forte. — Burke soltou um suspiro. — Estão buscando o urso e as joias. Essa poderia ser a razão pela qual o Capitão Scaffoldon ligou esta manhã.

Monty olhou para Burke. — Scaffoldon? Ligando de uma unidade policial em Toland?

— Alguém ligou para a estação esta manhã, tentando confirmar se você estaria em casa. Pouco depois, Scaffoldon ligou, alegando querer saber o seu paradeiro no momento do assassinato de Elayne. Teria sido tempo suficiente para alguém procurar em sua casa e voltar para Scaffoldon alegando que nada foi encontrado.

Ele precisava pensar com clareza, de modo que Monty ignorou a raiva por ter sido acusado do assassinato de Elayne, e profundamente chateado, pois ele e Lizzy poderiam ter estado aqui, poderiam ter sido atacados por quem estava procurando as joias. Mais um trauma para Lizzy, se não algo pior. E para quê? Urso Boo e as joias já estavam na estação de Chestnut Street.

Claro, ninguém sabia disso.

— O Urso Boo e as joias estão guardados como provas? — Perguntou Monty.

— O Urso Boo, as joias, e as fotografias tiradas das provas estão em um lugar seguro, — Burke respondeu.

Uma resposta evasiva, mas agora ele não se importava com o urso ou as joias, e era o suficiente no momento.

Monty voltou para o quarto e puxou o cofre da prateleira de cima. Ele o colocou sobre a cama e abriu. Pete Denby tinha a cópia da certidão de nascimento de Lizzy e os documentos legais da criança, o talão de cheques e a conta da poupança de Monty. Uma cópia do contrato de locação do apartamento. Alguns outros documentos pessoais.

Nada faltando. Nada fora de ordem.

Quando Burke passou pela porta do quarto, Monty disse: — Eu não posso pedir uma equipe de investigação para pegar as impressões digitais quando eu sequer tenho certeza de que alguém esteve aqui. — Pois assim que ele pedisse uma investigação, a notícia certamente viajaria e, muito provavelmente, chegaria aos ouvidos da pessoa que tinha conduzido a invasão.

— Essa é a maneira humana de procurar um intruso, — disse Burke. — Você tem outra opção.

Monty levou um momento para perceber o que Burke falou. Então ele suspirou quando pegou seu celular e ligou para a livraria.

— Sr. Wolfgard? Sei que este não é um bom dia para pedir um favor, mas eu preciso de alguma ajuda para determinar se alguém entrou no meu apartamento à procura de Lizzy.



CAPÍTULO 27

Watersday, Maius 12

— Sinto muito, Meg, — disse Merri Lee. — Mas acho que Henry está certo. Você não deveria ter feito esse corte, especialmente quando estava se sentindo fora de controle.

Elas estavam sentadas na sala dos fundos do Gabinete do Liaison fazendo um registro do que tinha acontecido, e o que precipitou a necessidade de Meg fazer o corte, incluindo tudo, o que Lizzy tinha dito, enquanto a sensação de alfinetes e agulhas aumentou para um zumbido doloroso. Agora Meg se afastou da mesa e foi para a sala de triagem, à procura de algo para fazer que lhe desse uma desculpa para acabar com essa discussão.

— Isso não é o que você queria ouvir. — Merri Lee seguiu Meg para a sala de triagem e colocou o bloco de papel e a caneta em cima do balcão.

— Eu *tive* que me cortar! — Meg gritou. — Por que ninguém entende isso?

— Talvez ninguém consiga entender porque ninguém quer mais vê-la dessa forma, — Merri Lee respondeu com veemência. — Você fez asneira e agora está tentando justificar suas ações.

— Lizzy...

— Deu um chilique e tentou fazer o que ela queria. Talvez ela seja uma criança mimada e pensa que deve sempre fazer o que quer. Talvez ela esteja se comportando mal e fugiu, porque sua mãe cedeu quando ela começou a choramingar e o Tenente Montgomery não estava lá para insistir no bom comportamento. Ou talvez ela esteja agindo assim porque ela tem apenas seis ou sete anos de idade e tem passado por muita coisa nessas últimas vinte e quatro horas. — Merri Lee soltou um suspiro. —

Olha, Meg, você tentou fazer algo bom, mostrando-lhe os pôneis. Eles são robustos e parecem bonitos, de um jeito mal-humorado. E estava tudo bem até que ela começou a falar sobre *montar* um pônei, certo?

Meg colocou uma mão contra a sua cintura, sentindo o curativo sobre o corte. — Sim, mas então...

— Então você recebeu um aviso de que algo estava acontecendo, — Merri Lee interrompeu. — E foi aumentando e transformou em algo tão mal e desesperador, que você quase fez muito mal a si mesma se estivesse sozinha com a navalha.

Lágrimas picavam os olhos de Meg. Ela esperava apoio, e não outra pessoa dizendo que ela estava errada, que ela não poderia lidar com o mundo exterior, nada além de uma cela estéril.

— Eu fiz isso por Lizzy, — ela insistiu.

Merri Lee fez uma careta. — Tudo bem, vamos dar uma olhada nisso. Você fez isso por Lizzy porque você estava absolutamente certa que o formigamento que sentia era uma profecia sobre Lizzy. Mas se você me contou tudo certo, Lizzy não era a única pessoa com você. Você focou em Lizzy, assim as visões que você viu foram sobre Lizzy. Mas talvez a picada inicial tivesse sido realmente um aviso sobre problemas para Nathan ou Jester ou os pôneis ou um dos Elementais, já que Fire estava lá quando Lizzy fez a grande declaração que a avó a teria deixado andar de pônei. Que pode ou não ser verdade. Você não pode exatamente ligar para a avó dela e perguntar, pode? Esse formigamento pode ter sido sobre *você*, lhe avisando que você precisava ficar longe de Lizzy e do Pony Barn porque algo poderia acontecer com *você* se você ficasse. Você considerou isso?

Meg olhou para Merri Lee. — Você acha que eu deveria ter ido embora.

— Sim, acho. Sua pele formiga várias vezes ao dia. Todos nós observamos você esfregando seus braços ou pernas. Mas você não se corta cada vez que você tem essa sensação. Por que hoje foi diferente?

— Às vezes a sensação de alfinetes e agulhas desaparece. — Meg esfregou o braço, não porque ela estava com a sensação, apenas como

uma forma de recordar o que normalmente fazia. — Quando os cubos de açúcar foram envenenados, eu sabia que o perigo estava no quarto dos fundos do Gabinete do Liaison, mas eu tive que me cortar a fim de ver a visão que diria a alguém *o que* estava errado.

— Como você sabia que o perigo estava na sala de trás?

— A sensação foi embora quando eu saí da sala e voltou quando eu entrei.

Merri Lee pegou a caneta e começou a escrever no bloco de papel. — Então o formigamento desaparece quando você coloca alguma distância entre você e uma pessoa ou um objeto, o que lhe dá uma indicação de *que* pode ser importante. Isso significa que o formigamento é um tipo de catalisador. Um formigamento pode significar algo menor, ou uma coisa equivocada, de que não vale a pena um corte enquanto um zumbido causa desconforto físico e normalmente significa que é algo realmente importante. É isso?

Meg assentiu.

— Então se você se afastasse, você poderia ter percebido que o que você estava sentindo não era sobre Lizzy. — Merri Lee colocou a caneta na mesa e pegou nas mãos de Meg. — Lizzy estava chateada, o que é compreensível. Assim como você. Ficar com ela não foi a melhor ideia. E ter Nathan com você não conta, porque ele não sabia o que fazer com uma criança humana dando um chilique.

— Ele teria beliscado um filhote de Lobo. Ele já beliscou Skippy várias vezes quando os dois estavam como guardas do escritório.

— Aí está.

Meg suspirou. — O que eu devo fazer?

— Se eu fosse você, eu ligaria para a padaria em Porto Ferryman e compraria para Nathan a sua própria caixa de biscoitos de Lobo como um pedido de desculpas por perturbá-lo. E depois... — Com um sorriso apertado, Merri Lee soltou as mãos de Meg e se afastou.

— E depois?

— E então Meg, a *Guia*, você deve pensar sobre o que você gostaria que as outras profetisas de sangue possam aprender com o que

aconteceu hoje. Fiz algumas anotações. Você pode adicionar os seus pensamentos, em seguida, Ruth pode corrigi-lo um pouco e dar a Vlad para enviar para fora.

Após Merri Lee sair, Meg olhou para o relógio. Era muito cedo para fechar o escritório. As entregas tinham diminuído, mas ainda havia uma chance de alguém fazer uma entrega.

Suspirando, ela entrou na sala da frente e viu Simon no banco do passageiro da minivan antes de sair da área de entrega e sair do Courtyard.



CAPÍTULO 28

Watersday, Maius 12

— A placa diz *Não estacione na calçada*, — Blair disse.

— Não há nada perto na rua, por isso vamos estacionar aqui, — Simon respondeu. — Eu não quero muitos humanos vendo um Lobo. — Ele olhou para Nathan, que se recusou a mudar de sua forma lobo, uma vez que outra pessoa poderia cuidar de Meg. — Você ainda quer entrar com a gente?

<Sim.>

Ainda soa instável, Simon pensou. Mas ele deu crédito a Nathan que resistiu à tentação de lamber o sangue de Meg quando o corte foi feito. Ele não foi capaz de resistir quando ele a encontrou depois que ela tinha feito um corte descontrolado no mês passado. Então novamente, ele não estava com Fire, pronto para queimá-lo para seu próprio bem.

Blair parou na calçada ao lado do prédio de Montgomery. Simon saiu e abriu a porta do lado de Nathan. Em seguida, os três entraram no edifício e subiram as escadas.

Nenhum dos Lobos estavam se sentindo amigáveis com os humanos agora, então Simon não se incomodou em suprimir o rosnado quando viu Montgomery e Burke esperando por eles no interior da porta do apartamento.

— Obrigado por terem vindo, — disse Montgomery. — Eu agradeço.

— O Tenente suspeita que alguém tenha procurado algo em seu apartamento depois que Lizzy chegou a Lakeside, — disse Burke. — Eu estou supondo que foi em algum momento no início desta manhã.

Simon se esticou, se sentindo insultado. — Nós não somos malditos cães farejadores!

— Não, senhor, vocês não são, — Montgomery disse e sua voz normalmente cortês, estava soando tensa. — Mas você pode confirmar se alguém esteve aqui sem eu estar, sem passar pelos canais oficiais.

Simon pensou. Como os Lobos, *os indígenas da terra* mantinham territórios onde caçavam para alimentação, ou onde cresciam os alimentos que as suas formas humanas apreciavam. Mas os Lobos que moravam em diferentes territórios, costumavam trabalhar em conjunto para proteger a si e ao país selvagem de um invasor. Ele tinha pensado nos distritos policiais nesses termos: diferentes matilhas que guardavam um território específico, mas que trabalhavam em conjunto para proteger toda a cidade de Lakeside. — Você não confia nas outras matilhas da polícia.

Nenhum humano falou. Finalmente, Burke disse, — Isso vai depender do que você pode nos contar.

<Já que estamos aqui, vou entrar na toca de Montgomery e dar uma fungada,> Nathan disse quando empurrou os dois humanos.

Simon e Blair entraram. Montgomery fechou a porta.

Enquanto Nathan sistematicamente explorava a sala de estar, Simon deu um passo na direção da cozinha e cheirou. Então ele olhou para Montgomery. — Algo cheira mal lá dentro.

— Eu já ia tirar o lixo da cozinha quando cheguei em casa, — Montgomery disse, parecendo constrangido.

<Cheiro velho aqui> Nathan relatou quando cheirou a parte de trás e as laterais do sofá.

Quando Simon retransmitiu a observação, Montgomery assentiu. — O sofá estava aqui quando eu aluguei o apartamento, deixado pelo inquilino anterior. Eu não precisei substituí-lo.

<Cheiro de Kowalski em alguns dos livros,> Nathan disse enquanto cheirava uma estante antes de voltar para o sofá.

— Kowalski estava aqui? — Perguntou Simon.

Montgomery assentiu. — Ele pegou umas roupas para mim ontem. — Ele piscou. — Você pode dizer que ele estava aqui? Você reconhece o cheiro dele?

— É claro, — respondeu Simon, observando Blair indo para a cozinha, incluindo a geladeira e os armários. Não havia razão para os intrusos olharem naqueles lugares para procurar pela Lizzy ou o Urso Boo, mas os Lobos não recebiam convites para olhar tocas humanas. Por que desperdiçar essa oportunidade?

<Ele vive com pouca comida,> Blair disse. Em seguida, ele parou perto do recipiente de resíduos. Agachou-se e cheirou ao redor do topo antes de descer em suas mãos e joelhos para farejar o pedal que levantava a tampa.

Simon observou Blair, mas notou quando Monty fez uma careta, provavelmente pensando que o Lobo achou o lixo interessante... E notou como Burke focou no Lobo.

<Alguém que não é Montgomery ou Kowalski tocou essa embalagem,> disse Blair.

<Alguns aromas novos sobre as bordas das almofadas,> Nathan relatou.

Simon retransmitiu as observações enquanto os outros dois Lobos verificavam o resto do apartamento.

— Ah... — Montgomery correu para frente quando até mesmo os ouvidos humanos podiam ouvir Blair vasculhar o armário de remédios no banheiro.

Os três atingiram o quarto a tempo de ver Nathan mudar as patas dianteiras, o suficiente para puxar as gavetas e bisbilhotar. Abandonando a cômoda, o Lobo cheirou as roupas no armário de pé sobre as patas traseiras, a fim de capturar a prateleira acima da haste de roupas.

Terminando com o armário, Nathan enfiou a cabeça debaixo da cama, em seguida, puxou para trás, e espirrou. *<Empoeirado.>*

A julgar pela expressão no rosto de Montgomery, Simon não tinha que transmitir esse comentário.

Montgomery suspirou. — Se minha mãe percebesse a poeira, ela teria dito, '*Crispin James, você está desrespeitando a sua casa.*'

— Crispin James? — Disse Simon. — Não Montgomery?

— Mama me chama de Crispin ou Crispin James. O resto da família me chama de C J, e os meus amigos me chamam de Monty.

— Por que os humanos precisam de tantos nomes?

— Eu não sei. — Depois de um momento, ele disse: — Às vezes, os nomes representam um aspecto diferente da mesma pessoa. Crispin James é filho de Twyla e James Montgomery. Tenente Montgomery é um policial. É a mesma pessoa, mas as pessoas ao meu redor têm expectativas diferentes, precisam de coisas diferentes de mim.

— Cada um de nós tem um nome, — disse Simon.

— Isso não é bem verdade, — disse Monty. — Você pode ser referido como o Wolfgard quando outro *indigene da terra* quer falar com o líder do Courtyard. E então você tem Meg Corbyn e cs759, e é a mesma pessoa.

— Não — Simon mostrou os dentes para enfatizar a negação. — Um deles era propriedade. A outra é a *Meg*.

— A mesma pessoa, mas o que ela era, e é, carrega o peso e o significado, para si e para as pessoas ao seu redor, — Monty respondeu.

Os filhotes de profetisas de sangue na Ilha Grande precisam ter nomes para ajudá-las a compreender que não são mais uma propriedade, Simon pensou quando Nathan deu no banheiro e na cozinha uma cheirada rápida enquanto Blair foi para o quarto. Algo a discutir com Steve Ferryman já que os *Intui* deveriam saber alguns nomes adequados.

Enquanto esperavam, Simon observava os humanos sem ser óbvio. Burke permanecia focado nos Lobos. Montgomery, por outro lado, parecia ter se arrependido de chamar o Courtyard e deixar aqueles narizes sensíveis tocar em todos os cantos de sua vida.

Blair e Nathan voltaram para a sala de estar.

— Dois perfumes que não são de Kowalski ou Montgomery, — disse Blair. — Nós não os reconhecemos, por isso é de alguém que não entrou no Pátio.

Simon viu a tensão sair de ambos os homens. Não era uma traição de alguém que Montgomery confiava.

— Obrigado por sua ajuda, — disse Burke.

Simon olhou ao redor do apartamento. Na matilha havia sempre alguém para proteger os jovens. Não havia ninguém para proteger Lizzy quando Montgomery tivesse que fazer as coisas da polícia.

Os humanos eram como videiras pegajosas. Se você não escapasse ao primeiro toque, você ficaria mais e mais enroscado.

A maioria deles era carne, sempre seria carne. Mas caramba! Agora, quando ele olhava para alguns deles, ele simplesmente não conseguia mais ver como carne, mesmo quando ele queria mordê-los por alguma transgressão.

— Os predadores podem ter encontrado a sua toca, — ele disse relutantemente, lembrando como Montgomery e Burke tinham ajudado a proteger Meg. — Lizzy não pode ficar aqui. — Ao ouvir a lamentação macia e aflita de Nathan, ele acrescentou com um pouco de calor, — Mas eu não quero que ela fique brincando com Meg ou com Nathan até que ela entenda o quanto de problemas ela causou hoje com seu comportamento humano.

A julgar pela forma como Montgomery endureceu, ele teria saído em defesa de qualquer filhote, mesmo daqueles com penugens.

Mas Simon ouviu mais pesar do que raiva na voz de Montgomery quando o homem disse: — Lamento que Meg e Nathan tenham sido prejudicados pelas ações de Lizzy. Os humanos jovens às vezes se comportam mal e cometem erros.

— Lobos jovens se comportam mal e cometem erros também, — Simon disse. — Mas para o bem-estar da matilha, o jovem deve aprender com os erros e ser disciplinado quando se comportam mal.

<Lizzy é apenas um filhote,> Nathan resmungou. <Não vamos beliscá-la tão duramente.>

<Mas nós vamos beliscá-la,> disse Blair.

<Se a Lizzy permanecer no Pátio, é claro que ela vai ser beliscada por mau comportamento, como qualquer outro filhote,> Simon concordou. Eles só não contariam para Montgomery. E se Lizzy fosse inteligente, ela não contaria a ele também.

— Eu aprecio que você nos permita ficar no Pátio, enquanto eu resolvo as coisas, — Montgomery disse. — Vou me certificar de que Lizzy entenda que ela tem que seguir as regras.

— Nós já estivemos aqui tempo suficiente, — Blair resmungou.

Simon assentiu.

— Nós conversamos com uma padaria na rua do mercado e temos algumas amostras do alimento de Nadine Fallacaro para oferecer para Tess, — disse Montgomery. — Se a comida for aprovada por Tess, ela pode falar com a Sr. Fallacaro sobre os pedidos.

— Vou ajudá-los a carregar as caixas da padaria, Tenente, — Burke disse. — Por que você não embala o que você vai precisar para mais alguns dias?

— E não se esqueça de tirar o lixo da cozinha, — disse Simon. — Em mais alguns dias, até mesmo os outros seres humanos serão capazes de sentir o mau cheiro.

Eles saíram. Blair abriu a minivan para que Nathan pudesse ficar fora de vista enquanto Simon atravessava a rua com Burke para buscar a comida.

— A comida no isopor deve ser colocada em uma geladeira assim que você voltar para o Courtyard, — Burke disse, enquanto caminhavam de volta para a minivan.

Algo na voz de Burke lembrou a Simon um Urso irritado.

— Quando os Lobos vão à caça, eles podem seguir o cheiro de uma presa por um longo tempo, — disse Simon. — Você acha que os predadores conseguiram seguir a Lizzy?

— Eles não estão atrás de Lizzy, — Burke rosnou enquanto ele e Simon colocavam as caixas da padaria e o isopor atrás do banco do passageiro da frente. — Eles estão atrás das joias. E essas pessoas já

mataram uma mulher e arrombaram o apartamento de um Oficial de polícia por causa dessas joias.

— Você não pode manter o Urso Boo em uma gaiola? — Bastava dizer a palavra *gaiola* que os caninos de Simon alongavam, mas ele tentou não fazer quaisquer outras mudanças.

— Prender o urso como um ladrão de joias? — Burke soou divertido.

Não está tirando sarro de mim, Simon decidiu. *Apenas se divertindo com a ideia*. Ainda assim, era uma oportunidade de fazer perguntas. E se Burke não contasse a ele, ele iria perguntar para Kowalski ou Debany porque era divertido.

— Em programas de TV, a polícia tem uma gaiola para provas, — disse Simon. — Na sua estação de polícia não tem uma gaiola assim?

— Eu tenho. — Burke não parecia mais divertido. — Mas acho que essas joias precisam ser escondidas em um local não revelado até descobrirmos de *onde* vieram e *quem* as quer de volta. Quem matou Elayne Borden não deve lucrar com isso.

Simon estudou o Capitão da polícia. Então ele pegou seu celular e ligou para Jester Coyotegard, alguém que se encantava com o mal.

— Pony Barn, — disse Jester.

— É Simon. Se você quisesse manter um saco de joias longe de humanos maus, mas não querendo que eles soubessem que você mantinha as joias, o que você faria?

— Iria para a loja de sucatas dos Corvos e substituiria as joias com pedras semelhantes e aproximadamente do mesmo tamanho e cor, — Jester respondeu prontamente. — É claro que, se eu estivesse planejando devolver as joias verdadeiras para alguém no futuro, eu não as deixaria com os Corvos.

Bom ponto. — Obrigado, Jester. — Simon terminou a chamada e olhou para Burke. — Talvez, depois que Lizzy estiver dormindo, alguém poderia levar o Urso Boo da volta ao Pátio para fazer uma visita. E talvez, alguém pudesse pegá-lo novamente antes que Lizzy acorde.

— Talvez alguém pudesse, — Burke disse sorrindo. Ele se afastou da minivan. — Obrigado por toda a sua ajuda.

Assim que Simon entrou e fechou a porta, Blair tirou a minivan da calçada e dirigiu de volta para o Pátio.

Ele já tinha o suficiente, e Simon queria sair desta pele. Mas quando eles entraram na entrada da Main Street do Courtyard, Meg correu para fora do Escritório da Liaison.

— Nathan está com você? — Ela perguntou, parecendo sem fôlego. — Eu não consegui encontrá-lo em nenhum lugar.

— Ele está na parte de trás, — Blair disse.

— Posso falar com ele?

Simon virou o suficiente para olhar a parte de trás da van. *<Nathan? Tudo bem para você?>*

Nathan suspirou, mas ele se levantou. *<Você tem que abrir a porta e mover as caixas.>*

Simon abriu espaço para o Lobo sair da minivan. Ele observou Meg voltar para o escritório com Nathan. Depois suspirou, fechou as portas, e disse a Blair: — Encontro você na Bite.

Ele desceu o caminho de acesso e entrou na porta dos fundos da loja de café, mantendo um pouco mais a forma humana. Ele poderia muito bem falar com Vlad depois de falar com Tess.

Havia uma abundância de coisas que ele ainda precisava fazer antes de ir para casa. Assim ninguém *iria* pensar que ele estava querendo descobrir o que Meg queria falar com Nathan.

Meg deixou Nathan na porta de trás do Gabinete do Liaison e ficou observando ele sair na direção da porta da livraria.

Para se reportar para Simon, naturalmente.

Depois de fechar a porta, ela entrou no banheiro para lavar o rosto.

Raiva. Cautela. Desconfiança. Ela não tinha nenhuma imagem de treinamento para identificar as emoções no rosto de um Lobo, mas ela passou tempo suficiente perto de Nathan para conseguir interpretar suas expressões.

Será que o corte foi desnecessário? Todos pensavam que sim.

Meg abriu as torneiras, jogou água no rosto, em seguida, permaneceu curvada sobre a pia.

A sensação de alfinetadas e agulhas era irritante, muitas vezes dolorosa. Mas *era* uma espécie de parâmetro que vinha evoluindo desde que ela tinha chegado ao Pátio. Então talvez se ela fosse embora...

Não. Não, não, *não* e não! Não *foi* um perigo para alguém no Pônei Barn. Aquele zumbido doloroso *foi* um aviso sobre um inimigo...

Meg cerrou os dentes contra o zumbido repentino que encheu ambos os braços. Ela se levantou e viu seu rosto no espelho sobre a pia.

O zumbido desapareceu.

Meg olhou para seu reflexo.

— Fui eu, — ela sussurrou. — Eu era o inimigo.

Ela deu um passo para trás, pôs a mão sobre o curativo em sua cintura, e pensou sobre o que Merri Lee tinha dito: *E então Meg, a Guia, deve pensar sobre o que você gostaria que as outras profetisas de sangue poderiam aprender com o que aconteceu hoje.*

— Ninguém mais tem o direito de decidir se, ou quando cortamos a nossa pele, mas se não aprendermos a interpretar os sinais de alerta que nos dizem se realmente precisamos nos cortar, podemos nos tornar escravizadas, bem como escravizar. Nós podemos nos tornar o nosso próprio inimigo.

Essa foi a segunda lição que Meg, a *Guia*, tinha aprendido hoje. A primeira lição, e a mais difícil, foi a mais importante, pois ela não foi a única que se feriu quando se cortou.

Simon deu a volta na mesa quando Nathan apareceu na porta do escritório da HBL.

— Não demorou muito.

Nathan se aproximou dele lentamente, com relutância. Não era o comportamento típico para o Aplicador, a menos que ele tivesse feito algo errado.

Simon se inclinou sobre o outro Lobo, mas ele não teve que se inclinar muito para pegar o cheiro. — Por que você cheira como Meg? — Ele perguntou.

<Ela gritou em mim,> disse Nathan. <Eu não conseguia entender mais nada do que ela dizia, mas ela gritou até que o meu pelo ficou molhado.> Ele parecia perplexo e perturbado.

— Eu acho que ela se sente mal sobre fazer um corte e assustar você. Assustando todos nós.

Nathan não disse nada por um momento. Então <Não há nada em meu pelo, não é?>

Simon deu ao outro Lobo um olhar cuidadoso. — Não há mucos.

<Bom. Eu odeio tirar mucos dos pêlos.>

— Quem gosta? O que sai do nariz humano é repugnante. — Simon estava sentado no chão, com as costas contra a mesa. Nathan sentou ao lado dele. — Você quer que Blair peça para atribuir alguém como guarda Lobo para o escritório do Liaison?

<Não. Observar os seres humanos é interessante, e eu gosto da Meg. Mas precisamos de regras sobre a navalha. Hoje... Isso estava errado. Meg estava errada, e a Lizzy estava errada. Não foi justo eu não poder beliscar qualquer uma delas, quando ambas mereciam.>

— Eu sei. — Simon fechou os olhos e esperou até que ele sentiu a tensão se esvaindo de ambos. — Você ainda acha que é uma boa ideia ter alguns dos Lobos Addirondak visitando o Courtyard? Nós temos os seres humanos que fazem o trabalho para nós que não sabem como se comportar, mas não podemos atacá-los e expulsá-los como se fossem um inimigo.

<Se Meg não tivesse feito o corte, o erro de Lizzy teria sido chato, mas nada mais. E os nossos filhotes cometem erros também.>

Claro, quem poderia dizer quanto tempo se passaria antes que alguém descobrisse sobre as joias dentro do Urso Boo se Skippy e Sam não tivessem puxado um braço e uma perna do urso? O que havia começado alguns dos problemas. Então novamente, Burke e Montgomery não saberiam por que Lizzy estava em perigo se as joias não fossem encontradas.

Simon ficou em pé. — Ir para casa. Amanhã é Earthday, e vamos fingir que não existem seres humanos.

<Exceto Meg.>

— Exceto Meg.

Nathan se levantou, sacudindo o seu pelo.

Simon desligou o computador, apagou as luzes, e sentiu como se um peso tivesse saído dele quando ele saiu da livraria. Ele não conseguiria se livrar de tudo o que era humano. Ele não iria sacudir Meg, que esperava por ele na porta dos fundos do Gabinete do Liaison, os olhos inchados e pele toda manchada.

Ela passou a mão pelo cabelo preto curto e passou uma mecha atrás da orelha.

— Simon? — Ela disse em voz baixa. — Podemos ir para casa?

— Certo. Deixe-me pegar o carro.

Ele encontrou uma das caixas da padaria na parte de trás do carro. Já que ele não achava que Meg tinha comido muito hoje, ele agradeceu a consideração de Tess.

Ele tirou o carro e esperou Meg fechar a porta da garagem, olhou para os apartamentos dos funcionários, em seguida, sacudiu a cabeça.

Ele já teve o suficiente. Todos já tiveram o suficiente. O Owlgard iria vigiar esta noite, mas o resto deste dia, Tenente Montgomery teria que cuidar da Lizzy por conta própria.



CAPÍTULO 29

Watersday, Maius 12

Enquanto Monty tinha ido ao seu apartamento para lidar com o ‘assalto’, Ruthie Stuart tinha ficado com Lizzy, e sua equipe tinha trazido um colchão de um dos outros apartamentos para que ele não precisasse passar outra noite em um saco de dormir no chão duro. Eles trouxeram comida suficiente para ele e Lizzy para os próximos dias. E alguém tinha selecionado cinco filmes que ele esperava que fosse adequado para uma garota humana de sete anos de idade.

Distrações. Diversão. Cuidado.

Monty se sentou na cadeira de pelúcia e colocou os braços em volta de Lizzy quando ela se acomodou em seu colo.

Ela olhou para ele com aqueles olhos grandes. — Eu só queria montar um pônei.

Por que ela estava tão presa nisso? Claro, ele não tinha certeza se poderia explicar a uma criança o quão perigoso os pôneis eram quando se ignorava a forma e a aparência inofensiva.

— Vovó Borden teria me deixado, — disse Lizzy.

Ele sabia o que dizer sobre isso. — Eu acho que a avó Borden não teria permitido você montar um pônei. Ela teria dito que eles eram malcheirosos e você iria ficar suja.

Mas a mulher poderia ter gerado uma confusão porque alguém tinha negado algo a sua neta, e negar *qualquer coisa* a uma Borden não era aceitável. Felizmente, a família não tinha a riqueza ou o status para viver de acordo com suas pretensões.

— E vovó Twyla teria dito que você foi descortês e faz muito barulho, quando a senhorita Meg já tinha avisado que os pôneis eram especiais e não eram para equitação.

— Mas...

— Não, Lizzy.

Ela fez beicinho, e ele notou o olhar calculista nos olhos dela, como se ela estivesse esperando ver o efeito que teria.

Lizzy não teria feito isso há alguns meses. Ela não era assim antes dele ser transferido para Lakeside e deixá-las, porque Elayne se recusou a ir com ele.

Mas Elayne tinha sido assim. Engraçado como ele nunca se permitiu ver isso. Oh, Elayne era muito mais sutil quando ela queria alguma coisa, mas quando o comportamento era apresentado em uma criança, ele não podia negar que Lizzy estava imitando sua mãe.

Você tem que contar a ela, pensou. — Lizzy... Você foi muito corajosa em pegar o trem sozinha e me encontrar. Algumas pessoas más estavam procurando por você e a mamãe, e ela fez a coisa certa, pedindo para pegar o trem sem ela.

— A mamãe estará aqui logo?

— Não, querida. — Lágrimas surgiram nos olhos de Monty. — Não. Mamãe ficou muito ferida, muito mal e... Ela morreu. Ela não pode estar mais entre nós.

Lizzy colocou a cabeça em seu ombro. — E a senhorita Meg vai morrer, porque eu fui má?

— Não. A senhorita Meg vai ficar bem em alguns dias. — Como ele poderia colocar isso para ela sem assustá-la demais? — Um dos homens maus seguiu você para Lakeside, por isso precisamos permanecer no Courtyard por um tempo.

Levantou a cabeça. — E quanto ao Urso Boo?

— Ele está com o Capitão Burke. Ele está ajudando a polícia com a investigação. Ele sente falta de você, mas ele está sendo muito corajoso. Ele gosta de você.

Ela concordou, estabelecendo-se novamente.

Ela entendeu? Talvez ela entendesse tanto quanto podia suportar. Talvez fosse mais fácil estar em um lugar que não houvesse tantas lembranças?

Deuses, ele ainda teria uma fotografia de Elayne para que Lizzy tivesse *algo*?

— Você estará segura no Pátio, — ele disse. — Mas ficar aqui significa ter boas maneiras e respeitar os adultos que estão cuidando de você quando eu não posso estar aqui. — Ele olhou para ela, sua menina querida. — Você sabe a diferença entre a polícia humana e a polícia Lobo?

— A polícia Lobo pode morder você, se você for mau?

— Sim, — disse Monty. — Eles mordem você, se você for mau. Hoje, você percebeu o que o meu Capitão chamaria de cautela, o que significa que agora você sabe que se fizer uma coisa ruim, então da próxima vez...

Lizzy mostrou os dentes para demonstrar uma mordida.

Monty assentiu. — É exatamente isso.

— Papai? Eu estou com fome.

Eles comeram os sanduíches da Nadine Bakery & Café, em seguida, assistiram um dos filmes. Ele se perguntou se quem tinha escolhido os filmes, escolheu por causa da idade ou para mostrar a Lizzy algumas verdades sobre os seres que a cercavam. Seja qual fosse a razão, a história era sobre um Lobo que distribuía algumas lições *afiadas* para ambos.



CAPÍTULO 30

Watersday, Maius 12

Mais tarde, naquela noite, enquanto uma chuva tranquila caía sobre o pátio, o Owlgard observava Douglas Burke dobrar um saco de papel na porta dos fundos da Howling Boas Leituras.

Respondendo ao apelo das corujas, Vladimir e Nyx Sanguinati pegaram o saco e correram para a Sparkles & Junk, onde Jenni Crowgard, Jester Coyotegard, Jane Wolfgard e Blair Wolfgard os esperava.

As joias no saco foram armazenadas em uma caixa de mármore pequena, forrada de veludo, e substituídas por semelhantes que encontraram na loja. Depois de estudar o anel extravagante, Blair fez uma cópia parecida com fios finos e pedaços de vidro que Jenni removeu de um pedaço de bijuterias.

Com suas tarefas concluídas, eles substituíram o saco e o colocaram dentro do Urso Boo, e Jane, sendo o bodywalker Wolfgard, costurou o Urso de volta. Depois de alguma discussão, eles não restauraram o braço e a perna, deixando o Urso parecendo do mesmo jeito que chegou.

Ao primeiro sinal de luz do dia, Vlad colocou o saco de papel do lado de fora da porta de trás da HBL, deslocou-se para a sua forma de fumaça, e esperou nas sombras. Poucos minutos depois, as corujas relataram um carro no estacionamento na rua em frente ao Pátio. Um minuto depois, Douglas Burke calmamente fez o seu caminho até a porta traseira da HBL e pegou o saco de papel.

Assim que Burke foi embora, Vlad se juntou a Nyx, que já estava esperando por ele na Praça do Mercado. Juntos, eles levaram a pequena

caixa de mármore do avô Erebus para as Câmaras, um lugar onde nenhum humano poderia procurar as joias e sobreviver.

Colocando dois castiçais na madeira reluzente de uma mesa antiga, Vlad acendeu as velas e observou seu avô Erebus pegar a caixa e gentilmente derramar as joias sobre a madeira escura.

— Uma fortuna brilhando, — disse Erebus. — Os seres humanos matam uns aos outros por uma única joia. Eles não hesitam em matar uma mulher e a criança para adquirir essas pedras bonitas.

— Coisas, — Vlad disse, revelando suas presas. — Eles matam por *coisas*.

Erebus agitou as pedras. — Isso poderia ser dito de nós também.

— Nós matamos por comida, para proteger a nossa terra e casas. Para proteger nosso povo.

— Comida, terrenos, casas. Essas são as coisas importantes que valem a pena proteger, mas ainda são coisas, Vladimir. Qual quantidade de comida você acha que essas belezas poderiam comprar?

— Você não pode comprar o que não está lá. — Vlad considerou o que ele tinha acabado de dizer. Quando, exatamente, essa conversa sobre a escassez de alimentos começou?

Ele olhou para as joias. — Talvez a comida não esteja lá porque ela já foi comprada. Talvez as joias fossem o pagamento. Mas por que trocar tesouros por alimentos, e deixar as pessoas pensarem que eles e seus filhotes vão passar fome?

— Vamos ver a resposta em breve. A fome pode ser um mestre afiado. — Erebus colocou as joias de volta na caixa forrada de veludo. — Agora, conte-me sobre os humanos que foram reprodutores do sangue doce. Eles foram encontrados?

— Não. — Vlad engoliu a amargura. — Eu falei com os Sanguinatis que moram na região onde as meninas abandonadas foram encontradas, ou onde foram descobertos os corpos dos bebês. Tanto

quanto eles podem dizer, ninguém está procurando as fazendas. Ninguém está buscando os humanos que dirigiam essas explorações.

— E quanto a polícia, o governo aqui?

— Você teria que perguntar a Elliot sobre o governo. A polícia daqui fez pesquisas. Isso eu sei que é verdade. Eles procuraram e confirmaram que não havia nenhum lugar em Lakeside assim, com meninas sendo abandonadas, e nem bebês mortos.

Erebus não disse nada. Então — Não são apenas as *coisas* que têm um preço, Vladimir. A lealdade também pode ser comprada. — Ele tocou a caixa com uma unha amarelada e espessa. — Já que os seres humanos não irão procurar as fazendas, nós iremos. Diga aos Sanguinatis para encontrarem os seres humanos que feriram o sangue doce e mataram os seus filhotes.

— Devo conversar com as meninas no lago? Seus parentes poderiam destruir os edifícios quando forem encontrados.

— Madeira. Pedra. Vidro. — Erebus sacudiu a cabeça. — Deixe os edifícios intactos. Eles não significam nada. Encontre os seres humanos que trabalhavam nesses lugares e mate-os.

— Quer que os corpos sejam deixados onde possam ser encontrados? — Ou seja, se Erebus queria que os humanos soubessem que os Sanguinatis fizeram a sua própria justiça?

Erebus olhou para ele. Vlad não tinha certeza se o espanto era real ou fingido.

— Depois que os Sanguinatis forem alimentados, não há nenhuma razão para desperdiçar a carne, Vladimir. — Erebus disse com a voz tranquila. — Leve a carne para o país selvagem onde ela vai ser útil. Há muitos por aí para os *indigenes da terra* escolherem a fácil comida para os seus filhotes.



CAPÍTULO 31

Earthday, Maius 13

A menina encolhida sob a colcha de retalhos ouviu os Lobos do outro lado da porta. Grandes bocejos, uma vocalização suave que lhe recordou os uivos que tinha ouvido na noite anterior. Em seguida, uma voz feminina dizendo: — Jackson! Venha fazer algum brinde. Eu vou embaralhar alguns destes ovos para o sangue doce.

Isso queria dizer ela. Eles não a chamavam de *cs821*. Eles disseram que não era um nome.

Sangue doce não era um nome também, mas eles a chamavam assim, e ela não iria ofendê-los.

A fêmea, Grace, tinha trazido ontem os seus pijamas e outra muda de roupa. Calcinhas e meias estavam em uma das gavetas da escrivaninha. O resto das roupas penduradas em estacas na parede, incluindo uma camisola longa de algodão.

A menina saiu da cama e correu para o banheiro. Ela estremeceu quando fez xixi, e enquanto lavava as mãos e jogava água fria no rosto. Apressando-se, ela tirou o pijama e colocou o jeans, uma camisa de manga comprida, e o suéter grosso. Ela estava colocando uma meia quando a porta se abriu e Grace e Jackson entraram.

— Nós não sabemos como cozinhar muitos alimentos humanos, — disse Grace. — Mas eu aprendi a fazer ovos mexidos, e Jackson fez um pouco de pão torrado. — Ela colocou um prato na mesa. Jackson colocou um copo de líquido branco ao lado do prato.

Grace deixou o quarto. Jackson permaneceu, estudando-a.

Ele disse que ela poderia pedir. Ela teria coragem? Poderia ser um truque para ver se ela ainda estava tentada a fazer a *coisa* que ela não

tinha permissão para fazer. Os Aqueles Com Nomes sempre tentavam enganá-la. Mas Jackson era um Lobo. Ele sabia e conhecia Meg.

Um teste, então. Mas desta vez, ela não seria a única a ser testada.

— Eu poderia ter um lápis e papel?

Um silêncio pensativo antes de Jackson dizer: — Um lápis preto ou lápis de cor?

Ela sentiu sua respiração, sentiu um formigamento nas mãos. Mas ela não teve a coragem de pedir. — Tudo o que ninguém mais está usando.

Outro silêncio pensativo. — O posto de troca não é aberto em Earthdays. Vou ver o que temos aqui. Coma o seu café da manhã, sangue doce.

Ele saiu, fechando a porta. Ela acendeu o abajur ao lado da cama. Lobos podem não ter problemas para ver com pouca luz do dia, mas ela queria olhar melhor a comida antes que ela comesse.

Sentada à mesa, ela pegou o copo. Cheirou. Cautelosamente, provou. Ela tinha certeza que era leite, mas parecia diferente, mais potente do que qualquer coisa que ela já tinha bebido... Naquele lugar.

A torrada estava um pouco queimada nas bordas; os ovos mexidos, como o leite, não tinham o gosto muito parecido com o que ela já tinha provado, mas estava bom e ela estava com fome.

Após a refeição, ela entrou no banheiro para lavar as mãos e escovar os dentes. Quando ela saiu, Jackson estava na porta, segurando uma bandeja de madeira. Ele a colocou na cama, revelando seis folhas de papel e um conjunto de lápis de cor. Vermelho, verde, azul, amarelo, laranja, marrom, preto e rosa. A partir de suas imagens de treinamento, ela identificou uma borracha e um pequeno apontador de lápis de mão.

— Isto foi o que eu pude encontrar. — Jackson afastou-se da cama.

— Obrigado.

Ele pegou os pratos usados e saiu.

Sentada na cama, ela examinou todos os lápis, e tocou o papel.

Ninguém entrou no quarto, gritando com ela. Ninguém tirou os lápis e o papel. Ninguém juntou as suas mãos como punição, deixando-a dependente dos Aqueles Com Nomes para fazer as suas necessidades pessoais.

Sentindo-se mais ousada, ela estudou a colcha de retalhos. Então ela pegou um lápis e encheu uma folha de papel, reproduzindo os padrões do material da colcha.

Ela se levantou, espreguiçou-se, bebeu um copo de água, afiou todos os lápis.

Talvez devesse fazer outra coisa por um tempo. Mas... O que? O quarto não tinha mais nada. Ela poderia pedir um livro? Mas ela não queria ler, ela queria...

Um uivo. Distante. Outro uivo. Mais perto deste quarto.

Eles uivaram na noite passada. Ela fechou os olhos e se lembrou de como o som parecia subindo, como fumaça, pintando as formas fantasmagóricas sobre o céu noturno.

Voltando para a cama, ela pegou uma folha de papel, pegou um lápis e começou a desenhar.



CAPÍTULO 32

Earthday, Maius 13

Simon, de quatro patas e peludo, olhou para Henry. Não só o Grizzly estava em sua forma humana; ele estava acordado e fazendo uma encomenda.

<Mas é *Earthday*.> Simon fez o seu melhor para reprimir um rosnado. <Deveria ser um dia livre da forma humana.> Seu ouvido inclinou para trás, o som da risada de Meg e dos latidos felizes de Sam na cozinha. <Exceto por Meg, mas ela não conta como humana da maneira que os outros contam.>

— Você foi o único que disse que os humanos poderiam compartilhar da colheita se eles também partilhassem do trabalho, — Henry roncou. — As hortas têm de ser expandida, e eles estão dispostos a fazer o trabalho.

<Mas...> Simon parou. Pensou e suspirou.

Ele foi o único que tinha tomado a decisão de deixar os humanos, tanto para recompensar aqueles que não eram aliados dos inimigos, e para saber mais sobre os seres humanos e a interação informal. Talvez os *indigenes da terra* tivessem tentado isso antes, nos séculos passados, desde que os primeiros seres humanos chegaram em Thaisia. Talvez tenha sido um erro.

Uma aposta, de qualquer modo. Para todos.

<Tudo bem, tudo bem.>

— Vou ficar em forma humana, — Henry disse. — E Vlad vai estar lá.

<E *Montgomery* vai estar lá com a *Lizzy*?>

Henry assentiu. — Pete e Eve Denby estão trazendo os seus filhotes também. E a polícia que têm usado os apartamentos, e os nossos funcionários humanos estarão aqui também.

<Todos eles?> Isso era um grande conjunto de humanos se misturando com os Lobos, Corvos, Falcões, Corujas e quem mais decidir observar os visitantes.

Então Meg saiu da cozinha com Sam saltando ao redor dela, seus olhos cinzentos fixos no chapéu que estava fora de seu alcance.

Seria difícil pegar o chapéu, uma vez que ela colocasse, porque tinha fitas que ela amarrava debaixo do queixo para impedir que o chapéu voasse, mas ela poderia se machucar. Mas se alguém pudesse mastigar uma das fitas, e Air estivesse disposta em cooperar um pouco, eles poderiam brincar de pegar o chapéu.

Não hoje, Simon pensou com pesar. Muitos espectadores, então *alguém* iria notar o truque do chapéu.

— Estamos prontos? — Meg perguntou, e seus olhos estavam tão felizes e brilhantes, se ela tivesse uma cauda, estaria abanando.

Sam fez *arrrrooo*. Henry abriu a porta da frente. E Simon deu na mão de Meg uma lambida rápida ao passar por ela para ajudá-lo a se lembrar por quê havia uma matilha humana em primeiro lugar.

Meg fechou a porta de Simon, então franziu a testa para a área sob seu apartamento do segundo andar. O apartamento de Simon tinha dois andares. Seu apartamento e o dele tinham um corredor que era compartilhado na parte de trás, e as escadas que levava para a porta externa. Pelo o que ela já tinha descoberto, já que ela não tinha encontrado nada em seu apartamento que combinava com as imagens de treinamento, ela tinha estudado os tanques do sistema de aquecimento de água quente para ambos os apartamentos, além de uma sala de serviço no piso térreo de *seu* apartamento.

Então o que estava em seu apartamento? Se fosse como as imagens de prédios abandonados, mas não. E havia uma porta também, onde poderia haver uma janela.

Durante o inverno, ela já tinha notado, mas deixou para lá porque não era parte do que ela precisava absorver, a fim de morar em seu próprio apartamento e manter o seu emprego. Agora...

O Complexo Verde foi construído em forma de U, com apartamentos em ambos os lados e uma lavanderia, uma sala de correspondências e a sala social, tendo a parte de trás, junto com o arco que levava às garagens.

Meg olhou para a área aberta. O apartamento de Henry estava do outro lado do dela, e ele também tinha um espaço aberto sob ele.

— Henry, o que está sob o meu apartamento?

Ele deu-lhe um grande sorriso. — É a sala de verão que você e Simon compartilham. Durante o inverno fica fechada, mas agora é hora de abri-la e limpá-la.

Ela olhou para Henry, depois para Simon, que lhe deu um sorriso de Lobo. — Sala de verão?

— Uma sala blindada para evitar os insetos, — disse Henry. — Um lugar para dormir durante o tempo quente, e abafado. Venha. É hora de conhecer o lugar. — Ele começou a andar, claramente esperando que ela o seguisse.

Quando Simon deu uma batida em sua bunda para colocá-la em movimento, ela alcançou o Grizzly, olhando para o Lobo, que parecia muito satisfeito consigo mesmo.

Ela ainda não tinha experimentado o tempo quente e abafado, mas Merri Lee e Ruth tinham dito a ela o tipo de roupa que ela deveria comprar para o verão de Lakeside. O que a lembrou de outra coisa que ela deveria perguntar a alguém.

— Henry? Devo comprar um maiô?

— Por que você precisa de um?

— Merri Lee não tinha certeza se haveria um lugar para ir nadar no Pátio. Ela disse que eu deveria perguntar.

— Temos pequenos lagos e riachos. Em clima quente, muitos de nós passamos algum tempo em torno da água. Os Lobos especialmente gostam de nadar. Eu também.

— Então o que eles usam quando vão nadar em forma humana?

Ele parecia tão perplexo, que ela corou e desejou que esperasse para perguntar a Tess sobre roupas de banho e natação.

Claro, Henry poderia estar confuso porque os Outros *não* nadavam na forma humana. Mas ela achava que essa não era a parte da sua pergunta que o intrigava.

Ela não tinha percebido que ela parou de andar até Simon dar uma lambida na parte de trás de seu joelho. Ela saltou para frente e gritou, — Simon!

Meg, se hoje vamos trabalhar do lado de fora, você não pode usar calças compridas e mangas compridas, Merri Lee tinha dito. Você vai acabar com insolação ou algo assim.

Ruthie tinha parcialmente concordado com Merri Lee, expressando preocupação sobre os possíveis riscos, bem como queimaduras solares. Elas escolheram suas roupas, razão pela qual Meg usava uma bermuda, uma camiseta e uma camisa de gaze de manga comprida. Roupas definitivamente mais adequadas ao clima mais quente. Mas Meg não tinha considerado a quantidade de pele que agora estava disponível para ser lambida, ou a inesperada sensação de uma língua molhada.

Lamber não é uma novidade, ela pensou com um suspiro. Um novo jogo para o verão.

Felizmente, o jardim não era tão longe do Complexo Verde, e Vlad já estava lá com os Oficiais Kowalski, Debany, e MacDonald; Ruth, Merri Lee, e Theral; os Denbys; e o Tenente Montgomery e Lizzy. Mesmo Lorne dos três Ps tinha vindo para ajudar.

Os humanos olhavam para os Lobos, que também estavam lá. Meg achava que nem todo o Wolfgard tinha vindo ajudar, não havia um número suficiente deles. Em seguida, os Corvos e Falcões chegaram.

Será que alguns deles ficariam em forma humana, se os humanos não estivessem lá?

Ela não sabia, e nem poderia se importar. Esta não era uma das várias novas imagens, mas era uma imagem em movimento, e cheia de novas experiências. Fazer um jardim. Trabalhando com os amigos. Encontrar o caminho que permitiria que as outras *Cassandras de Sangue* vivessem no mundo exterior sem ficarem oprimidas.

Ela queria tomar o máximo desta experiência, antes que ela tivesse que se retirar e deixar a mente e o corpo descansar.

Meg soltou um suspiro. Seus olhos encontraram os de Simon. Esta era uma experiência nova para ele também.

Ela sorriu para ele. — Vamos plantar um jardim.

Simon deu-lhes crédito por uma coisa: esses humanos sabiam trabalhar. E os humanos e os *indigenes da terra* tinham trocado conhecimento uns com os outros, e encontraram uma nova maneira de combinar as habilidades para expandir o jardim.

Kowalski, Debany, MacDonald e Henry cavaram o solo da área expandida. Montgomery e Pete Denby utilizaram uma ferramenta com dentes curvos e uma longa alça para arar o solo.

Os Lobos, é claro, usaram as patas e as garras para alcançar os mesmos resultados. Mas Simon notou que Blair estava farejando as ferramentas de jardim que os seres humanos tinham trazido com eles e descobriu que Meg receberia uma lista de ferramentas sob medida para o Complexo Utilities.

— Ainda bem que tivemos uma chuva leve na noite passada, — Montgomery disse enquanto cavava o solo, e Pete empilhava nas laterais a terra que havia sido escavada.

Todos os demais seres humanos pararam e olharam para ele.

— Não choveu na noite passada, — Kowalski disse finalmente.

— Acho que foi uma chuva localizada Então — disse Montgomery.

Um grunhido de riso de Henry fez os humanos se voltarem para o Urso.

Henry afundou a pá no solo, seus movimentos eram fáceis e poderosos. — Nós conversamos com as meninas do lago e dissemos que iríamos expandir este jardim, e que a nossa Meg queria ajudar com a escavação e plantar as sementes.

— Por isso acabou chovendo no Pátio na noite passada? — Disse MacDonald.

<Isso o deixou perturbado.> Intrigado, Simon fez uma pausa em sua escavação para estudar Lawrence MacDonald.

<Sim. Eu acho isso interessante.> Henry voltou a cavar o solo.

Simon olhou para os três filhotes. Lizzy ainda estava acariciando os filhotes de Lobos, mas Robert e a Sarah estavam brincando com alguns dos Falcões juvenis, batendo petecas de badminton para o ar para que os Falcões pudessem pegar e depois deixar cair no próximo jogador, que estava com uma raquete para bater de volta para o ar.

Eventualmente, os filhotes iriam ficar entediados de serem acariciados e iriam correr para ver o que Sam estava fazendo, já que ele tinha ficado perto de Meg. Eventualmente, os Falcões se cansariam do jogo e voariam para ver o que mais estava acontecendo no Pátio. Eventualmente, os Corvos achariam os seres humanos menos divertidos e voariam para trabalhar em seu próprio jardim, no campo de milho.

E Meg, que nunca tinha cavado o solo ou nem cheirado terra recém-revolvida, que nunca teve de ser lembrada para beber água quando ela trabalhava ao ar livre, ou para colocar um creme em sua pele para evitar queimaduras solares... Meg estava encantada com tudo.

Simon mantinha um olhar atento sobre ela e ouvia a matilha feminina falando sobre o jardim e alguns legumes e temperos que gostariam de plantar. Ele não tinha certeza se quaisquer um dos indígenas da terra se preocupava com temperos. Afinal, cervos

tinham gosto de cervos, e você não polvilhava nada sobre um coelho antes de comê-lo. Mas Tess vagava por perto e manifestou interesse em temperos, por isso, eles seriam plantados, junto com o milho, alface, brócolis, pimentão, tomate, feijões, ervilhas e algo chamado abobrinha, que Merri Lee disse que era bom com molho de tomate e massas.

— Chega por hoje, — Henry disse quando ele começou a recolher as ferramentas que pertenciam aos Outros. — Tess, Vlad e Jester estão dizendo que é hora de comer.

Um momento de tensão enquanto os seres humanos olhavam um para os outros.

— É um piquenique? — Meg perguntou.

— Não é bem um piquenique, se eu entendi o que os seres humanos querem dizer com essa palavra, — Henry respondeu. — Mas há algo que nós esperamos que você goste.

Nathan chegou com a picape usada pelo Completo Utilities, pegou os filhotes e Lobos juvenis, incluindo Sam, e os levou de volta para o Complexo Wolfgard para o seu próprio tipo de refeição. Falcões, Corvos, e um par de Corujas sonolentas também foram para os seus próprios lugares, o que deixou os humanos e os moradores do Complexo Verde, que estavam andando para onde Tess colocou a refeição.

Simon trotava na frente deles, deixando Henry vigiando Meg. Se ele iria comer com eles, melhor parecer humano. E melhor mudar em particular. Como um *indigene da terra*, ele não respondia aos corpos femininos da mesma maneira que os machos humanos, a menos que a fêmea exalasse o cheiro do acasalamento. Mas ficar nu não era algo para fazer perto dos filhotes humanos, embora ele quisesse perguntar aos homens porque eles podiam ficar nus da cintura para cima, enquanto as fêmeas permaneciam cobertas. Isso não parece justo.

Mudando uma pata apenas o suficiente para formar dedos grossos, ele abriu a porta da frente, em seguida, correu para o seu quarto para mudar e colocar uma bermuda jeans, uma camisa e sandálias. Revendo sua lista mental de preparação humana, decidiu que todo mundo estaria suado e com um cheiro forte, então ele não tinha

que mascarar o seu próprio perfume e poderia manter a sua preparação ao mínimo. Ele jogou água no rosto, penteou o cabelo, escovou os dentes, e voltou antes que os seres humanos vagueassem na área aberta no centro do Complexo Verde.

Havia um jarro de água que alguém tinha enchido com água fresca de uma calha d'água. Embaixo de uma árvore que fornecia alguma sombra, alguns bancos estavam espalhados para que as aves pousassem ou os Outros em forma humana pudesse se sentar se não quisessem a privacidade de suas próprias varandas.

Henry pegou uma esponja que estava ao lado de uma bacia de água e lavou seus braços, peito e rosto antes de espremer a água para correr para baixo de suas costas.

Kowalski e Debany chegaram logo em seguida.

— Água? — Kowalski perguntou quando Henry ofereceu a esponja.

— Pegue a vontade, — Henry respondeu.

Antes que eles pudessem agradecer, Jake Crowgard sobrevoou a bacia. Ele tomou um gole, então deu uma rápida olhada na área antes de voar.

— Certo, — Debany disse, limpando com a esponja após Kowalski terminar com ela.

Simon deu um passo na frente de Meg. Ela parecia cansada, os olhos um pouco vidrados.

— Foi muito? — Ele perguntou em voz baixa, observando como as outras garotas lhe davam uma olhada antes de se moverem para a bacia com a calha d'água. O olhar deveria ser um aviso, uma mensagem, ou apenas as fêmeas humanas tinham a curiosidade em comum com os Corvos?

— Sim, mas em um bom sentido. — Ela sorriu. — Não sinto alfinetadas e nem agulhadas.

— Tess, Vlad e Jester abriram a sala de verão. Nathan trouxe cavaletes e pranchas para usar como uma mesa. Não havia muitas cadeiras para sentar, mas havia um par de bancos.

Ela fechou os olhos. Ela franziu um pouco a testa, mas havia um sorriso em seus lábios.

— Eu tenho algumas imagens de treinamento de cavaletes e bancos, mas não posso colocá-los juntos para fazer uma imagem de uma sala de verão.

— Eu posso trazer-lhe comida. Você pode comer na sua varanda, ou dentro de casa.

Ela olhou para ele, e seu sorriso era aquecido. — Não, eu estou bem. Eu gostaria de ver a sala de verão. Eu gostaria de ver como o alimento é colocado do lado de fora para um piquenique que não é bem um piquenique.

— OK.

Meg olhou para o bebedouro. — Mas eu vou me lavar no meu banheiro.

Simon deu um passo para o lado.

Assim que Meg entrou em seu apartamento, Montgomery se aproximou dele.

— Meg está bem? — Perguntou Montgomery.

— Ela está bem.

— Sem problemas com o corte de ontem?

— Não. Ela teve cuidado hoje. — E ele ficou perto o suficiente para que ele sentisse o menor sinal de sangue se o corte tivesse reaberto.

Montgomery olhou em volta. — Isto é algo novo, não é? Nós e você.

Simon deu de ombros. — Não sei se é novo, mas eu acho que isso não foi tentado por um longo tempo. Não com o seu tipo de humano.

Montgomery hesitou como se quisesse dizer mais alguma coisa. Em vez disso, ele sorriu. — Acho que seria melhor me lavar.

Simon observou os seres humanos. Cauteloso, mas sem medo. Mesmo os mais novos humanos, os Denbys, não tinham medo. Não como eles teriam a um ano atrás.

Ele esperava que eles ficassem cautelosos, especialmente se o Courtyard começasse a ter convidados.

<A comida está aqui,> disse Vlad.

<Eu estou esperando por Meg.> Ele ouviu o som. Difícil não ouvir o barulho da água através dos tubos com a sala de verão aberta. Como os humanos fingiam que não sabiam nada sobre xixi e o cocô do outro, ele iria deixá-la descobrir isso por conta própria. Ele tinha outra coisa em mente. <Por que ter uma participação neste jardim é tão importante para a matilha humana?>

<Eles gostam de comer o mesmo que nós?>

<É mais do que isso. Eles estão muito aliviados em terem outra fonte de alimentos, além da que eles podem comprar nas lojas humanas.>

<Então será interessante descobrir.>

Simon não disse mais nada, porque Meg voltou. Ele a seguiu para a sala de verão para ver que tipo de comida ele estaria comendo em vez de um cervo.

Agora que ele tinha comido, Monty queria apenas um banho quente e dormir. Ele estava trabalhando com cada membro de sua equipe há um tempo, mas hoje parecia que havia passado anos.

Será que iria trabalhar tão pesado assim *a cada* Earthday até a colheita?

Por outro lado, os *indigenes da terra* esperavam que trabalhassem duro para cada refeição, por isso, hoje foi apenas um tipo diferente de trabalho.

— O milho fresco na espiga é grande, — Kowalski disse enquanto a conversa fluía sobre o que todos queriam plantar.

— Por quê? — Simon perguntou intrigado.

— O milho é bom, — disse Jenni Crowgard.

Kowalski sorriu. — Oh, sim. Cozinhar até que fiquem suaves e, em seguida, passar manteiga derretida. É a única maneira de comê-lo.

Silêncio perplexo.

— Cozinhar? — Disse Jenni. — Você *cozinha* o milho?

Kowalski, Debany e MacDonald trocaram olhares.

— Sim, — disse MacDonald. — Nós cozinhamos muitos produtos agrícolas, incluindo o milho.

— Eu nunca me importei com o gosto dele, mas pode ser atraente se for feito adequadamente, — Vlad disse.

Jenni bufou. — Talvez. Mas é bom do jeito que é.

Se você é um corvo, pensou Monty. — Como protegem suas colheitas? — Eles provavelmente não colocariam espantalhos em seus jardins.

Henry riu. — Você não viu o pilar do Falcão? O que vem atacar um jardim é também alimento para muitos de nós, por isso esta é uma época de abundância.

— E proteger um jardim é um bom treino para os Lobos mais jovens, — acrescentou Simon.

Uma pausa nos garfos. Eve Denby parou de mastigar e olhou para os pratos que Tess tinha contribuído para a refeição, sem dúvida perguntando sobre os ingredientes.

— Não há nada aqui que você não iria encontrar em uma loja humana, — disse Tess, divertida.

— Seus filhotes pararam de comer, — disse Jester. O Coyote apontou para os três filhotes, que estavam sonolentos após um dia ativo. — Eu poderia levá-los para a sala de convívio para assistir a um filme.

— Vá em frente, — disse Simon.

— Eu ajudo, — disse Theral.

As demais mulheres humanas colocaram os seus óculos e saíram. Depois de um momento, Jenni Crowgard se juntou a elas, deixando Tess como a única mulher ainda na mesa.

— Nós queríamos saber por que ter uma quota no jardim é tão importante para todos vocês, — disse Vlad com uma naturalidade que deixou Monty cauteloso.

— Você fez a oferta, — Monty respondeu.

Vlad assentiu. — Nós fizemos. Por que você aceitou?

A tensão encheu o ambiente.

— Falando por mim e Ruthie, poder cultivar alguns vegetais significa uma conta menor no supermercado e adquirir os alimentos que já estão mais caros, incluindo as frutas, — disse Kowalski. — O preço de qualquer coisa feita com farinha também aumentou nas últimas semanas.

— Temos frutas, bem como as hortas, — disse Simon. — Nós temos morangos, framboesas, amoras, uvas. Há algumas macieiras no Courtyard, bem como peras e pêssegos.

— Nogueiras também. — Henry sorriu. — Enquanto apenas uma forma particular pode ter adquirido um gosto por determinados alimentos, os *indigenes da terra* podem, e irão comer o que Namid fornece. Assim, nossos Pátios têm um pouco de tudo que cresce nesta parte do Thaisia.

— Por que o fruto vai estar mais caro? — Perguntou Vlad.

Depois de um olhar ao redor da mesa, foi Pete Denby quem respondeu. — A escassez. Vários dos governos regionais estão prevendo a escassez de alimentos este ano, e os preços já estão subindo. A perda das fazendas em Jerzy...

— As fazendas não foram perdidas, — Simon retrucou. — Os agricultores estão trabalhando agora para os *indigenes da terra* depois que a terra foi recuperada, mas o trabalho é o mesmo. Eles mantêm o que eles precisam para alimentar suas famílias, e fornecem os alimentos para os Intui, que se mudaram para essas aldeias para administrar as empresas que os agricultores também precisam. O resto das suas culturas é vendido para os mercados nas cidades humanas, as mesmas do ano passado.

— As culturas foram perdidas no Centro-Oeste, — disse Pete. — Pelo menos, é isso o que as notícias estão dizendo.

— Os Elementais não estavam interessados nas terras agrícolas. O inimigo não estava se escondendo nos campos. Atingiram o que pretendiam atacar.

Outro olhar trocado ao redor da mesa.

Pete se inclinou para frente. — Eles estão dizendo que perdemos um monte de nossas colheitas excedentes por causa de silos danificados. Perdemos a alimentação dos animais, e alguns animais morreram por causa disso. Fala-se da escassez de farinha e grãos de cereais.

— A cota de ração tinha cupons que permitiam uma família comprar uma dúzia de ovos por mês a um preço fixo, — disse Kowalski. — Quando minha mãe foi comprar ovos no outro dia, o mesmo cupom agora é para meia dúzia de ovos pelo mesmo preço.

— Eu ouvi que as padarias estão retendo ingredientes como farinha e açúcar, a fim de permanecerem no negócio, e os demais consumidores serão capazes de comprar apenas um quilo por mês, se estiver disponível, — disse Debany. — Isso significa que as famílias não serão capazes de assarem o seu próprio pão, ou de fazerem biscoitos.

— Uma padaria no final da rua disse a Theral que cada família precisa se registrar em algumas empresas para garantir a disponibilidade de alguns itens. Mas mesmo com o registro não será garantia que o pão diário será mantido depois de seis meses, — disse MacDonald.

Debany assentiu. — Significa que todos os registrados não serão capazes de se dar ao luxo de garantir a compra dos produtos no prazo de seis meses.

Monty ouviu, ficando cada vez mais desconfortável. Tudo isso aumentou nos últimos dois dias, enquanto ele estava focado na chegada de Lizzy e na morte de Elayne?

Simon parecia estar se perguntando a mesma coisa. — Isso não responde a pergunta. No ano passado, havia comida suficiente. Por que não há o suficiente este ano? Os *indigenes da terra* não destruíram o plantio, e o que precisa ser cultivado ainda está crescendo.

Pete Denby balançou a cabeça, pensativo. — Eu não ouvi falar de qualquer infestação com culturas perdidas.

— Tem havido uma infestação, — Vlad disse. — Os seres humanos do movimento HPU.

Simon assentiu. — Nós não pegamos qualquer perfume deles no ano passado. Este ano, eles estão uivando em todos os lugares, sobre tudo.

— Talvez devêssemos prestar mais atenção ao que eles estão dizendo, — Tess sugeriu quando o seu cabelo verde começou a enrolar.

— Talvez devêssemos, — Simon concordou.

Monty de repente teve a sensação de que a sua equipe realmente queria uma desculpa para sair. Ele olhou diretamente para Kowalski. — O que você não está dizendo? — Não era uma boa pergunta, e não com os líderes do Courtyard presentes, mas informação também era algo a ser cultivada.

Kowalski fez uma careta. — Eu tenho ouvido de outros Oficiais que alguns dos açougues e padarias estão exibindo um decalque HPU. Os clientes que desejarem os itens, além de se registrarem, vão ter que mostrar o seu cartão de membro HPU.

— E se eles não tiverem um cartão de membro?

— Eu acho que os *não-membros* não serão bem-vindos. Ou clientes.

Algo a dizer ao Capitão amanhã, assumindo que Burke ainda não sabia sobre isso.

Simon, Vlad, Henry e Tess pareciam estranhamente calmos.

Então Simon mexeu-se na cadeira. — É o suficiente. É hora de descansar.

— Concordo, — disse Pete Denby.

Eles concordaram em deixar Tess armazenar o alimento restante e levá-lo para a Bite na parte da manhã, uma vez que a maioria dos seres humanos estaria trabalhando em torno do Pátio de qualquer maneira. Kowalski, Debany e MacDonald saíram juntos, e suas vozes se misturavam com a das mulheres que ainda estavam sentadas ao ar livre.

Após oferecer aos Outros uma boa noite, Monty e Pete foram até a sala de convívio para buscar seus filhos.

— Eles dizem que o olho da tempestade é o lugar mais seguro para estar, — disse Monty.

— É onde estamos? — Perguntou Pete. — No olho da tempestade?

— Talvez. Nós seremos capazes de alimentar nossas famílias, e isso não é algo que todo mundo vai ser capaz de dizer.

— Você acha que os Outros são responsáveis pelas faltas?

— Não. E isso é uma preocupação, porque se não são eles...

— Então somos nós, — Pete terminou.

Monty deixou de lado os sentimentos sombrios, mas ele não precisou colocar um sorriso para a sua menina. As crianças e Jester estavam deitados, e dormindo. Apenas Theral ainda estava acordada, e ela lhes deu um aceno distraído antes de voltar sua atenção para o filme com Lobos.

— Quase acabando, — Theral sussurrou.

Jester levantou com o som de sua voz e piscou para Monty e Pete. Com um grunhido, ele esfregou seu cabelo e voltou a sentar quando Theral vaiou um aviso para ele ficar quieto antes que ele tivesse uma chance de falar.

Então todos eles ficaram em silêncio.

Não era um filme feito pelos humanos, Monty pensou enquanto observava um ataque bem-sucedido da equipe Lobo e o salvamento, e ouviu Pete chupar em uma respiração quando viu os Lobos lidando com os seres humanos maus.

— Há mais desses filmes? — Perguntou Theral, abaixando o volume quando os créditos começaram a rolar.

— Alguns, — disse Jester. — Você pode colocar o seu nome em uma lista de músicas e filmes já que essa série Lobo é muito popular. Há livros sobre eles também.

Balançando a cabeça, Theral levantou-se e espreguiçou-se. Então ela bocejou. — Lawrence está pronto para ir para casa?

— Eu acho que ele se esqueceu que você estava aqui em cima e está lhe procurando, — disse Monty, sorrindo. Ele pegou Lizzy, em seguida, esperou por Pete pegar Sarah e agitar Robert, despertando-o o suficiente para o garoto segui-lo de volta para o carro.

Enquanto caminhavam com as crianças, Monty olhou para a sala de verão. Não havia luz, então ele não podia ter certeza se Simon Wolfgard ainda estava lá dentro. Mas os Outros não precisavam de luz.

— Onde está Meg? — Perguntou.

— Ela foi para cima. — Merri Lee inclinou a cabeça para indicar o apartamento de Meg. — Ela está cansada, e eu também estou.

Eles entraram nos carros que tinham deixado nas vagas dos visitantes do outro lado da estrada do Complexo Verde. Kowalski e Ruth deixaram Merri Lee e Debany, bem como Monty e Lizzy.

Oferecendo uma boa noite a todos, Monty subiu as escadas e foi para o apartamento que ele estava usando. Ele acordou Lizzy, o suficiente para ela usar o banheiro e colocar o pijama. Quando ele a colocou para dormir, ele se perguntou quanto tempo Merri Lee e Debany iriam ficar do lado de fora, e se Merri Lee ficaria sozinha.

Não há necessidade de uma vela ou lâmpada. Os *indigenes da terra* enxergavam muito bem no escuro.

— O que você quer fazer? — Vlad perguntou em voz baixa.

— Nós nunca nos preocupamos com os navios humanos que viajam sobre os Grandes Lagos ou o que esses navios trazem até aqui, — Simon respondeu. — Nossos suprimentos de outras regiões são trazidos pelos *indigenes da terra* ou pelos navios *Intui*. Os seres humanos vão notar se começarmos a farejar os seus navios agora.

— Alguns dos Sanguinati que moram em Pátios muitas vezes caçam em torno das docas. Eles poderiam saber se há algo que pudesse ser de interesse para o avô.

— Pergunte a eles. Mas há uma forma de *indigene da terra* que poderia descobrir mais.

— Se estiverem dispostos, — Henry disse.

Simon assentiu. — Se estiverem dispostos. — Ele se levantou. — Eu vou dar uma olhada na Meg. Então eu vou fazer uma visita para as meninas no lago.

— Hoje à noite? — Tess perguntou.

— Sim. — Ele olhou para os três. — Vocês estarão por aqui?

Henry e Tess assentiram. Vlad disse, — eu preciso visitar o avô Erebus, mas vou esperar você voltar.

Ele subiu as escadas e encontrou Meg no sofá, dormindo, apesar da televisão estar sintonizada no show que ela acompanhava em cada Earthday. Agachado, ele passou a mão sobre sua penugem de cabelo. Ela não podia rosnar sobre isso, se ela não sabia.

Com bastante certeza que ela não iria acordar tão cedo, ele tirou suas roupas e mudou. Em seguida, ele deixou o seu apartamento e correu para parte do Courtyard onde os Elementais ficavam.

Exceto por Winter e Autumn, que dormiam durante as estações mais quentes, todas as meninas estavam ao redor do lago. Viram a abordagem dele. Air agitou as folhas nas árvores. Water se balançava no banco, e Earth estava fluindo a terra pelos dedos. Fire, Spring e Summer estavam sentadas um pouco mais afastadas da beira do lago.

— Há algo de errado com a nossa Meg? — Perguntou Spring.

<Não. Ela se divertiu hoje. Ela está ansiosa para plantar mais sementes e ver o que cresce.>

— Sem plantio amanhã, — Water disse. — A chuva virá de nossos parentes que moram perto do Lago Superior.

— Já que a nossa Meg está feliz, o que o Wolfgard quer? — Perguntou Fire.

<Eu quero sua ajuda. Eu acho que você e seus parentes podem encontrar respostas para algumas perguntas.>



CAPÍTULO 33

As perguntas eram feitas quando uma pedra caía em uma lagoa, e as ondulações eram sussurradas ao vento para os Elementais em todo o continente de Thaisia. Elas fluíam através dos Grandes Lagos, córregos e rios, e elas faziam parte da chuva. Tornaram-se um cheiro na terra, que foi pego por mais do que os shifters e os Sanguinatis dispostos a residir perto dos assentamentos humanos.

E o cheiro não agradou aos *indigenes da* terra que moravam nas partes mais primitivas e intocadas, do país selvagem.

E quando as ondulações se tornaram uma ressaca, o oceano levou as perguntas e as enviou para muito além de Thaisia.



CAPÍTULO 34

Moonsday, Maius 14

— *Simon, é Tess. Blair está me levando para a padaria Bakery & Café da Nadine. Ela disse que pode vender um pouco do que ela já tem pronto, mas ela prefere entregar os pedidos antes de abrir para os clientes humanos.*

Simon rosnou para o receptor de chamadas e continuou esfregando a toalha em seu cabelo. Ele tinha ouvido o telefone tocar quando entrou no chuveiro. O maldito telefone estava silencioso, mas começou a tocar no momento em que estava se preparando para o banho. Mas Tess poderia ter usado a forma de comunicação *indigene da terra* e dizer-lhe que estava saindo do Pátio, mas escolheu ligar, impedindo-o de expressar uma opinião.

— *Simon, é Steve Ferryman falando. Você lembra que lhe contei sobre a mulher que apareceu para trabalhar com as meninas? Eu gostaria de contratá-la se puder esticar o orçamento da aldeia. Enfim, eu gostaria que você pudesse conhecê-la. E eu queria passar por cima de algumas coisas sobre a Comunidade Road River. Qualquer chance de você dar uma passada em Porto Ferryman hoje?*

— Como eu deveria saber? — Ele resmungou. — Eu não estou nem vestido ainda. — E se ele não se mexesse, Meg iria rosnar para ele por fazê-la se atrasar para o trabalho ou sair sem ele.

— *Simon, é Pete Denby falando. Eu preciso falar com você sobre o duplex que você deseja comprar. E eu queria perguntar... Você tem uma mesa sobrando e um computador em um dos escritórios que eu pudesse usar?*

Humanos. Eles não podiam ficar satisfeitos em ser considerados como *não* comestíveis; eles também queriam *falar* com ele. E falar. E falar. E falar.

Ele aastou-se do receptor de chamadas quando o telefone tocou novamente.

Voltou ao telefone, pegou o fone e rosnou, — O quê?

— *Arroooooooooo!*

— Sam?

— Tio Simon! Os filhotes de Lobos vão fazer uma viagem de campo com a Senhorita Ruth!

Simon piscou. — Você vai fazer uma viagem para ver um campo?

Sam riu. — Não. Nós vamos visitar a livraria e aprender como se compra um livro! — Uma pausa. — Posso ficar com a Meg após a viagem de campo? Nathan já está com ela.

— Nathan é o guarda Lobo. — Já que a Lizzy ainda estava no apartamento com Montgomery, ele teria que verificar e certificar-se que Nathan ia ficar no escritório com Meg. O Executor ainda estava chateado com a Lizzy por mau comportamento e por causar tantos problemas em Watersday.

— Tio Simon?

— OK, claro. Mas não fique se lamentando se Meg não tiver tempo para brincar com você.

— Até mais! — Sam desligou.

Simon desligou o telefone e correu para o seu quarto se vestir. Em seguida, deixou o seu apartamento, passou para o de Meg pela porta da cozinha e a encontrou com as mãos apoiadas na mesa.

— Meg? — Ele correu para ela.

Ela piscou para ele. — Estou muito dolorida. Até mesmo os músculos da minha bunda estão doloridos. Eu não fiz nada com *elas*. Por que *elas estão* doloridos?

— Não sei. — Ele não tinha tirado muito cochilo, como sempre fazia em Earthday, mas ele se sentia muito bem.

Ele passou a mão sobre os cabelos curtos dela. Quando ela não rosnou para ele, ele não tinha certeza se deveria estar satisfeito ou preocupado.

— Você já comeu o seu café da manhã? — Perguntou.

— Tentei pegar o leite, mas ele estava muito longe.

Ele reuniu as coisas do seu trabalho e, em seguida, deu-lhe uma olhada rápida para se certificar de que ela estava suficientemente vestida para o escritório. Quando reuniu tudo, levou-a para a porta da frente ouvindo seu choramingo pelas escadas.

Ela não estava doente; ela não estava ferida. Antes que ele ligasse para o Dr. Lorenzo para dar uma olhada nela, ele iria ver se as outras fêmeas estavam se lamentando esta manhã.

Provavelmente era melhor não mencionar que os machos humanos e os Lobos haviam feito a escavação ontem, e foi um trabalho muito mais difícil do que o plantio. E nenhum *deles* estava choramingando.

Bem, os Lobos não estavam.

Ele esperou até que estivessem dirigindo para o trabalho antes de mencionar a viagem de campo.

— Por que uma viagem de campo? — Meg perguntou.

— Porque alguém desamarrou seus sapatos?

Meg franziu a testa. — Isso não faz sentido.

— Faz tanto sentido quanto a maioria das piadas humanas.

— Isso é verdade.

Simon deixou as coisas de Meg no escritório do Liaison, em seguida, perguntou se deveria se oferecer para carregá-la. Mas ela entrou por conta própria, por isso ele colocou o carro na garagem e foi até a livraria para dizer a Vlad sobre a viagem de campo e descobrir se havia qualquer outra coisa que pudesse morder seu rabo naquela manhã.

Meg caiu contra o balcão da frente e olhou para Nathan, que estava estendido na cama Lobo sob uma das grandes janelas.

Sentiu-se aliviada ao encontrá-lo no escritório. Depois de perturbá-lo tanto quando ela tinha feito aquele corte, ou, mais honesta, o *forçou* a fazer o corte, porque ela estava fora de controle, ela não tinha certeza se ele estaria disposto a trabalhar como guarda Lobo.

Ela olhou-o deitado, parecendo tão preguiçoso e confortável.

Claro, “trabalho” poderia ser uma palavra flexível.

— Se Earthday deveria ser um dia de descanso, por que todos nós trabalhamos tão duramente ontem? — Ela perguntou.

Ele levantou a cabeça apenas o suficiente para olhar para ela, grunhiu, então caiu para trás em cima da cama Lobo.

Ela ouviu uma van de entrega estacionar. — É Harry.

Soltando um suspiro tempestuoso, Nathan rolou de barriga, em seguida, levantou-se e andou o trecho que, em sua classe *Mente Quieta*, seria chamado de Lobo brincalhão, embora Merri Lee tivesse dito a ela que esse movimento era geralmente em referência a cães.

Meg observou-o por um momento antes de apoiar as mãos no balcão e recuar um pouco, o suficiente para poder acompanhá-lo.

Nathan mudou de posição, e agora estava esticando suas patas para trás e os quadris. Então ele deu a si mesmo uma boa sacudida.

— Que show, — ela murmurou.

Ele apenas bocejou, exibindo todos os seus dentes.

Harry entrou com um par de pacotes, olhou para os dois, e sorriu.

— Eu acho que todo mundo estava trabalhando ao ar livre ontem, — disse Harry. — A minha esposa e eu plantamos alguns vegetais também. Em seguida, ela queria plantar algumas flores para ter um pouco de cor; por isso mudamos o centro de nosso jardim. Você não podia se virar sem fazer novos amigos.

Ela não sabia o que isso significava e estava cansada demais para perguntar.

— Nós plantamos alguns vegetais também. — Meg pegou sua prancheta e, lentamente, escreveu a informação da entrega.

— Você deve tomar uma aspirina ou algo para ajudar com os seus músculos doloridos, — disse Harry. — E lembre-se de beber bastante água.

— Vou me lembrar. — Ela esperou até Harry partir, em seguida, caminhou para a sala de triagem para ver se havia alguma coisa que podia fazer que não exigisse ficar em pé, flexionar ou levantar. Ela queria apenas ficar sentada até chegar alguma coisa.

Beber muita água? Ela não pensa assim. Beber significava fazer xixi e fazer xixi significava forçar os músculos da coxa para dobrar o suficiente para que ela pudesse sentar no vaso sanitário. Ela já tinha feito isso esta manhã. Ela não estava ansiosa para tentar outra vez.

— Meg? — Merri Lee entrou na sala, carregando um recipiente isolado da Bite e um pequeno saco. Ela abriu o recipiente e colocou a comida na mesa. — Café, sanduíche e alguns biscoitos. — Então ela abriu a pequena bolsa e tirou duas garrafas. — Eu não tinha certeza se você costuma tomaram aspirina ou ibuprofeno, então eu trouxe os dois.

— Eu acho que nunca recebi nada parecido com isso no Composto, — disse Meg, levando um momento para recordar as imagens de treinamento de medicamentos.

Merri Lee parecia pensativa, em seguida, abriu a garrafinha de ibuprofeno e colocou duas pílulas na mão de Meg. Ela saiu da sala e voltou com um copo de água. — Eles provavelmente não lhe davam a aspirina porque isso reduz a coagulação do sangue, e isso não seria uma boa ideia para uma *Cassandra de Sangue*.

Meg engoliu as pílulas e bebeu toda a água. — Você não está ferida?

— Eu não estou *machucada*, mas estou muito dolorida, que é um ou dois níveis abaixo de *ferida*. E por estarmos doloridas, eu marquei uma entrevista com Elizabeth Bennefeld hoje para recebermos uma massagem. Eu fiz um agendamento para você depois que terminar o seu turno aqui, e para mim quando terminar o meu. Ruth e Theral também marcaram também. E Eve Denby fez uma manobra quando eu lhe disse

que havia um massagista que trabalhava alguns dias por semana na Praça do Mercado.

— O que eu faço nesse meio tempo?

— Se alongue. Só não exagere. Eu tenho que ir. Ruth está trazendo os filhotes de Lobo para HBL como uma viagem de campo para aprenderem sobre as livrarias e a maneira correta de se comportar quando você está em uma, e eu estou trabalhando no caixa hoje.

Assim que Merri Lee saiu, Meg se inclinou para frente. Na classe *Mente Quieta*, ela podia tocar a ponta dos dedos no chão. Hoje, os seus dedos pendiam um pouco abaixo dos joelhos.

Os Corvos que estavam empoleirados na parede alta que separava a área de entrega do quintal de Henry começaram a grasnar um pouco antes de Nathan calmamente dar um aviso de *arroooooed* quando outro caminhão de entrega estava parando.

Ela resmungou quando se levantou e entrou na sala da frente. Então ela franziu a testa enquanto observava da área de transferência o nome pintado na lateral da pequena van de entrega. — Blooming Flores. É novo.

Foi apenas um comentário, mas Nathan aproximou-se do balcão.

O homem abriu a porta, mas não chegou a entrar no escritório. Ele deu para Meg um sorriso nervoso. — Eu tenho uma entrega para Theral MacDonald. Estou no lugar certo?

A sensação de alfinetadas e agulhas varreu as costelas de Meg, e parecia que queria se enterrar em seus ossos.

Nathan olhou para ela, então rosnou para o entregador.

— Eu posso assinar a entrega, — ela disse esforçando-se para manter a calma.

— Então ela trabalha aqui? Disseram-me para confirmar antes de entregar as flores. — Ele levantou o arranjo de flores.

O formigamento encheu as mãos de Meg, bem como as suas costelas. — Ela vai ser capaz de pegar as flores aqui.

— Eu acho que está tudo bem Então desde que eu receba uma assinatura. — Ele caminhou até o balcão, mantendo um olho em Nathan. — É um belo animal de estimação.

— Uh-huh. — Ela olhou para a camisa do homem quando assinou pelo recebimento das flores. A camisa verde escuro tinha um logotipo de flores ao lado esquerdo, mas não tinha nenhum nome.

— Você deve manter o seu cão na coleira.

Ela deu ao entregador um sorriso vago e se perguntou que tipo de empregador iria enviar alguém para o Pátio e não dizer nada a pessoa sobre quem morava lá.

Colocar um Lobo em uma coleira!

Claro, Sam costumava usar um arnês e uma trela quando ele vinha para o escritório com ela. Poderia o homem ter ouvido falar isso de outro entregador? Ou, será que ele realmente não sabia a diferença entre um cão e um Lobo?

O entregador a estudou, e ela o estudou. Ele tinha cabelos loiros e olhos azuis. Nada incomum sobre essa combinação. Ela não conseguia se lembrar de uma imagem de formação que se encaixava na sua aparência geral. Não era bonito. Agradavelmente atraente?

Mas algo sobre ele fez sua pele formigar. *Vá embora, vá embora, vá embora!* Ela pensou ferozmente.

O caminhão de correio encostou.

— O lugar está ocupado. — Ele parecia irritado com isso.

— Sim.

— Bem, tenha um bom dia. — Ele saiu e segurou a porta para o carteiro.

— Qualquer coisa para levar? — O carteiro perguntou enquanto colocava uma mala postal em um dos carrinhos de mão que era usado para pacotes maiores.

— Hoje não, obrigado.

Ela esperou até ele pegar da caixa azul posicionada do lado de fora do consulado. Em seguida, saiu correndo para a sala de triagem. Ela não se surpreendeu quando Nathan saltou sobre o balcão e veio logo

atrás dela. Mas ela ficou surpresa quando ele passou para a sua forma humana.

Sua forma humana e nua.

— Qual o problema? — Perguntou ele.

Ela correu para o outro lado da mesa de classificação para que não precisasse vê-lo da cintura para baixo. O *nu* não era tão perturbador quando Nathan estava naquela mistura estranha de humano e Lobo, o que o fazia parecer ambos e ao mesmo tempo nenhum.

Quando ele começou a dar a volta na mesa, ela guinchou e correu para a sala de trás. — Você deve colocar alguma roupa quando está em forma humana.

Ele rosnou para ela.

Ok, ele não estava interessado em roupas, ela pensou, tentando ignorar a sua curiosidade e não espreitar suas partes, já que isso poderia ser interpretado como o envio de um sinal. Pelo menos de acordo com *O Guia de encontros para Idiotas* que ela estava lendo desde aquela... Confusão... Com Simon na noite em que ele tinha mudado de Lobo para a forma humana e ela o chutou para fora da cama. Mas o chute foi por causa do sonho dela e não por causa de Simon estar nu... E humano.

Já que Nathan não parecia se importar em ficar em uma forma ou de outra, e se ela o visse nu, talvez Lobos e os humanos não dessem os mesmos sinais?

A porta traseira do escritório foi aberta. Nathan, parecendo satisfeito, deslocou-se para forma de Lobo e voltou para a sala da frente.

Ok, o sinal foi bastante claro.

— Linguarudo, — Meg murmurou quando Simon e Vlad entraram correndo.

— Meg! — Simon disse, e mostrou os dentes. — Nathan diz que você está com coceira. Por que você está com coceira?

— Eu não estou. — Ela nem sentia mais o menor formigamento.

— *Arrooooo!* — Nathan disse, e suas patas dianteiras bateram sobre o balcão da frente para que ele pudesse ver o que estava acontecendo na sala de triagem.

Meg se virou e olhou para ele. Ele olhou para trás.

— Eu estava com coceira, mas agora eu não estou, — ela emendou, quando Simon grunhiu, claramente mais inclinado a aceitar a palavra de Nathan do que a dela.

Ela estendeu as mãos. — Não há mais espinhos. Quando o entregador apareceu, a sensação de alfinetes e agulhas começou e foi piorando. Eu me afastei do balcão da frente o mais depressa que pude.

Vlad assobiou. Simon e Nathan rosnaram.

Meg decidiu que não gostava *dessa* rosnada.

— Nós não estamos chateados com você, — disse Vlad.

Engraçado, com certeza parecia assim.

— O que foi entregue que causou os espinhos?

— Um arranjo de flor, — ela respondeu.

Assim que ela se moveu em direção à porta com a placa PRIVADO, o formigamento começou de novo em torno de sua caixa torácica. Quando chegou à porta, a sensação de alfinetes e agulhas tornou-se um zumbido doloroso ao longo de suas costelas e uma picada feroz em suas mãos. Ela esteve tão focada sobre o que ela estava sentindo e não tinha percebido que Simon e Vlad se aproximaram. Quando ela tentou se afastar, ela pisou no pé de Simon, fazendo-o ganir.

Simon a agarrou e a empurrou para o quarto dos fundos.

— Ela está bem? — Perguntou Vlad, correndo para se juntar a eles.

— Eu estou bem, — ela disse, balançando as mãos. — O formigamento está desaparecendo de novo, então deve haver algo sobre o arranjo de flores que está causando essa reação. As flores vieram de uma empresa chamada Blooming Flores. Eles nunca entregaram antes aqui. — Ela parou com esse pensamento.

— Meg? — Simon disse bruscamente. — Você ficou pálida.

— Era uma entrega para Theral, — ela sussurrou. — As flores são para Theral.

Vlad deslizou para a sala da frente. Ouviu-o pegar o telefone e dizer: — Venha para o Gabinete do Liaison. — Pausa. — Foda-se que

tenha que esperar alguém cuidar da caixa registradora. Venha aqui *agora*.

Meg piscou para ele quando ele voltou para a sala de trás. — Você xingou a Merri Lee?

— Como você sabia que eu estava falando com Merri Lee? — Perguntou.

— Ela me disse que iria trabalhar na caixa na HBL esta manhã, então tinha que ser ela, e você disse... Algo ruim.

Vlad se balançou sobre os calcanhares. — Pareceu apropriado. Devo pedir desculpas?

— Em qualquer outro momento, você teria gritado com ela por deixar a caixa registradora sem vigilância, por isso, sim, você deveria pedir desculpas. — Meg não tinha certeza se um empregador humano teria pedido desculpas, mas se alguém tivesse gritado injustamente com ela, *ela* iria querer um pedido de desculpas.

Vlad suspirou.

Merri Lee chegou correndo. Assim como Tess, cujo cabelo castanho tinha listras verdes e vermelhas e estava começando a enrolar. A voz retumbante na frente do escritório anunciou a chegada de Henry.

— O que há de errado? — Tess perguntou.

— Algo a ver com flores, — Simon respondeu. — Mas não sabemos por que elas estão causando problemas.

Determinada a encontrar uma resposta, Meg se dirigiu para a sala da frente com Merri Lee sobre os calcanhares e os três *indigenes da terra* logo atrás. Mas ela parou antes de chegar à porta privada, e colocou os braços em torno de si, querendo se arranhar até que ela pudesse alcançar o zumbido.

Meg se afastou da porta. Merri Lee passou por ela e se aproximou do balcão da frente.

— Nathan disse que não cheira a nada, só o cheiro das flores e um pouco do cheiro do homem que trouxe e de outra pessoa, — disse Simon.

— Provavelmente, o entregador e o florista. — Merri Lee estudou as flores. — Um belo arranjo agradável de flores sazonais. Eu não vejo nada aqui que pareça estranho ou perigoso, embora suponha que a maioria das flores pode ser perigosa se alguém tentar comê-las.

— Onde está o Skippy? — Meg perguntou.

Nathan e Simon suspiraram, mas era uma questão válida. Skippy estava disposto a comer qualquer coisa que parecia ou cheirava a coisa vagamente comestível.

Merri Lee virou o vaso. — Não há nenhum cartão.

— Isso é incomum? — Tess perguntou.

Merri Lee concordou.

Meg esfregou os braços, perto o suficiente da porta para ver o que estava acontecendo, e olhou para Merri Lee. — O entregador disse que eram para Theral.

— Você cheira a medo, — disse Simon. — Por quê?

Merri Lee hesitou. — Você sabe por que Theral está morando em Lakeside com a família de sua prima, e porque o Oficial MacDonald a acompanha para o trabalho e para casa todos os dias?

Simon assentiu. — Montgomery disse que ela fugiu de um companheiro que a machucava.

— Seu nome é Jack Fillmore. Ele poderia ter enviado as flores apenas para confirmar onde encontrá-la.

— O entregador chamou Nathan de cão, — Meg disse. — E ele estava irritado que o escritório estava ocupado.

— E como ele era? — Perguntou Merri Lee, em seguida, ergueu a mão. — Espere. Vou ligar para Michael e pedir-lhe para ter uma palavra tranquila com Lawrence. Talvez os MacDonalds tenham uma foto de Jack Fillmore. O resto da família pode ter jogado as fotos fora, mas eu aposto que Lawrence manteve uma, no caso de a polícia precisar.

— Theral pensou que ela estaria segura aqui, — Meg disse em seguida, e acrescentou em silêncio, *como eu*.

— Ela está segura, — Simon rosnou. — Montgomery ainda está no apartamento?

— Não, — disse Merri Lee. — Ele teve que ir para a estação. Lizzy está fazendo a viagem de campo na livraria com os filhotes de Lobo. Eve Denby disse que Lizzy poderia passar o dia com Robert e Sarah, mas o Tenente Montgomery não quer que ela deixe o Courtyard sem ele.

— Bom, — Henry roncou.

— Precisamos saber mais, mas Henry e eu temos que sair para o encontro com Steve Ferryman, — disse Simon e estudou Meg. — Está tudo bem?

— Eu estou bem. — Ela retirou-se para a sala de triagem, movendo-se para o outro lado da mesa. Longe das flores, a picada não era nada mais do que um incômodo leve.

Simon a seguiu.

— Eu estou bem, — ela disse novamente. — Vá ao seu encontro. — Ela esperou para ver se podia haver algum tipo de resposta profética para as palavras.

Nada.

— Ok, — ele disse depois de estudá-la. — Henry vai levar as flores para o consulado para que elas não possam mais incomodá-la. Vlad vai ligar e falar com a polícia.

— A lei humana não se aplica no Pátio.

— Não, mas a ameaça não está no Pátio. Além disso, o Diretor MacDonald é família para Theral, então a polícia vai saber de qualquer maneira, e querer respostas.

Ela assentiu com a cabeça. Então ela lhe deu um sorriso vacilante. — Eu não me cortei.

— Isso é bom. — Ele hesitou, mudando de um pé para o outro.

— Você não deve manter Henry esperando.

Mas ele ainda hesitou. Então ele suspirou e saiu do escritório.

— Você tem certeza de que está bem? — Merri Lee perguntou em voz baixa após Nathan se enrolar em sua cama e os demais *indigenes da terra* retornar aos seus próprios trabalhos. — Eu vou ficar se você precisar de mim.

— Estou bem.

Meg pensou por um momento. Simon era um Lobo; e as regras humanas nem sempre se aplicavam porque, mesmo quando ele parecia humano, ele não pensava como um ser humano. E ainda...

— Ele parecia... Desapontado... Quando ele saiu. Simon, eu quero dizer.

Merri Lee inclinou-se sobre a mesa de triagem. — Quando Michael e eu estamos juntos e um de nós tem que sair, nós nos beijamos como despedida. Talvez Simon tivesse gostado do equivalente ao Lobo.

Meg franziu a testa para a amiga. — Eu não vou lambar o rosto dele.

Merri Lee riu. — Ok, mas se ele está em forma humana, eu acho que um beijo na bochecha daria a mesma mensagem.

— Eu estou aqui. — Conexão. Companhia. Toque.

— Um toque na mão funciona também quando você está com uma audiência.

Algo para pensar. Meg sorriu. — Você vai deixar Vlad sozinho?

— Ele gritou comigo, então eu vou deixá-lo cuidando de si mesmo, mas eu acho que a Ruthie poderia usar uma mão extra agora.

Após Merri Lee sair, Meg abriu a porta de entrega e puxou o carrinho para a sala de triagem. Ela precisava organizar as entregas antes dos pôneis chegarem para encher suas cestas.

Mas depois que ela terminasse, ela só queria ficar parada, sem fazer nenhum esforço para trabalhar.

Conexão. Toque. *Eu estou aqui.*

Definitivamente algo para se pensar.



CAPÍTULO 35

Moonsday, Maius 14

Enquanto Simon dirigia para River Road, e Porto Ferryman, Henry respondia uma chamada de telefone após a outra. Quando um minuto inteiro passou sem o telefone gritar para eles, ele disse, — Problemas?

— Mensagens, — Henry respondeu. — Um policial chegou de Toland e quer entrevistar Lizzy. O Capitão Burke perguntou se a reunião poderia ser realizada no consulado.

— Jogada inteligente. Por que o Tenente Montgomery não pediu? É ele quem normalmente trabalha conosco.

— Talvez porque Lizzy seja a filha dele e sua pergunta poderia causar alguns problemas que não entendemos. Stavros Sanguinati também chegou esta manhã. Ele e o policial de Toland devem ter pegado o mesmo trem.

— Você acha que Stavros insistiu em andar no vagão executivo e privado?

Henry mostrou os dentes em um sorriso. — Se um desses vagões era parte do trem, eu tenho certeza que ele estava acomodado nele.

Em Thaisia, os *indigenes da terra* poderiam viajar de trem a qualquer hora, em qualquer lugar, em troca de permitir que as ferrovias fossem construídas atravessando o país selvagem para conectar as comunidades e as cidades humanas. Mas até Simon, o Tenente Montgomery e o Dr. Lorenzo, irem para o Centro-Oeste durante a caça do Controlador, os Outros não sabiam que havia um vagão com luxos, com assentos de couro e sua própria cozinha pequena e chuveiro, e não fedia a muitos seres humanos. Agora que os Outros sabiam, os seres humanos

que usavam esses vagões de luxo para ficar sozinhos e se *esconderem*, não podiam mais contar com isso.

Mesmo quando não havia um vampiro ou um shifter no vagão, os *indigenes da terra* agora observavam os seres humanos que usavam esses vagões. Foi uma sorte para os seres humanos que os Elementais, e algumas das formas normalmente invisíveis de *indigenes da terra*, davam pouca atenção à carne inteligente, a menos que provocados.

— Após a conversa da polícia com Lizzy, o Tenente Montgomery vai falar com Meg sobre as flores e o humano que entregou, — disse Henry.

— O companheiro ruim. — Este homem afastou Theral de dois outros postos de trabalho em outra cidade. Ser parente do Oficial MacDonald e morar com os seus pais em Lakeside, lhe proporcionaram alguma segurança. Trabalhar no Pátio lhe proporcionou mais.

Seria o suficiente?

Simon queria sacudir esses negócios humanos que ficavam presos com ele estes dias como brocas no pelo. Ele sabia por que as coisas tinham mudado, e ele não se arrependia da presença de Meg. Ela não só tornou mais fácil lidar com outros seres humanos; como ela fornecia entretenimento para todos no Pátio, tornando a presença de todos os seres humanos que moravam em Lakeside mais suportável.

Mas isso não significa que sua presença não era confusa.

Ela tinha amizade com Nathan. Ele estava feliz que eles se davam bem. O gabinete do Liaison não iria funcionar sem problemas se Meg e o Lobo não se dessem bem. Mas às vezes Simon se ressentia ao olhar pela janela e ver *o seu* brinquedo sibilante brincando do lado de fora com outro Lobo quando ele tinha que lidar com a estúpida papelada humana.

Mas Nathan era o que os seres humanos chamam de um amigo de trabalho. Meg não gastava muito tempo com ele longe do Gabinete do Liaison. Ela não ficava com ele para assistir televisão ou filmes. Ela não dividia a cama com Nathan, humano ou Lobo.

Essas eram coisas que ela fazia somente com *ele*, porque ele era um tipo diferente de amigo. Era quase...

Um cheiro, uma *sensação* no ar, chamou a atenção de Simon, espalhando seus pensamentos e o lembrando do motivo de ter feito algumas escolhas ao longo dos últimos anos.

— Se os *indigenes da terra* que trabalham em Pátios se tornarem humanos demais, eles se tornam o inimigo? — Ele perguntou em voz baixa.

Henry virou a cabeça, seu cabelo castanho desgrenhado chicoteava pelo ar que entrava pelas janelas. — Você está perguntando para si mesmo ou por outro motivo?

— Você sente o cheiro?

Henry desviou o olhar e não disse nada. Então — Sim, eu sinto o cheiro. Este cheiro não estava aqui da última vez que dirigimos para a Ilha Grande. É um lembrete de quão longe estamos agora dos *indigenes da terra* que moram na parte mais selvagem do país selvagem.

Também significava que as ondulações causadas pelas ações precipitadas que os seres humanos tinham feito ao longo dos últimos meses tinham atingido o país selvagem primitivo, perturbando os tipos de *indigenes da terra* que normalmente não passavam tão perto de uma habitação humana quando suas intenções ainda eram benevolentes.

O país selvagem era um termo para todas as terras que os seres humanos não foram autorizados a usar, mas o *selvagem* tinha níveis diferentes, como os círculos de um alvo. O centro era onde os humanos ficavam. O primeiro círculo continha os *indigenes da terra* que poderiam mudar e passar por humanos, pelo menos o suficiente para interagir com os intrusos e receber os bens acordados devido à remuneração pelo uso de alguma terra, isto é, os Outros que trabalhavam nos Pátios ou moravam nos seus próprios assentamentos perto de aldeias humanas, a fim de manter a guarda. O próximo círculo era de *indigenes da terra* que gostavam de alguns itens que os seres humanos faziam, mas não queriam contato com eles. Esses dois círculos serviam de tampão com alguns quilômetros entre os seres humanos e o país selvagem que era não marcado pela influência humana em todos os sentidos. Além desse amortecedor...

A forma que eles tomavam quando não andavam na sua forma *indigene da terra* não tinha nome. Seus passos eram como um trovão silencioso sentido sob pedras e grama. Mesmo os shifters poderosos, como os Lobos, Ursos e Panteras não eram páreos para eles. Eram os dentes e as garras de Namid.

E os demais *indigenes da terra* se referiam a eles como os Anciãos.

— Colheita, — Simon disse. — Manancial. Fazendas. Rodas e teares. Moinhos de vento e rodas de água. Anos atrás, quando os humanos foram erradicados de uma parte de Thaisia, o que foi deixado para trás tornou-se casas para os outros seres ou silenciosamente se tornaram parte do mundo novamente. A ausência de seres humanos não fez diferença. Os *indigenes da terra* já tinham aprendido a construir suas próprias cabanas de madeira; como fiar e tecer o tecido e os cobertores que queríamos; como cultivar da nossa própria maneira e armazenar a colheita para os dias de fome. Nós poderíamos fazer tudo isso sem absorver muito. Mas agora...

Henry soltou um suspiro. — Agora, se os seres humanos não estiverem por perto para cuidar do que eles fizeram e construíram; essas coisas não se tornariam silenciosamente parte do mundo novamente. Pelo menos, não por muito tempo. — Ele virou a cabeça e o ar tirou seu cabelo do rosto. — É por isso que você está tão interessado nesta Comunidade River Road e em alimentar uma matilha de seres humanos em nosso Pátio?

Simon assentiu. — Vai acontecer novamente. Os seres humanos irão empurrar os *indigenes da terra* até nós os destruírmos. As drogas que estavam sendo feitas do sangue da *Cassandra de Sangue* foram apenas o começo do problema. Mesmo sem as drogas, o problema ainda está se espalhando. É como pegar o cheiro de fumaça, mas não ser capaz de localizar o fogo. Nenhum dos *indigenes da terra* que trabalham perto das fazendas que controlam consegue entender por que os humanos estão alardeando que há uma escassez de alimentos, ou por que eles vão passar fome este ano. Não há nenhuma razão pela qual eles *devam* passar fome, pelo menos na maioria dos dias.

— Isso é verdade para todas as criaturas de Namid, incluindo nós.

— Nós *sabemos* que nem todos os dias nós iremos terminar com uma barriga cheia. Todos no mundo, *exceto* os seres humanos sabem disso. Mas o medo da fome pode deixar os humanos olhando para as *nossas* terras, e a raiva do que eles não podem tomar está se construindo. Pelo menos algumas regiões de Thaisia estão se encaminhando para uma luta por território.

— Então você está tentando descobrir se os *indigenes da terra* podem ser suficientemente humanos para substituir os humanos, sem perder o que somos?

— Sim.

Silêncio. Em seguida, Henry disse: — Isso explica por que você está interessado em ajudar os Intui na Ilha Grande e a matilha humana do Courtyard. Eles são um experimento. — Ele fez uma pausa. — E o tempo que você gasta com Meg também é uma experiência?

— Não, — Simon disse, engolindo o desejo de segurar uma resposta. Não seria inteligente irritar Henry quando eles estavam em um veículo em movimento e ele não podia desviar de um golpe. — Talvez seja. Ela está aprendendo sobre nós; nós estamos aprendendo com ela. E ela e eu... Estamos aprendendo juntos.

Outro silêncio. — Bom, — disse Henry.



CAPÍTULO 36

Moonsday, Maius 14

Jackson Wolfgard deu algumas respirações confirmando se havia cheiro de sangue antes de abrir a porta do quarto da menina cicatrizada. Quando ele não pegou qualquer cheiro de sangue, ele entrou e colocou o prato de comida sobre a mesa antes de estudar a menina esparramada sobre a cama. Ela piscou para ele, depois bocejou, mostrando uma boca cheia de dentes delicados e saudáveis.

— Eu trouxe uma coisa para você comer. — Ele deu um passo na direção da cama, curioso sobre os desenhos que ela tinha feito. O primeiro parecia um desenho da colcha de retalhos. Ele não tinha certeza do que o segundo deveria ser. Mas o terceiro desenho...

— O que é isso? — Ele perguntou, apontando para o terceiro desenho.

— É o que eu ouvi na noite passada.

Jackson olhou para terra iluminada pelo luar. Dois Lobos estavam com suas cabeças levantadas uivando uma canção. Fumaça saindo de suas bocas, subindo para o céu noturno, onde tomava as formas de bisões e alces, alces e veados, cabras da montanha e coelhos.

— Você desenhou a nossa música.

A menina enfiou as mãos nos sovacos, como se sentisse a necessidade de protegê-la. — Eu fiz algo de errado?

— Não. — Ele pegou o desenho e viu seus olhos se encherem de arrependimento. — Eu gostaria de mostrar isso para os Lobos Wolfgard mais velhos. Vou trazê-lo de volta.

— Posso... — Ela não encontrou os seus olhos. — Eu poderia colocá-lo na parede?

— Sim.

Agora, ela olhou para ele. Apenas um filhote com medo de ser punido por seguir seus instintos. O que significava que os humanos no Composto *tinham* castigado a menina por desenhar as imagens. Por quê?

Ele precisava dizer alguma coisa. — A grama não tem a mesma cor verde como as folhas, e as águas podem ter diferentes tons de azul. Eu posso ir até o posto de troca hoje e ver se eles têm mais lápis... Se ter mais cores não for perturbador para você.

— Eu gosto de cores.

Ele virou-se para sair.

— Eles iriam cortar os meus dedos naquele lugar. Eles iriam cortar os meus dedos, porque eu precisava desenhar e eles queriam que eu servisse apenas para fazer os cortes.

Ele saiu da sala e gentilmente fechou a porta.

Grace olhou para ele, seu sorriso desaparecendo quando ela estudou o seu rosto. — O que há de errado? — Ela cheirou o ar.

Ele virou o desenho de modo que ela pudesse vê-lo.

— Como ela sabia? — Grace perguntou, olhando para o desenho.

— Isso é algo que eu vou perguntar para a Meg, a Guia. Agora eu quero mostrar para os nossos anciões. Então eu preciso fazer uma viagem para o posto de comércio Intui.

— Você deve comprar uma moldura para o desenho do sangue doce.

— Pode vir comigo para pegá-lo?

Grace era uma Loba branca que veio do Alto Noroeste como um juvenil e, eventualmente, encontrou seu caminho em Sweetwater. Ela poderia passar por humana, mas seu cabelo permanecia branco com fios cinza claro. Combinado com um rosto jovem, ela parecia diferente e chamava a atenção, e isso a deixava desconfortável.

— Havia estranhos no posto de negociação quando fui lá semana passada, — disse ela. — Eu não gostei do perfume deles. E acho que os Intui também não gostaram.

Ele se aproximou. — Você deveria ter me contado.

— Eu disse aos anciãos. Eu acho que os Corvos estão vigiando a aldeia, e as Águias estão prestando atenção nas estradas e nos veículos que vem em nossa direção. — Ela bagunçou seu cabelo. — Eu irei com você. Acho que qualquer um de nós não deve visitar o posto de troca sozinho. Não por um tempo.

Ele queria ser seu companheiro, e ela estava pensando em aceitá-lo. Ele queria que ela passasse o tempo com ele, mas ele não queria que ela fosse agora, porque ela achava que um Lobo solitário estaria em perigo. Se havia problemas na vila Intui, ela estaria em perigo também.

Mas o *Intui* não tinha dito nada sobre estranhos em sua aldeia quando ele respondeu ao seu pedido de ajuda com a menina com cicatrizes. Isso era algo mais em que pensar.

Jackson cuidadosamente enrolou o desenho e saiu com Grace. Ele parou por tempo suficiente para atribuir outro Lobo para ficar na cabana onde estava o sangue doce e não deixá-la sozinha. Então ele e Grace foram ver os anciãos antes de pegar um dos dois veículos do assentamento e dirigir até o posto de troca.

Quando ele voltasse, ele iria enviar uma mensagem para Simon Wolfgard, perguntando se o sangue doce poderia revelar visões e profecias de outras maneiras além de cortar sua pele.



CAPÍTULO 37

Moonsday, Maius 14

Monty moveu-se rapidamente quando ouviu a voz elevada vindo do escritório do Capitão Burke.

— Eu passei sete horas em um trem, preso em um vagão com um vampiro. Espero alguma cooperação, Burke.

— Cooperação eu posso te dar. Quanto ao resto, não posso dar o que eu não tenho, — Burke respondeu quando olhou para a porta. — Tenente, venha e conheça o Capitão Felix Scaffoldon da Unidade de Investigação de Crimes de Toland. Capitão, este é o Tenente Crispin James Montgomery.

Monty entrou no escritório de Burke. — Você tem alguma notícia sobre o que aconteceu com Elayne?

Scaffoldon deu a Monty uma boa olhada. — Você foi dar uma volta, Tenente? Eu acho solidarizar com os Lobos tem suas vantagens, se você não tem que se apresentar ao trabalho no horário. Vamos falar mais. — Ele afastou o olhar de Monty de um jeito desdenhoso, e olhou para Burke. — Agora eu quero ver a menina.

Monty se adiantou, forçando Scaffoldon a incluí-lo. — Você veio até Lakeside para entrevistar Lizzy? Nós não enviamos uma cópia da entrevista dela?

— Ele recebeu, — Burke respondeu antes de Scaffoldon. — Mas o Capitão está realmente mais interessado em recuperar a *evidência* física, e já se ofereceu para receber a prova para a sua investigação.

— Sim, eu preciso levar aquele urso de volta para Toland, — Scaffoldon estalou. — Deixá-lo aqui não vai nos ajudar a encontrar um assassino. — Quando ele disse *assassino*, ele olhou para Monty, e fez

isso de uma forma que deixou claro que ele acreditava que Monty *era* o assassino, apesar da impossibilidade física de ser capaz de viajar para Toland em um curto período de tempo. — Mas a família da criança quer que ela volte para Toland, então eu vou levá-la comigo.

— Minha filha vai ficar comigo, — Monty disse tranquilo.

— “Filha” está sendo alegada. A mãe da senhora Borden está questionando se você é, de fato, o pai da criança.

Monty puxou um documento do bolso do terno e entregou-o a Scaffoldon. — Aqui. Você pode levar isso para Celia Borden.

— O que é isso? — Scaffoldon não se preocupou em olhar.

— Quando os documentos legais da pensão da criança foram escritos, Elayne não expressou nenhuma dúvida de que *eu era* o pai de Lizzy. Ela não teve dúvidas quando Lizzy nasceu e a certidão de nascimento foi preenchida. Ela não teve dúvidas, e nem Celia Borden, durante os anos em que Elayne, Lizzy e eu moramos juntos em Toland. Eu *sei* que eu sou o pai de Lizzy, independente do que Celia Borden está dizendo agora. Eu sou o parente mais próximo de Lizzy, e eu posso apoiá-la. Então *minha filha* vai ficar comigo. O que eu te dei foi uma fotocópia dos documentos de custódia que foram assinados e testemunhados esta manhã.

O alívio que ele sentiu quando assinou os papéis o deixaram cambaleante. Celia Borden nunca havia demonstrado qualquer interesse em Lizzy, e Monty não achava que ela quereria a custódia por sentimentos de carinho pela menina. Celia só queria a menina por algum fácil acesso, por algum motivo, e independente do motivo, ele tinha certeza de que não era para o benefício de Lizzy.

O rosto de Scaffoldon estava impregnado de raiva. Parecia que ele queria rasgar os papéis e jogá-los no chão.

— Eu quero ver a menina, — disse Scaffoldon.

Burke deu o seu sorriso feroz, amigável e gelado. — Ela está em uma casa segura. E se você insistir em vê-la, eu irei arranjar para você entrevistá-la. Vou pedir para trazerem o urso do setor de provas. Você pode levá-lo com você, assim você não terá que voltar aqui após a

entrevista. — Ele fez um show olhando para o relógio. — Ela vai estar disponível em uma hora.

— Eu vou entrevistá-la aqui.

— Não, você não vai.

Scaffoldon olhou para Monty e Burke. — Por todos os deuses, onde vocês esconderam a menina?

O brilho gelado nos olhos azuis de Burke combinava com o seu sorriso. — Ela está no Courtyard de Lakeside.



CAPÍTULO 38

Moonsday, Maius 14

Eles se encontraram no prédio do governo na Ilha Grande, na sala de conferências que Steve Ferryman tinha reservado para esta reunião.

Simon estudou a mulher sentada na frente dele, mas ele não sabia a maneira correta de descrever Pam Irlanda. *Gorducha? Sólida? Compacta?*

Aqueles eram termos humanos. Como ele não deveria pensar se ela teria carne suficiente para alimentar uma matilha, ele pensou em outras palavras mais relevantes.

Sincera. Sim, era uma boa palavra para descrever o que ele estava sentindo. E...

— Você cheira como um cão, — ele disse.

— Como o Ben, — ela respondeu com um sorriso fácil. — Ele é um golden retriever. Ele ainda é jovem, então ele é um pouco pateta, mas ele é ótimo com crianças.³

Simon inclinou a cabeça. — Pequenos seres humanos ou cabritos?

Ela riu. — Ele nunca viu um cabrito, crianças mesmo.

— Ele vai se ficar aqui, — Steve disse sentando ao lado dela. — Assim como as Raposas, Ursos e Coiotes, para citar alguns. Há alguns cães e gatos na Ilha. Os animais trabalham na maior parte. — Olhando para Simon e Henry, ele acenou com a mão para indicar Ming Beargard. — Até que Ben chegou e deixou claro que, para ele, um Urso cheira como um Urso, mesmo se ele está usando pêlos ou a pele humana, não nos ocorreu que os animais daqui não respondem aos *indigenes da terra* da

³ Aqui é usado um termo em inglês que pode se referir tanto a crianças pequenas quanto a cabritos.

mesma forma que um animal que não cresceu perto de seus perfumes. Pobre Ben, ele gastou metade do seu dia se escondendo.

— Apesar disso, ele tem sido uma espécie de cobertor de segurança peludo para as meninas, — disse Pam. — O Sr. Ferryman falou que há algumas pessoas que precisam decidir sobre o meu emprego aqui...

— Mas eu queria ver como a Senhorita Irlanda trabalhava com a informação que a Senhorita Corbyn já havia fornecido, — Steve interrompeu. — Então eu dei-lhe permissão para trabalhar com as meninas por algumas horas.

— E? — Disse Simon.

— Eu gostaria de ter tido esse conhecimento para aplicar em alguns lugares onde trabalhei, — disse Pam. — Mais do que isso, eu gostaria de ter tido essa confirmação para juntar com as minhas impressões quando eu trabalhei com algumas meninas nesses *Centros de Reabilitação*. Eu tinha um sentimento que algumas coisas iriam funcionar, e poderiam aliviar o sofrimento de algumas meninas mais experientes, mas eu não tinha nenhuma prova e os meus sentimentos e intuições não foram suficientes para os administradores.

Simon pensou na amargura repentina em sua voz, e achou interessante. — As meninas morreram?

— Algumas tentativas de suicídio foram bem-sucedidas. Mas depois de conhecer um pouco a *Cassandra de sangue*, eu estou querendo saber se essas meninas realmente estavam tentando se matar, ou apenas se cortaram por uma razão diferente e tiveram o azar de sangrar antes que alguém as encontrasse.

Opinativa. Essa era outra palavra para esta fêmea. Ele apostava que ela expressava muito mais opiniões do que suas funcionárias da matilha do sexo feminino. Claro, seus ex-empregadores provavelmente não tinham um bom conjunto de presas entre eles.

— As jovens profetisas não podem continuar morando na cama e com apenas café da manhã, — disse Ming. — Mesmo depois de simplificar

seus quartos como a sua Meg sugeriu, o lugar está *cheio* demais para elas.

— E Lara e Margaret precisam ganhar a vida, — Steve disse. — A aldeia está pagando pela alimentação das meninas, mas não podemos fazer isso para sempre também.

— Você não pode afastá-las para obter lucro, — Simon rosnou.

— Claro que não! — Steve raspou os dedos pelos cabelos. — Mas nossa vila não tem muitos recursos sobrando.

Simon sentou-se ereto na cadeira. O Courtyard de Lakeside tinha muito dinheiro. Pam Irlanda poderia ser contratada pela Associação Empresarial do Courtyard, e trabalhar para Steve Ferryman como zeladora das profetisas de sangue. E ela poderia se encontrar com o Dr. Lorenzo no consultório médico da Praça do Mercado, para falar sobre as meninas e decidir o que seria colocado em seus relatórios da força-tarefa.

Sim, isso poderia funcionar para todos eles.

— Você tem algumas ideias? — A pergunta de Henry para Ming colocou Simon de volta para a discussão mais imediata.

O Urso Negro concordou. — Os *indigenes da terra* estão falando conosco, e nós já conversamos com os líderes *Intui*. Nós daremos trinta acres para construir uma casa grande para a *Cassandra de Sangue*.

— Trinta acres? — Simon disse, surpreso. — O que cinco jovens meninas irão fazer com trinta acres? Elas não sabem como caçar ou pescar ou mesmo cavar para cultivar o alimento.

— Nós vamos construir a habitação, começando com o que precisamos, mas o planejamento é para um total de cem meninas morando nesse campus, — disse Steve.

— *Campus* — Simon mostrou os dentes e percebeu que seus caninos não estavam do mesmo tamanho do humano, quando os olhos de Pam se arregalaram. — Isso é outra maneira de dizer *Composto*?

— Não. Bem, sim, de certa forma. — Steve soltou um suspiro. — Não é um lugar com paredes e portas trancadas. Nós não estamos falando de qualquer coisa assim. Mas um lugar onde a *Cassandra de Sangue* possa viver e estudar. Um lugar que será mais parecido com uma

escola particular, mas terá trilhas para caminhadas e córregos. Jardins onde elas podem cultivar alguns dos seus próprios alimentos e ter uma conexão ativa com o mundo. Uma pequena quinta com algumas vacas leiteiras e galinhas, onde as meninas podem ajudar a cuidar. Talvez uma cabra ou duas. E Jerry Sledgeman disse que iria conversar com a família de Liveryman sobre a doação de um par de pôneis.

— Nós esperamos que as meninas sejam capazes de futuramente sair do campus e trabalhar em uma pequena comunidade como Porto Ferryman quando atingirem a idade adulta, — disse Pam. — Mas eu acho que você tem que se preparar para o fato de que algumas dessas meninas nunca serão estáveis o suficiente para viverem fora de uma instalação supervisionada.

— E algumas vão morrer, independente do que alguém tente fazer para ajudá-las, — Henry terminou, balançando a cabeça.

— Você tem os trabalhadores que podem construir este campus? — Perguntou Simon. O que Meg diria sobre as profetisas de sangue sendo movidas de um tipo de lugar confinado para outro? Será que *ela* se sentia confinada? Trinta acres não eram muito para um Lobo. Por outro lado, os trezentos acres que compunham o Courtyard de Lakeside eram cercados por uma cerca que definia os limites. Será que *Meg* se sentia confinada?

Algo a perguntar a ela esta noite.

— Nós temos os trabalhadores, — Steve respondeu. — Temos um arquiteto que pode desenhar as linhas de construção limpas, dando atenção à mistura de privacidade e proteção. Não como um projeto básico, como as casas que os *Simple Life* preferem, mais em sintonia com Porto Ferryman.

Quando Steve hesitou, Ming disse: — O que os *Intui* e os *indigenes da terra* da Ilha Grande não têm é dinheiro para comprar a madeira e os tubos e as outras coisas que entram nas tocas humanas.

<Isso é algo a discutir entre nós,> Simon disse, olhando para Pam.

<As meninas como ela,> Ming disse. <Eu acho que Steve gostaria de colocá-la no comando do campus quando for construído.>

<Ela já conheceu Jean?>

<Falamos com ela sobre Jean e Steve foi à fazenda Gardner para dizer a Jean sobre Pam Irlanda. Mas elas não se encontraram ainda, Jean ainda não está pronta.>

Simon se virou para Pam. — Você está contratada para trabalhar com as meninas que moram em Porto Ferryman. Agora vá embora.

Ela piscou várias vezes antes de olhar para Steve, que balançou a cabeça e disse: — Obrigado, Pam. Falaremos mais assim que eu terminar aqui.

Ela deixou a sala com pressa controlada.

— Isso foi rude, — Steve disse.

— Não, — Simon corrigiu. — Ameaçar comê-la se ela não deixasse a sala teria sido rude, já que os funcionários não são *comestíveis*. Mas as decisões precisam ser feitas, e ela não é parte disso.

— A comunidade River Road, — Henry roncou, cortando qualquer coisa que Steve pudesse ter dito. — Simon teve de lidar com outras coisas nos últimos dois dias, então Vlad e eu falamos com os *indigenes da terra* que já ouviram falar sobre aquela terra.

Simon olhou para o Urso. Assim como Ming e Steve.

— Há alguns Sanguinatis morando em uma das casas, — Steve disse cautelosamente. — Quando eu fui com uma equipe verificar as casas e fazer uma lista do que seria necessário, eles saíram para investigar e disse que eles tinham permissão para a ocupação.

— Nós demos a permissão, — disse Simon. — E Erebus Sanguinati também lhes deu permissão. Conte-me sobre as casas.

— Não estão em má forma, — disse Steve. — Precisam de alguns cuidados básicos e todas poderiam contar com alguns reparos. O edifício industrial precisaria de um trabalho significativo para ser convertido em algo que poderia ser usado quando alguém descobrir como ele será usado.

— A nossa principal preocupação são os seres humanos que conseguiram escapar de Talulah Falls tentarem alegar e reaver essas casas e a terra, — disse Ming.

— É por isso que precisamos ter mais do que um punhado de vampiros jovens nessas casas, — disse Simon.

— Que tipo de pessoas você tem em mente? — Perguntou Steve.

— Uma comunidade mista. Os Intui, os humanos que o movimento HPU chama de amantes de Lobo, e os *indigenes da terra*. — Simon estudou os outros quatro homens. — Neste momento, Talulah Falls é um lugar perigoso.

— O Crowgard me disse que os *indigenes da terra* que tomaram o dever de manter essa cidade sob controle disseram que estão separando os seres humanos úteis daqueles que são só carne. E existe muito mais carne na cidade, — disse Ming.

— A animosidade entre os seres humanos e os Outros é mais combustível para o movimento HPU. — Simon fez uma careta. Algo que Ming tinha imaginado como um pensamento que dava coceira. — Como estão esses seres humanos que escaparam de Talulah Falls? — Os *indigenes da terra* que controlavam essa cidade tinham levado um Ceifador como Executor principal. Como os seres humanos passaram por ele?

— Um grupo de humanos criou uma distração, — disse Steve. — Eles causaram um tumulto, de modo que quando os Outros foram lidar com eles, outro grupo de pessoas do outro lado da cidade conseguiu escapar a pé, levando apenas o que eles podiam carregar. — Ele se mexeu. — Pessoalmente, acho que os Outros estão deixando as pessoas escaparem. Agora que a raiva inicial com os humanos já passou, tenho a sensação de que, se pudessem encontrar uma maneira de manter as indústrias necessárias operando, eles iriam deixar todo mundo sair. O que eles não estão considerando é que as pessoas no movimento HPU provavelmente vão considerar essa fuga como uma espécie de vitória sobre os *indigenes da terra*, mesmo se as pessoas não sobreviverem tempo suficiente para chegarem à outra aldeia humana.

— A vitória implica em uma luta, e não há nada a ser adquirido em uma luta conosco, — disse Henry. — Os humanos não podem vencer.

Simon levantou a mão, sinalizando que todos deveriam ficar quietos.

Distrações poderiam acontecer em outro lugar. Como algo sendo reivindicado como uma vitória, mesmo que ninguém sobrevivesse; era como apanhar o cheiro de um fogo tão distante que você não poderia fazer nada sobre isso, mesmo sabendo que uma mudança no vento poderia trazer o fogo para perto de sua toca com pouco tempo de aviso.

— Os humanos em Thaisia não podem vencer uma luta contra os *indigenes da terra*, — ele disse calmamente. — Então por que o movimento HPU está tentando começar uma briga aqui? O que eles ganham quando sabem que vão perder?

Os olhos de Steve se arregalaram. — Distração. Criar uma distração para tirar a atenção de determinados lugares em outro lugar, ou outra coisa.

— Lobos atacam outro predador para afastá-los dos filhotes. Não é uma luta séria, embora possa se transformar em uma. Eles apenas importunam e beliscam, forçando o predador para lidar com eles, enquanto outros membros do bando levam os filhotes para a segurança.

— O movimento HPU poderia ser a distração e aquele que incomoda para nos manter ocupados, com outros seres humanos, com foco sobre eles, — disse Henry. — Mas o que eles estão protegendo? Toda vez que você está contra outro predador, você corre o risco de ser ferido ou morto. O que vale a pena esse risco?

— Ser capaz de controlar toda a comida, toda a água e todos os recursos, — disse Steve.

— Os humanos não podem ganhar uma luta contra nós, — disse Simon. — Não aqui, onde as cidades estão separadas por milhares de quilômetros do país selvagem. Mas em algum outro lugar onde os humanos pudessem ter comida extra e suprimentos para sustentar uma luta?

Steve se inclinou para frente. — Você acha que o movimento HPU daqui seja uma distração para enviar os recursos para o movimento HPU em Cel-Romano? Que eles estão sendo enganados para enviarem o

máximo de suas fontes, o quanto possível, tantos, na verdade, que estão criando essa escassez de alimentos aqui? Deuses acima e abaixo, se eles realmente acreditam que tudo o que acontece no Cel-Romano irá beneficiá-los, você nunca irá convencê-los do que estão realmente fazendo.

— Não importa se os seres humanos em Cel-Romano irão ganhar ou perder essa luta com os *indigenes da terra*; os humanos em Thaisia irão perder, — disse Ming.

Simon assentiu. — Eles vão perder. Mas o movimento HPU é como uma erva invasora que criou raízes e se espalhou pelas comunidades humanas em todo o continente. Nós não conseguiremos convencer os humanos que estão enredados sobre o que está sendo criado ou que eles vão perder. Precisamos proteger nossas próprias matilhas da melhor forma possível e que ambos tenham uma melhor chance de fazer isso se trabalharmos juntos.

— Concordo, — disse Steve.

— É por isso que precisamos que a Comunidade River Road seja habitada por um grupo de humanos e *indigenes da terra* que irá nos ajudar a defender a rota entre Lakeside e Porto Ferryman. — *E que sejam tolerados pelos indigenes da terra no país selvagem que foram perturbados pelas ações recentes dos seres humanos.*

— Ok, o que vamos fazer? — Perguntou Steve.

— Estou falando com os *indigenes da terra*, — disse Henry. — A palavra que tem viajado é que o Courtyard de Lakeside vai ser um campo de treinamento para os Outros que precisam de lições mais detalhadas para interagir com os humanos. Eu tenho conversado com os líderes Panthergard das regiões ocidentais, assim como o Lynxgard das regiões Nordeste e Alto Nordeste.

— Alguns gatos querem vir para Lakeside? — Simon tentou não lamentar. Um Lobo poderia superar um lince se necessário, mas um dos gatos conhecidos como Pantera ou Puma? Não se houvesse uma escolha. Eles eram maiores, e mais pesados do que os Lobos.

Ideal como Aplicadores para a nova comunidade?

— Eles perguntaram sobre o treinamento em Lakeside, mas não querem morar lá, — disse Henry. — Mas em River Road, algumas casas podem ser reservadas para vários gards que queiram passar mais tempo aqui antes de retornar ao seu antigo território.

Eles levaram uma hora para chegar a um plano de trabalho. A Comunidade River Road tinha quarenta e cinco casas com dois quartos duplos, com garagens para compartilhar e o quintal em comum. Quinze casas seriam reservadas para os *indigenes da terra*. Vinte e cinco estariam disponíveis para os humanos que queriam ajudar a construir esta comunidade, e que tivessem a aprovação tanto dos Intui, quanto dos *indigenes da terra*. As outras cinco, as mais próximas do centro de River Road, se tornariam o centro de negócios. Por enquanto, a instalação industrial poderia ser usada para armazenamento.

Os Intui iriam fornecer a mão de obra para deixar as casas em forma o mais rápido possível. O Courtyard de Lakeside iria fornecer o dinheiro para comprar os materiais necessários. Algumas áreas plantadas seriam reservadas para criar os jardins para que os moradores pudessem cultivar alguns dos seus próprios alimentos, e não haveria um pasto comum cercado para gado. Mas ainda haveria uma abundância de terra aberta para aqueles que preferiam caçar seu alimento em vez de cultivá-lo.

Ao Oficial responsável Roger Czerneda, o Oficial da polícia em Porto Ferryman, seria oferecido uma casa na Comunidade River Road em troca de expandir o seu trabalho, incluindo a comunidade e a estrada que a ligava à Ilha Grande.

Não seria fácil para os humanos e os *indigenes da terra* viver tão perto um do outro. Mesmo em um lugar como a Ilha Grande, onde Intui e Outros tinham trabalhado juntos por gerações fornecendo comida e abrigo e protegendo os moradores da Ilha, eles não tinham tentado viver lado a lado. Ninguém tinha considerado tal coisa, até Meg começar a morar no Complexo Verde e mostrar a alguns *indigenes da terra* que poderia ser feito.

Nenhum deles disse isso, mas Simon entendia que parte de Panthergard e o interesse de Lynxgard em Lakeside era a profetisa de sangue que mantinha a doçura no coração de uma criança. Meg era a lenha que havia começado um tipo diferente de fogo entre os humanos e *indigenes da terra*, ela era um fogo que queimava de forma brilhante e pura, nada parecido como a chama do movimento HPU mantida por Scratch.

Esperança ou o ódio? Qual seria o fogo que queimaria Thaisia?



CAPÍTULO 39

Moonsday, Maius 14

Sozinho no quarto dos fundos do Gabinete do Liaison, Nathan colocou a camisa azul xadrez e os seus jeans. A camisa teria sido mais fácil de usar em dias mais quentes, mas Michael Debany tinha lhe dito que seria muito casual para uma reunião oficial. E esta era uma reunião com um policial de Toland que era um estranho e, embora ainda não confirmado, poderia muito bem ser um inimigo.

E esta era a razão pela qual ele iria assistir esta reunião: porque o policial de Toland poderia ser um inimigo. Considerando que Nathan era o Executor, e ele conhecia Lizzy, a Associação Empresarial do Courtyard pensou que ela seria capaz de contar sua história honestamente se ela se sentisse segura.

Pelo menos ele não seria confundido neste momento, se a Lizzy se transformasse em uma cachorra chorona. Meg não iria nessa reunião, não precisaria de sua proteção contra o estrangeiro, ou da Lizzy. Não era totalmente culpa da Lizzy que Meg tinha precisado se cortar. Mas culpa ou não, Meg foi forçada a fazer o corte e Lizzy ficou com medo.

— Por que você está roncando? — Meg perguntou quando ele entrou na sala de triagem.

— Eu não estou.

— Sim, está.

Ele deu de ombros, não querendo admitir que os seres humanos fossem mais difíceis de lidar quando você não poderia dar-lhes uma mordida letal ou mesmo uma lição mais acentuada.

Em seguida, ele pegou algo no cheiro de Meg e se inclinou sobre ela. — O que está errado?

— Nada.

— Você... — Provavelmente não deveria dizer que ela não cheirava bem. Nos livros que tinha lido recentemente, as fêmeas humanas ficavam irritadas quando um homem comentava sobre o seu cheiro, a menos que ele dissesse que era um cheiro *bom*. — Você parece chateada.

Nathan deu a volta na mesa, olhando para os catálogos e envelopes. Não havia nada perigoso. Mas o envelope que Meg estava segurando tinha seu nome nele. Ninguém escrevia para Meg.

— Deixe-me ver isso. — Ele estendeu a mão, não poderia agarrá-lo dela. Papel poderia cortar também.

Meg deu-lhe o envelope. — Eu nunca recebi uma carta antes. É uma coisa nova.

— Uma coisa nova e assustadora? — Ele olhou para ela, e poderia dizer pelo olhar em seus olhos que ela estava se lembrando de imagens de treinamento em uma tentativa de corresponder a sua própria experiência.

— Um pouco, — ela finalmente disse. — Não é porque eu recebi, mas porque eu não sei o que está dentro. Algumas imagens de formação mostravam uma pessoa segurando um envelope e parecendo animada ou feliz. Outras imagens mostravam uma pessoa parecendo com medo ou triste.

— Como você se sente? — Ele perguntou, em parte por curiosidade e em parte para que ele pudesse relatar um perigo potencial para a Meg.

— Animada e com medo, — ela decidiu.

Nathan estudou o envelope. O endereço de retorno era Fazenda Gardner, Ilha Grande, NER, que era o código postal para Porto Ferryman. Ele cheirou o envelope, pegando o cheiro de galinhas, vacas, humanos e feno.

— Cheira como uma fazenda. — Ele disse, entregando-o de volta para ela.

Ela olhou para ele, então cheirou o envelope. — Se você diz.

— Quer que eu abra?

Meg sacudiu a cabeça. — Não estou pronta para o que está dentro. Os Corvos sobre a parede exterior crocitaram um aviso.

— A polícia está aqui, — disse Nathan. — Eu tenho que ir. — Ele hesitou. Algo não estava bem com ela. — A carta é uma coisa nova, mas não é por isso que você cheira... — Voltou para cheirá-la novamente.

— Eu fiz a coisa certa, não fazendo um corte quando as flores foram entregues? — Meg perguntou.

Preocupação. Um pouco de medo. *Isso é o que ele cheirava nela.* Será que ela realmente achava que ele diria qualquer coisa que pudesse incentivá-la ou dar-lhe uma desculpa para se cortar? Simon iria fazer picadinho dele. E se Simon não o fizesse, os Sanguinatis certamente o fariam. Vlad tinha dito isso *muito* claramente.

Nenhuma dessas coisas era importante no final. Ele trabalhava como um Executor. Ele protegia os residentes do Pátio. Ele tinha ficado um pouco complacente como guarda Lobo porque ele não tinha compreendido que Meg tinha um inimigo que estava sempre por perto: *ela mesma.*

— O que você poderia ter aprendido com um corte que nós não aprendemos apenas com a sua pele formigando? — Ele perguntou. — Nós sabemos que as flores são para Theral, e nós suspeitamos que foram enviadas pelo companheiro que ela fugiu porque ele a machucava.

— Não sabemos ao certo, — Meg disse.

— Nós não precisamos ter certeza, Meg. Nós estamos em guarda agora. Vamos manter a guarda. Theral está protegida aqui. E ela é parente de um policial. Os dentes de MacDonald não são de muito uso em uma luta, mas ele tem uma arma, então ele vai protegê-la também. — Quando ela não disse nada, ele pressionou porque ele não podia sair até que tivesse certeza que Meg não iria tornar-se seu próprio inimigo. — E a sua pele ainda está formigando?

Meg sacudiu a cabeça. — Não desde que as flores foram levadas.

Ele bateu no envelope. — Sente picadas sobre isso?

Ela pareceu surpresa com a pergunta. — Não. Eu não sinto qualquer coisa que indique que há uma profecia ligada à carta.

<Nathan,> Elliot disse. <A polícia chegou. O Tenente Montgomery está trazendo a Lizzy para a sala de reuniões do consulado.>

<Quando?>

<Agora.>

Nathan virou-se para Meg. — Eu tenho que ir. — Ele abriu a porta privada, saltou por cima do balcão, e foi para a porta da frente. Então ele parou e voltou para o balcão, lembrando o que Cristal Crowgard havia lhe dito naquela manhã. — Meg? Você se lembra de Charlie Crowgard?

Ela sorriu. — Claro que eu me lembro dele.

— Lembra quando Phineas Jones veio para o Pátio, e você e Merri Lee salvaram Skippy, batendo naquele humano com uma chaleira e uma vassoura?

Agora ela empalideceu. — Sim, eu lembro.

— Crystal me disse que Charlie Crowgard escreveu uma canção sobre essa luta. É chamado de “A Mulher com Chaleira e a Menina com a Vassoura”, e é muito popular entre os *indigenes da terra*, muitos já ouviram, e ele vai gravá-lo de modo que o resto de nós possa ouvir também.

Quando ele correu para fora do escritório, ele ouviu Meg gritando para ele voltar.

Como um policial, Monty levou menos de um minuto para perceber que não gostava, ou respeitava, o Capitão Felix Scaffoldon da Unidade de Investigação Criminal de Toland. Como pai, ele levou metade desse tempo para perceber que ele não queria sua menina na mesma sala que este homem.

Algo sobre Scaffoldon era... Errado. Não como uma vibração predadora e sexual, mas Monty tinha a impressão de que se Lizzy não contasse, de alguma forma, seria considerada um dano colateral aceitável.

Um arrepio passou por ele. O que Scaffoldon sabia sobre a morte de Elayne que não estava compartilhando? Ela havia sido considerada um dano colateral também?

Ninguém pediu o seu consentimento antes de organizar esta entrevista. Monty tinha pensado que foi arrogante de Burke fazer tais arranjos. Agora, ele teve que admitir que não teria pensado em fazer esse arranjo particular.

Scaffoldon sabia que Monty e Burke estariam presentes, uma vez que um representava a força policial da cidade de Lakeside e o outro o pai da criança. Mas o homem não sabia que os *indigenes da terra* foram aparentemente convidados para a entrevista. Elliot Wolfgard, o cônsul do Courtyard de Lakeside, o Lobo que lidava com o governo da cidade, ficou perto da porta da sala de conferência. Nathan Wolfgard ficou atrás da cadeira de Lizzy, deixando claro para todos que o Lobo estava ali para proteger a criança. Em seguida, Vladimir Sanguinati, representando a Associação Empresarial do Courtyard, usando calças pretas e uma camiseta preta. E por último, Stavros Sanguinati, um dos vampiros que dirigiam o Pátio de Toland, usando um terno preto, que fez com que todos os outros na sala, incluindo Elliot Wolfgard, parecessem que estavam usando uma roupa de segunda mão barata.

— Vamos começar? — Capitão Burke perguntou agradavelmente.

A porta abriu e Pete Denby entrou. — Desculpe o atraso. Tivemos de deixar as crianças na Bite. — Ele tomou o assento ao lado de Monty, abriu sua maleta e tirou um bloco e uma caneta. — Quando você estiver pronto.

— Sente a necessidade de um advogado, Tenente? — Perguntou Scaffoldon.

Pete pareceu surpreso. — Eu não estou aqui como representante do Tenente Montgomery. Estou aqui como advogado e defensor da Senhorita Elizabeth.

— Eu também sou formado em direito humano, — disse Stavros. — Então eu posso aconselhar o Tenente Montgomery se for necessário.

Scaffoldon soltou uma gargalhada. — Um advogado vampiro? Não é um clichê?

Stavros sorriu, mas seus olhos escuros permaneciam frios. — Possivelmente.

— Essa entrevista deveria ser na estação. — Scaffoldon tinha expressado essa queixa por todo o caminho até o Pátio. Pelo menos Monty não teria de ouvir as queixas do homem no caminho de volta. Burke pediu a Louis Gresh para seguir em outro carro e levar Scaffoldon à estação de trem após a reunião.

— Você já prendeu a pessoa ou as pessoas responsáveis pela morte de Elayne Borden? — Stavros continuou a sorrir. — Não? Então Elizabeth está mais segura aqui. Faça suas perguntas, se tiver alguma.

Seja qual forem às perguntas que Scaffoldon realmente tinha, ele não quis perguntar na presença dos *indigenes da terra*. Ele cobriu o mesmo terreno que Burke tinha coberto na entrevista inicial com Lizzy, mas Monty notou que Scaffoldon não perguntou sobre tudo o que aconteceu *antes* da chegada de Elayne e Lizzy na estação de trem.

Será que Burke enviou parte da entrevista sobre Elayne e Lizzy ficarem em um hotel na noite anterior, ou sobre o telefonema de Leo Borden que precipitou a fuga do hotel até a estação de trem?

Será que a transcrição que foi enviada para a polícia de Toland mencionou as joias dentro do urso?

Um estranho pensamento borbulhava.

Scaffoldon queria saber se os *indigenes da terra* estavam olhando para ele com tanta atenção focada por causa do que ele estava dizendo, ou porque eles estavam pensando sobre o jantar?

Scaffoldon fez as suas perguntas, e a novidade de ser o centro de tanta atenção de adultos cansou Lizzy. Em um minuto, ela iria começar a ficar importunada ou fazer beicinho, querendo fazer tudo o que Sara e Robert estavam fazendo na Bite, o que era muito mais emocionante do que falar com os policiais.

Scaffoldon não poderia ler os sinais de Lizzy, mas aparentemente Vlad podia.

— Eu acho que cobre tudo, não é? — Perguntou Vlad, olhando para Stavros.

— Tudo, — Stavros concordou com um sorriso arrepiante dirigido à Scaffoldon.

— Sr. Denby, — disse Vlad. — Se você e Nathan puderem escoltar a Lizzy para a Bite, ela pode se juntar as outras crianças para um lanche.

Pete olhou para Monty e Burke antes de colocar o seu bloco de notas e caneta de volta em sua pasta. — Certo.

Homem, Lobo e a criança saíram da sala de conferência.

Burke bateu as mãos sobre a mesa. — Agora que isso está resolvido...

— Nada está resolvido, — Scaffoldon estalou. — A criança precisa ser devolvida a Toland e a sua família. Ela é uma testemunha.

— De que, exatamente? — Perguntou Stavros. — Como ela lhe disse, ela não viu quem machucou sua mãe, e ela já respondeu a todas as suas perguntas. Pelo menos, ela respondeu às perguntas que você escolheu fazer.

— O que quer dizer?

— Eu também tenho algumas perguntas. Não para a criança, mas para você.

Scaffoldon ficou tão pálido, que Monty se perguntou se o homem iria desmaiar.

— Eu não tenho que dizer nada para você, — disse Scaffoldon.

— O que diz tudo o que eu precisava ouvir. — Stavros olhou para Scaffoldon. — Não há nenhuma razão para que você possa voltar ao Lakeside. Não há nenhuma razão para você, ou alguém com quem você trabalha, falar com a criança novamente. Se você mantiver o foco sobre ela, os Sanguinatis vão tornar-se focados em você. E em seus associados.

Oh deuses, pensou Monty, notando a cor sendo drenada do rosto de Burke, enquanto o rosto de Scaffoldon estava cheio de fúria. *Stavros está ameaçando colocar os Sanguinatis contra a força policial de Toland?*

Levantando-se, Scaffoldon olhou para Burke e não tentou esconder sua animosidade. — Você está apoiando o lado errado.

— Não, eu não estou. — Burke respondeu.

— Vou acompanhar o Capitão Scaffoldon até seu carro e vê-lo sair do Courtyard, — Elliot disse, abrindo a porta da sala de conferência em um comando silencioso.

Dando a todos um último olhar, Scaffoldon saiu.

— Sr. Wolfgard. — Burke pescou as chaves do carro do bolso. — O Capitão Scaffoldon precisa da caixa de evidências que está armazenada no porta-malas do meu carro. Já que ele não terá de voltar ao Lakeside, não queremos que ele saia sem ela.

Elliot pegou as chaves e saiu, deixando dois vampiros e dois policiais na sala.

Vlad olhou para Burke e sorriu. Burke, recuperando um pouco de cor em seu rosto, devolveu o sorriso.

Monty deu um suspiro de alívio tranquilo. Então olhou para Stavros. — Os Sanguinatis realmente atacariam a força policial de Toland?

Stavros pareceu surpreso. — Por que não? Mas eles não forneceram provocação suficiente para tal decisão.

— Você disse que iria se concentrar em Scaffoldon e em seus associados.

— Eu não estava me referindo à polícia. Nem toda a polícia, — Stavros comentou.

Burke assentiu. — O movimento Humanos, Primeiros e Últimos.

Stavros virou-se para Vlad. — Por que você e o Capitão Burke acharam a saída daquele humano divertida?

Vlad sorriu, mostrando a ponta das presas. — Porque ele está voltando para Toland com um urso recheado de bugigangas que foi enviado para recuperar.

— Por quê?

— Porque esse urso tinha um saco de joias escondidas dentro dele, — Monty disse, lembrando o motivo mais provável que Elayne estava morta e Lizzy estava em perigo.

— Ah. — Stavros deu a Vlad um olhar curioso. — É por isso que o avô Erebus dispensou qualquer discussão sobre as joias ontem? Porque ele estava permitindo que as pedras preciosas fossem devolvidas a Toland, apesar... — Ele parou, em seguida, estudou Vlad e Burke.

— Onde é que uma jovem menina obteria um saco de pedras preciosas? — Disse Burke. — É mais provável que ela estava fingindo ser uma ladra de joias ou alguma outra coisa que ela tinha visto em um filme e escondeu um saco de vidro colorido dentro do parceiro de crime dela.

Stavros parecia encantado. — Vidro colorido?

— Cores bonitas, — Vlad murmurou. — Azuis e verdes e vermelho rubi.

Stavros riu, em alto e bom som.

Monty se sentiu enjoado. — Quando o HPU descobrir...

— Os Lobos arrancaram um braço e uma perna, mas o tronco do urso estava intacto, — disse Burke. — Scaffoldon não disse uma palavra, não fez nenhuma pergunta sobre as joias. Ele não tem nenhuma razão para pensar que nós as encontramos. Sendo esse o caso, ele certamente não iria *dizer a mim* sobre elas.

— Especialmente porque tem havido muitos relatos de joias sendo roubadas da elite de Toland, — disse Stavros. — E relatórios de notícias têm comentado sobre assaltos em algumas lojas de joias. Os humanos estão tentando culpar o Crowgard, o que é ridículo. Se um brinco ou um anel cair sobre a calçada que margeia o Courtyard, um Corvo não vai resistir e pegar. Mas eles não vão entrar nas casas humanas e roubar, e nem retirar as gemas dessas joias para desfigurar a peça.

— A polícia não tem pistas? — Burke perguntou suavemente.

— A polícia investiga os roubos, mas todos usam pequenos pinos da HPU em suas lapelas. Assim como os humanos que foram roubados, e como os proprietários das lojas de joias que relataram o roubo das pedras.

— Elayne poderia ter sido apanhada pelo glamour de estar com Nicholas Scratch, esfregando os cotovelos nas pessoas da sociedade que não teria conhecido se estivesse comigo, mas ela não teria se inclinado

ao roubo de joias, e ela certamente não teria colocado Lizzy em risco, escondendo-as no Urso Boo, — Monty disse com veemência.

Vlad se inclinou e disse gentilmente: — Ela descobriu o segredo, e ela tentou correr. Eles tiveram que detê-la.

Ele esfregou o rosto, cansado de repente. — Ela deveria ter deixado as joias. Deveria ter espalhado as joias pelo chão, assim alguém iria perder tempo em juntá-las.

— Não teria feito qualquer diferença. Ela ainda tinha o segredo. Assim como Lizzy.

— Ao contrário da polícia Toland, eu acho que nada foi roubado. — Stavros falou com a sua voz baixa e calmante. — Nós pensamos que estes crimes foram organizados... E são doações... para o movimento.

— Com o benefício adicional em apontar o dedo para os Corvos, e alimentando a animosidade crescente entre os humanos e os *indigenes da terra*, — disse Burke.

— Exatamente.

Vozes na periferia, Monty pensou. *Será que eles pensam que eu não posso lidar com a verdade, seja ela qual for?*

— Alguém deve questionar Leo Borden, — Ele disse. Ele não podia imaginar Leo sendo capaz de assalto, mas ele podia ver o homem como um mensageiro, e ele poderia facilmente imaginar Leo achando que o Urso Boo seria um bom lugar para esconder uma fortuna em pedras preciosas. Afinal, quem iria procurá-las em um brinquedo de criança, especialmente uma criança que morava sob o mesmo teto que Nicholas Scratch?

Ela não tinha mais nada para Scaffoldon, nem um mísero arranhão, por isso, Lizzy está segura agora, pensou Monty. O pai queria acreditar, mas o policial sabia que não era verdade, podia *sentir* que não era verdade.

— O que vai acontecer quando o movimento HPU descobrir que as gemas que Scaffoldon levou são falsificações? — Perguntou.

— Eu acredito que os humanos chamam de um efeito dominó, — Stavros respondeu quando Elliot voltou para a sala. — O que me lembra

do meu motivo de vir para Lakeside. Eu, é claro, posso falar com diretamente com Simon, mas o Avô Erebus decidiu selecionar alguns humanos, bem como os *indigenes da terra* que devem estar preparados.

— Deuses acima e abaixo, — Burke resmungou. — Preparados para quê?

— De acordo com os seres humanos, Toland é o centro do comércio de Thaisia, — disse Stavros. — Muitos navios atracam por lá, e um grande fluxo de mercadorias vem para a cidade vindo de outras partes do mundo. Assim como um grande fluxo de mercadorias sai.

— Os *indigenes da terra* não têm navios que também atracam por lá?

— Não. Nós temos outros portos para os nossos pequenos navios, portos que compartilhamos com os Intui.

A nitidez nas palavras fez Monty saber se houve problemas no passado: lutas, sabotagem, outros tipos de incidentes que encorajaram os Outros a manterem distância.

— Nossos navios não atracam no porto de Toland, mas prestamos atenção para o que entra em Thaisia... E o que sai.

Monty se perguntou se o peso que se agarrou em seus ossos de repente foi um sentimento de pavor.

— O que está saindo? — Burke finalmente perguntou.

— O Crowgard provavelmente pode dizer-lhe mais do que os Sanguinatis, uma vez que eles gostam de fuçar em tudo, e meus parentes tendem a visitar a área em torno das docas à noite, — disse Stavros. — Eu posso dizer-lhe que os navios provenientes de Britannia não estão recebendo toda a carga, mas eles estão sendo cobrados pelo valor total. Qualquer Capitão que proteste está sendo ameaçado de sair da lista de comércio.

— O que acontece com a carga que não está carregada nos navios? — Monty perguntou.

— Notamos que os navios com destino a Aliança das Nações no Cel-Romano estão sendo carregados de madrugada, quando há menos observadores. Nós suspeitamos que a carga que está sendo impedida de

embarcar nos navios mercantes de Brittania está indo para os porões dos navios do Cel-Romano.

— Outra forma de pirataria, — Burke resmungou. — Com a sua permissão, eu gostaria de ter uma palavra tranquila com um primo meu. Ele é um policial na Brittania, e ele me mantém informado dos boatos que saem do Cel-Romano.

— Será que ele também está disposto a usar sua influência para dar uma assistência discreta? — Perguntou Stavros.

Burke olhou para o vampiro por vários segundos. — Eu acho que isso depende do que ele for convidado a fazer.

— Muito em breve, uma tempestade no Atlantik vai tirar um navio do Cel-Romano do curso. Ele vai encalhar ao largo da costa selvagem da Brittania e tudo será perdido.

— Incluindo a tripulação?

— Oh, especialmente a tripulação, já que foi o Sharkgard que passou a mensagem junto aos Sanguinatis com o entendimento de que *essa* recompensa será compartilhada. — Stavros sorriu, mostrando suas presas. — No entanto, o navio vai encalhar, de tal forma que a carga, e o próprio navio, não será danificado e poderá ser reivindicado como resgate, dividido igualmente entre os humanos que auxiliarem os *indigenes da terra*. Com uma exceção, que é onde o seu primo, o policial da Brittania, entra. Um determinado navio foi carregado na outra noite, os Sanguinatis que estavam observando viram algumas caixas com furos de ar e se aproximaram, e foi quando ouviram o choro.

Monty apoiou as mãos na mesa. — Você acha que eles estão enviando *humanos* para o Cel-Romano?

— Achamos que eles estão enviando *Cassandra de sangue*. Essa carga vale três vezes o seu peso em ouro, — disse Stavros. — Especialmente para os líderes do movimento HPU. — Ele olhou para Vlad, com os olhos cheios de uma simpatia enervante. — Essas meninas... A maioria não são como a sua Meg. Pelo menos não as que já estão viciadas no corte. Elas não querem o desafio de ter uma vida. Muitas encontraram outra maneira de serem protegidas.

— Prostituição? — Perguntou Burke, a voz despida de emoção.

— Algumas sim. Alguns estabelecimentos desse tipo surgiram em Toland. Ou melhor, os mesmos estabelecimentos estão agora sendo chamados por um nome diferente. As profetisas de sangue agora recebem por cada corte. Elas são mimadas, um espetáculo, contanto que possam pagar pelos cuidados que recebem.

— Mas elas ainda estão sendo usadas, — Monty protestou.

— Uma menina presta o serviço que ela foi contratada e paga para fornecer, — disse Stavros. — Não é coerção, nenhuma conversa sobre propriedade benevolente ou de outra forma. A transição foi feita tão bem e tão rapidamente, que nós suspeitamos que os homens que dirigem esses estabelecimentos foram alertados que isso poderia acontecer, mesmo que não soubessem o que iria começar a cadeia de eventos. — Ele fez uma pausa. — As meninas nesses estabelecimentos... estão lá por escolha delas, e uma vez que estão em locais que atualmente estão sob o controle humano, não iremos interferir com eles. Mas as meninas que foram embaladas como carga... Os humanos não têm voz quando entram no domínio do oceano.

Depois de um silêncio desconfortável, Burke disse: — Quando aquele navio encalhar, o que o meu primo deveria fazer com as meninas?

— Isso é algo que os humanos em Brittania devem decidir, — disse Stavros. — Mas a mensagem que eu fui convidado a transmitir é esta: Ocean não estará satisfeito com os seres humanos de Brittania se essas meninas acabarem em Cel-Romano.

Vlad escutou enquanto Elliot escoltou Burke e Montgomery para fora do consulado. Então ele virou-se para Stavros, que disse: — Você acha que os seus policiais compreendem o significado dos *indigenes da terra* atacando os navios em Toland?

— Montgomery está pensando em sua filha e como mantê-la a salvo, o que é justo, mas eu acho que Burke vai entender, eventualmente, — Vlad respondeu. O centro de comércio de Thaisia poderia desaparecer durante a noite, se um Elemental como Ocean desencadeasse sua ira sobre Toland.

— Sussurros ao redor das docas, — disse Stavros. — Thaisia não é a única terra lidando com a escassez. Muitas coisas estão em falta no Cel-Romano também. Especialmente comida.

— Um saco de pedras preciosas poderia ter comprado muito trigo e milho. Pergunto-me se as carências em Thaisia irão desaparecer agora que as verdadeiras joias estão sendo armazenadas nas Câmaras.

Stavros deu a Vlad um sorriso brilhante. — Sabe o que eu estou querendo saber? Quantos alqueires de trigo e milho o movimento HPU será capaz de comprar com um saco cheio de vidro colorido?

Meg olhou para a carta e a pegou. Cheirou.

— Não cheira como uma fazenda, — ela murmurou.

Abrindo cuidadosamente o envelope para evitar um corte de papel, ela tirou a única folha de dentro.

Cara Meg,

Eu tentei escrever um par de cartas para você desde que cheguei à Ilha Grande, mas eu não poderia escrevê-las, não poderia enviá-las. Parece que chegar aqui comeu a minha capacidade de fazer qualquer coisa.

É tão difícil viver fora do Complexo. Eu não me lembro de ser tão difícil. Conte-lhe sobre a vida fora, com a certeza que era melhor. Agora, eu não tenho certeza de nada. Algumas manhãs Lorna Gardner traz comida, porque não posso enfrentar até mesmo uma vida simples e as pessoas além das paredes da casa de hóspedes.

Algumas noites eu me lembro das coisas que eu vi nas profecias quando eles estavam me usando para fazer Nocaute de Lobo. Coisas terríveis.

Algumas noites eu me pergunto se eu comecei o que vai acontecer, ajudando você a escapar. Mas esta manhã, eu consegui sair e observei o sol nascendo. Eu me perguntava se, por ajudá-la, eu fiz a única coisa que poderia salvar alguns humanos do que está por vir.

Cuide-se, Meg.

Sua amiga,

Jean

Meg leu a carta duas vezes, em seguida, a colocou no envelope e a colocou na gaveta onde guardava o seu diário. Pegou os cinco cartões postais que ela pegou no Três Ps, colocou sobre o balcão e estudou as imagens.

As rochas vermelhas, e o planalto? Não. Muito diferente e fora do alcance.

As imagens de Talulah Falls? Também fora de alcance.

Ela olhou para a imagem do cervo com metade encoberto pela névoa. Ela virou-o, em seguida, pegou uma caneta.

Cara Jean,

Eu vi um cervo. Eu acariciei um pônei. Eu ajudei a plantar um jardim. Eu cheirei a terra e a senti em minhas mãos. Você observou o sol nascer. Estas coisas valem à pena a luta para viver fora.

Sua amiga,

Meg

Simon,

Essas meninas podem ter visões sem se cortar? A menina com cicatrizes fez um desenho de uma canção do Lobo, por isso a

pergunta. Pergunte a sua Meg, e quais brinquedos seguros podemos dar a menina. Nós compramos papel para desenho e muitos lápis de cor. Ela não se cortou nenhuma vez desde que ela chegou aqui.

Jackson

Jackson,

Meg diz que talvez possam ser visões. Essa menina não recebeu oportunidade de experimentar qualquer coisa além do corte. Sua menina pode encontrar um novo caminho. Os livros são bons brinquedos. Dê fotos da terra, das flores e do entorno. Isso vai ajudar quando ela estiver pronta para sair.

Simon

N,

O navio perdeu o rumo durante a tempestade. Nossa busca não encontrou nada. Navio, mercadoria... Tudo perdido.

Pater

Douglas,

Metade dos presentes de nossa tia chegou quebrada além do reparo. Estou pegando o próximo navio para Thaisia para discutir com você em pessoa.

Shady



CAPÍTULO 40

Windsday, Maius 16

Na tarde de Windsday, Steve Ferryman e Roger Czerneda pararam em frente a uma das casas geminadas na Comunidade River Road. Enquanto saía do carro e esperava por Roger, Steve viu as seis colunas de fumaça subindo perto de uma das casas mais distantes da entrada para a comunidade.

Ele levantou a mão em saudação. A única resposta dos Sanguinatis foi mudar para a forma humana, e quatro machos e duas fêmeas surgiram.

Steve não conhecia nenhum deles, não tinha certeza de quanto contato eles tiveram com os seres humanos. O suficiente para que, de uma pequena distância, eles parecessem como adolescentes humanos, mas ter aparência humana e ser capaz de agir como um humano eram coisas muito diferentes. Enquanto o Sanguinati em Lakeside havia deixado claro que os moradores de Porto Ferryman não seriam prejudicados, era óbvio para ele que seis contra dois *não era* uma boa chance, especialmente se os vampiros estivessem com fome e dispostos a ignorar a promessa de se comportar.

Ele ouviu um grasnado e sentiu a tensão em seus ombros aliviar um pouco. Crowgard. Ele e Roger não estavam sozinhos com os Sanguinatis. Em seguida, ele considerou o aperto de aviso entre as omoplatas e desejou que *estivessem* a sós com os Vampiros e os Corvos.

Quando Steve baixou a mão, um dos machos Sanguinati levantou a mão, imitando a saudação.

Com o reconhecimento, Steve virou-se para Roger e disse: — O que você acha?

Roger estudou a casa. — Se eu acho que eu poderia viver em uma dessas casas? Ou sobre se acho se é uma boa ideia ter uma comunidade incluindo Intui administrando pequenas fazendas e empresas, e os *indigenes da terra* fazendo só o que os deuses sabem como contribuição? Ou sobre Simon Wolfgard ser um pouco louco por propor isso em primeiro lugar?

— Ele não é louco, — Steve respondeu. — Ele está implementando uma série de novas ideias em um período muito curto de tempo, e acho que ele sabe que está se movendo um pouco rápido demais. Mas eu acho que ele está empurrando isso para concluir esta comunidade, e as mudanças no Courtyard de Lakeside começaram porque ele está preocupado. E o quê? Há apenas uns cem *indigenes da terra* no Pátio do Lakeside, e ele é cercado por duzentos mil seres humanos. Se as coisas saírem de controle na cidade, eu iria querer algum tipo de rota de fuga para o meu povo, não é?

— Sim, iria, — Roger disse calmamente. — E eu sei em primeira mão o que pode acontecer quando as coisas saem de controle.

Steve jurou. — Desculpa, mas não pensei em Jerzy.

— Era uma aldeia controlada pelos humanos e cercada por quilômetros de país selvagem controlada pelos Outros, e os seres humanos começaram o conflito, mas não deixa o resultado mais fácil de aceitar. — Roger estudou Steve. — Você tem um sentimento sobre tudo isso?

Oh, sim, ele tinha um sentimento. A pele entre as omoplatas estavam se contraindo e incomodando desde que chegaram.

— Sobre a comunidade? Sim. Mas agora, tenho a sensação de que estamos sendo observados, — Steve disse calmamente.

Roger assentiu. — Além de Vampiros e Corvos. Sim. Eu sinto que tem um alvo pintado nas minhas costas.

Steve olhou em volta e não viu nada incomum. Não viu nada, na verdade. Os Sanguinatis tinham desaparecido e os Corvos ficaram em silêncio.

— Quando eu era menino, Douglas Burke veio me visitar por um par de semanas, — disse Roger. — Ele é um velho amigo do meu pai.

— Eu percebi algo assim, foi ele quem abriu caminho para nós o contratarmos.

Roger manteve os olhos sobre as casas na frente deles. — Você sabe como os homens contam as histórias de suas vidas quando se encontram, e são apenas eles e suas memórias? Eles sabem quando uma criança se esgueira para ouvir, mas eles fingem que não percebem, e eles dizem o tipo de histórias que as mães não querem que uma criança ouça.

Steve sorriu. — Os Intui têm uma tradição de inverno chamada de *A Noite das Lembranças*, quando avôs e avós falam sobre como as coisas eram quando eram mais jovens. Mesmo tipo de coisa. Conhecimento passado através de memórias. As crianças não são convidadas, mas ninguém as expulsa se você sair do quarto e ficar quieto.

— Tio Doug falou um pouco sobre o seu tempo como um jovem policial, servindo em assentamentos humanos cercados pelo país selvagem. Lembro-me dele dizendo que existe um tipo de amortecedor para os *indigenes da terra*, separando os lugares humanos do país selvagem, e como pouquíssimos humanos já viram o verdadeiro país selvagem e sobreviveram.

— Ming me disse uma vez que não há nenhum país selvagem na Ilha Grande. A maior parte da ilha é de terra intocada que pertence aos Outros, mas todos os *indigenes da terra* estão cientes de nós, mesmo aqueles que não interagem conosco, participando diretamente na caça ou na colheita, que beneficia ambos os lados.

— Os intermediários são os Outros que vivem nos Pátios. — Roger fez uma pausa. — Eu nunca mais esqueci algo que o tio Doug disse durante essa visita. Ele disse que os humanos só pensavam no país selvagem em termos de terras não cultivadas e com distância das habitações humanas. Mas quando os Outros falam sobre o país selvagem, eles estão falando daqueles que moram lá, bem como a terra. Ele disse que as pessoas acham que o tampão entre a parte habitada pelos humanos e o país selvagem é sempre medido em milhas,

mas às vezes o amortecedor entre um e outro pode ser medido em metros, e é quando essa verdade é ignorada que as pessoas morrem e os lugares humanos desaparecem.

Steve assentiu. — Isso se encaixa com o que eu tenho observado sobre os Outros. Eu acho que existem níveis de *indigenes da terra*. O primeiro nível é aquele que lida com a gente. Quando os nossos antepassados vieram a este continente, aqueles *indigenes da terra* nos observaram e viram as habilidades que queriam adquirir. Talvez eles já utilizassem ferramentas simples e viram nas nossas uma melhoria da que eles tinham. Claro, os seres humanos eram invasores, enfrentando predadores e nós éramos uma nova fonte de comida, mas nós vivemos com *produtos* e fomos compreendidos em algum grau. E alguns *indigenes da terra* estavam curiosos o suficiente, ou comprometidos o suficiente com sua própria espécie para nos estudar, para se tornarem... *Contaminados*... Com a nossa forma e alguns dos comportamentos que nos tornam humanos.

— O segundo nível são os *indigenes da terra* que são o tampão, aqueles que moram na borda do país selvagem e têm as mesmas formas daqueles que vivem nos Pátios. Talvez, eles possam se aproximar de uma forma humana o suficiente para usar as nossas ferramentas, e eles gostam de algumas coisas que os seres humanos fazem. Então eles colhem algumas árvores no seu território, a fim de fazer o papel para livros, e eles permitem a retirada de alguma mina de carvão e ouro e prata e qualquer outra coisa que possa estar em suas terras, mas eles não costumam lidar diretamente com os seres humanos; eles lidam com o primeiro nível de *indigenes da terra*.

— E a terceira divisão? — Perguntou Roger.

— O terceiro nível não tem contato com os humanos de forma alguma, e moram nas terras que são consideradas o verdadeiro país selvagem, e é mais do que Thaisia. Esses *indigenes da terra* não nos querem aqui, nunca nos quiseram aqui. Enquanto nós não chamarmos muita atenção para nós mesmos, já que não somos uma ameaça à sua

própria espécie, seremos tolerados. Mas quando eles decidirem que não vão mais nos tolerar... — Steve estremeceu.

Roger olhou para Steve. — Isso é o que você está sentindo? Que é o terceiro nível de *indigenes da terra* está lá fora, nos observando?

— Sim. Eu acho que Simon Wolfgard não gosta e nem confia na maioria dos humanos. Se eu fosse um Lobo, acho que me sentiria da mesma maneira. E há seis meses, ele não teria se importado se ele acordasse em uma manhã e todos os seres humanos tivessem desaparecido. Agora, ele tem todo o interesse que *alguns* humanos sobrevivam, e precisamos ajudá-lo a acreditar que estamos entre esses seres humanos.

— Deuses acima e abaixo, — Roger respirou. — É por isso que aqueles *indigenes da terra* estão aqui? Para nos observar?

— Não, — Steve respondeu devagar, guiado por sentimentos. — Eles não estão interessados em nós. Se você acredita em algumas das histórias antigas, os *indigenes da terra* sempre estão em volta, de uma forma ou de outra, desde o início do mundo. Eles eram os predadores no passado, e são os predadores do topo agora, porque eles mudam à medida que o mundo muda, absorvendo as qualidades de novas espécies, e de novos predadores, sem perder a essência do que eles são. — Com a certeza entre as omoplatas. — Eles não estão aqui porque estão curiosos sobre uma espécie que não faz parte da sua própria. Eles estão curiosos sobre Simon Wolfgard e o que ele está tentando fazer aqui e no Courtyard de Lakeside.

— Porque eles estão se perguntando se ele representa a próxima adaptação de *indigenes da terra*? — Perguntou Roger. — Um Lobo que pode tomar o lugar dos seres humanos, mas ainda continuar sendo um Lobo?

Steve olhou em volta da comunidade, as casas e as terras além delas. — Há mais tempestades se aproximando. Grandes tempestades. Tempestades ruins. Precisamos fazer este trabalho aqui. Precisamos provar aos *indigenes da terra* que podemos

compartilhar o trabalho, e o mundo de forma pacífica. É esse o *meu* sentimento.

Roger não disse nada. Em seguida, ele assentiu. — Eu gostei dessa. — Ele apontou para a casa. — Eu gostaria de dar uma olhada dentro dela.

— Então vamos dar uma boa olhada antes de voltar para a Ilha Grande e trabalhar em uma proposta para que a nossa comunidade seja autossuficiente se necessário.



CAPÍTULO 41

Thaisday, Maius 17

Simon abriu a porta de uma das salas acima do Gabinete do Liaison, então se afastou para deixar Pete Denby entrar primeiro. O homem queria uma toca tranquila para trabalhar, e depois de alguma reflexão e discussão entre os membros da Associação de Empresas, foi decidido que um escritório acima do escritório fazia sentido, contanto que os clientes de Denby fossem jovens e saudáveis o suficiente para subir as escadas.

— Eu quero saber para o que essa sala foi usada? — Pete perguntou quando ele olhou em volta.

— Ela já foi usada para sexo. — Simon pensou que era óbvio, já que a principal peça de mobiliário era uma cama, mas os seres humanos nem sempre podiam sentir o cheiro, ou o *óbvio*.

— Eu tinha ouvido falar que havia quartos no Centro Social para isso.

— Sim, mas estes são... — Simon franziu a testa, sem saber como explicar a diferença.

— As suítes executivas? — Pete não farejava da maneira que um lobo faria, mas ele estava verificando todas as partes do quarto.

Simon assentiu. — Mais privado. Mas não têm sido utilizada, e nós não precisamos mais de ambos os quartos para o sexo. — Na verdade, ele não conseguia se lembrar de uma época em que ambos os quartos foram necessários na mesma noite.

Pete olhou para ele, mas não disse nada. Em vez disso, ele foi até o banheiro, abriu as torneiras do lavabo e do chuveiro, antes de ir até a

janela que dava para a área de entrega e a entrada da Main Street. — Você não tem qualquer espaço para um escritório na Praça do Mercado?

— Nós temos alguns, mas aqui você poderia ter clientes humanos que não estejam ligados ao Pátio.

— Você é otimista.

— Por quê?

Pete balançou a cabeça e sorriu de uma maneira que fez Simon achar que o homem tinha provado algo amargo.

— Eu gostaria de colocar uma nova camada de tinta nas paredes, e vou ter que substituir o mobiliário que está aqui para um mobiliário de escritório, — Pete disse quando fez um círculo lento. — Eu também gostaria de colocar uma divisão para criar uma área de recepção e um escritório privado.

— Nós podemos tirar essas coisas e armazená-las. O consulado pode ter uma mesa e outras coisas que você poderia usar. Você precisaria comprar armários para seus papéis, mas podemos encontrar seres humanos ou Outros que podem ajudar a construir uma parede.

— Agradeço. Eu gostaria que Eve desse uma olhada neste espaço. Ela e algumas meninas estão ajudando a senhora Tremaine esta manhã.

— Tremaine?

— A mulher que lhe vendeu o duplex. Ela está deixando para trás alguns móveis, e uma ou duas peças da mobília podem atender um escritório. E por falar em casas, eu acho que o proprietário dos dois prédios de apartamentos irá aceitar a sua oferta no dia seguinte ou logo. Eve disse que ele e o representante imobiliário estiveram com algumas pessoas ontem, e eles estavam falando sobre a boa localização e o preço.

— Eve deve ter uma boa audição.

Pete riu. — Não tão boa quanto os Corvos que estavam empoleirados no telhado, mas as janelas na casa da Senhora Tremaine estavam abertas, e o proprietário do apartamento não falava baixo. De qualquer forma, os potenciais compradores estavam ficando entusiasmados com o café e livraria e centro de fitness do outro lado da

rua, e a conveniência de um parque por perto. Definitivamente um ponto interessante para os inquilinos com crianças. Mas durou apenas até quando os Lobos começaram a uivar e os potenciais compradores perceberam que estavam olhando para o Pátio.

— Isso explica por que Jake Crowgard pediu para os Lobos uivarem, — disse Simon.

— Eu liguei para o representante imobiliário mais tarde e o lembrei que havia uma oferta sobre a mesa dele com o preço de ambos os edifícios, e meu cliente iria pagar em dinheiro. Acho que vou receber uma ligação muito em breve. Nós não seremos capazes de fechar até o final do mês os dois edifícios, mas você poderá tomar posse do duplex até então.

— Bom. Eve pode decidir qual toca ela vai querer. Ruthie pode ficar com a outra.

— E quanto ao Tenente Montgomery e a Lizzy? — Pete perguntou. — Eles não podem continuar morando no apartamento dos funcionários.

Ele sabia que eles não poderiam ficar muito tempo no apartamento. Mas nenhum dos humanos parecia ansioso para deixar Lizzy sair do Pátio. — Por que Lizzy não está segura agora?

Pete enumerou os itens em seus dedos. — Ela ouviu alguma coisa, e viu algo, e sabe de algo que pode incriminar a pessoa que assassinou sua mãe.

Simon bufou. — Ela estava em uma cabine com o Urso Boo fazendo cocô no banheiro. Em seguida, ela foi para o trem, o que ela deveria fazer, e voltou para encontrar sua mãe, o que ela não deveria fazer. — Essa última parte poderia ter matado o filhote. — E ela é baixa, ainda mais baixa do que Meg. O que ela poderia ter visto com todos os humanos muito maiores correndo para pegar os seus trens naquela noite?

— Você provavelmente está certo sobre Lizzy estar segura agora. — Apesar de ter dito as palavras, Pete não soava como se realmente acreditasse nisso. E acrescentou: — No entanto, eu ouvi dizer que Celia Borden pode contestar o direito de custódia de Monty. E às vezes, quando

há uma luta como essa, uma das pessoas pode contratar alguém para levar a criança para longe do pai que tem a guarda.

Simon ficou tenso. — Essa fêmea teria coragem de levar um filhote para longe de seu pai?

Pete hesitou. — Eu não estou dizendo que Celia Borden vai tentar isso, mas você tem que admitir que ela estará mais segura aqui, e isso é algo que eu tenho certeza que é importante para o Tenente Montgomery agora.

O que eles tinham de importante eram um monte de dentes afiados e um gosto por carne especial.

Provavelmente melhor não mencionar isso.

Ele teria que falar com os outros membros da Associação de Empresas para descobrir onde o Tenente Montgomery e o seu filhote poderiam morar temporariamente. Ele e os demais moradores não estavam prontos para ter humanos *morando* no Pátio e fora da área designada para os negócios.

Exceto Meg.

— Aqui. — Simon estendeu a chave. — Ela abre a porta da frente e ambas as portas no andar de cima.

Pete guardou a chave. — Obrigado. — Ele hesitou. — Você desejaria não ter começado isso, não ter mudado a dinâmica entre os Outros e seres humanos?

Isso era meio parecido quando você desejava fazer outro caminho por entre as árvores para pegar um cervo, mas em vez disso levava um tombo e caía em um riacho. Ele não queria se enroscar com os seres humanos, mas as escolhas que ele fez agora ainda iriam beneficiar os *indigenes da terra*, e Meg, em primeiro lugar.

Ele achava que Pete não queria ouvir isso. Ainda assim, era melhor fazer o humano entender agora. — Alguns de vocês se tornaram como os *Intui*, e você é considerado *não comestível* porque você fez um pacto com os *indigenes da terra* que beneficiará ambos os lados. — Ele olhou para Pete e deixou um pouco do Lobo aparecer através da forma humana. — Mas a maioria dos seres humanos é apenas carne

inteligente. Eles também são predadores que vieram para *a nossa* terra e continuam tentando invadir *o nosso* território. Nós não vamos permitir isso. Nós nunca iremos, e isso é algo que os humanos tendem a esquecer.

Vlad empurrou sua cadeira para trás quando Merri Lee, Ruthie, Theral e Eve Denby entraram no escritório da HBL e se alinharam do outro lado da mesa.

— Se isso é outra coisa de intervenção de meninas, vocês podem falar com o Simon, — ele disse. — Se é sobre Meg e Simon, vocês podem deixá-los trabalharem isso sozinhos. — A última vez que elas o encurralaram para uma dessas intervenções, o assunto foi sobre sexo e o resultado foi uma grande confusão.

— Nada a ver com Meg ou Simon, — disse Merri Lee.

— É mais a ver com móveis, — disse Eve Denby.

— E os Corvos, — acrescentou Ruthie.

Theral apenas sorriu para ele, como se dissesse que não era necessária nenhuma outra informação.

Se ao menos isso fosse verdade.

— Eu estou ouvindo. — Vlad sabia que de qualquer maneira haveria mais problemas.

— Nós estávamos ajudando a senhora Tremaine, arrumando algumas de suas coisas, e ela disse que não estava muito boa e não houve tempo para uma venda de quintal para que ela pudesse vender o que ela não iria levar, — disse Eve.

— E Então eu disse que talvez o Crowgard gostasse de dar uma olhada, já que eles não estão mais saindo para procurar tesouros, — disse Merri Lee.

— E isso me fez pensar no *Mercado Tenda* que fica aberto nos fins de semana, — disse Ruthie. — Com o tempo bom, algumas mesas ficam ao ar livre, mas as maiorias das mesas ficam em um grande edifício que

está alugado para eventos diferentes. E há também um mercado de agricultores, que se instalam lá durante o verão. De qualquer forma, algumas pessoas vendem peças de artesanato e outras pessoas vendem utensílios domésticos e coisas que eles pegam apenas para revender e vendas de móveis. Karl e eu vamos dar uma olhada neste fim de semana. E eu pensei que, enquanto os comerciantes forem agradáveis, nós poderíamos fazer uma viagem de campo divertida com alguns dos Corvos. Talvez Jenni e suas irmãs pudessem ser as compradoras designadas, para que os demais moradores do Crowgard pudessem comprar os itens na *Sparkles & Junk* ou em alguma outra loja na Praça do Mercado.

— Então você quer levar os Corvos em uma viagem de campo, até um lugar onde tem muitas pequenas coisas que eles podem comprar, — Vlad disse. Ele estudou cada mulher. Seus olhos estavam brilhantes de emoção, mas nenhuma delas parecia doente ou louca.

— Sim. Mas nós queríamos trazer a ideia para você antes de mencioná-la para Jenni, — disse Ruthie.

A ideia o deixava inquieto. Seres humanos demais no mesmo lugar com um pequeno grupo de *indigenes da terra* nunca foi uma boa combinação. Através de acordos com os governos humanos, os Outros tinham o direito de participar de qualquer evento público. Mas a experiência lhes ensinou que não era seguro frequentar uma escola humana, ou ir a um concerto, ou ver um jogo ou um evento esportivo. — Soa como um lugar cheio de seres humanos.

— Muitas pessoas frequentam em um dia bom, quando não há chuva, — disse Ruthie. — E Karl e eu gostaríamos de falar com os comerciantes primeiro.

Os Outros como clientes seriam mais uma preocupação para os comerciantes. Mas os Corvos já foram subjugados desde que pararam de sair para fazerem suas caçadas no lixo em busca de tesouros. Talvez uma breve visita a este mercado seja seguro o suficiente se eles já estivessem lá, e saíssem antes que algum ser humano pudesse notá-los.

— Eu não vejo um problema com você e os Corvos atravessando a rua para comprar o que a Senhora Tremaine não quer. Mas em relação à saída para o Mercado Tenda, eu falarei com Simon e Henry, para saber suas opiniões antes. — Ele pegou uma caneta e moveu alguns papéis sobre a mesa. Ele já tinha visto um humano em um filme fazendo isso como uma maneira de terminar uma reunião. Aparentemente, as fêmeas não tinham visto esse filme. — Vocês não têm trabalho a fazer?

Elas sorriram para ele antes de saírem pela porta.

Vlad as observou saindo, aliviado por não ter que tomar essa decisão por conta própria.

Uma matilha de fêmeas humanas e alguns Corvos em um edifício cheio de coisas para comprar.

Ele sentou-se e suspirou. — E os seres humanos pensam que os vampiros são assustadores.

Douglas,

Viagem adiada. Preocupações no trabalho, e conexões irregulares devido às tempestades no Atlantik. Se possível, irei ligar. As tias estão solicitando um manual de instruções para os presentes que você enviou.

Shady

Shady,

A primeira parte do manual de instruções já está a caminho. Estarei esperando novas informações sobre os seus planos de viagem.

Douglas



CAPÍTULO 42

Firesday, Maius 18

Os policiais estavam ouvindo o rádio tocando na cafeteria dentro da estação da polícia, e eles perceberam que ele também ouvia, e todo mundo parou de falar para observar Monty parado na porta.

— ‘... Não podemos ignorar o sofrimento dessas meninas que, tendo sido expulsas de instalações projetadas para suas necessidades especiais, agora são incapazes de lidar com essa angustia e estão em risco por causa do comportamento insensível dos Outros para os humanos em geral, e essas meninas em particular. Portanto, o povo de Cel-Romano está abrindo suas casas e os seus corações para essas meninas e nós faremos tudo em nosso poder para dar a essas meninas o cuidado de que precisam.

— Nicholas Scratch fez esse discurso apaixonado no porto de Toland sobre como algumas dessas adolescentes em risco foram escoltadas em um navio de passageiros conhecido como Galgo do Oceano. Estes navios são os mais rápidos na atualidade, e o Capitão disse aos repórteres que ele está confiante que o seu navio será capaz de correr mais rápido que qualquer uma das tempestades que foram responsáveis pela perda de vários navios mercantes ao longo dos últimos dias.

Vários homens notaram Monty parado na porta da cafeteria, mas apenas Louis Gresh veio falar com ele.

— Eu ouvi um relatório anterior, — disse Louis. — Muitos discursos entre o prefeito e Scratch em Toland. As meninas não estavam disponíveis para comentar o assunto, mas o repórter descreveu que elas estavam caminhando tranquilamente até o navio e acenando para todos, uma vez que estavam a bordo.

— Eu me pergunto quantas drogas calmantes essas meninas receberam, a fim de lidar com tantos estímulos, — Monty disse

calmamente. — E eu me pergunto se essas meninas são mais valiosas, ou se alguém decidiu mudar de tática depois que o contrabando de *Cassandra de Sangue* para fora de Thaisia não funcionou.

Louis fez uma careta. — Diga isso de novo?

Eu não deveria ter dito isso. Mas Louis estava na pequena lista de pessoas que poderiam ser confiáveis com os segredos de Burke. Ele estava na lista de Monty também, já que ele tinha trabalhado com Monty e Burke para ajudar os Outros a encontrar o Controlador. — Algumas meninas foram contrabandeadas para fora como carga. O navio saiu do curso em uma tempestade e foi perdido. Nenhum vestígio foi encontrado.

— Essa é a versão oficial? — Perguntou Louis.

Monty assentiu. — Mas foram feitos arranjos para pegar a *carga*. — Ele se sentiu aliviado quando Louis não perguntou sobre a tripulação do navio.

— Se os Outros não querem que essas meninas embarquem para o Cel-Romano, que diferença isso vai fazer com Scratch alardeando esta viagem por todos os meios de comunicação?

— Para os *indigenes da terra*? Nada. Mas vai dar a Scratch mais munição para usar em seus discursos no movimento HPU contra os Outros, quando os *indigenes da terra* responsáveis pelos Oceanos afundarem o navio. — Monty levantou o jornal dobrado com um pequeno artigo dentro. — Eu tenho outra coisa para falar com o Capitão sobre esta manhã.

— Monty, você realmente acha que os Outros irão afundar esse navio, sabendo que aquelas meninas estão a bordo? — Perguntou Louis.

— Eles podem tentar salvar as meninas, mas mesmo se não puderem, esse navio não chegará ao Cel-Romano. O Sharkgard e um Elemental conhecido como Ocean irão garantir isso.

Monty foi até o escritório de Burke. Vendo seu Capitão ao telefone, ele hesitou na porta até Burke acenar para ele entrar.

— Você tem o urso, — Burke disse e afastou o telefone de sua orelha, o suficiente para Monty reconhecer a voz irada de Felix Scaffoldon, mas não conseguir distinguir as palavras. Quando a gritaria

recomeçou, Burke colocou o telefone em sua orelha novamente e disse: — Que joias? — Ele afastou o telefone de sua orelha por mais um minuto antes de responder. — Então o urso tinha um compartimento secreto onde uma menina poderia esconder o que quer que as meninas escondam. Então você está feliz por ter encontrado alguns pedaços de vidro colorido. Se o urso tivesse pertencido a um menino, você poderia ter encontrado algumas pedrinhas e uma rã dissecada. Não... Não, eu não estou tentando te animar. Eu estou lhe dizendo que não fomos convidados a olhar para dentro do urso, por isso, não olhamos. Por que, você estava esperando encontrar alguma coisa? — Ele balançou a cabeça enquanto ouvia. — Sério? Você acha que o assassinato foi devido a um desentendimento entre ladrões? Eu pensei que o Crowgard tinha sido acusado de pegar... Ah! Eles podem ter *pegado* as joias roubadas. Então se os roubos foram feitos por seres humanos, o irmão dela seria o cúmplice mais provável, embora os roubos não tenham começado até...

Burke olhou para o telefone. — Hã. Scaffoldon desligou. — Ele se inclinou para trás em sua cadeira, seu sorriso muito mais feroz do que amigável. — Sente-se, Tenente. Vamos falar sobre Elayne Borden.

Monty sentou com o jornal em seu colo. — O que há para dizer? — Ele pensou sobre parte da conversa telefônica que tinha ouvido. — Scaffoldon encontrou as *joias falsas*?

— Encontrou, e ficou bastante perturbado. Agora, a teoria é que Elayne Borden estava mantendo as joias roubadas para o ladrão, que ainda é desconhecido, e tentou fugir com todas as joias da parte dele.

— Se ele continuar com essas teorias, ele vai soar como um tolo, — disse Monty.

— Bem, ele não pode exatamente dizer que as joias foram roubadas aos queridinhos da sociedade de Toland que *deram* as suas joias para Nicholas Scratch a fim de ajudar a financiar o movimento HPU, a fim de recolher o dinheiro do seguro. Mas alguém colocou as pedras no urso, e o urso acabou em Lakeside com Lizzy, e isso significa que Scratch não tem a fortuna que ele esperava ter.

— E isso nos traz de volta a Elayne Borden, — Burke continuou. — Como é que uma mulher vai de amante de um policial em desgraça a amante de uma figura pública como Nicholas Scratch?

— Eu tenho pensado sobre isso desde que eu soube sobre o envolvimento de Elayne com o Scratch, — Monty respondeu. — Elayne, ou devo dizer a mãe de Elayne, sempre foi fixada em status social, mas sua família não tinha o dinheiro ou a influência que queriam que acreditassem que eles tivessem.

— Mas eles tinham, ou tiveram algo que Scratch queria, — Burke argumentou. — Eles forneceram algum tipo de conexão. Caso contrário, por que ele iria se envolver com Elayne ou sua família?

Por que ela? Monty pensava. — Então alguém decidiu que, se Elayne não estava com as joias na estação de trem, então estavam com Lizzy. Por que não assumiram que elas estavam escondidas no apartamento e as deixaram lá? — Monty fez uma pausa, em seguida, respondeu à sua própria pergunta. — Uma vez que o apartamento foi verificado antes da polícia se envolver, e se Elayne já sabia das joias, ou as tinha encontrado por acaso e percebeu que estava envolvida, ela sabia demais e achou melhor fugir. Portanto, ela era uma responsabilidade e uma ponta solta.

— Alguém sabia onde as pedras deveriam estar, e Scaffoldon foi enviado para buscá-las. Não é provável que ele ache que Lizzy ainda as têm. Se ele pudesse acreditar em alguma coisa, seria que eu achei as joias e estou com elas. — Burke sorriu. — Eu não estou, mas eu poderia ter escondido em alguma sala de provas ou em uma gaveta na minha mesa. — O sorriu desbotou. — Dito isto, penso que seria uma boa ideia para Lizzy ficar no Pátio, a menos que ela esteja com você. Agora, o que você quer me dizer?

Aagitado sobre a morte de Elayne e com a sensação de que tinha esquecido alguma coisa, Monty colocou o jornal sobre a mesa e apontou para um artigo relatando a morte de uma mulher em um ataque aleatório, enquanto fazia compras com a família.

— Heather Houghton? — Disse Burke.

— Ela trabalhou na Howling Boas Leituras, e saiu no mês passado depois que Meg Corbyn... — A garganta de Monty apertou.

— A Senhorita Corbyn viu isso?

— Viu alguma coisa, e Meg lê o *Lakeside Notícias*. Eu não sei se mais alguém no Pátio lê o jornal.

— Você deve avisar Simon Wolfgard. — Burke suspirou. — É tão sedutoramente fácil pensar que usar uma profecia de uma *Cassandra de Sangue* vai fazer as coisas ruins irem embora, e que iremos ser avisados sobre qualquer coisa, e desse modo nós poderíamos evitar estar no lugar errado na hora errada. Mas nem sempre é verdade.

— Não senhor, nem sempre é verdade.

Monty reuniu-se com Kowalski no estacionamento. O jovem olhou para o jornal, em seguida, entrou no carro, sem dizer nada.

— Você viu o artigo? — Perguntou Monty.

Kowalski assentiu. — A família de Heather estava pressionando para ela sair do trabalho. Eles ameaçaram deserdá-la se ela não saísse, mas se ela ainda estivesse trabalhando na Howling Boas Leituras, ela não estaria naquela loja, e ela ainda estaria viva.

— Você não sabe disso, — Monty disse gentilmente. Já que Kowalski estava sentindo o mesmo tipo de pressão de sua própria família para se distanciar dos Outros, Monty não ofereceu mais amenidades. Mas ele quis saber exatamente o que foi dito antes de Meg ter essa visão.



CAPÍTULO 43

Firesday, Maius 18

Pelo menos ela tinha parado de chorar.

Simon não se importava quando Meg gritava com ele durante um filme. Bem, ele se importava, mas ele aceitava que era algo típico das fêmeas humanas, e ela ficava bem quando o filme terminava. Mas isso era outra coisa, uma dor mais profunda, como se tivesse engolido um pedaço de osso que estava rasgando sua garganta por dentro.

— É minha culpa, — ela disse.

Tinha perdido a conta do número de vezes que ela disse isso desde que Nathan uivou que algo estava errado com Meg. — Como poderia ser sua culpa? Você não estava lá. Você não machucou a Heather.

— Eu lhe dei o conselho errado, disse a ela a coisa errada, — exclamou Meg. — Foi por isso que ela morreu.

— Ela morreu porque um ser humano raivoso atacou outros seres humanos que estavam fazendo compras naquela loja. — Será que alguém conseguiu uma dose de *Nocaute de Lobo*? Algo que iria perguntar ao Tenente Montgomery.

— Naquele dia estávamos fazendo uma pesquisa para localizar o Composto onde eu fui mantida, Heather estava chateada porque sua família queria deserdá-la se ela continuasse a trabalhar na Howling Boas Leituras. Lembro de pensar: *O que acontecerá com Heather se ela fizer a escolha errada?* Devo ter atingido sem querer a minha mão, pois enquanto estava pensando isso, eu tive uma visão sobre Heather. Havia revistas espalhadas ao redor dela, cobertas de sangue. Eu vi uma data, e não era essa edição atual. — Ela fez uma careta. — Nem mesmo este

ano. Mas o que eu vi tinha que estar errado. Devo ter misturado os números.

— Isso é tudo o que você viu? Revistas espalhadas e Heather?

— Você vende algumas revistas na HBL, então eu pensei... Havia muito sangue, eu pensei que significava que ela ia morrer na loja se ela ficasse.

Não havia muitos detalhes sobre como Heather morreu, mas o artigo do jornal não tinha mencionado nada sobre revistas. Outra coisa a perguntar a Montgomery. E se Meg misturou uma data, não importava agora.

— Meg? — Simon se moveu até que ele estava ao lado dela, em seguida, descansou os antebraços sobre a mesa de triagem, combinando sua posição. — A loja tinha revistas?

Ela piscou para ele. — O que?

— Essa loja, onde Heather estava, tinha revistas?

— Eu não sei. — Ela tinha aquele olhar em seus olhos que significava que ela estava revendo suas imagens de treinamento para ver se ela poderia encontrar uma imagem correspondente. Em seguida, ela balançou a cabeça. — Eu não sei.

— Heather era um coelho, — ele disse suavemente. — Ela era uma boa humana, e uma boa trabalhadora, mas ela tinha medo de nós de uma forma que Merri Lee e Ruthie não têm. Vlad e eu reconhecemos os sinais e nós sabíamos que ela não ia ficar muito mais tempo, mesmo antes dos líderes *indigenes da terra* chegarem aqui para aquela reunião. Mesmo antes de você ter a visão.

— Mas se ela tivesse ficado um pouco mais...

— Ela seria expulsa de casa por não ter saído da HBL, e talvez eles não a aceitassem de volta, e estaria sozinha.

— Mas viva.

— Será? — Ele tocou na mão dela. — Talvez Heather tenha evitado a morte quando você a mandou sair. Ela estava com sua família, e é isso o que ela queria. Se eles não tivessem ido para aquela loja naquele dia, ou se tivessem adiado, ou se Heather decidisse ficar em casa e fazendo

algumas tarefas, você estaria lendo sobre alguém que foi morto no ataque, mas você não pode controlar o que você *não vê*, Meg.

Meg suspirou. — Você está certo, eu não poderia saber. E eu não posso fazer um corte para ver o que vai acontecer em cada vez que um amigo tem que fazer uma escolha.

— Não, você não pode. — Ele passou a mão sobre sua cabeça e lhe deu um sorriso. — Está se sentindo melhor agora?

— Um pouco. — Ela lhe deu um olhar irônico. — Melhor o suficiente para não colocar outro nó na cauda de Nathan por preocupação.

<Eu estava preocupado,> Nathan disse da sala da frente.

<E com razão,> Simon respondeu. *<Mas Meg parece embaraçada, como um esquilo que caiu de uma árvore e está tentando fingir que ela pretendia fazer isso.>*

Com uma bufada de aborrecimento, Nathan voltou para a cama Lobo.

— Eu estou bem, — Meg disse. — Eu não quero que meus amigos se machuquem, e é difícil saber se o que eu vi não foi suficiente para salvar Heather quando fui capaz de salvar os pôneis e Sam. E talvez ela tenha vivido mais tempo do que teria se tivesse continuado a trabalhar na HBL.

Ou talvez ela morresse muito antes, Simon pensou.



CAPÍTULO 44

Firesday, Maius 18

Jackson fez além de devolver o desenho da canção do Lobo; ele e Grace emolduraram e penduraram em seu quarto. Eles trouxeram mais papeis e mais lápis em cores diferentes. Eles gastaram tempo lhe dizendo sobre o tom verde da grama e a árvore que espalhava suas folhas quando Autumn⁴ andava sobre a terra, e o tempo dos pinheiros. Eles descreveram o melhor que podiam os tons de água, eles sabiam que a água rasa era aquecida pelo sol, mas não tirava a frieza de um poço profundo, e o que não era a *cor* da água.

Ela ouvia, absorvendo o que eles disseram e se perguntando o que estava do lado de fora de seu quarto. Jackson e Grace não eram os únicos Lobos aqui. Ela sabia disso pela música. Mas ela não tinha coragem de perguntar se ela poderia sair de seu quarto.

Ela pensou sobre seus novos guardiões. Eles se recusavam a chamá-la de *cs821*. Uma vez por dia, perguntavam se ela tinha escolhido um nome. Eles não a puniam por não ter escolhido nenhum. Eles a alimentavam e limpavam suas roupas, eles colocavam produtos novos para lavar-se e usar o banheiro. E eles pareciam satisfeitos por ela gostar de desenhar.

Jackson e Grace. Mas enquanto ela pensava nele, ela não via Grace. Ela via Jackson e...

Pegando uma folha de papel, a menina começou a desenhar.

⁴ Outono

Jackson entrou no quarto da menina marcada com um prato de comida para a refeição dela do meio-dia.

Ela estava sentada à cabeceira da cama, seus braços em torno das pernas dobradas para cima, com o queixo apoiado nos joelhos.

— Qual o problema? — Ele perguntou, e percebeu o quão afiado soou quando ela fez uma careta. Ele colocou o prato sobre a mesa e se aproximou da cama, cheirando levemente para que ela não soubesse que estava tentando pegar o cheiro de sangue.

Sem sangue, mas algo estava errado.

— Eu queria fazer um desenho de você e Grace, mas acabei fazendo isso. — Ela apontou para o papel no final da cama.

Segurando com cuidado, ele virou o desenho. Então ele respirou fundo.

— Você já viu esses lugares? Já viu essas... Imagens? — Perguntou.

Ela abanou a cabeça.

Ela nunca tinha visto ele na forma de Lobo, mas ela tinha desenhado a cabeça, o focinho levantado para o céu, as montanhas rochosas ao fundo enchendo o canto superior esquerdo do papel. A seção inferior direita estava desenhada com a cabeça de outro Lobo uivando. No centro do papel havia uma habitação humana como nada que ele poderia encontrar ao redor de seu território de origem, a visão de uma águia e de uma ilha, e a água caindo como Talulah Falls era conhecida.

— Aquele outro Lobo não é a Grace, — ela disse, parecendo preocupada.

— Não, é o meu amigo Simon. Ele mora em Lakeside, um lugar na margem oriental do Lago Etu. — Ele estudou a menina. Seu cabelo desgrenhado era de um tom castanho dourado, e seus olhos eram verdes com manchas de ouro. Se ela fosse um shifter, ele pensaria que ela pertencia ao Panthergard com essa coloração. — Você desenhou isso para mim?

Ela assentiu com a cabeça. — Isso significa alguma coisa. — Ela olhou para a mesa, na gaveta onde guardava a navalha. Em seguida, ela desviou o olhar.

— Isso significa alguma coisa, — ele concordou. — Uma forte amizade sempre tem um significado.

Ela parecia surpresa, então aliviada.

Não, Jackson pensou. Eu não vou pedir-lhe para usar a navalha.

Ele pegou o desenho com cuidado para não sujá-lo. — Obrigado. — Então ele viu o desenho sob o dele.

— Esse me confundiu, então eu não terminei o desenho. — Ela hesitou, depois acrescentou baixinho, — Eu usei um monte dos meus lápis azuis.

— Eu vou até a vila Intui mais tarde ver se eles têm mais.

Havia poder no desenho que ela tinha feito dele e de Simon, mas este outro o perturbava. Um campo de trigo. Ele sabia que era trigo, porque ela tinha desenhado talos com grãos maduros no primeiro plano. Mas estava debaixo d'água. Tubarões nadavam acima do campo de trigo, e no fundo, na borda do papel, era algo que parecia um navio afundado.

Ele pegou aquele desenho também.

— Coma o seu alimento, — ele disse.

— O trigo não cresce debaixo d'água. Lembro disso de algumas imagens de treinamento. — Um olhar para a gaveta que continha a navalha.

— Você não tem que se cortar. Você nos deu respostas. Cabe a nós descobrir as perguntas.

Jackson saiu do quarto e fechou a porta. Em seguida, ele ouviu.

Passos suaves deslizando até a mesa. A abertura da gaveta.

Contou até dez antes de a gaveta ser fechada novamente e a cadeira raspar todo o chão. Quando ele teve certeza que ela estava comendo em vez de usar a navalha, ele se afastou silenciosamente.

Havia apenas um telefone em seu território *indigene da terra*. Não havia qualquer necessidade de mais. O telefone, juntamente com o

computador, estava na cabana à beira da aldeia, ao lado da estrada que levava à aldeia Intui. Cartas e encomendas eram entregues lá também, porque haviam muito poucos morando no assentamento que poderiam se passar por humano.

Ele olhou para o desenho com os dois Lobos que moravam em diferentes partes de Thaisia, e estavam conectados por mais do que amizade.

Ele iria mostrar os desenhos para os anciãos, em seguida, iria deixá-los com Grace para guardá-los, enquanto ele caminhava para a cabine com o telefone e ligava para Simon.



CAPÍTULO 45

Firesday, Maius 18

Simon revisou as listas em suas mãos, em seguida, olhou para os livros nas prateleiras. No início de Maius, ele perguntou a matilha de meninas e à polícia que havia se tornado parte do Pátio, incluindo o Tenente Montgomery, para saber que tipos de livros eles liam e de quais autores gostavam. Eles lhe entregaram essas listas, e com base nessas listas, era hora de começar o estoque.

Ele pegou um carrinho de fácil acesso, e começou a puxar os livros das prateleiras.

— Isto é algo que eu deveria saber? — Perguntou Vlad, encostado nas prateleiras.

— Nós fechamos a loja para os seres humanos que não fazem parte do Courtyard, por isso é hora de remover os livros que não são de interesse para eles ou os *indigenes da terra*.

Vlad puxou um livro da prateleira. A capa mostrava um homem musculoso, que estava parcialmente vestido, e parecia ameaçador, e foi concebido para ser uma espécie de *indigene da terra*. Aos pés do macho havia uma mulher parcialmente vestida, provavelmente humana, que, apesar de estar encolhida, seu queixo estava erguido em uma atitude desafiante e tinha as costas arqueadas de uma forma que exibia um par impressionante de seios.

— Você acha que os seres humanos nunca vão perceber que os seios não têm nenhuma atração para nós depois de desmamados? — Perguntou Vlad, abrindo o livro em uma página aleatória.

— Para que isso? — Simon inclinou a cabeça para o livro. — Nenhum de nós estaria interessado nessa história, então nenhum de nós poderia pensar em mencioná-la e pedir aos editores *indigenes da terra*, já

que eles sabem que esse tipo de capa e leitura não nos atrairia. — A melhor pergunta é, na minha opinião, o motivo desse *tipo* de livro estar nas prateleiras, em primeiro lugar?

Vlad folheou algumas páginas, em seguida, colocou o livro no carrinho. — Alguns de nós poderíamos lê-lo se você arquivar como uma comédia.

Simon olhou para ele, depois olhou para o livro. — Ou colocá-lo junto com os livros de receitas?

— Seria muito óbvio o nosso interesse nos seios.

Rindo, ele entregou metade das listas para Vlad. — Estes são os livros que os nossos seres humanos gostam de ler. Quero manter esses autores em estoque, bem como livros similares. Parece que Heather era a única que estava interessada em livros de beijo, mas a matilha gosta de thrillers de romance ou aventuras. Por agora, eu estou mantendo um de tudo o que temos em estoque, livros de beijo e tudo, e estou removendo as cópias extras. Henry pode pegar o que quer em nossa biblioteca, e nós vamos cuidando do resto.

— O que vamos fazer com os espaços nas prateleiras?

— Adicionar livros escritos por *indigenes da terra*, em vez colocá-los escondidos na parte de trás ou com um livro ocasional na frente da loja, nós vamos vender os livros ao lado de seus homólogos humanos.

— Simon? Transformar o Courtyard de Lakeside em uma espécie de academia é realmente uma boa ideia? Especialmente agora?

— Quando os seres humanos vieram a Thaisia, nós fizemos os primeiros negócios há muito tempo, seus assentamentos eram pequenos, e foi fácil estudá-los, apesar de pouco contato real além do que foi devido a nós para o uso da terra. Essa é a maneira como ainda é feita em outros lugares. Mesmo os Outros que vigiam as maiores cidades humanas só interagem com um punhado de seres humanos, ou em uma reunião formal, ou com o Liaison Human, onde a interação é formal demais. Eles podem esconder as coisas de nós agora.

— Como os Compostos que detinham, e que ainda detêm as *Cassandras de Sangue*?

Simon assentiu. — Nós não sabíamos o que eles faziam com as profetisas de sangue, e durante esse tempo eles aprenderam muito. Talvez mais. Eles ficaram fora de vista porque nós não nos preocupamos como os seres humanos tratam os seres humanos. A maior parte do tempo, os seres humanos têm mantido a paz, mas eles são uma espécie invasora, como a trepadeira kudzu, e vão tentar consumir tanta terra quanto puderem, se nós não delimitarmos e reforçarmos os limites acordados. Agora o problema está se mexendo em todos os lugares por causa do que os seres humanos do movimento HPU estão fazendo.

— Você acha que a resposta é aprender a tornar-se mais humano?

Simon puxou mais alguns livros das prateleiras. — Não exatamente. Acho que a resposta é aprender a reconhecer o inimigo quando ele está escondido dentro do rebanho. Quando fizermos isso, podemos matar o inimigo, e manter Thaisia segura. — Ele olhou para Vlad. — Nós os chamamos de carne inteligente, por isso é fácil esquecer que a razão de alguns de nossos antepassados aprenderem esta forma foi porque os *indigenes da terra* reconheceram que os primeiros humanos que vieram para Thaisia eram um novo tipo de predador, algo que precisávamos compreender a fim de permanecermos dominante. Agora precisamos entender mais, a fim de decidir que tipo de humanos iremos autorizar a permanecer em Thaisia. — *Enquanto indigenes da terra como você e eu ainda tivermos algo a dizer nessa decisão*, acrescentou silenciosamente.

— Eu me pergunto como o Tenente Montgomery se sentiria; ou Kowalski ou Debany sobre esse assunto.

— Não há nenhuma razão para que eles saibam, não é?

— Não há razão nenhuma.

Depois que Vlad foi para o próximo grupo de prateleiras para puxar livros de suas listas, Simon olhou para os títulos da frente dele, e não via nada.

Ele gostava dos humanos que estavam interagindo com o Courtyard. E gostava de Steve Ferryman e os *Intui* que conhecera em Porto Ferryman. Mas ultimamente ele estava percebendo que as palavras

poderiam ser uma arma tão devastadora quanto uma arma, e isso era algo que a maioria dos Outros não entendia ainda. Os *indigenes da terra* não aprenderam o suficiente de seres humanos, porque muito do que os seres humanos queriam não tinha nenhum interesse para eles.

Vlad retornou, com as mãos cheias de livros. — Simon, você quer manter esses livros?

Antes que ele pudesse responder, Jenni Crowgard entrou correndo na sala de estoque e disse: — Os Corvos sabem por que os humanos estão ficando sem comida! — Ela parou por um momento, então acrescentou: — Bem, o mesmo acontece com os demais *indigenes da terra*.

— O que fazer... — Simon rosnou quando o telefone começou a tocar.

Vlad colocou os livros sobre o carrinho e levou Jenni para o fundo da loja, dizendo: — Diga o que você ouviu.

Simon pegou o telefone. — Howling Boas Leituras.

— Simon? É Jackson.

Ele congelou por um momento. Seu amigo soou... Peculiar. — Está tudo bem?

— Sim. Talvez. — Jackson hesitou. — A menina marcada fez um desenho meu nas Montanhas Rochosas e de você em Lakeside, com o fundo da Talulah Falls entre nós. Isso significa alguma coisa para você?

— Talvez. — Ele pensou sobre a terra entre Lakeside e Talulah Falls. Ele pensou sobre a nova comunidade dos Outros e os Intuí juntos. Ele não tinha pensado que Jackson estaria interessado em sair do Noroeste, mas um monte de coisas estava mudando ao longo de Thaisia. O outro Lobo pode estar sentindo que era hora de seguir em frente. Será que Jackson queria viver na Comunidade River Road?

— Ela desenhou outra imagem.

— Ok. — Será que a menina cicatrizada esfregava a pele da maneira que Meg fazia quando uma profecia começava com um formigamento e um zumbido? Era por isso que Jackson parecia perturbado?

— Um campo de trigo dentro d'água. Tubarões nadando sobre o campo. Um navio afundado. Significa alguma coisa?

Simon olhou para as prateleiras de livros e notou que Vlad tinha regressado sozinho e estava olhando para ele. Esperando por ele. Ele repetiu o que Jackson disse sobre o campo de trigo.

Vlad assentiu.

— Sim, — ele disse respondendo à pergunta de Jackson. — Isso significa que os humanos estão enviando alimentos pelo mar enquanto afirmam que não tem comida suficiente para os humanos que vivem em Thaisia. Eles mentiram para sua própria espécie, a fim de causar problemas para nós.

— O que podemos fazer?

— Esperar. Continue observando. Me informe se a menina com cicatrizes fizer outros desenhos que são visões. — Depois de receber uma garantia de Jackson de que ele iria mantê-lo informado sobre as visões da menina cicatrizada, e prometendo falar com Meg sobre a menina, Simon desligou.

— Você vai dizer ao Tenente Montgomery? — Vlad perguntou.

Simon balançou a cabeça. — O trigo é importante, e alguns alimentos serão escassos por causa disso. Ele já sabe disso.

— Ele não sabe por quê.

— Isso importa?

— Você não gostaria de saber por que o seu cachorro vai ficar com fome?

— Sim, eu iria. Mas Montgomery não vai ter uma palavra a dizer em nada disso. Nem nós. Não há nenhum ponto em dizer-lhe o porquê até podermos dizer o que vai acontecer a ele e ao Capitão Burke.

Vlad respirou fundo e soltou o ar lentamente. — Nesse caso, vamos tomar algumas decisões sobre esses livros. Isso é o que podemos fazer agora. — Ele estendeu a mão para os livros que tinha deixado sobre o carrinho, depois parou. — Ah, e Ruthie vai falar com os comerciantes no Mercado Tenda amanhã. Se eles forem agradáveis sobre ter alguns de

nós lá, Ruthie e algumas outras fêmeas levarão os Corvos nas próximas compras em Watersday.

— Não vai ser divertido, — Simon murmurou.

Vlad sorriu. — Estou feliz que você pense assim, pois você vai precisar falar com Blair sobre quem estará indo com elas.

Simon pegou o livro com a fêmea encolhida e desafiante, e com grandes peitos na capa. Talvez ele colocasse junto com os livros de receitas, afinal de contas.



CAPÍTULO 46

Watersday, Maius 26

De mãos dadas, Meg e Sam caminhavam ao longo da estrada do Complexo Verde da Praça do Mercado.

O ônibus do Courtyard havia saído logo depois do almoço para ir para o Mercado Tenda em uma viagem de campo experimental com Jenni, Starr e Crystal Crowgard. Ruth e Merri Lee a convidaram para se juntar a elas, mas elas foram rápidas em apontar que a quantidade de mercadoria, para não mencionar as multidões e o barulho que eram típicos em uma tarde de Watersday, poderiam ser esmagadores para ela.

Ela aceitou o convite, mas iria dar uma caminhada depois de sair do escritório do Liaison, com Sam e Skippy, o que já era um grande trabalho.

— *Por que* eu não posso marcar as árvores da maneira que Skippy está fazendo? — Perguntou Sam.

— Porque você está em forma humana, — Meg respondeu.

Skippy, que parecia não estar prestando atenção à conversa, levantou a perna e deu-lhes um sorriso maroto de Lobo.

— Os seres humanos fazem xixi em árvores também, — Sam disse, olhando para Skippy quando o Lobo juvenil trotou para farejar em outra coisa.

Incapaz de recordar de imagens de treinamento que pudessem confirmar ou negar essa afirmação, Meg não disse nada e continuou andando. Inclinando a cabeça para que ela pudesse ver além da aba de seu chapéu, ela viu o Falcão acima deles, vigiando. Se Sam corresse para provar que um menino poderia fazer xixi em uma árvore, ele não ficaria completamente sozinho, mesmo se ela continuasse andando. E, na verdade, tudo o que tinha que fazer era seguir o caminho para a Praça do

Mercado, então não era como se ele pudesse se perder. Eles poderiam ter que caçar suas roupas mais tarde, se ele as tirasse e mudasse para Lobo, mas aparentemente, encontrar roupas abandonadas no Pátio era muito comum durante os meses mais quentes.

Eles não estavam sozinhos, Meg lembrou. Era só seguir em frente, e eles poderiam encontrar as roupas espalhadas, contanto que um humano não visse um menino tirando a roupa em qualquer lugar.

Ela aprendeu essa lição ontem, quando viu uma pilha de roupas perto da estrada ao fazer algumas entregas. Uma vez que eram macacão e botas de trabalho, ela os deixou do lado de fora do Complexo Utilities e, em seguida, vira um Blair totalmente irritado, que estava procurando as suas roupas onde havia deixado quando mudou para a forma Lobo para fazer o que fosse que ele precisava fazer na sua forma peluda.

Talvez devesse falar com Eve Denby já que Sarah e Robert brincavam com alguns dos jovens do Pátio. Afinal, se Sam iria reclamar sobre não ser autorizado a fazer xixi em uma árvore quando estava na forma de menino, seria melhor se Robert não reclamasse por não ter autorização para tirar a roupa e correr nu, só porque ele não iria mudar para algo com penas ou pelos?

Ela não tinha imagens de treinamento que combinavam com o que os jovens do sexo masculino de qualquer espécie pensavam ou achavam interessante. Aparentemente, essas coisas não eram consideradas um conhecimento útil quando se falava uma profecia.

No momento em que eles chegaram à Praça do Mercado, Meg estava quente e suada; e acabou se lembrando de uma frase que a avó de Ruthie disse, insistindo que as senhoras não suavam.

A avó de Ruth, obviamente, nunca teve Lobos como acompanhantes. Quando brincava com *eles*, você não suava, você *pingava*.

— Todo o Courtyard está aqui, — disse Sam, parecendo impressionado.

Ela sabia que não era verdade, mas com certeza parecia que todos os residentes estavam lotando a praça.

Concentre-se em uma ou duas coisas, ela pensou. Deixe que o resto seja um pano de fundo, como se estivesse tendo uma visão ocorrendo em um lugar lotado em vez de um lugar deserto.

Sentindo-se mais firme depois de tomar essa decisão, Meg olhou ao redor e focou em Jester Coyotegard, que apontava para várias lojas e parecia estar explicando algo para um homem com cabelo vermelho e uma cara que parecia suficientemente uma raposa para *não* passar por humano. Ela não tinha entregado quaisquer correspondências para o Foxgard, de modo que este homem ou era um visitante ou um novo residente.

Ela notou Blair, que parecia como se alguém estivesse mastigando sua cauda, o que não era provável, porque ele estava na forma humana. Em seguida, ela se esqueceu do Lobo quando viu Julia e Marie Hawkgard saindo da loja *Chocolates e Cremes*, lambendo casquinhas de sorvete.

Ela já tinha provado sorvete? Ela não tinha certeza. Mas sabia que nunca tinha experimentado comer um sorvete de casquinha. E Sam não tomava um sorvete em anos, se ele já tivesse tomado um, quando era um filhote ainda menor. Eles iriam passar na *Chocolates e Cremes*, e ela iria comprar cones de sorvete para ambos. E Skippy também, então ele não iria ficar de fora.

Ela olhou para Sam. — Você gostaria de...

O zumbido áspero começou no peito, espalhando-se rapidamente para o ombro esquerdo.

— Do que, Meg? — Sam puxou o braço dela. — Meg?

Meg olhou para a Praça do Mercado. Lugar lotado. Muitas pessoas, muito pouco espaço para se mover, para escapar.

A Praça do Mercado parecia familiar, mas não *tinha* familiaridade. E a certeza de que ela precisava escapar ficou mais forte quanto mais tempo ela ficava lá.

— Algo está errado, — ela sussurrou, e deu um tapinha no bolso direito de seu jeans. Vazio.

Como poderia estar vazio? Como pode...?

Ela apertou a mão contra o bolso esquerdo e sentiu a forma de sua lâmina. Ela a pegou e a manteve na mão, onde era mais fácil de alcançar.

— Meg? — Sam gemeu quando ele puxou o braço dela novamente.

Meg trabalhou para firmar sua respiração. Ela deveria virar e se afastar da Praça do Mercado, caminhar de volta para o Complexo Verde ou tão longe quanto pudesse para afastar o doloroso zumbido e os alfinetes e agulhas sob sua pele.

Ela olhou para Sam e Skippy, com a intenção de dizer-lhes que tinham de sair.

Mas e se a profecia fosse sobre um deles? Ela podia correr esse risco? Ela poderia viver com a dor, se qualquer um deles se machucasse?

Certifique-se, pensou ela. Da última vez que você não se afastou, você perturbou tantos amigos. Você feriu Nathan. E Simon. Tenha certeza.

Ela saiu correndo da Praça do Mercado, com a intenção de chegar ao seu escritório e chamar... Quem? Simon estava no mercado com Jenni Crowgard e suas irmãs. Nathan, Vlad, Henry e a matilha humana estavam com eles. Exceto Theral, que estava trabalhando no consultório médico esta tarde, porque ela não queria ir a um lugar lotado onde o seu ex-amante poderia procurar por ela.

Será que Theral era a razão para o formigueiro? Não houve nenhum sinal de *que o homem* que entregou as flores como uma forma de confirmar se Theral poderia ser encontrada no Pátio apareceu. Mas nenhum humano poderia chegar a Theral no consultório. Especialmente hoje, com tantos dos *indigenes da terra* se reunindo na Praça do Mercado.

Multidões e a picada desagradável e afiada. Empurra empurra. Gritos e gritos. Não havia espaço para escapar se...

— Meg? — Disse Sam. — Aonde você vai?

Ela correu para o gabinete do Liaison. *Fique por perto e chame...* Blair, o Executor dominante do Courtyard. Não, ele estava na Praça do Mercado, por perto. Ela chamaria Nyx. A Sanguinati iria ajudá-la.

Ela parou, mal conseguindo respirar.

O zumbido tinha piorado, e não melhorado. Ela estava se movendo *em direção* a razão para as visões em sua pele, não para longe dela.

Não posso me cortar quando não estou no controle. Não posso assustar Sam da maneira que eu assustei Nathan. Não posso. Mas o perigo está aqui. Eu sei que é aqui.

Meg olhou em volta, com foco nos edifícios que a cercavam quando ela se virou em um círculo lento. As garagens que armazenavam os carros elétricos e que também mantinham várias ferramentas e equipamentos para o trabalho sazonal. Os Três Ps e o acesso de saída e entrada da Main Street para o Pátio. A parte de trás do Gabinete do Liaison e o quintal de Henry. As entradas da livraria e da Bite.

Meg olhou para as escadas que levavam aos apartamentos acima da loja de costura/alfaiate, e agarrou seus braços quando o zumbido se tornou brutalmente doloroso.

Quatro apartamentos lá em cima. E este zumbido sob sua pele era a vara radiestésica que identificava qual apartamento, *qual amigo*, poderia estar em perigo. Ela iria descobrir qual apartamento produzia o zumbido, quais pessoas eram o assunto da profecia, e então ela iria fugir até o zumbido parar.

Ela poderia fazer isso. Ela *iria* fazer isso.

— Meg? — Sam parecia assustado.

Não seria possível fazer isso com apenas o menino aqui. Se alguma coisa desse errado...

Ela levantou a cabeça. — *Arroooooo! Arrooooo!*

Sam inclinou a cabeça. — O que é isso?

— É um aviso, — Meg ofegante. — Algo está errado nos apartamentos. Muito errado. Tem que avisar.

— *Arroo!* — Sam uivava. — *Arroo!*

— *Arroo!* — Skippy uivou um momento depois.

Um momento depois, um uivo mais profundo respondeu-lhes.

Meg subiu as escadas. No meio do caminho, ela tropeçou e caiu, batendo seu joelho.

— Meg!

Ela virou-se para se sentar na escada, mal percebendo Elliot enquanto corria em direção a ela do consulado. Ela olhou para a pele rasgada no joelho enquanto seu corpo enchia com a agonia que era o prelúdio para a profecia.

Em seguida, Tess estava ao lado dela, uma mão forte apoiando a parte de trás de sua cabeça, e Elliot estava em seu outro lado.

— Tem que, — Meg engasgou. — Tem que...

— Não há tempo para buscar papel e caneta, — disse Tess. — Nós vamos ter que ouvir com atenção e lembrar.

Elliot concordou.

Tess virou o rosto de Meg para que seus olhos se encontrassem. — Fale profetisa, e ouviremos.

Um amontoado de imagens. — Livro rosa, estrelas douradas... Segredos... Apartamento... Ladrão, mais ladrão... Livro Lizzy... Trem... Trem... Brilhoso... Homem segurando um pedaço de cano... Corvos... Sacos de brilhos... Corre!

Imagens rolando em sua mente, gravadas na sua memória. Em vez da euforia protegê-la das visões, Meg sentiu medo, até que foi preenchida com um tipo diferente de agonia.

Então ela viu seu próprio braço levantando, duro e direto. Ela viu seu dedo indicador e o polegar apontando para cima. Ela viu os outros dedos se enrolando em sua palma, e a sua mão parecia... — *Simon!*

Quando Meg entrou em colapso, Tess amorteceu a cabeça da menina com a mão e olhou para Elliot.

— Vou ligar para Simon, — Elliot disse e saltou as escadas e se afastou, puxando o celular do bolso.

— Ela desmaiou? — Perguntou Blair.

Tess assentiu. Não era uma surpresa que o Executor dominante tivesse vindo correndo, especialmente se estivesse perto o suficiente para ouvir aqueles gritos estranhos. Não era surpresa ver Julia e Marie Hawkgard ou Jester Coyotegard respondendo. Apressando-se para se juntar ao seu pequeno grupo, estavam Lynn e Jane Wolfgard, o Outro e a bodywalker respectivamente.

— Simon está em perigo? — Perguntou Jester. — Ele precisa de ajuda?

— Toda a ajuda que ele puder obter, — Tess respondeu severamente, esperando que o Coyote fosse entender o tipo de ajuda que Simon necessitaria.

— Eu vou dizer as meninas no lago. — Ele olhou para Meg e hesitou. — Nossa Meg vai ficar bem?

— Nós vamos cuidar dela, — disse Jane. — Eu já lidei com um de seus cortes antes, e não vou lamber o sangue.

— Você já escutou alguma coisa indicando quem deveria cuidar dela, e se é preciso esperar por um bodywalker humano? — Blair perguntou a Tess.

— Não, — ela respondeu quando Meg começou a se mexer. Na verdade, tudo o que ela tinha ouvido indicava que ela deveria ficar com a garota longe desta parte do Courtyard o mais rápido possível. — Eles podem levar Meg ao consultório médico e, em seguida, para o Complexo Verde. — Ela estudou a porta no topo das escadas, em seguida, olhou para Blair. — Você e eu precisamos decidir o que fazer com esses apartamentos.

Elliot voltou, deu em Meg uma olhada afiada e rápida, em seguida, pegou um lenço limpo e o entregou a Jane. — Então ela não tirou sangue.

Jane habilmente enrolou o lenço ao redor do joelho de Meg. Então ela e Lynn a levantaram e a levaram para a Praça do Mercado.

— Simon está a caminho, — disse Elliot.

Os uivos de lamento foram um ruído de fundo chato que Tess havia ignorado enquanto ela se concentrava nas advertências que Meg se

esforçou para transmitir. Quando os uivos pararam abruptamente, ela percebeu *quem* estava faltando. — Onde estão Sam e Skippy?

— John pegou Sam e tirou ambos os jovens da Praça do Mercado, — disse Blair. — Eles vão voltar para o Complexo Verde quando Meg voltar. John vai ficar com eles para evitar que os jovens se preocupem com as ataduras de Meg.

— Assim podemos encontrar o que está lá em cima, e quem quer nos roubar, — Elliot disse apontando para os apartamentos. — Eu estou supondo que é o que Meg queria dizer quando falou sobre um ladrão.

Tess assentiu, tendo assumido a mesma coisa. — Tiramos todas as nossas posses, tudo que os nossos humanos trouxeram é pessoal. Lizzy ainda tem algo que alguém quer muito, o suficiente para entrar no Pátio. Tirando todos os apartamentos, os ladrões não sabem com certeza que *nós* sabemos que eles estão atrás das posses de Lizzy.

Além disso, os ladrões poderiam ser rancorosos o suficiente para destruir as posses de Merri Lee quando eles não encontrarem o que querem; e essa é a principal razão para levar todos os itens pessoais que os humanos do Courtyard trouxeram.

Os *indigenes da terra* não precisam de todo esse material, a fim de descobrir o que os ladrões queriam. Meg já tinha dito a ela o que precisava encontrar.

— Ambos os carros elétricos estão na garagem, — Blair disse. — Vamos colocar tudo neles e resolver o problema mais tarde. — Ele foi até a garagem pegar o primeiro carro.

No momento em que Julia correu até o escritório da livraria para pegar as chaves dos apartamentos, Nyx Sanguinati se juntou a elas. As quatro mulheres se separaram. Julia e Marie embalaram as posses de Merri Lee; Nyx verificou o apartamento de Lorne dos três Ps, e o apartamento que a equipe de policiais do Montgomery estavam usando; e Tess ficou com o apartamento que Montgomery e Lizzy ocupavam.

Sozinha, com a porta trancada para que ninguém colocasse os olhos nela, ela permitiu que a sua verdadeira natureza se mostrasse através da máscara humana. Meg tinha mencionado uma máscara

quando ela falou a profecia no Pony Barn algumas semanas atrás. *Máscara feliz, Cara de brava*. Poderia aplicar-se a um monte de humanos agora, mas sua própria interpretação era que a imagem mostrava algum tipo de engano.

Simon estava correndo algum tipo de perigo no Mercado Tenda. Havia ladrões querendo entrar nos apartamentos do Pátio. Dois tipos de ameaça, no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Coincidência ou algo intencional? Seria algum tipo de engano, ou um embuste que levaria a atenção para longe da outra ameaça, até que fosse tarde demais?

Tess encontrou duas malas guardadas sob a cama de solteiro. Tirou de baixo da cama e as colocou em cima, e começou a esvaziar as gavetas, puxando as roupas do armário e jogando nas malas, movendo-se tão rapidamente quanto podia.

Mas quando algo da gaveta de roupas íntimas de Lizzy caiu dentro da mala com um baque, Tess retirou da mala para dar uma olhada.

O livro rosa, com estrelas douradas. Um fecho de ouro e um pequeno buraco de fechadura.

Tess sacudiu algumas peças de roupa, mas não encontrou a chave que se encaixava na fechadura. Não importa. Meg tinha visto o livro, não a chave.

Ela colocou o livro de lado, enquanto terminava de limpar tudo o que pertencia a Montgomery e Lizzy. Então ela colocou o livro em um pano de prato limpo, escondeu sua verdadeira natureza, o suficiente para que ela não colocasse em perigo os Outros *indigenes da terra*, e abriu a porta.

Nyx estava do outro lado.

— Marie e Julia arrumaram as coisas de Merri Lee, — disse Nyx. — Elas estão dirigindo aquele carro para o Complexo Verde e vão estacionar nas garagens de lá. Blair está te esperando para transportar o que você tem aqui em cima para colocar no outro carro.

Uma porta trancada não significava nada para um Sanguinati, e ainda assim Nyx esperou do lado de fora. Foi o respeito pela necessidade de um momento privado que fez a mão de Tess pairar sobre o livro.

— Mantenha esse livro escondido de todos, até que eu peça, — Tess disse.

Nyx pegou o livro. — É perigoso?

— Eu acho que sim. — Afinal, segredos poderiam ser muito perigosos.

Blair entrou em sua visão quando ela virou da esquina. — Você está pronta? Vamos tirar esse material daqui para que eu possa trazer os Lobos para fazer a defesa.

— Você não vai defender os apartamentos, — Tess disse e o seu cabelo ficou vermelho sólido e enrolado.

Blair deu um passo para trás e rosnou. Nyx parecia curiosa.

— Nós vamos deixar os ladrões arrombarem, — ela continuou. — Nós vamos deixá-los procurar nos apartamentos para que os outros humanos saibam que eles são os inimigos.

— E então? — Perguntou Blair.

— E então eu vou matá-los.



CAPÍTULO 47

Watersday, Maius 26

Simon olhou para a mercadoria na outra mesa, em seguida, olhou para longe, desinteressado.

Muitas pessoas, muito barulho, muitas coisas. Por que os humanos precisavam de tantas coisas?

Nathan tinha entrado no edifício grande que abrigava o Mercado Tenda um total de quinze minutos antes de afirmar que alguém precisava tomar conta da van do Courtyard contra os vândalos ou ladrões. Simon teria prazer de se juntar a ele, mas o líder precisava ficar e manter um olho sobre os demais membros de sua matilha. Claro, Henry e Vlad estavam lá para ajudar a manter um olho em Jenni, Starr e Crystal. Kowalski, Debany, e MacDonald também estavam lá, mas eles tinham as mãos cheias, literalmente, a função de cavalos de carga de duas pernas para Ruthie e Merri Lee.

— Eu acho que Corvos e as fêmeas humanas têm algo em comum,
— Kowalski disse ficando ao lado de Simon. — Elas gostam de encher suas casas com bugigangas.

Simon estudou Ruthie, que parecia estar arrulhando sobre algum tipo de frasco. — Você vai deixar a sua companheira comprar um frasco que se parece com uma vaca doente?

— O que faz você pensar que parece uma vaca doente?

— Porque eu nunca vi uma vaca saudável *daquela* maneira. — Ele não tinha certeza sobre as vacas, ou qualquer outro tipo de presas de quatro patas que *poderia* se parecer daquela forma. — O que é que ela vai fazer com ele?

— Colocá-lo no balcão da cozinha e usá-lo como um pote de biscoitos ou algo assim.

— Mas você vai ter que olhar para isso também.

Kowalski deu de ombros. — Ela é minha companheira. Eu posso viver com isso se a faz feliz.

Simon olhou para os sacos cheios que Kowalski tinha em cada mão. — Você não pode apenas dar-lhe as melhores partes de um coelho?

— Não significa a mesma coisa para uma fêmea humana.

Ele suspirou. Ele teve a sensação de que essa seria a resposta.

— Jenni e suas irmãs estão se divertindo, — disse Kowalski. — Elas realmente gostam dessa caça de tesouros.

— Elas podem parar de se divertir em breve? — Um Lobo podia viajar cem quilômetros em um dia, quando ele precisava. Mas depois de ficar uma hora neste lugar cheio de ruído e confusão, e todos esses *cheiros fedidos*! Ele se sentia cansado e queria ir para casa tirar uma soneca. E ver Meg. Ele realmente queria ver Meg. Ele queria brincar com Sam. Ele queria...

Ele ignorou a risada de Kowalski, já que o humano estava rindo dele, e respondeu o seu celular. — O que?

— Simon, saia daí agora, — disse Elliot.

— Estamos quase...

— Agora! Meg teve uma visão, e o que viu sobre você no Mercado Tenda a assustou tanto *que ela desmaiou*.

Simon ficou tenso. Ele observou Kowalski estudá-lo, em seguida, colocou os sacos de lado e se moveu para perto de Michael Debany. — Meg se cortou?

— Ela caiu nas escadas dos apartamentos. Alguma coisa ruim vai acontecer com você também, mas você...

— A mantenha segura. — Ele terminou a chamada e olhou em volta para procurar os demais *indigenes da terra*. <Temos que sair agora.>

— Problema? — Perguntou Debany, se juntando a Simon e Kowalski.

— Perigo, — Simon respondeu. — Meg diz que temos que sair daqui.

— Devemos chamar o Tenente Montgomery? — Debany perguntou a Kowalski.

Kowalski sacudiu a cabeça. — O Tenente e os Denbys levaram as crianças ao cinema esta tarde. Seu telefone deve estar desligado. Ligue para a estação. Vou chamar o Capitão Burke.

Enquanto os dois homens faziam as suas chamadas, Kowalski se dirigiu para Ruthie e Merri Lee, enquanto Debany fez o seu caminho de volta para a mesa onde Lawrence MacDonald já estava de pé, com um olhar interrogativo em seu rosto quando ele percebeu que o seu parceiro estava indo na direção dele.

Simon olhou ao redor e xingou silenciosamente. Henry era fácil de detectar, mesmo com tantos humanos. Jenni, Crystal e Starr estavam espalhadas em mesas diferentes e desapareciam à medida que os humanos lotavam as mesas, bloqueando os Corvos de sua linha de visão. Jenni e suas irmãs tinham ouvido o seu pedido, mas sua atenção estava muito presa pelos objetos nas mesas. Ele ia ter que falar com os líderes do Crowgard sobre esta obsessão com objetos brilhantes. Estava ficando no caminho da sobrevivência.

Ele tentou evitar colidir com os humanos enquanto se movia para Jenni, mas parecia que alguns homens deliberadamente o empurravam, atrasando sua abordagem à mesa do comerciante. Quando ele a alcançou, algo sobre a maneira evasiva, e nervosa do comerciante fez com que suas presas se alongassem. Pelos de repente cobriram a parte superior do peito de Simon, e suas mãos já não passavam mais por humanas.

Jenni olhou para ele e imediatamente se afastou da mesa, em uma admissão silenciosa de que ela tinha ignorado o seu comando.

— E quanto a isso? — O comerciante disse rapidamente, levantando um pano e revelando uma peça plana de metal que, tanto quanto Simon poderia dizer, não servia para nada, exceto o brilho.

— Ooooh, — disse Jenni.

Antes que ela pudesse se aproximar da mesa de novamente, Simon agarrou seu braço e puxou-a para longe, ignorando seus protestos.

— Simon! — Gritou Jenni.

— Meg diz que precisamos sair agora.

— Só mais uma coisa. Por favor, Simon. Só mais uma...

Ele se virou para ela. — Nós estamos em perigo, — ele disse com uma ameaça silenciosa. — O que quer que Meg tenha visto a assustou tanto que ela desmaiou. Ela não desmaiou da última vez que ela viu os Corvos em perigo, então isso é ruim, Jenni. Isso é muito ruim. Fique se quiser, mas eu não vou arriscar o resto de nós, porque *you* não pode resistir à outra peça brilhante.

— A nossa Meg disse?

— Sim. — Ele começou a se mover para frente do edifício.

Jenni não iria deixar o maldito saco com os seus produtos, mas ela correu para acompanhá-lo, correndo e se esquivando em torno de humanos enquanto eles se dirigiam para as portas da frente do grande edifício.

<Nathan?>

<Eu estou na van e pronto para ir. Simon! Venha rapidamente. Homens estão se reunindo no estacionamento. Eles têm ferramentas e pés de cabra, e estão observando o ônibus.>

Ele continuou se movendo, continuou observando. Os compradores e os comerciantes nas mesas mais próximas ficavam atrapalhando e se movendo, dificultando a sua passagem, como veados quando sentiam que havia algo de errado, mas não tinham certeza se deviam fazer alguma coisa. Havia alguns humanos mais afastados sem prestar atenção, mas a *sensação* do lugar havia mudado; um perfume feio flutuava no ar à sua frente, um perfume que os Lobos reconheciam como uma ameaça.

Kowalski e Debany estavam à sua direita, mantendo o ritmo com ele. Ruthie e Merri Lee, juntamente com Starr, estavam um passo atrás deles, cada uma carregando um saco. Os homens ainda estavam falando

em seus celulares, mas seus paletós estavam abertos revelando os crachás conectados em seus cintos.

<Henry?> Simon chamou.

<Eu estou aqui, à sua esquerda e alguns passos para trás. Mantenha-se em movimento.>

<Vlad?>

<Atrás de você. Crystal e MacDonald estão à frente de mim. Mas há um bando de humanos atrás de nós que... Simon, eu acho que um dos comerciantes estava vendendo armas em segredo. Alguns humanos podem estar armados.>

<Se dispararem contra nós, eles podem ferir ou matar alguns dos seus próprios.>

<Você acha que os seres humanos se preocupam com tais coisas?>

Não, ele achava que eles não se importavam.

Jenni parou e olhou para trás quando Crystal gritou. Simon olhou por cima do ombro e rosnou. Um homem tinha arrancado um dos sacos do Corvo e o colocou acima de sua cabeça, provocando-a para tentar recuperá-lo.

Crystal soltou o outro saco e tentou recuperar o saco que tinha sido retirado de sua mão, levando-a para longe do resto dos Outros.

<Deixe isso, Crystal> Simon retrucou.

<Eu dei o dinheiro aos seres humanos. Esses brilhos são meus!>

MacDonald pegou Crystal pela cintura e a levantou do chão. Ignorando seus gritos sobre seus tesouros perdidos, ele se encaminhou para onde estavam os demais do seu grupo, afastando os seres humanos que não tinham o bom senso de sair do caminho.

<Simon!> Nathan gritou. *<Depressa!>*

Olhando para frente do edifício, Simon viu os homens de pé entre ele e as portas do edifício. A princípio, pensou que havia apenas seis homens à procura de uma luta. Isso dava vantagem para o seu grupo de *indigenes da terra* e os Oficiais da polícia, tendo a vantagem de dentes, garras e treinamento. Em seguida, mais homens se juntaram aos primeiros seis inimigos. E mais. E mais.

E todos eles estavam portando algum tipo de arma.

Simon parou. Kowalski e Debany pararam com ele, formando uma linha.

— Estas não são boas chances, — Debany sussurrou.

— Nós somos policiais, — Kowalski disse, e sua voz se elevou para uma advertência e um desafio. — Vocês! Afastem-se e deixem que essas pessoas saiam.

— Elas não são pessoas, e você não é nada, apenas um amante de Lobo fodido! — Disse um homem. — Não importa se você é um policial. Nós vamos ensinar-lhe uma lição.

— Você não quer fazer isso, — Simon avisou.

O homem mostrou os dentes. — Sim, nós vamos.

Kowalski gritou: — Somos agentes da polícia! Abaixem suas armas *agora!*

— Humanos! Primeiros e Últimos, sempre! — O homem gritou, correndo na direção de Simon.

Quando um homem virou um pedaço de cano na cabeça de Simon, Henry gritou — Simon! — E golpeou o Lobo, derrubando-o no chão, e ao mesmo tempo em que o Urso urrava de raiva e dor, o homem que virou o cano caiu no chão com a camisa manchada de vermelho.

Gritos. Gritos. E mais tiros por trás deles.

As pessoas correram para as portas ou para a outra parte do edifício ou para qualquer lugar que iria levá-los para longe da luta. Mas os homens com armas e facas correram para Henry e Simon enquanto outros atacavam Kowalski e Debany.

Instintivamente, Simon mudou o que ele precisava para atacar. Cabeça de Lobo, dentes alongados e afiados e a mandíbula forte o suficiente para quebrar ossos. Mãos com garras que poderiam rasgar a carne.

Ele lutou muito, mordendo e arranhando, até que ele rompeu a parede humana, proporcionando uma fuga para a sua matilha.

<Simon!> Nathan uivou.

Um Lobo sozinho não tinha chance contra uma multidão.

Mais tiros e gritos e...

— Policial Ferido! Policial Ferido!

Simon hesitou. Nathan era um Lobo, um dos seus próprios. Nathan precisava dele. Mas como o líder do Courtyard, sua matilha incluía Corvos e Ursos e Vampiros... E até mesmo alguns seres humanos.

Desculpe, Nathan. Desculpe, Meg.

Afastando-se das portas, Simon voltou para a luta.

Um carro parou no estacionamento de clientes do Pátio. Dois jovens em idade universitária saíram do carro e caminharam na direção da Main Street. Ao passarem pelas Howling Boas Leituras, olharam pelas janelas e se detiveram quando avistaram um homem idoso perto do balcão. Sem saber quem ele era, eles riram e deram-lhe o dedo do meio. Quando o idoso sorriu, revelando as presas do Sanguinati, eles estremeceram e se apressaram em cruzar a Main Street antes de o semáforo mudar.

Outro carro parou em uma das vagas. Um homem e uma mulher, um pouco mais velhos do que os outros dois humanos, caminharam até a rua e entraram na Lebre e Veado.

Mais dois carros pararam, como se o estacionamento do Courtyard de repente se tornasse público. Os humanos caminhando ou dirigindo que passavam não teriam pensado que havia nada de anormal quando um furgão também parou no estacionamento. Três homens saíram da porta traseira do furgão e casualmente deram alguns passos para a porta da rua de vidro, a mesma onde estavam os apartamentos dos funcionários acima da loja da costureira/alfaiataria.

Tess não ouviu ninguém no corredor, mas ela *sentiu* a presença de alguém do lado de fora do apartamento que estava sendo utilizado pelo Tenente Montgomery e Lizzy.

Seus cabelos enrolaram e escureceram quando ela saiu do apartamento, a cor pura da morte, mas ela manteve os olhos baixos, apenas no caso de a presença não ser um intruso, entretanto, um olhar direto em seus olhos iria matar a presa, mesmo quando não *estivesse* em sua verdadeira forma, e isso prejudicaria a carne.

Olhando para o chão, Tess viu fumaça que gradualmente se tornou um vestido de veludo preto à moda antiga. — Nyx, — alertou.

— Meus olhos estão fechados.

Não havia razão para duvidar de Nyx, mas Tess ainda estava com os olhos focados na parede ao lado do ombro da Sanguinati, permitindo-lhe ver sem realmente *olhar* para a outra fêmea.

— Embora seja possível nos prejudicar em nossa forma de fumaça, é muito difícil nos matar, — disse Nyx. — Um *indigene da terra* como você pode ter sucesso em matar um de nós, mas não iria sobreviver a uma luta.

Cefeira. Cavaleira das Pragas. Durante anos ela manteve esse segredo do resto do Courtyard de Lakeside. Agora, parecia que havia muitos que sabiam o que ela *era*. O que a desnorteava era que eles não pareciam se importar que um dos predadores mais ferozes de Namid vivia entre eles. Normalmente sua espécie vivia nas margens, sendo evitada e temida. Aceitação, *verdadeira* aceitação, era um dom raro e valorizado.

— O que você quer, Nyx?

— Um furgão parou no estacionamento dos clientes. O inimigo vai estar aqui a qualquer momento.

— Então você deve sair.

— Não, eu deveria ficar. Uma bala pode ferir você, e mesmo matá-la, se o inimigo for capaz de disparar uma arma antes que você possa colher a vida dele o suficiente para incapacitá-lo.

Verdade. E se o inimigo conhecesse sobre a sua espécie e disparasse sem olhar para ela, ela estaria em risco. — O que você está sugerindo?

Nyx sorriu. — Às vezes é mais prático e mais divertido caçar em pares.

Pegar a arma humana para bloquear um golpe, enquanto os dentes rasgavam a carne. Esquivar dos golpes que poderiam quebrar ossos e deixá-lo desamparado.

Simon não poderia manter o controle de sua matilha. Os humanos e Outros não sabiam como lutar como uma unidade para derrubar o inimigo, e na sua defesa havia os mais fracos entre eles, que eram mais como bisões adultos amontoados para proteger os bezerros. Isso funcionava bem com grandes animais com cascos e chifres, mas não estava ajudando a matilha. Apesar do número de humanos que já estavam feridos ou mortos, mais inimigos estavam se fechando em torno deles. Eles haviam perdido a chance de correr, e quando não houvesse mais espaço suficiente para lutar...

<Estou ouvindo as sirenes!> Nathan gritou.

Socorro. Talvez. Mas chegariam a tempo de salvar qualquer um deles?

O Crowgard observava das árvores e telhados, memorizando os rostos dos seres humanos que haviam deixado seus veículos no estacionamento. Os Sanguinatis observavam das sombras, esperando o momento certo para pegar o motorista do furgão.

Movendo-se casualmente e agindo como se fossem do lugar, os três homens abriram a fechadura da porta de vidro e subiram as escadas.

Discrição e velocidade. Um abriu a fechadura do apartamento de Merri Lee e entrou. Os outros dois foram para o apartamento de Montgomery. Mas quando eles entraram, eles tiveram um momento de surpresa ao olhar para o rosto de Tess, olhar em seus olhos. Nesse momento, ela recolheu bastante da força de vida deles para fazer com que as pernas e os braços falhassem e os corações se agitassem. Os dois homens entraram em colapso, se contorcendo no chão, fracos demais para alcançar suas armas.

Tess recolheu duas armas médias e outra menor, coberta em couro. Ela olhou para a porta e a coluna de fumaça pairando no outro lado.

<Seguro?> Nyx perguntou.

<Ainda não.> Com esforço, Tess escondeu sua verdadeira natureza por trás da máscara humana. Quando seu cabelo enrolado relaxou um pouco e as mechas verdes voltaram, ela olhou para Nyx. <Agora é seguro o suficiente.>

— Blair pode levá-los?

Tess assentiu. Ela se inclinou e acariciou seus bolsos novamente.
— Nenhuma identificação.

Nyx sorriu. — Sem identificação, nenhuma obrigação para qualquer ser humano. — Ela cheirou delicadamente. — Pelo menos vocês não fazem uma bagunça. O outro fez xixi no tapete. Nós vamos ter que descobrir como limpar e como explicar o cheiro de urina.

— Culpe o Skippy, — disse Blair, se juntando a eles. — Vamos dizer que ele entrou no apartamento de alguma forma e fez xixi no tapete, enquanto estava farejando os biscoitos. Eu duvido que um nariz humano possa distinguir entre urina de Lobo e humana, de modo que a matilha humana não vai saber a diferença.

— A matilha vai saber que esperávamos problemas — disse Nyx.

— Ladrões invadiram, não encontraram nada, e foram embora, — disse Tess. Ela sacudiu a arma mais curta. — Não sei o que é isso, parece ser uma arma de algum tipo.

Blair a pegou, e a bateu contra a palma da mão, e fez uma careta.
— Amaciante de carne?

Um dos homens fez um som.

Tess estudou-o, então disse, — a língua deste aqui está começando a manchar e apodrecer. Se você quer que ele fale qualquer coisa, faça suas perguntas agora.

Três coisas aconteceram ao mesmo tempo. Algo bateu na traseira do edifício com força suficiente para abalar a estrutura; metade do telhado foi arrancada e saiu voando; e Nathan gritou, *<Alguns carros simplesmente explodiram e estão queimando!>*

Houve hesitação na luta quando um vento forte e furioso entrou pelo prédio através do telhado aberto e as mesas foram arremessadas e as mercadorias voaram, e curiosamente, as mesas não machucaram a matilha do Courtyard.

Apesar dos gritos das pessoas no edifício, Simon ouviu as sirenes cada vez mais altas. E viu Fire passar pelas portas abertas, com o seu cabelo e vestido esvoaçantes, enquanto ela se aproximava. O piso do prédio queimava quando ela passava.

Isso explica os carros em chamas, Simon pensou, estremecendo quando a Elemental se aproximou. Nada escapava se Fire queria queimar, especialmente se Air ventilava a raiva de sua irmã através do edifício.

Fire olhou para os homens que estavam lutando com a matilha e disse: — Ou todos nós saímos ou todos os humanos aqui dentro vão queimar.

Uma súbita rajada de ar pegou o vestido de Fire, e o vento encontrou a perna das calças de um homem. Com um grito, ele soltou o porrete que estava segurando e batia na calça em chamas.

— Polícia! Larguem as armas!

Muitas vozes anunciaram a chegada da polícia, quando os policiais correram para a entrada do edifício, em seguida, pararam abruptamente quando Fire se virou para eles.

— Eles estão aqui para nos ajudar, e precisamos de ajuda.

Ouvindo as palavras tranquilas, Simon olhou para Kowalski, que estava com o rosto e as roupas ensanguentadas, mas segurando uma pequena arma firme nas mãos.

Sim, eles precisavam de ajuda, mas ele não reconhecia qualquer um desses policiais.

Então Capitão Burke entrou pela porta. Ele não disse nada. Ele só olhou para Simon e esperou.

Hora de fazer uma escolha.

<Fire> Simon disse. *<Estes humanos da polícia vão nos ajudar.>*

Ela se voltou para ele, e ele percebeu que não foi por um capricho que ela e Air vieram para o Mercado Tenda resgatá-lo e o resto da matilha. Os Elementais ainda não tinham feito isso por ele; eles vieram aqui por Meg.

<Você confia neles?>, Ela perguntou.

Nem todos eles. Ele não queria pensar no que ela poderia fazer se ele respondesse a pergunta honestamente, então ele preferiu dizer, *<Em um número suficiente deles. Confio nos humanos que confiam em Meg, e os humanos confiam em outros policiais.>*

Sentindo que ela estava muito perto de expressar sua fúria e queimar tudo à vista, ele disse a única coisa que ele achava que poderia influenciá-la. *<Diga a Meg que eu estarei em casa em breve.>*

Ele não se importava se Fire carbonizaria todo o edifício e tudo nele, mas ele queria tirar sua matilha do lugar, e ainda havia muitos humanos entre ele e a porta.

Um silêncio aquecido. Então Air disse, *<Tornado e eu permaneceremos aqui para manter guarda.>*

Simon assentiu, aliviado que os Elementais ficariam.

<Muito bem.> Fire inclinou a cabeça... E desapareceu.

A polícia correu na direção deles, restringindo os homens que os atacaram. Pelo menos restringindo os que não estavam mortos ou gravemente feridos.

Kowalski baixou a arma, mas estavam com dificuldade para mover um braço e acabou colocando a arma no cós da calça jeans. Simon fez o seu melhor para mudar o suficiente para parecer humano. Então ele ouviu duas vozes.

Ruthie dizendo: — Espere aí, Lawrence. Espere, agente! Os paramédicos estão aqui.

E Jenni chorando, — Crystal? Crystal, acorda! Simon diz que temos que sair agora.

Ele afastou-se quando os homens da ambulância entraram correndo, vigiando a polícia. Ele olhou para a matilha.

Henry tinha um corte profundo e sangrento ao longo de sua bochecha direita da bala que o tinha atingido quando afastou Simon do caminho. Michael Debany estava mancando e não conseguia dobrar um joelho. Ruthie estava toda ensanguentada, mas ele não conseguia dizer se ela estava ferida ou se era o sangue de Lawrence MacDonald. Merri Lee já tinha hematomas em seu rosto, braços e pernas e um osso quebrado perfurando a pele de um dedo na mão esquerda. Vlad parecia ileso. Assim como Jenni e Starr. Mas Crystal...

Seu corpo estava dobrado, os pés tão virados que estavam quase enrolando. Os olhos que deveria ser escuros e brilhantes já estavam sem brilho. E as penas estavam parcialmente aparecendo ao longo de seus braços enrijecidos.

Ele olhou para as revistas ensanguentadas que estavam caídas em torno dela e lembrou, *Esta é a visão que Meg teve de Heather. Se a coelha humana estivesse trabalhando no Pátio, ela estaria aqui com as outras meninas. Será que Crystal viveria se Heather tivesse morrido aqui?*

Ele não sabia se uma profecia poderia mudar e quanto isso poderia acontecer, independentemente do que alguém fizesse. Tudo o que ele sabia agora era que estava machucado e queria ir para casa.

<Nathan?> Chamou.

<O vidro quebrado me feriu, além das pedras que foram jogadas em mim. Os macacos empurraram o mini ônibus. Acho que não vai dar para sair, e sinto cheiro de gasolina.> Hesitação. <A polícia está aqui dizendo que vai ajudar. Eles dizem que tenho que sair daqui de dentro.>

<Eles vão ajudar. Afaste-se do ônibus.>

Muito barulho. Muita confusão. Sentiu-se aborrecido e doente enquanto observava os paramédicos levando com pressa MacDonald para a ambulância. Ele viu a polícia levar os atacantes com ferimentos leves para fora do prédio. E ele observou o Capitão Burke falar brevemente com Kowalski e Debany antes de se aproximar dele.

— Sr. Wolfgard? O que podemos fazer por você e o seu povo? Você e o Sr. Beargard estão feridos. Assim como o Lobo que estava no ônibus.

— Nossos bodywalkers vão cuidar de nós, — disse Simon. — Nós apenas queremos ir para casa.

— O ônibus está muito danificado para dirigir, mas nós podemos levá-lo para casa.

— Crystal também.

Burke assentiu. — Sinto muito pela sua perda.

Ele queria ficar longe deste lugar. Ele queria uma chance de descansar e se curar. Lembrou-se então da outra parte da mensagem de Elliot. — Diga ao Tenente Montgomery para manter Lizzy longe do Pátio. Alguma coisa ruim vai acontecer lá... Ou aconteceu.

— Que tipo de coisa ruim?

— Não sei. Meg viu...

— Simon está ferido, — disse Henry. — Ele precisa ir para casa.

— O Capitão Zajac e os seus homens também responderam à chamada para apoio. Dê-me um momento para falar com ele; então eu vou tomar as providências necessárias para que você vá para casa. Vamos precisar das declarações de todos vocês, mas isso pode esperar.

Quando Burke se afastou, Kowalski se aproximou de Simon e Henry, seu braço ao redor de Ruthie.

— Sinto muito, — disse Ruthie, chorando. — Eu sinto muitíssimo.

— Nós conversamos com a Associação dos Comerciantes na semana passada e perguntamos se haveria um problema com os *indigenes da terra* visitando o Mercado Tenda para fazer compras. Fomos informados de que não seria um problema, — disse Kowalski.

— Eu sinto muito.

— Não foi culpa sua, — disse Simon. — Você queria dar aos Corvos um deleite. Outros humanos aproveitaram a oportunidade para tentar nos matar.

Não, isso não era culpa de Ruthie. Se permitir ser atraído para um lugar onde os *indigenes da terra* teriam tão pouca chance de sobreviver a um ataque era *sua* culpa. Como líder, ele deveria ter lembrado que era por isso que os *indigenes da terra* não iam ao cinema ou a concertos ou qualquer outro lugar onde uma multidão de humanos poderia atacar um pequeno número de Outros. Ele deveria ter ouvido as preocupações de Vlad sobre ir ao Mercado Tenda, em vez de confiar na confiança que Kowalski e Ruthie tiveram nesses humanos. Crystal Crowgard tinha morrido por causa dessa confiança, e Lawrence MacDonald estava gravemente ferido.

Burke retornou quando Debany e Merri Lee se juntaram a eles. — Os oficiais e as mulheres estão indo para o hospital para tratamento. Deixei mensagens para o Tenente Montgomery e Pete Denby, então eles vão estar cientes da situação e tomarão as devidas precauções. Sr. Wolfgard, há um transporte esperando para levar você e os demais *indigenes da terra*.

— Estamos prontos.

Vlad se juntou a eles, levando Crystal, ladeado por Jenni e Starr.

Acenando para Burke, Simon caminhou para fora do prédio, seguido por Vlad e os Corvos, com Henry na retaguarda. Nathan os esperava perto de algum tipo de van da polícia. O Lobo ainda estava sangrando de alguns dos cortes mais profundos e, a julgar pela forma como Nathan se movia, Simon suspeitava que houvesse outras lesões muito mais profundas. Ele só esperava que Jane Wolfgard pudesse corrigir essas lesões.

Enquanto se afastavam do Mercado Tenda, mais ambulâncias estavam entrando no estacionamento e Simon se perguntou se os humanos que começaram esta luta tinham a menor ideia do quanto dano tinham feito.

Blair grunhiu e olhou por cima do ombro, mas o aviso terminou rapidamente quanto Elliot se juntou a eles e disse: — Eu tenho notícias.

— Simon? — Perguntou Blair.

— Ele está machucado, — disse Elliot. — Assim como Nathan e Henry. Crystal está morta. Jenni e Starr estão chateadas, mas não parecem feridas. Vlad está ileso. Todos eles estarão aqui em poucos minutos. A matilha humana está sendo levada para o hospital. Várias lesões. Um deles está gravemente ferido.

— Vamos levar essas carcaças. — Blair hesitou. Então ele olhou para Tess. — Estas carnes podem ser comidas?

Ela considerou os dois homens, que já estavam além de responder as perguntas, e reconheceu que ela havia colhido mais do que ela pretendia. Ela abanou a cabeça. — Eles estão apodrecendo muito rápido.

— O outro está enfraquecido, mas a carne e o sangue são frescos, — disse Nyx.

Blair assentiu. — Nós também temos o motorista do furgão. Esses dois irão fornecer carne especial o suficiente para quem quiser alguma.

<Sirenes,> Jake Crowgard informou de sua posição no telhado. <A polícia está vindo.>

— Então precisamos nos apressar, — disse Nyx.

Blair foi buscar os panos que tinha deixado no final do corredor. Os quatro *indigenes da terra* embrulharam os três corpos e os arrastaram para baixo, na direção do coletor do Complexo Utilities, que ele tinha estacionado perto da escada da frente. Eles também levaram o tapete sujo.

Assim que Blair e Elliot tiraram a carne do apartamento, Tess abriu as janelas em todos os apartamentos, mesmo os que não foram invadidos. Então ela limpou o chão, enquanto Nyx recolocava os pertences pessoais devolvidos após a entrada da polícia.

Até o momento que Nyx retornou e os policiais estavam subindo as escadas da porta da rua, Tess já tinha tudo suficientemente arrumado.

Ela deixou os Oficiais olharem ao redor. Ela respondeu às perguntas que ela escolheu responder, e o Oficial encarregado, um Comandante chamado Gresh, que prestou assistência em ocasiões anteriores, era inteligente o suficiente para estar satisfeito com as respostas que recebeu.

Ela disse que ele poderia analisar as manchas na porta da rua para verificar se havia impressões digitais. Os carros no estacionamento do Pátio? Não havia clientes em qualquer das suas lojas, de modo que os Oficiais eram bem-vindos para aproveitá-los, detê-los, rebocá-los, ou fazer qualquer outra coisa que os deixassem satisfeitos.

— Um carro da polícia se aproximando, — Nyx disse enquanto a polícia estava farejando ao redor do estacionamento. — Vlad diz que a polícia está levando Simon e os Outros para o consultório médico da Praça do Mercado.

— Eu acho que os nossos seres humanos não vão voltar em breve, mas vamos colocar tudo de volta o melhor que pudermos.

— Tudo?

Tess olhou para Nyx, sabendo que a Sanguinati estava se perguntando sobre o livro cor de rosa. — Nem tudo.



CAPÍTULO 48

Watersday, Maius 26

Sorrindo enquanto ouvia o tagarelar animado das crianças, Monty pegou o celular do bolso e o ligou. Não que ele esperava alguma coisa, o Capitão Burke sabia que ele tinha tirado o dia de folga para passar o tempo com Lizzy. Agora que a questão da guarda foi resolvida, pelo menos por enquanto, ele decidiu que seria seguro levar Lizzy ao cinema para agradá-la e tinha convidado a família Denby para se juntar a eles.

— Vocês querem algo para comer? — Perguntou Pete Denby.

— Pizza! — Disse Lizzy.

— Pizza, pizza, pizza, — disse Sarah.

— Hambúrgueres, — disse Robert. — Estou com tanta fome que eu poderia comer um hambúrguer do tamanho de uma vaca!

— Uma vaca? — Eve Denby deu a seu filho um olhar incrédulo.
— Até mesmo os cascos?

Antes que Robert pudesse responder, Lizzy olhou para Monty. — Papai! Você ligou o telefone.

— Eu tenho que checá-lo, minha menina Lizzy. — E o que ele viu o deixou desconfortável. Três mensagens do número de telefone de Burke enquanto ele esteve no cinema? Isso não era bom.

— Você sempre coloca o trabalho em primeiro lugar. Mamãe disse...

— Chega, — Monty retrucou irritado, não só por ouvir as mesmas palavras, mas o tom de desaprovação de Elayne saindo na voz de sua própria filha. Ele olhou para Pete. — Verifique suas mensagens. — Então ele ouviu as suas próprias.

— *Tenente, houve um incidente no Mercado Tenda. Ligue-me quando puder.*

— *O Courtyard está sob ataque. Não! Repito! Não leve Lizzy lá até que você fale comigo.*

— *Lawrence MacDonald foi baleado. Ele está na cirurgia. Venha para o Hospital de Lakeside assim que puder.*

— Mikhos, velai por nós, — Monty sussurrou quando afastou o telefone, olhando para o rosto pálido e a expressão sombria de Pete.

— Vamos levar Lizzy com a gente de volta para o duplex, — disse Pete.

— Você pode me deixar perto do Hospital de Lakeside?

— Certo.

— O que está havendo...? — Eve olhou para ambos os homens e não terminou a pergunta.

— Um dos meus homens, — Monty disse sabendo que não precisava dizer mais.

Eles empurraram as crianças para o carro. Monty se perguntou se ele parecia caçado. Os deuses sabiam, ele se sentia assim.

— Deuses acima e abaixo. — Captain Zajac balançou a cabeça enquanto olhava para a destruição no Mercado Tenda, que estava na área de sua delegacia.

O Capitão mais velho foi convocado para tratar de assuntos envolvendo os Outros, quando um ex-funcionário do Courtyard chamado Darrell Adams morreu sob circunstâncias misteriosas, e um monte de gente na mesma área acabou na sala de emergência com doenças súbitas. Desde Então Zajac tinha sido ferozmente insistente de que ele queria ser informado sobre o que acontecia na estação de Chestnut Street.

— Um terço dos veículos foi destruído em segundos, — disse Zajac. — Eu os vi explodir em chamas e senti as explosões como se

estivéssemos sendo puxados para ela, enquanto aquela outra menina passava e os carros subiam.

— Poderia ter sido muito pior, — Burke respondeu. Ele observou enquanto o ônibus do Courtyard foi posto no lugar e anexado a um caminhão de reboque. O ônibus iria para uma garagem que servia aos veículos da polícia. Se pudesse ser suficientemente reparado, eles fariam isso. Se não pudesse, ele iria se sentar com o prefeito, e faria o seu melhor para convencê-lo da necessidade da compra de um novo ônibus para os *indigenes da terra*. Os Outros podiam pagar por outro ônibus, e não seria uma dificuldade no orçamento desde que, obviamente, havia anualmente ônibus no Pátio adequados para venda. A escassez de aço estava começando a fazer-se sentir em diversas indústrias, incluindo a fabricação de veículos. Ele tinha ouvido de algumas de suas fontes que o transporte público, como táxis e os ônibus, receberiam prioridade, e as pessoas poderiam acabar esperando seis meses ou mais para comprar um carro para a família, e teria de escolher entre os poucos modelos disponíveis ou ficar sem.

O que suas fontes não poderiam dizer-lhe era porque havia uma escassez de aço quando os *indigenes da terra* estavam vendendo a mesma quantidade de matérias-primas para os fabricantes, como de costume.

Um problema para outro dia, Burke pensou quando ouviu o homem mais velho suspirar.

— Eu sei que poderia ter sido pior, — disse Zajac. — Apenas duas saídas neste maldito edifício; e a saída de trás estava bloqueada por detritos que foram jogados contra a porta. Algumas pessoas estavam presas atrás de uma barricada de mesas e mercadorias que foram levadas pelo vento anormal, sem nenhuma chance de sair do incêndio que tinha começado naquela parte do edifício.

— Não foi um vento *anormal*, — Burke disse calmamente. — Foi um Elemental com raiva. Os detritos não estavam bloqueando as portas traseiras por mero acidente, o telhado não foi arrancado por uma rajada de vento por estar desgastado, e os carros não explodiram devido a um

vazamento de gás de algum tanque e o calor do sol na calçada. Seria até uma explicação plausível, e se formos espertos, não vamos oferecer uma explicação diferente, porque se Fire entrasse no edifício primeiro, em vez de queimar os carros como uma forma de interromper o ataque ao Pátio, nós teríamos um monte de cadáveres e pouquíssimos sobreviventes.

— Isso vai estragar as coisas? — Zajac deu a Burke um sorriso amargo. — Além de prestar atenção ao que está acontecendo em sua estação, eu vou manter a minha orelha no chão, Douglas. Eu ouvi que as lojas do Courtyard não estão mais abertas para os humanos. Eu ouvi que Wolfgard comprou pelo menos um prédio fora do Courtyard para usar como locação. E eu ouvi o que aconteceu de um casal de amigos que servem na força policial de Talulah Falls, ou o que sobrou dela, por isso tenho alguma ideia de quão ruim pode ser para nós humanos, quando os *indigenes da terra* realmente nos odeiam.

Burke tinha ouvido alguns rumores sobre Talulah Falls também. Se algo como esse ataque no Mercado Tenda acontecesse lá, os Outros teriam matado *todos* e não teria importância se a maioria dessas pessoas não estivesse envolvida no ataque. — Simon Wolfgard quer usar o Courtyard de Lakeside como uma espécie de escola de pós-graduação para os *indigenes da terra* que precisam interagir com os humanos de uma forma ou de outra. As lojas podem estar fechadas para a população humana em geral, mas *todas as* suas lojas estão abertas agora a um seleto grupo de humanos que estão interagindo com os moradores do Pátio. Isso nos dá a oportunidade de mostrar aos Outros que os humanos *podem* trabalhar com eles para o benefício de todos nós.

— Tudo isso ainda aconteceria se Wolfgard morresse hoje?

— Nada mais aconteceria, e o próximo líder do Pátio não teria olhado favoravelmente para qualquer um de nós.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos, observando as pessoas absorvendo as perdas no edifício. Observando as pessoas seguirem os paramédicos para as ambulâncias levando entes queridos para um dos hospitais da cidade.

Observando o furgão do legista retirando um morto.

— Douglas? Não sei se você já viu os alertas, mas há um monte de pessoas que desapareceram de repente. — Zajac olhava para frente. — Não de Lakeside, graças a todos aos deuses. Mais próximos de nós uma dúzia de pessoas na área de Finger Lakes, todos da mesma cidade.

— Talvez eles tenham fugido juntos.

— Um bom número de alertas tem chegado de todas as regiões, — Zajac disse, como se não tivesse ouvido o comentário de Burke. — Grupos de pessoas estão desaparecendo ao mesmo tempo. Quase como se alguém tivesse decidido tirar uma empresa do negócio, eliminando os funcionários. Não lhe parece estranho que tantas pessoas desapareçam e ninguém viu algum deles?

— Essas pessoas desaparecidas moram perto de estradas, onde as profetisas de sangue grávidas foram encontradas?

— Realmente, bem perto. — Um momento de silêncio. — O que você está pensando?

Eu quero saber quem deu a ordem para caçar as pessoas que controlavam as fazendas de criação. — Eu acho que as pessoas estão realmente indo embora, e não devemos cavar muito para encontrá-las ou fazer muitas perguntas.

Eles viram seus homens escoltando as pessoas para fora do prédio. Algumas pessoas estavam sendo levadas em macas, mas a maioria saiu por conta própria.

Sim, as coisas poderiam ter sido muito piores.

Finalmente Burke se agitou. — Eu tenho que ir. Vou pegar as declarações de Wolfgard e os demais *indigenes da terra* que estavam aqui e vou enviar-lhe uma cópia do relatório.

— Agradeço. Espero que o seu Oficial melhore.

— Eu também.

Burke entrou em seu carro e dirigiu em direção ao Pátio. O Hospital de Lakeside estava a caminho, mas ele precisava saber o que mais os Outros poderiam saber sobre o porquê o Tenente Montgomery deveria manter Lizzy longe do que era considerado um local seguro;

depois ele iria para o hospital para verificar os seus homens e começar uma vigília enquanto esperava por notícias de MacDonald.

E enquanto estava esperando, ele iria considerar se estes dois ataques tinham acontecido ao mesmo tempo por acaso ou designado por alguém.

Quando Monty chegou à pequena sala de espera particular, ele encontrou Burke na porta conversando com Louis Gresh.

Gresh assentiu enquanto Monty se juntou a eles.

Burke disse: — Diga a ele.

— Ao mesmo tempo em que o Capitão Burke foi informado da necessidade de apoio no Mercado Tenda, a estação recebeu uma chamada sobre um possível ataque no Pátio, — disse Louis. — O Capitão Burke estava indo para o Mercado Tenda e você estava fora de serviço, então eu respondi ao Courtyard, imaginando que um rosto familiar seria uma escolha melhor.

Monty assentiu. — Você está certo, especialmente se os Outros sentissem que qualquer um dos seus mais... Vulneráveis... Moradores estivessem em perigo. — Que eram os mais jovens e Meg Corbyn. Ou será que houve algum tipo de tentativa do ex de Theral MacDonald para chegar até ela? — O intruso entrou em alguma loja?

Louis sacudiu a cabeça. — O indivíduo ou indivíduos desconhecidos, entraram em dois dos apartamentos, com a intenção provável de levar objetos de valor. A senhorita Lee está residindo em um desses apartamentos, e você está usando o outro.

Monty sentiu-se mal. Alguém ainda estava atrás de Lizzy? Por que? A polícia de Toland já tinha o Urso Boo, e apenas os *indigenes da terra* sabiam onde as joias verdadeiras estavam escondidas.

— Eles levaram alguma coisa? — Perguntou.

— Nada, — respondeu Louis. — Eles não me disseram o porquê, mas os *indigenes da terra* haviam tirado todos os bens pessoais de ambos os apartamentos, mesmo antes da tentativa de roubo. Uma vez que nada foi roubado e não havia sinal dos assaltantes, não havia muito que pudéssemos fazer. A porta da rua estava salpicada de impressões digitais. Anotamos as placas dos quatro veículos que estavam estacionados e rastreamos os proprietários. Não foi difícil. Eles estavam tomando drinques e comendo petiscos no Veado e Lebre.

— Juntos? — Perguntou Burke.

— Não, mas eu aposto que eles se conheciam e estacionaram no estacionamento do Courtyard como uma espécie de provocação, pois um dos homens ficava tocando seu emblema do HPU e sorrindo, como se soubesse de um grande segredo, especialmente depois de ser perguntado se ele tinha visto quaisquer outros veículos no estacionamento.

— Esses carros foram uma camuflagem, — Monty disse. — Um único veículo no estacionamento seria notado. Vários veículos estacionados onde não deveriam estar mais parece uma provocação aos Lobos, e os desafiando a fazer um grande negócio por causa de uma pequena transgressão.

— Isso soa idiota o suficiente para ser verdade, mas não havia outro veículo no estacionamento quando chegamos lá, — disse Louis. Ele olhou para os dois e adicionou lentamente, — E nenhum de vocês dois acha que nós vamos encontrar o veículo.

— Oh, nós iremos encontrar o veículo, — disse Burke. Havia algo em seu tom que não havia alguma dúvida sobre os ocupantes do veículo.

— Bem, — disse Louis depois de um silêncio constrangedor. — É melhor eu voltar para a Estação. Vou passar por lá novamente mais tarde. Espero que todos nós encontremos uma boa notícia até lá.

Eles esperaram até que Louis estivesse fora de vista. Então Burke soltou a respiração num suspiro tempestuoso. — Tudo bem, Tenente, vamos falar com os seus meninos e descobrir por que um passeio simples deu muito errado.

Seus meninos, Monty pensou enquanto seguia Burke na sala de espera. Não os *seus homens*, e não os *seus oficiais*. *Seus meninos*.

Ao vê-los, ele entendeu a escolha de palavras.

Kowalski e Debany estavam sentados em cadeiras, juntos de Ruth e Merri Lee. Todos eles pareciam jovens e assustados e exaustos. Sangue em suas roupas. Contusões e curativos. Um dos dedos de Merri Lee estava imobilizado e a mão enrolada. Ela parecia mais grogue que os outros três, e Monty adivinhou que tinha tomado algum analgésico.

Burke moveu algumas revistas e sentou-se na mesa na frente deles, ignorando a forma como ela rangia com seu peso.

Monty se agachou ao lado da cadeira de Kowalski. — Karl?

Kowalski fez um esforço para ficar estável, embora ele não conseguisse impedir suas mãos de tremer. — MacDonald está em cirurgia. Ruthie fez o que podia para aplicar pressão sobre a ferida, mas ele perdeu muito sangue antes que os paramédicos chegassem. Michael chamou os parentes de Lawrence. Eles estão a caminho. Theral ainda não sabe, ela não está atendendo o celular.

— Houveram alguns problemas no Courtyard, — Monty disse calmamente. — Ela pode ter deixado seu telefone em algum lugar.

— Theral está bem? — Merri Lee perguntou, voltando por um momento.

— Eu vou descobrir. — Ele também teria que dizer a ela que o seu primo havia sido baleado.

— Nós vamos pegar uma declaração formal de cada um de vocês mais tarde, — disse Burke. — Neste momento, eu gostaria de saber o que aconteceu.

— Eu sinto muito, — Ruthie sussurrou. — A viagem de campo era um deleite para os Corvos. Karl e eu perguntamos as pessoas que organizam o Mercado Tenda, bem como alguns dos comerciantes, se haveria objeções aos Outros comprando lá. Nós *perguntamos*.

— A impressão que eu tenho é que os comerciantes gostariam de receber qualquer um que queria gastar dinheiro, — disse Kowalski. — Mas... — Ele olhou para os seus amigos.

— Basta dizer, — disse Burke.

— É apenas uma impressão, — disse Debany.

— Isso é bom. Na verdade, as impressões são boas, se nós iremos fazer um controle de danos eficaz.

— Há um grupo de pessoas que alugam para organizar o Mercado Tenda nos fins de semana, — começou Kowalski. — Então eles alugam os espaços para os comerciantes exporem seus produtos. Você pode alugar até três mesas, em conjunto ou em diferentes áreas do Mercado. O centro, e os amplos corredores principais que dividem o edifício em quatro, são os locais mais privilegiados e custam mais para alugar.

Ruthie se ajeitou na cadeira. — Muitos compradores nunca vão além da parte central, a menos que estejam procurando um item específico ou procurando pessoas que estão tentando vender um monte de coisas pequenas ou quando se mudam, e podem vender mais barato.

— Eu notei que um número de comerciantes que normalmente alugavam mesas no centro ou em um corredor lateral estavam mais afastados do centro hoje, — disse Kowalski. — E eles tinham o tipo de mercadoria que agradavam os Corvos. Como brinquedos. Conjuntos de blocos, e coisas brilhantes.

— Jenni e suas irmãs estavam tão animadas, tão felizes, — disse Merri Lee. — E elas tinham tanto dinheiro.

Debany assentiu. — Jenni fez a maior parte da compra, e ela tinha um cinto em volta da cintura, que estava *recheado* com dinheiro. Eu pensei que um casal de comerciantes fosse desmaiar quando ela tirou um maço de notas para pagar o que elas queriam.

Burke apertou os lábios. — Então você fez um progresso lento pelo principal corredor do Mercado, e todos estavam se divertindo.

— Sim, — disse Kowalski. — Nós tínhamos chegado ao centro do mercado. Os Corvos ainda estavam muito envolvidos, mas eu tive a sensação de que Simon Wolfgard já estava farto do barulho e das pessoas. Michael estava indo falar com as meninas para irmos embora, e antes que ele pudesse fazer isso, Wolfgard recebeu um telefonema, e de

repente estávamos em movimento, em perigo, tivemos que sair *naquele momento*.

— Então todos vocês começaram a sair do mercado? — Perguntou Monty.

— Sim, senhor. Ele segurou Jenni e começou a arrastá-la para a entrada da frente onde o ônibus estava estacionado. Ruthie e Merri estavam com Starr, e Lawrence estava escoltando Crystal. Henry Beargard estava à esquerda de Simon. Não sei onde Vlad estava, atrás de nós, eu acho. Conseguíamos ver as portas quando um grupo de homens bloqueou nosso caminho. Eles carregavam armas e porretes em sua maioria, mas alguns tinham facas. Michael e eu nos identificamos como policiais e ordenamos que os homens saíssem do caminho.

— E foi quando você ligou para a Estação? — Perguntou Burke.

Kowalski sacudiu a cabeça. — Antes. Ligamos para a estação logo que Wolfgard indicou que estávamos em perigo.

Burke entendeu e confirmou que os humanos atacaram seu grupo *depois que* Kowalski e Debany se identificaram como policiais; que os tiros que mataram Cristal Crowgard e feriram Lawrence MacDonald vieram de trás deles; que eles haviam disparado para protegerem as pessoas com eles e a si mesmos.

Que Simon Wolfgard claramente poderia ter fugido, mas voltou para ajudá-los quando MacDonald caiu.

Quando terminaram, Burke olhou para Merri Lee e Ruthie. — Senhoras, vocês poderiam nos dar um minuto?

Ruthie ajudou Merri Lee a levantar. As duas mulheres saíram lentamente da sala.

— Será que Merri será capaz de ficar no Pátio esta noite? — Perguntou Debany.

— O Tenente e eu vamos até o Courtyard em breve. Vamos avaliar a situação e avisá-lo. — Burke se inclinou mais perto. — Agora. Quero uma resposta direta. Entre a queda de MacDonald e o pedido de apoio, houve algum atraso antes dos policiais chegarem para ajudá-lo?

Monty viu o choque no rosto de Kowalski e Debany. Eles se olharam, hesitaram e então balançaram a cabeça.

— Parecia que a luta estava durando por horas, mas eu acho que a coisa toda não durou mais do que alguns minutos, — disse Kowalski. — Os Elementais chegaram lá primeiro, mas o apoio estava bem atrás delas, e você chegou junto do apoio.

Burke bateu as mãos nas coxas e se levantou. — Tudo certo. Bom. Vamos verificar o Pátio e depois vamos voltar.

Monty saiu com Burke. Segurando a porta para Merri e Ruthie, ele olhou para seus homens, então disse baixinho para Burke, — Eu sei por que você teve que fazer essa pergunta, mas será que eles precisavam saber sobre isso hoje? A questão veio como um choque. Eles tiveram choques suficientes.

— A ajuda chegou antes de terem a chance de se perguntarem se ela iria chegar. Eu acho que vai importar muito nos próximos dias. Vamos, Tenente. Vamos descobrir se Simon Wolfgard também acredita que a ajuda chegou a tempo hábil.



CAPÍTULO 49

Watersday, Maius 26

O motorista do carro da polícia estava fazendo o seu melhor para fazer curvas cuidadosas e evitar paradas rápidas, mas apenas o movimento da van deixava Simon ainda mais ferido. Ele estava ferido e magoado. Ele queria mudar para Lobo e encontrar um lugar seguro para se esconder. Então ele poderia choramingar como um pequeno filhote de cachorro porque estava ferido e magoado.

Quando ele era um Lobo juvenil vivendo na Região Noroeste, ele passou um ano com outros jovens aprendendo a trabalhar e caçar em uma matilha que não lhe era familiar, e esse foi o primeiro passo para trabalhar em um Pátio, onde você teria que trabalhar cooperativamente com muitas formas de *indigenes da terra*. Foi quando ele conheceu Joe e Jackson. Trabalhar com eles foi fácil e natural, e esse vínculo tinha reforçado a amizade dos três líderes.

Mas um Lobo juvenil não se encaixava com o resto deles. Ele queria ser líder, mas havia algo sobre ele que deixava os outros Lobos cautelosos, e eles não o seguiam. Eles se ressentiam de Simon, Joe e Jackson, e esse ressentimento cresceu até o dia em que foram caçar um bisão meio crescido. A matilha estava com fome e motivada para a caçada. Em vez de trabalhar em conjunto, um Lobo perseguiu o animal no momento em que Simon estava incapaz de sair do caminho.

Ele teve sorte naquele dia. Em vez de ser pisado, ele se esquivou dos cascos e recebeu nada mais do que alguns arranhões que o impediram de caçar por alguns dias. Mas ele ficou ferido física e emocionalmente. Foi como uma traição.

O Lobo ressentido desapareceu no mesmo dia. No dia em que Simon voltou da caçada, eles acharam o Lobo. Ele tinha sido pisoteado,

seus ossos do quadril esmagados. Ele também tinha marcas de garras profundas, faltando pedaços de carne. Ele tentou rastejar, e parecia estar caminhando em direção a área onde os jovens estavam. E então algo tinha esmagado seu crânio.

Os Lobos adultos disseram que os jovens estavam por conta própria, que eles deveriam estar dentro da distância dos uivos se entrassem em apuros, mas essencialmente por conta própria e não sob o olhar atento de outros Lobos.

Se isso foi verdade ou não, não importa muito. Quando procuraram pelos aromas para descobrir que tipo de animal tinha matado o jovem Lobo, não encontraram cheiro de nada, apenas outro *indigene da terra*. Nada de Lobos. Nada que pudesse nomear.

Tinha sido a única vez durante aquele ano que qualquer um deles tinha cheirado as formas dos *indigenes da terra*. Todos eles esperavam que nunca mais encontrassem aqueles aromas novamente.

Alguns desses aromas ele tinha encontrado no ar no dia em que ele e Henry passaram pela Comunidade Road River a caminho de uma reunião com Steve Ferryman, o que significava que alguns *desses indigenes da terra* estavam agora perto o suficiente para observar os humanos e os Outros que moravam em torno de Lakeside.

A lição que os Lobos juvenis tinham aprendido naquele dia, quando encontraram o corpo do Lobo ressentido foi à seguinte: *certas ações irritam os indigenes da terra que moram profundamente no país selvagem, e eles são aqueles que não devem ser provocados*.

Será que o ataque de hoje será considerado uma provocação? Ele não sabia. Ele só sabia que, agora que estava ferido e incapaz de se defender, ele temia outros tipos de *indigenes da terra* mais do que ele temia os seres humanos.

<Simon?> Disse Vlad. <Estamos em casa.>

Casa. Meg.

Ele resmungou sobre ser ajudado a sair do carro da polícia, mas ele não poderia sair sozinho. Era humilhante e assustador ficar tão

vulnerável. Vlad ficou perto dele enquanto ele era levado para o escritório do médico da Praça do Mercado, enquanto Henry ajudava Nathan.

Jake Crowgard, em forma humana, correu para o furgão, abraçando Jenni e Starr quando elas surgiram.

Quando Vlad abriu a porta do consultório médico, Simon olhou para os humanos que estavam perto da van. Estranhos em uniformes da polícia. Quem poderia ser confiável? E o que aconteceria a qualquer um que fosse considerado indigno de confiança?

Um carro branco parou atrás do carro da polícia. Logo atrás um sedan preto.

— Nós estamos protegidos, — Vlad disse calmamente. — Vamos entrar.

Protegidos, sim. Ele viu vários Sanguinatis em sua forma de fumaça. Ele viu Blair e alguns Lobos em forma de lobo se movendo na Praça do Mercado. No centro da Praça, Air estava montada em Terremoto, e ela era um aviso e uma ameaça.

Dr. Dominic Lorenzo, Tenente Montgomery e o Capitão Burke passaram sob uma das arcadas da Praça do Mercado e se encaminharam para o consultório médico. Tess e Nyx também estavam caminhando na direção do consultório médico, mas elas vinham da direção do Escritório da Liaison.

— Eu pensei que você estava ajudando os humanos que lidam com as *Cassandras de Sangue*, — Simon disse a Lorenzo, surpreso em como as palavras soaram arrastadas.

— Eu estou, — respondeu Lorenzo. — Mas ainda estou contribuindo com algumas horas aqui para os residentes do Pátio. Eu ouvi um boletim de notícias sobre o problema no Mercado Tenda, e eu pensei que poderia ser necessário aqui.

Ele estava prestes a recusar. Ele não queria que qualquer ser humano o tocasse.

Então Meg apareceu na porta do escritório. Ela olhou para Henry, então para Nathan, então para ele, e explodiu em lágrimas.

Jane Wolfgard pegou Meg antes que suas pernas fraquejassem.

— Não dobre o joelho, — Jane disse com firmeza.

Lorenzo sacudiu a cabeça. — Chega disso. — Ele olhou para Jane. — Leve a Senhorita Corbyn para a sala de exame. Enquanto eu tenho certeza que você fez um excelente trabalho de limpeza com o corte, eu vou examinar o joelho e fazer minhas anotações para seu arquivo. — Então ele se virou para Nathan. — Você, *não* lamba os cortes. Mesmo daqui eu posso ver que há vidro em algumas dessas feridas. Se você engolir algum vidro, pode cortá-lo por dentro. — Finalmente, ele virou-se para Henry e Simon. — Vou examinar vocês e fazer minhas recomendações para suas formas humanas. Então você e a sua curadora podem decidir o melhor curso de ação.

Após ter dado *ordens* para ele, Lorenzo entrou no escritório e se dirigiu para a sala de exame.

Mancando logo atrás de Lorenzo, Simon notou que Theral estava fora do caminho. Quando ela viu apenas Burke e Montgomery, e nenhum dos humanos que saíram com os Outros algumas horas atrás, ela empalideceu e balançou a cabeça.

— Senhorita MacDonald, — Montgomery disse gentilmente. — Nós precisamos conversar. — Ele a levou para a sala que Elizabeth Bennefeld usava para massagens e fechou a porta.

— Sr. Wolfgard, — Burke disse, ignorando o grunhido de advertência de Simon. — Eu gostaria de ter as suas percepções do que aconteceu no Mercado Tenda.

— Fomos avisados para sair, — Simon respondeu. — Perigo. Os humanos bloquearam nosso caminho e atacaram antes que pudéssemos sair. Atacaram Nathan também. — Ele tentou virar a cabeça para olhar para o Urso. — Henry me derrubou. — E provavelmente ostentava o sulco na sua bochecha direita da bala que teria matado Simon.

— Capitão, eu posso dar-lhe o suficiente para o seu relatório, — disse Vlad.

Jane saiu da sala de exame. — Nathan?

— Simon primeiro, — disse Nathan.

Lorenzo poderia querer vê-los, a fim de tratar das lesões visíveis, mas o Líder vinha antes do Executor. Então Simon foi mancando para a sala de exame.

Como ele já tinha visto Meg, ele não ficou surpreso que ela ainda estivesse por perto, sentada em uma cadeira.

Ele resmungou para Lorenzo e Jane quando cortaram sua camisa, desperdiçando uma roupa usável, mas ele não conseguia levantar os braços para que eles pudessem tirá-la, por isso não havia muita escolha. Ele resmungou sobre ficar sem os sapatos, meias e o jeans. Ele teria mordido pelo menos um deles se tentassem remover sua cueca. Ninguém tinha notado que Meg estava na sala.

— Oh, Simon. — Meg começou a chorar novamente.

— Não chore, Meg — Ele suplicou. Ouvi-la chorar doía de uma maneira diferente.

Lorenzo cutucou gentilmente, considerando todas as coisas, mas Simon ainda gritou algumas vezes.

— Bem, mesmo nesta forma, você é muito mais resistente do que um ser humano, — disse Lorenzo. — Você está muito machucado e com cortes profundos, não há dúvida sobre isso. Você pode ter algumas fraturas menores que eu não posso detectar sem tirar raios-X, o que eu não posso fazer aqui. Mas eu não estou sentindo nenhum osso quebrado ou qualquer coisa deslocada. Tudo o que posso prescrever é descanso, e tempo para se curar.

— Logo que Simon mudar para Lobo, eu saberei se há problemas por dentro, — disse Jane.

— Não é possível mudar para Lobo agora, — Simon murmurou. — Tenho que falar com os humanos sobre...

Meg saltou da cadeira e estava em seu rosto tão rápido, que ele recuou... E, em seguida, choramingou porque sentiu a dor do movimento.

— Você *não* tem que ficar na forma humana, — ela gritou. — Você *não* tem que falar com todos os humanos até que você esteja melhor. Você precisa ser um Lobo agora! E se você ficar estúpido sobre isso, eu vou... Vou pintar a sua cauda de laranja!

Ele pensou em apontar que ele não teria uma cauda se ele ficasse na forma humana, mas Jane balançou a cabeça e disse: — Essa é uma boa ameaça. Vamos, Meg. Vamos sair da sala, assim Simon pode mudar e o médico humano pode olhar o Nathan.

Depois de dar-lhe *um olhar* — Ela sussurrou: *Lobos maus*, — E Meg saiu mancando da sala de exame.

— Deixe-me lhe dar uma mão para descer, — Lorenzo disse apoiando a mão sob o cotovelo de Simon. — Eu não vou oferecer um analgésico, porque eu não sei como um *indigene terra* reagiria.

Simon não sabia como ele reagiria com analgésicos humanos também, mas ele pensou que se desse em Meg um par de lambidas, ele se sentiria melhor. Ele sempre se sentia reconfortado quando dava algumas lambidas na mão dela enquanto assistiam a um filme. Mas o que aconteceria com Nathan?

— Diga a Jane que Meg deve segurar alguns daqueles biscoitos de camomila, em seguida, dar um pouco para Nathan, — ele disse.

Lorenzo estudou-o. — Portanto, o sedativo não funciona apenas com o sangue de uma *Cassandra de Sangue*? Basta Meg segurar alguma coisa, que proporcione contato suficiente para transferir parte desse efeito calmante?

O sangue da *Cassandra de Sangue* tinha sido usado para fazer drogas, deixando alguém tão passivo que não poderia responder a qualquer tipo de ameaça, ou extrema violência. Foi fácil argumentar que tomar sangue das meninas era uma coisa ruim, especialmente quando as meninas foram tratadas como gado. Mas Simon de repente estava relutante em contar a alguém, mesmo Lorenzo, que uma profetisa de sangue poderia transmitir um leve calmante a alguém apenas fazendo a manipulação de alimentos.

Afinal de contas, o conforto *que ele* sentia quando lambia Meg poderia ser apenas uma coisa de amigo, algo do tipo: *Eu estou com você*.

— Os biscoitos sempre têm um gosto melhor quando Meg lida com eles, — Simon disse finalmente.

Lorenzo pareceu considerar por tempo demais. — Isso é definitivamente algo para se pensar. Agora, você vai mudar e sair daqui para que eu possa olhar os seus amigos.

Ele se machucou muito, inclusive em forma de Lobo, suas patas dianteiras não queriam segurar o seu peso porque seus ombros não estavam funcionando muito bem. Mas ele saiu mancando da sala de exame, rapidamente substituído por Nathan.

<Tenho que ficar na forma Lobo até que eu cure,> disse a Vlad.

<Considerando o que Meg faria a sua cauda, você não quer que ela pinte de laranja.> Como Vlad não tinha uma cauda, ele parecia divertido, em vez de simpático. *<Montgomery levou Theral para o hospital. Burke vai falar sobre o que aconteceu aqui e no Mercado Tenda. Eu vou interpretar para você. Ou Elliot.>*

<Elliot?> Ele não viu o seu pai. *<Onde está Sam?>*

<No Complexo Verde com John e Skippy. Eles estão seguros. Blair vai trazer a cama de Lobo do escritório da HBL para o seu apartamento.>

Sim, ele não ia sair pulando de uma cama nos próximos dias, e dormir em algo macio era bem melhor do que dormir no chão duro.

Meg estava ao lado da porta do escritório, olhando para a Praça. Mas quando Nathan, em forma de Lobo, mancou para fora da sala de exame, ela se virou na direção deles.

Em outra ocasião, ele teria achado Meg engraçada em um humor nervoso, com o seu cabelo arrepiado e um olhar determinado em seus olhos cinzentos. Agora...

Por favor, não me bata, Simon pensou, agradecido quando Vlad se colocou entre os Lobos e a profetisa de sangue.

— Nathan vai voltar para casa com a gente, — Meg disse. — Ele precisa de um lugar calmo e de descanso, tanto quanto Simon, e se ele ficar no Complexo Wolfgard, os filhotes vai importuná-lo.

Vlad sabia que os Lobos adultos não permitiriam isso. Mas o Sanguinati estava estranhamente silencioso. Claro, tudo o que Simon podia ver no momento era a costas de Vlad e não o rosto de Meg.

— Nathan vai voltar para casa com a gente.

Um momento de silêncio surpreso. *<Meg acabou de rosnar para você?>* Simon perguntou a Vlad.

<Sim. Então resolva sobre quem vai para onde antes que ela decida fazer mais do que rosnar,> Vlad respondeu.

Simon pensou em Nathan, preso e sozinho no ônibus derrubado, cortado pelo vidro e as pedras afiadas que haviam sido lançadas contra ele através das janelas quebradas. O que daria mais conforto, estar com a matilha do Complexo Wolfgard ou estar em uma matilha menor, que incluía Meg?

Ele olhou para Nathan. *<Você quer vir conosco?>*

<Sim.>

<Diga a Blair para trazer a cama de Nathan para o meu apartamento também> Simon disse a Vlad. *<Ele pode ficar comigo... Conosco... Até que ele cure.>*

<Você tem certeza?>

<Se Meg tem certeza, então eu tenho certeza.>

Mesmo que ele não fosse participar, Elliot sentiu que a entrevista com a polícia teria mais peso se fosse realizada na sala de conferências do consulado, e Tess concordou com ele. Foi por isso que ela e Nyx estavam sentadas em frente ao Capitão Burke, e por que tinham escolhido os bancos que iriam impedir que Burke percebesse Vlad, em sua forma de fumaça, misturando-se nas sombras em um canto da sala.

<Burke parece nervoso sobre estar em uma sala conosco,> Tess disse.

<Ele deve estar nervoso,> Nyx respondeu.

Burke mostrou um pequeno caderno e uma caneta. — Tudo bem se eu tomar algumas notas?

— É claro, — Tess respondeu. Ela viu o brilho de alarme nos olhos do homem quando seu cabelo começou a enrolar, mas o cabelo

permaneceu castanho, um sinal de que ela não estava se sentindo brava ou ameaçada.

Após um momento de hesitação, Burke abriu o caderno. — O Sr. Wolfgard disse que ele foi avisado para deixar o Mercado Tenda, que estavam em perigo. Estou assumindo que o aviso veio da Senhorita Corbyn?

— Sim, — disse Tess.

— O que você pode dizer sobre o que aconteceu aqui?

Tess disse-lhe o que sabia. Ela estava na Bite. John Wolfgard estava desembalando alguns livros no estoque da HBL, e Elliot Wolfgard estava lendo alguns documentos no consulado, quando todos ouviram um *uivo* estranho. Em seguida, Sam e Skippy uivaram um aviso, e todos correram a tempo de ver Meg escorregar nas escadas dos apartamentos e consequentemente a queda dela, cortando seu joelho. John pegou os jovens e os levou antes de Meg começar a falar, deixando Elliot e Tess ouvindo a profecia.

Não, eles não tomaram notas. Eles estavam despreparados, e não havia tempo. Meg falou e logo em seguida desmaiou. Sobre a profecia? Ladrões entrando nos apartamentos para procurar alguma coisa. Simon em perigo, e todos os que foram fazer a viagem de campo para o Mercado Tenda. Meg tinha desmaiado devido ao medo do que ela tinha visto. Até então muitos *indigenes da terra* que estavam na Praça do Mercado se reuniram em resposta aos gritos.

Elliot ligou para Simon. Meg foi levada para o consultório médico. Tess, Nyx e Blair removeram os pertences pessoais dos apartamentos para frustrar os ladrões. Eles estavam no processo de mover os pertences para um local seguro quando os ladrões fugiram. Na medida em que os Outros pudessem dizer, nenhum dos itens dos apartamentos foi levado. Alguém urinou no chão do apartamento de Merri Lee. Eles assumiram que foi algum tipo de gesto de desprezo, Tess teve que limpá-lo.

Não, ela não tinha visto nenhum veículo e só poderia assumir que havia pelo menos um humano.

<Ele sabe o suficiente sobre nós para saber que Blair poderia cheirar a área e dizer-lhe quantos ladrões subiram as escadas,> disse Nyx. <Poderia até dizer quantos invasores tinham entrado em cada apartamento.>

<E essa é uma das razões pela qual Blair não está nesta reunião,> Tess respondeu. A outra razão é que o Executor dominante estava muito furioso com os ataques para ser confiável em torno de qualquer humano, mesmo aquele que normalmente seria tolerado.

— E foi isso o que aconteceu, — Tess disse olhando para Burke. — Você *deseja* adicionar qualquer coisa a mais sobre o ataque no Mercado Tenda?

Burke se sacudiu quando Vlad mudou para a forma humana e se juntou a eles.

Observando Vlad, Tess pensou que a decisão de fechar suas lojas para a população humana em geral foi uma boa. Ela achava que os Sanguinatis ou os Lobos não teriam muita tolerância com o mau comportamento humano por um longo tempo.

Vlad colocou as mãos sobre a mesa e se inclinou para Burke. — O grito de guerra dos humanos que nos atacaram era '*Humanos, Primeiros e Últimos, sempre.*'

— Isso soa como um grito de guerra do movimento HPU, mas não há nenhuma prova de que o movimento HPU planejou esse ataque, — disse Burke.

— Os tiros vieram por trás de nós, — Vlad continuou. — Duas armas, dois atiradores. Eu ouvi quatro tiros. Eu não sei quem mais foi atingido. Eu acho que eles não tinham a intenção de atirar em todos e acidentalmente ferir os humanos. Eu acho que eles tinham planejado nos atrair até a metade de trás do prédio e esperar até que estivéssemos perto da mesa onde os homens estavam vendendo o que parecia ser bugigangas, mas os pacotes que eles estavam entregando aos seus clientes me fez pensar que eram armas que estavam sendo vendidas.

— E isso seria ilegal no Mercado Tenda, — Burke disse. — Há locais específicos onde essas armas são compradas e vendidas, mas a

venda de armas no Mercado Tenda e no Mercado dos Fazendeiros é uma violação das permissões concedidas aos proprietários do edifício por parte da cidade. — Ele suspirou. — Mas com o caos que seguiu o tiroteio, e a quantidade de... mercadoria... que foi varrida pelas rajadas de vento, não é provável que as armas sejam encontradas.

O celular de Burke tocou. — Desculpe-me por um momento.

Tess observava quando a tristeza encheu os olhos de Burke quando ele disse, — Estarei lá assim que puder.

— Problema, Capitão? — Vlad perguntou quando Burke terminou a chamada.

— Essa chamada foi do Tenente Montgomery ligando do hospital. O Oficial MacDonald não sobreviveu às feridas.

Os três *indigenes da terra* trocaram um olhar.

— Sentimos muito pela sua perda, — disse Vlad.

— Nós gostávamos dele, — disse Tess.

Burke colocou seu caderno e caneta no bolso, um sinal de que ele estava se preparando para sair. A tristeza estava aparente em seus olhos azuis, deixando para trás um incêndio feroz. — Eu posso não ser capaz de encontrar as armas usadas para matar o meu Oficial e o Corvo, mas vou encontrar e condenar esses assassinos. Isso é uma promessa.

Tess olhou para Vlad, que se endireitou quando Burke afastou-se da mesa e levantou-se.

— Você não terá que procurar muito, — Vlad disse. — Você vai encontrá-los entre os mortos.

Burke olhou para ele.

Vlad sorriu, e era uma expressão de satisfação amarga. — Eu não estava perto o suficiente para impedi-los de atirar, mas eu os peguei antes que eles pudessem se misturar aos outros humanos e fugir.

Burke continuou olhando para ele. — Qualquer coisa que eu deveria saber sobre essas mortes? Qualquer coisa que faria alguém pensar que um Sanguinati foi o responsável?

Vlad deu de ombros. — Muitas coisas voaram ao redor quando Air soprou para o nosso resgate. Coisas pontiagudas podem cortar a

garganta de uma pessoa. Fácil o suficiente para alguém escorregar em todo aquele sangue e cair do lado errado, quebrando seu pescoço.

Burke assentiu. — Isso é plausível. Imagino que algumas pessoas tiveram algo semelhante, embora menos fatal, com os ferimentos.

— Muito poucos, de acordo com a reportagem especial que eu ouvi, — disse Vlad.

Em outras palavras: Nada que possa apontar para um de nós matando humanos inocentes, — Tess pensou. *Claro, havia atacantes que foram mortos por dentes ou garras. Mas isso é um problema para a cidade e a polícia.*

Burke tirou um cartão do bolso e o entregou a Vlad. — Eu preciso ir ao hospital agora. Se você lembrar de outra coisa, me avise. Ou avise o Tenente Montgomery.

— Diga ao Tenente Montgomery e a Merri Lee que nós arrumamos os apartamentos e colocamos as coisas de volta no lugar, o melhor que podemos lembrar, — Tess disse. — Nós não queremos que eles se assustem ao perceberem que algo não está exatamente do jeito que deixaram esta manhã.

— Vou dizer a eles.

Alguém bateu forte na porta da frente de Simon.

Meg se agitou e acordou, pegando o livro que caiu de seu colo antes que Simon levantasse sua cabeça já dolorida. Ela colocou o livro de lado, se levantou do sofá, em seguida, esticou seus membros, a fim de responder a quem quer que estivesse batendo na porta destrancada.

Simon e Nathan se agitaram, e parecia que eles iriam tentar se levantar e desafiar o intruso.

— Vocês dois. — Ela apontou para eles. — *Fiquem aqui.*

Resmungando e mancando, chegou à porta e a abriu, dizendo: — Não estava trancada por uma razão.

Steve Ferryman olhou para ela. — Você cortou seu cabelo.

Meg bufou. — Sim, parece com pelo de cachorro. Não, você não pode acariciá-lo.

Ele trabalhou duro para não sorrir. Em seguida, os dois ouviram pelo menos um Lobo tentando levantar.

— Simon, fique! — Meg agarrou.

O gemido soou mais como um protesto irritado, mas ainda era um lamento.

— Ele precisa descansar, por isso não vou entrar, — disse Steve. — O que aconteceu no Mercado Tenda não sai do noticiário local. Eu vim para avisar que os Intui e os Outros da Ilha Grande vão prestar qualquer ajuda que você precisar. E para trazer-lhe isto. — Ele colocou um grande cesto ao lado da porta. — Biscoitos de Lobo para eles, incluindo camomila fresca, e alguns sanduíches e doces de padaria para você.

— Obrigada.

Ele olhou para o seu joelho. — Você está bem?

Ela olhou para o joelho enfaixado, que foi envolvido dessa forma para impedir que os Lobos lambessem a ferida. — Não é um ferimento grave. Eu estava tentando localizar a fonte da sensação de alfinetadas e agulhas e cai nas escadas.

— E falou a profecia.

— Sim. — Meg estremeceu. Ela não conseguia se lembrar das imagens que tinha visto; o que era o melhor agora, mas ainda sentia o terror residual causado do que ela tinha visto.

Ela se sacudiu quando Simon e Nathan uivaram. Assim como Steve.

— Eles estão machucados? — Ele perguntou. — Quero dizer, recém-machucados?

— Não, esse é o uivo de *‘Queremos os biscoitos’*, — Meg respondeu.

— Certo. — Steve deu um passo para trás. — Cuide-se Meg. E ligue se você precisar de alguma coisa.

— Eu vou. — Ela hesitou, mas ele estava aqui. — As meninas que foram resgatadas do composto. Como estão?

— Melhor agora que diminuámos os estímulos visuais em seus quartos. As meninas têm uma linha muito fina entre a estimulação externa ou muitas informações. A mulher que contratamos para ajudá-las tem uma boa ideia de onde está essa linha. Os passeios estão sendo bem-sucedidos como experiências para as meninas, e está sendo mais fácil para elas avisarem quando já tiveram muito. Estamos esperando que elas aprendam outras formas de agir, além do corte, quando estiverem se sentindo sobrecarregadas.

— Elas são *Cassandra de Sangue*, — Meg disse. — Eventualmente, elas vão se cortar.

— Mas não tão cedo, e mesmo quando elas começarem, talvez não tão frequentemente.

Ela pensou na informação que Jackson Wolfgard tinha enviado sobre a *cs821*. — Espere, outra *Cassandra de Sangue* está morando com o Wolfgard no Noroeste, e ela está revelando visões através de desenhos. — Ela esfregou o braço esquerdo, tentando acalmar a coceira. — Talvez isso seja algo que as outras meninas poderiam fazer para retardar o corte.

— As outras meninas, — Steve disse suavemente. — Mas não você.

— Não, não eu. — O formigamento desapareceu com as palavras, a confirmação de uma verdade.

Steve deu mais um passo para trás. — Obrigado pela sugestão. Descanse um pouco, Meg.

Ela fechou a porta, levantou a cesta, e mancou até a cozinha, ignorando os uivos suaves provenientes da sala de estar.

Os Lobos feridos geralmente eram chorosos, ou eles estavam tentando causar simpatia para conseguir mais atenção... E mais biscoitos? Ela ia perguntar para Jane quando a bodywalker viesse esta noite para verificar os pacientes.

Depois de guardar a comida que precisava de refrigeração, ela mancou de volta para a sala de estar com uma bandeja que continha um sanduíche, duas pequenas bandejas com vários sabores de biscoitos, e

uma jarra de água para todos eles. Colocou água para Simon e Nathan em tigelas até a metade, em seguida, derramou o resto da água no copo.

Ela não queria ver televisão enquanto comiam. E o rádio continuava falando sobre o ataque no Mercado Tenda, e também não queria ouvir isso também, especialmente depois de ouvir o relatório...

Não. Simon ficou ferido, e Nathan estava ferido, com o rosto todo cortado devido ao vidro quebrado e tudo aquilo que o povo tinha jogado contra ele enquanto ele estava preso dentro do ônibus. Então não, ela não ia contar a ninguém ainda o que Nicholas Scratch falou sobre o ataque em Lakeside, e como isso tinha feito um zumbido em sua pele.



CAPÍTULO 50

Watersday, Maius 26

Monty esfregou as mãos sobre o rosto e olhou ao redor do apartamento.

Dia longo. Dia longo e terrível. Não haveria repercussões físicas e emocionais. Haveria a possibilidade de represálias. Os membros locais do movimento Humanos, Primeiros e Últimos foram bem longe para culpar os Outros pelas mortes, ferimentos e destruição de propriedade. Se os Outros tivessem ficado em sua parte *designada* da cidade, mesmo podendo transitar em *qualquer* parte do Lakeside, o incidente não teria ocorrido, transformando um lugar amigável como o Mercado Tenda em um campo de batalha. O prefeito Rogers vacilou feio quando foi entrevistado, recusando-se a reconhecer que os membros do movimento HPU haviam incitado o conflito e que foram os responsáveis pela morte a tiros de um policial.

Nicholas Scratch, por outro lado, não perdeu tempo. Discursou em um local seguro em Toland, e prestou condolências para as famílias dos mortos, enfatizando como o movimento HPU abrangia toda a Região Nordeste e que podia proporcionar apoio emocional e ajuda física para essas famílias. E colocou a culpa nos *indigenes da terra* do Courtyard de Lakeside, deixando as pessoas no Mercado Tenda se sentindo tão ameaçadas, que elas tiveram que atacar. E, enquanto fosse lamentável que um policial havia morrido, juntamente com vários outros humanos capturados em uma luta sem sentido, tal reação deveria ter sido esperada.

A declaração mais arrepiante foi feita por Elliot Wolfgard quando os repórteres o encurralaram depois de uma reunião com o prefeito.

— *Os indigenes da terra que residem em Pátios são gerentes de suas propriedades, e são os intermediários entre os seres humanos e os demais indigenes da terra. Podemos falar pelos indigenes da terra que moram no país selvagem circundante, e eles são a voz definitiva de Thaisia, os que vão decidir o que vai acontecer em seguida.*

E esses *indigenes da terra*, quem quer que fossem; não poderiam negociar diretamente com os humanos, porque quem conseguia encontrá-los não sobrevivia. Os humanos não poderiam se comunicar com eles de modo algum.

Tess tinha feito um bom trabalho retornando com os pertences pessoais de volta onde ela os encontrou. Se ele entrasse distraído, ele reconheceria que alguém poderia ter mexido em suas coisas, e teria percebido as pequenas diferenças antes que ele procurasse pelos detalhes que confirmariam esse fato. Algo dobrado um pouco demais, ou colocado nas gavetas de uma ordem diferente. Desde que ele foi informado que os Outros tinham levado as coisas dele e de Lizzy, e, em seguida, as colocado de volta, ele tinha dado nas gavetas e armário apenas um olhar superficial.

Indo para a pequena cozinha, Monty abriu uma garrafa de uísque e se serviu de um copo saudável. Ele não bebia muito, mas esta noite ele queria algo para suavizá-lo, especialmente já que Lizzy não estava aqui.

Quando ele ligou para os Denbys para dizer-lhes sobre Lawrence MacDonald, Eve insistiu para Lizzy ficar com eles durante a noite. Havia perguntas não respondidas sobre as tentativas de arrombamento. Ele não duvidava que houve uma tentativa, assim como ele não achava que o momento da invasão dos apartamentos e o ataque ao Mercado Tenda foi coincidência. Mas o Urso Boo e as joias haviam desaparecido. As pessoas em Toland que estavam envolvidas com a morte de Elayne tinham que saber isso. Ele achava que o Capitão Felix Scaffoldon não estava diretamente envolvido no assassinato de Elayne, mas ele apostava que o Capitão estava mantendo alguém no ciclo de informações.

O que significava que ainda havia uma peça faltando. Alguém que ainda estava à procura de algo e pensava que tinha chegado a Lakeside. Será que havia mais joias escondidas além do Urso Boo?

Monty ficou absolutamente imóvel, deixando esse pensamento em torno dele.

Havia algo em uma história que estava lendo para Lizzy antes de ter sido transferido para Lakeside. Páginas de um livro que foram cortadas para formar um compartimento secreto. Ela estava animada quando ele tinha lido esse livro, e queria transformar um de seus livros em um esconderijo para os segredos dela. Ele propôs procurar um livro usado para que ela não estragasse um de seus livros novos. Mas ela não tinha trazido nenhum livro com ela, apenas...

— O diário, — Monty sussurrou. Ele colocou o copo de uísque na mesa e correu para o armário, remexendo as gavetas. Por que o diário tinha uma chave, e porque Lizzy não a tinha? A menos que o diário não estivesse sendo usado como um diário, mas como um esconderijo, e Lizzy não era a pessoa que tinha a chave.

Ele verificou o armário, verificou as malas, verificou debaixo da cama e atrás dos poucos móveis no apartamento. Ele checou debaixo do colchão, sacudiu todas as toalhas de banho e as roupas de cama extra. Quando terminou, ele procurou novamente.

Depois se sentou na cama estreita e pensou por um longo tempo. Tess tinha retornado com tudo, exceto o diário fechado.



CAPÍTULO 51

Earthday, Maius 27

Era de manhã cedo, quando Tess entrou em uma das salas de aula da escola do Pátio para esperar por Nyx. Ninguém estaria lá para interrompê-los ou fazer perguntas. Igualmente importante, a escola foi construída no interior do Pátio, para que os humanos não tivessem sequer um vislumbre das ruas da cidade ao redor. A maioria dos humanos não sabia que existia uma escola ali.

A tentativa de arrombamento de ontem não fazia sentido. Tentar resgatar o Urso Boo, a fim de recuperar as joias que foram escondidas dentro dele teria feito sentido. O Sanguinati aprendeu sobre as coisas que tinham valor para os humanos pelo mundo, e Nyx disse a ela que as joias que foram escondidas no Urso Boo valiam muito dinheiro.

Mas o Urso Boo foi entregue à polícia de Toland, e foi costurado pelo bodywalker Wolfgard para que ninguém suspeitasse que alguém pudesse ter aberto o corpo do Urso. Ladrões não deveriam estar à procura de recompensas entre as posses de Montgomery. Não mais.

Não, isso não era sobre joias. Esta invasão era sobre os segredos escondidos dentro do livro rosa.

Nyx entrou no quarto como sua forma meio fumaça e meio humana. — Eu trouxe o livro.

— Agora só precisamos..., — Começou Tess. Ela parou e virou para a porta. Seu cabelo começou a enrolar, antecipando-se para lidar com o intruso barulhento. Então ela piscou surpresa quando o Executor dominante do Courtyard entrou na sala.

Blair Wolfgard geralmente se movia tranquilamente porque era sua natureza, mas ele não estava fazendo nenhum esforço para se

aproximar com discrição quando ele entrou e balançou uma pequena caixa de ferramentas.

— Essas ferramentas não são fáceis de adquirir, então não irei entregá-las a menos que eu saiba o que você pretende fazer com elas, — ele rosnou.

— Você não tem que entregar nada, — disse Tess. — Apenas abra essa fechadura neste livro. É por isso que eu disse para trazer suas ferramentas pequenas.

Nyx inclinou a cabeça. — Isso soou desagradável, mas eu não sei por que.

O Lobo mostrou os dentes e estendeu a mão. — Me dê essa coisa. Nyx lhe entregou o livro rosa com estrelas douradas na capa.

Blair apontou para o fecho. — Onde está a chave?

— Não sei, — Tess respondeu. — É por isso que você está aqui com suas ferramentas pequenas. Precisamos saber o que está nesse livro.

— Por quê?

— Porque Meg viu um livro rosa com estrelas douradas que está ligado a um segredo. E porque alguém ainda está buscando algo que a Lizzy trouxe com ela.

— Você se importa se alguém souber que eu abri? — Blair perguntou.

— Não.

Ele selecionou uma ferramenta e abriu a fechadura.

Boa coisa que não estamos interessados em fechá-lo de novo, Tess pensou quando Blair lhe entregou o livro um pouco mutilado, pegou sua caixa de ferramentas, e saiu.

Abrindo o livro, Tess estudou a caligrafia. — Eu não posso imaginar um adulto usando um livro rosa com estrelas douradas, mas esta caligrafia não se parece com a de uma criança.

— Não, não, — Nyx concordou. — Mas alguém do sexo feminino, com base na caligrafia humana que já vi.

— Temos tempo para descobrir o que ele diz. — Tess apoiou o quadril na mesa do professor e começou a ler.

Meg sonhou que estava comendo um bolo delicioso e que alguém estava lambendo suas migalhas.

Ela despertou quando Vlad disse, — É melhor você parar antes que ela te pegue.

Levantando-se do sofá de Simon da sala de estar, ela olhou para Simon e para Nathan, que estavam lhe dando um olhar de *eu não sei do que ele está* *falando.*

A última vez que os Lobos lhe deram aquele olhar "inocente demais para ser acreditado" foi quando ela descobriu recipientes vazios empilhados em um armário em sua sala de triagem — recipientes que estavam cheios de biscoitos de Lobo quando ela tinha ido almoçar naquele dia.

— Vocês dois tiveram biscoitos suficientes, — ela murmurou.

— Como está se sentindo, Meg? — Vlad perguntou.

Colocando os pés com cuidado para evitar pisar na pata de alguém, Meg se levantou e fez um balanço. Rígida, doída, com fome. E ela realmente precisava fazer xixi e provavelmente não era a única. — Estou bem. Eu preciso usar o banheiro. Você pode abrir a porta para que Simon e Nathan saiam? Quando Jane deu uma olhada neles na noite passada, ela disse que seria melhor se eles não mudassem por mais outro dia.

— Certo. Precisa de ajuda para subir as escadas?

— Não, eu posso fazer isso.

Enquanto ela subia as escadas, um degrau por vez, já que o joelho estava enfaixado para não dobrar, ela ouviu Simon e Nathan lutando para se levantarem.

Jane Wolfgard voltaria para verificar os Lobos, assim como Henry. Ela iria pedir à bodywalker Lobo para sugerir algumas atividades tranquilas que poderiam manter os Lobos ocupados enquanto eles se recuperavam. E o Dr. Lorenzo deveria estar chegando em breve para ver

como ela estava. Ela realmente esperava que pudesse convencê-lo de que os Outros sabiam que ele estava tomado conta dela e que estava tudo bem para remover as bandagens e deixá-la tomar um banho. Era, afinal, apenas um corte.

Mesmo o Controlador, que tinha valorizado a sua pele para o lucro, não faria muito alarido sobre o seu bem-estar. Então novamente, os *indigenes da terra* valorizavam mais a pessoa, *ela*, do que a sua pele.

Você não tem nenhuma razão para se sentir culpada, Meg disse a si mesma. Mas ela se sentia culpada, e ela temia a bronca que seria obrigada a escutar agora que as coisas estavam mais calmas.

Ela iria esperar até que o Dr. Lorenzo e Jane terminassem suas visitas. E Então quando Simon e Nathan estivessem com um prato de comida e um pouco de água, ela iria a pé até o outro lado do Complexo Verde para visitar Henry.

— Bem, — Tess disse um pouco mais tarde. — Isso explica por que o movimento HPU ainda está atuando após a chegada de Lizzy. Mas eu acho que ainda não é prova suficiente de que os seres humanos vão fazer alguma coisa sobre isso. Eles poderiam dizer que Elayne Borden escreveu isso apenas para causar problemas.

— Será que eles a mataram pelo o que ela escreveu no livro? — Nyx perguntou.

— Sendo verdade ou mentira, isso teria causado problemas — Tess respondeu. — Há um monte de acusações aqui de uma mulher que não era tão importante quanto acreditava. — Ela poderia ter sentido uma leve pena de Elayne Borden se o julgamento dela, e as ações da mulher, não tivessem trazido os problemas para Lakeside através da presença de Lizzy. — Os seres humanos vão dizer que ela escreveu essas coisas por maldade, ou inveja, pois o homem que estava morando com ela, e faz promessas a ela, também estava de acasalamento com outras

mulheres. Eles vão dizer que ela estava tentando desacreditar o movimento HPU como uma maneira de se voltar contra ele.

Nyx pensou por um momento. — Se os seres humanos acreditarem ou não, não importa. É a confirmação do movimento humano que os *indigenes da terra* já sabem. Precisamos mostrar este livro para Vlad e ao avô Erebus.

— Simon é o líder deste Courtyard. Ele deve ver primeiro, — Tess disse, perguntando se havia um potencial de luta de poder entre os Sanguinatis e os Lobos. Houve alguma tensão entre os dois grupos por causa de Meg.

— Ele está ferido e precisa de descanso. Vlad e o avô não estão feridos. Além disso, esse problema começou em Toland, e os Sanguinatis controlam o Courtyard de lá. — Nyx fez uma pausa. — Na verdade, os Sanguinatis controlam os Pátios dos Portos na Costa Oriental, em cada cidade humana que é importante, além dos ambientes urbanos serem mais adequados ao nosso modo de caça, por isso, é a melhor forma de *indigenes da terra* observarem esses lugares.

Tess não podia discutir sobre Simon precisar de descanso. Ela não tinha percebido que os Sanguinatis controlavam muitos dos Pátios em Thaisia, embora o que Nyx disse sobre eles preferirem os ambientes urbanos fizesse sentido. Eles tinham muito em comum com os Ceifeiros, que também eram atraídos para o excesso de presas amontoadas nas cidades.

Se os Sanguinatis eram geralmente selecionados para controlar os Pátios nas cidades portuárias, por que Simon era o líder em Lakeside, onde havia o principal porto humano no Lago Etu? Por que escolher um Lobo quando havia uma forte coligação de vampiros aqui, para não mencionar a presença de Erebus? Alguém cedeu a liderança para um líder de um gard diferente por *opção*, ou ele foi *convidado* para liderar?

— Nós vamos mostrar isso para Vlad e avô Erebus, — Nyx disse novamente.

— Certo. Mas devemos mostrar para Henry e Elliot também. E devemos esperar até que Simon tenha a chance de vê-lo antes de tomar

qualquer decisão. Tudo o que fizermos com esta informação irá afetar Lakeside e o nosso Pátio.

— Nesse caso, Blair, o Executor dominante, deve ser incluído também.

— Concordo.

Ela e Nyx resolveram a questão em um silêncio pensativo, pois consideravam todas as opções. Assim como tantas decisões que tomaram recentemente, quaisquer decisões que os Outros em Lakeside tomassem, iria se propagar por toda a Thaisia. Isso fez com que Tess se perguntasse se era este livro ou Simon Wolfgard que tinha sido o verdadeiro alvo ontem.

Henry estava sentado na sala de verão debaixo de seu apartamento, lixando algo em cima da mesa de madeira. O lado direito de seu rosto estava machucado, e o sulco deixado pela bala que o atingiu deixaria uma cicatriz que ele levaria na forma humana e na de Urso. Ele não estava preocupado com isso. Algumas cicatrizes eram uma parte da vida, enquanto outras...

Apanhando o cheiro de Meg, ele levantou a cabeça e a observou se aproximando de seu apartamento. Então quando ela percebeu que ele estava em uma sala de verão, igual ao que ela dividia com Simon, ele esperou enquanto ela olhava para ele através da porta de tela.

— Você pode entrar, — ele finalmente disse.

Ela abriu a porta e saiu mancando para a mesa que ele usava para todos os tipos de trabalho.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou estudando as peças na mesa.

— A substituição do Urso Boo.

Ela estendeu a mão para tocar na cabeça, depois hesitou e olhou para ele pedindo permissão. Quando ele assentiu com a cabeça, ela pegou e explorou a cabeça do Urso de madeira com os dedos.

— A escultura está pronta, vou terminar de lixar as peças nesta manhã e entregar para a costureira anexar ao corpo de pano que ela já fez. — Ele colocou a lixa e pata na mesa, e esperou. Ela parecia infeliz, e ele foi parcialmente responsável por isso, porque algumas cicatrizes eram uma parte da vida, enquanto outras...

Meg colocou a cabeça do Urso sobre a mesa. — Eu não fiz esse corte de propósito. Eu caí na escada.

— Eu sei, — ele rugiu suavemente. — Eu também sei se você não tivesse caído, se você não tivesse sangrado e falado a profecia, teríamos sabido que algo estava para acontecer nos apartamentos, porque você sentiu algo mesmo sem se cortar, mas não teríamos conhecimento sobre o ataque no Mercado Tenda. Nós não teríamos nenhum aviso sobre o ataque, não teríamos tido tempo para pedir ajuda e mais de nós teria morrido.

— Você está com raiva de mim?

Henry balançou a cabeça, apenas um pequeno movimento, já que o movimento incomodava o seu rosto machucado. — Não, Meg, eu não estou com raiva. Apenas não é simples, e é... Difícil... Para nós. Eu sou grato que você nos deu o aviso, e estou triste que você tenha mais uma nova cicatriz.

— Eu não estou triste com essa cicatriz, — ela disse suavemente, acenando com a mão em direção ao seu joelho. — Eu estou triste por *você* ter uma cicatriz.

Ele sorriu com cuidado. — Eu não estou triste com essa cicatriz. Eu tive que salvar a vida de Simon... Assim como você tem sua cicatriz, porque você estava cuidando de nós.

— É uma sensação diferente, essa cicatriz.

— É um sinal de um coração generoso. Ela deve parecer diferente.

Ela olhou para a cabeça e as patas do urso que ele tinha esculpido para a Lizzy. — Nós cuidamos um do outro, não é?

— Sim, nós cuidamos.

Um uivo soou do outro lado do Complexo Verde.

Meg suspirou. — Eu pensei que Simon iria dormir por mais tempo. É melhor eu ir antes que ele faça algo tolo.

Henry a observou caminhar de volta para o apartamento de Simon. Havia dois Lobos adultos ficando lá agora. Ele achou interessante que Meg tinha reconhecido o uivo de Simon chamando para encontrá-la.

Simon mancava atrás de Meg. As árvores e os arbustos impediam a linha de visão entre as ruas humanas e os Complexos onde os Outros moravam, mas havia edifícios localizados para os humanos acessarem o Pátio com as entregas e ainda longe o suficiente do olhar humano, o tanto quanto possível. Não era um compromisso fácil, e ainda assim os *indigenes da terra* tinham feito o trabalho. Não tinha alternativa senão fazê-lo funcionar, porque alguém tinha de vigiar e observar o comportamento dos humanos, e indicar se eles se tornassem muito perigosos para Thaisia e todas as criaturas que viviam ali.

Apesar de sua irmã, Daphne, ser baleada e morta alguns anos atrás, ser capaz de ouvir os carros o deixava se sentindo nervoso, ainda mais quando ele se sentia vulnerável. Ele não podia correr para frente e desafiar um inimigo ou correr rápido o suficiente para sair do caminho, se o inimigo fosse forte demais para enfrentar sozinho. Agora ele não poderia proteger sua matilha, ele não podia *proteger* Meg.

Ele a alcançou quando chegou ao jardim. Foi uma caminhada curta do Complexo Verde, mas ele ofegava com o esforço de caminhar, mesmo não sendo tão longe.

Pelo menos Meg parecia estar se sentindo melhor. Dr. Lorenzo tinha colocado um curativo menor em seu joelho, principalmente para mantê-lo limpo e para desencorajar qualquer um de lamber o corte enquanto curava.

Ele não lambeu o corte na noite passada depois que Meg adormeceu no sofá. Nem Nathan. Mas ele lambeu sua mão e o pé, que ficaram pendurados para fora do sofá bem na frente do nariz do Lobo, e isso o havia acalmado tanto, que foi o suficiente para que pudesse dormir por algumas horas antes de seus ferimentos incomodarem novamente. Não pareceu ser uma coisa má a se fazer, e se ela acordasse, ele tinha certeza de que Meg teria concordado em deixá-lo dar algumas lambidas para fins medicinais, mas talvez ele devesse ter pedido permissão antes. Afinal, Meg era Meg, não um frasco de remédio.

— Olha, Simon! As sementes que plantamos estão brotando!

Um pouco de coisas verdes. Ainda nem eram comestíveis, e nem seriam comestíveis por semanas e semanas.

Ele queria um pouco de água.

Simon olhou para a bomba nas proximidades. A bomba tinha estado lá antes que a cidade colocasse tubos em suas casas, e os Outros ainda usavam essa água, além da água captada da chuva, para a comida que eles plantavam.

<Meg? Água?>

<Meg vai bombear a água para nós?> Nathan perguntou, juntando-se ele.

Ela não podia ouvir a linguagem *indigene da terra* e ele não poderia mudar para perguntar.

— *Arroo?* — Simon mancou até a bomba, seguido por Nathan. — *Arroo?*

Meg olhou para a bomba e depois para o jardim. Ela mancou para a bomba. — Você acha que as plantas precisam de água?

Ele não sabia sobre as plantas, mas os Lobos certamente queriam.

Nathan reclamou, depois lambeu o bico da bomba.

— Oh, *you* quer água. — Meg estudou a bomba durante tanto tempo que os Lobos sentaram para esperar.

— Eu não estava prestando atenção à água quando nós plantamos as sementes do jardim, mas eu acho que posso fazer isso, — ela finalmente disse.

Bem, sim, ela poderia fazer funcionar a bomba, e deixar a água sair. Não era *um fio que pode ser dobrado*, mas o balde que deveria estar debaixo do bico para pegar a água não estava lá. Eventualmente, eles teriam a sua bebida, poderiam lamber o gotejar da água, mas nada o preparou para o jorro que tomou.

— Desculpe, — Meg disse. — Deve haver um truque.

Simon ficou ali, incapaz de sacudir a água, porque o movimento faria seus ombros e pernas dianteiras feridas machucarem mais.

Alguém tossiu levemente.

Ele tentou girar e quase perdeu o equilíbrio.

<É Vlad,> disse Nathan.

Vlad soltou um suspiro tempestuoso que soou mais como uma risada. — Eu deixo os três sozinhos por apenas um pouco de tempo, e olha o que acontece.

<Não entramos em apuros,> Simon rosnou. <Apenas ficamos molhados.>

— O balde é lançado pelo vento, por isso é mantido no barracão, — disse Vlad para Meg, apontando para a pequena estrutura.

— Eu não estava saindo para *fazer* nada, exceto olhar para o jardim, — ela disse. — Mas Simon e Nathan queriam beber água. — Ela olhou para os Lobos. — Vocês estão muito molhados.

— Eles vão secar, — disse Vlad.

<Quero ver se iria continuar tão simpático assim quando Meg despejar água em você,> Simon resmungou.

<Temos uma reunião,> Vlad disse, não parecendo se divertir. <Há algo que você precisa ver antes de decidir o que fazer.>

<Eu não posso mudar hoje.>

<Nenhum humano foi convidado para essa reunião, para que você não precise parecer humano.>

<Meg não deveria estar aqui sozinha.> Um falcão passou sobre Simon, um lembrete de que havia *indigenes da terra* vigiando.

<Ela não estará sozinha. E nós não estaremos longe. Vamos nos encontrar no meu apartamento.>

— Vlad? — Meg disse olhando do vampiro para os Lobos.

— Reunião de negócios. A presença de Simon é necessária, — Vlad disse facilmente.

— Mas ele deve descansar hoje, — ela protestou.

— Eu sei, mas isso não pode esperar.

Ela queria protegê-lo, e isso agradou a Simon em todos os tipos de formas porque ele queria protegê-la também. Mas um líder não poderia ser sempre protegido, então ele começou a voltar para o Complexo Verde e para o apartamento de Vlad.

Vlad falou com Meg por mais um minuto, em seguida, foi para o lado dele.

<Nathan vai ficar com ela,> disse Vlad.

<Ele não pode protegê-la contra intrusos.>

<Não, ele não pode, mas ele pode soar o alarme, se necessário. E vários pôneis estão por perto, incluindo Tornado e Terremoto. Ninguém vai chegar perto de Meg enquanto eles estão pastando ao redor do Complexo.>

Satisfeito com isso, Simon entrou no apartamento de Vlad, e quando viu quem mais estava na sala, ele sabia que isso não era apenas sobre os ataques de ontem, mas algo mais... E pior.

Meg abriu a porta para a sala de verão debaixo de seu apartamento e esperou que Nathan entrasse. Ela esperava que todos os cortes no rosto e pernas dianteiras se curassem sem cicatrizes. Foi perturbador o suficiente pensar na cicatriz de Henry, como homem ou Urso, com uma cicatriz ao longo de sua bochecha direita. Ela não queria que Nathan se olhasse no espelho todos os dias e que fosse lembrado da traição humana.

O que os Outros pensavam sobre suas cicatrizes? Será que as cicatrizes antigas não importavam a eles, exceto o que elas significavam em relação ao seu tempo de vida? E os seres humanos? Seria difícil para

eles olharem para as suas cicatrizes? Ela não tinha nenhuma no rosto, mas os shorts e os tops de manga curta que eram práticos de usar no verão revelavam algumas das cicatrizes em seus braços e pernas.

Nenhuns dos humanos que eram seus amigos disseram nada. Não para ela de qualquer maneira. E sobre os entregadores? Quando usava roupas de verão, ela estava anunciando que ela era uma *Cassandra de Sangue*? Com a situação das meninas que foram libertadas e abandonadas, e o aumento do número de mortes causadas por sua incapacidade de lidar com o mundo exterior, mais pessoas poderiam compreender o significado das cicatrizes uniformemente espaçadas. Não iriam?

Embora, agora que pensava sobre isso, as profetisas de sangue não estavam mais sendo mencionadas nas notícias na TV ou nos jornais. Agora a notícia era sobre os alimentos que seriam acrescentados aos livros de racionamento do próximo mês e as carências que estavam sendo previstas e as acusações de que os Outros eram os culpados pela diminuição da disponibilidade de alimento e o aumento dos preços. Isso não tinha muito efeito para ela. Exceto para as pizzas, pois os demais alimentos ela comprava nas lojas da Praça do Mercado, que eram fornecidas pelas fazendas dos *indigenes da terra*, mas Merri Lee e Ruth haviam dito algumas vezes que elas estavam contentes que foram autorizadas a fazerem compras na Praça do Mercado, e ainda mais aliviadas que elas iriam receber uma parte dos alimentos cultivados no Pátio.

— *Arroo?* — Nathan perguntou em voz baixa.

Quanto tempo ela esteve ali, mantendo a porta aberta?

— Cérebro ocupado, — ela disse entrando na sala. Pegando o livro que tinha deixado sobre a mesa, ela escolheu um lugar novo para a cadeira que dava para o Pátio do Complexo Verde. Merri Lee e Michael Debany lhe deram duas cadeiras como um presente de inauguração. Ruth Stuart e Karl Kowalski tinham lhe dado uma pequena mesa redonda e duas cadeiras que lhe proporcionava um lugar para comer ou trabalhar em um projeto.

Alguém, provavelmente Vlad ou Tess, tinham reorganizado os móveis a fim de mover as camas Lobo para a sala de verão.

Depois de dar uma cheirada para confirmar qual cama era a dele, Nathan deitou-se, colocou sua cabeça em suas patas, e cochilou.

Meg não sabia onde os seus amigos humanos foram hoje. Em luto, certamente. Eles deveriam estar na casa dos MacDonalds, ajudando Theral e os pais de Lawrence a fazer o que deveria ser feito em um momento como este, mas o que seria?

Ela tinha visto vídeos, e às vezes algumas manifestações de meninas sendo abusadas ou mesmo mortas, mas ela não tinha muitas imagens de treinamento de homens sendo mortos. Em vez disso, havia imagens que, juntas com outras imagens, significavam algum tipo de morte. Um carro destruído, e uma ambulância. Uma arma e uma urna de cremação. Não que o Controlador ou os *Aqueles Com Nomes* dissessem às meninas o que essas combinações de imagens significavam, mas eventualmente ela e Jean acabavam descobrindo.

Será que as profetisas de sangue poderiam descobrir e ver que tipo de combinação de imagens seria quando elas fariam o seu corte final, e fatal?

Meg sacudiu a cabeça como se isso fosse desalojar os pensamentos. Quando percebeu que estava esfregando os braços para aliviar a sensação de alfinetadas e agulhas, ela também percebeu que Nathan estava acordado e olhando para ela.

— Está tudo bem. O formigamento está indo embora, — ela disse a ele, o que era verdade.

— *Arroo.*

Apesar de estar ferido, ele ainda estava em guarda. À sua maneira, ela também.

Meg abriu o livro e tentou ler. Mas ela não podia se concentrar na história, porque ela continuava pensando em Henry esculpindo um novo Urso para Lizzy. Aqui no Pátio, eles cuidavam um do outro.

Os amigos de Lawrence MacDonald estavam juntos da família dele, mas e a família de Jenni e Starr? Havia alguma maneira de que ela pudesse cuidar delas?

Ela polia as moedas até que brilhavam. Um pequeno sinal, um gesto de simpatia para a perda de uma irmã. E...

Uma pata grande empurrou contra sua coxa com uma força considerável.

Meg engasgou. Nathan estava ao lado de sua cadeira, parecendo que estava prestes a uivar.

— Eu estou bem, — ela disse, mas como ela poderia estar bem se ela tinha acabado de ter uma visão sem corte? O que tinha acontecido apenas uma vez, antes do ataque no Courtyard no início desse ano, quando ela estava fazendo entregas durante o dia e pensou de repente que estava dirigindo à noite.

— *Arooooo!* — Um desacordo decisivo.

— Eu estou bem, — Meg insistiu. — Eu estava apenas *pensando*. — Ela levantou a mão para lhe dar um tapinha tranquilizador e mantê-lo quieto, então ela lembrou para não tocar seu rosto. — Eu estava pensando.

— *Arroo?* — Ainda não convencido de que ela estava bem, mas iria ouvir.

— Isto é diferente, e eu não sei como explicar isso.

Nathan sentou-se ao lado da cadeira e esperou.

— Eu estava pensando sobre Jenni e Starr e se havia algo que eu poderia fazer por elas. E então eu vi algo que eu poderia fazer. Eu pensei que era uma visão, porque eu tenho visões. Mas não era realmente uma visão. Era minha mente fornecendo uma resposta para a pergunta, mostrando-me o que fazer de bom para elas. — Animada, ela passou as pernas para a lateral da cadeira, e ficou cara a cara com Nathan. — Não era um pensamento de profetisa de sangue, era um pensamento de meninas!

Ele cheirou o seu rosto e, aparentemente, decidiu que não havia motivo para alarme.

— Você poderia dizer a Julia Hawkgard que eu gostaria de vê-la?

Nathan inclinou a cabeça. Quando ela não disse mais nada, ele voltou para sua cama e deitou-se. Um minuto depois, Julia apareceu.

— Há algo errado? — Perguntou Julia.

— Não, — Meg assegurou. — Eu só preciso de algumas coisas da Praça do Mercado, e meu joelho... — Ela apontou para o joelho enfaixado. Não havia nada de errado com seu joelho. Tudo o que ela precisava fazer era evitar dobrar para não dividir o corte e acelerar a cura. Ela poderia ter caminhado ou conduzido o seu carro elétrico, mas Nathan teria vindo com ela, não importando o que ela dissesse, e ele precisava descansar.

— Oh. Claro, — disse Julia. — Do que você precisa?

Meg disse a ela o que queria. Enquanto esperava que Julia voltasse, perguntou-se o que os Outros poderiam pensar sobre o seu pedido. Talvez Julia pensasse que era algo peculiar aos seres humanos. Ou talvez o Falcão tivesse entendido a razão do pedido. De qualquer maneira, Julia voltou rapidamente com todos os itens.

Enquanto Simon estava na sua reunião, e Nathan descansava, Meg estava sentada à mesa na sala de verão, polindo dois rolos de moedas de dez centavos até que cada uma brilhasse.

Simon não tinha certeza se Blair e Elliot se deslocaram para Lobo porque era Earthday e eles habitualmente ficavam nesta forma no dia em que estavam livres do contato com os seres humanos, ou se eles não queriam que ele se sentisse desconfortável sendo o único que não estava em forma humana para esta reunião.

De qualquer maneira, uma vez que ele escolheu um lugar na sala de Vlad e se deitou, Blair e Elliot ficaram um em cada lado dele. Vlad, Nyx e Erebus Sanguinati estavam sentados em cadeiras na frente dos Lobos. Isso deixou Henry e Tess sentados em lados opostos da sala.

— Não há muitas coisas neste livro que são de interesse para nós, então eu só vou ler em voz alta o assunto de nosso interesse, — Tess disse.

— Diário, — Vlad disse. — Esse tipo de livro é chamado de um diário. Onde você conseguiu isso?

— Tirei do apartamento do Tenente Montgomery. Ele estava em uma gaveta com as roupas da Lizzy, por isso é provável que tenha vindo com as coisas dela, e depois que Nyx e eu o lemos, percebemos que é por esta razão que alguém ainda está atrás da garota.

— Lizzy é jovem, — disse Erebus. — O que alguém tão jovem poderia escrever que iria atrair tantos caçadores em sua trilha?

— Lizzy não escreveu nada, — Tess respondeu. — Elayne Borden, por outro lado...

<Leia> Simon disse, olhando para o diário como se fosse uma cascavel com raiva.

Tess leu as partes importantes. Quando ela terminou, Simon esperou para ouvir o que o resto deles diria, mas ninguém falou... Ao menos ele contou com Blair rosnando.

— Isso confirma o que os *indigenes da terra* já descobriram, mas agora os humanos do governo devem dizer ao seu povo o porquê eles não vão ter comida suficiente, o porquê algumas posses serão difíceis de comprar, — Henry disse finalmente.

— Você acha que os humanos no governo ainda não sabem? — Vlad parecia cético. — São os demais humanos que precisam saber que por causa do movimento HPU, os humanos que moram em Cel-Romano tem a preferência nos alimentos, e os humanos em Thaisia receberão apenas as migalhas, se houver alguma. A fome irá empurrá-los para tentar tirar mais terra do resto das criaturas de Namid.

<Concordo em revelar isso para os governos humanos,> disse Elliot. <Mas como podemos fazer isso? Quantas cópias desse diário podem ser feitas?>

— A maior parte do que foi escrito é pessoal, — Tess disse. — Eu duvido que seja de interesse para qualquer ser humano, exceto ao Tenente Montgomery.

— O que é importante para os *indigenes da terra* pode ser resumido em alguns parágrafos, onde confirmaremos que os *líderes* humanos são os verdadeiros responsáveis pela escassez de alimentos e de materiais, — Vlad disse. — Isso é o que todos os governos humanos precisam saber também.

<Devemos fazer duas cópias de tudo,> disse Elliot. <Vamos manter uma cópia para nós e dar a outra cópia ao Courtyard de Toland, já que eles terão de lidar com a parte do problema que está em sua cidade.>

<Deveríamos uivar esta informação para todos os seres humanos em todos os lugares em Thaisia,> Simon disse. <Essa escolha deveria ser feita pelos indigenes da terra, aqueles que cuidam de cada região da nossa terra. Tomamos decisões para Lakeside.>

— Nós estamos tomando decisões por muito mais do que Lakeside ultimamente, — Henry respondeu. — No mínimo, toda a Região Nordeste vai respeitar nossas decisões.

<Bem, se nós estamos tomando decisões para aqueles que não estão...> Simon parou. Montgomery não era bem um dos seus, ou ele era parte da matilha humana agora? <Eu acho que o diário original deve ser dado ao Tenente Montgomery. Elayne morreu para que Lizzy pudesse escapar dos humanos ruins e trazer as palavras para ele.>

Silêncio enquanto todos pensavam sobre isso.

— Duas cópias deste diário serão suficientes, — disse Erebus com um aceno em direção a Elliot. — Uma cópia para Lakeside e outra para Toland. Vlad, quando esta reunião for concluída, ligue para Stavros. Diga-lhe que há coisas que ele precisa saber que não podem ser discutidas ao telefone.

Vlad assentiu. — Vou ligar para ele e pedir-lhe para pegar o próximo trem disponível.

<Eu ainda acho que deveríamos dizer mais aos humanos,> disse Elliot.

<Agora não importa quantos humanos saibam,> Simon disse. <Eles continuariam a mentir e tentar nos culpar, a fim de causar problemas. Eles deliberadamente fizeram as coisas para que o seu povo passe fome no ano que vem, a fim de criar mais conflitos. Por causa disso, os indigenes da terra no país selvagem irão decidir o que vai acontecer em seguida.>

Ninguém falou enquanto consideraram as implicações. Os humanos tinham pouca compreensão sobre os *indigenes da terra* que podiam ver, e eles não tinham nenhum entendimento sobre os *indigenes da terra* que moravam no país selvagem.

— Trem. Trem, — Tess disse. — Quando ela falou a última profecia, Meg disse essa palavra duas vezes. O Controlador e seu... *Pessoal...* Ofertaram anos de treinamento, então tudo o que ela diz em uma profecia tem um significado.

— Stavros está vindo de trem, — Vlad disse.

— Com outra pessoa. Para o bem ou para o mal, acho que devemos esperar um segundo visitante.

Simon grunhiu com o esforço para levantar. *<Chega. Eu vou ser capaz de mudar amanhã. Então vou ver como a forma humana se sente e quais limitações posso ter.>*

— Eu vou para o Três Ps agora e fazer as cópias do diário, — Tess disse.

Como não havia nada mais que ele precisava fazer nesta reunião, Simon mancou até a porta, em seguida, teve que esperar alguém abri-la. Ele queria andar pouco e descansar muito. Ele queria se enroscar com Meg e lambê-la enquanto ela assistia a um filme.

Ele queria ser forte o suficiente para protegê-la, apenas no caso do segundo visitante que estava vindo para Lakeside acabar por ser um inimigo.

Jenni Crowgard voltou para o seu apartamento no Complexo Verde mais cedo naquela noite. O Crowgard tinha passado reunido, de luto pela perda de Crystal, não muito diferente da forma como os humanos se reuniram para lamentar a perda de Lawrence MacDonald.

Será que os Corvos abrirão a Sparkles & Junk amanhã? Meg perguntou. *Ou eles vão abandonar a sua loja na Praça do Mercado?*

Sentindo-se estranha, ela bateu na porta de Jenni... E tentou não olhar quando o Corvo respondeu.

O cabelo preto de Jenni, em geral brilhante e bem penteado, estava seco e despenteado em torno de um rosto desenhado pela dor.

— Eu tenho algo para você e Starr. — Meg estendeu uma pequena caixa decorativa, um dos itens que Julia Hawkgard tinha apanhado para ela.

Jenni pegou a caixa e olhou para ela durante um minuto inteiro antes de levantar a tampa. Ela derramou algumas moedas em uma única mão. — Brilhante, — ela sussurrou. — As moedas não são sempre tão brilhantes. Crystal gostava de moedas brilhantes. Ela colocou as moedas em uma tigela sobre o balcão.

— Eu sei. É por isso que eu poli estas moedas. Achei que você poderia adicioná-las na tigela em sua honra. — Meg parou. — Eu não sei como ajudar, e eu quero ajudar.

— Você ajudou. Você advertiu Simon, mas nós não ouvimos quando ele disse que tínhamos que sair. Havia tantas coisas brilhantes, tantos tesouros para olhar e tocar, que não queríamos ouvir. Ele teve que esperar, teve que discutir com a gente, e isso deu aos seres humanos o momento para atacar.

— Esses homens tinham planejado atacar os *indigenes da terra*. Não foi sua culpa, Jenni.

O Corvo colocou as moedas de volta na caixa. — Não muda as coisas. Crystal está morta. MacDonald está morto. E nós aprendemos, mais uma vez, que os seres humanos não podem ser confiáveis.

A raiva nos olhos de Jenni era geladíssima em Meg. — Jenni...

— Nossa Meg pode ser confiável. Nossa Meg não iria nos trair.

— Não, eu não faria isso. Nem Merri Lee ou Ruth ou os outros seres humanos que trabalham aqui.

Jenni deu de ombros. E Meg achou que era uma péssima indicação de quão zangada a *indigene da terra* esteve neste último confronto entre si e os seres humanos.

— Merri Lee e Ruth não trairiam os Corvos ou qualquer um dos *indigenes da terra*, — Meg insistiu. — Nem Debany ou Kowalski. Eles *não fariam nada*.

Jenni olhou para Meg. Então finalmente, — Crystal foi morta naquele lugar. Não foi culpa sua também.

Meg assentiu, aliviada ao ouvir a concessão dela.

Jenni hesitou, então deu um passo para trás para fechar a porta. — Obrigada pelos brilhinhos.

— Não há de que.

Esfregando os braços, Meg voltou para o apartamento de Simon e desejou que ela pudesse acreditar que nada iria acontecer.



CAPÍTULO 52

Earthday, Maius 27

A menina esperou por Jackson ou Grace para buscar os pratos de sua refeição da noite. No começo do dia, ela tinha aberto as persianas que cobriam sua janela, querendo mais luz. Uma tela cobria a janela, e papel branco foi pregado do lado de fora da tela, impedindo-a de ver. Mas ela tinha ouvido as pessoas falando, e rosnando. Chateados.

Alguma coisa ruim tinha acontecido. Simon, o outro Lobo que ela tinha desenhado em um desenho que tinha feito para Jackson, tinha sido ferido. E como algo ruim aconteceu; algo mais aconteceria.

A garota olhou para o desenho que tinha feito naquele dia. Nuvens de tempestade e relâmpagos. Carros cheios de pessoas dirigindo para longe da tempestade. Mas na outra borda do papel, algo esperava pelos carros e as pessoas, algo que ela não podia imaginar em sua mente, algo que a mão dela se recusou a desenhar porque não foi feito para ser visto. Simplesmente *existia*.

E isso, sem ser visto, e era terrível, esperava as pessoas nos carros.

Ao ouvir um som do lado de fora de sua porta, a menina empurrou o desenho para debaixo da cama antes de Jackson entrar carregando um envelope de correio. Ele colocou o envelope no pé da cama.

— Meg, a Guia, disse que deveríamos tirar fotografias para você olhar.

Novas imagens? Ela estava pronta para olhar imagens novas.

— Obrigada. — Ela deve ter dito a coisa certa porque ele acenou e pegou os pratos que tinha deixado sobre a mesa.

Ela esperou um minuto. Então ela levantou cuidadosamente a aba do envelope e retirou as fotografias.

Ela prendeu a respiração quando olhou para cada imagem, e bebeu as imagens.

— Não tem ordem, — ela murmurou enquanto reorganizava as fotos. — Precisa ser assim... Esta...

Um lugar. Todas as fotos eram diferentes imagens de um lugar maravilhoso. Mas... Onde? Seus antigos guardiões usavam algo para identificar as imagens. Como ela poderia dizer a alguém o que ela viu quando ela fosse cortada?

Nada escrito sobre o verso das fotos, então ela virou o envelope. Cuidadosamente impresso na frente estava uma palavra: *Sweetwater*.

A menina passou o resto da noite escutando os Lobos uivando enquanto ela estudava as fotografias.



CAPÍTULO 53

Moonsday, Maius 28

Monty não queria ser incluído na reunião com o Prefeito Franklin Rogers e o comissário de Polícia Kurt Wallace. Tinha perdido um bom homem, e o resto de sua equipe estava se recuperando de lesões menores e o choque do ataque. E por alguma razão, sua filha ainda era um alvo de um agressor desconhecido. Mas o capitão Burke queria que ele estivesse lá, já que ele lidava com o Pátio e poderia oferecer uma opinião fundamentada.

Bem, tudo bem. Ele daria a sua opinião *fundamentada*. E não ia aceitar qualquer crítica sobre ações no Mercado Tenda que levaram a perdas humanas. Seus homens mereciam a versão deles. Especialmente Lawrence MacDonald, que já não podia falar por si mesmo.

Acenando para o Capitão Zajac, que também foi chamado para esta reunião, Monty pegou uma posição à esquerda do Capitão Burke. O Prefeito Rogers estava sentado atrás de sua mesa, uma posição de poder. Nenhum dos policiais, incluindo o comissário, foi convidado para se sentar.

— Foi um incidente terrível, — disse o Prefeito Rogers. — Não é possível minimizar os danos que os Outros fizeram a propriedade humana, ou ao número de feridos e mortos que resultaram de seu ataque.

— O contra-ataque, — disse Zajac, ao mesmo tempo em que Burke disse, — Foi autodefesa.

— Se você tivesse lido o meu relatório, você saberia que os homens ligados ao movimento HPU iniciaram o incidente e dispararam os tiros que mataram um policial e um dos *indigenes da terra*, — disse Zajac. —

Outros membros do HPU atacaram o ônibus do Courtyard, atacando o Lobo dentro.

— Eles não deveriam estar lá em primeiro lugar, — O Comissário Wallace disse bruscamente. — Eles devem ficar dentro do Pátio; não é por isso que as empresas são obrigadas a fazer as entregas? Para que a maioria da nossa população não tenha que lidar com essas criaturas? E, deuses abaixo! Existe realmente uma entidade feita de fogo?

Há muito mais, e pior do que Fire morando no Pátio; pensou Monty, irritado que todo o esforço que ele e os seus homens tiveram ao criar um diálogo com os Outros poderia ser destruído por esses tolos. Ter um Comissário de Polícia fingindo que não sabia sobre os Elementais após a tempestade que bateu na cidade por volta de Febros era além de tolo; era um nível de negação que poderia matar a todos.

Zajac hesitou antes de responder. — Parece ser o caso. E é improvável que uma simples rajada de vento arrancou o telhado do edifício, além de amontoar os detritos pesados contra outro conjunto de portas, impedindo qualquer pessoa de sair.

— Então os Outros devem ser responsabilizados, e eles devem ser obrigados a pagar pelos danos ao edifício, bem como pagar por todos os carros que foram queimados, — Rogers disse.

— Pagar por que danos? — Repetiu Monty. — Eu acho que a promessa que fez quando substituiu o Prefeito anterior, que morreu por causa de seu envolvimento no movimento HPU e o seu papel posterior na morte de vários *indigenes da terra*, não passava de uma hipérbole política.

— Agora, veja aqui... — Rogers gritou.

— Você prometeu trabalhar com o Courtyard para evitar conflitos futuros, e agora você está tentando começar uma briga?

— Isso é o suficiente, Tenente, — Burke disse e sua voz soava suave, mas seus olhos brilhavam com um aviso.

— Você tem algo a dizer sobre isso, Burke? — O Comissário Wallace exigiu.

Burke olhou para Wallace. Então ele olhou para o Prefeito. — Três palavras. Jerzy. Talulah Falls.

Rogers e Wallace endureceram.

— Você pode querer verificar quantos anos sobram para expirar os arrendamentos de terras desta cidade antes de sugerir isso aos líderes *indigenes da terra* residentes dos Pátios, — Burke disse. — Você pode querer verificar quantos anos faltam para a renovação do direito de concessão das rodoviárias e ferroviárias. Se os Outros não renovarem a concessão da terra, eles podem expulsar todos nesta cidade, e fazer o mesmo que fizeram em Jerzy. Ou eles podem ter certeza de que não iremos sair.

— Você está sugerindo que eles vão bloquear todas as rotas de saída da cidade? — Disse Rogers.

— Eles fecharam a cidade com uma tempestade de neve e geleiras, que bloquearam todas as estradas de saída da cidade. Imagino que pode ser igualmente eficaz, mesmo em épocas mais quentes, — disse Burke.

— Isso pode ser, mas temos que considerar as reações das pessoas se nós dermos a impressão de que a perda de uma vida humana é insignificante, — disse Wallace. — A forma como os Outros retaliaram...

— Os *indigenes da terra* se defenderam contra um ataque, — disse Monty. — Eles se defenderam e os seus companheiros humanos, um dos quais era um Policial ferido, a partir das ações agressivas de seres humanos, que em sua maior parte não eram comerciantes, mas homens que tinham o propósito naquele dia de começar uma briga e matar ou ferir gravemente os Outros. As ações dos *indigenes da terra* foram a sua resposta típica ao serem atacados.

Antes que Rogers ou Wallace pudesse responder, Burke acrescentou, — Os Outros ainda não retaliaram o ataque, ou a tentativa do HPU de matar Simon Wolfgard. — Depois de um momento de silêncio duro de todos na sala, ele continuou. — Vamos parar de fingir que isto era uma ação de momento de parte de alguns exaltados que não queriam alguns Corvos comprando algumas bugigangas. O HPU queria agitar as

coisas, queria deixar as pessoas zangadas com os Outros, de modo que ninguém percebesse de muito perto o que *eles estão* fazendo.

— Você deixou seu desagrado ao movimento HPU bastante claro, — Rogers estalou.

— Eu certamente espero que sim, porque o próximo sangue de algum ser humano morto em um conflito com os Outros está em *suas* mãos, — Burke estalou de volta.

— Isso é o suficiente! — Disse Wallace, um passo à frente. — Você está fora de linha, Capitão!

Burke deu um passo para trás. — Diga isso depois de descobrir o que o HPU vai custar a esta cidade. — Depois de dar ao Capitão Zajac um aceno de cabeça afiado, ele saiu do gabinete do Prefeito.

Monty correu atrás dele, mas não tentou falar até que eles estavam no carro. — Você acabou de fazer inimigos, o Prefeito e o Comissário de Polícia.

— A única coisa que *eles* podem matar é a minha carreira. Eu escolho a alternativa em qualquer outro dia. — Burke esfregou as mãos sobre o rosto e soltou um suspiro. — Deixa para lá, Tenente. Por agora, vamos apenas sair daqui.

Sem nenhuma escolha, Monty saiu. Mas Lizzy e as crianças Denby estavam brincando no Pátio porque alguém ainda queria algo que veio a Lakeside com Lizzy. Até que ameaça externa, a ameaça *humana* fosse eliminada, ele tinha que confiar que Simon Wolfgard e os demais Outros no Courtyard iriam manter sua regra de não ferir os jovens, mesmo que esses jovens pertencessem a uma espécie que eles consideravam um inimigo.

Meg manteve os olhos na estrada e as mãos no volante, e se recusou a dizer qualquer coisa quando Simon suspirou de novo.

— Meg, da maneira como você está dirigindo, podemos chegar à Praça do Mercado mais rápido a pé.

— Eu estou sendo cuidadosa. Não há nada de errado em ser cuidadosa. Você ainda está se curando e não precisa ser balançado.

— Dr. Lorenzo está esperando por nós.

— Ele pode examinar Nathan primeiro.

Ok, talvez ela *estivesse* indo um pouco lento demais. Talvez o carro não conseguisse ir mais lento e ainda se manter em movimento. Mas ela não sabia que seria tão perturbador ver um amigo ferido. E ele estava ferido, mesmo que ele não admitisse. Ela podia ver seus ombros feridos e doloridos pela surra que ele recebera durante a luta. Ele não podia levantar os braços para segurar o volante, o que era a razão pela qual ela estava dirigindo para a Praça do Mercado.

— Nathan precisa ficar em forma humana por um dia inteiro para deixar a forma curar, de modo que Skippy ficará como Lobo hoje, — Simon disse. — Mas Nathan estará nas proximidades. E Henry estará trabalhando em seu estúdio. Ele vai ouvir você, se você precisar de ajuda. E Jake Crowgard vai manter a guarda do lado de fora. O mesmo acontecerá com Marie Hawkgard. E Nyx.

Enquanto tentava decifrar a mensagem, ela pressionou o pedal para aumentar a velocidade típica.

— Por que tantos guardas? — Ela perguntou. Simon não tinha indicado que nada de anormal estava acontecendo hoje, e ela não teve qualquer sentimento de alfinetes e agulhas também.

Simon olhou para fora da janela do passageiro. — Não há mais guardas, não exatamente. Só mais *indigenes da terra* vigiando.

— Por quê? — Os Corvos estavam sempre vigiando. E um Falcão ou dois sempre passava voando sobre a área de negócios do Pátio. E Nyx estava gastando mais tempo na Howling Boas Leituras ultimamente, de modo que não era incomum também. Então por que dizer-lhe que haveria *guardas* por perto, quando eles muitas vezes estavam ao redor, especialmente quando Skippy estava como guarda Lobo?

— Os seres humanos começaram a luta no Mercado Tenda, mas agora os macacos na rádio e na TV estão gritando sobre como os humanos sobreviventes que estavam envolvidos na luta estão na prisão e nós não. Portanto, não podemos confiar em qualquer um que venha ao escritório do Liaison. Não por um tempo.

Talvez nunca mais? Meg se perguntou. Alguns humanos estragando as coisas para todo mundo poderia ser uma matéria emocionante para a TV e as rádios, mas ela não gostava muito quando seus amigos sofriam por isso. — Essas pessoas não têm o direito de estar com raiva de você. Você apenas se defendeu. — Suas mãos apertaram o volante. Ela pisou no pedal, e o carro foi para a frente.

— Meg? Você poderia abrandar?

— Era você quem estava com pressa.

— Não com *tanta* pressa. — Simon apoiou uma mão contra a porta.

Ela abrandou o pedal e o ouviu respirar.

— O que é isso... ? — Ele parou, e a cheirou delicadamente.

— O quê? — Ela resmungou, sabendo *exatamente* por que ele a cheirou.

— Nada.

Eles estavam correndo pela estrada, de modo que ela abrandou um pouco mais. — Você ia perguntar se era *aquela* época do mês, não ia?

— Eu não disse essas palavras. — Então ele acrescentou em um murmúrio, — Já aprendi *essa* lição.

Ela parou em uma vaga de estacionamento ampla que era usada pelos caminhões de entrega dos *indigenes da terra* que traziam suprimentos dos assentamentos dos *indigenes da terra* e que levavam de volta produtos feitos pelos humanos.

Meg desligou o carro, mas não fez nenhum movimento para sair, mesmo quando Simon abriu a porta. Ele olhou para ela, então se acomodou em seu assento e fechou a porta.

— Você acha que as pessoas vão parar de vir atrás da Lizzy? Parar de procurar o que eles acham que ela tem?

— Sim, eles vão, porque nós encontramos.

Ela sentiu-se tonta. Levou um momento para ela identificar o sentimento de felicidade misturada com alívio. — Você achou?

— Algo que você disse a Tess ajudou a encontrar o livro que tinha segredos sobre o movimento HPU. É por isso que os seres humanos estavam perseguindo Lizzy. Eles queriam pegar o livro dela, antes que alguém lesse os segredos.

Só porque os Outros encontraram o livro, não significa que Lizzy estava segura. — Mas ninguém sabe que você achou.

— Os *indigenes da terra* já sabiam os segredos, Meg. Nós descobrimos há alguns dias. Agora alguns seres humanos vão saber também.

— Será que eles vão acreditar em você?

Uma longa pausa. — Não importa se eles vão acreditar nas palavras ou não.

— Não, eu acho que não importa. Se as pessoas pararem de virem atrás de Lizzy será o suficiente. — Ela abriu a porta. — Vamos. Eu preciso começar a trabalhar. Vamos fazer as nossas visitas ao médico.

Eles fizeram a curta distância até o consultório médico. Theral estava na recepção. Estava pálida, e seus olhos estavam inchados, mas ela lhes deu um pequeno sorriso. — Obrigada por enviar as flores. Minha tia e tio... Significou muito para eles você ter enviado flores colhidas no Pátio. E significa muito vocês os deixarem terem parte da produção do jardim de Lawrence.

A porta da sala de exame abriu. Nathan saiu, olhou para eles e disse: — Você é o próximo.

Mas Meg parou na porta da sala de exame, apesar de ver o Dr. Lorenzo esperando por eles. Ela estudou Simon. — Compartilhar o alimento é importante. Você fez isso para a família de Lawrence?

— Nós queríamos que eles soubessem que o Oficial MacDonald era... Valorizado.

Amigos eram valorizados. A *família-matilha* era valorizada. E a perda de um membro não era esquecida.

Meg entrou na sala de exame e deixou o Dr. Lorenzo verificar o joelho e fazer suas anotações. Feliz que não era mais necessário ter mais nenhum curativo, ela esperou enquanto Lorenzo revistava Simon, e estremecia em simpatia quando o Lobo tentou abafar um gemido.

Simon estava com muitas dores, mas o Dr. Lorenzo achou que não havia qualquer dano permanente. Simon só precisava de tempo para cicatrizar. Sentindo o formigamento nas costas, ela esperava que eles tivessem esse tempo.

— *Aroooooo! Aroooooo!*

Tess correu para a porta traseira da Bite, com o café e o saco de comida que ela tinha preparado para Meg e Sam. E Skippy, que era o guarda Lobo designado hoje.

— Meg não chegou ainda, Skippy, — Tess disse enquanto caminhava em direção ao Lobo juvenil, que estava sentado na porta dos fundos do Gabinete do Liaison.

Ele virou a cabeça, olhou para Tess, e depois de uma contagem total de cinco segundos, continuou com o seu uivo *arrooooo*.

Às vezes, suas travessuras eram divertidas. Mas não havia nada divertido hoje, não com o que Simon tinha a dizer para o Tenente Montgomery. E agora Vlad estava ao telefone porque alguém queria falar com Simon, e ela foi solicitada a entregar a mensagem e distrair Meg e os jovens.

Vamos, Simon. Quanto tempo demora para que um médico humano descubra que você está dolorido e machucado e que você não vai perseguir um cervo em breve?

Seu cabelo começou a se enrolar e ficou verde. Eles sabiam que uma decisão deveria ser tomada em resposta aos humanos que causaram

problemas com as suas mentiras, mas receber uma decisão através de um telefonema? Isso não poderia ser bom.

— Arooe

— Eu posso ficar com Meg *o dia todo!*

Animado com a voz de Sam, que estava vindo na direção da Praça do Mercado, os uivos de Skippy foram interrompidos, ele virou a cabeça, focado, e correu em direção a Sam, Meg e Simon.

Simon disse: — Nem todo... Skippy, não! — Ele deu um passo à frente de Meg para evitar que o jovem a derrubasse em sua pressa para cumprimentá-la e obter um biscoito, um carinho ou qualquer outra coisa que Skippy recebia quando ele ficava guardando Meg.

Fiel ao seu cérebro skippy, o jovem tentou passar pelo meio das pernas de Simon e acabou preso quando Simon apertou os joelhos.

— Skippy! — Sam agarrou o Lobo pela nuca. — Não incomode a Meg!

Como é mesmo o ditado humano, quando diz sobre um pote sujo falando do mal lavado? Tess pensou.

Sam pode ser mais jovem do que Skippy, mas ele era mais dominante. Talvez porque, mentalmente, eles estavam mais em sintonia do que os outros Lobos, Skippy respondia melhor a Sam do que com os adultos.

— Achei que você não iria tomar muito café esta manhã, então eu trouxe um pouco, — Tess disse para Meg. Então ela olhou para Simon. *<Alguém quer falar com você. Vlad está segurando a ligação.>*

<Diga a ele para pegar a mensagem, e eu ligo->

<Agora, Simon. É urgente.>

Ele observou seu cabelo enrolando e mudando as cores. Então ele tocou no braço de Meg, um gesto simples que também era íntimo.

— Eu tenho que fazer um telefonema.

— Tudo bem. — Meg assistiu ele correr para a porta de trás da HBL. Então ela olhou para Sam. — Você e Skippy, esperem por mim ao lado da porta do escritório. — Finalmente, ela olhou para Tess. — Problemas?

Não adiantava negar. — Sim.

— Muito ruim?

— Nós não saberemos até Simon terminar aquele telefonema.

Meg hesitou. — Eu vi isso? Quando caí e você ouviu, eu disse...

— Não.

— Você tem certeza?

— Acredite em mim, Meg. Se você tivesse dito algo, mesmo um indício de que *este* telefonema viria, eu teria dito a alguém. — Todos. Ela tinha visto o olhar no rosto de Vlad quando ele percebeu o que estava do outro lado da linha de telefone. Ceifeiros eram uma forma antiga de *indigenes da terra*, nós nos adaptávamos e nos mascaramos muitas vezes, e acabamos por ser os caçadores mais eficazes. Lobos também eram uma forma antiga de *indigenes da terra*. Assim como os Sanguinati.

Mas algumas formas de *indigenes da terra* eram muito, muito mais velhas. E havia boas razões para eles serem deixados em paz, sem ser perturbados.

— Aqui. — Tess estendeu o saco de alimentos. — Tem principalmente comida humana, e alguns biscoitos para Skippy.

— Esses sanduíches e os doces são melhores que aqueles que você tinha antes, — Meg disse levando o saco.

— Até agora, a Bakery & Café da Nadine entregou o que prometeu.

— Isso é bom.

— Vamos, Meg! — Sam chamou.

— *Arooeooooooo!*

Meg olhou para a janela do segundo andar da HBL, em seguida, correu para abrir o escritório e colocar os jovens ruidosos para dentro.

Quando eles foram embora, Tess viu o portão aberto do quintal de Henry. O Urso estava com a cabeça inclinada em direção a porta de trás da HBL, mas ele não esperou por ela. Ela correu para a porta. Quando ela se virou para fechá-la, ela notou a fumaça negra correndo em sua direção. Três dos Sanguinati, seguidos por Blair e Elliot, também com pressa.

Ela segurou a porta para eles, em seguida, entraram no escritório da livraria para descobrir o quão ruim ia ser.

Simon correu nas escadas para chegar rápido ao escritório da HBL. Ainda bem que ele estava em forma humana; as patas dianteiras não teriam conseguido apoio suficiente para subir as escadas nessa velocidade.

Vlad não disse nada; apenas estendeu o telefone. Mas Simon notou o tremor na mão do vampiro.

— Simon Wolfgard falando.

Não era uma voz preparada para moldar as palavras humanas. Não era uma voz que deveria ser ouvida por qualquer dispositivo criado por seres humanos.

Simon afundou na cadeira. — Sim, eu vou ouvir. — E ele fez. Por vários minutos, ele ouviu e não disse nada. Então — Sim, eu entendo. — E ele entendia.

Quando desligou, o escritório estava cheio de indivíduos carregando algum tipo de tensão, estavam com ele: Erebus, Vlad, Nyx e Stavros; Blair e Elliot; Henry e Tess. Mas havia alguém que a voz comentou, e não estava na sala.

O sangue doce mudou as coisas. Você mudou por causa dela. Estamos intrigados com os seres humanos que se reuniram em torno de seu Pátio, por isso vamos dar-lhe algum tempo para decidir quantos humanos os indigenes da terra irão manter.

Quanto tempo era *algum* tempo? E o que, exatamente, ele teria que decidir, manter os produtos que os seres humanos confeccionavam, que os *indigenes da terra* achavam úteis, ou tomar completamente as matérias primas que eram de natureza essencial para os seres humanos? Ele iria decidir se era possível os *indigenes da terra* manterem a forma humana? Um século a partir de agora, haveria um Ser humano

e um ser humano, como havia um Lobo e um lobo? E se não houvesse *indigenes da terra* suficientes, dispostos a tomar a forma humana?

Quanto tempo era *algum* tempo?

— Então — Henry disse finalmente. — Os Anciões declararam uma quebra de confiança?

— Sim. — As consequências iriam rolar por Thaisia como uma tempestade terrível.

— Eles decidiram por extinção?

Simon estremeceu. — Ainda não.

Silêncio enquanto eles absorviam as palavras.

— O que você vai dizer ao Montgomery? — Vlad perguntou.

— A verdade.



CAPÍTULO 54

Moonsday, Maius 28

Quando Monty chegou à porta do escritório do Capitão Burke, ele ouviu uma voz desconhecida dizer: — Obrigado por me ver, especialmente em um momento difícil. Meus pêsames sobre a perda de um de seus homens.

Dando ao visitante o seu típico sorriso amigável-feroz, Burke sacudiu um dedo para Monty, uma ordem silenciosa para ele entrar. — Aprecio o sentimento, assim como a visita. Você pegou um trem e veio falar com a gente. O mínimo que podemos fazer é ouvir o que você tem a dizer. Tenente Montgomery, este é Greg O'Sullivan, um agente de Investigação da Força Tarefa, recém empossado pelo governador. O'Sullivan, este é Crispin James Montgomery.

— É um prazer conhecê-lo, — disse O'Sullivan, estendendo a mão para Monty.

Monty apertou a mão oferecida enquanto avaliava o homem. O'Sullivan parecia estar em seus trinta anos. Ele tinha olhos verdes, cabelo escuro cortado curto. A compilação magra poderia ser o biótipo dele, ou um resultado deliberado de dieta e exercícios. No entanto, a pele do rosto de O'Sullivan estava tão firmemente esticada sobre os ossos e músculos, que dava ao homem uma espécie de intensidade, que fez Monty pensar em um guerreiro que escolheu uma vida austera, a fim de estar sempre pronto para a próxima batalha.

Eu sou a próxima batalha? Algo sobre a maneira como O'Sullivan olhou para ele deu a Monty a sensação de que o homem já sabia muito sobre ele.

Monty e O'Sullivan estavam sentados nas cadeiras de visitantes. Burke estava sentado atrás de sua mesa e esperou.

Olhando para os dois homens, Monty se perguntou se Burke estava vendo uma versão do seu eu mais jovem. O'Sullivan certamente tinha o mesmo tipo de ferocidade sob um verniz de boas maneiras.

— É a sua reunião, — Burke disse finalmente.

— Este ambiente é seguro? — O'Sullivan respondeu.

— Nada que você diga aqui vai sair sem o seu consentimento.

O'Sullivan sentou-se na cadeira e cruzou as pernas na altura dos tornozelos. — Há um arquivo seu no escritório do governador.

— Cada policial tem um arquivo, — Burke respondeu facilmente.

— Álias, todos os funcionários do governo têm um arquivo. É o procedimento padrão.

— Sim. Até que você se juntou a Força Policial de Lakeside e começou a subir as fileiras, seu arquivo... Bem, o seu arquivo está bem limpo, por isso, quando o governador Hannigan chamou alguns de seus ex-comandantes, eles preencheram algumas lacunas que não estavam na primeira página.

— E por que o Governador vai estar interessado em um Capitão de Patrulha em Lakeside?

O'Sullivan sorriu. — Ele estava tentando se decidir se ele deve recrutá-lo para o IFT.

— Por que?

O sorriso de O'Sullivan desbotou. — Porque você já trabalhou em pequenas aldeias humanas perto ou dentro das fronteiras do país selvagem em seus primeiros anos na Força. Porque você teve experiência direta com os *indigenes da terra* durante esses anos, e essa experiência lhe possibilitou as melhores escolhas quando se trata de lidar com os Outros. Porque dois de seus ex-comandantes deram a entender que você viu alguma coisa ou sabe que existe algo perigoso demais para colocar em um relatório ou passar para qualquer outra pessoa, e tudo o que aconteceu naqueles primeiros anos faz de você um homem perigoso, porque você realmente sabe o que está em jogo quando os seres humanos ficam emaranhados com os Outros. Porque você é alguém que o Governador Hannigan quer como um aliado.

— Você está aqui para me oferecer um emprego?

— Não. Após uma revisão cuidadosa, o Governador decidiu que você está idealmente situado exatamente onde está.

— Muito gentil da parte dele pensar assim.

— Eu não estou aqui para começar o problema, Capitão Burke. Eu estou aqui porque eu preciso de sua ajuda. — Ele olhou para Monty. — Incluindo você.

Burke se inclinou para frente e pôs as mãos cruzadas sobre a mesa. — Eu gostaria de saber com quem eu estou trabalhando, e você, Tenente?

— Sim, senhor. — Monty respondeu. — Eu também; especialmente quando essa pessoa parece saber muito sobre mim.

O'Sullivan assentiu. — Justo. Antes de entrar para a IFT, eu estava na Força Policial em Hubbnay. Sendo uma ideia do Governador, o escritório do IFT está localizado a uma quadra do escritório do Governador Hannigan, bem como a delegacia onde eu costumava trabalhar. O que significa que, felizmente para mim e para outros punhados de agentes que atualmente compõem a força IFT, podemos contar com a assistência e o apoio da polícia de lá. Isso é algo que eu espero que eu possa dizer sobre Lakeside também.

O'Sullivan fez uma pausa, como se estivesse considerando o que ele precisava dizer. — Patrick Hannigan casou com a irmã mais nova da minha mãe, então ele é meu tio por casamento. Ele é pró-humano, mas não um torcedor do movimento HPU. Considerando quantos agitadores em Toland *estão* apoiando o HPU, além de esbanjar atenção sobre o palestrante motivacional do Cel-Romano, essa não é uma posição politicamente compreensível a tomar, uma vez que apenas os *humanos* votam para eleger funcionários do governo *humano*. Mas depois do que aconteceu com o seu antecessor, e vendo o que aconteceu na Região Centro-Oeste, nós recebemos isso como um aviso, e Hannigan quer ser mais ativo em manter os problemas longe, antes que se iniciem no Nordeste.

— Decisão prudente, — disse Burke.

— Tio Patrick diz que ele tem certo *toque* de sua avó, que era referida como “alguém astuto”. Ela tinha um jeito de sentir a verdade sobre uma pessoa.

Uma Intui? Monty pensava.

— E o Governador tem alguma razão para pensar que a Polícia em Lakeside não está fazendo o suficiente para manter a paz? — Perguntou Burke.

— Exatamente o oposto, — O'Sullivan respondeu. — Lakeside é estrategicamente importante, porque é um portal de entrada para os humanos dos Grandes Lagos, e é também de onde vem o fluxo de toda a água. Isso significa também que uma grande quantidade de bens produzidos em Thaisia, são abrigados nos armazéns e depois são carregados em caminhões e trens para oferecer esses produtos em todo o Nordeste e Sudeste. Não podemos nos dar ao luxo de perder o controle desta cidade. Toland é estrategicamente importante, porque é uma porta que serve a navios mercantes locais e navios oceânicos que levam bens e pessoas em todo o mundo. Bens e pessoas entram e saem de ambas as cidades. — Ele se inclinou para frente. — E agora o Governador está preocupado com a sobrevivência de ambas as cidades. Lakeside teve algumas manchas ásperas nos últimos meses, mas você não foi abatido com o mesmo tipo de resposta em outros lugares humanos, quando as pessoas cruzaram a linha com os *indigenes da terra*. E é por isso que eu estou aqui. Você realmente tem um diálogo com os Outros. Não só pode fazer perguntas; como pode obter as respostas. Uma das coisas que eu estou investigando é uma série de roubos em bairros da elite da Toland, e a acusação é que o Crowgard pode estar envolvido.

— Os roubos? — Monty sentiu um calafrio e não ousou olhar para Burke. — Por que você acha que o Crowgard estaria envolvido?

— Eles gostam de coisas brilhantes. — O'Sullivan pensou por um momento. — Os assaltantes levaram alguma prata, algum dinheiro, mas principalmente joias. Peças chamativas com pedras que valem uma

fortuna. Alguns dias atrás, uma acusação foi feita por uma das vítimas. Ela afirmou ter visto um Corvo usando o seu broche.

— Como é que esta mulher viu um Corvo? — Monty perguntou.

— Ela é uma dama da sociedade, de modo que ninguém em Toland fez essa pergunta, — O'Sullivan respondeu. — O Comissário de polícia de Toland sugeriu que eu falasse com os Outros em vez de duvidar da palavra de uma mulher de boa família.

— O que aconteceu? — Perguntou Burke.

— Nada. Não pude nem mesmo chegar à porta, então eu deixei o meu cartão e pedi para ligarem. E alguém ligou mais tarde, naquele mesmo dia. Ele não se identificou, mas me informou que os Corvos tinham encontrado algumas joias descartadas. Os itens foram jogados por cima do muro do Pátio. Achado não é roubado. Ele estava certo de que os Corvos não iriam voar até um parapeito de uma janela em um prédio, conseguir abrir uma janela, se servir do conteúdo da caixa de joias de uma mulher, e depois voar para longe, o que foi sugerido por outro investigador.

— O que, exatamente, você quer saber? — Perguntou Monty.

— Eu tenho algumas suspeitas sobre o que pode estar acontecendo, mas eu gostaria de saber o que os Outros sabem sobre esses assaltos. — O'Sullivan pegou uma pasta que estava descansando contra a da cadeira. — Eu posso te mostrar...

— Adie isso, — Burke disse e olhou para Monty. — Kowalski não mencionou que um visitante Sanguinati chegou esta manhã?

— Sim, senhor. — Sentindo-se desconfortável, Monty olhou para O'Sullivan. — Stavros Sanguinati.

O'Sullivan endureceu. — O advogado vampiro do Courtyard de Toland? *Esse* Stavros Sanguinati?

Monty assentiu. — Ele já visitou antes. Acho que ele é bem próximo de alguns Sanguinatis que moram no Pátio daqui, especialmente... — Com o canto do olho, ele pegou o pequeno movimento da cabeça de Burke. — Você já ouviu falar de Stavros?

O'Sullivan olhou para Monty, então para Burke. — Hubbney é só um breve passeio de trem de uma hora de Toland. Todo mundo na Força já ouviu os rumores de que Stavros é o principal executor dos problemas do Courtyard de Toland, e se *ele* resolve o problema, a polícia não vai encontrar um corpo boiando no rio.

Claro que não, pensou Monty. Após o Sanguinati beber todo o sangue “do problema”, eles dão a carne para os Lobos no Courtyard.

— Você pode marcar uma reunião? — Perguntou O'Sullivan.

— Parece que nós teremos que fazer isso, — Burke respondeu. — E mais cedo ou mais tarde. Tenente; ligue para Simon Wolfgard. Diga-lhe que temos um assunto urgente para discutir e gostaríamos de falar com ele... E Stavros Sanguinati.

Monty hesitou. — Não parece ser o melhor momento para discutir sobre o Crowgard ou acusar qualquer um deles de roubar, O'Sullivan — acrescentou — Um dos Corvos de Lakeside também foi morto no ataque que matou o Oficial MacDonald.

— Eu não estou aqui para fazer acusações. — O'Sullivan levantou a pasta. — Estou aqui para fazer perguntas e espero obter algumas respostas.

— Sobre o roubo de joias, — disse Burke.

O'Sullivan assentiu. — E se eles têm qualquer informação sobre um objeto que pode ser aberto com uma pequena chave dourada que foi encontrada em uma mulher que foi assassinada na estação de trem de Toland no início deste mês.

Oh, deuses, pensou Monty. O diário perdido.

Burke estudou O'Sullivan, em seguida, olhou para Monty. — Faça a ligação, Tenente.

Monty saiu do escritório de Burke, foi para sua mesa e pegou o telefone. Então ele hesitou.

Ele tinha desejado mais de uma vez que Lizzy tivesse deixado o Urso Boo no trem, que o urso e as joias tivessem simplesmente desaparecido. Mas Elayne ainda estaria morta e Lizzy ainda estaria em perigo por causa de um urso que não era a única coisa que alguém

precisava readquirir. Talvez agora, com a ajuda de O'Sullivan, ele pudesse encontrar peças de informações suficientes para finalmente ter algumas respostas. Talvez.

Soltando a respiração, Monty pegou o telefone e fez a chamada.

Simon desligou o telefone e se virou para Vlad e Tess, cujo cabelo estava com listras verdes e vermelhas torcendo em cachos apertados.

— Outro problema? — Vlad perguntou.

— O Tenente Montgomery gostaria de falar conosco, junto com um investigador que está visitando Lakeside.

— Não é Scaffoldon?

— Não, — Simon disse. — Um humano diferente, algo chamado de Investigação Força Tarefa. Veja se Stavros já ouviu falar dela. Montgomery também perguntou se nós tínhamos visto o livro que se abre com uma chave dourada.

— Quando eles estão vindo? — Tess perguntou.

— Eles estão a caminho. — Ele olhou para Vlad, e então focou em Tess. Não havia listras negras em seu cabelo, o que era bom, mas todo o verde estava rapidamente sendo substituído por vermelho.

Ela disse: — Então é hora de devolver o livro e mostrar a verdade a Montgomery e aos outros seres humanos.



CAPÍTULO 55

Moonsday, Maius 28

— *Arroooo!*

Meg se sacudiu, soltou a pilha de correspondência, e correu para frente do balcão. — O que foi? Qual o problema?

Sam sorriu para ela. — Nada. Eu só queria que você soubesse que a polícia está aqui.

Seu coração batia no peito. Ele bateu um pouco mais duro quando Skippy, pegando algo que estava acontecendo, correu para a porta de vidro e olhou como se ele tivesse querendo atravessar o vidro.

— Você poderia ter dito *a polícia está aqui*, — ela resmungou. — Você *está* em forma humana. E você não tem que ficar em pé na prateleira assim.

— Mas eu não posso ver se eu não ficar na prateleira.

— Não há nada mais para ver. — Ela deu um puxão na camisa dele. — Venha me ajudar com as entregas. Os pôneis estarão aqui em um minuto.

— Eu não vi Karl ou Michael no carro, — Sam disse, seguindo-a para a sala de triagem. — Como é que eles não estavam no carro?

— Eu não sei. Talvez eles estejam em outro carro hoje, ou é apenas o Tenente Montgomery e o Capitão Burke para ter uma reunião com Simon. — Por que Simon chamou para contar a ela sobre a reunião? Então ela saberia onde encontrá-lo? Seria a chamada telefônica um substituto para um uivo de lobo dizer, *eu estou aqui*? Será que Karl e Michael faziam chamadas semelhantes para Ruth e Merri Lee? Ela perguntaria quando se encontrasse com as meninas na classe Mente Quieta.

— Eles estavam com outro homem no carro, ele é um cara mau — Sam perguntou.

— Não, ele é um convidado.

— *Arooooooeeoo! Arooooooeeoo!*

Skippy continuaria com isso até que ele se esquecesse do porquê estava uivando. Ou até que estivesse distraído.

No desespero, Meg pegou o saco que Tess deu a ela e pegou um biscoito de chocolate para Sam e um bolinho em forma de vaca para Skippy. — Vá. Coma. Fique quieto e me deixe terminar a triagem do correio.

Sam correu para a sala da frente, abriu o ferrolho, e se jogou na cama Lobo. Skippy correu para se juntar ao menino e obter sua parte dos biscoitos.

Paz.

Bem, um silêncio crocante.

Meg acabou de separar a última pilha de correspondência, em seguida, puxou a caixa nova de cubos de açúcar para fora de sua mochila. Ao ouvir o clomp clomp dos cascos dos pôneis, ela abriu as portas da sala de triagem, e observou os pôneis apressarem o seu trote para cercar os três homens que estavam prestes a entrar no consulado.

Neve girava ao redor das pernas dos homens e um denso nevoeiro cobria a área de entrega.

Esta não era uma exibição brincalhona. Era um pouco intimidante.

— Ei, Meg! — Sam chamou. — Venha ver! Está fazendo um baita nevoeiro.

Os pôneis nunca tinham mostrado interesse em um visitante esperado antes, muito menos fazer esse comportamento intimidador. Não sabendo mais o que fazer, ela chamou atenção para o trabalho. Em caso de dúvida, insistia em boas maneiras.

— Avalanche! Névoa! Parem de se exhibir e venham aqui para começar a receber suas pilhas de entrega. — Ela mal podia vê-los. Uma

vez que os homens não estavam gritando ou pedindo por ajuda, ela teve que adivinhar que ainda não havia acontecido nada.

Um movimento na borda de sua visão. Air montando Tornado.

— Air? Algo está errado?

A Elemental olhou para ela. — Muitas coisas. Mas não aqui.

A neve caía mais rápida e a névoa ficou mais grossa. Nenhum sinal de Air e Tornado agora, mas Meg teve a sensação de que eles não estavam muito longe. E era óbvio que Air não iria impedir que os pôneis levassem as correspondências.

Meg levantou a voz. — Eu acho que ninguém aqui quer um cubo de açúcar hoje.

A neve instantaneamente parou de cair. A névoa começou a se dissipar quando os pôneis, incluindo Tornado, se encaminharam para a porta de entrega e ficavam na fila, com Trovão na sua posição habitual na frente.

— Uau, — Meg disse. — Eu estava preocupada que eu ia ter que comer todo o açúcar sozinha. — Sorrindo, ela levantou a mão em saudação ao Tenente Montgomery. Após um momento de hesitação, ele retornou a saudação antes de seguir o Capitão Burke e o estranho para o consulado.

Meg encheu as cestas com os correios, entregou os torrões de açúcar como tratamento especial em Moonsday, e recusou-se a pensar em outra coisa até que ela estava no banheiro lavando as mãos.

Muitas coisas estavam erradas. Mas não aqui.

Talvez fosse por isso que, apesar do comportamento dos pôneis, ela não tinha sentido nem mesmo o mais leve formigamento sob a pele.

As vozes e os movimentos do estranho escondiam bem, mas ele cheirava a nervosismo. E umidade.

Todos os seres humanos cheiravam a umidade.

Espreitando através das cortinas que cobriam as janelas da sala de conferência, Simon olhou para o monte de neve derretida, em seguida, para os três homens.

<Jake?> Chamou o Corvo empoleirado no muro que separava o quintal de Henry da área de entrega.

<Avalanche nevou sobre os seres humanos. Agora os pôneis estão indo entregar o correio para a nossa Meg.>

Sentindo um redemoinho de advertência no ar e em torno de seus tornozelos, Simon decidiu não perguntar por que os pôneis dos Elementais tinham focado nos seres humanos. Ele se moveu de volta para a mesa quando o Capitão Burke apresentou o agente Greg O'Sullivan, da IFT. Simon, por sua vez, apresentou os *indigenes da terra* que estavam participando da reunião: Vlad e Stavros, Blair e Elliot, Henry e Tess.

O'Sullivan tinha pedido para se encontrar com Stavros, mas agora que ele estava na mesma sala, o homem parecia relutante em se aproximar do Executor do Courtyard de Toland. Claro, Stavros tinha vindo para a reunião usando uma camisa preta, por baixo de um terno preto que tinha um brilho quando a luz atingia o material em determinada direção. Como o brilho multicolorido de óleo em água ou o brilho de uma asa de um Corvo.

Tomando seu lugar, Simon olhou para os seres humanos. Burke colocou uma pasta sobre a mesa. O'Sullivan fez o mesmo. Quando Tess colocou *duas* pastas na frente de Simon, ele viu os humanos olhando para elas, sem dúvida perguntando o que *ele* tinha trazido para esta reunião.

— Eu aprecio você ter aceitado esse encontro, especialmente durante este momento difícil, — disse O'Sullivan.

— Todos nós temos informações para compartilhar, para transmitir informações, — Simon respondeu.

Burke endureceu um pouco. Montgomery pareceu alarmado. Será que o Tenente estava menos preocupado uma vez que ele

entendia que agora a Lizzy estaria segura? Talvez. Então novamente, a mensagem *tinha* a intenção de alarmar os seres humanos.

— Vamos começar. — Stavros sorriu para O'Sullivan. — Eu reconheço a sua voz. Você estava perguntando sobre as joias. Já que você não conseguiu fazê-lo em Toland, veio a Lakeside, a fim de acusar o Crowgard de roubo? Ou agora vocês estão incluindo os Sanguinatis nessas acusações espúrias? Afinal de contas, nós também somos capazes de entrar em uma janela de um apartamento situado no alto, bem acima do solo, e ao contrário dos Corvos, tudo o que precisamos é de uma rachadura a fim de entrar.

<Os seres humanos em Toland são tão estúpidos assim? Eles realmente vão acusar os Sanguinatis?> Simon perguntou a Vlad.

<Eles já acusaram. Stavros está furioso o suficiente para arrancar algumas gargantas.>

O'Sullivan sacudiu a cabeça com veemência. — Não, senhor. Não. Eu acho que o Crowgard e os Sanguinati estão sendo responsabilizado por esses roubos, a fim de encobrir um esquema oculto. — Ele se concentrou em Stavros. — O Crowgard não tinha nenhuma razão para mentir sobre onde encontraram as joias. Eu não conheço muito sobre os Corvos, mas me parece que, se eles quisessem pegar alguma coisa, porque eles iriam desfigurar e remover as pedras preciosas dessas joias? Por que remover as pedras brilhantes?

— Um ponto válido, — Stavros admitiu.

Abrindo a pasta, O'Sullivan colocou várias fotos sobre a mesa. — Estas são fotos das joias roubadas, tiradas pelas companhias de seguros que fizeram um inventário das peças. Essas duas peças foram alegadamente vistas sendo usadas pelo Crowgard na Courtyard de Toland. E este anel... — Ele tirou outra foto de dentro da pasta. — Este anel era uma peça encomendada com meia dúzia de diamantes. Ele foi avaliado em seis números.

Stavros estudou a fotografia e sacudiu a cabeça. — Não importa quanto custou. É feia.

— Nós conseguimos fazer algo tão bom quanto com fios de prata e batatas fritas de vidro, — disse Vlad.

Isso chamou a atenção de O'Sullivan, Simon pensou. Ele apontou para a foto. — Esse anel estava dentro do Urso de Boo.

O'Sullivan piscou. — Um *urso* comeu um anel de verdade?

— Cuidado, — Burke respirou, olhando fixamente para O'Sullivan.

Simon não tinha certeza se O'Sullivan tinha ouvido Burke, mas todos os *indigenes da terra* sim.

Burke abriu a pasta e colocou três fotos logo acima do conjunto de fotos de O'Sullivan. Duas fotos eram de pedras soltas. A outra foto era o anel. — A filha do Tenente Montgomery, Elizabeth, chegou a Lakeside com uma pequena mala e um urso de pelúcia que era o seu brinquedo favorito. Após um incidente com um casal de jovens Lobos, descobrimos um saco de joias escondidas dentro do urso. Esse anel também estava na bolsa. O urso, e o saco de joias, foram entregues ao Capitão Scaffoldon como prova de um homicídio, mas ninguém na Polícia de Toland mencionou isso para você?

O'Sullivan franziu a testa. Então ele olhou para Montgomery. — A mulher que foi morta na estação de trem.

— Elayne Borden era a mãe de Lizzy, — disse Montgomery. — Os deuses sabem, Elayne era muitas coisas, mas não era uma ladra.

— Não, — Simon disse gentilmente. — Ela não era uma ladra. Ela não roubou nada, porque nada foi roubado.

— Isso é o que eu estive pensando, — disse O'Sullivan. — Minha teoria é que os membros do HPU estavam dando as joias para o movimento, e relatando que os itens foram furtados para receber o dinheiro das companhias de seguros. As gemas têm alto valor monetário, por isso elas foram removidas para serem vendidas em outro lugar ou, mais provavelmente, usadas como moeda de troca para a compra de suprimentos que seriam enviados de Thaisia para o Cel-Romano, que é onde o movimento HPU se originou. A IFT acredita que todos os envolvidos nos chamados *roubos* pertencem ao movimento HPU. Essa é

a única maneira de isso funcionar, desde as empresas que vendem a comida e outros suprimentos até os navios que transportam a carga, e todos os outros. Mas enquanto a elite de Toland pode estar apaixonada pelo movimento HPU, eu estou supondo que as empresas que fornecem os suprimentos e os transporte estão nisso pelo lucro. Quando as joias que deveriam ser para o pagamento desapareceram, assim desapareceram o lucro e o incentivo para vender ao HPU.

— Os membros do HPU poderiam doar o dinheiro do seguro e pagar as fontes dessa forma, — Burke disse.

— Alguns deles sim, entretanto, alguns membros não são dedicados o suficiente para sentir uma pitada real em suas carteiras. — O'Sullivan sorriu severamente. — No começo é tudo meio glamoroso, um grupo secreto dentro de um movimento muito público. Apertos de mão secretos e reuniões tarde da noite, ou realizadas durante um evento público sob os narizes dos seguidores que não estão a par dos planos.

— Soa como um filme, — disse Stavros. — Será que o herói começa a acasalar com muitas mulheres bonitas?

— Provavelmente. Nicholas Scratch estava estranhamente indisponível quando tentei falar com ele, então eu não podia perguntar sobre suas façanhas sexuais.

Montgomery fez uma careta. Simon percebeu. Ele tinha certeza de que Burke percebeu também.

— De repente, o grande esquema do HPU para enviar suprimentos para o Cel-Romano desmorona. — O'Sullivan olhou para Burke. — Felix Scaffoldon sabe que você tinha encontrado as joias?

Burke deu a O'Sullivan o seu sorriso *feroz-amigável*, mas finalmente disse: — Ele me acusou de trocar por gemas falsificadas, mas isso é uma acusação difamatória. Entreguei o urso, como ele pediu. Eu não tinha nada a ver com o que quer que ele tenha encontrado lá dentro.

— Uma vez que este esquema do HPU de abastecimento dependia tanto dos lucros ilícitos, não é estranho esconder uma fortuna dentro de um brinquedo de criança? — Perguntou Stavros. — Ele assumiu que o

brinquedo não seria danificado ou perdido. Também poderia colocar a criança em perigo.

— *Eles* colocaram a criança em perigo, — Vlad disse. — Ocultar as joias dessa forma é, ou arrogante ou estúpido.

O'Sullivan olhou para todos eles. — Será? Talvez a pessoa que escondeu as joias no urso usava essa técnica de esconder as coisas em brinquedos desde quando ele ou ela era uma criança. Será que esse foi um ajuste relacionado com os roubos?

— Não consigo pensar em ninguém, — Montgomery disse muito suavemente.

— Tenente? — Burke perguntou.

Montgomery sacudiu a cabeça.

— O que ainda levanta a questão, — disse O'Sullivan. — Onde estão as verdadeiras joias?

Vlad sorriu, mostrando uma presa. — Considere-as perdidas para sempre.

O'Sullivan piscou. — Deuses, — ele respirou. Então ele não disse mais nada.

— Você é muito inteligente para um ser humano, — Stavros disse enquanto estudava O'Sullivan. — Eu espero que você continue sendo inteligente nos próximos dias. — Ele olhou volta. — Com base nessa esperança, vou falar com você enquanto Vladimir e Simon conversam com o Tenente Montgomery e Capitão Burke.

— É uma oferta generosa, — O'Sullivan disse finalmente depois de um silêncio pesado. — Por que fazer isso agora?

Henry se agitou, seu primeiro movimento desde que a reunião começou. — Por causa do que está por vir.

Simon olhou para Henry. <*Vamos mostrar a eles o caderno primeiro.*>

Tess colocou o diário rosa na frente de Montgomery, que respirou fundo. Simon empurrou uma pasta para Burke e outra para O'Sullivan.

Gentilmente, porque Montgomery havia sido gentil com o sofrimento dos *indigenes da terra*, Simon disse: — Isto é o que os

humanos estavam procurando quando entraram em seu apartamento, quando eles invadiram os apartamentos daqui. Foi por isso que o seu companheiro morreu... E por que os seres humanos estão caçando Lizzy, mesmo depois que Scaffoldon levou o Urso Boo de volta para Toland.

Ele os deixou ler.

Depois de alguns minutos, Montgomery fechou o diário e disse: — Deuses, Elayne. Você morreu para isso? Por *isto*?

Burke e O'Sullivan fecharam as pastas. Ambos os homens pareciam tristes e... Envergonhados.

— Essa reação não é o que esperávamos, — Stavros disse.

— Isso é lixo, — O'Sullivan disse. — Sinto muito pelo que custou a você e sua filha, Tenente, mas isso é lixo. — Ele olhou para Stavros. — Você é um advogado. Você sabe que o que está escrito aqui sobre o HPU é apenas a palavra de uma mulher que seria rotulada de histérica, ciumenta e vingativa. Não há nenhuma prova de que a escassez que as pessoas estão enfrentando em Thaisia é o resultado de uma associação agrícola vendendo suas colheitas para o Cel-Romano por *debaixo da mesa* para contornar o limite de bens que podem ser exportados. Ou que uma empresa siderúrgica estava fazendo o mesmo. E sem as joias verdadeiras, nem podemos especular sobre a fraude de seguros; não há nenhuma prova de que Leo Borden ou Nicholas Scratch sabiam que as joias estavam na residência de Elayne Borden, e muito menos que um deles colocou as joias em um brinquedo de criança como um esconderijo.

— Você formulou uma teoria sobre todas essas coisas, — Stavros respondeu. — Você nos disse aqui nesta sala.

— Eu tenho uma teoria, mas nenhuma prova.

Montgomery balançou a cabeça lentamente. — Alguém deve ter pensado que Elayne sabia mais do que ela *realmente* sabia. Ou alguém achava que ela tinha alguma prova. Eu consigo até vê-la fazendo tal afirmação em um momento de raiva, e em seguida, ela teve ter percebido que ela tinha colocado a si mesma e Lizzy em um perigo real.

— Eu concordo com a sua avaliação, Agente O'Sullivan, — Stavros disse. — Estas palavras neste diário não teriam nenhum valor em um tribunal humano de direito.

— Mas isto não é sobre a lei humana, — Simon disse calmamente. Ele tinha deixado os humanos falarem sobre coisas que já não importavam mais, porque eles achavam que essas coisas ainda eram importantes. Agora era hora de entregar a mensagem.

— Nós perguntamos por que a nossa matilha humana estava tão preocupada em ter comida suficiente este ano, quando nenhuma fazenda *indigene da terra* ou fazendas Intui indicaram uma razão para essa preocupação. Por isso perguntamos, e a questão viajou por toda a Thaisia. Nós temos a resposta. *Todos os indigenes da terra* têm a resposta. Isso? — Ele apontou para as pastas e o diário. — Isto é apenas para vocês. Estas palavras, escritas por uma humana, confirmam a traição do homem pelo homem. — Ele se inclinou para frente. — Você pode não saber o nome da associação agrícola que vende comida para o Cel-Romano e depois mente dizendo que não têm suficiente para alimentar os humanos em Thaisia. Mas nós sabemos. Você pode não saber que os proprietários da linha férrea acompanham a comida para o porto de Toland, mas nós sabemos. Sabemos os nomes dos navios que viajavam sobre os Grandes Lagos com a carga que não deveria ter deixado Thaisia se houvesse realmente uma falta de materiais. Sabemos que os seres humanos estão traindo sua própria espécie e tentando nos culpar. *Todos os indigenes da terra* estão sabendo essas coisas.

O'Sullivan calmamente limpou a garganta. — O Governador Hannigan deve saber sobre isso.

— Ele vai. *Todos em Thaisia* vão saber amanhã. É por isso que você e Stavros devem sair hoje à noite. — Simon respirou fundo e soltou o ar lentamente. Ele nunca teve que entregar uma sanção dessa magnitude. — Os *indigenes da terra* que moram nos Pátios tomam decisões sobre as cidades que observam. Mas nós não tomamos decisões sobre o resto de Thaisia. Os *indigenes da terra* que moram e guardam o país selvagem tomam essas decisões. E o ato de trair sua própria espécie

se tornou uma ameaça para nós, e os anciões *indigenes da terra* declararam uma quebra de confiança.

Burke empalideceu, mas não disse nada.

— Este é o crime mais grave que os humanos podem fazer contra os *indigenes da terra*. Qualquer e todo acordo feito com os seres humanos que vivem em Thaisia podem ser rescindidos por causa de uma quebra de confiança.

— Sr. Wolfgard, — Montgomery começou.

Simon balançou a cabeça. — Já está feito, Tenente. A quebra de confiança foi declarada antes da notícia chegar ao extremo Oriente. Eu sou apenas o mensageiro da mensagem.

— O que vai acontecer agora? — Perguntou Burke.

— Navios Humanos que viajarem sobre os Grandes Lagos não podem transportar qualquer carga que os humanos disseram que estava em falta. Cinco Irmãs irão retaliar contra qualquer navio que tente desafiar esse decreto.

— Cinco Irmãs?

— Superior, Tala, Honon, Etu e Tahki.

Burke fez uma careta. — Esses são os nomes dos Grandes Lagos. Simon assentiu.

— Você está dizendo que os *lagos* são Elementais?

— Não, mas cada Elemental controla cada lago, e o lago leva o seu nome.

— Elas vão afundar os navios?

— Sim. Contudo, os navios dos assentamentos humanos que pertencem aos *indigenes terra* ou os navios dos *indigenes da terra* podem viajar sobre os Grandes Lagos e vender os alimentos para outras partes de Thaisia. Mas nenhum alimento cultivado em Thaisia vai deixar Thaisia até que não haja uma escassez.

Burke, O'Sullivan e Montgomery pareciam atordoados.

— Há outras cidades humanas além do Cel-Romano que compram alimentos de Thaisia, — disse Burke. — Esses acordos vão ser honrados?

— Eu não sei, — respondeu Simon. — Vai depender do que os *indigenes da terra* vão dizer sobre o lugar. Até amanhã, todos os governadores vão saber por que houve uma quebra de confiança e as consequências das ações humanas. Até amanhã, todos os acessos ao país selvagem serão restritos, e *ninguém* que pertença ao movimento HPU terá permissão para deixar a terra que ainda está alugada para os humanos. Em outras palavras, eles podem continuar a morar nas cidades onde estão atualmente morando, mas não podem sair. Não de carro, trem ou navio. No momento em que pisarem fora dos limites de uma cidade, eles serão caçados.

Montgomery se agitou. — Como eles podem dizer se uma pessoa pertence ao movimento HPU? E se alguém do HPU tentar embarcar em um ônibus ou trem, e outras pessoas se machucarem?

— Possivelmente muitas vão se machucar. Possivelmente todas. Se um humano é suspeito de ser um inimigo e sair dos limites de uma cidade ou vila controlada por humanos, esse humano vai morrer. — Antes que Montgomery pudesse protestar, Simon lhe disse a única coisa que não teria dito para outros humanos fora desse ambiente. — Tenente, os *indigenes da terra* no país selvagem estão muito zangados. Vocês não são apenas mais uma espécie problemática; agora vocês mostraram que são uma ameaça real para os *indigenes da terra* e para o mundo.

— Manter os humanos retidos nas cidades não é a solução, — Montgomery disse.

— Não, — Simon retrucou. — A extinção é a solução.

Silêncio atordoadado.

Ele levou um momento para recuperar o controle. — Você sabe por que aqueles *indigenes da terra* estão esperando para tomar essa decisão, Tenente? Porque nós mudamos as coisas. Porque o Oficial MacDonald morreu tentando salvar um Corvo. Porque você nos ajudou. Porque este Courtyard, ao contrário de qualquer outro, tem uma matilha humana. Porque Steve Ferryman e os moradores da Ilha Grande querem mais que uma parceria com os *indigenes da terra*. — Ele olhou para Burke. — Este Courtyard. Os seus policiais. Os humanos de Porto

Ferryman. Somos tudo o que está impedindo a extinção dos humanos em Thaisia. Você entende?

— Sim, — disse Burke. — Eu entendo.

— Tem que haver algo que nós possamos fazer. — A voz de O'Sullivan balançou. — O Governador Hannigan está disposto a trabalhar com os *indigenes da terra* para construir uma vida próspera para todos.

— Acho que devemos criar algum tipo de identificação para os humanos, como o Agente O'Sullivan, que precisa viajar, a fim de ajudar a manter a paz, — Stavros disse. — Eu vou inventar alguma coisa.

— Uma identificação pode ser forjada, — Vlad disse.

— A IFT tem apenas seis agentes no momento, — O'Sullivan disse. — Se você souber quem somos, então você vai saber se alguém está tentando viajar usando documentos falsos.

— Então pode ser feito.

— Temos muito o que pensar e coisas para discutir com nosso próprio povo, — Burke disse. — A menos que haja outra coisa que você precise transmitir, acho que devemos sair agora. — Ele se levantou, mas não fez nenhum outro movimento. — Obrigado por sua honestidade.

Simon também se levantou. — A partir de agora, a sobrevivência humana em Thaisia vai depender da honestidade

Burke saiu da sala, seguido por O'Sullivan e Montgomery. Antes de Montgomery sair da sala, Stavros disse: — Tenente? A sua Lizzy estará segura agora.

Montgomery não respondeu. Simon não tinha certeza de que ele ouviu, ou compreendeu o que significava que Stavros tinha dito com essas palavras.



CAPÍTULO 56

Moonsday, Maius 28

— *Sweetwater*, — a menina disse, logo que Jackson entrou no quarto com a sua próxima refeição.

Ele colocou o prato e o copo de leite na mesa antes de voltar e dar-lhe atenção. — Sim?

Ela mal conseguia ficar parada querendo saber, mas agora que ele estava aqui, ela ousaria perguntar? — Você já viu esse lugar.

— Sim. É lá fora.

— Eu sei que é lá fora. *Tudo* está lá fora. Mas você já viu este lugar. Você tirou fotos dele. — Algo sobre o lugar tocou nela, e se instalou em algum lugar. Ela queria, ela *precisava* confirmar que não era um lugar inventado, que as fotografias não eram algum tipo de truque, porque ela poderia morar naquele lugar. Verdadeiramente morar além das quatro paredes de um quarto. Ele disse que ela poderia pedir o que quisesse, mas ela não tinha certeza se poderia pedir muito.

Ela sentiu sua coragem murchar sob o olhar dele.

Ele se moveu até que ficou ao lado da cama, e pode ver as fotos que ela tinha posto em ordem para que a terra fluísse adequadamente. Em seguida, ele se agachou para ficar na mesma direção do rosto dela.

— Sangue doce, — ele disse suavemente. — *Sweetwater* é o lugar onde nós, os *indigenes da terra* moram. Este lugar, — ele tocou em uma fotografia, Então levantou a outra mão e apontou para a janela coberta — É lá fora.

Ela tremia.

— Você quer ver? — Jackson perguntou.

Ela assentiu com a cabeça.

Ele se levantou, caminhou até a porta e a abriu. — Vamos.

Ela hesitou na porta do quarto, em seguida, correu para segui-lo, mal percebendo a grande sala que poderia ter sido a sala principal se tivesse tido qualquer mobiliário.

Outra porta. Luz do sol, além de uma área aberta. Varanda. Passos. E depois...

Ela olhou para uma das fotografias reais. Grama e árvores e as montanhas que se erguiam como se fossem uma barreira natural. O brilho da luz solar na água. Ela queria tocar tudo, cheirar tudo.

— Isso é o suficiente, — Jackson disse.

Ela se virou para olhar para ele, sentindo-se esmagada. Então ela notou a distância entre eles. Não muito longe, não realmente, mas ele ainda estava no último degrau e ela não se lembrava de ter se afastado dele. — Mas... — Um protesto fraco.

— Um filhote não se afasta muito da toca em sua primeira excursão. Há muito para aprender, então ele explora um pouco mais a cada dia. — Quando ela não se moveu, ele acrescentou: — Volte agora.

Ela obedeceu, porque ela não sabia mais o que fazer.

— Sente-se ali. — Ele apontou para o degrau mais alto.

Ela sentou-se Jackson sentou ao lado dela.

Ele permitiu que ela se sentasse no degrau que recebia a luz do sol por um tempo. Ele não falou muito. Ele não podia lhe dizer os nomes das diferentes árvores. Lobos não se preocupavam com essas coisas, mas a aldeia *Intui* perto dali tinha uma livraria, e lá poderia ter os livros que continham os nomes de tais coisas que ela queria aprender.

Ela queria aprender.

Quando ele decidiu que ela teve bastante sol para o seu primeiro dia fora da toca, ele não a fez voltar para o seu quarto. Ela permaneceu sentada na varanda, e ele lhe trouxe a refeição que ela tinha esquecido. Ela observou como um pouco do mundo que ela podia ver, permaneceu o mesmo, e ainda assim ficava mudando constantemente, assim como ela teve que mudar de posição na varanda para permanecer na sombra.

Jackson ficou com ela o tempo todo, afastando os Lobos jovens que queriam lhe dar uma fungada completa e que poderiam acidentalmente raspar sua pele com uma garra quando eles ficavam empurrando uns aos outros.

Finalmente cansada de olhar, ver e *sentir*, ela concordou em voltar para o seu quarto, especialmente quando ela viu que Jackson retirou o papel branco que a impedia de ver pela janela.

— Você pode ver mais amanhã, — ele disse quando ela hesitou na porta do quarto.

— Hope, — ela disse ao ouvir uma verdade na palavra.

Ele inclinou a cabeça. — O que?

Ela lhe deu um sorriso brilhante. — Meu nome é Hope, *esperança*.

O Diário de Elayne Borden:

— *O que um homem como ele está fazendo com alguém como ela?*

— *Eu não sei o que ele vê nela.*

Às vezes ouço essas palavras quando Nicholas e eu passamos pelo público que veio ouvi-lo falar, toco o meu braço, tentando não demonstrar muito como estou emocionada de ser aquela que ele escolheu.

Eu me sentia tão envergonhada depois do que aconteceu com Monty. Para todos aqueles que importavam, eu era apenas a amante do policial que matou um ser humano, a fim de salvar um Lobo. Como eu poderia viver com isso? E Lizzy, as outras crianças a esbofeteavam e davam nomes feios a ela, nomes dolorosos por algo que não era culpa dela.

Então Nicholas entrou na minha vida, um homem de uma distinta família rica em Cel-Romano. Ele me deslumbrava apenas por me querer. Ele disse que sabia desde o momento em que me conheceu, que eu era diferente de qualquer outra mulher que ele já tinha conhecido, e que ele veio para Toland me encontrar, e que era o destino.

Eu ficava com ele quando ele fazia os seus discursos promovendo o movimento Humanos, Primeiros e Últimos. Eu estava com ele quando ele participava de banquetes patrocinados pelo 'crème' da sociedade de Toland. Ele me levou para lugares que nem mesmo a minha mãe poderia falsificar um convite para participar, e isso a impressionou muito.

Minha mãe não me desprezava em público, mas quando a visitava, eu ficava com a impressão de que eu era um constrangimento, como algo com mau cheiro sujando a sola de seu sapato. Agora que Nicholas está morando comigo, ela está até mesmo encorajando meu irmão, Leo, para cuidar de Lizzy nas noites quando Nicholas e eu temos um evento.

Estou me sentindo vingada. Sai de uma vidinha de classe média e amante de um Oficial de Polícia, que era uma dúvida se seria bem-vinda novamente no nível da sociedade que a minha família gostava; e agora, ser amante de Nicholas me colocou a vários degraus acima na escada social, e agora é a mãe que tem que montar na minha aba para entrar nos salões mais chiques.

Nicholas fala sobre levar Lizzy e eu para o Cel-Romano, e ficarmos na propriedade de sua família. Ele quer que eles me conheçam, quer que eles me aceitem. E Lizzy também. Ele sempre inclui Lizzy em nossos planos.

Ele é a melhor coisa que já me aconteceu.

Ele chegou da reunião fedendo a vagabunda barata, a mesma que esteve pendurada nele depois de sua última palestra. E o que ele disse quando eu o acusei de dormir com ela? — Não seja tão provincial, Elayne. Um homem da minha formação e posição tem o direito de diversões fora do conforto de casa.

É isso o que eu sou? Um conforto? Alguém para encaixar o parafuso dele se um desvio não está disponível?

Será que ele lhe deu o anel feio de ouro branco e diamantes que ela estava exibindo? É por isso que ela estava me dando olhares manhosos, porque Nicholas não me deu nada com brilho? Deuses, ele sequer se ofereceu para me ajudar a pagar a comida que ele come! E o homem tem gostos caros. Nada além do melhor para Nicholas.

Mas a minha mãe sorri para mim. Ela sorri e sorri, ela tem prazer de me ver com um homem como Nicholas Scratch. Mas seus olhos não sorriem. Eles nunca sorriem; não como eles sorriem quando ela olha para Leo.

Ela não gosta de mim. Ela tenta esconder, e por muitos anos eu acreditava que a razão pela qual ela não gostava de mim era porque havia algo faltando em mim. Eu pensei que se eu pudesse ser apenas o que ela queria, fazer o que ela queria, ela iria me aprovar, da mesma forma que ela aprovava Leo. Mas ela não vai, porque ela não gosta de mim, e ela não me ama. Nem tenho a certeza se algum dia ela já me amou.

Às vezes eu acho que o peito dela é feito de gelo, e ela tem que ficar emocionalmente fria, a fim de esconder o cheiro de um coração podre.

— O que um homem como ele está fazendo com alguém como ela?

— Eu não sei o que ele vê nela.

Eu começo a me fazer essas mesmas perguntas.

Ouvi Nicholas falando ao telefone. Eu não ouvi o outro lado da conversa, mas o que ele disse foi o suficiente.

Thaisia vai experimentar a escassez de grãos de alimentos, farinha, e não sei mais o quê. Por que? Porque uma associação agrícola está vendendo sua colheita para Nicholas levar para o Cel-Romano? Por que a comida é igual a uma vitória? O que isso significa? Mas aqui, algumas famílias não vão ser capazes de consumir uma fatia de pão, assumindo que não há nenhum lugar para comprar.

Como não pode haver algo tão básico quanto pão?

Movimento HPU. Eu acho que eu descobri o que esses homens querem.

Eu sempre quis o amor e a aprovação da minha mãe. Eu nunca tive qualquer amor da parte dela, mas ela sempre me manteve sob o polegar

dela, o suficiente para continuar com essa farsa. A única vez que eu agi por mim mesma, a única vez que ela não conseguiu o controle, foi quando eu me apaixonei por Monty, e fomos morar juntos. Minha mãe não falou comigo durante vários meses, como um castigo. Aqueles foram os meses mais felizes da minha vida.

Oh, deuses! Eu encontrei um saco de joias dentro do Urso Boo. Lizzy tinha mencionado que brincou de hospital, e que o Urso Boo precisou de uma operação, mas Leo apenas encolheu os ombros, e eu tinha bebido depois de uma briga com Nicholas, ele tinha me mandado para casa mais cedo, porque ele disse que eu 'estava fazendo uma cena'. Mas pela maneira como a cadela vadia estava olhando para mim quando ele me levou para fora, eu sabia que ele estava planejando dormir com ela esta noite.

Depois, Lizzy ficava fazendo curativos adesivos naquele maldito urso maldito...

Joias. Eu queria acreditar que elas eram de vidro, algo que Lizzy tinha pego em algum lugar. Eu queria acreditar que ela tinha escondido as joias dentro do Urso Boo depois que Leo lhe contou uma história sobre como ele costumava esconder as coisas em seus brinquedos quando nós éramos crianças, para que a nossa mãe não pudesse encontrar o que ele queria manter em segredo.

Mas era um anel de ouro e diamante branco no saco.

E eu me lembrei que Leo escondia as coisas em meus brinquedos, especialmente coisas que iriam colocá-lo em apuros se alguém soubesse o que ele tinha.

Ele fez a mesma coisa com Lizzy?

Leo e Nicholas, será que eles estão roubando durante os jantares beneficentes que as pessoas estavam ofertando para o movimento

HPU? Eles estão trabalhando juntos, ou Nicholas nem sabe que Leo está usando ele?

Leo está usando Nicholas? Ou Nicholas está usando todos nós?

Chutei a bunda de Nicholas Scratch. Eu fiz as malas dele, e o deixei sentado do lado de fora do apartamento. Ele é muito consciente de sua reputação para entrar em uma competição de gritos através da porta. Foi por isso que Leo provavelmente apareceu um pouco mais tarde. 'Para colocar algum sentido na minha cabecinha'.

Leo estava suando, e ele estava tentando parecer calmo, sem ser óbvio sobre isso.

Havia três suposições para ele realmente querer ver Lizzy.

Nossa mãe ligou. Eu não deveria ter atendido, não quando eu estava com tanta raiva e medo. Ela começou com suas críticas frias, e eu ataquei, gritando que eu sabia tudo sobre os negócios escusos e que eu ia contar para todo o maldito mundo que Nicholas Scratch era um mentiroso e um ladrão, e eu poderia provar isso.

Então eu desliguei e percebi o que eu tinha feito. Ela iria contar para Leo. É claro que ela faria. E Leo teria que fazer o problema desaparecer, a fim de se manter no círculo confiável do Nicholas.

E ele precisa fazer o problema desaparecer, colocando as mãos em Lizzy e recuperando as joias que ele escondeu no Urso Boo.

Eu não vou deixar isso acontecer, porque ele vai entregá-la à nossa mãe. Minha mãe criando Lizzy? Nunca.

Não posso confiar na polícia. Eu já vi muitos deles em discursos e eventos de Nicholas. Não posso confiar em ninguém. Exceto Monty. Tenho que chegar até Monty. Ele saberá o que fazer.



CAPÍTULO 57

Moonsday, Maius 28

Com Lizzy segura dormindo na cama de solteiro do apartamento do Pátio, Monty se sentou no vaso sanitário fechado e leu o diário que Elayne tinha escrito. A escolha do diário teria sido uma escolha astuta da parte dela ou um retorno inconsciente para a menina que ela tinha sido?

O'Sullivan estava certo: as palavras dela era um discurso retórico, um grito de infelicidade com apenas algumas informações que seriam negadas. Nada que valesse a pena morrer.

Se essa associação agrícola não tivesse feito essa transação para obter mais lucro, e aumentar os preços, reivindicando uma escassez de culturas, ninguém teria sabido disso, até que houvesse escassez. Talvez isso não fosse sua ideia. Talvez fosse a decisão do HPU, criar problemas e gerar mais seguidores para sua causa. Que melhor maneira de agitar as coisas do que dizer às pessoas que iam passar fome, porque os *animais* controlavam a terra?

No caminho de volta para a estação, Capitão Burke tinha especulado que os *indigenes da terra* não iriam bloquear completamente o transporte de produtos alimentares de uma região de Thaisia para outra região, mas ele suspeitava que haveria muitos limites estritos a partir de agora sobre o tamanho do caminhão que poderia ser usado para transportar alimentos, limites estritos sobre a quantidade que poderia ser enviada por qualquer comboio. E transportar tudo por água... Já havia relatos de navios à deriva em um dos Grandes Lagos, sem a tripulação e a carga.

E os navios que tentassem atravessar os oceanos? Vlad Sanguinati tinha caminhado ao lado deles após a reunião e tinha dito, também casualmente, — *O Sharkgard e o Orcasgard estarão observando a partir de agora, e eles vão relatar quaisquer navios que tenham cometido uma quebra de confiança.* — Quando O'Sullivan perguntou para quem eles iriam denunciar, Vlad sorriu e disse. — Pense no Atlantik tão grande quanto a sua irmã do Lago Etu.

Um Elemental que poderia comandar o poder de um oceano? Monty estremeceu com o pensamento e sentiu uma curiosidade terrível em imaginar sobre como ela poderia parecer.

Colocando o diário no chão do banheiro, ele desdobrou a única folha de papel que tinha encontrado entre duas páginas que foram parcialmente coladas.

Monty,

É tarde demais para um monte de coisas, pelo menos entre você e eu. Eu tive algum tempo para pensar, e entendo algumas coisas agora.

Minha mãe nunca me amou. Ela amava o potencial que eu representava, quais as portas sociais que as minhas realizações poderiam abrir para ela. Como se eu fosse algum tipo de passe, de uma forma que Leo nunca foi. Eu nunca vi isso tão claramente até agora.

Não me lembro do meu pai, não me lembro de uma época em que ele morou com a gente. Eu sequer sei onde ele mora, mas acho que minha mãe vai visitá-lo ocasionalmente, como se fosse um segredo impertinente. Não me lembro de sua voz, e pensando sobre como você lida com Lizzy a cada noite, percebi que ela nunca vai dizer isso. A sua voz, a sua presença em sua vida... Eu levei isso para longe dela, dizendo a mim mesma que não era importante.

Estou tentando ter cuidado, tentando me mover rapidamente sem parecer fazer nada fora do comum. Mas agora que eu chutei Nicholas do apartamento, Leo tem vindo me verificar frequentemente. E depois que eu tirei as malas do sótão, Lizzy está além de animada, embora eu não tenha

lhe dito nada, exceto que vamos visitá-lo e que tem que ser um segredo, incluindo sua avó e o seu tio Leo. Mas eu acho que Leo suspeita o que eu estou planejando. Então nós temos que correr amanhã.

Eu tenho um monte de arrependimentos sobre as escolhas que eu fiz na minha vida. Mas Monty, meu maior arrependimento é que eu não me mudei para Lakeside com você quando você me pediu.

Elayne

Bjo

Monty dobrou o papel e o colocou no bolso da camisa, enquanto as lágrimas corriam pelo seu rosto.

Elayne foi apenas um *passe* para Leo e Celia Borden, apenas um pretexto para fornecer uma razão para alguém como Leo Borden esfregar os ombros com um homem como Nicholas Scratch.

Não era o seu caso, não era a sua jurisdição. Não havia nenhuma prova além do diário, de que Leo tinha uma razão para ir atrás de Elayne e ameaçá-la na estação de trem. Não havia nenhuma prova de que ele colocou um saco de joias no urso de Lizzy.

Nicholas Scratch não sabia o quanto Elayne realmente sabia sobre os embarques para Cel-Romano ou as joias que deveriam ser o pagamento desses produtos, então qualquer coisa que pudesse incomodar o movimento HPU deveria ser destruído ou recuperado. Mas Scratch não contava com a reação dos *indigenes da terra*. Se o homem não se preocupava com Lizzy, por que os Outros iriam se preocupar? Um grande erro de cálculo da parte dele.

Monty esfregou o rosto com as mãos.

Ele nunca seria capaz de provar que Leo tinha matado Elayne, e ele achava que Felix Scaffoldon não ia tentar arduamente resolver o caso, não quando Nicholas Scratch estaria fazendo o controle de danos, uma vez que o envolvimento do HPU com a escassez de alimentos fosse revelado. Ele não tinha dúvidas que Scratch iria agir para pelo menos

neutralizar o dano à HPU. Mas ter um membro acusado de assassinato? Não.

Monty pegou o diário e ficou de pé, sentindo o peso do mundo sobre seus ombros. Então ele foi para a sala de estar e olhou para Lizzy, dormindo e abraçando o seu novo amigo.

Henry Beargard tinha esculpido a cabeça, as patas e os pés de madeira, que foram costuradas ao jeans e a camisa xadrez que a costureira do Courtyard tinha feito. Um urso de rosto severo. Um guerreiro em vez de um amigo fofinho. Tanto uma arma quanto um brinquedo.

Lizzy o nomeou de Urso Grr, um nome que Monty achava bastante apropriado.

Algumas horas atrás, Simon Wolfgard lhe dissera que todos os *indigenes da terra* na reunião estavam considerando a extinção dos seres humanos que viviam em Thaisia. No entanto, esses mesmos seres fizeram um brinquedo especial para sua menina, entendendo o que ela tinha perdido.

Sabe o que aconteceu com os dinossauros? Os Outros foi o que aconteceu com os dinossauros.

Uma piada que o Capitão Burke tinha dito em seu primeiro dia de trabalho em Lakeside. Só que não era uma piada. Burke tinha algum conhecimento, pelo menos em algum grau.

E agora ele também.

Capitão Burke,

Leo Borden foi encontrado ontem boiando perto do cais de Toland. Sua garganta tinha sido cortada. Dentro de um bolso secreto em sua jaqueta, os investigadores encontraram duas esmeraldas, um anel de ouro e outro de diamante, de um design distinto que correspondia aos itens recentemente roubados. A polícia especula que um desentendimento entre

os ladrões pode ter levado à morte de Borden. A IFT tentou questionar Celia Borden sobre a associação de seu filho. No entanto, vizinhos disseram que ela saiu de casa há dois dias e não foi vista desde então.

Agente Greg O'Sullivan, IFT

OBS: Felix Scaffoldon não apareceu para trabalhar hoje e ninguém ouviu falar dele.



CAPÍTULO 58

Windsday, Maius 30

— A história principal desta manhã... Os funcionários do governo em toda Thaisia afirmam que eles não tinham conhecimento ou envolvimento no acordo para vender grãos e outros alimentos para a Aliança das Nações de Cel-Romano, alegando escassez em casa, a fim de elevar os preços. A associação agrícola que foi apontada por uma fonte anônima está negando qualquer irregularidade, mas as autoridades dizem que haverá uma investigação e essa associação particular, de propriedade de um grupo de empresários, estará sob escrutínio cuidadoso de agora em diante. Enquanto isso, os agricultores independentes e outros grupos de agricultores que não estão atualmente sob investigação dizem que, salvo desastres naturais, eles antecipam o rendimento habitual de suas colheitas este ano.

— Em outras notícias, sob as ordens do Nordeste, o Governador Patrick Hannigan, e uma Força-Tarefa humana e indígenas da terra, removeram todas as supostas “profetisas de sangue” de casas de acolhimento e outras instituições em Toland. Citando preocupações com a saúde e a segurança, as meninas foram levadas para instalações reservadas em outras partes do Nordeste. Um porta-voz de Hannigan disse que algumas dessas instalações poderiam ser acusadas de lenocínio e abuso.

— E esta tarde, o Capitão de um navio da Brittania relatou ter visto um navio de carga ser sugado para baixo do mar, por um redemoinho que apareceu e desapareceu sem aviso. O navio Britannian continha vários passageiros e tripulação, mas não encontraram sobreviventes. O Capitão disse que um número sem precedentes de tubarões estava na área. Ele também observou que, depois de deixar a área, seu navio foi seguido por

orcas até que estivessem bem longe das Ilhas Fingerbone, e que outro navio estava se aproximando quando também afundou.

Meg tentou se distrair da sensação de alfinetadas e agulhas que vagava sob sua pele desde que a sua pequena caravana tinha deixado o Pátio. Ela deveria ter feito um corte controlado ontem, mas Simon pediu-lhe para esperar, dizendo que ele precisava de um dia para fazer arranjos.

Mas ele não disse que tipo de arranjo, mas apenas que eles iriam fazer uma pequena viagem antes que ela fizesse o corte.

Uma imagem em movimento, como um filme. Ela absorveu a experiência de andar no banco de trás de um carro. Merri Lee estava no banco de trás com ela; Simon estava na frente com Michael Debany, que estava dirigindo. O zumbido dos pneus na estrada. Árvores e grama e flores que cresciam selvagens. E o rio! Ela queria ficar no banco e apenas observar o rio Talulah.

Ela saltou, assustada, quando uma mão se fechou sobre a dela.

— Você está tremendo, — Merri Lee sussurrou. — Você está bem?

Meg concordou, então notou Simon olhando para ela. Um sussurro era tão bom quando um grito nos ouvidos de um Lobo, mesmo quando essas orelhas estavam na forma humana.

— Eu estou bem, — Meg sussurrou de volta. Mas ela olhou para Simon, quando ela disse, em seguida, esperou até que ele voltou sua atenção para frente do carro antes de continuar. — O rio é... — Ela balançou a cabeça, relutante em admitir o quanto o rio a encantava.

— Mais perto de Talulah Falls, onde há corredeiras, é uma experiência poderosa. E as Cataratas em si. Eu as vi uma vez. — Merri Lee sorriu. — É difícil descrever.

Meg assentiu.

Saíram da estrada principal, passando por um grande edifício, desagradável antes de alcançarem as habitações. Casas, garagens,

garagens, casas. Esse tipo de habitação tinha um nome, mas ela não estava interessada em pesquisar através de suas imagens de treinamento para recuperá-lo, não quando Karl e Ruth estavam seguindo na minivan do Courtyard. Blair estava ao lado do motorista, Henry no banco do passageiro. Nathan e Tess na porta lateral.

— Simon? — Meg disse, enquanto outro grupo de carros estacionou nas proximidades.

— É Steve Ferryman, — Simon disse. — Ele está trazendo algumas de suas pessoas para isso.

— Para quê?

— Olhe ao seu redor, Meg. Antes que alguém diga alguma coisa, basta olhar em volta, e obter uma imagem deste lugar. — Simon apontou para Merri Lee. — Você fica com ela.

Ele se afastou, gesticulando para Michael e Karl segui-lo.

Ruth se juntou a ela e Merri Lee. — Você sabia que houve um desenvolvimento aqui? Parece...

— Eu acho que nós não deveríamos oferecer opiniões ainda, — disse Merri Lee. — Meg precisa de um tempo tranquilo para absorver tudo.

Ruth assentiu.

Ela se sentia um pouco estranha em apenas ficar lá parada tranquilamente com meninas que não eram *Cassandras de sangue*, absorvendo imagens. Ela se perguntou o que elas viram.

Ela olhou por cima do ombro e viu Simon falando com Steve Ferryman e as pessoas que ele tinha trazido da Ilha Grande. Ela notou Nathan carregando uma cesta com um cobertor que Tess havia posto sobre a grama verde.

A sensação de alfinetadas e agulhas que esteve vagando sob a sua pele durante o caminho se estabeleceu em um ponto em suas costas.

Hora de cortar, pensou. Quando ela olhou para as casas e viu as colunas de fumaça escura, os Sanguinati, ela pensou que ela entendia por que Simon a tinha trazido aqui.

— Esta é Emily Faire, — Steve Ferryman disse. — Recentemente, ela recebeu seu diploma de enfermeira. Depois que você ligou e me disse o que você queria fazer, lhe pedi para se juntar a nós. Pensei que seria uma boa ideia ter uma enfermeira treinada por perto.

— Tenho o prazer de conhecê-lo, Sr. Wolfgard, — Emily disse. — Está tudo bem se eu passar por cima e me apresentar?

Simon assentiu. Ele esperou até que ela estava fora do alcance da voz antes de voltar para Steve. — Você teve uma sensação?

— Não, não esse tipo de intuição, — Steve respondeu. — Mas o Dr. Lorenzo está nessa força-tarefa com a *Cassandra de Sangue*. Ele pode não ser capaz de ter um horário normal de expediente, e é bom você considerar ter alguém que possa trabalhar no consultório médico do Courtyard. Emily está interessada.

— Não há muitos seres humanos para cuidar.

— Eu pensei que ela poderia dividir seu tempo entre o Pátio e esta comunidade. E ela não tem que tratar com humanos exclusivamente.

— Nós temos nossos próprios bodywalkers.

— Sim, você tem. Mas não faria mal para o *indigene da terra* se familiarizar com a cura humana. Para saber coisas simples, como a forma como um de nossos curadores verifica a temperatura de uma pessoa, ou como usa um estetoscópio para ouvir o coração e os pulmões, ou medir a pressão arterial.

Ele não podia ver o mal em qualquer uma dessas coisas, especialmente agora que ele precisava considerar o quanto de humanos os *indigenes da terra* queriam manter. — Vou pensar sobre isso.

<Simon?> Nathan chamou. <Meg está ficando com coceira.>

— Está na hora, — disse a Steve. — Vá. Nós estaremos lá em um minuto. — Ele fixou seu olhar sobre Michael Debany, em seguida, afastou-se, esperando que o humano o seguisse.

— Algum problema? — Perguntou Michael.

— Merri Lee é a sua companheira. Por que ela estava segurando a mão de Meg? — Ele não sabia que estava sentindo raiva, ou mesmo se sentindo ameaçado, até que ele se ouviu grunhir as palavras.

Michael piscou, balançou um pouco, mas não chegou a dar um passo para trás. — É uma coisa de menina. Amizade. Conforto. Comunicação não verbal.

Simon apertou os olhos. — Você não é do sexo feminino, e você segura a mão de Merri Lee. Isso é amizade?

Michael sorriu. — Isso é amizade. Mas comigo e Merri também é romance.

Romance. Algo sobre o que pensar. Mas agora, havia algo a mais que ele precisava saber.

Apressando-se para se juntar ao resto dos *indigenes da terra* e os seres humanos reunidos, Simon focou em Meg.

— Eu queria que você visse este lugar como é agora, — ele disse. — E então eu gostaria que você nos dissesse o que você vê para o futuro. Precisamos saber o que podemos fazer aqui. Pode nos dizer, Meg?

— Seria como o que fizemos da última vez que você fez um corte controlado, — Merri Lee disse. — Você se concentrou no Pátio naquela época.

Meg assentiu. Em seguida, ela torceu o braço para chegar a um ponto em suas costas. — Eu não posso fazer o corte.

— Eu posso, — Emily Faire disse. — E eu trouxe um kit de primeiros socorros comigo.

Meg tirou a navalha do bolso. Após um momento de hesitação, ela entregou a Emily antes de sentar-se no cobertor, com as pernas frouxamente cruzadas para evitar puxar a pele do joelho, que ainda estava sensível. Depois de mais uma hesitação, ela tirou a blusa. O sutiã cobria devidamente seus seios, mas as tiras finas não escondiam muito de suas costas.

Simon ouviu Emily Faire chupar uma respiração. Assim como Steve Ferryman. Merri Lee e Ruthie empalideceram quando elas olharam para as cicatrizes nas costas de Meg.

Mil cortes. Alguém tinha descoberto que era tudo o que uma *Cassandra de Sangue* tinha para se cortar, antes do corte que iria matá-la.

Ele se recusou a contar as cicatrizes de Meg.

Depois que Meg explicou como fazer o corte, Emily localizou o ponto exato onde a pele se arrepiava com a profecia. Merri Lee indicou que estava pronta com o seu caderno e caneta, Simon caiu sobre um joelho e olhou nos olhos de Meg.

— O que você vê aqui nos próximos meses? O que podemos construir aqui? Fale, profetisa, e nós vamos ouvir.

Meg manteve os olhos nos dele enquanto Emily fazia o corte.

Tão difícil ficar tão perto de Meg, sentir o cheiro do sangue fresco que fluía da ferida e saber como teria um bom gosto, como iria fazê-lo se sentir depois que ele a lambesse. Mas ele ficou parado olhando para ela.

Conexão. Comunicação. Amizade.

Ele viu a mudança em seus olhos antes que ele sentisse o desejo de euforia que a encheu quando ela começou a falar a profecia.

Mas desta vez foi diferente. Meg olhou para as casas, para a terra.

— O que você vê, Meg? — Simon sussurrou.

Ela sorriu. — Jackson está aqui. Ele está jogando bola com alguns Lobos mais jovens. E há um gato com pelo dourado mudando para humano. Roy. Eu me lembro dele. E um gato menor. Bonita. Cauda curta e orelhas pontudas. E as pessoas trabalhando nos jardins, pintando as casas. Uma mulher está alimentando algumas galinhas. Os cavalos e as carroças. Vacas e cabras e ovelhas. Grandes animais peludos. — Ela franziu a testa, claramente procurando sua memória. — Bisão.

Bisão? Simon pensou. *Aqui?*

— Moinho de vento, — Meg disse. — Baús cheios de livros. Luzes nas janelas. Lobos uivando. Coruja no luar. O som de um violão. Risos. — Ela suspirou.

— É isso, — Merri Lee disse calmamente.

Simon se afastou para se distanciar dos panos ensanguentados que Emily Faire estava colocando em um recipiente de plástico. Henry e Steve Ferryman se juntaram a ele.

— Parece que nós não iremos depender das mais elevadas formas de tecnologia para tudo, — Steve disse. — Um moinho de vento faz parte de uma vida simples, mas fornece o necessário para fazer farinha e fubá, no mínimo.

— Biblioteca em um ônibus, — Henry disse. — Ming Beargard me disse outro dia que a sua aldeia está enviando um ônibus biblioteca para os lugares onde os gards vivem na Ilha.

— Nós incluimos os residentes da Ilha, já que transformamos um ônibus em uma biblioteca itinerante, — Steve disse. — Mas no começo, apenas Ming e Flash Foxgard e alguns outros *indigenes da terra* foram os únicos que entraram no ônibus para fazer a escolha de livros. Agora, mais *indigenes da terra* estão abordando o ônibus quando ele faz suas paradas.

— Eles não podem passar por humanos, — Simon disse, entendendo por que eles não teriam sido abordados antes.

— Não, não podem, — Steve concordou. — Por gerações, os *Intui* compartilharam a Ilha e o trabalho de fornecer alimentos para todos, mas não havia uma barreira e a maioria dos outros mantiveram distância. Algo mudou em Lakeside, e isso mudou as coisas para nós também.

Todos sabiam o que tinha mudado em Lakeside.

— Se Meg pode tolerar um pouco mais de coisas *novas*, eu vou levar todos para fazer uma refeição no Restaurante Burgers, — Steve disse.

Simon pegou o cheiro dela e se virou quando Meg se aproximou. — Vou ver como ela se sente sobre isso.

Steve e Henry se afastaram para conversarem com o resto do grupo.

— Você recebeu a resposta? — Ela perguntou. — E é... Mau?

Simon sorriu. — Na verdade, é bom. Você viu a comunidade que nós estamos querendo construir aqui. Os *Intui* morando em algumas das casas; *indigenes da terra* morando em outras. Agricultores cultivando a comida. Os humanos e os Outros trabalhando em conjunto.

— Isso é bom. — O estômago de Meg rosnou.

Ele riu. — Isso soa como uma coisa de Lobo.

— Eu estou com fome. — Ela apertou uma mão em seu estômago.
— *Realmente* com fome.

A euforia deveria deixá-la suave. Ela não parecia suave. Parecia que ela estava considerando o melhor lugar para afundar seus dentes nele. Ele não gostou da forma que o fez se sentir, porque ele tinha o pensamento desagradável de que os coelhos se sentiam da mesma maneira um pouco antes de um Lobo atacar.

— Steve Ferryman nos convidou para ir para o Restaurante Burgers em Porto Ferryman. Há muita comida lá. Carne.

— Um hambúrguer parece bom.

— Então vamos.

Enquanto caminhavam em direção ao grupo esperando por eles perto dos carros, a mão de Simon roçou na de Meg. Ele hesitou por um ou dois passos; em seguida, ele pegou sua mão, pronto para libertá-la se ela rosnasse para ele. Mas depois de um olhar assustado, ela sorriu e fechou os dedos em torno da mão dele.

Ele tinha aberto algumas lojas para os clientes humanos durante anos; ele havia contratado os seres humanos para trabalharem nas lojas e na Praça do Mercado. Mas nada tinha mudado entre seres humanos e os Outros até Meg tropeçar no Courtyard, meio congelada, e fugindo do homem que a considerava sua propriedade. Seus esforços para se encaixar e construir uma vida eram histórias que vagavam pelo vento, ou em uma de galinha de asas no país selvagem. De qualquer maneira, os *indigenes da terra* que *cuidavam* das cidades humanas somente quando vinham para destruir, estavam suficientemente intrigados com o que ele e Meg estavam fazendo com essa distância. Talvez eles ficassem intrigados o suficiente para dar aos *indigenes da terra* que tinham

aprendido a forma humana tempo para se preparar, se os *Anciões*, que eram os dentes e garras de Namid, decidirem que a extinção dos seres humanos era a melhor maneira de proteger o mundo.

Por agora, ele e Meg iriam ter a aventura de ver um novo lugar e ter uma nova experiência. Juntos.

Ele não era humano, e nunca seria humano. E Meg não esperava que ele fosse. Mas só com a experiência de sentir a mão dela, Simon pensou que talvez ele pudesse aprender a ser humano, apenas o suficiente.

FIM

CONTINUA EM...

**THE OTHERS #4
MARKED IN FLESH**



Durante séculos, os Outros e os humanos viveram lado a lado em uma paz incômoda. Mas quando a humanidade ultrapassa seus limites, os Outros terão de decidir quanta humanidade eles estão dispostos a tolerar - tanto dentro de si como dentro de sua comunidade...

Desde que os Outros se aliaram com as Cassandras de Sangue, as frágeis, mas poderosas profetisas de sangue humano que estavam sendo explorados por sua própria espécie, a delicada dinâmica entre humanos e Outros mudou. Alguns, como Simon Wolfgard, shifter lobo e líder do Lakeside Courtyard, e a profetisa de sangue Meg Corbyn, vêem o novo e mais próximo companheirismo como benéfico, tanto pessoal quanto praticamente.

Mas nem todo mundo está convencido. Um grupo de seres humanos radicais está tentando usurpar a terra através de uma série de ataques violentos contra os Outros. O que eles não percebem é que existem forças mais velhas e mais perigosas do que os shifters e vampiros que protegem a terra que pertence aos Outros - e essas forças estão dispostas a fazer o que for necessário para proteger o que é deles...